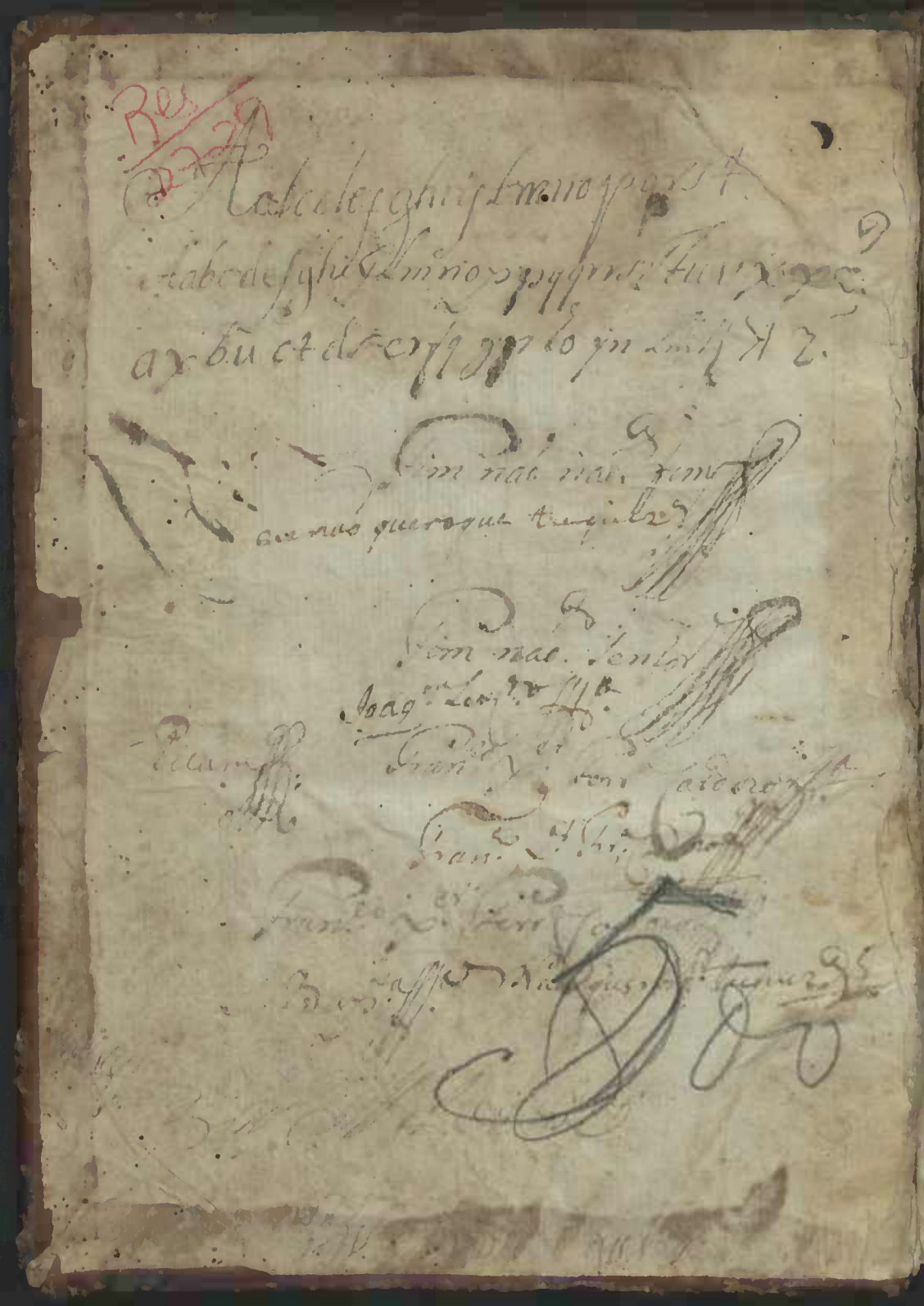
Res
2720



COLLECÇAM DOS PRINCIPAES SERMOENS, QUE PREGOU O P. ANTONIO VIEIRA, DA COMPANHIA DE JESU: DEDICADA A S.TO ANTONIO DE LISBOA; E OFFERECIDA A ANTONIO MARTINS,

homem de Negocio neſta Corte.

POR

DIONISIO TEIXEIRA DE AGUIAR,

Familiar do Santo Officio.

COM HUM PROLOGO HISTORICO da vida, e acçoens mais ſingulares do Padre Antonio Vieira.

LISBOA:

Na Officina dos Herd. de Antonio Pedroſo Galrão.

M. DCC. LIV.

Com todas as licenças neceſſarias.

Liv. Antiguidades
Cat. 3 - Nº 3077

COMPRA
221206

Ros
2229

GLORIOSISSIMO

SANTO.

A QUEM, *ſe naõ a Vós, meu ſingular Patrono, Antonio Santo, ſe deviaõ conſagrar com mais direito, os admiraveis diſcurſos, que neſte Livro eſtáõ comprehendidos? He o ſeu Author hum Patri-*

cio voſſo, a quem tambem ornava o nome de Antonio, e foy retrato vivo de voſſas grandioſas virtudes; e aſſim juſto parece, que o que foy cópia pela affectuoſa imitaçaõ, ſe conſagre com reſpeitos ao ſeu original. He eſte voſſo imitador, e ſingular Panegiriſta, o P. Antonio Vieira, unico em que ſe vencêraõ as difficuldades de ſe admirarem os Sábios, que prezumem; e naõ desdenharem os neſcios, que ignoraõ: e aſſim ſufficiente he o nome de ſeu Author, á ſombra do voſſo, para ſegurar a eſtes diſcurſos

a confiança, e lhe eternizar o credito em qualquer parte, onde a fama os levar nas azas de ſua penna.

Mas porque, glorioſo Santo, com rude eſtylo em termos conciſos, como em mappa abbreviado eſcrevî no Prologo Hiſtorico deſte Livro, o que Eſcriptores doutiſſimos largamente deſcrevêraõ do Lisbonenſe Vieira, ſuppoſto o humilde eſtylo, com que rezumî acçoens taõ ſublimes, e advertindo nas cenſuras, a que ſe expoem, quem emprende a difficuldade de em

pouco dizer muito; imploro a voſſa protecçaõ, de que neceſſito, e a quem ſempre achey propicia. Aceitay, pois, eſta offerta, (limitada, porque minha) em que ſe naõ póde conhecer a grandeza do deſejo, de que foſſe eximia; porque os interiores ſaõ inſcrutaveis aos homens; mas ſe pelas palavras ſe indicaõ os deſejos, e pelos deſejos ſe manifeſta o interior, digo, que em mim nada póde avultar mais, que o ſer voſſo ſervo, o mais igualmente humilde, que devoto.

D. T. A.

AO SENHOR

ANTONIO MARTINS.

PORQUE conheço a affectiva devoçaõ, que v.m. conſagra ao Santo das maravilhas, ou Taumaturgo Lisbonenſe, a quem dedi-

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

dediquey este Livro, que contèm os mais excellentes Sermoens, que prègou o grande P. Antonio Vieira, e hum Prologo Historico, humildemente delineado, supposta a insufficiencia de mim seu Escriptor, busco a protecçaõ de v.m. para com o mesmo Santo, porque sey, que este benignamente favorece, e corresponde á sua fervorosa, e perenne devoçaõ.

Nem menos me induis á offerta desta Obra a excessiva, e sincera amizade, que ha mais de vinte annos lhe conservo. Nem outra cousa permittiaõ as innumeraveis obrigaçoens, de que me confesso, e reconheço huma, e muitas vezes devedor.

Naõ he meu intento elogiar a v. m. com expressoens affectadas; quando com verdade pura lhe servem de incessantes elogios as suas taõ conhecidas virtudes; ás quaes, como principal, serve de coroa aquella ardente Caridade, que para com os pobres actualmente exercita; o que he taõ notorio, que atè as pessoas de animo malevolo o publi-

caõ;

caõ; e quando os inimigos engrandecem, saõ os elogios mais verdadeiros. Nem menos he por alguem ignorado o muito, que o seu devoto animo, com dispendio largo, se empenha no culto das Sagradas Imagens, que por esta, e aquella virtude a alta Providencia taõ felismente lhe augmenta os bens, e tem restituido a saude; como tambem pelo ardente zelo, com que a dispendio de Missas, e outros muitos suffragios, favorece as almas do Purgatorio.

Estas virtudes, e a notoria verdade, e recta consciencia, de que V. m. he dotado, o constituem hum Varaõ perfeito; estes saõ os predicados, em que se fundaõ as estimaçoens, que tributaõ a V. m. todas as pessoas, que o conhessem, e ainda a mayor Nobreza desta Corte: participando, o que he mais, entre as auras populares, principalmente de especiaes favores da Divina Magestade, o Rey dos Reys; o qual seja sempre Louvado desde o Oriente, onde o

Sol naſce , até ao Occaſo , onde fenece ;
A' Solis Ortu uſque ad Occaſum laudabile nomen Domini. (Pſal. 112.)

Intimo amigo , e mais obrigado.

De V. M.

Dioniſio Teixeira de Aguiar.

RA-

RAZAM DA OBRA;
E
PROLOGO HISTORICO.
AO LEITOR.

NEſte pequeno volume; grande pelo que contém, ſe achaõ reimpreſſos dez Sermoens, que prégou o grande Padre Antonio Vieira da eſclarecida Companhia de JESUS, Varáõ de hum eſpirito mayor, que o mundo; e de ingenho igual á ſua virtude. E ſuppoſto ſerem todas as obras deſte inſigne Orador iguaes ao ſeu incomparavel talento, neſtes ſingulares diſcurſos parece excedeo a ſi meſmo; porque ſendo os ſeus Sermoens todos grandes, eſtes ſaõ os maximos: pois nelles a ſua eloquencia vence toda a admiraçaõ.

Os Reys da Perſia, para ſe naõ perderem as obras heroicas de ſeus vaſſallos, coſtumavaõ mandallas lançar nos Archivos publicos; aqui ſe conſervavaõ; mas naõ ſe communicavão a todos; porque toda a poſteridade naõ podia ler o Livro de ſeu depoſito. Principiarão-ſe a dar ao Prélo os Sermoens do Padre Vieira em Portugal no anno de 1679, e correndo os tempos, ſe foraõ imprimindo as ſuas obras, que já ſe contaõ mais de 20 volumes, e por naõ haver reimpreſſaõ, ſaõ taõ raros, que difficultoſamente

toſamente ſe acha qualquer Livro, e achando-ſe, para ſe adquirir he preciſo grande diſpendio. O que ſuppoſto, tive a curioſidade de fazer reimprimir os grandes Sermoens, que contém eſte Livro, para que com limitado cuſto poſſão muitas peſſoas admirar as obras de penna tão rara. Pereceu me aſſim juſto, pois a eſtampa ſe inventou no mundo para remedio do eſquecimento, por cujo motivo me parece não mereço cenſura.

A famoſa, e nobiliſſima Corte, e ſempre leal Cidade de Lisboa, he que tem a gloria de ſer patria do Grande, e Veneravel Vieira: nem outra lhe devia roubar eſta preeminencia, por não merecer tão diſtincta grandeza; nem podia caber em povoações pequenas, quem havia de occupar com a ſua fama todo o mundo. Muito tempo diſputou a famigerada Lisboa eſta ſingularidade com a famoſa Bahia; aquella tinha juſtiça, porque era a ſua patria verdadeira, e eſta tinha razão no que pertendia, porque para coroa de todas as ſuas grandezas lhe baſtava ter falleſcido nella hum homem taõ grande: venceo Lisboa: mas o Vieira agradecido á fineza, com que a Primaz de América queria roubar á Primaz da Europa a gloria do ſeu naſcimento, deixou a ambas ſatisfeitas, porque naſcendo em Lisboa, e morrendo na Bahia, honrou a huma com o berço, e a outra com a ſepultura.

E para complemento da grandeza deſte Heróe Uliſſiponenſe forçoſamente havia ſer a ſua patria a por tantos titulos inſigne: pois entre os bens da fortuna de hum Homem grande, he haver naſcido em lugar nobre; porque a nobreza da Patria dá opiniaõ, e alento para executar grandes acçoens: era deſte parecer Nathanaél, que ouvindo as gran-

des

des maravilhas, que obrava noſſo Redemptor JESU Chriſto, lhe cauſou admiração, que fizeſſe tantos prodigios quem tinha naſcido em hum lugar humilde: e admirado perguntava? *Como póde obrar tão heroicamente, o que he de huma Aldea tão ſem nome?* (*Joan.* 1.) He pois eſta Mageſtoſa Cidade a verdadeira Patria do Principe dos Prégadores o Padre Antonio Vieira, Cidade das mais ricas, e poderoſas do mundo; ſempre celebrada pela ſumptuoſidade de ſeus Templos, Palacios, e edificios; aprazivel pela fertil, e amena abundancia do terreno, delicioſa pela innumeravel variedade de excellentes hortas, quintas, e jardins, que a cercaõ; dezejada pela benignidade do Clima em todas as eſtações do anno; louvavel pelas acçoens de piedade, e religiaõ, que nella ſe admirão com muita profuzão, ornato, riqueza, e pompa admiravel, pelo fauſto, brio, aceyo, bizarria, e luzimento de ſua Nobreza, a que naturalmente ſe inclina o genio elevado de noſſa generoſa Nação.

Finalmente tão opulenta, e precioſa, que he hum aggregado de todo o mais ſelecto, e perfeito, que ſe acha em outras Cidades dividido: concorrendo para o *non plus ultra* de ſua grandeza a Mageſtade Fideliſſima do Magnanimo Rey Dom Joaõ V., que Deos haja em gloria, o que bem continúa, ennobrece, e authoriza a magnificencia, e Real animo do Inclito Monarcha, que nos domina, e Deos proſpere por muitos annos, para augmento deſte Imperio principal da Europa.

Neſta pois antiquiſſima Cidade, que ſendo fundação de Elyſa, neto de Japhet, méde os principios com os fins do diluvio univerſal, ſahirão ao mundo illuſtres Heróes, tão famigerados em armas, como

como em letras, e virtudes. Hum dos insignes nas letras, e ornado de muitas virtudes, he o nosso Vieira, que sahio a ver a luz do mundo a 6 de Fevereiro de 1608: foy-lhe administrado o Sagrado Baptismo a 15. do mesmo mez, na sua Parochia, erecta na antiquissima Sé Metropolitana, hoje reduzida a hũa sumptuosa Basilica de Santa Maria: foy Padrinho o Excellentissimo Senhor D. Fernaõ Teles de Menezes, Conde de Unhaõ: baptizou-o o Reverendo Padre Cura Jorge Perdigaõ. Festejava a Igreja neste dia a Trasladaçaõ de Taumaturgo Antonio Santo, que tambem alli bebera a luz da graça; e por esta razaõ lhe deraõ o nome de Antonio, e pela grande devoçaõ, que tinhaõ ao dito Santo Lisbonense seus Pays Christovaõ Vieira Rabasco, Fidalgo da Casa de ElRey, natural da celebre Praça de Moura, e Dona Maria de Azevedo Senhora de muitas virtudes, e herdada Nobreza, natural desta Cidade.

Ainda naõ contava perfeitamente oito annos, quando seu Pay determinou passar á América com toda a sua familia, procurando melhorar de cabedaes naquelle mineral de preciosidades, e campo fertil dos generos mais estimaveis, e dezejados no mundo: dasse o nome de *América* a esta quarta parte do mundo descuberto, ou novo mundo, pelo muito, que tem de dilatado, por ser descuberta, e demarcada por Américo Vespucio Cosmografo, Florentino de naçaõ, e peritissimo Piloto: O vulgo lhe chama *Brasil*, e alguns, com mais propriedade, a appellidão *Nova Lusitania*. Sahindo de Lisboa Pedro Alvares Cabral, por General de huma Armada, que navegava para a India Oriental, impellida esta de huma grande tormenta, se inclinou tanto para o Norte,

Norte, que descubrio terra, cuja existencia ainda nós ignoravamos; quiz o General reconhecella, e demarcalla, e indo a demandalla, surgio nella em 3 de Mayo do anno de 1500., dia mysterioso para descobrimentos, por ser da Invençaõ da Santa Cruz. Pela occasiaõ do dia mandou o General em o mesmo lugar, em que desembarcarão, arvorar huma grande Cruz; e ficaraõ lhe chamando *Terra de Santa Cruz*: mas para com o povo insipiente, dado só ao interesse, e ao lucro, que pelos tempos adiante acharaõ a hum genero de páo chamado Brasil, que se cria em seus matos taõ excellente (que as naçoens do Norte sabem extrahir delle cinco differentes tintas) trocáraõ áquelle largo continente o titulo de *Terra de Santa Cruz* pelo do *Brasil*. Este novo descobrimento se começou em dous gráos da linha Equinoccial da parte do Norte, do grande rio *Maranhaõ*, ou *Graõ Pará*, e continûa pela costa até o rio da Prata, por distancia de muitas legoas, até trinta e cinco gráos da parte do Sul.

No anno de 1615 embarcou o Vieira com seus Pays no porto desta Cidade; e como se já entaõ a fortuna o começasse a experimẽtar, desferindo as vélas a embarcaçaõ, continuou a viagem sempre com tormenta; até que em 20 de Janeiro do anno de 1616 das onze para a meya noite se consideráraõ perdidos nos Baixos da Paraíba; isto quando o inconsiderado Piloto se fazia duzentas legoas ao mar. Pela alta Providencia foraõ os navegantes livres deste perigo, e chegaraõ ao dezejado porto da Cidade da Bahia de todos os Santos.

Esta Cidade, Emporio de toda a America, he situada em treze gráos escassos da parte do Sul: a sua Barra tem de largo tres legoas, muito capaz de nel-

la

la darem fundo muitas Armadas: a este grande seyo, e ajuntamento de agoas, e mediterraneo mar dão alguns doze legoas de Diámetro, e trinta e seis de circumferencia: tem muitos braços; e comprehende huma segura Estancia, que he socegado abrigo, aonde dos ventos, e tempestades seguros estão os navios. Alli se achão muitas Ilhas, que affirmão passarem de cem: he cercada de brancas prayas, toscos penhascos, e verdes arrodores: do Sertaõ, e terra firme lhe vem a pagar tributo grandes, e caudalosos rios; a Cidade, que lhe fica ao Sul, he muito cheya de riquezas, muitos Palacios, ricos Templos, casas nobres, e Conventos, sete Parochias ricamente adornadas, devota, e generosamente assistidas dos seus generosos Parochianos.

Nesta Cidade estabeleceo domicilio o Pay do nosso Vieira: e cuidando logo na boa educação daquelle filho, que muito amava, o fez empregar os annos da puericia nos primeiros rudimentos; e havendo de applicallo aos estudos das boas letras, o mandou ao Collegio da Companhia, fonte, donde verdadeiramente se bébe o Sólido para quaisquer scienciaes; e pertendendo comprehender os primeiros preceitos da Gramuatica, ainda supposta a sua muita diligencia, naõ podia conseguir repetir as liçoens; porque huma espessa nuvem lhe offuscava o entendimanto; mas no meyo desta obscuridade o Ceo o ensinuou felismente a buscar a fonte do Sol, dando-lhe a alta Providencia o bom discurso, de recorrer a Maria Santissima, pedindo-lhe subsidio de resplandores, para a comprehenfão de seus Estudos: para o que todos os dias ao passar de casa para as Aulas da Companhia, entrava na Cathedral daquella Cidade: e prostrado diante da Imagem da

Senho-

Senhora das Maravilhas, que se venéra naquelle magnifico Templo, lhe supplicava o livrasse da obscuridaõ, que lhe opprimia o entendimento: passados mais de dous annos de supplicas, a Senhora o despachou; porque estando orando hum dia, inflammado todo em desejos de adiantar-se nos Estudos, lhe deu a cabeça hum estallo, e sentio, que lhe arraiava naquella mais nobre regiaõ da alma huma nova luz, dissipadora das trévas, que até entaõ a opprimiaõ; e foy tal o aballo, que experimentou, que lhe pareceo acabava a vida; achando-se repentinamente com tanta claridade nas suas potencias, que desde aquelle instante naõ leu livro, que naõ entendesse, nem estudou cousa, que lhe naõ lembrasse.

Está collocada a Santissima Imagem da Senhora das Maravilhas (por cuja devoçaõ o Vieira recebeo taõ grande prodigio) em huma Capella, que he a primeira, e a colateral: he esta Imagem antiga dádiva, com que os Reys de Portugal nos principios daquellas conquistas as quizeraõ condecorar; he de madeira, toda cuberta de folha de prata preciosamente obrada: seu comprimento he pouco mais de tres palmos; em os braços tem a imagem de hum menino, a qual he portatil; e assim o vestem, e adornaõ as devotas matronas daquella Cidade: a esta Imagem de Deos Menino furtou dos braços de sua Santissima Mãy hũa sacrilega, e cruel maõ, cuja tyrannia foy taõ grande, que dividio aquelle divino Corpo da Sagrada Imagem em muitas partes, as quaes foraõ achadas em lugares immundos. E succedeo, que huma mulher preta, buscando lenha para o fogo, achou huma pernazinha daquelle Sagrado vulto; e ignorando o que fosse, a meteo no fogo, do qual saltou logo fóra, com ad-

miraçaõ da meſma preta, a qual chorando interneci das lagrymas, a foy reſtituir á Sé, onde já eſtavaõ as mais partes, e ſó faltava eſta; uniraõ-as, e as mandaraõ novamente incarnar, ficando a Imagem com a meſma perfeiçaõ: a eſte Menino perdido, e á Senhora das Maravilhas, em cujos braços eſtá collocado, conſervaõ os moradores daquella Cidade grande devoçaõ.

Proſeguio o Vieira os ſeus Eſtudos com novos brios: e como o ſeu eſpirito era deſtinado para altas emprezas, quiz buſcar hum eſtado de vida, em que tiveſſe por exercicio acçoens heroicas. Entrou em grandes deſejos de fugir do mundo; e ouvindo em hum Sermaõ ao P. Manoel de Couto referir, que o demonio diſſera ao Santo Frey Zacharias, que padeceria todos os tormentos do Inferno até ao dia de Juizo, ſe tiveſſe por premio o ver a Deos em quanto ſe fecha, e abre hũa maõ: daqui fez o Vieira hum tal diſcurſo, e tantas ponderaçoens, que com heroica reſoluçaõ determinou entrar em Religiaõ: e diſcorrendo o ſeu profundo Juizo neſte negocio de tanta importancia, julgou por mais ſeguro aliſtar-ſe na Companhia de JESUS, onde, para cultivar ſeu ingenho, tinha opportunidade; e para empregar ſeu eſpirito, occaſiaõ. Declarou eſte deſignio a ſeus Pays; e achando nelles alguma repugnancia, pois o queriaõ para outros empregos, proſeguio com tudo o effeituar ſeu bom projecto.

Na noite de 5. de Mayo de 1623 ſahio de caſa ſem de ninguem ſer viſto; e encaminhando-ſe ao Collegio da Companhia, foy chamar o Padre Reytor, e Meſtre de Noviços; e com reſoluçaõ mayor, que ſeus annos, que entaõ contava quinze, intimou aos Padres, que era do agrado de Deos, o recebe-

rem-no;

rem-no, pois o Senhor com todas as forças da sua graça o chamava para a sua companhia; e que disso naõ duvidassem; pois qualquer resistencia, que mostrassem nesta materia, tivessem a certeza ser opposiçaõ á vontade de Deos. Receberaõ-no os Padres com o devido alvoroço, como costumaõ a todos as pessoas benemeritas, que pertendem receber aquella taõ respeitada Roupeta, sendo preciso pouco, ou nenhum dispendio. Foy recebido no Noviciado; e, acabado este, com grande applauso fez a primeira Profissaõ: entrando nos Estudos, se admirava nelle, sem igual, a memoria summa. Estudou, e lêo com assombro as Letras humanas, sendo eminente naõ só nos Métros Latinos, mas tambem nos vulgares: e como os dotes daquelle entendimento se remontavão tanto sobre a esfera commua dos outros homens, logo no principio pareceo Mestre.

Aos dezoito annos de idade lhe ordenarão os Superiores passasse a Parnambuco, para que no Collegio da Cidade de Olinda lesse na primeira Cadeira de Rhetorica; com elle appareceo em Paîz taõ formoso o grato côro das Musas, as quaes ouvindo hum taõ doce canto na amenidade daquelle sitio, banhado por huma parte do mar, e por outra do rio Reberíbe, entre perpetua, e grata verdura, puderão então esquecer-se do seu elevado Pindo, e ter por menos clara a fonte de Hypocrene.

He a Capitanîa de Parnambuco huma das quatorze, que dividem a Costa maritima, e meridional do Brasil; a mais florente, opulenta, e fertil: o seu Clima fica em oito gráos entre a Linha Equinoccial, e o Trópico Austral: he de ares vitaes, e benignos: o terreno extendido com varzias, e campinas, vestido de versicolorados Canaviaes.

A gente, a policia, a Nobreza, a opulencia, o commercio, os edificios, e as riquezas, saõ as melhores de toda a America: chama-se Parnambuco, que quer dizer na fraze, ou lingoa dos Indios *Mar furado*, a respeito de huma pedra cóncava, por onde entra o mar, a qual está ao vir da Ilha de Temaracá. A Cidade de Olinda fica huma legoa pelo rio dentro, que foy a primeira povoaçaõ, que se fundou. No Collegio pois desta Cidade fez o P. Vieira notaveis progressos na Sciencia, vendo-se naquellas Escolas hum novo portento das Letras, a que se applicava. Voltando á Bahia alli estudou, e facilmente comprehendeu Filosophia, e Theologia: foy promovido ao Sacerdocio em dia de Santa Luzia, no anno de 1635, já prégando com grande admiraçaõ de todos; e conhecendo os Padres a grande esféra de seu juizo, lhe mandárão occupar huma cadeira de Theologia; mas a fortuna de Portugal, que despois de tantos annos de pranto, tomava novo semblante, queria por alto destino da Providencia ao Padre Antonio Vieira na nossa Lisboa.

Tanto que na Nobilissima, e sempre leal Lisboa no primeiro de Dezembro de 1640. (dia feliz da Restauração de Portugal) foy Acclamado Rey deste Lusitano Imperio ElRey Dom João IV., ainda não teria chegado esta noticia ás fronteiras de Castella, quando de Lisboa se despachou aviso, para que aquella nobre, e vastissima parte da América (que pertence á Coroa de Portugal, e se dilata por mais de duas mil legoas) imitando o seu exemplo rendesse obediencia ao seu taõ legitimo, como desejado Rey. Governava aquelle grande Estado com titulo de Vice-Rey Dom Jorge Mascarenhas, Marquez de Monte-Alvão; e porque era Portuguez,

amante

amante da liberdade da Patria, tanto que recebeu o aviso, tomadas as medidas necessarias, para que os seus designios se naõ frustrassem, o participou aos Generaes, e a outras pessoas beneméritas, e com approvaçaõ de todos no anno de 1641. foy acclamado ElRey; e para lhe fazer certa a sua fidelidade, e mostrar a ambição generosa, que tinha de o servir, despachou logo para o Reyno a seu filho Dom Fernando Mascarenhas, para que este lhe ratificasse o juramento de Fidelidade; e para lisongear o gosto daquelle grande Monarcha, summamente affeiçoado a homens de insignes prendas, lhe enviou o Padre Antonio Vieira, e por seu companheiro o Padre Simaõ de Vasconcellos.

Aos vinte e sete de Fevereiro partio a embarcaçaõ, deixando o Padre Vieira á Bahia grandes saudades: foy a navegaçaõ feliz até ás Ilhas Terceiras; em cuja altura se conjuráraõ de sorte os ventos, e alteráraõ os mares, que os navegantes se viraõ quasi submergidos com as ondas. A pezar das furias de Neptuno, quiz o navio tomar a Barra de Lisboa; mas reconhecida a impossibilidade, e logo o ameaçado naufragio, determináraõ retroceder a Peniche, Praça das mais fortes, que conservão os dominios a Portugal; em cujas inconstantes arêas achando melhor porto, para não naufragar, do que nos moradores da villa azilo para descançar dos trabalhos, que experimenta, quem com as ondas a luctar se expoem, na Praça foy má a hospedagem, porque amotinando-se todo o rustico povo, intentáraõ matar a Dom Fernando Mascarenhas, aos Padres, e a todos os mais, que o navio conduzia: o motivo desta sublevaçaõ, dizião, era terem se passado a Castella os Irmãos de Dom Fernando, (o que

elle

elle ignorava) por cujo motivo o furioſo povo tambem o conſiderava traidor: applacou a furia deſte monſtro horrendo, e plebe ſem diſcurſo, o Conde de Atouguia Governador daquella Praça, tendo D. Fernando já recebido na cabeça huma ferida, o qual com o Marquez de Monte-Alvão ſeu pay, tinha ſido inſtrumento de ſe ſujeitar a Bahia, e todo o Braſil ao noſſo feliciſſimo reſtaurador: a eſte reſpeito ſe achárão no Diario do Padre Vieira eſcriptas pelo ſeu punho as palavras ſeguintes: *Aos 28 de 641 chegamos á Peniche, onde quizeraõ matar ao Marechal: aos 29 de 641 me quizeraõ matar, e me prenderaõ; e parti para Lisboa: aos 30 de 641 cheguey a Lisboa, e vi a Sua Mageſtade.* Não diz mais a abbreviada noticia. Taes erão naquelle tempo os eſcrupulos da fidelidade Portugueza pelo novo Rey, que eſcandalizados do procedimento de alguns traidores, por rebeldes avaliavão aos que erão fideliſſimos Coraçoens; e por eſte engano não faltárão deſordens: mas tudo remediava o bom governo daquelle Auguſtiſſimo Monarcha, elevado pela alta Providencia para ſegurar a liberdade dos ſeus vaſſallos.

Chegado a Lisboa foy á preſença de ElRey; e como eſte Principe era de ſubtil, e elevado ingenho, e muito exercitado em todo o genero de ſciencias, logo conheceo no Vieira ſujeito proporcionado ás ſuas altas idéas; daqui naſceo o communicallo com frequencia; e com o trato creſceu tanto a inclinação, e confiança, que o conſultava em os negocios mais graves de ſua alma, e Monarchia. A primeira vez, que prégou neſta Corte, foy na Capella Real em o primeiro de Janeiro de 1642, de que reſultou enviarlhe o Auguſtiſſimo Rey a Patente de ſeu Prégador. Não ſó do Rey da terra, mas do Rey

do

do Ceo recebia especiaes mercês, tanto assim, que no seu breve Diario se acha por elle escripto o seguinte: *Aos 26 de Março de 644 me livrou Deos ao perigo de huma pedra, que cahio de humas casas junto á Sé; e me havia de matar, se milagrosamente me não desviarão.* Assim guardava a alta Providencia do Ceo aquella vida, de que se havia de servir em illustres empregos de sua gloria!

O singular favor, que o Padre Vieira recebia em Palacio, deu occasião ao zelo de alguns Religiosos da Companhia a considerarem, que o Vieira intentava com o Soberano introduzir novidades contra a união, com que se fundára a Provincia no seu Reyno: o rumor, que daqui nasceo, chegou á noticia do Rey, o qual entendeo, que a Companhia o queria expulsar de si: por esta causa lhe mandou pelo Secretario de Estado offerecer huma Mitra, ao que respondeu aquelle heroico peito: *Que não tinha Sua Magestade tantas Mitras na sua Monarchia, pelas quaes elle houvesse de trocar a Roupeta da Companhia de JESUS; e que se chegasse a sua disgraça a ser despedido, da parte de fóra das portas se não apartaria, perseverando em pedir ser outra vez admittido.* Socegou-se aquelle rumor das primeiras apprehensoens do zelo da união daquella Sagrada Religião; porque em breve observárão no Padre Vieira hum novo, e resplandecente Sol, lustre immenso da Religião.

No primeiro de Março de 1645 o accommetteu huma terrivel febre, que gravemente o molestou mais de quatro mezes; mas foy-lhe restituida a saude, para conservação da Monarchia. Neste tempo trabalhava o Vieira em negocios arduos, e conseguio com ElRey instituirse huma Companhia chamada

mada do Commercio, de que reſultou a reſtauração de Parnambuco, e Angola, e adquiria novos eſpiritos ao Reyno. Por mandado de ElRey paſſou a França; e a Olanda, para informar daquellas Cortes a ElRey o eſtado, em que ſe achavão os negocios de Portugal; quaſi ſempre prevalecião com a Mageſtade os ſeus pareceres: voltou a Lisboa, a dar as verdadeiras noticias; e logo voltou ſegunda vez para Olanda, França, e Inglaterra. Chegou a Londres aos 22 de Setembro de 1647, e deſpois de cincoenta e nove dias chegou a Pariz; e neſta Corte de Eſtadiſtas ſe houve nos negocios, a que ElRey o mandou, verdadeiramente como aguia. Em todas as partes ſe admirava o ſeu grande talento tanto na ſciencia politica, como Moral.

Em Amſtardão diſputando com muitos Hebrêos, convenceo ao Meſtre deſtes chamado Manaſſés: convidou a Mortera tambem Rabino para argumento publico; mas eſte não teve valor para aceitar o duello. Achando-ſe o Vieira em Olanda por occaſião de humas feſtas publicas, aonde concorrião innumeraveis peſſoas, e entre eſte grande concurſo hum Nigromantico, a quem hum cão obedecia; com grande eſpanto de todos verem as deſtrezas do animal, mandou o Nigromantico a eſte, que levaſſe hum premio ao homem, que naquelle ajuntamento ſe achaſſe mais inclinado a vinho: obedeceu o cão, e rompendo por aquella multidão entregou o premio a hum homem, a quem os da Cidade avaliávão pelo alumno mais applicado ás liçoens de Baccho: ſegunda vez foy-lhe mandado por ſeu ſenhor, que entregaſſe hum ramalhete aonde achaſſe a mais extremada formoſura; ſem demora rompeu por aquella turba, e entregou o ramalhete a

te a huma dama, a quem avaliávaõ formoſa por extremo; terceira vez uſou o Nigromantico do ſeu imperio, mandando entregaſſe hum Livro ao homem mais ſábio, que naquella multidáõ ſe achaſſe; partio-ſe o bruto com o Livro, e deixando entendimentos raros, e cultiſſimos ingenhos, chegou onde eſtava o disfarçado Vieira, e lho entregou; de que reſultou ſer eſtimado com reſpeitoſa veneraçaõ; chegando a tanto, que huma Junta de Sábios mereceo a ſubtileza do ſeu diſcurſo, que no Conſiſtorio daquella Corte ficaſſe o ſeu retrato em eloquente pintura.

Voltou de Olanda a Portugal no anno de 1649; e ſendo recebido do ſeu Auguſto Principe com grandes demonſtraçoens de affecto; ordenou-lhe logo paſſaſſe a Roma, para concluzaõ de negocios muito importantes: aos 16 de Janeiro de 1650, principiou a jornada: entrou em Roma aos 16 de Fevereiro do meſmo anno: e como a fama do extraordinario talento do Vieira corria em muita parte do mundo, deu grande cuidado a ElRey de Caſtella, que o Vieira concluiſſe naquella Romana Curia negocios avantajoſos a Portugal: e ordenou ao ſeu Embaixador, que com todas as forças fizeſſe ſahir de Roma o Padre Vieira: com tal empenho deu o Embaixador execuçaõ a eſte preceito, que diſſe ao Padre Geral da Companhia, que ſe naõ mandaſſe ſahir de Roma o Padre Vieira, o havia de mandar matar, de que reſultou ordenarlhe o Geral; que ſahiſſe logo daquella Curia.

No meſmo anno chegou a Lisboa; e paſſados alguns tempos, ordenou hir em Miſſáõ á Villa de Torres-Vedras, levando por ſeu companheiro ao Padre Joaõ de Souto-Mayor: naõ ſó no povo da-

quella Villa, mas nos circumvisinhos, por onde andou, foy grande o aballo, muitas as mudanças de vida, e notaveis as converſoens. Neſta Collecçaõ offereço aos Leitores hum Sermaõ, que prégou na meſma Villa de Torres Vedras, andando entertido neſta glorioſa Miſſáõ; no qual Sermaõ os Leitores acháraõ hum mar de Sabedoria. Acabado o tempo deſta Miſſaõ, ſe recolheo a Li boa ao Collegio de Santo Antáõ; em cujo magnifico Templo ſe lançou a primeira pedra no anno de 1579, e aos 8 de Novembro de 1593 entráraõ nelle os Religioſos da Companhia, que reſidiaõ no Collegio de Santo Antáõ velho, a quem no tempo preſente chamaõ Colleginho, de Religioſos Eremitas de Santo Agoſtinho.

No dito Collegio de Santo Antáõ deſcançou o Padre Vieira algum tempo do trabalho de ſuas peregrinaçoens; que lhe adquiriraõ os applauſos da ſua Religioſidade, prudencia, e ſingular ſabedoria bem merecidos: e naõ ſó foraõ utiliſſimos á ſua peſſoa, mas tambem á Religiáõ Catholica, á Monarchia de Portugal, e á Companhia; porque correndo tanta parte do melhor da Europa com olhos taõ linces, como os ſeus, e com hum juizo taõ maduro, e taõ inſtruido em differentes noticias, naõ ſó alcançou aquella ſciencia experimental, que ſe naõ aprende nos Livros, ou eſcólas, mas tambem com eſtudo de dias inteiros nas mais famoſas Livrarias do mundo enriqueceo o entendimento com as mais particulares noticias de rariſſimos Eſcriptores, que nas artes, e ſciencias floreſcêraõ: pois em tantos Reynos, e Provincias, naõ houve Livraria famoſa, que naõ verſaſſe; nem Livro novo, ou manuſcripto, que naõ léſſe; nem homem ſábio, e erudito, com

com quem naõ converſaſſe; e ainda os meſmos mares, e terras lhe communicáraõ a perfeita comprehenſaõ da Coſmographía, e cabal conhecimento das couſas pertencentes á Hiſtoria Sagrada, e profana. Sempre em toda a parte com as armas na maõ contra os inimigos da Igreja Romana, diſputando muitas vezes publica, e ſecretamente com os mais Sábios, Hereges, Luteranos, e Calviniſtas, e de outras mais ſeitas, ſem nenhum ter a gloria de ficar vencedor, fazendo a muitos deteſtar os erros, e coroando de glorioſas victorias a verdade triunfante de noſſa Santa Fé.

Neſte tempo de pouco, ou nenhum deſcanço, ſe exercitava em prégar, miniſterio, de que nunca ſe excuzava o abrazado zelo, que tinha da converſaõ das almas; moſtrando em taõ admiraveis Sermóens o incomparavel talento, de que Deos o havia enriquecido, e deſtinado, para que no ſeu ſeculo, e nos futuros foſſe o mayor dos Prégadores: prégando em Roma na ſua lingua materna, e com ſer em eſtylo pouco pratico naquella Curia, naõ deixou de merecer as acclamaçoens daquelles Illuſtres Cidadaons, e Eccleſiaſticos Principes; em cuja Républica Literaria excedeo os das mayores Cortes do mundo: e com razaõ merecia o Vieira de todos o applauſo; porque de mais do ingenho, viveza, e energia, que ſe admirava nos ſeus Sermoens, a voz ſonóra, as acçoens ajuſtadas, e a gravidade ſem affectaçaõ ſuſpendia a attençaõ, e movia os animos aos ouvintes; fazendo-ſe veroſimel nos attractivos de ſua eloquencia, o que por fábula ſe attribuio a Orfêo, que ainda aos inſenſiveis attrahia. Muito tempo antes que ſubiſſe ao pulpito, já as Igrejas eſtávaõ cheas: de ſorte, que com difficuldade podia

paſſar o Prégador; e ſendo imponderaveis as incõmodidades, que o auditorio padecia em tanto aperto, tudo lhe ſuavizava a eſperança, e o goſto de ouvir, e admirar taõ excellentes erudiçoens.

Hindo a prégar a Santa Clara deſta Cidade, chegou o Conde de Val de Reys para o ouvir; e naõ podendo já entrar na Igreja, ficou no Adro entre hum tropel de gente, a mayor parte ruſtica, (que tambem eſtes entendiaõ o Vieira) e eſtando eſte Fidalgo com tanto incommodo, experimentando o calor do Sol, aſſim permaneceo mais de duas horas, eſquecido da authoridade de ſua peſſoa, attento, e admirado do que ouvia: concluido o Sermaõ, exclamou em altas vozes, *Bemdito ſeja Deos, que te fez Catholico Romano, pois ſe foras Herege temo, que a muitos fizeras prevaricar.* Hum proteſtante Calviniſta, homem de Letras, que ſe achava no Reyno do Algarve em a Cidade de Faro, por curioſidade leu alguns Sermoens do Vieira; e como era ſábio, fez grande reflexaõ em muitos delles, principalmente naquelle mais, que admiravel, que no anno de 1645 na feſta do deſaggravo do Santiſſimo Sacramento prégou em Santa Engracia, o qual Sermaõ tambem ſe acha neſte Livro; e tal foy a impreſſaõ, que cauzáraõ no animo do dito Herege as ſólidas verdades daquelle grande Orador, que ſe reſolveu a abjurar os ſeus erros; e buſcando o Prelado lhe declarou o ſeu bom intento: perguntando pelo motivo de taõ extranha mudança, reſpondeo: *que tinha lido os Sermoens do Padre Vieira; e porque aquelle homem ao ſeu parecer era unico no mundo na Sabedoria, lhe parecia impoſſivel naõ ſer verdadeira a Religiaõ Catholica Romana, quando eſte a ſeguia: pelo que tambem a queria abraçar, e que já tinha verdadeiro conhecimento da prezumida ignorancia dos ſeus Predicantes.*

Sem-

Sempre o principal intento do Padre Vieira foy occupar a vida no exercicio de Missões entre Infieis, e levar a luz do Evangelho ás naçoens da mais barbara Gentilidade: para este ministerio o tinhaõ feito apto, e capaz, tanto ás noticias, que particularmente tinha adquirido das lingoas Extrangeiras, como a indagaçaõ de seus erros, ritos, e superstiçoens: instava com a Magestade, e Superiores lhe concedessem licença para este effeito: ElRey dezejava o na sua Corte; os Superiores por esse respeito se naõ deliberavaõ a facultar lhe a licença; mas com effeito veyo o Vieira a conseguir o que dezejava, sahindo do porto desta Cidade para o Maranhaõ no anno de 1652. Despois de dez dias de viagem, tendo a embarcaçaõ já varado a Ilha da Madeira, se encontráraõ com tres corsarios, em hum Sabbado de tarde, de cujo fogo á sombra da noute, que logo chegou, milagrosamente escapáraõ: todos alli fizeraõ voto de rezar por toda a viagem o terço do Rosario da Mãy de Deos, de cuja devoçaõ a Senhora muito se agrada: proseguindo a viagem, os assaltou huma furiosa tempestade, e naõ a podendo vencer a embarcaçaõ, porque debil, se deixou levar da furia dos ventos, e da suberba agitaçaõ das ondas; de sorte, que estaladas as arvores, rotas as vélas, hum costado lhes servia de guilha, outro de convés, e quasi submergida se sepultava nas agoas, tumulo, que nem por ser crystallino, he para ser dezejado.

Com a morte presente clamavaõ os navegantes ao Ceo, e dispondo se para morrer, pediaõ a Deos misericordia. O Padre Vieira, levantando os olhos, e coraçaõ ao Ceo com viva fé, e segura confiança exclamou, dizendo: *Anjos da Guarda das al-*

mas

mas dos Indios do Maranhaõ, vede, que vamos neſte navio a tratar do ſeu remedio, e ſalvaçaõ; e ainda que naõ merecemos o voſſo favor, aquellas almas deſamparadas, que tendes a voſſo cuidado, neceſſitaõ de que nos ſoccorrais; porque perecendo nós, tambem miſeravelmente perecem; pois he o mais o infeliz eſtado, em que ſe achaõ. Parece, que os Santos Anjos ouviraõ eſta fervoroſa ſupplica; porque de repente ſurgio o navio, havendo eſtado tempo baſtante ſoçobrado, applacando-ſe a tempeſtade, que de antes o tinha ſubmergido. Navegáraõ alguns dias com vento favoravel; porém como o demonio temia a cruel guerra, que aquella valente eſquadra de Soldados de Chriſto, o Padre Vieira, e os Padres ſeus companheiros, Manoel de Pina, Mattheus Delgado, e Manoel de Souſa, todos de conhecida virtude, e grande talento, lhes haviaõ de fazer no Maranhaõ, excitou novamente outra tormenta taõ grande, que ſe viraõ em perigo de outro mais terrivel naufragio; por eſta cauſa lhe foy preciſo arribar ás Ilhas de Cabo-Verde, aonde poderáõ tomar porto, e reparar ſe dos damnos, que tinhaõ padecido.

Cabo Verde he hum Promontorio da Coſta de Africa, em quatro gráos, e hum terço de latitude; e quaſi quatro de longitude entre as duas bocas do rio Nigre: alguns Geographos querem, que eſte Promontorio ſeja o celebre Arcenario, ou o Heſperio, de que fallaõ as Geographias antigas. Foy deſcuberto eſte grande Cabo no anno de 1443, por Dioniſio Fernandes, criado delRey Dom Affonſo V., o qual deſcubridor vendo aquelle terreno taõ viçoſo, lhe poz o nome de Cabo-Verde. Cem legoas ao Eſte delle ficaõ ás Ilhas, as quaes pertendem alguns Authores, que ſejaõ as antigas Gorgades,

des, Gorgonias, ou Heſperides; de que ſe faz menção em Plinio, Pomponio Méla, e Ptolomeu. Appellidaõ-ſe eſtas Ilhas, que ſe contaõ dez, com os nomes de *Santiago de Mayo*, *da Boa viſta*, *do Sal*, *do Fogo*, *Braba*, *de Saõ Nicoláo*, *de Santa Luzia*, *de Saõ Vicente*, e *de Santo Antáõ*: chamando-ſe a todas Ilhas de Cabo Verde. No anno de 1460 foraõ deſcubertas por Antonio de Noli, Genovez, mandado pelo Infante Dom Henrique áquella expediçaõ.

A capital deſtas Ilhas he a de Santiago; puzeraõ-lhe eſte nome, por ſer deſcuberta no primeiro de Mayo, dia em que a Igreja celebra a feſta deſte Santo o menor: a ſua principal Cidade tem o nome do meſmo Santo: foy eregida em aſſento de Biſpado no anno de 1532 pelo Papa Clemente VII, a inſtancia de ElRey Dom Joaõ III: no anno de 1533 foy eleito o ſeu primeiro Biſpo Dom Braz Neto. Dous grandes eſtragos padeceo eſta Cidade: o primeiro no anno de 1583, em que foy ſaqueada, e queimada em grande parte por Manoel de Serradas Camello; o qual ſeguio o partido de D. Antonio no tempo da ſujeiçaõ deſte Reyno a Caſtella. O ſegundo eſtrago foy no anno de 1712, em que Monſieur Caſſart, Commandante de huma Eſquadra de França ſaqueou a dita Cidade: compoem-ſe eſta de quinhentos viſinhos: o ſeu clima naõ he benigno para os Européos.

Ao Porto deſta Cidade, em dia do Apoſtolo Saõ Thomé, arribou o navio, em que hia o Padre Vieira; ſaltáraõ em terra; onde foraõ bem hoſpedados; e porque o Vieira ſabia a lingoa dos Negros, occupava ſe muitos dias em cathequizallos, prégarlhes, e doutrinallos. Prégou na Cathedral daquella Cidade excellentemente: ſó quatro dias alli ſe de-

demoráraõ, nos quaes repartindo-se os Padres por diversas Igrejas ouviraõ de Confissaõ quasi toda a gente: prégando o Vieira hum eloquentissimo Sermaõ, se embarcáraõ contra vontade dos moradores da Cidade, pois o queriaõ alli mais tempo. Na tarde de 26 de Dezembro largáraõ as Prayas de Cabo-Verde; e seguindo viagem lhe naõ faltou trabalho com as calmarias, que ordinariamente se experimentaõ na correspondencia da linha: á vista das terras da América, em hum Sabbado, á meya noite se achou a embarcaçaõ nos Baixos de Saõ Roque com trinta braças de fundo: foraõ taes as correntes das agoas, que estando distantes do Maranhaõ mais de 300 legoas, em tres dias se puzeraõ sobre ferro á vista da Ilha de Saõ Luiz; aqui se dilatáraõ desde a terça á noute até a quinta, por causa dos muitos baixos, e todos alagadiços, daquelle insidioso sitio, que para tantos naufragarem tem sido pedra de toque: finalmente em 16 de Janeiro de 1653 entráraõ a Barra, e deraõ fundo no Maranháõ.

Tem esta Capitanîa huma grande enseada, cuja boca se abre ao Norte em altura de dous gráos, e meyo para o Sul da linha Equinoccial, entre a ponta do Periá, que lhe fica a Leste, e a do Cuma a Oeste. Tem no centro a Ilha de S. Luiz, que antigamente se chamava *Das Vaccas*. Nesta Capitanîa esteve Ayres da Cunha, quando se perdeu com sua armada no anno de 1535, hindo ahi ter os que escapáraõ; e fazendo pazes com o Gentio Tapuia, chegou o tráto, e a amizade a tanto, que alguns tivéraõ filhos das Tapuias, como se descobrio depois, naõ só porque lhes nasciaõ barbas (de que carecem os Indios) mas porque inda hoje todos os descendentes dos Portuguezes as produzem; e tomáraõ tan-

tanto amor á gente de Portugal, que nunca quizeraõ ter paz com outra naçaõ: diziaõ, que aquelles naõ eraõ verdadeiros Peros, (assim chamavaõ aos Portuguezes) que se entende ser isto por respeito de algum Portuguez, a quem elles mais veneravaõ, que se chamaria Pedro; tanto assim, que no anno de 1614, indo segunda vez os Portuguezes ao Maranhaõ, os Tapuias os receberaõ com muita festa, dizendo, que estes eraõ os seus Peros, de quem descendiaõ. No anno de 1612 foraõ lá os Francezes, dizendo, que naõ tinhaõ os Reys de Portugal mais direito áquellas terras, do que elles, porque ninguem lhas deixou em testamento: no anno de 1614 Jeronymo de Albuquerque os foy lá visitar, e tal foy a visita, que lhes fez, que os Francezes desistiraõ do Legado, e naõ quizeraõ entrar mais no testamento. A sua Cidade Capital, e Episcopal he dedicada a Saõ Luiz, e se entende, que os Francezes lhe puzeraõ o nome do seu Santo Rey.

No anno de 1642, quando ja Portugal reconhecia ao seu legitimo Rey, estavaõ ainda Senhores da Cidade de Saõ Luiz os Hollandezes, a quem fez desertar Antonio Moniz Barreiros, que tinha sido Capitaõ mór do Maranhaõ, por meyo do Padre Loupo de Couto, que fallou com cauteloso segredo ao Principal dos Indios Joacaba Mitagay, e o fez virar com toda a sua gente contra os Hollandezes. He este Estado do Maranhaõ parte da vastissima América Portugueza, obedecendo aquella conquista a este Imperio por mais de mil leguas. Da parte do Norte a divide do dominio de Castella o grande rio das Amazonas, naõ as celebradas na antiguidade, cuja Rainha foy a valerosa Pantasiléa, mas outras Indianas taõ valerosas como as primeiras: a es-

te celebre rio tambem lhe chamavaõ do *Graõ Pará*; e tambem os Brasilenses o appellidaõ *Mar doce*: Vem de dentro do Sertaõ quinhentas, e outros dizem, novecentas legoas, e adoça a agoa do mar de tal sórte, que os navegantes a começaõ a beber, vinte legoas fora da Barra.

O primeiro, que descobrio este Rey, e grande Monarcha dos rios, foy hum Francisco de Arelhana, que navegava ao Perú: despois deste sahio Francisco Caldeira de Castello Branco do rio, que dista do Graõ Pará cento e trinta legoas; levava comsigo dois Religiosos de Santo Antonio chamados Frey Antonio de Marciana, e Frey Christovaõ de Saõ Joseph: entrou trinta legoas pelo rio: e desembarcando fez hum Forte de madeira, a que pôs o nome de Presépe, por haver sahido do Maranháõ em dia de Natal; o que fez sem contradicçaõ dos Gentios naturaes; que vindo a rebelar-se, determinou Francisco Caldeira mandar pedir soccorro ao Capitaõ do Maranhaõ Jeronymo de Albuquerque; o qual lho enviou em 7 de Março no anno de 1616. Por tradiçaõ de alguns se refere, que este nome de *Pará* se déra áquella nova Povoaçaõ (que brevemente passou a ser Cidade) por causa de huma grande batalha, que os Portuguezes tiveraõ com o Gentio, fazendo os nossos nelles huma grande mortandade, e lhes dissera o nosso General: *Para*, *Para*: outros com mais fundamento dizem, que *Graõ Pará* val o mesmo, que *Paraná*, que significa na lingoa dos Gentios *mar*, e os Portuguezes abbreviáraõ o nome, tirando-lhe a ultima sillaba *na* ficando *Pará*.

Conhecendo a Magestade do Fidelissimo Rey Dom Joaõ V. o quanto era conveniente, e necessario para o serviço de Deos, e utilidade espiri-

tual

tual dos Povos daquella Capitanía o dividirſe o Biſpado do Maranhaõ em dous Biſpados, pela diſtancia de duzentas legoas, que ha entre a Cidade de Saõ Luiz do Maranhaõ, e a de Noſſa Senhora de Bellém do Graõ Pará; e pela grande extenſaõ daquelle Eſtado, que vay a confinar com o Perú; impetrou eſte grande, e invictiſſimo Rey da Santidade do Papa Clemente XI. a dita divizáõ, e nomeou para ſeu primeiro Biſpo o Excellentiſſimo Dom Fr. Bartholomeu do Pilár da Sagrada Religiaõ de Noſſa Senhora do Carmo, da Provincia de Portugal, Doutor pela Univerſidade de Coimbra, e Meſtre Jubilado na Sagrada Theologia, natural da Ilha de Saõ Jorge, Biſpado de Angra. Em 9 de Novembro de 1717 foy nomeado Biſpo, e confirmado na Curia Romana em 4 de Março de 1720, e Sagrado no meſmo anno em 22. de Dezembro na Santa Igreja Patriarchal, pelo Eminentiſſimo Cardial Patriarcha Dom Thomaz de Almeida, que paſſou á melhor vida com ſignaes evidentes de predeſtinado, em quarta feira de cinza ás cinco para as ſeis horas da manhãa, 27 de Fevereiro deſte anno de 54. Foraõ aſſiſtentes da dita Sagraçaõ o Arcebiſpo de Lacedemonia Dom Joaõ Cardoſo Caſtello, e o Biſpo de Angra Dom Manoel Alvares da Coſta.

He fertiliſſimo o dilatado diſtricto do Maranhaõ, que a ſer diligentemente cultivado, pagaria muitas vezes em dobro o beneficio da cultura. Produz canas de aſſucar, cravo em muita abundancia em groſſa, e comprida caſca á ſimilhança de canella; Cacáo, de que ſe carregaõ muitos navios; produz muito algodaõ, Jerzelim, Mandióca, Mílho; e he taõ natural naquelle Clima o arroz, que em partes ſe cria ſem ſer preciſo cultivar-ſe. Naſce por aquel-

les matos vastissimos a salsa parrilha; Quinaquina; Baunilhas; tambem se acha Abutua; e a casca chamada preciosa; e ha poucos annos appareceo café mais excellente, do que produz a Arabia: além destes preciosos generos, que a nossa naçaõ pouco sabe estimar, se achaõ pelos seus espêssos bosques arvores, cuja madeira, de especies, e cores differentes, lavrada parece naturalmente pintada: acha-se o cedro, o Páo roxo, o amarello, Jacarandá, Jacarié, Angelim, e Bacurí, e outros ainda ignorados; se vem arvores Aromaticas, e Balsamicas, brotando de si preciosos óleos, como o de Cúpaiva, o de Omerí mais perfeito, e mais raro; achaõ se muitos palmáres, e arvoredos altissimos com os troncos, e raizes na agoa; ha por outra parte matos fechados, bosques vastissimos, e impenetraveis. A grandeza, e proceridade de lenhos, e troncos, he taõ portentosa, que de hum só páo se fazem muitas vezes canôas, de grande largura, e comprimento, em que navegaõ por aquelles caudalosos rios.

Ha neste Certaõ muitas féras, como saõ Onças, Tigres, Viádos, e Porcos: criase gado de todas as especies; os ares saõ benignos; as aves, quaes por todo o Brasil criou a natureza, Aráras, Papagaios; Guarazes, e outras muitas; tem montes, e serras altissimas, e em partes se espraia em planicies, algumas alagadiças, e cuberras de agoa corrente; e a mayor parte destas, salutiferas: nas entranhas da terra tem mostrado a experiencia haver ouro, prata, e crystaes. O que falta a este abundante terreno he gente para a povoaçaõ; porque saõ os nossos Portuguezes taõ faltos de resoluçaõ, que ainda, suppostos os avantajosos partidos, e trans-

e transportarem-nos sem dispendio algum, poucos se animaõ a passarem áquelles deliciosos Estados, aonde, ainda que com algum trabalho no principio, facilmente podiaõ adquirir com que passarem os annos da vida, sem experimentarem os trabalhos da pobreza, sendo tanta a abundancia de pessoas, que de todas as Provincias deste Reyno (supposta a penuria, com que lá vivem) concorrem a esta Lisboa, em a qual, pela mesma multidáõ, naõ achaõ em que se occupem; e sendo a mayor parte delles pela sua criaçaõ aptos para o trabalho, naõ ha quem daqui os aparte, podendo naquellas terras conseguir melhor premio de seu trabalho, e descanço para a vida.

Lançando ferro pois a 17. de Janeiro de 1653, no rio do Maranháõ a embarcaçaõ, em que hia o Padre Vieira, ainda mal socegados dos perigos do mar, começáraõ os Missionarios a cõmunicar aquellas luzes, e zelo, em que o seu coraçaõ ardia. O P. Vieira esquecido dos excessivos trabalhos, que tinha padecido, sem admittir o menor descanço applicou todo o seu zelo, e industria em ordenar, e reduzir a formaçaõ das aldèas, que deviaõ servir para a conversáõ dos Gentios, para a doutrina dos Cathecúmenos, e segurança dos Portuguezes, distribuindo por ellas os poucos Missionarios, trabalhando elle em todas as partes, para que esta disposiçaõ se estabelecesse: e o mayor cuidado, que tinha, e para onde applicava toda a sua industria, e esforço, era a tirar daquelles dilatados bosques aos Barbaros, que nelles vivem, quasi como féras, para que domesticados se transformassem em homens, que saõ, e se fizessem capazes de educaçaõ, e fé de JESU Christo. A muitos destes converteo o seu zelo; e

sem

ſem comparaçaõ ſeriaõ muitos mais, ſe alguns dos moradores daquelle Eſtado naõ quizeſſem tratar como ſeus eſcravos os nacionaes daquelles boſques, que naturalmente ſaõ livres.

Por todos os meyos poſſiveis, prégando, rogando, e reprehendendo, procurou o Padre Vieira extirpar eſte execrando abuſo; pois a liberdade dos homens naõ ſe deve ſupprimir ſem cauſa juſta; porque ſe os Indios ſaõ preciſos aos moradores daquellas terras para o trabalho de ſuas fabricas, e intereſſes, bem os podem tratar como livres, e pagarlhes o ſeu jornal, naõ lhes tirando a liberdade, fazendo os ſeus eſcravos, contra todo o direito, e juſtiça, augmentando os ſeus cabedaes com o ſuor daquelles miſeraveis. Em querer lhe evitar eſtas inſolencias perdeu toda a ſua eloquente força o Padre Vieira; e tendo em outras occaſioens conſeguido quaſi impoſſiveis, neſta ſó concluio, que ſe rendeſſe ás ſuas vozes o Padre Vigario da Matriz do Pará, que, como homem civil, e prudente, por Eſcriptura publica deo liberdade a mais de ſeiſcentos Indios, que tinha por eſcravos, com deſagrado de ſuas ovelhas, pois faziaõ eſcudo de ſeu máo exemplo; e foy couſa notavel, que os que tinhaõ ſeguido ſeu paſtor neſte infame commercio, o naõ ſeguiraõ no arrependimento.

Recorreo o zelo do Padre Vieira ao Governador, e mais Miniſtros, ponderando lhes o perigo do Eſtado, a porta fechada á converſáõ dos Infieis, as ruinas das conſciencias, pernicioſos effeitos, que ſe ſeguiaõ dos injuſtos captiveiros; e vendo, que alguns delles, ou por temidos, ou comprehendidos nas meſmas injuſtiças, naõ dávaõ ouvidos ás ſuas vozes, tendo feito Catholicos progreſ-

ſos

ſos naquelle Eſtado, deliberou arrojar-ſe ás ondas do Oceano, onde tinha experimentado tantos naufragios, e voltar a Lisboa a pedir remedio a ElRey. E porque a malicia daquellas gentes naõ intentaſſe cortar-lhe os paſſos, e embaraçar-lhe o porto, ſó communicou os ſeus intentos ao Superior, que em ſeu lugar deixou nas Miſſoens: tres dias antes do embarque para o Reyno prégou aquelle divino Sermáõ de Santo Antonio (que o Leitor achará neſta Collecçaõ) em que com extremada Allegoria fallando com os peixes prégou aos homens: finalmente com equivoca Rhetorica ſe deſpedio daquella terra; da qual ſe auzentou com dois companheiros, em Junho de 1654.

Proſeguio a viagem; e perſeguindo os huma terrivel tempeſtade, ſe conſideráraõ no mar ſubmergidos; neſta tormenta he, que o doutiſſimo P. André de Barros da Companhia de JESUS, (que com notavel erudiçaõ largamente eſcreveu a vida do grande Vieira) quer, que eſte deprecaſſe aos Anjos da Guarda dos Indios do Maranháõ; mas eu achey em hum Manuſcripto antigo, que foy na primeira viagem de Lisboa para aquelles Eſtados: foſſe neſta, ou naquella occaſiáõ, ſempre podemos entender, que foy prodigio ficarem os navegantes livres de taõ evidente naufragio. Neſta tormenta pois talvez o Padre Vieira ſegunda vez recorreria aos Anjos da Guarda dos Indios, pois o que o Padre André de Barros eſcreveo do Vieira ſaõ puras verdades; tambem neſta invocou o ſoccorro da Rainha dos Anjos; e ficando o navio livre de alli naufragar, ſe achou deſtroçado, e prezo dos Pirátas Herejes, que ſervio aos navegantes de prancha para ſalvarem as vidas.

Lan-

Lançáraõ os Piratas aos Portuguezes na Ilha Gracioſa, deſpois de os trazerem no ſeu navio nove dias; eraõ eſtes Piratas Hollandezes, que neſte tempo proſeguiaõ a guerra com Portugal: quarenta e huma peſſoas vinhaõ na embarcaçaõ; entre ellas quatro Religioſos do Carmo; huns, e outros totalmente foraõ roubados; a todos acodiu o Padre Vieira, qne com o ſeu credito naquella Ilha achou tudo o neceſſario. Deſta paſſou á Terceira; e deſpois á de Saõ Miguel; por todas eſtas Ilhas foy ſemeando ardentes chammas na devoçaõ, e culto da Rainha do Ceo: na Ilha Gracioſa deixou plantado o ſeu zelo a devoçaõ publica do terço do Roſario, que ainda lá naõ tinhaõ chegado; e nas mais da meſma ſorte; até que chegados 24 de Outubro no meſmo anno de 1654 em hum navio Inglez ſe embarcou o Padre Vieira, e os mais para Lisboa.

He a Ilha de Saõ Miguel a primeira, que ſe encontra, navegando de Lisboa para as Ilhas, cuja ponta pelo Leſte fica diſtante do Cabo de Eſpichel 212 legoas pouco mais, ou menos: outros ſitûaõ o ſeu Môrro de Nordeſte a 250 legoas de Cetubal, com quem corre linha direita de Leſte a Oéſte. Tem eſta Ilha dezoito legoas em longitude, e até duas de latitude. Foy deſcuberta a 8 de Mayo do anno de 1444: tomou o nome de Saõ Miguel, porque no dia do ſeu deſcubrimento feſteja a Igreja a Appariçaõ deſte Principe Angelico. Foy o ſeu deſcubridor Frey Gonçallo Velho Cabral, Commendador de Almourol; he taõ populoſa, que nella ſe contaõ 10917 fógos, com 41518 peſſoas mayores, e menores mais de dez mil, naõ fallando nos Eccleſiaſticos, Religioſos, e Religioſas, que fazem 1393: de todas he a mais abundante, eſpecialmente

te de trigos, e vinhos; de sorte, que tem havido anno, em que tem produzido 15000 moyos de trigo, e quasi outros tantos de milho; e de vinho mais de cinco mil pipas; isto he conforme as relaçoens mais modernas, que escreveo na sua Geografia historica *Tom. II.*, o Reverendissimo Padre Dom Luiz Caetano de Lima, Clerigo Regular.

Acha se nesta Ilha huma Cidade, a quem chamaõ *Ponta Delgada*, á qual ElRey Dom Manoel tinha dado Foral de Villa; em 2 de Abril de 1546. ElRey Dom Joaõ III a fez Cidade: e governando Portugal Filippe II de Castella, e I deste Reyno, por hum seu Alvará de 12 de Dezembro de 1582 lhe concedeo os mesmos Privilegios, que goza a Cidade do Porto. Dividi-se esta Cidade em tres Parochias; a primeira he a Matriz de S. Sebastiaõ, com doze Beneficiados, Vigario, e dois Curas; tem 833 fógos, e 3388 almas de Communhaõ. A segunda de Saõ Pedro, com Vigario, oito Beneficiados, e Thesoureiro; 422 fógos, e 1596 almas de Communhaõ. A terceira de Saõ Joseph, a que he annexo o Curado de Nossa Senhora da Saude, com 624 fógos, e 2388 almas de Communhaõ. Os seus edificios principaes saõ, o Passo dos Capitaens Donatarios, a Casa do Senado, a de Alfandega, e da Misericordia; tres Conventos de Religiosos, Franciscanos, Jezuitas, Gracianos: e quatro de Religiosas; intitulados, de Santo André; da Esperança; de S. Joaõ; da Conceiçaõ: e tres Recolhimentos, que saõ; o de Santa Anna; o de Santa Barbara; e o da Trindade. Tem mais a dita Ilha cinco Villas. A primeira he *Villa-Franca*, a mais antiga povoaçaõ, que nella houve; chamaõ-lhe *Franca*, porque os seus moradores ao principio naõ pagavaõ

direitos alguns: as mais Villas saõ, *Ribeira Grande*; *Nordeste*; *Agoa de Páo*, e *Lagoa*, com mais vinte e dous Lugares; nestas Povoaçoens se acha abundancia de gente, donde passaõ muitos á América, e muitos mais á nossa Lisboa: o primeiro Donatario desta Ilha foy o seu descubridor, e despois seu sobrinho, e herdeiro Joaõ Soares de Albergaria, o qual vendeo por trinta e dous mil cruzados a Capitanîa no anno de 1474 a Ruy Gonçalves da Camera, filho segundo de Joaõ Gonçalves Zarco, primeiro Capitaõ Donatario do Funchal. Pertence a dita Capitanîa aos descendentes do seu terceiro Donatario, que saõ os Condes da Ribeira Grande.

A Ilha Terceira tem de comprimento treze legoas, e de largura seis, a sua Cidade Capital, que he Angra, dista da Barra de Lisboa duzentas e quarenta e cinco legoas, e da Ilha de Saõ Miguel quasi vinte e duas ao Nóroeste quarta de Oéste. Naõ achey concordancia nos Authores, que della escrevem, sobre o seu descubrimento. O Infante Dom Henrique fez doaçaõ della a Jácome de Burges em 21 de Março de 1450. Dividi-se em duas Capitanîas, que saõ a da Cidade de Angra, e a da Villa da Praya; esta Villa, e aquella Cidade saõ as suas principaes povoaçoens: tem mais a Villa de S. Sebastiaõ, e muitos Lugares; he a mais povoada, porque só na Cidade passaõ de tres mil visinhos, repartidos por seis Parochias. He esta povoaçaõ bem allentada, cortada com muitas, e largas ruas, ornada de boas fontes, excellentes em agoa: compoem-se de quatro principaes Bairros, que saõ, o do Corpo Santo, o de Saõ Bento, o de Santa Luzia, e o de Saõ Pedro; nelles se achaõ muito bons edificios. ElRey Dom Joaõ III lhe deu Fôro de Cidade em 23 de Agosto

de

de 1533; e a instancia deste Veneravel Principe subio á dignidade de Cadeira Episcopal por Bulla do Papa Paulo III, expedida aos 3 de Novembro de 1534. Foy edificada a sua Cathedral pelo mesmo Rey no dito anno. Teve por primeiro Bispo a Dom Agostinho Ribeiro, transferido para a Cathedral de Lamego no anno de 1548. Entre os seus edificios principaes se contaõ a Casa da Misericordia, o Hospital, e oito Conventos, quatro de Religiosos, e quatro de Religiosas: para sua defeza tem hum famoso Castello, a quem augmentou as fortificaçoens Filippe II. chamando-se até entaõ Castello de Santo Antonio, lhe fez dar este Rey o seu nome, o qual se lhe acabou no anno da Acclamaçaõ delRey Dom Joaõ IV nosso Restaurador, ficando até ao presente com o nome Castello de Saõ Joaõ, em memoria daquella feliz Acclamaçaõ. Achaõ se neste Castello 160 pessas de artelharia, quasi todas de bronze, algumas de Calibre de 48, e a mayor de todas, chamada pessa de Malaca. Logra a dita Cidade o grande privilegio de nomear hum seu natural para as Cortes; e tem assento no primeiro banco, por mercê de ElRey D. Joaõ IV, e foy o primeiro Procurador daquella Ilha nas Cortes no anno de 1642.

A Ilha *Gracioſa* fica em altura de trinta e nove gráos, e hum quarto; o seu porto olha ao Norte: tem tres legoas de comprida, e duas de larga; o seu primeiro povoador foy Vasco Gil Sodré; há nella duas Villas, que saõ de Santa Cruz, e a da Praya; compoem-se aquella de mais de seiscentos visinhos, e esta de quasi trezentos. A grande fertilidade desta Ilha, e o salutifero de suas agoas, dizem, que foy a causa de se lhe pôr o nome de *Gra-*

cioſa. Neſta Ilha pois he que os Piratas (como já diſſe) lançáraõ o Padre Vieira, e os mais, que vinhaõ na embarcaçaõ; e na de S. Miguel ſe embarcou para Lisboa, em cuja viagem experimentáraõ outra tormenta; até que a alta Providencia livrando os daquelle furioſo elemento os fez entrar no porto deſta Cidade no mez de Novembro de 1654.

Tanto que ſe ſoube à ſua chegada, ſahio alegre a Nobreza, e povo a recebello: achava ſe a Mageſtade gravemente enfermo no retiro de Salvaterra. Expedio carta, para que o Vieira foſſe á ſua Real preſença: obedeceo logo; e achando ao ſeu Auguſtiſſimo Rey taõ moleſtado, acompanhou aos mais leaes vaſſallos no ſentimento de verem ao ſeu libertador por juizo dos Medicos com pouc s eſperanças de vida; mas como Deos pela ſua grande miſericordia naõ quiz deixar ao Reyno de Portugal em taõ poucos annos de reſtaurado, ſem aquelle grande Rey, fez termo a doença; pelo qual beneficio deraõ todos graças a Deos, e tornáraõ aquellas Reaes mãos com a antiga felicidade ao leme do governo. Hum dos primeiros empregos foy ouvir o Padre Vieira ſobre os negocios do Maranháõ, cujo requerimento ſe remetteo a huma conſulta de graviſſimos Letrados, e outras mais experientes peſſoas; de que reſultou determinar o Auguſtiſſimo Rey Dom Joaõ IV dar todas as providencias neceſſarias, e executívas para que de nenhum modo ſe embaraçaſſe a converſáõ dos Infieis, e os progreſſos das Miſſoens; para o que mandou paſſar as ordens convenientes, tudo á ſatisfaçaõ do Padre Vieira.

Quizera elle logo partir para o ſeu ſuſpirado Maranháõ; mas ElRey, e a Companhia ſe oppuzeraõ á execuçaõ de ſeus deſejos, ou porque neceſ-

ſitavaõ

ſitavaõ da ſua authoridade ; ou porque viaõ a ſúa ſaude taõ atropelada , que naõ eſtava para ſe expor a navegaçaõ taõ trabalhoſa ; mas nada foy baſtante para o fazerem mudar de intento. Vendo pois a Mageſtade , e os Superiores da Companhia , que naõ podiaõ deter o ſeu abrazado zelo , lhe vieraõ a conceder a licença , que com vehemencia appetecia : e entre tanto que ſe diſpunha o neceſſario para a viagem , prégou na Real Capella alguns Sermoens ; a 16 de Abril do anno de 1655 embarcou : ſahindo da barra , proſeguio a navegaçaõ , que foy feliz aviſtando terra em vinte e cinco dias , e em trinta deraõ fundo no porto do Maranháõ.

Tanto que da terra ſe reconheceu a embarcaçaõ , e ſe ſoube ſer chegado outra vez ao Maranháõ o grande Padre Vieira , logo ſeus companheiros , e todas as mais peſſoas de diſtincçaõ o foraõ receber ás prayas. Aſſim que ſe publicáraõ as ordens do novo Regimento de ElRey , o valeroſo Governador André Vidal de Negreiros as fez executar , e com ellas começou a reſpirar o Eſtado , e a trabalhar-ſe na reducçaõ dos Indios ; tendo já os Miſſionarios aberta a porta para taõ catholicas emprezas : o ardente zello do Vieira , armado com os esforços do Eſpirito Santo , empregava-ſe todo em promover a propagaçaõ da Fé , converſáõ dos Gentios , e reformaçaõ dos Chriſtãos. Os ſeus ordinarios cuidados eraõ os hoſpitaes , e aſſiſtir aos moribundos ; a eſtas , e de outras occupaçoens ajuntava a devota , mas trabalhoſa , curioſidade de em todos os Domingos , e dias Santos enſinar a doutrina Chriſtaã na Igreja mayor aos Indios na ſua lingoa , e no Collegio a todo o povo na Portugueza : todos os Sabbados contava hum exemplo do Roſario por

diffe-

differente modo; devoçaõ, a que ſempre na ſua vida ſe applicou; e a reſpeito do Roſario pode o Leitor com grande attençaõ ver hum Sermáõ, que ſe acha neſte Livro pag. 193.

A eſtes exercicios ſe ajuntavaõ os trabalhos de ſuas viagens; porque como era Superior daquella Provincia, que tem mais de ſeiscentas legoas, continuamente andava girando aquelles dezertos. Onze vezes viſitou todas as Miſſoens, andando neſtas viagens mais de quatorze mil legoas, a mayor parte por montes deſpovoados, e areáes, e por valles muitas legoas ſolitarios, e faltos de tudo, e ainda de abrigo para o tempo: andando quaſi ſempre a pé, e muitas vezes deſcalſo; com evidentes perigos daquelles caudaloſos rios em huma frágil canôa ſe metia; ajuntavaõ-ſe a todos eſtes trabalhos os exceſſivos ardores do Sol, cuja vehemencia tinha por lenitivo moleſtias de fome, e ſede, os perigos de féras, e tyrannias dos Barbaros; a eſtes trabalhos, e incommodos accreſcia o eſtar quaſi em continuo movimento, aſſiſtindo ás neceſſidades eſpirituaes dos Indios, chamando os para os confeſſar a lugares de choças muito diſtantes. Aos Portuguezes incançavelmente prégava; trabalhando muito por deſarraigar a má ſemente da Hereſia, que introduzira o trato dos Olandezes no pouco tempo, que neſte Eſtado ſe demoráraõ.

Achando-ſe aſſim a Chriſtandade do Maranháõ, abrio Deos hum novo, e dilatado theatro de conquiſtas eſpirituaes dos veneraveis Miſſionarios, com o deſcubrimento dos Nheengaybas, que habitavaõ em hum Archipelago de innumeraveis Ilhas, grandes, e pequenas ao deſembocar aquelle do mundo o mayor rio, chamado das Amazonas, que

que tem de Diámetro mais de cem legoas. No principio foraõ noſſos amigos; porém experimentando a cubiça inſaciavel dos que viviaõ naquelle Eſtado, ſe declaráraõ contrarios, e nos faziaõ cruel guerra: e ainda que foraõ alguns a refrear a ſua ferocidade, o naõ puderaõ conſeguir, pela aſpereza do ſitio, e valor dos naturaes, aos quaes ſerviaõ para defeza os boſques de eſtacada, os rios de foſſo, as penhas de muralha, e as choças de atalaya, e cada Payzano huma vigilante ſentinella: tinhaõ armado canôas, e com ellas faziaõ as invaſoens taõ frequentes nas noſſas terras, que os moradores ſe naõ dávaõ por ſeguros nas ſuas meſmas fortalezas; tinhaõ feito liga com huma naçaõ fera, a quem chamaõ Tricuyas, que habitavaõ nas fraldas do rio, a quem os Ollandezes proviaõ de armas, e muniçoens.

E porque ſe havia publicado em o Maranháõ a guerra contra Ollanda, ſe temeo, que unida eſta potencia com aquelles Barbaros, deſpojariaõ daquelle Eſtado aos Portuguezes. Neſte conflicto tomou o Vieira por ſua conta ſujeitar eſtas naçoens. Corria neſte tempo o anno de 1658, e governava aquelles Eſtados Dom Pedro de Mello: e temendo os moradores do Pará os impetos daquella multidáõ de Barbaros, que unidos com os Ollandezes, ſeriaõ inſuperaveis, pediraõ ao Governador ſoccorro; poz eſte o negocio em conſelho, e diſcorrida a propoſta, aſſentou-ſe ſe lhe fizeſſe guerra. Aſſiſtio o Padre Vieira ao conſelho, e inſpirado por Deos, contra o parecer de todos, votou, que prevenindo-ſe com diſſimulaçaõ os apreſtos para a guerra, ſe offereceſſe primeiro a paz aos Barbaros; naõ ſendo admittida, ſe rompeſſe a guerra; e que iſſo ficava por ſua conta, como já tinha declarado. Aſ-

ſim

ſim ſe determinou, e em dia de Natal do meſmo anno lhe eſcreveo o Padre Vieira huma carta, e deſpedindo com ella dous Indios dos principaes, das aldèas Chriſtãas; e paſſando o tempo, em que ſe conſiderava chegaſſe a reſpoſta, já ſe prognoſticava o máo ſucceſſo da Embaixada: mas quiz Deos, que em dia de cinza de 1659 chegaſſem os Embaixadores com mais ſete principaes dos Nheengaybas, e outros Indios.

Reſponderaõ eſtes: *Que aſſim que viraõ nas ſuas terras o papel do grande P. Vieira, o qual ſe tinha arriſcado ás ondas do mar por amor delles, e de outros da ſua pelle, e alcançando do Rey para elles couſas boas, poſto que naõ entenderaõ bem a ſua carta, deraõ grande credito aos ſeus parentes, que lhes enviára; e que aſſim eſquecidos de todos os aggravos dos Portuguezes, ſe metiaõ nas ſuas mãos, com a certeza do favor dos Padres, de quem conſideravaõ lhe naõ viria mal algum.* Naõ podia ſoffrer o zelo do Vieira o naõ partir logo com elles de companhia; porém naõ o permittiraõ, reſpondendo que os deixaſſe ir, que queriaõ eſperallo na viſinhança do rio, e fazer-lhe huma caſa para o receberem com eſta reſpoſta ſe voltáraõ, e chegando ás ſuas terras tornáraõ em 19. de Junho, e aportáraõ ſobre as aldêas do Pará, com trinta canôas de Indios, dezaſete de Nheengaybas, e treze de Cambocas nellas vinhaõ trinta principaes com muita gente. Achava-ſe o Padre Vieira no Pará mortalmente enfermo: e com eſta noticia ſe voltáraõ aquellas gentes ás ſuas terras, a eſperarem, que, reſtituida a ſaude ao Vieira, os foſſe ver.

Convalecido da mortal doença, tratou de ir á glorioſa empreza; fez nomear Portuguezes; convocou Indios; expedio canôas; nellas com o Sargen-

to mór da Praça, e outras peſſoas principaes ſahio das Aldêas de Camutá aos 16 de Agoſto: ao quinto dia embocáraõ o rio dos Mapuazes; duas legoas antes do porto aviſtáraõ huma canôa grande, toda empavezada, por todas as partes ornada de verſicoloradas penas, que parecia huma ave maritima; vinhaõ nella os Magnates daquella naçaõ; eſtes tanto que reconheceraõ a canôa dos Padres, logo vieraõ a ſeu bordo, e a primeira ſaudaçaõ, que executáraõ, foy entregar ao Padre Vieira huma Imagem do Santo Crucifixo, de metal, que entre elles deixára como em refens no anno de 1655, o Padre Joaõ de Souto-Mayor; de que tinha corrido noticia, que os gentios a tinhaõ deſpedaçado, applicando-a a uſos profanos: guarda ſe hoje a dita Imagem com grande veneraçaõ no Collegio do Pará.

Navegáraõ todos juntos; e chegando ás cabanas dos Indios, foraõ por elles feſtejados com grande applauſo: e levados a huma cabana, que lhes tinhaõ erigido ao modo de Igreja, ahi collocáraõ os Padres a Santa Imagem, que lhes tinhaõ entregado, e entoando o *Te Deum Laudamus* deraõ a Deos as graças; vieraõ deſpois todos agradecer aos Padres a vinda ás ſuas terras; e juntando-ſe como em huma eſpecie de Dieta, ou Conſiſtorio, diſſe o Vieira Miſſa, a que aſſiſtiraõ com muita modeſtia, e ſe obrigáraõ com juramento a abraçar a Ley de Chriſto, e obedecerem a ElRey de Portugal: em ſignal deſte ſeu rendimento quebráraõ os arcos, e flexas, e arvoráraõ huma grande Cruz no meyo daquelle rayal, onde ſe achavaõ dos gentios mais de dez mil. Quatorze dias ſe detiveraõ alli os Padres, taõ feſtejados de todos os naturaes, que naõ ſabiaõ

deſprender-ſe da ſua preſença: deſpedindo-ſe delles; os acompanhárão até as canôas, e ainda deſpois de o haverem perdido de viſta, o acclamavão com repetidos vivas.

Achavão-ſe naquelle concurſo muitas Naçoens de differentes lingoas, Mamyanâz, e Aroans, e os Anajaz; debaixo deſtes ſe contém os Mapuaz, Paucacaz, Guajaraz, Piripixîs, e outros muitos, que naquelle continente, todo cortado de rios, ſe dizia chegavão a mais de cem mil almas. Eſta foy a importante conquiſta, que ſem o eſtrondo de armas reduzio o grande Vieira, conſeguindo com ſua induſtria, e influxo da Divina Miſericordia, o que muitos Generaes com a eſpada naõ poderão acabar; que muitas vezes mais val a eloquencia de hum Ulyſſes aſtuto, do que o marcial furor de hum Aiax arrogante. Começárão a apparecer em o Pará as victoriosas canôas, e quando as julgavão perdidas, as aviſtárão já de volta, e cheyas de gloria bem ganhada: recebido o Vieira, e os mais com notavel alvoroço, formou-ſe com alegria univerſal huma piedoſa pompa; ſahio a Républica, as Religioens, e o Clero, levando com applauſo ſolemniſſimo a Imagem do Santo Crucifixo, que o Vieira trazia: recolheo-ſe toda aquella religioſa pompa no Collegio da Companhia, onde ſe conſerva com reſpeitoſa veneraçaõ a Santa Imagem. Eſte foy o fim da jornada taõ glorioſa em augmento da Fé Catholica, e da Coroa Portugueza. Tendo noticia deſtes grandes progreſſos, que o Padre Vieira fazia naquelle Eſtado, a Auguſtiſſima Rainha Dona Luiza, que por ſeu filho regía entaõ o Luſitano Imperio, lhe mandou eſcrever a carta ſeguinte: ſua copia ſe acha tranſcri-

pta

pta na vida do Padre Vieira, que escreveu o doutissimo P. André de Barros da esclarecida, e Sagrada Companhia de JESUS, pag. 295.

CARTA
DA AUGUSTISSIMA RAINHA de Portugal.
DONA LUIZA.

„ ANtonio Vieira: Eu ElRey vos envio muito saudar. Porque conheço se vos deve muita parte do que na Gentilidade della conquista vay aproveitando na conversáõ dos Indios a „ doutrina Christãa, por meyo do trabalho, e desvéllo dos Missionarios, que estáõ á vossa conta, e „ espero na Misericordia Divina vá cada vez em mayor augmento para honra, e gloria de Deos Nosso Senhor: me pareceo significar-vos, que louvo „ muito taõ santo exercicio, e o muito, que esses „ Ministros do Evangelho tem obrado na propagaçaõ delle. Encommendo-vos, que da minha parte lhes encarregueis o continuem com o mesmo zelo, e ardor, avizando-me de tudo, o que passar „ com particularidade assim do fruto, que resultar „ ao serviço de Deos, como do que mais for necessario para augmento dessa Christandade, dando-„ me conta em especial dos impedimentos, e objecçoens, que por qualquer via se oppozerem, e dos „ remedios, com que se lhe dêva acudir, antes que

„ o damno venha a ſer mayor. E do voſſo eſpirito,
„ e devoçaõ fio ſereis taõ vigilante, que naõ haja
„ hum minimo deſcuido em negocio taõ proprio
„ voſſo, e da Salvaçaõ das almas. Eſcripta em Lis-
„ boa aos 12 de Mayo de 659.

Rainha.

Se o Leitor quizer admirar os progreſſos a reſpeito da converſáõ das almas, e intereſſe deſte Reyno, para cujos effeitos tomou a Divina Providencia por ſingular inſtrumento ao Padre Vieira, veja o que delle largamente eſcreve o Padre André de Barros; poſto que ainda naõ diſſe tudo; nem diria, dado que quizeſſe: porque quando o objecto da hiſtoria he taõ heroico, e taõ excellente como o Padre Antonio Vieira, primeiro falta o tempo para deſcrever ſuas acçoens, do que acçoens para ſe depoſitarem na eſcrita.

Chegando pois eſte grande Eſpirito, Atlante daquella Catholica conquiſta, ao Pará, deu ordem, para no anno ſeguinte hir com mayor numero de companheiros viſitar aquellas Ilhas; mas ſucedeu-lhe o contrario; porque vendo o demonio, commum inimigo, que lhe ganhavamos hum Imperio, que fora ſeu muitos ſeculos, invejoſo da felicidade dos Indios, levantou huma tormenta taõ desfeita, que naõ ſó atalhou aquellas conquiſtas, mas tambem hia pondo em deſmayo aquellas primeiras, mas já florentes plantas da Chriſtandade. Naõ ſe valeu para iſto dos Barbaros, (que ſe aſſim foſſe, ſeria menos ſenſivel, e eſcandaloſo) tomou por inſtrumento para a execuçaõ do ſeu diabolico projecto a mayor parte dos moradores do Maranhaõ, e Pará;

por

porque ſendo os mais delles de ruſtica progenie ; accreſcia a iſto a muita multidáõ de malfeitores, cuja facinoroſa vida tinha dado motivos á Juſtiça, para que aquelle Eſtado lhes ſerviſſe de exterminio; e como em ſeus malevolos coraçoens reinava a cubiça, que naõ admitte companhias ao Sceptro, forçoſamente, como ſequazes do demonio, ſe haviaõ de conſpirar contra os Miſſionarios, principalmente contra o Padre Antonio Vieira, que com as ordens de ElRey tinha poſto freyo aos exceſſos de ſua avareza, hindolhes á maõ ao que elles chamaõ reſgates, e nada menos he, que hum violento, e injuſto captiveiro dos Indios, os quaes tanto que ſe convertiaõ á fé Catholica, e voluntariamente ſe ſujeitavaõ a ſer vaſſallos de ElRey de Portugal, (ſendo aquellas terras ſuas, pois quando os Portuguezes lá foraõ, há tantos ſeculos, que ſe naõ ſabe o principio, já ahi reſidiaõ) os tomavaõ por eſcravos, fazendo-os ſervir, e tratando-os com hum modo inſolente.

A eſte reſpeito tinha paſſado o Vieira ao Reyno, como já neſte Prologo diſſe; e voltando com ordens delRey para evitar aquellas tyrannias, o Governador André Vidal de Negreiros fez, que ſe déſſe execuçaõ inviolavelmente ao que ElRey tinha mandado: temeraõ tanto o caſtigo, pelos Reaes decretos fulminado, que naõ ſe atreveraõ ſahir a publico com os ſeus damnados intentos; e ſe os naõ preoccupaſſe eſte medo, certamente faciariaõ o ſeu odio, na conſideraçaõ de que eſtava ElRey morto, e acharem em ſeu abono certo Governador, que lá reſidia, o qual reſpeitando á conveniencia, ſe naõ ajudava aos inimigos do Padre Vieira, tambem os

naõ

naõ impedia: com tudo havia algumas peſſoas politicas, e de recta intençaõ; mas como a plebe, Hydra medonha, e horrendo monſtro, excedia em tudo, atreveu-ſe a fazer a acçaõ mais barbara, que ſe lerá nas hiſtorias. Fulminaraõ hum tumulto contra os Padres; e invadindo o Collegio á força de armas, puzeraõ ſacrilegamente as mãos em os Padres, e os prenderaõ, ajudados para eſte inſulto da mayor parte dos Officiaes da Camera; levando-os pelas ruas publicas entre as armas: e ſendo o alvo principal daquella laſtimoſa tragedia o Padre Vieira, taõ eſtimado dos Principes da Europa, o deixáraõ ficar prezo, e com guardas á viſta, na Ermida de S. Joaõ Baptiſta.

Em nenhum Author, que delle eſcreve, achey, que declaraſſe o tempo, que na dita Ermida eſteve prezo; ſó ſim, que com elle uſáraõ as mayores vilezas, ſendo fabula da mais baixa plebe, quem era o mais diſtincto entre os mais doutos homens do mundo; ahi lhe faltavaõ com o neceſſario, ſem conſentirem, que chegaſſe a fallar-lhe peſſoa alguma. Só huma India chamada Marianna Pinta, que pela boa criaçaõ, que teve, nella reſplandecia a virtude da caridade, que raras vezes ſe acha na gente plebéa; atrevia-ſe eſta varonil matrona, deſprezando temores, e atropelando ameaços, levar occultamente algum ſuſtento, com que ſe alimentaſſe; e ſendo em algumas occaſioens achada pelos Soldados, ella com muita prudencia, e boas palavras, convidando-os com alguma dádiva (pois os ruſticos ſaõ faceis de ſubornar) cumpria ſeu projecto; foy avizada por huma ſua amiga, que por aquillo, que obrava, o povo lhe queria queimar as caſas, em que vi-

vivia; a que reſpondeu, que nenhum mal padeceria, por ter caridade com o Padre; e que ſe acontecelſe, como lhe dizia, e lhe faltaſſe caſa, faria o comer na rua para lho levar.

Tinha a dita Matrona hum filho; e porque os exemplariſſimos religioſos da Companhia de JESUS (de quem ſó podem ſer emulos peſſoas mal intencionadas, que com inveja ao ſeu bom procedimento, por naõ terem eſpirito para os ſaberem imitar, ſe atrevem com a mordacidade de ſuas lingoas a diminuirlhes as virtudes, de que ſe adornaõ) e porque, como digo, eſtes religioſos nunca ſouberaõ ſer ingratos, ſe empenháraõ no enſino, e puzeraõ habil na ſciencia ao filho de Marianna Pinta, de ſorte, que por intervençaõ dos meſmos Padres chegou a ſer Cura na Matriz da meſma Cidade do Pará, gloriando-ſe aquella mãy de ver a ſeu filho taõ authorizado com dignidade taõ grande, e com Eſtado taõ ſuperior: e para ella alcançáraõ do Padre Geral, que coſtuma aſſiſtir em Roma, carta de Irmandade; e acabando a vida eſta ſerva de Deos na meſma Cidade, ſepultáraõ ſeu honrado cadáver na Igreja do Collegio.

Prezo pois o Padre Vieira, e os mais Reverendos Miſſionarios tanto no Maranháõ, como no Pará, porque tanto neſta, como naquella parte ſe executáraõ as meſmas barbaridades, lhes arguiraõ falſamente, que eraõ prejudiciaes aos intereſſes do Eſtado, e impediaõ aos Portuguezes, que lá hiaõ tratar da ſua vida, tiveſſem eſcravos para a cultura das terras; e que ſendo aſſim, naõ poderiaõ tirar fructos daquellas conquiſtas, impedindo os lances da fortuna aos que, para bem do Reyno, ſe deſterravaõ de ſuas caſas, e patrias: e lançou eſta opiniaõ rai-

raizes taõ profundas, que ainda hoje alguns, que lá exiſtem, ainda que menos abſolutos, conſervaõ entre ſi aquella diabolica tradiçaõ, ſem que ſe capacitem, que aquella gente he livre, e para ſe ſervirem delles he preciſo lhes paguem o ſeu trabalho, e quando juſtamente na forma, que por direito ſe determina, alguns daquelles Indios ſejaõ ſeus eſcravos, os devem tratar como creaturas racionaes, e naõ do modo, que coſtumaõ.

Arguiaõ mais aos Padres, que eraõ demaziadamente parciaes dos Indios, e tanto, que o ſeu projecto era ganhar-lhes as vontades para delles ſe ſervirem. A alguns, que daquellas terras tem vindo a eſta Corte, tenho ouvido dizer o meſmo; mas dado, que aſſim ſeja, parece que he mais juſto, que os Indios ſirvaõ por ſua vontade aos Padres, pois com a boa educaçaõ lhes daõ a beber os dogmas da Fé Catholica; adminiſtraõ lhe com o mantimento preciſo outras conveniencias mayores, do que os outros lhes fazem; porque violentamente os captivaõ, e captivos os conſervaõ, dando-lhes taõ rigoroſos caſtigos, que ſe fazem quaſi inſupportaveis á natureza humana.

Proferio com effeito ſentença contra os Padres o Juiz Ordinario do Maranháõ, que julgo ſeria algum degradado, ou daquelles, que aqui apparecem, os quaes da fortuna deſvalidos, deſértaõ a ſua humilde patria, e paſſaõ aos Braſîs. Dizia a ſentença, que como pernicioſos ao Eſtado, e aos Reaes intereſſes, e perturbadores da paz, foſſem para ſempre deſterrados do Maranháõ. Aſſim lho dictou ſua malicia, que na meſma ruſticidade acha quartel de aſtuta. Chegou o tempo da navegaçaõ; deraõ ex-

ecu-

ecuçaõ á ſentença; ſem que os Padres foſſem ouvidos de ſeu direito; e faltando a todas as Reaes ordens, leváraõ os Padres para o navio prezos com rigor, e indecencia tal, qual convinha aos que foſſem publicos malfeitores. O meſmo ſe mandou fazer no Pará; o navio, que dahi ſahia, deu nas mãos de hum Corſario, que, depois de os roubar, os lançou nas prayas do Maranháõ, a tempo, que já o navio, em que vinha o Vieira com os outros companheiros, ſe tinha feito á véla; e permittio a alta Providencia arribarem a tempo, que naõ havia dalli monçaõ para Portugal; que a havella padeceriaõ o meſmo exterminio, que os habitadores daquelle Eſtado tinhaõ impoſto aos que já delle expulſados ſe lamentavaõ. Neſte tempo, e a tempo, que o noſſo Padre Vieira navegava para o Reyno, chegáraõ ſegundas ordens da Rainha Regente.

Chegando pois a Lisboa o Padre Vieira com admiraçaõ de todos, entre applauſos, e obſequios foy recebido: teve logo particular audiencia, onde manifeſtou na Real preſença os inſultos, que no Pará, e Maranháõ lhe foraõ feitos. Ferio eſta eſpantoſa narraçaõ o piedoſo, e Real animo; e naõ podendo ſoffrer a inſolencia, com que nos dias do ſeu governo foraõ quebradas todas as leys divinas, e humanas, incendida no zelo da gloria de Deos, e da juſta vingança, determinou caſtigar os delinquentes, de ſorte, que o ſeu caſtigo ſerviſſe de lembrança para os ſeculos vindouros: mas o Padre Vieira, que naõ buſcava vingança, ſenaõ remedio, e ſocego pacifico, fez por ſuſpender com os ſeus rogos o juſto caſtigo: finalmente conſeguio, que a Real Juſtiça, ſe abſtiveſſe de caſtigar aquelles temerarios arrojos,

e que enviaſſe hum Governador de mayor authoridade, e prudencia. Deixou ſe perſuadir a Rainha; e he tradiçaõ incontraſtavel, que proferio eſtas palavras: *Hoje reſuſcita o Maranhaõ por amor do Padre Antonio Vieira.* Nomeou logo para Governador peſſoa, de quem ignoro o nome, ſe bem que lho achey em hum manuſcripto; mas o Padre André de Barros lho occulta (parece que por naõ ſer eſſe o verdadeiro) o qual levou ordens, de como ſe havia de portar com os delinquentes, e conſervar os Padres com as ſuas Miſſoens: o que elle parece pouco fez observar.

Como o Padre Vieira era o primeiro Prégador da Capella Real, quiz a Auguſtiſſima Rainha ouvir aquelle ſeu antigo Orador; e diſtribuindo-ſe lhe varios Sermoens, o primeiro, que prégou foy em dia da Epiphanîa; nelle bem declarou que, ſe vinha de prégar á Gentilidade, queria expôr, e manifeſtar a vocaçaõ do Gentiliſmo á Fé; o qual (ſem embargo de que no principio deſte Prologo, digo, que neſte Livro ſe contém dez) achar-ſe-há tambem, com outro, que admiravelmente o Author prégou na terceira Dominga da Quareſma do anno de 1670, que por todos fazem doze dos mais admiraveis.

Perdo-ou, como diſſe, a Juſtiça humana aos Authores daquelle atrevimento, porém naõ a Divina; pois em breves tempos acabáraõ diſgraçadamente as vidas tres dos principaes motores, hum queimado, outro afogado, e outro louco, e deſpois ſupportou tambem ſeu caſtigo toda aquella Cidade, ſendo inſtrumento huma epidemia, que fez notabiliſſimo eſtrago naõ ſó nas vidas, mas tam-

tambem nas fazendas. Logo que o Padre Vieira, obteve da Corte os favoraveis deſpachos, antes de ſaber ſe ſe havia dado cumprimento a elles, diſpunha tornar terceira vez ao Maranháõ; porém a Rainha, e a Companhia lhe negáraõ licença, pelo naõ exporem a taõ perigoſos trabalhos; e tendo padecido as referidas tormentas, e apportado á ſua violencia desde o Maranháõ a Portugal, veyo a padecer na Patria outras contradicçoens, por cauſa da má uniáõ entre o Principe Dom Affonſo, com a Rainha ſua Mãy; a qual ſe reſolveo a recolherſe a hum Moſteyro.

Foy o Padre Vieira, como tenho eſcrito, notoriamente favorecido do Auguſto Monarcha Dom Joaõ IV; delle ſe ſervia aquelle Invicto, e animoſo Reſtaurador; e delle fez grandes eſtimaçoens a Rainha Dona Luiza. Mas como naquelle tempo era grande a confuzáõ da Corte, divididos em parcialidades os animos, adoravaõ huns ao Solio, que ſe levantava como Sol, que naſcia; e ſeguiaõ outros com ſentimento o ſahir do throno o alto eſpirito de huma Heroica Rainha Mãy, que com o Infante Dom Pedro ſeu filho menos ſentiaõ os diſfavores proprios, que os deſcuidos da infirmidade alheya. Neſta divizáõ de animos pervaleceu quem mais podia; de que reſultou ſahir o Padre Vieira da Corte, e outras mais peſſoas, ſendo o crime de todos o ſerem fieis á Sereniſſima Rainha.

Para o Collegio do Porto o levou o primeiro impulſo, o qual foy edificado junto da ribeira daquella Cidade; e ao deſpois, no anno de 1577 mudado para a rua das Aldas. He a Cidade do Porto, exceptuando a Capital de Lisboa, a mais rica, po-

puloſa, de mayor commercio, e melhor edificad
povoaçaõ de todo o Reyno. Deve o ſeu principio ao
lugar de Cale, ou de Gaya, como corruptamente
hoje lhe chamaõ. Como eſte lugar eſtiveſſe aſſenta-
do no alto de hum monte, que fazia a ſervintia tra-
balhoſa, formáraõ da outra parte do rio nova habi-
taçaõ, que ſe veyo a chamar *Portucale*, ou *Porto d*
Cale; e correndo o tempo ſe ennobreceo tanto, que
paſſou a ſer Epiſcopal. O Concilio Eliberitano
cont u entre as mais Cidades de Heſpanha no anno
de noſſa Redempçaõ de 338, dando o nome de *Por-*
tucalenſe, ou *Portuenſe* ao ſeu Biſpo; a ſua Cathe-
dral, ſendo arruinada pelos Mauritanos no anno de
716, a veyo reedificar a Rainha Dona Thereja, mu-
lher do Conde D. Henrique filho legitimo de Hen-
rique, (neto de Roberto, primeiro Duque de Bor-
gonha) e de Cibila, tambem da caſa de Borgonha
por ſeu Pay, biſneto de Roberto o devoto Rey de
França; e por ſi eſclarecido tronco dos noſſos Au-
guſtiſſimos Monarchas. No anno de 1120 deu eſta
Rainha aquelle Biſpado a Dom Hugo, e desde eſſe
tempo até ao preſente parece ſe lhe contaõ ſeſſenta
e tres Prelados, ſendo o ultimo Dom Frey Joſeph
Maria da Fonſeca, e Evora, da Sagrada Religiaõ do
Serafim dos Patriarchas: alguns Authores eſcreve-
raõ, que o primeiro Biſpo fora Saõ Baſilio, diſci-
pulo do Apoſtolo Santiago, o qual no anno de 41
em que Saõ Pedro de Rates foy martirizado, paſ-
ſou para Arcebiſpo de Braga.

Eſtando pois a Cidade do Porto pelos Mou-
ros deſtruida, entrou pela ſua barra no Reinado de
Ramiro III, Dom Moninho Viegas, com huma ar-
mada de Gaſcoens; e vendo aquella Cidade poſta
por

por terra, a reedificáraõ, (de que ainda perseveraõ vestigios) e fazendo se alli fortes, lançáraõ os Mouros de toda a Commarca, assistidos da Protecçaõ da Rainha dos Anjos Maria SS., que por esta razaõ a todas as terras, que conquistavaõ, davaõ o nome de terra de *Santa Maria*; elles foraõ os que deraõ ao Porto as armas, que conserva, que saõ duas torres, e no meyo dellas huma imagem de Nossa Senhora. No tempo do Nobilissimo Conde Dom Henrique, foy esta Cidade a mais illustre de Portugal, e como a tal a ennobreceu com grandes edificios, sumptuosos templos, e formosas ruas; fazendo-a ainda mais lustrosa, e abundante a formosura do seu rio Douro, taõ celebrado dos Escriptores. No tempo presente he esta Cidade huma grande povoaçaõ, que, segundo algumas memorias, se achaõ nella mais de oito mil visinhos, e entre as suas prerogativas ella he a que deu o nome a todo este Reyno, que se chamou Portucale, e hoje Portugal; serve de residencia a hum Tribunal de Relaçaõ, e Casa do Civel, que instituio ElRey Filippe II: teve casa de moeda: a sua Alcaidaria mór he da illustre casa dos Sás, hoje Marquezes de Abrantes. ElRey Dom Joaõ I deu esta Alcaidaria a Joaõ Rodrigues de Sá, e o fez tambem seu Camareiro Mór.

No Collegio pois desta Cidade esteve alguns tempos o nosso Padre Vieira, continuando sempre incansavelmente os estudos; e porque na Corte continuavaõ as dissensoens, e as parcialidades, das quaes o Padre Vieira seguia aquella, que lhe parecia mais justa, lhe foy á noticia, que os seus emulos consideravaõ, que elle havia ser hum dos exterminados; por cujo respeito escreveo huma carta a

hum

trum grande de Portugal em 20 de Janeiro de 1663; e entre outras palavras, que nella escreveo, se continhaõ estas: *Irey para onde me mandarem, seja Africa, ou America, que em toda a parte ha terra para o corpo, e Deos para a alma; e lá nos acharemos todos diante daquelle Tribunal, onde só testimunha a verdade, sentencea a Justiça, e nunca he condemnada a innocencia.* Daquelle Collegio no Janeiro de 63 passou ao de Coimbra.

He esta Cidade nobilissima, tanto pela sua antiguidade, como pelos admiraveis edificios, que nella se achaõ; principalmente pela Universidade, que he huma das mais famosas de Europa, cujos Estudos mudou de Lisboa para aquelle sitio ElRey Dom Dionisio, a quem, abbreviado o nome, vulgarmente chamamos Diniz: o mesmo Rey deu principio a esta Universidade em Lisboa pelos annos de 1291, e passados dezasete a mudou para Coimbra: ElRey Dom Fernando a restituio outra vez a Lisboa; e ElRey Dom Joaõ III no anno de 1537 a transplantou para Coimbra, onde existe. O Tribunal do Santo Officio lhe dá outra grande prerogativa; foy estabelecido pelo Cardial Henrique, no anno de 1541, havendo quasi dez annos, que se instituira o da nossa Lisboa. A sua Cathedral, que ja estava levantada a esta dignidade ao tempo da entrada dos Suévos nas Hespanhas, pendente o Imperio de Constantino Magno, como se prova do Concilio Eliberitano celebrado no anno de nossa Redempçaõ de 338, nelle se faz mençaõ de hum Bispo desta Cathedral, por nome Elipando. Pouco despois de restaurada do poder dos Mouros por ElRey Dom Fernando o Magno, o primeiro Prelado, que se lhe assignahe Dom Paterno, que falleceo pelos annos de 1090

ou

ou de 1087: deste tempo até ao prezente se lhe contaõ cincoenta e cinco, ou cincoenta e seis Bispos. O Bispado he muy extenso; compoem-se de trezentas quarenta e tres Parochias, comprehendidas em tres Arcediagos, o de Bouga, o de Cea, e o de Penella. ElRey Dom Affonso V unio á dignidade Ecclesiastica desta Dieceſi o titulo de Conde de Arganil, sendo o Bispo Dom Joaõ Galvaõ o primeiro, que logrou esta Dignidade.

Foy esta Cidade de Coimbra a segunda Corte dos Reys de Portugal, havendo sido a primeira na notavel Villa de Guimaraens, ditosa Patria delRey Dom Affonso Henriques. De Coimbra saõ naturaes os Reys de Portugal Dom Sancho o I; Dom Affonso II; Dom Sancho II; Dom Affonso III; Dom Affonso IV; Dom Pedro I, e Dom Fernando; os seus moradores, que se repartem por sete Parochias dentro na Cidade, e arrebaldes, fazem o numero de mais de seis mil visinhos: a casa de Misericordia he a segunda, que houve no Reyno, e o Hospital foy fundado pelo grande Rey Dom Manoel. Tem outo Mosteiros, e desoito Collegios; e o de Santa Cruz de Conegos Regrantes de Santo Agostinho, a quem deu principio o Arcediago D. Tello no anno de 1131; e o Veneravel Rey Dom Affonso Henriques o accrescentou, e dotou com muitas rendas, obra magestosa, e verdadeiramente Real.

Está assentada esta grande Cidade naquella ponta da Provincia da Beira, que fica entre o Oceano, e a Extremadura, sobre as margens do rio Mondego. O seu primeiro assento foy em *Colimbria*, ou *Conimbriga*, onde hoje se vê Condexa a Velha;

alguns

alguns trezentos annos, antes que Chriſto para Redempçaõ univerſal, ſe reveſtiſſe da natureza humana. Foy eſta antiga povoaçaõ conquiſtada pelos Romanos: ficou ſujeita ao ſeu Imperio, até a invazáõ dos Suévos, Vândalos, e Alânos, que entráraõ nas Hеſpanhas pelos annos de 412. A fundaçaõ da nova Coimbra ſe attribue a Ataces, Rey dos Alânos, que mandando deſpovoar a antiga Collimbria, edificou nas margens do Mondego a nova povoaçaõ, que hoje conſerva o nome de Coimbra, celebrada em todo o mundo politico pelos grandes Heróes, que da ſua Républica Literaria tem admirado o Univerſo: e pela amenidade do ſeu terreno, abundancia de ſazonados, e diverſos fructos, e o ſalutifero de ſeu Clima: foy livrada por Dom Fernando o Magno da ſujeiçaõ Mahometana, em Julho do anno de 1064, obrigados de hum rigoroſo ſitio, que durou mais de ſeis mezes: no dominio do Conde Dom Henrique no anno de 1107 a ſitiáraõ os Mouros; mas foraõ obrigados a retirarem-ſe: conſerva ainda os ſeus antigos muros, em que ſe achaõ ſeis portas com baſtante damnificaçaõ.

Neſta Cidade de Coimbra foy o Padre Vieira ſummamente venerado dos meſtres daquella celebérrima Univerſidade: alli ſe deteve mais de dous annos, cuidando no bulhicio da Corte, das Conſultas, e pratica de Palacio, e ainda do cuidado, e fadiga das Miſſoens. Alguma couſa ſe diminuio aquelle commum reſpeito ao ſeu merecimento; a perturbaçaõ politica da Républica Portugueza deo prompta occaſiaõ a que executaſſem os ſeus injuſtiſſimos emulos, e os monſtros da in-

veja

veja (que nunca se descuidaõ) o que tinha ideado a preversidade da sua malicia. Com queixas da Religiaõ offendida o accuzáraõ no Tribunal rectissimo do Santo Officio, donde, despois de dous annos, e tres mezes, tratado com a mais particular differença, que podia ser, foy restituido ao seu Collegio, e nelle mostrou a imperturbavel grandeza do seu animo na generosa constancia, com que padeceu aquelle grande trabalho, que em coraçaõ menos dilatado podia causar a ultima disgraça.

A alegria daquella numerosa Communidade, vendo-se de posse de taõ prezado irmaõ, foy igual á causa. Deixada Coimbra, que foy o theatro da mayor tragedia, se pôz a caminho para a saudosa Lisboa; chegando a esta foy recebido com applauso de toda a nobreza, estimando todos a sua liberdade com as publicas demonstraçoens de muitos Sermoens, que logo prégou na Capella Real, e na Sé. Ainda o tempo deu occasiaõ, para que constasse melhor ao mundo quem era o Padre Vieira; porque resolvendo o Principe Regente, o Serenissimo Dom Pedro mandar a Roma por seu Embaixador a Dom Francisco de Sousa primeiro Marquez das Minas, ordenou, que o acompanhasse o Padre Antonio Vieira; o qual ainda que algum tanto molesto, obedeceu, sujeitando-se aos arbitrios Reaes. Partindo aos 15 de Agosto de 1669; sahiu felismente ao Oceano; e demandando o rumo de Italia, passou o Cabo de Espichel, e dobrando adiante o Promontorio Sacro, hoje chamado de Saõ Vicente, por ahi se acharem as Sagradas Reliquias, deste Santo Martyr, as quaes fez conduzir a esta Corte,

o primeiro, e victorioſo Rey Dom Affonſo Henriques; em memoria do que eſta nobre Cidade ſe quiz honrar tomando por armas huma náo, e dous córvos; aquella em lembrança da que trouxe o ſagrado cadaver, e eſtes em memoria dos muitos que havia naquelle ſitio, elegendo tambem por ſeu ſingular Padroeiro a eſte glorioſo Martyr, cujas reliquias, ſendo depoſitadas na Parochial Igreja de Santa Juſta, milagroſamente foraõ conduzidas á antiquiſſima Metropolitana, Baſilica de Santa Maria, onde com reverentes cultos ſe veneraõ: dobrando pois o dito Promontorio, embarcou o Eſtreito de Gibraltar; e entrando no mar mediterraneo, poſta a náo com a proa ao Levante, lhe picaraõ taõ ponteiros os ventos, que a obrigáraõ a tomar porto em Alicante.

Soltou dalli em demanda da deſejada Roma; e quando ſe viaõ quaſi no fim da viagem, embravecidos os ventos lhe formáraõ huma terrivel tormenta, obrigando-os a apportar em Marſélha: chegáraõ com effeito a Roma: naquella Corte do mundo Chriſtaõ excedeo com a realidade da experiencia a grandeza da ſua fama. Na Corte de Roma tem o devido lugar, e eſtimaçaõ os que ſaõ beneméritos, he a patria commua dos grandes ingenhos; porque os que podem luzir, luzem, ſem detrimento alheyo. Em outras Cortes naõ ſe pode reſplandecer ſem eſtrago, ou morte de outras luzes; porque tudo faz a inveja, ſem reparar, que todas as eſtrellas tem luzimento, ſendo differentes nas grandezas.

Foy o Padre Vieira confirmar com as ſuas letras a grande opiniaõ dos noſſos Heróes Portu-

guezes na quella Corte. Dom Gracias de Menezes Biſpo de Evora, que ſahindo de Lisboa por General da Armada, que navegava para ſoccorrer a Cidade de Otranto, ſercada pelos Turcos, orou com tanta elegancia na prezença de Xiſto IV, que fazendo todos taõ alto conceito da pureza da ſua Latinidade, diſſe admirado Pomponio Léto: *Que Barbaro he eſte, que taõ elegantemente falla?* E o grande Hieronymo Hozorio, a quem a veneraçaõ univerſal, os Cidadaons Romanos por Antonomazia lhe chamavaõ Cicero Portuguez. Frey Franciſco de Santo Agoſtinho Macedo, que deſpois de ter cheyo de aſſombro as principaes Cortes de Europa, como Theologo, como Poeta, e como doutiſſimo na lingoa Latina, foy para Italia, onde fez heroicos milagres de ingenho.

A todos excedeo o Padre Antonio Vieira, porque foy ouvido naquella Corte com muita differença dos primeiros; por ſerem os ſeus Panegyriſtas o Pontifice, e o Sagrado Collegio; mas quem excedeo a todos na veneraçaõ do ſeu entendimento, foy aquella portentoſa Heroîna, Rainha de Suecia, que naquella Corte ſe achava. Algumas moleſtias o affligiraõ em Roma, por aquelle clima lhe naõ ſer benigno; mas eſtas lhe naõ ſerviaõ de obſtaculo a moſtrar o ſeu agigantado talento, já na defenſa de concluzões, e decidindo propoſtas; e nos negocios politicos deſta Corte pelo ſeu Principe Conſultado: nos pulpitos era admirado; principalmedte nos cinco diſcurſos das pedras de David, que recitou na prezença da Rainha de Suecia, e dos mayores daquella Corte; e foy tal o exceſſivo applauſo, que naquelles cinco diſcurſos alcançou,

cançou; que naõ he poſſivel referillos a penã.

Sahio finalmente de Roma para a Patria em vinte e dous de Mayo de mil ſeis centos ſetenta cinco, deixando naquella Corte immortal a ſua fama. No meſmo anno chegou a Lisboa, em q foy recebido da Nobreza com eſtimaçoens novas e do povo com acclamaçoens antigas: aqui e olhado com reſpeito, ouvido com aſſombro, conſultado como Oraculo. Chegando o anno d oitenta e hum, determinou paſſar á América p achar benignos os ares da Bahia: embarcou-ſe n Almirante da Frota, em vinte e ſete de Janeir do meſmo anno; chegou felismente áquella cap tal da America, quarenta annos deſpois de ter ſ hido della, onde com grandes veneraçoens o re ceberaõ. E poſto naquelle clima mais amoroſo que o da Europa, com o ſeu companheiro o Pa dre Joſeph Soares paſſou para huma caſa de Cam po, que chamaõ a quinta do Tanque, para qu com mais ſocego ſe déſſe todo á oraçaõ, e eſtud dos Livros.

Naõ lhe faltáraõ ainda ahi oppoſiçoens, e moleſtias: neſte tempo hia ordenando para a im preſſaõ os ſeus Sermoens, dos quaes foraõ ſahin do conſecutivamente até onze Tomos; e deſpoi da ſua morte ſahio o duodecimo, que já tinha de todo perfeito, e acabado para a eſtampa; dei xando outras mais obras, e Sermoens, que, ain da que ſejaõ de igual eſtimaçaõ, por lhes faltar a ultima perfeiçaõ ſe naõ tem divulgado, excepto as ſuas cartas, e mais algumas obras, que já ſe deraõ á luz publica. Paſſou para o ſeu Collegio no anno de noventa e ſeis já gravemente enfermo; e

paſſa-

passado que foy hum anno, lhe creſceo de repente huma viva febre com agudas dores, que na diſſipaçaõ das forças em breve deraõ indicios de mortaes; recebeu o Santiſſimo Viatico, com o deſengano de Sábio, ternura de Religioſo; era grande a acerbidade das dores, e quando eſtas o obrigavaõ a romper em algum ſúſpiro, (naõ querendo aquelle grande coraçaõ nem ainda da natureza eſte deſafogo) ſe reportava dizendo: *Fazey, Senhor, deſte voſſo ſervo, o que for voſſa vontade.*

Conhecendo, que era chamado á ultima batalha, ſe armou para entrar nella com o Sacramento da Extrema-Unçaõ: no quinto dia da mortal doença, aos dezoito de Julho de mil ſeiscentos noventa e ſete, livre já das prizoens do corpo, voou aquella grande alma para o Ceo, que para tanta gloria ſua, luſtre da Igreja, e Salvaçaõ das almas a havia Deos criado. Ao meſmo tempo, que ſe apagou aquella luz, que havia de ſer immortal, e paſſou deſte mundo ao porto da felicidade, appareceo ſobre o Collegio hum glóbo de luz clariſſima, eſtrella, que com os ſeus reſplandores muito illuminava. Divulgou-ſe pela Cidade a morte do grande Padre Antonio Vieira; e foy innumeravel o concurſo de toda ella, que veyo admirar o ſeu cadaver: foy eſte em illuſtres braços levado á ſepultura, onde deſcança até ao dia final. Viveu noventa annos; foy Religioſo ſetenta e cinco; e em vinte e ſeis de Mayo de mil ſeiscentos quarenta e quatro fez a ultima profiſſaõ de quatro votos.

Eſte foy o grande Padre Antonio Vieira, meritiſſimo Alumno da nunca aſſás louvada Companhia

panhia de JESUS; de cujo varáõ ſe tem eſcripto as heroicas acçoens em muitos idiomas; e ultimamente em o noſſo pela elegante, e diſcreta penna do Padre André de Barros da meſma illuſtre, e Sagrada Religiaõ; e neſte Prologo rezumidas pelo meu ruſtico, mas ſincero eſtillo: na qual narraçaõ em tudo obediente me ſujeito ao decreto do Beatiſſimo Padre Urbano VIII, e aos que promulgou a Sagrada Congregaçaõ de Ritos, como obediente filho da Santa Madre Igreja Romana.

D. T. A.

INDI-

INDICE
DOS
SERMOENS,
QUE CONTE'M ESTA
Collecçaõ.

SErmaõ I. das Obras de Misericordia a favor dos Pobres. Pag. 3.
Sermaõ II. de S. Antonio, Prégado aos Peixes. 35.
Sermaõ III. do enterro dos ossos dos enforcados. 75.
Sermaõ IV. no ultimo dos quinze dias, em que todas as Igrejas da Cidade da Bahia, tinhaõ feito deprecaçoens a Deos pelo bom succésso das Armas de Portugal, contra as de Hollanda. 107.
Sermaõ V. do desaggravo do SS. Sacramento. 137.
Sermaõ VI. da quinta terça feira da Quaresm. 179.
Sermaõ VII. de N. S. do Rosario. 193.
Sermaõ VIII. de S. Sebastiaõ. 231.
Sermaõ IX. da segunda feira despois da segunda Dominga da Quaresma. 253.
Sermaõ X. da Degollaçaõ de S. Joaõ Baptista. 313.
Sermaõ XI. da Epiphanîa. 345.
Sermaõ XII. da terceira quarta feira da Quaresma. 417.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

INDICE

SERMAM
DAS OBRAS
DE
MISERICORDIA,
QUE PRE'GOU A FAVOR DOS POBRES
O PRINCIPE DOS PRE'GADORES
O P. ANTONIO VIEIRA,
Da Companhia de JESUS,
natural deſta Cidade,
Na Igreja do Hoſpital Real; com o Santiſſimo expoſto.

Reimpreſſo á cuſta
DE D. T. A.
F. do S. Officio.

BIBLIOTECA NACIONAL

LISBOA,
Com todas as licenças neceſſarias. Anno 1753.

Beati pauperes: Beati misericordes. Matth. 5.

§. I.

NAõ só huma, senaõ duas vezes sacramentado, vos contempla a minha consideraçaõ, e vos reconhece, e adóra a minha fé neste dia, e neste lugar, todo poderoso Senhor. Nas duas clausulas, ou nos dous oraculos de vossa Divina palavra, que propuz, vejo beatificada a pobreza: *Beati pauperes*; e tambem beatificada a misericordia: *Beati misericordes.* A misericordia em vós he substancia, a pobreza em nós saõ accidentes: e se eu desta substancia, e destes accidentes quizesse formar algum Sacramento; este Sacramento seria só hum, e naõ só vosso, mas vosso por huma parte, e nosso por outra. Com tudo torno a dizer, que neste dia, e neste lugar vos contemplo, e adoro, naõ huma, senaõ duas vezes sacramentado: e naõ a outro titulo, senaõ da mesma misericordia, nem a outro beneficio, senaõ da mesma pobreza. Oh bemaventurada pobreza, e bemaventurada misericordia! Bemaventurada a pobreza dos pobres, que a este Hospital Real vem buscar o remedio: e bemaventurada a misericordia dos misericordiosos, que nelle os soccorrem, e remedeaõ; pois a pobreza de huns, e a misericordia de outros, para huns, e para outros vos sacramentou outra vez. Este será, Senhor, com vossa licença, e graça, o argumento do meu discurso hoje. Vós o encaminhay, como novo: vós o alentay, como fraco: vós o alumiay, como rude, e por intercessaõ de vossa santissima Mãy, vós o assisty, como vosso. *AVE MARIA.* Matth. 5. 3.

§ II.

NEste grande, e formoso theatro da piedade Christã (em que a mesma piedade junta em corpo de Congregaçaõ he a principal, e melhor parte do mesmo theatro) as duas figuras, ou personagens, que hoje entraõ a representar, he a Pobreza, e a Misericordia, ambas em habito de bemaventurança: *Beati pauperes: Beati misericordes.*

Começando pela pobreza; eſte nome taõ mal avaliado entre os homens tem duas ſignificações. Ha pobreza, diz S. Agoſtinho, que he virtude, e pobreza, que he miſeria. A pobreza, que he virtude, he a pobreza voluntaria, com que ſe deſprezaõ todas as couſas do mundo. A pobreza, que he miſeria, he a pobreza forçada, com que ſe carece deſſas meſmas couſas, e ſe padece a falta de todas. Suppoſta eſta diviſaõ, em que naõ ha duvida, duvido agora, e pergunto: ſe a pobreza, que he miſeria, he tambem bemaventurada, ou naõ? A pobreza, que he virtude, eſſa he a canonizada por Chriſto, e a eſſa ſe promette o Reyno do Ceo: *Beati pauperes ſpiritu, quoniam ipſorum eſt Regnum Cœlorum.* Porém a pobreza, que he miſeria, á qual nem ſe promette os bens do Ceo, nem ella poſſue os da terra, antes padece a falta de todos, parece, que naõ póde ſer bemaventurada. Malaventurada ſim, porque para eſta pobreza naõ ha ventura; malaventurada ſim, porque todos a deſprezaõ, e fogem della: malaventurada ſim, porque ainda para ſe conſervar na meſma miſeria, ha de pedir, e depender da vontade alhea, que he a ſorte mais triſte. Com tudo, he tal a bondade de Deos, e taõ larga a immenſidade de ſua Providencia, que até a pobreza, que he, e ſe chama miſeria, fez bemaventurada. E porque, ou de que modo? Porque neſta meſma pobreza inſtituio Chriſto hum novo, e ſegundo Sacramento, naõ de outra, ſenaõ de ſua propria Peſſoa, tranſformando-ſe a ſi meſmo em todos os pobres do mundo, e do modo que logo vereis, conſagrando-ſe nelles. De ſorte, que aſſim como naquella Hoſtia conſagrada, e em todas, e cada huma eſtá todo Chriſto, aſſim eſtá todo em todos os pobres, e todo em cada hum. Os pobres da pobreza, que he virtude, ſaõ bemaventurados, porque haõ de ver a Deos, os pobres da pobreza, que he miſeria, ſaõ bemaventurados, porque nelles eſtá Deos. Eſta he a razaõ, e o fundamento, porque ſe atreveo a dizer a mi-

nha

nha fé, que neste dia, e neste lugar está Christo duas vezes sacramentado. Os que hoje com tanta piedade, e devoçaõ visitastes as enfermarias deste Hospital, que vistes nellas, senaõ pobres miseraveis, em que a pobreza veyo buscar o remedio, e a miseria a misericordia? Pois sabey, que em todos esses pobres está o mesmo Christo, que adoramos naquella Hostia. Porque cremos, que está Christo naquella Hostia? Porque elle o disse. Pois essa mesma, e naõ outra he a prova, q̃ temos para crer, q̃ está nos pobres.

§. III.

NO dia do Juizo quando Christo chamar para o premio da bemaventurança a todos os Santos, (que naõ era bem nos faltasse ao menos a sua memoria no seu dia, pois a obrigaçaõ he outra) as palavras, e o relatorio daquella gloriosa sentença seraõ estas: *Venite benedicti Patris mei possidere paratum vobis Regnum: esurivi enim, & dedistis mihi manducare, sitivi, & dedistis mihi bibere, hospes eram, & collegistis me; nudus, & cooperuistis me; infirmus, & visitastis me: in carcere, & venistis ad me.* Vinde bemditos de meu Padre possuir o Reyno, que vos está aparelhado: porque tive fome, e me déstes de comer; tive sede, e me déstes de beber; era peregrino, e me hospedastes; andava despido, e me vestistes; estava enfermo, e no carcere, e me visitastes. Ouvida esta sentença taõ alegre, e venturosa para todos os que a mereceraõ ouvir, que fariaõ? Cuidava eu, que prostrados por terra dariaõ a Christo as graças, e logo a si mesmos o parabem, naõ cabendo dentro em si de prazer: mas o que fizeraõ, foy como pôr embargos á sentença, e appellar, ou aggravar dos fundamentos della. Diz o Evangelista, que responderaõ: E quando fizemos nós, Senhor, essas obras, que allegais por nossa parte, e premiaes como merecimẽtos nossos: *Quando te vidimus esurientem, & pavimus te sitientem, & dedimus tibi potum.* Quando vos vimos nós com fome, e vos démos de comer, ou com sede, e vos démos de beber: *Quando te vidi-* Matth. 25 34. 35 36.

vidimus hospitem, & collegimus te, aut nudum, & cooperuimus te? Quando vos vimos peregrino, e vos hospedámos, e despido, e vos vestimos: *Aut quando te vidimus infirmum, aut in carcere, & venimus ad te?* Ou quando vos vimos enfermo, e no carcere, e vos visitámos? Isto he o que replicáraõ sobre a sua sentença os Bemaventurados, e com replica muito bem fundada, e verdadeira; porque todos, ou quasi todos naõ tinhaõ visto a Christo, e muito menos naquellas occasioens de necessidade, ou pobreza, em que o soccorressem. Pois, Senhor, se estes homens nem vos viraõ, nem vos soccorreraõ com essas obras de charidade que referís, como as allegais na sua sentença, e por ellas os premiais com a Bemaventurança?

Só Christo podia responder a esta replica: e assim foy elle, o que logo respondeo, declarando a mesma sen- *Ibid 40.* tença, e a verdade, do que nella tinha allegado: *Et respondens Rex, dicet illis: Amen dico vobis, quandiu fecisti uni ex his fratribus meis minimis, mihi fecistis.* He verdade, respondeo o Senhor, que vós naõ me vistes como dizeis; mas eu vos digo, e vos affirmo com juramento, ser tambem verdade, que me fizestes tudo, o que eu alleguey na vossa sentença, porque bem lembrados estareis, que todas aquellas obras de charidade as fizestes aos pobres, e tudo o que fizestes a cada hum delles, me fizestes a mim: *Quod uni ex his minimis fecistis, mihi fecistis* De sorte, que quando o pobre padeceo o seu trabalho, e a sua necessidade, padece-a Christo: *Esurivi, sitivi*; e quando vós soccorreis, e fazeis a esmola ao pobre, fazeila a Christo, *mihi fecistis*: logo ou Christo está no pobre, ou he o mesmo pobre. A primeira destas consequencias he de S. Cypriano, a segunda de S. Pedro Chrysologo, e ambas de todos. Para o homem soccorrer, e fazer esmola ao pobre, bastava ser homem como elle; mas quiz Christo estar no mesmo pobre, diz Cypriano, para que quando naõ fosse bastante motivo de o soccorrermos, este respeito do que elle he, nos obri-

obrigasse a naõ deixar de o fazer reverencia, e dignidade de quem nelle está, que he Christo: *Ut qui respectu fratris non movetur, vel Christi contemplatione moveatur; & qui non cogitat in labore, & egestate conservum, vel Dominum cogitet in illo ipso, quem despicit, constitutum.* Notem-se com particular advertencia estas ultimas palavras, *in illo ipso constitutum*: que naõ só significaõ estar Christo no pobre de qualquer modo, senaõ estar nelle permanentemente. Mas menos era, ou seria, se Christo se contentasse só com assistir, e estar no pobre; o mais he, diz S. Pedro Chrysologo, que naõ só quiz assistir, e estar nelle; mas o mesmo Christo se fez, e quiz ser o mesmo pobre: *Quod si Deus amore pauperis sic deponat, ut non adsit pauperi, sed ipse sit pauper.* O assistir, e o estar no pobre, póde-se entender conservando-se a differença das pessoas entre a de Christo, e a do pobre; mas o ser naõ se póde verificar senaõ passando a differença a constituir identidade, e sendo o pobre o mesmo Christo, e o mesmo Christo o pobre: *Ut ipse sit pauper.*

E como neste occulto, e profundo arcano da misericordia, e bondade Divina Christo por particular modo de assistencia está no pobre, e o pobre por particular modo de identidade se converte em Christo; este he o segundo Sacramento do mesmo Senhor, com que eu dizia, que a pobreza, e misericordia o tornou a sacramentar segunda vez. Excellentemente S. Joaõ Chrisostomo, comparando as palavras da Consagraçaõ com as da sentença do dia do Juizo, e humas, e outras pronunciadas pelo mesmo Christo: *Qui dixit: Hoc est Corpus meum, hic dixit, esurientem me cibastis*: Aquelle Senhor, que disse: Este he meu Corpo, esse mesmo disse, tive fome, e me déstes de comer. E assim como pela virtude daquellas palavras nos ensina a Fé, que está Christo realmente debaixo das especies de paõ; assim nos certifica (diz o mesmo Chrysostomo) que está tambem realmente debaixo das espe-

cies

cies do pobre: *Si ſpeciem apparentem ſpectes, nudum induis, re autem vera Chriſtum operis.* Ponderay muito o *re autem vera.* E ſe alguem me perguntar, ou ao meſmo Santo, como formou Chriſto de huma taõ differente materia, qual he o pobre, outro ſegundo Sacramento taõ ſemelhante ao primeiro reſponde por Chryſoſtomo Chryſologo, ambos com palavras de ouro: *Sed quomodo aut in ſe transfuderit pauperem, aut ſe in pauperem fuderit, dicat ipſe jam nobis. Eſurivi, (inquit) & dediſtis mihi manducare. Non dixit, eſurivit pauper, & dediſtis illi, ſed eſurivi ego, & dediſtis mihi.* Naõ diſſe Chriſto, o pobre teve fome, e vós lhe déſtes de comer a elle, ſenaõ, eu tive fome, e me déſtes de comer a mim; e eſte foy o modo de huma transeffuſaõ, diz Chryſologo, com que o meſmo Senhor ſe infundio no pobre, ou refundio o pobre em ſi: *Quomodo in ſe transfuderit pauperem, aut ſe in pauperem fuderit.* Até os Gentios reconheceraõ nos pobres, e miſeraveis algum genero de conſagraçaõ, por onde diſſe altamente Seneca: *Res eſt ſacra miſer.* Na conſagraçaõ propriiſſima da Euchariſtia a ſubſtancia de paõ converteſe em ſubſtancia de Chriſto, e a eſta converſaõ de ſubſtancias chamaõ os Theologos tranſubſtanciaçaõ: na conſagraçaõ, a ſeu modo, da pobreza infunde ſe a Peſſoa de Chriſto no pobre, ou a do pobre em Chriſto, e a eſta converſaõ de peſſoas chamou Chryſologo transeffuſaõ: *Se in pauperem transfuderit.* Taõ parecido he Chriſto a ſi meſmo em hum, e outro Sacramento, e tanto merece a ſemelhança do ſegundo o nome do primeiro.

§. IV.

A Replica dos Juſtos, quando Chriſto os chamou para a Bemaventurança, taõ fóra eſteve de fazer duvidoſo eſte nome de Sacramento, q̃ antes foy mayor confirmaçaõ delle. Que differaõ todos aquelles, que pelas obras de miſericordia exercitadas com os pobres mereceraõ ouvir taõ venturoſa ſentença? O que differaõ, ou replicaraõ, foy,

foy: *Domine, quando te vidimus esurientem, & sitientem:* Senhor, quando vos vimos com fome, ou com sede? *Domine, quando te vidimus hospitem, aut nudum?* Senhor, quando vos vimos peregrino, ou despido? *Dom ne, quando te vidimus infirmum, aut in carcere?* Senhor, quando vos vimos enfermo, ou encarcerado? E porque fizeraõ taõ repetidamente esta pergunta? Porque ainda naõ tinhaõ ouvido da boca do mesmo Christo: *Quod uni ex his minimis fecistis, mihi fecistis.* Se aquelles Santos souberaõ, que Christo estava encuberto debaixo das especies dos pobres, e sacramentado nelles, entenderiaõ claramente, que essa era a razaõ manifesta de o naõ terem visto, nem poderem ver. Porque naõ vemos nós a Christo naquella Hostia, sabendo de certo, que está nella? Porque tambem sabemos, que está nella por modo sacramental, e que he proprio, e essencial do Sacramento, aquillo mesmo, que crê a fé, ocultarse á vista. De sorte, que quando Christo disse, que o que se fazia ao pobre, se fazia a elle: *Quod uni ex his fecistis, mihi fecistis,* entaõ revelou, e declarou o Senhor, que estava no pobre: e quando os que isto ouviraõ, responderaõ, que nunca tinhaõ visto a Christo: *Domine quando te vidimus?* entaõ confirmaraõ, que estava Christo no mesmo pobre, por modo de sacramentado, pois estava invisivel debaixo de especies visiveis, que he a essencia do Sacramento.

Daqui se infere em seguimento da mesma paridade, que assim como o Sacramento da Eucharistia, he o primeiro mysterio da Fé, assim o da pobreza he o segundo. Porque he, e se chama por Antonomasia mysterio da Fé o Sacramento do Altar? Porque nelle vemos huma cousa, e cremos outra. Vemos paõ, e cremos, que alli está Christo. Pois do mesmo (ou ao mesmo modo) quando olhamos para o pobre, vemos o pobre, e naõ vemos Christo; mas no mesmo pobre, que vemos, cremos que está Christo, que naõ vemos: e naõ por outro motivo, senaõ pelo proprio,

e eſſencial da Fé. O motivo, ou razaõ formal, como fallaõ os Theologos, porque cremos o que enſina a Fé, he a authoridade Divina: creyo, o que Deos diſſe, porque elle o diſſe. Eſta foy a altiſſima, e Divina Theologia, com que Chriſto reſpondeo aos Judeos, quando duvidáraõ de elle haver de dar a comer aos homens a ſua carne: *Quomodo poteſt hic nobis carnem ſuam dare ad manducandum?* Bem podéra o Senhor reſponder ao *quomodo* da ſua duvida, declarandolhes o modo do meſmo myſterio: mas o que reſpondeo, foy tornar a dizer o meſmo, que tinha dito: *Niſi manducaveritis carnem Filii hominis, non habebitis vitam in vobis*: porque? Porque toda a razaõ de ſe crer o que elle dizia, era dizello elle. Eſta he toda a razaõ de ſer myſterio da Fé o eſtar Chriſto no Sacramento; e eſta he tambem toda a razaõ de ſer myſterio da Fé o eſtar Chriſto no pobre. Por iſſo, querendo S. Baſilio Magno perſuadir eſta meſma verdade, o que diſſe, como refere S Joaõ Damaſceno, foy: *Crede Deo, qui beneficia ea, quæ in oppreſſum conferuntur, tanquam in ſe ipſum collata accipiet.*

Joan. 6. 54.

§. V.

E Se vos parece que he igualmente difficultoſo (ou ainda mais) eſtar Chriſto taõ verdadeiramente encuberto em hum homem, como naquellas eſpecies ſacramentaes, ouçamos a Iſaías: *Tantum in te eſt Deus, & non eſt abſque te Deus, verè tu es Deus abſconditus*: Só em vós eſtá Deos, e fóra de vós naõ eſtá Deos, e vós verdadeiramente ſois Deos eſcondido. Palavras ſobre todo encarecimẽto grandes, admiraveis, eſtupendas, tremendas, e que, ſe naõ foraõ do meſmo Deos, naõ ſe podéraõ crer! Mas de quem, e com quem fallava Iſaías? Naõ ha duvida, que fallava del Rey Cyro, e com o meſmo Rey Cyro. Pois em Cyro, que era hum homem como os outros, (porque a coroa naõ os faz de outra eſpecie) em Cyro eſtá Deos, e fóra de Cyro naõ eſtá Deos, e o meſmo Cyro he Deos eſcondido? Sim, Para que nos naõ admiremos, de que Deos poſſa

Iſai. 45 14. 15.

posſa eſtar em algum homem, e naõ eſtar nos outros, e que eſſe meſmo homem verdadeiramente ſeja Deos encuberto, e eſcondido: *Verè tu es Deus abſconditus.* Eſte he o ſentido literal daquelle Texto, o qual maravilhoſamente ſe correſponde com o noſſo. Lá eſtá Deos em Cyro, *in te eſt Deus*; cà eſtá Chriſto no pobre: lá eſtá Deos em Cyro, e naõ eſtá nos outros homens: *Non eſt abſque te Deus*; cà eſtá Chriſto nos pobres, e naõ eſtá nos que naõ ſaõ pobres: lá verdadeiramente Cyro he Deos encuberto, e eſcondido: *Verè tu es Deus abſconditus*; cà verdadeiramente o pobre he Chriſto eſcondido, e encuberto: finalmente lá, porque Deos em Cyro obrava nelle, e com elle a liberdade do cativeiro de Iſrael: *Deus Iſrael Salvator*; e cà, porque Chriſto no pobre padece nelle, e com elle a ſua pobreza, *eſurivi*, e recebe nelle, e com elle o bem, que lhe fazem, *mihi feciſtis* Os disfarces naõ mudaõ a peſſoa: eſcondida, e deſcuberta he a meſma. Quando Chriſto appareceo á Magdalena em trajos de hortelaõ, alli eſtava Chriſto; mas a Magdalena naõ via mais, que o hortelaõ: quando o meſmo Chriſto caminhava com os Diſcipulos de Emaûs em habito de peregrino, alli eſtava Chriſto; mas os Diſcipulos naõ viaõ mais, que o peregrino. Do meſmo modo quando S. Martinho deu metade da capa ao pobre, naõ via mais que o pobre; mas alli eſtava Chriſto, como o meſmo Senhor ſe moſtrou aos Anjos cuberto com a meſma capa: *Martinus hac me veſte contexit.* Aſſim foy naquelle caſo, e aſſim he ſempre ſem diferença alguma. Nos pobres, que eſtaõ pedindo nos degraos deſta Igreja, e nos que andaõ por eſſas ruas eſtá o meſmo Chriſto; tanto aſſim, que quando vos pedem a eſmola, e lhe dizeis: Perdoay por amor de Deos; com a meſma verdade lhe podereis dizer: Perdoay por amor de vós: *Verè tu es Deus abſconditus.*

Mas o melhor, e mayor parallélo deſta ſemelhança, naõ he Cyro no throno da Perſia, ſenaõ Chriſto no thro-

no daquelle Altar, como sacramentado. Saõ Jeronymo, Santo Ambrosio, Santo Athanasio, S. Cyrillo, S. Epiphanio, Procopio, Theodorêto, e os outros Padres cõmummente em sentido tambem literal, e profetico dizem, que estas palavras se entendem do Verbo depois de encarnado, no qual esteve a Divindade encuberta, e escondida debaixo da humanidade. E passando, ou sobindo do sentido literal ao mystico, as entendem os Doutores, principalmente modernos, do mesmo Christo no Sacramento, em que o estar escondido se verifica ainda com mayor propriedade, e energia: porque, como nota S. Thomás, em Christo absolutamente estava só escondida a Divindade, e no mesmo Christo em quanto sacramentado está escondida a Divindade, e mais a humanidade; a Divindade debaixo da substancia humana, e a humanidade debaixo dos accidentes sacramentaes. De maneira, que alli está encuberto, e escondido todo Christo, isto he, toda a Divindade, e toda a humanidade de Deos: *Vere tu es Deus absconditus.* E tal, ou semelhante he o modo, com que Christo está escondido, e encuberto no pobre: porque no pobre naõ basta o ser homem para Christo estar nelle, (que por isso naõ está nos outros homens) mas he necessario ser homem debaixo dos accidentes da fome, da sede, da desnudez, e de outras miserias, e necessidades, de que se compoem, ou descompoem a pobreza. Assim o exclama o grande Chrysostomo tantas vezes benemerito em todos os pontos deste discurso: *Prob quanta paupertatis est dignitas! Dei Personam induit, in paupertate absconditur Deus.* Oh quam grande he a dignidade da pobreza! o pobre despido veste a Pessoa de Deos, e o mesmo Deos está escondido no pobre.

§. VI.

E Em qual pobre? Indifferentemente em todos, e em cada hum: que he a propriedade, que só nos faltava para complemento da semelhança. Assim como Chris-

to

sto no Sacramento do Altar, sendo hum só, naõ está só em huma Hostia consagrada, senaõ em todas, e qualquer dellas; assim neste segundo Sacramento, naõ só está em hum pobre, senaõ em todos, e cada hum, sendo elles muitos, e Christo nelles hum só, e o mesmo. A casa de Abrahaõ no Valle de Mambre era hum hospital commum de todos os peregrinos. Por isso naõ sendo elle o mais antigo no Limbo dos Padres, se lhe deu a superintẽdencia, ou provedoria daquelle diversorio universal, e se chamou Seyo de Abraham. Chegaraõ pois alli a horas de comer tres peregrinos, e sem alforge como pobres, agasalhou-os Abraham, e servio-os por sua propria pessoa com o melhor da casa. Mas sendo tres, nota a Escritura, e he modo de urbanidade muito notado, que naõ lhe chamou Senhores, senaõ Senhor: *Domine, si inveni gratiam in oculis tuis, ne transeas servum tuum*: Senhor, se achey graça em vossos ólhos, fazeime mercê de naõ passar adiante sem vos servir desta choupana. Pois se os peregrinos eraõ tres, *tres viri*, e Abraham os tratava com tanta reverencia, e cortesia, porque naõ lhes chamou Senhores, senaõ Senhor? Respõde S. Agostinho, que como eraõ peregrinos, entendeo, e creo Abrahaõ, que nelles estava Deos, e medindo as suas palavras mais com a fé do que cria, que com o numero dos q̃ via, por isso lhes chamou Senhor, e naõ Senhores: *Abraham in tribus viris Dominum agnoscebat, cui per singularem numerum loquebatur, etiam cum eos homines esse arbitrabatur.* Genes. 18. 13.

Naquelle Altar, e nestes temos hum excellente exemplo do que fez Abraham, e declarou Agostinho. Se nestes tres Altares se differem ao mesmo tempo tres Missas, e nestes estiverem tres Hostias consagradas; diremos com toda a propriedade, que no primeiro Altar está o Senhor, no segundo o Senhor, e no terceiro o Senhor. E diremos tambem, que nos tres Altares, e nas tres Hostias estaõ os Senhores? Naõ. Porque ainda que os Altares,

e as

e as Hoſtias ſejaõ tres, o Senhor, que nellas eſtá, he hum ſó. Pois eſte meſmo myſterio do Sacramento he, o que ſe repreſentou nos peregrinos do hoſpicio de Abraham, e o que temos preſente nos pobres deſte Hoſpital. Elles muitos, porém o Senhor, que eſtá nelles, hum ſó: e eſſa he outra nova, e maravilhoſa circumſtancia, com que Abraham tendo fallado ao Senhor como a hum, quando paſſou ao remedio, e regalo dos peregrinos, os tratou como muitos: *Lavate pedes veſtros, requieſcite ſub arbore, confortate cor veſtrum, poſtea tranſibitis*: Lavareis os pés, deſcançareis, comereis, e depois continuareis voſſo caminho. De ſorte, que para o remedio, e regalo eraõ muitos, e para a veneraçaõ hum ſó, *Domine*. Entray agora neſſas enfermarias com a fé, e com a viſta. O que vereis com a viſta, ſaõ muitos enfermos jazendo cada hum no ſeu leito, curados, e aſſiſtidos com grande charidade; mas o que deveis crer com a fé he, que em todos, e cada hum delles eſtá Chriſto. Eſte foy o engano daquella Alma, que nos Canticos de Salamaõ buſcava ao meſmo Chriſto, e o naõ achou: *In lectulo meo quæſivi, quem diligit anima mea, quæſivi illum, & non inveni*: Eu, dizia ella, buſquey ao meu amado no meu leito, e naõ o achey. E vós buſcais a Chriſto no voſſo leito? Por iſſo o naõ achais: hide buſcalo no leito deſles pobres enfermos, e logo o achareis. No leito da Cruz eſtava Chriſto cheyo de chagas, e de dores, e agonizando com a morte, e aſſim como á cabeceira daquelle leito tinha hum titulo, que dizia: *Hic eſt Jeſus*; aſſim ſe poderàõ eſcrever as meſmas letras em cada hum deſles leitos. He verdade, que entre elles vereis alguns taõ eſtropeados, e deſpedaçados da guerra, que mais parecem partes de homens, que homens; mas aſſim como na Hoſtia partida, e feita pedaços eſtá Chriſto inteiro: *Non confractus, non diviſus, integer accipitur*; aſſim eſtá o meſmo Senhor taõ inteira, e perfeitamente naquelles, como nos demais. Em ſumma, parece que neſte ſegundo

Geneſ. 18. 5.

Cant. 1. 3.

Matth. 27. 37.

Sacra-

Sacramento taõ real, e verdadeiramente está Christo em todos, e cada hum dos pobres, como no Sacramento do Altar está em todas, e cada huma das Hostias consagradas. Porque assim como o mesmo Senhor se consagrou naquelle soberano mysterio da Fé por virtude das suas palavras, quando disse: *Hoc est corpus meum*, assim (por seu modo) se consagrou neste mysterio da charidade por virtude das palavras tambem suas, quando disse: *Quod uni ex his minimis feciſtis, mihi feciſtis.*

§. VII.

TEmos visto a Christo Deos, e Senhor N. (como supuz no principio) duas vezes, e por dous modos sacramentado, huma vez em paõ, e outra no pobre. Agora resta saber, a que fim (que he o ponto principal, e o fecho de todo este discurso.) a que fim, tendo-se Christo sacramentado huma vez em paõ, se quiz sacramentar outra vez no pobre? Digo, que se sacramentou em paõ, para nos sustentar a nós, e que se sacramentou no pobre, para que nós o sustentassemos a elle. No capitulo vinte e nove dos Proverbios escreveo Salamaõ hum, no qual os Interpretes divididos em sete, ou oito sentidos lhe chamaõ com razaõ enigma; e diz assim: *Pauper, & creditor obviaverunt sibi; utriusque illuminator est Dominus.* O pobre, e o accredor se encontráraõ, e Deos os alumiou a ambos. Se os alumiou, parece que caminhavaõ ás escuras, e por isso deviaõ de se encontrar, que os pobres sempre fogem dos accredores. Como o accredor tinha por devedor ao pobre, naõ tinha de quem cobrar a divida; e como o pobre sobre pobre estava endividado, naõ tinha com que sustentar a vida. Estes eraõ os dous grandes apertos daquelle encontro, dos quaes para que achassem boa sahida, foy necessario, que Deos os alumiasse, como alumiou; porque ao accredor deu modo, com que cobrar, e ao pobre com que viver: *Utriusque illuminator est Dominus.* Mas quem he este accredor, e quem este pobre? O accredor Prov. 29 13.

credor he Chriſto no Sacramento do Altar, onde eſtá debaixo de eſpecies de paõ para nos ſuſtentar a nós, e onde nós o comemos. Mas eſta divida nem nós lha podemos pagar, nem elle a póde cobrar de nós no meſmo Sacramento, porque para lhe pagar com igualdade, haviamos de ſuſtentar ao meſmo Senhor, como elle nos ſuſtenta; e Chriſto naquelle Sacramento eſtá em repreſentaçaõ de morto, e como morto póde ſer comido, mas naõ póde comer. Que meyo logo, ou que remedio para o accredor ter com que ſe pagar, e o pobre com que viver? O meyo foy tal, que ſó a luz Divina o podia deſcobrir, e conciliar. Aſſim como o accredor ſe ſacramentou em paõ, ſacramente-ſe tambem no pobre: e como eſtiver ſacramentado no pobre, logo nós, que ſomos os devedores, lhe poderemos pagar, porque lhe daremos de comer, e o ſuſtentaremos a elle, aſſim como elle nos dá de comer, e nos ſuſtenta a nós; elle a nós como ſacramentado em paõ, e nós a elle como ſacramentado no pobre.

Eſte he o verdadeiro ſentido do enigma de Salamaõ, o qual ſe póde confirmar com outro enigma mais celebre, que he o de Samſaõ. Depois que Samſaõ matou o Leaõ, que lhe ſahio ao caminho, e depois achou, que na boca lhe tinhaõ fabricado as abelhas hum favo de mel, deſta hiſtoria, que era occulta, formou hum enigma, cuja letra dizia: *De comedente exivit cibus.* Do que comeu ſahio o comer. S. Agoſtinho, S. Ambroſio, S. Paulino, e outros Santos entendem por eſte Leaõ, naõ ſó a Chriſto Leaõ de Judá, mas nomeadamente a Chriſto ſacramentado, do qual quando comeo ſahio o comer, porque na Cêa inſtituio o Santiſſimo Sacramento. Eu porém reparo, que ainda que a letra diz muito bem com o ſentido do enigma, naõ diz bem com a figura. O Leaõ naõ comeo, nem foy comedente; faminto ſim, porque ſahio ao caminho buſcando de comer. E ainda que na boca ſe lhe achou o favo, nem o comeo, nem o podia comer, porque

Judic. 14. 14.

que estava morto. Pois se o Leaõ naõ foy comedente, senaõ faminto, parece que devia de dizer a letra, que do faminto sahio o comer, e naõ do comedente. Como se ha de entender logo do Sacramento assim a figura, como a letra? Eu o direy. Christo sacramentado naõ huma, se naõ duas vezes, em huma, e outra he propriamente como o Leaõ de Samsaõ: Sacramentado no pobre, he como o Leaõ faminto; sacramentado no paõ (a que a Igreja chama *Pane suavissimo de Cœlo præstito*) he como o Leaõ, que naõ comeo; mas deu a comer o favo. Deste comer pois, que se acha em hum Sacramento, e desta fome, que se acha no outro, se verifica propriissimamente a figura, e mais a letra do enigma. Porque? Porque todo aquelle, que come a Christo sacramentado no paõ, he obrigado a sustentar, e matar a fome ao mesmo Christo sacramentado no pobre: logo esta foy a significaçaõ da figura do Leaõ em ambos os estados, e este he o sentido da letra de Samsaõ em ambos os Sacramentos; e aqui só se verifica, que do que come sahe o comer: *De comedente exivit cibus.*

Disse, que todo o que come a Christo em hum Sacramento, tem obrigaçaõ de o sustentar, e lhe dar de comer no outro, e naõ he menos, que verdade Evangelica da mesma boca Divina, de que sahiraõ as fórmas de ambos estes Sacramentos. Sendo já noite, bateo á porta de hum amigo outro amigo, (diz Christo) pedindo que lhe emprestasse tres pães, porque áquella hora chegára a sua casa hum hospede, e naõ tinha com que o agalhar: *Amice, commoda mihi tres panes, quoniam amicus meus* Luc. 11. *venit de via ad me, & non habeo quod ponam ante illum.* O s. 6. que pondera, e nos manda aqui ponderar S. Bernardo, he pedir este homem ao amigo aquelles pães naõ dados, senaõ emprestados: *Notandum quòd non ait, da mihi, sed commoda mihi*; e o mayor reparo, ou pezo desta ponderaçaõ, he ser Christo o Author da Parabola. Se fora hi-

ſtoria acontecida, e naõ Parabola, diſſeramos, que aquelle homem, ou era muito deſconfiado, ou pouco cortez, pois ſendo o que pedia couſa de taõ pouco valor, aggravava, e afrontava o amigo em lha pedir por empreſtimo. Mas como o Author da Parabola, e deſta petiçaõ, e modo de pedir foy Chriſto; que myſterio, e que razaõ teria o Senhor, para introduzir aquelle paõ como empreſtado, e naõ como dado? A razaõ, e myſterio foy, porque no meſmo paõ, poſto que uſual, e da terra, repreſentava a Parabola o Paõ, que deſceo do Ceo, o Santiſſimo Sacramento. Aſſim o entendem graves Authores, e todas as circumſtancias do caſo o provaõ. A hora da noite, em que ſe negociou aquelle paõ, he a propria, em que a primeira vez foy convertido o paõ em Corpo de
1. Cor. 11. 23. Chriſto: *In qua nocte tradebatur*; o pedillo hum amigo a outro amigo, e para outro amigo, tudo eſtá ſignificando o meſmo Sacramento, que além de ſer Sacramento de amor, ſempre ſuppoem graça, e amizade entre Chriſto, que o dá, e o homem, ou homens, que o recebem: nem o numero de tres he alheyo do myſterio; porque as partes de que ſe compoem, ſaõ Corpo, Sangue, e Alma do meſmo Chriſto, aſſiſtido tambem das tres Peſſoas Divinas, que pela uniaõ inſeparavel ſe o naõ compoem, o acompanhaõ. E como naquelle Paõ ſe repreſentava o Sacramento do Altar, por iſſo o introduzio Chriſto naõ como dado, ſenaõ como empreſtado: *Commoda mihi*; porque o que ſe dá, he ſem outra obrigaçaõ; porém o qué ſe empreſta, he com obrigaçaõ de ſe pagar, e quando Chriſto no Sacramento do Altar ſe nos dá, e nos ſuſtenta em quanto ſacramentado em paõ, he com condiçaõ, e obrigaçaõ, de que lhe havemos de pagar eſſe meſmo paõ, ſuſtentando-o tambem a elle em quanto ſacramentado no pobre. Ainda tem eſte empreſtimo mayor propriedade, e energia. Onde a noſſa vulgata lê, *commoda mihi*, o Original Grego, em que eſcreveo o Evangeliſta, tem, *da mihi mutuo*. E que

que differença ha entre o empreſtimo, que ſe chama commodato, e o empreſtimo, que ſe chama mutuo? A differença he, que no commodato hey de pagar reſtituindo aquillo meſmo, que me empreſtáraõ: pedivos empreſtada a voſſa eſpada, heyvos de reſtituir a meſma eſpada: porém no mutuo naõ ſou obrigado a pagar com o meſmo, ſenaõ com outro tanto: pedivos empreſtado hum moyo de trigo, naõ vos hey de pagar com o meſmo trigo, ſenaõ com outro. E eſte he o modo, com que pagamos a Chriſto, em quanto ſacramentado no pobre, hum paõ com outro paõ. Naõ o meſmo paõ, ſe naõ outro; porque o paõ, que nos dá Chriſto, he o paõ do Ceo, e da vida eterna; e o que nós pagamos ao pobre, he o paõ da terra, e da vida temporal: mas em hum, e outro, tanto por tanto, porque taõ neceſſario he eſte para eſta vida, como aquelle para a outra.

Em fim fechemos eſte diſcurſo, já naõ em Parabola, ou ſemelhança, ſenaõ realmente, e em ſua propria Peſſoa o meſmo Chriſto. Reveſtida a Peſſoa de Chriſto em trajo de pobre, ou transformado nelle, diz aſſim no capitulo terceiro do Apocalyſe: *Ecce ego ſto ad oſtium, & pulſo: ſi quis audierit vocem meam, & aperuerint mihi januam, intrabo ad illum, & cœnabo cum illo, & ipſe mecum.* Eu como pobre, diz Chriſto, eſtou batendo, e chamando á porta: ſe o dono da caſa me abrir, entrarey, e comerey com elle, e elle comigo. Eſtas ultimas palavras, e elle comigo, parece que encontraõ, o que dizem as primeiras. Que o pobre, que bate á porta, e pede eſmola, diga que ſe o dono lhe abrir, e o receber, e o puzer á ſua meſa, comerá com elle, *& cœnabo cum illo*; iſſo he o que o pobre deſeja, e pertende, e o que fará; porque comer com o dono da caſa, he comer da ſua meſa, e o q̃ elle lhe der. Porém que accreſcente o pobre, e prometta, que tambem o dono da caſa comerá com elle, iſto he, com o meſmo pobre, *& ipſe mecum*; parece que naõ he fallar coherente. Porque ſe

Apoc. 3. 19. 20.

se comer o pobre com o dono da casa, he comer o que lhe der o dono da casa; tambem comer o dono da casa com o pobre he comer, o que lhe der o pobre: e isto naõ diz com quem pede huma esmola pelas portas: *Ego esto ad ostium, & pulso.* A soluçaõ, e a coherencia desta, que o naõ parece, toda está naquelle *ego*. Aquelle *ego* de Christo sem disfarce Senhor, e com disfarce pobre: como pobre come á mesa alhea, como Senhor dá de comer á sua: e porque dá de comer á sua como Senhor, por isso se naõ despreza de comer á alhea como pobre. E para que ninguem duvide destas duas mesas, e deste reciproco comer, sendo o que pede, e o que dá o mesmo Christo; elle naquella brevissima conclusaõ declarou por sua palavra, e debaixo de sua firma, tudo quanto dissemos atégora; porque em quanto sacramentado em paõ, nós comemos á sua mesa, e com elle; e em quanto sacramentado no pobre, elle come á nossa mesa, e comnosco: *Cœnabo cum illo, & ipse mecum.*

§. VIII.

ESte he o fim, como dizia, porque Christo Senhor N. depois do Divinissimo Sacramento do Altar, se sacramentou tambem no humanissimo dos pobres. E se os que tem por devoçaõ, ou officio exercitar com elles as obras de misericordia, quizerem saber em qual destes dous Sacramentos se dará o mesmo Senhor por mais bem servido, confiadamente digo, q̃ onde o servimos como pobre.

Primeiramente he sentença universal do mesmo Chris- *Actor. ao. 35.* to: *Beatius est magis dare, quam accipere*: que melhor he dar, que receber: logo a obra de misericordia, com que soccorremos, e sustentamos o pobre, muito mais agradavel deve ser ao mesmo Senhor; porque no Sacramento recebemos o seu paõ, ao pobre damos o nosso. E se alguem replicar, que neste dar o nosso, e receber o seu, naõ só ha grande, senaõ infinita differença; porque o que recebemos he Deos, e o que damos he esmola. Respondo, que ainda na consideraçaõ desta differença fica muito melhor

melhorado o que dá ao que recebe; porque o que recebe no Sacramento a Deos, com tudo fica homem: e o que dá a esmola ao pobre, fazendo-lhe esse beneficio, faz-se Deos. Naõ he atrevimento, ou temeridade minha, mas conclusaõ expressa do grande Theologo entre os Doutores da Igreja S. Gregorio Nazianzeno: *Esto calamitoso Deus*: Se virdes o pobre em necessidade, sede para elle Deos, soccorrendo-o: *Nihil adeo divinum habet homo, quam benefacere*: porque nenhuma cousa tem o homem taõ Divina, e taõ propria de Deos, como o bem fazer. E se esse bem o fizermos ao pobre com reflexaõ, de que nelle está Deos, ainda parece que disse mais Nazianzeno. Notay. Antes de Deos se consagrar no pobre, recebendo em si a esmola, que se lhe faz a elle, dizia David a Deos: *Deus meus es tu; quoniam bonorum meorum non eges.* Vós Senhor sois meu Deos, porque naõ tendes necessidade dos meus bens. Porém depois que Deos se fez pobre no pobre, já tem necessidade dos nossos bens, para que remediemos com elles a sua pobreza. E que diria David neste caso, que he o nosso? Diria por ventura, porque tendes necessidade dos meus bens, naõ sois meu Deos? Isso naõ. Pois que diria? Assim como disse antigamente, porque naõ tendes necessidade de meus bens, *Deus meus es tu*, Vós sois Deos meu, assim diria agora, porque vós tendes necessidade dos meus bens, e eu vos soccorro com elles, eu sou Deos vosso: *Esto calamitoso Deus.* S. Agostinho igual na Igreja Latina a Nazianzeno na Grega naõ disse menos, quando disse; que só a misericordia humilha a Deos, e sublima ao homem: *Sola misericordia Deum humilians nos sublimat.* Humilha a Deos, porque no pobre o sogeita a receber do homem; e sublima ao homem, porque na esmola o levanta a dar a Deos. Logo tambem nesta consideraçaõ he melhor o dar, como damos na esmola, do que o receber, como recebemos no Sacramento: *Melius es magis dare, quam accipere.*

Ps. 15: 2.

Em proprios termos temos Texto expresso do mes-

mo

Oſee. 6. 6. mo Chriſto: *Miſericordiam volo, & non ſacrificium.* Antes quero a miſericordia, que o ſacrificio. Foy o caſo, que caminhando os Diſcipulos de Chriſto por entre humas ſearas, era tanta a ſua pobreza, e a ſua fome, que debulhavaõ algumas eſpigas de trigo, para ſe manterem daquelle paõ antes de chegar ao ſer. Succedeo iſto em Sabbado, pelo que os Eſcribas, e Fariſeos calumniaraõ aos Diſcipulos, como violadores do dia Santo. Sahio o Divino Meſtre á defenſa da ſua eſcolla, e argumentou aſſim contra os calumniadores: *Quid eſt miſericordiam volo, & non ſacrificium?* Se a obſervancia do dia Santo ſe quebra, quando o homem falta áquella obra do culto Divino, por fazer outra de miſericordia acodindo á neceſſidade propria, ou alhea, como diz Deos pelo Profeta Oſeas, antes quero a miſericordia, que o ſacrificio? A eſte Texto ajuntou o Senhor o exemplo do Summo Sacerdote Abiatar, quando deu a David os paães da Propoſiçaõ, que eraõ conſagrados a Deos: com que aquelles Doutores, melhores interpretes dos ſeus intereſſes, que da Ley Divina, taparaõ a boca, e naõ tiveraõ, que replicar. Com tudo entre os noſſos naõ faltará a agudeza de algum Theologo, que replique, e argua deſta maneira. O ſacrificio he acto de Religiaõ, a virtude da Religiaõ, como enſina S. Thomás, he mais nobre, que a miſericordia, porque a Religiaõ reſpeita ao culto de Deos, e a miſericordia ao remedio do homem: logo na aceitaçaõ de Deos, em cuja mente ſe eſtimaõ todas as couſas, pelo que verdadeiramente ſaõ, naõ póde ter melhor lugar a miſericordia, que o ſacrificio. Forte argumento por certo: mas toda a ſua força conſiſte em ſe naõ reparar, como naõ repara naquelle *volo*: *Miſericordiam volo, & non ſacrificium.* Naõ diz Chriſto, que a miſericordia he melhor que o ſacrificio, mas diz que antepoem a miſericordia ao ſacrificio, porque elle aſſim o quer, *volo.* De ſorte, que ama Deos tanto a miſericordia, e ama tanto aos pobres, que com as obras de miſericordia

ricordia se remedeaõ, que sendo mais nobre, e de mayor dignidade o sacrificio, que a misericordia, quer elle, (e só porque quer, *volo*) que a misericordia prefira, e se anteponha ao sacrificio. Isto he o que diz o Texto, e esta a praxe da Igreja, que os Escribas, e Fariseos traziaõ taõ errada. Se o que assiste ao enfermo, o houver de deixar para ir dizer, ou ouvir Missa no dia Santo, ensina a Theologia Catholica, que antes se ha de deixar a Missa, que he o sacrificio, do que a assistencia do enfermo, que he a misericordia: *Misericordiam volo, & non sacrificium.*

Bem creyo, que vos naõ descontentou a reposta do argumento, nem a explicaçaõ do Texto. Mas como o dia he da misericordia, naõ quero eu que ainda quanto á nobreza, e dignidade seja ella inferior ao sacrificio. A perfeita misericordia sempre vay acompanhada, ou imperada da charidade do Proximo, que se naõ distingue da de Deos; e como a charidade he mais nobre, que a religiaõ, e que todas as outras virtudes: *Maior autem horum est charitas;* informada assim a misericordia, tambem he mais nobre, e de mayor dignidade, que a Religiaõ. Isto respeitando ao pobre só como pobre. Porém se a misericordia na pessoa do pobre reconhecer, como deve reconhecer, a de Christo, (que he o ponto do nosso discurso) entaõ o acto da mesma misericordia he tambem acto de Religiaõ; porque respeita directamente a Deos, e a esmola feita ao pobre he tambem naõ só sacrificio, mas sacrificio preferido aos sacrificios. Assim o entendeo altamente, e manda entender Santo Agostinho, declarando o mesmo Texto: *Cùm scriptum est misericordiam volo magis, quàm sacrificium, nihil aliud quàm sacrificium sacrificio prælatum oportet intellige.* 1. Cor. 13. 13.

Em fim, para que demos fim a esta preferencia; digo, que agradaõ mais a Christo os obsequios, que se lhe fazem no pobre, que no mesmo Sacramento do Altar; porque no Sacramento está impassivel, no pobre naõ só

está

está passivel, mas padece. Que quer dizer: *Esurivi, sitivi, nudus eram,* senaõ padecer Christo tudo o que padece o pobre? E deste padecer se tirara a verdadeira intelligencia de huma questaõ, que aqui excitaõ todos os Interpretes. Naquelle relatorio do dia do Juizo, fez Christo mençaõ da comida, e bebida dos que tem fome, e sede, do vestido dos nús, da pouzada dos peregrinos, da visita dos enfermos, e encarcerados: mas naõ fallou nem huma só palavra na sepultura dos mórtos. Pois se as Obras de Misericordia saõ sete, e a setima he sepultar os mórtos, porque allega Christo as outras seis, e esta naõ? Muitas soluções se tem dado atégora a esta duvida, mas nenhuma, que satisfaça inteiramente. A verdadeira, e cabal he: porque depois que Christo se sacramentou no pobre, quiz contrapor o sacramento, em q̃ padece, ao Sacramento, em que está impassivel; e como nas sete obras de misericordia só os mórtos naõ padecem, por isso excluhio os mórtos. Julgay agora, se seraõ mais agradaveis, e aceitos ao mesmo Christo os obsequios, que lhe fazem onde tem necessidade, e padece, ou onde está impassivel. Por isso os Santos despiaõ os Altares para vestir os pobres, e fundiaõ os Calices em moéda, para remir os cativos. Lede particularmente a Santo Ambrosio; mas vamos á Escritura.

Huma das mandas do testamento de David a ElRey Salamaõ seu succesor, he, que os filhos de Berzellay comessem sempre á sua mesa, pelo bem, que elles, e seu pay o tinhaõ servido quando fugio de Absalaõ: *Sede, & filii Berzellai reddes gratiam, eruntque comedentes in mensa tua.* 3. Reg. 2. 7. *occurrerunt enim mihi quando fugiebam à facie Absolom.* Foy o caso, que depois de David ser Rey, experimentou, que tambem as coroas estaõ sugeitas aos vayvens da fortuna, cahindo das azas da prospera, nas miserias da adversa, e tanto com mayor abatimento, quanto de mais alto. Tal se vio David, quando fugio de seu filho Absalaõ, reduzido a tal aperto, e necessidade, que elle, e os poucos, que o seguiaõ

guiaõ pereciaõ á fome, se este Berzellay, que era hum vassallo rico, os naõ sustentasse a todos, como refere a Historia Sagrada: *Et ipse præbuit alimenta Regi, tum moraretur in castris: fuit quippe vir dives nimis.* 2. Reg. 19. 32. Este serviço, pois, foy o que David mandou a Salamaõ, que agradecesse, pondo á sua mesa os filhos de Berzellay. E sendo certo, que de nenhum outro serviço, ou beneficio fez memoria no seu testamento; tambem he certo, que antes daquella rebelliaõ, e depois della, assim na paz, como na guerra, tinhaõ outros vassallos feito a David muito grandiosos serviços. Pois porque se naõ lembra delles o mesmo Rey, nem os manda agradecer, e pagar, senaõ estes de Berzellay unicamente? Porque aquelles foraõ feitos a David quando estava entronizado, e adorado no Reyno, e naõ padecia necessidade alguma; porém o serviço, e sustento, que recebeo de Berzellay, foy quando estava desamparado dos seus, pobre, e necessitado. Aquelles foraõ obsequios a David Rey, estes foraõ alimentos a David pobre. E esta he a razaõ, e a differença, porque saõ mais aceitos, e agradaveis a Christo os obsequios, que se lhe fazem no pobre, onde está necessitado, e padece, do que todos os outros, com que he servido no Throno, e Magestade do Sacramento do Altar, onde está impassivel, e adorado.

Por ultima conclusaõ, deixadas as razões, vamos ao facto. Assim como Christo no dia do Juizo ha de allegar, e publicar as obras de misericordia, e o que he servido, sustentado, e soccorrido no pobre; assim, e muito mais ostentosa, e magnificamente poderá sahir naquelle theatro universal de todo o genero humano, com as obras da fé, piedade, liberalidade, e emulaçaõ Christãa, com que he servido, assistido, e venerado no Santissimo Sacramento. Que comparaçaõ tem, o que se gasta no sustento, cura, e remedio dos pobres, com o que se dispende, e emprega no culto Divino, e di-

vinissimo do por Antonomasia Santissimo? Considera
a magnificencia dos Templos de todo o mundo, a ri
queza dos Altares, dos Sacrarios, dos Calices, das Cu
stodias, dos ornamentos. Quasi todo o ouro, prata,
pedraria do mar, e da terra, alli vay, naõ levar o se
valor, mas buscar a sua estimaçaõ, e preço. As rendas
immensas de todos os Ministros Ecclesiasticos supremos
grandes, menores, todas se ordenaõ a servir, assistir
e louvar a todas as horas a Magestade encuberta daquel
le Senhor. Mais he o que arde, e se queima de dia,
de noite diante dos seus Altares, do que quanto se em
prega, e logra no sustento, e remedio dos pobres.
com tudo, isto he o que Christo ha de allegar, e publi
car no dia do Juizo, e tudo aquillo, o que ha de cal
lar, e passar em silencio. Mais ainda. Parece que para
desempenho de sua palavra nenhuma cousa mais conve
nha á authoridade, e Magestade de Christo, que a de
monstraçaõ, e publica evidencia do que tinha prome
tido, e tanto se lhe tinha duvidado nos maravilhosos
effeitos do mesmo Sacramento. Os dous mayores effei
tos, que Christo tinha promettido daquelle sagrado Paõ,
he que quem o comesse, viviria eternamente, e que
em virtude do mesmo Paõ resuscitaria no ultimo dia.
Joan 6. 55. *Qui manducat hunc Panem, vivet in æternum, & ego resu
citabo eum in novissimo die.* Que acçaõ, pois, mais propria
daquelle dia, de mayor gloria para Christo, de mayor
triunfo para os Catholicos, e de mayor confusaõ para
os Hereges, que dizer á vista de todo o mundo: Pro
mettivos, que em virtude do Paõ, que vos dey, vos
havia de resuscitar neste dia, ahi estais resuscitados
todos; promettivos, que todos os que comesseis o mes
mo Paõ, vivirieis eternamente: alli estaõ as portas do
Ceo abertas, vinde a gozar comigo a vida eterna: *Ve
nite benedicti.* Com tudo a publica, e mais agradecida
estimaçaõ, que Christo fará no dia do Juizo dos obse
quios

quios, que recebeo dos homens, naõ ha de ser a das grandes riquezas, com que o servem no Sacramento, senaõ das esmolas, posto que muito pequenas, com que o soccorrem no pobre: porque no pobre padece, e no Sacramento está isento de padecer; no Sacramento saõ tributos, que sobejaõ a sua Majestade, no pobre saõ alimentos, que ha mister a sua necessidade. E se aos que o comem, e aos que lhe daõ de comer promette igualmente Christo a vida eterna, dando-se essa mesma vida eterna na sentença do dia do Juizo por paga, mais devida he a paga á despeza dos que lhes puzeraõ a mesa, do que á honra dos que elle poz á sua; mais devida ao gasto, dos que lhe deraõ de comer, que ao gosto dos que o comeraõ: *Quia dedisti mihi manducare.*

§. IX.

PRovado assim o mysterio escondido do nosso assumpto, e revelado aos olhos do mundo, o que a mayor parte delle naõ via; restava agora coroar com a ultima clausula de todo o discurso aquella bemaventurada Congregaçaõ, que Deos particularmente fez digna de taõ gloriosa felicidade: *Beati misericordes.* Mas que lhe posso eu dizer? Louvarey a charidade, confirmarey a fé, asseguraray a esperança dos que neste Real Emporio das obras de misericordia, com todo o genero de necessitados publicos, e occultos taõ santa, e universalmente as exercitaõ? Seria emprender de novo outra materia, naõ menor que a passada. Deixando pois os louvores da charidade á lista, e noticia geral das mesmas obras, que logo se ha de ler deste lugar, (pois, como diz S. Gregorio Papa, naõ a rhetorica de palavras, senaõ a eloquencia de obras he a verdadeira prova da charidade) só da fé, e da esperança direy o que se segue, e convence do que fica dito.

Quanto á fé, sendo de fé todas as palavras de Christo, e tendo dito o mesmo Christo com termos, que

naõ admittem duvida, nem interpretaçaõ contraria, qu
elle eſtá no pobre, e o que ſe faz ao pobre, ſe faz a el
le: *Quod uni ex his minimis feciſtis, mihi feciſtis*; que Chri
ſtão haverá (agora fallo com todos) que Chriſtão ha
verá, que a ſeu Creador, e a ſeu Redemptor vendo-
neceſſitado, e pedindo-lhe huma eſmola, que he mais
o naõ ſoccorra? Caſo foy ſobre toda a admiraçaõ eſtu
pendo, que no dia, em que Chriſto entrou em Jeruſa
lem acclamado com palmas, e vivas de todo o Pov
Matth. 21. 9. por verdadeiro Meſſias: *Hoſanna filio David, benedictu
qui venit in nomine Domini, Rex Iſrael;* no meſmo di
naõ houveſſe em toda aquella grande Metropoly, que
o recolheſſe, e agaſalhaſſe em ſua caſa, e lhe foſſe ne
ceſſario ao que ſuſtenta até os bichinhos da terra, i
buſcar o ſuſtento a Bethania. Pois, Cidade cega, impi
ingrata, e infame, aſſim cerras as portas, a quem at
ſim recebes? Aſſim tratas, a quem aſſim reconheces
Aſſim ſerves, a quem aſſim adoras? Mas naõ he muito
que toda eſta dureza de corações experimentaſſe Chri
ſto naquelle meſmo Povo, que dahi a cinco dias tev
vozes para bradar: *Crucifige eum*, e mãos para o pre
gar em huma Cruz. Vede ſe terá razaõ o meſmo Chri
ſto, para lhe dizer a todos no dia do Juizo: *Eſurivi
& non dediſtis mihi manducare.* E haverá Chriſtão em Lis
boa, que vendo, e reconhecendo a Chriſto no pobre
faminto, naõ tire o bocado da boca para o ſuſtentar
que vendo-o deſpido, ſenaõ diſpa para o veſtir? que
vendo-o encarcerado, ou cativo, ſenaõ venda para o
reſgatar? que vendo o peregrino, e ſem abrigo, o naõ
receba naõ ſó em ſua caſa, mas o naõ meta dentro no
coraçaõ, e o ſirva de joelhos? O que aſſim o faz, he
Chriſtão; o que aſſim o naõ fizer, naõ tem chriſtan
dade, nem fé.

Mas paſſando á eſperança, aſſegurem-ſe os que fi
zerem obras de miſericordia, e ſoccorrerem aos pobres
ſegundo

segundo a sua possibilidade, que todos naquelle ultimo dia estaràõ á mão direita de Christo, e que para elles estaõ guardadas aquellas diosissimas palavras: *Venite benedicti, & possidete Regnum: esurivi enim, & dedistis mihi manducare.* E em que se funda a certeza desta esperança? Tanto nestas mesmas palavras, como nas contrarias, e nas contrarias ainda com mayor evidencia. Notay muito a prova. Aos da mão esquerda dirá Christo: *Ite maledicti in ignem æternum: esurivi enim, & non dedistis mihi manducare, &c.* Hide malditos ao fogo eterno, porque me naõ déstes de comer no pobre, porque me naõ vestistes no pobre, porque me naõ remediastes em todas as outras necessidades no pobre: logo se vós acodistes, e remediastes nas mesmas necessidades ao pobre, e nelle a Christo, evidente, e infallivelmente se segue, que naõ póde cahir sobre vós tal sentença; porque faltaria Christo á sua verdade, e naõ seriaõ verdadeiras as culpas, pelas quaes vos condemnasse. Tanto assim, que se por impossivel o supremo Juiz vos quizesse comprehender na mesma sentença, terieis legitimos embargos, com que aggravar della. Vaõ os embargos. Provará, que em tal dia deu de comer a taes pobres: provará, que em tal dia, estando despidos, os vestio: provará, que em tal dia estando enfermos, os visitou: provará, que em tal dia, estando encarcerados, ou cativos, os poz em liberdade; e os mesmos pobres, que tambem estaraõ presentes, o naõ poderáõ negar: logo impossivel he, naõ digo, que a misericordia de Christo, senaõ que a sua mesma justiça lhe naõ receba os embargos.

E porque sem embargo delles senaõ possa por outra via confirmar a sentença, fundando-se nos peccados, que commetteo cada hum (dos quaes porém senaõ faz menção no relatorio della) Provaráõ tambem ex superabundanti, que os peccados commettidos naõ tem direito

reito, nem lugar na causa dos que remediaraõ os pobres; e allegaràõ naõ outros Textos, senaõ os da mesma Ley de Deos. Em Tobias allegaràõ o Texto: *Quoniam eleemosyna ab omni peccato, & à morte liberat, & non patietur animam ire tenebras.* Que a esmola livra de todo o peccado, ainda que seja mortal, e naõ consente, que a alma vá ao inferno. Em Jesu Sirac allegaràõ o Texto: *Ignem ardentem extinguit aqua, & eleemosyna resistit peccatis*; que assim como a agua apaga o fogo, assim a esmola extingue os peccados. Em Daniel allegaràõ o Texto: *Peccata tua eleemosynis redime, & iniquitates tuas misericordiis pauperum*; que a esmola resgata dos peccados, e a misericordia com os pobres das maldades cometidas. Em David allegaràõ o Texo: *Beatus qui intelligit super egenum, & pauperem, in die mala liberabit eum Dominus*; que o que tem cuidado de acodir, e remediar ao pobre, e necessitado, no dia do Juizo o livrará Deos. E finalmente sobre todos, pediràõ ao mesmo supremo Juiz Christo, que juntamente he Juiz, e Advogado nosso, se allegue a si mesmo o seu Texto universalissimo, em que naõ poz limitaçaõ alguma: *Quod superest date eleemosynam, & omnia munda sunt vobis*: Por remate de contas, day esmola, e ficareis purificados de todas vossas culpas E que poderá, ou que poderia responder Christo no caso negado, que a sua sentença de condemnaçaõ se houvesse de estender, aos que remediáraõ aos pobres, pelos peccados, que cometteraõ? Naõ ha duvida, que no tal caso, aceitando os embargos, responderia o que em Nome, e Pessoa do mesmo Soberano Juiz escreve Santo Agostinho: *Difficile est, ut si examinem vos, & appendam vos, & scruter diligentissime facta vestra; non inveniam unde vos damnem*; difficultosa cousa he, que se eu diligentemente examinasse vossas consciencias, e vossas obras, naõ achasse bastantes causas para vos condemnar: *Sed ite in Regnum*

Tobiæ 4. 11.

Eccl. 3. 33.

Dan. 4. 24.

Ps. 40. 2.

Luc. 11. 41.

Augusti. Ser. 33. de Diverso.

esuri-

esurivi enim, & dedistis mihi manducare: non ergo itis in Regnum, non quia non peccastis, sed quia peccata vestra elemosynis redimistis. Mas hide ao Reyno do Ceo, porque tive fome, e me déstes de comer: e entendey, que se vos salvastes, naõ foy porque naõ peccastes, senaõ porque com as vossas esmolas remistes os vossos peccados. Isto he naõ o que dirá, senaõ o que diria no dia do Juizo, quando por parte de nossos peccados se embargasse a sentença do Reyno do Ceo aos favorecedores dos pobres.

Acabemos pois por onde começámos: *Beati pauperes*: Bemavenrurades os pobres: *Beati misericordes*: Bemaventurados os misericordiosos: e bemdita, e para sempre louvada a providencia, e bondade Divina, e humana daquelle soberano Senhor, que Sacramentando-se em paõ para nos sustentar a nós, se quiz tambem Sacramentar nos pobres, para que nós o sustentassemos a elle; e por meyo da pobreza de huns, e misericordia de outros, sem embargo de sermos peccadores, nos franqueasse nesta vida as portas da sua graça, para que achemos abertas na vida eterna as da Gloria: *Quam mihi, & vobis præstare dignetur Dominus Deus Omnipotens, &c.*

SERMAM
DE
S.TO ANTONIO,
PREGADO
AOS PEIXES,
PELO PADRE
ANTONIO VIEIRA,
NA CIDADE DE S. LUIZ DO MARANHAM.

Este Sermaõ todo he allegorico, pois o dito Padre, quando o prégou, estava para embarcar occultamente para este Reyno: por fallar verdade o tinhaõ perseguido bastantemente os moradores daquelle Estado, como das allegorias deste se póde ver,

POR D. T. A.

Ex do S. Officio.

LISBOA,
Com todas as licenças necessarias. Anno 1753.

Vos estis sal terræ. Matth. 5.

§. I.

VO'S, diz Christo Senhor nosso, fallando com os Prégadores, sois o sal da terra: e chama-lhe sal da terra, porque quer que façaõ na terra, o que faz o sal. O effeito do sal he impedir a corrupçaõ, mas quando a terra se vê taõ corrupta como está a nossa, havendo tantos nella, que tem officio de sal, qual será, ou qual póde ser a causa desta corrupçaõ? Ou he porque o sal naõ salga, ou porque a terra se naõ deixa salgar. Ou he porque o sal naõ salga, e os Prégadores naõ prégaõ a verdadeira doutrina; ou porque a terra se naõ deixa salgar, e os ouvintes, sendo verdadeira a doutrina, que lhe daõ, a naõ querem receber: ou he porque o sal naõ salga, e os Prégadores dizem huma cousa, e fazem outra, ou porque a terra se naõ deixa salgar, e os ouvintes querem antes imitar o que elles fazem, que fazer o que elles dizem: ou he porque o sal naõ salga, e os Prégadores se prégaõ a si, e naõ a Christo; ou porque a terra se naõ deixa salgar, e os ouvintes em vez de servir a Christo, servem a seus appetites. Naõ he tudo isto verdade? Ainda mal.

Supposto pois, que, ou o sal naõ salgue, ou a terra se naõ deixe salgar; que se ha de fazer a este sal, e que se ha de fazer a esta terra? O que se ha de fazer ao sal, que naõ salga, Christo o disse logo: *Quod si sal evanuerit, in quo salietur, ad nihilum valet ultra, nisi ut mittatur foras, & conculcetur ab hominibus.* Se o sal perder a substancia, e a virtude, e o Prégador faltar á doutrina, & ao exemplo; o que se lhe ha de fazer, he lançalo fóra como inutil, para que seja pizado de todos. Quem se atrevera a dizer tal cousa, se o mesmo Christo a naõ pronunciára? Assim como naõ ha quem seja mais digno de reverencia, e de ser posto sobre a cabeça, que o Prégador, que ensina, e faz o que deve; assim he merecedor de todo o desprezo, e Matth. 5. 13.

de ſer metido debaixo dos pés, o que com a palavra, ou com a vida prega o contrario.

Iſto he o que ſe deve fazer ao ſal, que naõ ſalga. E á terra, que ſe naõ deixa ſalgar, que ſe lhe ha de fazer? Eſte ponto naõ reſolveo Chriſto Senhor noſſo no Evangelho; mas temos ſobre elle a reſoluçaõ do noſſo grande Portuguez Santo Antonio, que hoje celebramos; e a mais galharda, e glorioſa reſoluçaõ, que nenhum Santo tomou. Prégava S. Antonio em Italia na Cidade de Arimino contra os Hereges, que nella eraõ muitos; e como erros de entendimento ſaõ difficultoſos de arrancar, naõ ſó naõ fazia fruto o Santo, mas chegou o povo a ſe levantar contra elle, e faltou pouco, para que lhe naõ tiraſſem a vida. Que faria neſte caſo o animo generoſo do grande Antonio? Sacudiria o pó dos çapatos, como Chriſto aconſelha em outro lugar? Mas Antonio com os pés deſcalços naõ podia fazer eſta proteſtaçaõ, e huns pés, a que ſe naõ pegou nada da terra, naõ tinhaõ que ſacudir. Que faria logo? Retirarſehia? Calarſehia? Diſſimularia? Daria tempo ao tempo? Iſſo enſinaria por ventura a prudencia, ou a covardia humana; mas o zelo da gloria divina, que ardia naquelle peito, naõ ſe rendeo a ſimilhantes partidos. Pois que fez? Mudou ſómente o pulpito, e o auditorio, mas naõ deſiſtio da doutrina. Deixa as praças, vayſe ás prayas, deixa a terra, vayſe ao mar, e começa a dizer a altas vozes: Já que me naõ querem ouvir os homens, ouçaõ-me os peixes. Oh maravilhas do Altiſſimo! Oh poderes do que criou o mar, e a terra! Começaõ a ferver as ondas, começaõ a concorrer os peixes, os grandes, os mayores, os pequenos, e póſtos todos por ſua ordem com as cabeças de fóra da agua, Antonio prégava, e elles ouviaõ.

Se a Igreja quer que préguemos de Santo Antonio ſobre o Evangelho, dê-nos outro. *Vos eſtis ſal terræ.* He muito bom Texto para os outros Santos Doutores: mas para S. Antonio vem-lhe muito curto. Os outros Santos Dou-

res

res da Igreja foraõ ſal da terra, Santo Antonio foy ſal da terra, e foy ſal do mar. Eſte he o aſſumpto, que eu tinha para tomar hoje. Mas ha muitos dias, que tenho metido no penſamento, que nas feſtas dos Santos he melhor prégar como elles, que prégar delles. Quanto mais, que o ſaõ da minha doutrina, qualquer que elle ſeja, tem tido neſta terra huma fortuna taõ parecida á de Santo Antonio em Arimino, que he força ſeguila em tudo. Muitas vezes vos tenho prégado neſta Igreja, e noutras de manhãa, e de tarde, de dia, e de noite; ſempre com doutrina muito clara, muito ſolida, muito verdadeira, e a que mais neceſſaria, e importante he a eſta terra, para emenda, e reformа dos vicios, que a corrompem. O fruto, que tenho colhido deſta doutrina, e ſe a terra tem tomado o ſal, ou ſe tem tomado delle, vós o ſabeis, e eu por vós o ſinto.

Iſto ſuppoſto, quero hoje á imitaçaõ de Santo Antonio voltarme da terra ao mar, e já que os homens ſe naõ aproveitaõ, prégar aos peixes. O mar eſtá taõ perto, que bem me ouviráõ. Os demais pódem deixar o Sermaõ, pois naõ he para elles. Maria, quer dizer *Domina maris*: Senhora do mar: e poſto que o aſſumpto ſeja taõ deſuſado, eſpero, que me naõ falte com a coſtumada graça. *AVE MARIA.*

§. II.

EM fim, que havemos de prégar hoje aos peixes? Nunca peor auditorio. Ao menos tem os peixes duas boas qualidades de ouvintes: ouvem, e naõ fallaõ. Huma ſó couſa pudera deſconſolar ao Prégador, que he ſerem gente os peixes, que ſe naõ ha de converter. Mas eſta dor he taõ ordinaria, que já pelo coſtume quaſi ſe naõ ſente. Por eſta cauſa naõ fallarey hoje em Ceo, nem Inferno: e aſſim ſerá menos triſte eſte Sermaõ; do que os meus parecem aos homens, pelos encaminhar ſempre á lembrança deſtes dous fins.

Vos

Vos eſtis ſal terræ. Haveis de ſaber, irmãos peixes, que o ſal filho do mar como vós, tem duas propriedades, as quaes em vós meſmos ſe experimentaõ: conſervar o ſaõ, e preſervalo, para que ſe naõ corrompa. Eſtas meſmas propriedades tinhaõ as prégações do voſſo Prégador Santo Antonio, como tambem as devem ter as de todos os Prégadores. Huma he louvar o bem, outra reprehender o mal: louvar o bem para o conſervar, e reprehender o mal, para preſervar delle. Nem cuideis, que iſto pertence ſó aos homens, porque tambem nos peixes tem ſeu lugar. Aſſim o diz o grande Doutor da Igreja Saõ Baſilio: S. Baſil. *Non carpere ſolum, reprehendereque poſſumus piſces; ſed ſunt in illis, & quæ proſequenda ſunt imitatione.* Naõ ſó ha que notar, diz o Santo, e que reprehender nos peixes, ſenaõ tambem que imitar, e que louvar. Quando Chriſto com- Matth. parou a ſua Igreja á rede de peſcar, *Sagenæ miſſæ in mare,* 13. 47. diz, que os peſcadores recolheraõ os peixes bons, e lan- Matth. çáraõ fóra os máos: *Collegerunt bonos in vaſa, malos au-* 13. 48. *tem foras miſerunt.* E onde ha bons, e máos, ha que louvar, e que reprehender. Suppoſto iſto, para que procedamos com clareza, dividirey, peixes, o voſſo Sermaõ em dous pontos: no primeiro louvarvos-hey as voſſas virtudes, no ſegundo reprehendervos hey os voſſos vicios. E deſta maneira ſatisfaremos ás obrigaçoens do ſal, que melhor vos eſtá ouvilas vivos, que experimentalas depois de mortos.

Começando pois pelos voſſos louvores, irmãos peixes; bem vos pudera eu dizer, que entre todas as criaturas viventes, e ſenſitivas, vós foſtes as primeiras, que Deos criou. A vós criou primeiro que as aves do ar, a vós primeiro que os animaes da terra, e a vós primeiro que ao meſmo homem. Ao homem deu Deos a monarchia, e dominio de todos os animaes dos tres elementos, e nas proviſoens, em que os honrou com eſtes poderes os primei- Geneſ. 1. 26. ros nomeados foraõ os peixes: *Ut præſit piſcibus maris & vola-*

volatibus Cœli, & bestiis, universæque terræ. Entre todos os animaes do Mundo, os peixes saõ os mais, e os peixes os mayores. Que comparaçaõ tem em numero as especies das aves, e as dos animaes terrestres com as dos peixes? Que comparaçaõ na grandeza o Elefante com a Balêa? Por isso Moysés Chronista da criaçaõ, callando os nomes de todos os animaes, só a ella nomeou pelo seu. *Creavit Deus cete grandia.* E os tres musicos da fornalha de Babylonia o cantáraõ tambem como singular entre todos: *Benedicite cete, & omnia, quæ moventur in aquis Domino.* Estes, e outros louvores, estas, e outras excellencias de vossa geraçaõ, e grandeza vos pudera dizer, ò peixes; mas isto he lá para os homens, que se deixaõ levar destas vaidades, e he tambem para os lugares, em que tem lugar a adulaçaõ, e naõ para o pulpito. Genes. 1. 21. Dan. 3. 79.

Vindo pois, irmãos ás vossas virtudes, que saõ as que só pódem dar o verdadeiro louvor; a primeira, que se me offerece aos olhos hoje, he aquella obediencia, com que chamados acudistes todos pela honra de vosso Creador, e Senhor, e aquella ordem, e quietaçaõ, e attençaõ, com que ouvistes a palavra de Deos da boca de seu Servo Antonio. Oh grande louvor verdadeiramente para os peixes, e grande afronta, e confusaõ para os homens! Os homens perseguindo a Antonio, querendo-o lançar da terra, e ainda do Mundo, se podessem, porque lhe reprehendia seus vicios, porque lhe naõ queria fallar á vontade, e condescender com seus erros; e no mesmo tempo os peixes em innumeravel concurso acudindo á sua voz, attentos, e suspensos ás suas palavras, escutando com silencio, e com sinaes de admiraçaõ, e assenso (como se tiveraõ entendimento) o que naõ entendiaõ. Quem olhasse neste passo para o mar, e para a terra, e visse na terra os homens taõ furiosos, e obstinados, e no mar os peixes taõ quietos, e taõ devotos, que havia de dizer? Poderia cuidar, que os peixes irracionaes se tinhaõ con-

convértido em homens, e os homens naõ em peixes, mas em féras. Aos homens deu Deos uſo de razaõ, e naõ aos peixes: mas neſte caſo os homens tinhaõ a razaõ ſem o uſo, e os peixes o uſo ſem a razaõ. Muito louvor mererecéis, peixes, por eſte reſpeito, e devoçaõ, que tiveſtes aos Prégadores da palavra de Deos, e tanto mais quanto naõ foy ſó eſta a vez, em que aſſim o fizeſtes. Hia Jonas Prégador do meſmo Deos embarcado em hum navio, quando ſe levantou aquella grande tempeſtade; e como o tratáraõ os homens, como o tratáraõ os peixes? Os homens lançáraõ-no ao mar a ſer comido dos peixes, e o peixe, que o comeo, levou-o ás prayas de Ninive, para que lá prégaſſe, e ſalvaſſe aquelles homens. He poſſivel, que os peixes ajudaõ á ſalvaçaõ dos homens, e os homens lançaõ ao mar os Miniſtros da ſalvaçaõ? Vêde, peixes, e naõ vos venha vangloria, quanto melhores ſois que os homens. Os homens tiveraõ entranhas para deitar Jonas ao mar, e o peixe recolheo nas entranhas a Jonas, para o levar vivo á terra.

Mas porque neſtas duas acçoens teve mayor parte a Omnipotencia, que a natureza (como tambem em todas as milagroſas, que obraõ os homens) paſſo ás virtudes naturaes, e proprias voſſas. Fallando dos peixes Ariſtoteles, diz, que ſó elles entre todos os animaes ſe naõ domaõ, nem domeſticaõ. Dos animaes terreſtres o caõ he taõ domeſtico, o cavallo taõ ſujeito, o boy taõ ſerviçal, o bogio taõ amigo, ou taõ liſongeiro, e até os leões, e os tygres com arte, e beneficios ſe amançaõ. Dos animaes do ar afora aquellas aves, que ſe criaõ, e vivem com noſco, o papagayo nos falla, o rouxinol nos canta, o açôr nos ajuda, e nos recrea; e até as grandes aves de rapina encolhendo as unhas, reconhecem a maõ de quem recebem o ſuſtento. Os peixes pelo contrario lá ſe vivem nos ſeus mares, e rios, lá ſe mergulhaõ nos ſeus pégos, lá ſe eſcondem nas ſuas grutas, e naõ ha nenhum taõ gran-

de,

de, que ſe fie do homem, nem taõ pequeno, que naõ fuja delle. Os Authores commummente condemnaõ eſta condiçaõ dos peixes, e a deitaõ á pouca docilidade, ou demaziada bruteza; mas eu ſou de muy differente opiniaõ. Naõ condemno, antes louvo muito aos peixes eſte ſeu retiro, e me parece, que ſe naõ fora natureza, era grande prudencia. Peixes, quanto mais longe dos homens, tanto melhor: trato, e familiaridade com elles, Deos vos livre. Se os animaes da terra, e do ar querem ſer ſeus familiares, façaõ-no muito embora, que com ſuas penſoens o fazem. Cante-lhe aos homens o roixinol, mas na ſua gayóla: diga-lhe ditos o papagayo, mas na ſua cadêa: vá com elles á caça o açôr, mas nas ſuas piozes: faça-lhe bufonerias o bogio, mas no ſeu cepo: contente-ſe o caõ de lhe roer hum oſſo, mas levado onde naõ quer pela trella: preze-ſe o boy de lhe chamarem formoſo, ou fidalgo, mas com o jugo ſobre a cerviz, puxando pelo arado, e pelo carro: glorie ſe o cavallo de maſtigar freyos dourados, mas debaixo da vara, e da eſpóra: e ſe os tygres, e os leoens lhe comem a reçaõ da carne, que naõ caçáraõ no boſque, ſejaõ prezos, e encerrados com grades de ferro. E entretanto, vòs peixes, longe dos homens, e fóra deſtas cortezanîas vivireis ſó comvoſco, ſim, mas como peixe na agua. De caſa, e das portas a dentro tendes o exemplo de toda eſta verdade, o qual vos quero lembrar, porque ha Filoſofos, que dizem, que naõ tendes memoria.

No tempo de Noé ſuccedeo o Diluvio, que cobrio, e alagou o Mundo: e de todos os animaes, quaes livráraõ melhor? Dos leoens eſcapáraõ dous, leaõ, e leôa, e aſſim dos outros animaes da terra: das aguias eſcapáraõ duas, femea, e macho, e aſſim das outras aves. E dos peixes? Todos eſcapáraõ: antes naõ ſó eſcapáraõ todos, mas ficáraõ muito mais largos que dantes, porque a terra, e o mar, tudo era mar. Pois ſe morreraõ

naquelle universal castigo todos os animaes da terra, e todas as aves; porque naõ morreraõ tambem os peixes? Sabeis porque? Diz Santo Ambrosio; porque os outros animaes como mais domesticos, ou mais visinhos, tinhaõ mais communicaçaõ com os homens; os peixes viviaõ longe, e retirados delles. Facilmente pudera Deos fazer, que as aguas fossem venenosas, e matassem todos os peixes, assim como afogáraõ todos os outros animaes. Bem o experimentais na força daquellas hervas, com que inficionados os poços, e lagos, a mesma agua vos mata; mas como o Diluvio era hum castigo universal, que Deos dava aos homens por seus peccados, e ao Mundo pelos peccados dos homens; foy altissima providencia da Divina Justiça, que nelle houvesse esta diversidade, ou distinçaõ, para que o mesmo mundo visse da companhia dos homens lhe viera todo o mal: e que por isso os animaes, que viviaõ mais perto delles, foraõ tambem castigados, e os que andavaõ longe, ficáraõ livres. Vêde, peixes, quam grande bem he estar longe dos homens. Perguntado hum grande Filosofo, qual era a melhor terra do Mundo, respondeo, que a mais deserta; porque tinha os homens mais longe. Se isto vos prégou tambem Santo Antonio, e foy este hum dos beneficios, de que vos exhortou a dar graças ao Criador, bem vos pudera allegar comsigo, que quanto mais buscava a Deos, tanto mais fugia dos homens. Para fugir dos homens deixou a casa de seus pays, e se recolheo a huma Religiaõ, onde professasse perpetua clausura. E porque nem aqui o deixavaõ, os que elle tinha deixado, primeiro deixou Lisboa, depois Coimbra, e finalmente Portugal. Para fugir, e se esconder dos homens, mudou o Habito, mudou o nome, e até a si mesmo se mudou; occultando sua grande sabedoria debaixo da opiniaõ de idiota, com que naõ fosse conhecido, nem buscado, antes deixado de todos, como lhe succedeo com

seus

seus proprios irmãos no Capitulo Geral de Assis. Dalli se retirou a fazer vida solitaria em hum ermo, do qual nunca sahira, se Deos como por força o naõ manifestára, e por fim acabou a vida em outro deserto tanto mais unido com Deos, quanto mais apartado dos homens.

§. III.

ESte he, peixes, em commum o natural, que em todos vós louvo, e a felicidade, de que vos dou o parabem naõ sem inveja. Descendo ao particular, infinita materia fora, e se houvera de discorrer pelas virtudes, de que o Author da Natureza a dotou, e fez admiravel em cada hum de vós. De alguns sómente farey menção. E o que tem o primeiro lugar entre todos, como taõ celebrado na Escritura, he aquelle Santo Peixe de Tobias, a quem o Texto Sagrado naõ dá outro nome, que de grande, como verdadeiramente o foy nas virtudes interiores, em que só consiste a verdadeira grandeza. Hia Tobias caminhando com o Anjo Saõ Rafael, que o acompanhava, e descendo a lavar os pés do pó do caminho nas margens de hum rio: eis-que o envestе hum grande peixe com a boca aberta, em acçaõ de que o queria tragar. Gritou Tobias assombrado, mas o Anjo lhe disse, que pegasse no peixe pela barbatana, e o arrastasse para terra, que o abrisse, e lhe tirasse as entranhas, e as guardasse, porque lhe haviaõ de servir muito. Fello assim Tobias, e perguntando, que virtude tinhaõ as entranhas daquelle peixe, que lhe mandára guardar, respondeo o Anjo, que o fel era bom para sarar de cegueira, e o coraçaõ para lançar fóra os Demonios: *Cordis ejus particulam, si super carbones ponas, fumus ejus extricat omne genus Dæmoniorum: & fel valet ad ungendos oculos, in quibus fuerit albugo, & sanabuntur.* Tob. 6. 8. Assim o disse o Anjo, e assim o mostrou logo a experiencia, porque sendo o pay de Tobias cego, applicou lhe o filho aos olhos hum

pequeno do fel, cobrou inteiramente a vista: e tendo hum Demonio chamado Asmodeo morto sete maridos a Sara, cazou com ella o mesmo Tobias; e queimando na casa parte do coraçaõ, fugio dalli o Demonio, e nunca mais tornou. De sorte, que o fel daquelle peixe tirou a cegueira a Tobias o velho, e lançou os Domonios de casa a Tobias o moço. Hum peixe de taõ bom coraçaõ, e de taõ proveitoso fel, quem o naõ louvará muito? Certo, que se a este peixe o vestiraõ de burel, e o atáraõ com huma corda, pareceria hum retrato maritimo de Santo Antonio. Abria Santo Antonio a boca contra os Hereges, e enviava-se a elles, levado do fervor, e zelo da Fé, e gloria Divina. E elles que faziaõ? Gritavaõ como Tobias, e assombravaõ-se com aquelle homem, e cuidavaõ, que os queria comer. Ah homens se houvesse hum Anjo, que vos revelasse, qual he o coraçaõ desse homem, e esse fel, que tanto vos amarga, quam proveitoso, e quam necessario vos he! Se vós lhe abrisseis esse peito, e lhe visses as entranhas, como he certo, que havieis de achar, e conhecer claramente nellas, que só duas cousas pertende de vós, e comvosco: huma he allumiar, e curar vossas cegueiras, e outra lançar-vos os demonios fóra de casa. Pois a quem vos quer tirar as cegueiras, a quem vos quer livrar dos demonioss, perseguis vós? Só huma differença havia entre Santo Antonio, e aquelle peixe: que o peixe abrio a boca contra quem se lavava, e Santo Antonio abria a sua contra os que se naõ queriaõ lavar. Ah moradores do Maranhaõ, quanto eu vos pudera agora dizer neste caso! Abri, abri estas entranhas; vêde, vêde este coraçaõ. Mas ah sim, que me naõ lembrava! Eu naõ vos prégo a vós, prégo aos peixes.

Passando dos da Escritura aos da Historia natural, quem haverá, que naõ louve, e admire muito a virtude taõ celebrada da Rémora? No dia de hum San-

to

to Menor, os peixes menores devem preferir aos outros. Quem haverá, digo, que naõ admire a virtude daquelle peixezinho taõ pequeno no corpo, e taõ grande na força, e no poder, que naõ ſendo mayor de hum palmo, ſe ſe pega ao leme de huma Náo da India. a pezar das vélas, e dos ventos, e de ſeu proprio pézo, e grandeza, a prende, e amarra mais, que as meſmas ancoras, ſem ſe poder mover, nem ir por diante. Oh ſe houvera huma Remora na terra, que tiveſſe tanta força como a do mar, que menos perigos haveria na vida, e que menos naufragios no Mundo! Se alguma Remora houve na terra, foy a lingua de Santo Antonio, na qual como na Remora ſe verifica o verſo de S. Gregorio Nazianzeno: *Lingua quidem parva eſt, ſed viribus omnia vincit.* O Apoſtolo Santiago naquella ſua eloquentiſſima Epiſtola compara a lingua ao leme da Náo, e ao freyo do cavallo. Huma, e outra comparaçaõ juntas declaraõ maravilhoſamente a virtude da Remora, a qual pegada ao leme da Náo he freyo da Náo, e leme do leme. E tal foy a virtude, e força da lingua de Santo Antonio. O leme da natureza humana he o alvedrio, o Piloto he a razaõ: mas quam poucas vezes obedecem á razaõ os impetos precipitados do alvedrio? Neſte leme porém taõ deſobediente, e rebelde moſtrou a lingua de Antonio quanta força tinha, como Remora, para domar, e parar a furia das paixoens humanas. Quantos correndo Fortuna na Náo Soberba com as vélas inchadas do vento, e da meſma ſoberba (que tambem he vento) ſe hiaõ desfazer nos baixos, que já rebentavaõ por prôa, ſe a lingua de Antonio como Remora naõ tiveſſe maõ no leme, até que as vélas ſe amainaſſem, como mandava a razaõ, e ceſſaſſe a tempeſtade de fóra, e a de dentro? Quantos embarcados na Náo Vingança com a artelharia abocada, e os botafogos accezos, corriaõ infunados a darſe batalha, onde ſe queimariaõ, ou deita-

S. Greg. Naz.

riaõ

riaõ apique, ſe a Remora da lingua de Antonio lhe naõ detiveſſe a furia, até que compoſta a ira, e odio, com bandeiras de paz ſe ſalvaſſem amigavelmente? Quantos navegando na Náo Cobiça ſobre carregada até as gáveas, e aberta com o pezo por todas as coſturas, incapaz de fugir, nem ſe defender, dariaõ nas mãos dos Coſſarios com perda do que levavaõ, e do que hiaõ buſcar; ſe a lingua de Antonio os naõ fizeſſe parar, como Remora, até que aliviados da carga injuſta, eſcapaſſem do perigo, e tomaſſem porto? Quantos na Náo Senſualidede, que ſempre navega com ſarraçaõ, ſem Sol de dia, nem Eſtrella de noite, enganados do canto das Serêas, e deixando ſe levar da corrente, ſe iriaõ perder cegamente, ou em Scylla, ou em Caribdis, onde naõ appareceſſe Navio, nem navegante; ſe a Remora da lingua de Antonio os naõ contiveſſe, até que eſclareceſſe a luz, e ſe puzeſſem em via. Eſta he a lingua, peixes, de voſſo grande Prégador, que tambem foy Remora voſſa, em quanto o ouviſtes; porque agora eſtá muda (poſto que ainda ſe conſerva inteira) ſe vem, e choraõ na terra tantos naufragios.

Mas para que da admiraçaõ de huma taõ grande virtude voſſa, paſſemos ao louvor, ou inveja de outra naõ menor; admiravel he igualmente a qualidade daquelloutro peixezinho, a que os Latinos chamáraõ Torpédo. Ambos eſtes peixes conhecemos cá mais de fama, que de viſta; mas iſto tem as virtudes grandes, que quanto ſaõ mayores, mais ſe eſcondem. Eſtá o peſcador com a cana na maõ, o anzol no fundo, e a bóya ſobre a agua, e em lhe picando na iſca a Torpédo, começa a lhe tremer o braço. Póde haver mayor, mais breve, e mais admiravel effeito? De maneira que num momento paſſa a virtude do peixezinho, da boca ao anzol, do anzol á linha, da linha á cana, e da cana ao braço do peſcador. Com muita razaõ diſſe, que eſte voſſo louvor

vòr o havia referir com inveja. Quem dera aos peſcadores do noſſo elemento, ou quem lhe puzera eſta qualidade tremente, em tudo o que peſcaõ na terra! Muito peſcaõ; mas naõ me eſpanto do muito: o que me eſpanta he, que peſquem tanto, e que tremaõ taõ pouco. Tanto peſcar, e taõ pouco tremer? Pudera-ſe fazer problema, onde ha mais peſcadores, e mais modos, e traças de peſcar, ſe no mar, ou na terra? E he certo, que na terra. Naõ quero diſcorrer por elles, ainda que fora grande conſolaçaõ para os peixes: baſte fazer a comparaçaõ com a cana, pois he o inſtrumento do noſſo caſo. No mar peſcaõ as canas, na terra peſcaõ as varas (e tanta ſorte de varas) peſcaõ as ginetas, peſcaõ as bengalas, peſcaõ os baſtoens, e até os Sceptros peſcaõ, e peſcaõ mais que todos; porque peſcaõ Cidades, e Reynos inteiros. Pois he poſſivel, que peſcando os homens couſas de tanto pezo, lhe naõ trema a maõ, e o braço? Se eu prégára aos homens, e tivera lingua de Santo Antonio, eu os fizera tremer. Vinte e dous peſcadores deſtes ſe acháraõ acaſo a hum Sermaõ de Santo Antonio, e as palavras do Santo os fizeraõ tremer a todos, de ſorte, que todos tremendo ſe lançáraõ a ſeus pés, todos tremendo confeſſáraõ ſeus furtos, todos tremendo reſtituiraõ o que podiaõ (que iſto he o que faz tremer mais neſte peccado, que nos outros) todos em fim mudáraõ de vida, e de officio, e ſe emendáraõ.

Quero acabar eſte diſcurſo de louvores, e virtudes dos peixes, com hum, que naõ ſey ſe foy ouvinte de Santo Antonio, e aprendeo delle a prégar. A verdade he, que me prégou a mim, e ſe eu fora outro, tambem me convertera. Navegando daqui para o Pará (que he bem naõ fiquem de fóra os peixes da noſſa coſta) vi correr pela tona da agua de quando em quando a ſaltos hum cardume de peixinhos, que naõ conhecia:

nhecia: e como me diſſeſſem, que os Portuguezes lhe chamavaõ Quatro Olhos, quiz averiguar ocularmente a razaõ deſte nome, e achey, que verdadeiramente tem quatro olhos, em tudo cabais, e perfeitos. Dá graças a Deos, lhe diſſe, e louva a liberalidade de ſua Divina Providencia para comtigo; pois ás Aguias, que ſaõ os linces do ar, deu ſómente dous olhos; e aos linces, que ſaõ as aguias da terra, tambem dous; e a ti pexinho, quatro. Mais me admirey ainda conſiderando neſta maravilha a circunſtancia do lugar. Tantos inſtrumentos de viſta a hum bichinho do mar nas prayas daquellas meſmas terras vaſtiſſimas, onde permitte Deos, que eſtejaõ vivendo em cegueira tantos milhares de gentes ha tantos ſeculos? Oh quam altas, e incomprehenſiveis ſaõ as razoens de Deos, e quam profundo o abyſmo de ſeus juizos!

Filoſofando pois ſobre a cauſa natural deſta Providencia, notey, que aquelles quatro olhos eſtaõ lançados hum pouco fóra do lugar ordinario, e cada par delles unidos como os dous vidros de hum relogio de arêa em tal fórma, que os da parte ſuperior olhaõ direitamente para cima, e os da parte inferior direitamente para baixo. E a razaõ deſta nova architectura he, porque eſtes peixezinhos, que ſempre andaõ na ſuperficie da agua, naõ ſó ſaõ perſeguidos dos outros peixes mayores do mar, ſenaõ tambem de grande quantidade de aves maritimas, que vivem naquellas prayas: e como tem inimigos no mar, e inimigos no ar, dobrou-lhe a Natureza as ſentinellas, e deu-lhe dous olhos, que direitamente olhaſſem para cima, para ſe vigiarem das aves, e outros dous, que direitamente olhaſſem para baixo, para ſe vigiarem dos peixes. Oh que bem informára eſtes quatro olhos huma Alma racional, e que bem empregada fora nelles, melhor que em muitos homens! Eſta he a prégaçaõ, que me fez aquel-

aquelle peixezinho, enſinando me, que ſe tenho Fé, e uſo de razaõ, ſó devo olhar direitamente, para cima, e ſó direitamente para baixo: para cima, conſiderando, que ha Ceo, e para baixo, lembrando-me, que ha Inferno. Naõ me allegou para iſſo paſſo da Eſcritura; mas entaõ me enſinou o que quiz dizer David em hum, que eu naõ entendia: *Averte oculos meos, ne videant vanitatem.* Voltay-me, Senhor, os olhos, para que naõ vejaõ a vaidade. Pois David naõ podia voltar os ſeus olhos para onde quizeſſe? Do modo que elle queria, naõ. Elle queria voltados os ſeus olhos de modo, que naõ viſſem a vaidade, e iſto naõ o podia fazer neſte Mundo, para qualquer parte, que voltaſſe os olhos, porque neſte Mundo tudo he vaidade: *Vanitas vanitatum, & omnia vanitas.* Logo para naõ verem os olhos de David a vaidade, havia-lhos de voltar Deos de modo, que ſó viſſem, e olhaſſem para o outro Mundo em ambos ſeus emiſferios: ou para o de cima, olhando direitamente ſó para o Ceo, ou para o debaixo, olhando direitamente ſó para o Inferno. E eſta he a mercê, que pedia a Deos aquelle grande Profeta, e eſta a doutrina, que me prégou aquelle peixezinho taõ pequeno. *Pſalm.* 11. 37. *Eccleſ.* 1. 2.

Mas ainda que o Ceo, e o Inferno ſe naõ fez para vós, irmãos peixes, acabo, e dou fim a voſſos louvores, com vos dar as graças do muito, que ajudais a ir ao Ceo, e naõ ao Inferno, os que ſe ſuſtentaõ de vós. Vós ſois os que ſuſtentais as Cartuxas, e os Buçacos, e todas as ſantas familias, que profeſſaõ mais rigoroſa auſteridade: vós os que a todos os verdadeiros Chriſtãos ajudais a levar a penitencia das Quareſmas: vós aquelles, com que o meſmo Chriſto feſtejou a ſua Paſcoa, as duas vezes, que comeo com ſeus Diſcipulos depois de reſuſcitado. Prezem-ſe as aves, e os animaes terreſtres de fazer eſplendidos, e cuſtoſos os banquetes

quetes dos ricos, e vós gloriay-vos de ser companheiros do jejum, e da abstinencia dos justos. Tendes todos, quantos sois, tanto parentesco, e simpatia com a virtude, que prohibindo Deos no jejum á peor, e mais grosseira carne, concede o melhor, e mais delicado peixe. E posto que na semana só dous se chamaõ vossos, nenhum dia vos he verdade. Hum só lugar vos deraõ os Astrologos entre Signos celestes, mas os que só de vós se mantem na terra, saõ os que tem mais seguros os lugares do Ceo. Em fim sois criatura daquelle elemento, cuja fecundidade entre todos he propria do Espirito Santo: *Spiritus Domini fœcundabit aquas.*

Genes. 1. 5. Sept.

Deitouvos Deos a bençaõ, que crescesseis, e multiplicasseis: e para que o Senhor vos confirme essa bençaõ, lembraivos de naõ faltar aos pobres com o seu remedio. Entendey, que no sustento dos pobres, tendes seguros os vossos augmentos. Tomay o exemplo nas irmãas sardinhas. Porque cuidais que as multiplica o Criador em numero taõ innumeravel? Porque saõ sustento de pobres. Os Solhos, e os Salmoens saõ muito contados, porque servem á mesa dos Reys, e dos poderosos: mas o peixe, que sustenta a fome dos pobres de Christo, o mesmo Christo o multiplica, e augmenta. Aquelles dous peixes, companheiros dos cinco paens do Deserto, multiplicáraõ tanto, que deraõ de comer a cinco mil homens. Pois se peixes mortos, que sustentaõ a pobres, multiplicaõ tanto, quanto mais, e melhor o faraõ os vivos. Crescey, peixes, crescey, e multiplicay, e Deos vos confirme a sua bençaõ.

§. IV.

ANtes porém que vos vades, assim como ouvistes os vossos louvores, ouvi tambem agora as vossas reprehensoens. Servirvos-haõ de confusaõ, já que naõ

seja de emenda. A primeira cousa, que me desedifica, peixes, de vós, he que vos comeis huns aos outros. Grande escandalo he este, mas a circunstancia o faz ainda mayor. Naõ só vos comeis huns aos outros, senaõ que os grandes comem os pequenos. Se fora pelo contrario, era menos mal. Se os pequenos comeraõ os grandes, bastára hum grande para muitos pequenos: mas como os grandes comem os pequenos, naõ bastaõ cem pequenos, nem mil, para hum só grande. Olhay como estranha isto Santo Agostinho: *Homines pravis, preversisque cupiditatibus facti sunt veluti pisces invicem se devorantes.* Os homens com suas más, e preversas cobiças; vem a ser como os peixes, que se comem huns aos outros. Taõ alhêa cousa he, naõ só da razaõ, mas da mesma natureza, que sendo todos criados no mesmo elemento, todos cidadãos da mesma patria, e todos finalmente irmãos, vivais de vos comer. Santo Agostinho, que prégava aos homens, para encarecer a fealdade deste escandalo, mostrou lho nos peixes; e eu, que prégo aos peixes, para que vejais quam feyo, e abominavel he, quero que o vejais nos homens. Olhay, peixes, lá do mar para a terra. Naõ, naõ: naõ he isto o que vos digo. Vós virais os olhos para os matos, e para o Sertaõ? Para cá, para cá: para a Cidade he, que haveis de olhar. Cuidais, que só os Tapuyas se comem huns aos outros, muito mayor açougue he o de cá, muito mais se comem os brancos. Vêdes vós todo aquelle bolir, vêdes todo aquelle andar, vêdes aquelle concorrer ás praças, e cruzar as ruas: vêdes aquelle subir, e descer as calçadas, vêdes aquelle entrar, e sahir sem quietaçaõ, nem socego? Pois tudo, aquillo he andarem buscando os homens como haõ de comer, e como se haõ de comer. S. Aug.

Morreo algum delles, vereis logo tantos sobre o miseravel a despedaçalo, e comelo. Comem-no os herdeiros,

deiros, comem-no os teſtamenteiros, comem-no os legatarios, comem-no os accrédores: comem-no os officiaes de orfãos, e os de defuntos, e auſentes: come-o o Medico, que o curou, ou ajudou a morrer, come-o o ſangrador, que lhe tirou o ſangue, come-o a meſma mulher, que de má vontade lhe dá para mortalha o lançol mais velho de caſa, come-o o que lhe abre a cova, o que lhe tange os ſinos, e os que cantando o levaõ a enterrar: em fim, ainda ao pobre defunto o naõ comeo a terra, e já o tem comido toda a terra. Já ſe os homens ſe comeraõ ſómente depois de mortos, parece, que era menos horror, e menos materia de ſentimento. Mas para que conheçais, a que chega a voſſa crueldade, conſideray, peixes, que tambem os homens ſe comem vivos, aſſim como vós. Vivo eſtava Job, quando dizia: *Quare perſequimini me, & carnibus meis ſaturamini?* Porque me perſeguis taõ deshumanamente, vós, que me eſtais comendo vivo, e fartando-vos da minha carne? Quereis ver hum Job deſtes? Vêde hum homem deſſes, que andaõ perſeguidos de pleitos, ou accuſados de crimes, e olhay quantos o eſtaõ comendo. Come-o o Meirinho, come-o o Carcereiro, come-o o Eſcrivaõ, come o o Solicitador, come-o o Advogado, come-o o Inqueredor, come-o a Teſtimunha, come-o o Julgador, e ainda naõ eſtá ſentenciado, e já eſtá comido. Saõ peores os homens, que os córvos. O triſte, que foy á forca, naõ o comem os córvos, ſe naõ depois de executado, e morto; e o que anda em juizo, ainda naõ eſtá executado, nem ſentenciado, e já eſtá comido.

Job. 19. 22.

E para que vejais como eſtes comidos na terra, ſaõ os pequenos, e pelos meſmos modos, com que vós vos comeis no mar; ouvi a Deos queixando-ſe deſte peccado: *Nonne cognoſcent omnes, qui operantur iniquitatem, qui devorant plebem meam, ut cibum panis?* Cuidais,

Pſalm. 13. 4.

dais, diz Deos, que naõ ha de vir tempo, em que conheçaõ, e paguem o seu merecido aquelles, que cõmettem a maldade? E que maldade he esta, á qual Deos singularmente chama a maldade, como se naõ houvera outra no Mundo? E quem saõ aquelles, que a commettem? A maldade he comerem-se os homens huns aos outros, e os que a commettem, saõ os mayorores, que comem os pequenos: *Qui devorant plebem meam, ut cibum panis.* Nestas palavras, pelo que vos toca, importa, peixes, que advirtais muito outras tantas cousas, quantas saõ as mesmas palavras. Diz Deos, que comem os homens naõ só o seu povo, senaõ declaradamente a sua plebe: *Plebem meam*: porque a plebe, e os plebêos, que saõ os mais pequenos, os que menos pódem, e os que menos avultaõ na Republca, estes saõ os comidos. E naõ só diz, que os comem de qualquer modo, senaõ que os engolem, e os devóraõ: *Qui devorant.* Porque os grandes, que tem o mando das Cidades, e das Provincias, naõ se contenta a sua fome de comer os pequenos hum por hum, ou poucos a poucos, senaõ que devóraõ, e engolem os póvos inteiros: *Qui devorant plebem meam.* E de que modo os devóraõ, e comem? *Ut cibum panis*: naõ como os outros comeres, senaõ como paõ. A differença, que ha entre o paõ, e os outros comeres, he que para a carne, ha dias de carne, e para o peixe, dias de peixe, e para as frutas differentes mezes no anno; porém o paõ he comer de todos os dias, que sempre, e continuadamente se come. E isto he o que padecem os pequenos. Saõ o paõ quotidiano dos grandes: e assim como o paõ se come com tudo, assim com tudo, e em tudo saõ comidos os miseraveis pequenos, naõ tendo, nem fazendo officio, em que os naõ carreguem, em que os naõ multem, em que os naõ defraudem, em que os naõ comaõ, traguem, e devórem: *Qui devo-*

rant

rant p'lebem suam, ut cibum panis. Parece-vos bem isto, peixes? Representa-se me, que com o movimento das cabeças estais todos dizendo, que não; e com olhardes huns para os outros, vos estais admirando, e pasmando, de que entre os homens haja tal injustiça! Pois isto mesmo he o que vós fazeis. Os mayores comeis os pequenos: e os muito grandes não só os comem hum por hum, senaõ os cardumes inteiros: e isso continuadamente sem differença de tempos, naõ só de dia, senaõ tambem de noite, ás claras, e ás escuras, como tambem fazem os homens.

Se cuidais por ventura, que estas injustiças, que entre vós, se toléraõ, passaõ sem castigos; enganais-vos. Assim como Deos as castiga nos homens, assim tambem por seu modo as castiga em vós. Os mais velhos, que me ouvís, e estais presentes, bem vistes neste Estado, e quando menos ouvirieis murmurar aos passageiros nas canôas, e muito mais lamentar aos miseraveis remeiros dellas, que os mayores, que cá foraõ mandados, em vez de governar, e augmentar o mesmo Estado, o destruiraõ; porque toda a fome, que de lá traziaõ, a fartavaõ em comer, e devorar os pequenos. Assim foy. Mas se entre vós se achaõ acaso alguns dos que seguindo a esteira dos navios, vaõ com elles a Portugal, e tornaõ para os mares patrios; bem ouviriaõ estes lá no Téjo, que esses mesmos mayores, que cá comiaõ os pequenos, quando lá chegaõ, achaõ outros mayores, que os comaõ tambem a elles. Este he o estylo da Divina Justiça taõ antigo, e manifesto, que até os Gentios o conheceraõ, e celebráraõ.

Vos

Vos quibus rector maris, atque terræ
Jus dedit magnum necis, atque vitæ;
Ponite inflatos, tumidosque vultus;
Quidquid á vobis minor extimescit,
Maior hoc vobis Dominus minatur.

Notay, peixes, aquella definiçaõ de Deos: *Rector maris, atque terræ.* Governador do mar, e da terra: para que naõ duvideis, que o mesmo estylo, que Deos guarda com os homens na terra, observa tambem comvosco no mar. Necessario he logo, que olheis para vós, e que naõ façais pouco caso da doutrina, que vos deu o grande Doutor da Igreja Santo Ambrosio, quando fallando comvosco, disse: *Cave nedum alium insequeris, incidas in validiorem.* Guarde-se o peixe, que persegue o mais fraco para o comer, naõ se ache na boca do mais forte, que o engula a elle? Nós o vemos aqui cada dia. Vay o Xaréo correndo a traz do Bagre, como o caõ a poz a lébre, e naõ vê o cego, que lhe vem nas costas o Tubaraõ com quatro ordens de dentes, que o ha de engolir de hum bocado. He o que com mayor elegancia vos disse tambem Santo Agostinho: *Prædo minoris, fit præda maioris.* Mas naõ bastaõ, peixes, estes exemplos, para que acabe de se persuadir a vossa gula, que a mesma crueldade, que usais com os pequenos, tem já apparelhado o castigo na voracidade dos grandes. *S. Ambros.* *S. Aug.*

Já que assim o experimentais com tanto damno vosso, importa, que daqui por diante sejais mais Republicos, e zelosos do bem commum, e que este prevaleça contra o appetite particular de cada hum; para que naõ succeda, que assim como hoje vemos a muitos de vós taõ diminuidos, vos venhais a consumir de todo. Naõ vos bastaõ tantos inimigos de fóra, e tantos

tos perſeguidores taõ aſtutos, e pertinazes, quantos ſaõ os peſcadores, que nem de dia, nem de noite deixaõ de vos pôr em cerco, e fazer guerra por tantos modos? Naõ vêdes, que contra vós ſe emalhaõ, e entralhaõ as redes; contra vós ſe tecem as nallas, contra vós ſe trocem as linhas, contra vós ſe dobraõ, e farpêaõ os anzóes, contra vós as fiſgas, e arpoens? Naõ vêdes, que contra vós até as canas ſaõ lanças, e as cortiças armas offenſivas? Naõ vos baſta pois, que tenháis tantos, e taõ armados inimigos de fóra, ſenaõ que tambem vós de voſſas portas a dentro o haveis de ſer mais crueis, perſeguindo-vos em huma guerra mais que civîl, e comendo-vos huns aos outros? Gelle, ceſſe já, irmãos peixes, e tenha fim algum dia eſta taõ perniciosa diſcordia: e pois vos chamey, e ſois irmãos, lembraivos das obrigaçoens deſte nome. Naõ eſtaveis vós muito quietos, muito pacificos, e muito amigos todos, grandes, e pequenos, quando vos prégava Santo Antonio? Pois continuay aſſim, e ſereis felices.

Dirmeheis (como tambem dizem os homens) que naõ tendes outro modo de vos ſuſtentar. E de que ſe ſuſtentaõ entre vós muitos, que naõ comem os outros? O mar he muito largo, muito fertil, muito abundante, e ſó com o que bota ás prayas póde ſuſtentar grande parte dos que vivem dentro nelle. Comerem-ſe huns animaes aos outros he voracidade, e ſevicie, e eſtatuto da Natureza. Os da terra, e do ar, que hoje ſe comem, no principio do Mundo naõ ſe comiaõ, ſendo aſſim conveniente, e neceſſario, para que as eſpecies de todos ſe multiplicaſſem. O meſmo foy (ainda mais claramente) depois do Diluvio: porque tendo eſcapado ſómente dous de cada eſpecie, mal ſe podiaõ conſervar, ſe ſe comeſſem. E finalmente no tempo do meſmo Diluvio, em que todos viveraõ juntos na Arca, o lobo eſtava vendo o cordeiro, o gaviaõ a perdiz,

diz, o leaõ, o gamo, e cada hum aquelles, em que ſe coſtuma cevar; e ſe acaſo lá tiveraõ eſſa tentaçaõ, todos lhe reſiſtiraõ, e ſe accommodáraõ com a raçaõ do payol commum, que Noé lhe repartia. Pois ſe os animaes dos outros elementos mais calidos foraõ capazes deſta temperança, porque o naõ ſeraõ os da agua? Em fim ſe elles em tantas occaſioens pelo deſejo natural da propria conſervaçaõ, e augmento, fizeraõ da neceſſidade virtude, fazeyo vós tambem, ou fazey a virtude ſem neceſſidade, e ſera mayor virtude.

Outra couſa muito geral, que naõ tanto me deſedifica, quanto me laſtîma em muitos de vós, he aquella taõ notavel ignorancia, e cegueira, que em todas as viagens experimentaõ ós que navegaõ para eſtas partes. Toma hum homem do mar hum anzol, ata-lhe hum pedaço de panno cortado, e aberto em duas, ou tres pontas; lança-o por hum bocado delgado até tocar na agua, e em o vendo o peixe, arremete cego a elle, e fica prezo, e boqueando, até que aſſim ſuſpenſo no ar, ou lançado no convés, acaba de morrer. Póde haver mayor ignorancia, e mais rematada cegueira que eſta? Enganados por hum retalho de panno, perder a vida? Dirme heis, que o meſmo fazem os homens. Naõ volo nego. Dá hum exercito batalha contra outro exercito, metem-ſe os homens pelas pontas dos piques, dos chuços, e das eſpadas: e porque? Porque houve quem os engodou, e lhe fez iſca com dous retalhos de panno. A vaidade entre os vicios he o peſcador mais aſtuto, e que mais facilmente engana os homens. E que faz a vaidade? Poem por iſca as pontas deſſes piques, deſſes chuços, e deſſas eſpadas, dous retalhos de panno, ou branco, que ſe chama Habito de Malta, ou verde, que ſe chama de Avîs, ou vermelho, que ſe chama de Chriſto, e de Santiago; e os homens por chegarem a paſſar eſſe retalho de pan-

no ao peito; naõ reparáõ em tragar, e engolir o ferro. E depois diſſo que ſuccede? O meſmo, que a vós. O que engolio o ferro, ou alli, ou noutra occaſiaõ ficou morto: e os meſmos retalhos de panno tornáraõ outra vez ao anzol para peſcar outros. Por eſte exemplo vos concedo, peixes, que os homens fazem o meſmo, que vós, poſto que me parece, que naõ foy eſte o fundamento da voſſa repoſta, ou eſcuſa; porque cá no Maranhaõ, ainda que ſe derrame tanto ſangue, naõ ha exercitos, nem eſta ambiçaõ de Habitos.

Mas nem por iſſo vos negarey, que tambem cá ſe deixaõ peſcar os homens pelo meſmo engano, menos honrada, e mais ignorantemente. Quem peſca as vidas a todos os homens do Maranhaõ, e com que? Hum homem do mar com huns retalhos de panno. Vem hum Meſtre de navio de Portugal, com quatro varreduras das logeas, com quatro pannos, e quatro ſedas, que já lhe paſſou a era, e naõ tem gaſto: e que faz? Iſca com aquelles trapos aos moradores da noſſa terra: dá lhe huma ſacadéla, e dá-lhe outra, com que cada vez lhe ſobe mais o preço, e os bonitos, ou os que o querem parecer, todos esfaimados aos trapos, e alli ficaõ engaſgados, e prezos, com dividas de hum anno para outro anno, e de huma çafra para outra çafra, e lá vay a vida. Iſto naõ he encarecimento. Todos a trabalhar toda a vida, ou na róça, ou na cana, ou no engenho, ou no tabacal. E eſte trabalho de toda a vida, quem o leva? Naõ o levaõ os coches, nem as liteiras, nem os cavallos, nem os eſcudeiros, nem os pagens, nem os lacayos, nem as tapeçarias, nem as pinturas, nem as baxellas, nem as joyas; pois em que ſe vay, e diſpende toda a vida? No triſte farrapo, com que ſahem á rua, e para iſſo ſe matáõ todo o anno.

Naõ he iſto, meus peixes, grande loucura dos homens, com que vos eſcuſais? Claro eſtá que ſim: nem

vós o podeis negar. Pois se he grande loucura esperdiçar a vida por dous retalhos de panno, quem tem obrigaçaõ de se vestir; vós, a quem Deos vestio de pé até a cabeça, ou de péles de taõ vistosas, e appropriadas cores, ou de escamas prateadas, e douradas, vestidos, que nunca se rompem, nem gastaõ com o tempo, nem se variaõ, ou pódem variar com as modas; naõ he ignorancia, e mayor cegueira deixarevos enganar, ou deixarevos tomar pelo beiço com duas tirinhas de panno? Vêde o vosso Santo Antonio, que pouco o pôde enganar o Mundo com essas vaidades. Sendo moço, e nobre, deixou as galas, de que aquella idade tanto se préza, trocou-as por huma loba de sarja, e huma corrêa de Conego Regrante: e depois que se vio assim vestido, parecendo-lhe, que ainda era muito custosa aquella mortalha, trocou a sarja pelo burel, e a corrêa pela corda. Com aquella corda, e com aquelle panno pescou elle muitos, e só estes se naõ enganáraõ, e foraõ sizudos.

§. V.

Descendo ao particular, direy agora, peixes, o que tenho contra alguns de vós. E começando aqui pela nossa costa, no mesmo dia, em que cheguey a ella, ouvindo os Roncadores, e vendo o seu tamanho, tanto me moveraõ a rizo, como a ira. He possivel, que sendo vós huns pexinhos taõ pequenos, haveis de ser as roncas do mar? Se com huma linha de cozer, e hum alfinete torcido vos póde pescar hum aleijado, porque haveis de roncar tanto? Mas por isso mesmo roncais. Dizeime, o Espadarte porque naõ ronca? Porque ordinariamente quem tem muita espada, tem pouca lingua. Isto naõ he regra geral; mas he regra geral, que Deos naõ quer Roncadores, e que tem particular cuidado de abater, e humilhar aos que muito roncaõ. S. Pedro, a quem muito bem conheceraõ vossos antepassados, ti-

nha taõ boa eſpada, que elle ſó avançou contra hum exercito inteiro de Soldados Romanos; e ſe Chriſto lha naõ mandára meter na bainha, eu vos prometto, que havia cortar mais orelhas, que a de Malco. Com tudo, que lhe ſuccedeo naquella meſma noite? Tinha roncado, e barbateado Pedro, que ſe todos fraqueaſſem, ſó elle havia de ſer conſtante até morrer, ſe foſſe neceſſario: e foy tanto pelo contrario, que ſó elle fraqueou mais que todos, e baſtou a voz de huma mulherſinha para o fazer tremer, e negar. Antes diſſo já tinha fraqueado na meſma hora, em que prometteo tanto de ſi. Diſſe-lhe Chriſto no Horto, que vigiaſſe; e vindo dahi a pouco a ver ſe o fazia, achou-o dormindo com tal deſcuido, que naõ ſó o acordou do ſomno, ſe naõ tambem do que tinha brazonado: *Sic non potuiſti* Marc. 14. 37. *una hora vigilare mecum?* Vós, Pedro, ſois o valente, que havieis de morrer por mim, e naõ pudeſtes huma hora vigiar comigo? Pouco ha tanto roncar, e agora tanto dormir? Mas aſſim ſuccedeo. O muito roncar antes da occaſiaõ, he final de dormir nella. Pois que vos parece, irmãos Roncadores? Se iſto ſuccedeo ao mayor peſcador, que póde acontecer ao menor peixe? Medivos, e logo vereis, quam pouco fundamento tendes de brazonar, nem roncar.

Se as Balêas roncáraõ, tinha mais deſculpa a ſua arrogancia na ſua grandeza. Mas ainda nas meſmas Balêas naõ ſeria eſſa arrogancia ſegura. O que he a Balêa entre os peixes, era o Gigante Golias entre os homens. Se o Rio Jordaõ, e o mar de Tyberiades tem communicaçaõ com o Occeano, como devem ter, pois delle manaõ todos; bem deveis de ſaber, que eſte Gigante era a ronca dos Filiſtêos. Quarenta dias continuos eſteve armado no campo, deſafiando a todos os arrayaes de Iſrael, ſem haver quem ſe lhe atreveſſe. E no cabo que fim teve toda aquella arrogancia? Baſtou hum

hum paſtorſinho com hum cajado, e huma funda, para dar com elle em terra. Os arrogantes, e ſoberbos tomaõ-ſe com Deos; e quem ſe toma com Deos, ſempre fica debaixo. Aſſim que, amigos Roncadores, o verdadeiro conſelho he calar, e imitar a Santo Antonio. Duas couſas, ha nos homens, que os coſtumaõ fazer roncadores, porque ambas inchaõ: o ſaber, e o poder. Caifaz roncava de ſaber: *Vos neſcitis quidquam.* Pilatos roncava de poder: *Neſcis quia poteſtatem habeo?* E ambos contra Chriſto. Mas o fiel Servo de Chriſto Antonio, tendo tanto ſaber, como já vos diſſe, e tanto poder, como vós meſmos experimentaſtes, ninguem houve já mais, que o ouviſſe fallar em ſaber, ou poder, quanto mais brazonar diſſo. E porque tanto calou, por iſſo deu tamanho brado.

Joan. 11. 46. Joan. 19. 10.

Neſta viagem, de que fiz menção, e em todas as que paſſey a Linha Equinocial, vi debaixo della, o que muitas vezes tinha viſto, e notado nos homens, e me admirou, que ſe houveſſe eſtendido eſta ronha, e pegado tambem aos peixes. Pegadores ſe chamaõ eſtes, de que agora fallo, e com grande propriedade; porque ſendo pequenos, naõ ſó ſe chegaõ a outros mayores; mas de tal ſorte ſe lhe pegaõ aos coſtados, que já mais os deſaférraõ. De alguns animaes de menos força, e induſtria, ſe conta, que vaõ ſeguindo de longe aos Leões na caça; para ſe ſuſtentarem, do que a elles ſobeja. O meſmo fazem eſte Pegadores, taõ ſeguros ao perto, como aquelles ao longe; porque o peixe grande naõ póde dobrar a cabeça, nem voltar a boca ſobre os que traz ás coſtas, e aſſim lhe ſuſtenta o pezo, e mais a fome. Eſte modo de vida, mais aſtuto, que generoſo, ſe acaſo ſe paſſou, e pegou de hum elemento a outro, ſem duvida, que o aprendêraõ os peixes do alto, depois que os noſſos Portuguezes o navegáraõ; porque naõ parte Viſo Rey, ou Governador para as Conquiſtas, que

que naõ vá rodeado de Pegadores, os quaes se arrimaõ a elles, para que cá lhe matem a fome, de que lá naõ tinhaõ remedio. Os menos ignorantes delenganados da experiencia, despegaõ-se, e buscaõ a vida por outra via; mas os que se deixaõ estar pegados á mercê, e fortuna dos mayores, vem-lhe a succeder no fim o que aos Pegadores no mar.

Rodea á Náo o Tubaraõ nas calmarias da Linha com os seus Pegadores ás costas, taõ cirzido com a pelle, que mais parecem remendos, ou manchas naturaes, que os hospedes, ou companheiros. Lançaõ-lhe hum anzol de cadêa, com a raçaõ de quatro Soldados, arremeça-se furiosamente á preza, engole tudo de hum bocado, e fica prezo. Corre meya campanha a alallo a cima, bate fortemente o convés com os ultimos arrancos, em fim, morre o Tubaraõ, e morrem com elle os Pegadores. Parece-me, que estou ouvindo a S. Mattheos, sem ser Apostolo pescador, descrevendo isto mesmo na terra. Morto Herodes, diz o Evangelista, appareceo o Anjo a Joseph no Egypto, e disse-lhe, que já podia tornar para a patria; porque eraõ mortos todos aquelles, que queriaõ tirar a vida ao Menino: *Defuncti sunt enim qui quærebant animam Pueri* Os que queriaõ tirar a vida a Christo Menino, eraõ Herodes, e todos os seus, toda a sua familia, todos os seus adherentes, todos, os que seguiaõ, e pendiaõ da sua fortuna. Pois he possivel, que todos esses morressem juntamente com Herodes? Sim: porque em morrendo o Tubaraõ, morrem tambem com elle os Pegadores: *Defuncto Herode, defuncti sunt qui quærebant animam Pueri.* Eis-aqui, peixezinhos ignorantes, e miseraveis, quam errado, e enganoso he este modo de vida, que escolhestes. Tomay exemplo nos homens, pois elles o naõ tomaõ em vós, nem seguem, como devêraõ, o de Santo Antonio.

Matth. 2. 20.

Deos

Deos tambem tem os ſeus Pegadores. Hum deſtes era David, que dizia: *Mihi autem adhærere Deo bonum eſt.* Peguem-ſe outros aos grandes da terra, que eu ſó me quero pegar a Deos. Aſſim o fez tambem Santo Antonio; e ſenaõ olhay para o meſmo Santo, e vêde como eſtá pegado com Chriſto, e Chriſto com elle. Verdadeiramente ſe póde duvidar, qual dos dous he alli o Pegador: e parece, que he Chriſto; porque o menor he ſempre o que ſe pega ao mayor, e o Senhor fez-ſe taõ pequenino, para ſe pegar a Antonio. Mas Antonio tambem ſe fez Menor, para ſe pegar mais a Deos. Daqui ſe ſegue, que todos, os que ſe pegaõ a Deos, que he immortal, ſeguros eſtaõ de morrer como os outros Pegadores. E taõ ſeguros, que ainda no caſo, em que Deos ſe fez Homem, e morreo, ſó morreo, para que naõ morreſſem todos, os que ſe pegaſſem a elle. Bem ſe vio nos que eſtavaõ já pegados, quando diſſe: *Si ergo me quæritis ſinite hos abire:* Se buſcais a mim, deixay ir a eſtes. E poſto que deſte modo ſó ſe pódem pegar os homens, e vós, meus peixezinhos naõ; ao menos devereis imitar aos outros animaes do ar, e da terra, que quando ſe chegaõ aos grandes, e ſe amparaõ do ſeu poder, naõ ſe pegaõ de tal ſorte, que morraõ juntamente com elles. Lá diz a Eſcritura daquella famoſa arvore, em que era ſignificado o grande Nabucodonoſor, que todas as aves do Ceo deſcançavaõ ſobre ſeus ramos, e todos os animaes da terra ſe recolhiaõ á ſua ſombra, e huns, e outros ſe ſuſtentavaõ de ſeus frutos: mas tambem diz, que tanto que foy cortada eſta arvore, as aves voáraõ, e os outros animaes fugiraõ. Chegay-vos embora aos grandes; mas naõ de tal maneira pegados, que vos mateis por elles, nem morrais com elles.

Pſalm. 72. 28.

Joann. 18. 8.

Conſideray, Pegadores vivos, como morreraõ os outros, que ſe pegáraõ áquelle peixe grande, e porque.

O Tu-

O Tubaraõ morreo porque comeo, e elles morreraõ pelo que naõ comeraõ. Póde haver mayor ignorancia, que morrer pela fome, e boca alheya? Que morra o Tubaraõ, porque comeo, matou o a ſua gula; mas que morra o Pegador pelo que naõ comeo, he a mayor deſgraça, que ſe póde imaginar! Naõ cuidey, que tambem nos peixes havia peccado original? Nós os homens fomos taõ deſgraçados, que outrem comêo, e nós o pagamos. Toda a noſſa morte teve principio na golodice de Adaõ, e Eva; e que hajamos de morrer pelo que outrem comêo, grande deſgraça! Mas nós lavamonos deſta deſgraça com huma pouca de agua, e vós naõ vos podeis lavar da voſſa ignorancia com quanta agua tem o mar.

Com os Voadores tenho tambem huma palavra; e naõ he pequena a queixa. Dizey-me, Voadores, naõ vos fez Deos para peixes; pois porque vos meteis a ſer aves? O mar fello Deos para vós, e o ar para ellas. Contentay-vos com o mar, e com nadar, e naõ queirais voar, pois ſois peixes. Se acaſo vos naõ conheceis, olhay para as voſſas eſpinhas, e para as voſſas eſcamas, e conhecereis, que naõ ſois ave, ſenaõ peixe, e ainda entre os peixes, naõ dos melhores. Dirme-heis, Voador, que vos deu Deos mayores barbatanas, que aos outros do voſſo tamanho. Pois porque tiveſtes mayores barbatanas, por iſſo haveis de fazer das barbatanas azas? Mas ainda mal porque tantas vezes vos deſengana o voſſo caſtigo. Quizeſtes ſer melhor que os outros peixes; e por iſſo ſois mais mofino, que todos. Aos outros peixes do alto, mata-os o anzol, ou fiſga; a vós ſem fiſga, nem anzol, mata-vos a voſſa preſumpçaõ, e o voſſo capricho. Vay o navio navegando, e o Marinheiro dormindo, e o Voador toca na véla, ou na corda, e cahe palpitando. Aos outros peixes mata os a fome, e engana-os a iſca, ao Voador mata o a vaidade de voar, e a ſua iſca

he

he o vento. Quanto melhor lhe fora mergulhar por baixo da quilha, e viver, que voar por cima das antenas, e cahir morto. Grande ambiçaõ he, que sendo o mar taõ immenso, que naõ basta a hum peixe taõ pequeno todo o mar, e queira outro elemento mais largo! Mas vêde, peixes, o castigo da ambiçaõ. O Voador fello Deos peixe, e elle quiz ser ave, e permitte o mesmo Deos, que tenha os perigos da ave, e mais os de peixe. Todas as vélas para elle saõ redes como peixe, e todas as cordas laços, como ave. Vê, Voador, como correo pela pósta o teu castigo. Pouco ha nadavas vivo no mar com as barbatanas, e agora jazes em hum convés amortalhado nas azas. Naõ contente com ser peixe, quizeste ser ave, e já naõ es ave, nem peixe: nem voar poderás já, nem nadar. A Natureza deu-te a agua, tù naõ quizeste se naõ o ar, e eu já te vejo ao fogo. Peixes, contente-se cada hum com o seu elemento. Se o Voador naõ quizera passar do segundo ao terceiro, naõ viera a parar no quarto. Bem seguro estava elle do fogo, quando nadava na agua, mas porque quiz ser borboleta das ondas, vieraõse-lhe a queimar as azas.

A' vista deste exemplo, Peixes, tomay todos na memoria esta sentença. Quem quer mais do que lhe convém, perde o que quer, e o que tem. Quem póde nadar, e quer voar, tempo virá, em que naõ voe, nem nade. Ouvi o caso de hum Voador da terra. Simaõ Mago, a quem a Arte Magica, na qual era famosissimo, deu o sobrenome, fingindo se, que elle era o verdadeiro Filho de Deos, sinalou o dia, em que nos olhos de toda Roma havia de subir ao Ceo, e com effeito começou a voar muy alto; porém a oraçaõ de Saõ Pedro, que se achava presente, voou mais depressa que elle, e cahindo lá de cima o Mago, naõ quiz Deos, que morresse logo, senaõ que nos olhos tambem de todos quebrasse, como quebrou os pés. Naõ quero, que repareis no castigo, se-

naõ no genero delle. Que caya Simaõ, eſtá muito bem cahido; que morra, tambem eſtaria muito bem morto, que o ſeu atrevimento, e a ſua arte diabolica o merecia. Mas que de huma quéda taõ alta naõ rebente, nem queb e a cabeça, ou os braços, ſenaõ os pés? Sim, diz Saõ Maximo: porque quem tem pés para andar, e quer azas para voar, juſto he, que perca as azas, e mais os pés. Elegantemente o Santo Padre: *Ut qui paulo ante volare*
S. Max. *tentaverat, ſubito ambulare non poſſet: & qui pennas aſſumpſerat, plantas omitteret.* E Simaõ tem pés, e quer azas, póde andar, e quer voar! pois quebrem-ſe-lhe as azas, para que naõ voe, e tambem os pés, para que naõ ande. Eis-aqui, Voadores do mar, o que ſuccede aos da terra, para que cada hum ſe contente com o ſeu elemento. Se o mar tomára exemplo nos rios, depois que Icaro ſe afogou no Danubio, naõ haveria tantos Icaros no Oceano.

Oh Alma de Antonio, que ſó vós tiveſtes azas, e voaſtes ſem perigo, porque ſoubeſtes voar para baixo, e naõ para cima! Já Saõ Joaõ vio no Apocalypſe aquella mulher, cujo ornato gaſtou todas as ſuas luzes ao Firmamento, e diz, que lhe foraõ dadas ſuas grandes azas de Aguia: *Datæ ſunt mulieri alæ duæ Aquilæ magnæ.*
Apoc. 12. 14. E para que? *Ut volaret in deſertum*, para voar ao deſerto. Notavel couſa, que naõ debalde lhe chamou o meſmo Profeta, grande maravilha. Eſta mulher eſtava no Ceo: *Signum magnum apparuit in Cœlo mulier amicta Sole.* Pois ſe a mulher eſtava no Ceo, e o deſerto na terra, como lhe daõ azas para voar ao deſerto? Porque ha azas para ſobir, e azas para deſcer. As azas para ſobir ſaõ muito perigoſas, as azas para deſcer, muito ſeguras: e taes foraõ as de Santo Antonio. Deraõ-ſe á Alma de Santo Antonio duas azas de Aguia, que foy aquella duplicada ſabedoria natural, e ſobrenatural taõ ſublime, como ſabemos. E elle que fez? Naõ eſtendeo as azas para ſobir, encolheu-as para deſcer; e taõ encolhidas,

que

que ſendo Arca do Teſtamento, erá reputado, como já vos diſſe, por Leigo, e ſem ſciencia. Voadores do mar (naõ fallo com os da terra) imitay o voſſo Santo Prégador. Se vos parece, que as voſſas barbatanas vos pódem ſervir de azas, naõ as eſtendais para ſobir, porque vos naõ ſucceda encontrar com alguma véla, ou algum coſtado: encolheyas para deſcer, ide vos meter no fundo em alguma cóva: e ſe ahi eſtiveres mais eſcondidos, eſtareis mais ſeguros.

Mas já que eſtamos nas cóvas do mar, antes que ſaihamos dellas, temos lá o irmaõ Polvo, contra o qual tem ſuas queixas, e grandes, naõ menos, que S. Baſilio, e Santo Ambroſio. O Polvo com aquelle ſeu capêllo na cabeça, parece hum Monge, com aquelles ſeus rayos eſtendidos, parece huma Eſtrella, com aquelle naõ ter oſſo, nem eſpinha, parece a meſma brandura, a meſma manſidaõ. E debaixo deſta apparencia taõ modeſta, ou hypocreſia taõ ſanta, teſtimunhaõ conteſtamente os dous grandes Doutores da Igreja Latina, e Grega, que o dito Polvo he o mayor traidor do mar. Conſiſte eſta traiçaõ do Polvo primeiramente em ſe veſtir, ou pintar das meſmas cores de todas aquellas cores, a que eſtá pegado. As cores, que no Camaleaõ ſaõ gala, no Polvo taõ malicia: as figuras, que em Protêo ſaõ fabula, no Polvo taõ verdade, e artificio. Se eſtá nos limos faz-ſe verde; ſe eſtá na arêa, faz-ſe branco, ſe eſtá no lôdo, faz-ſe pardo; e ſe eſtá em alguma pedra, como mais ordinariamente coſtuma eſtar, faz-ſe de côr da meſma pedra. E daqui que ſuccede? Succede, que o outro peixe innocente da traiçaõ, vay paſſando deſacautelado, e o falteador, que eſtá de emboſcada dentro do ſeu proprio engano, lança-lhe os braços de repente, e fallo prizioneiro. Fizera mais Judas? Naõ fizera mais; porque nem fez tanto. Judas abraçou a Chriſto, mas outros o prenderaõ: o Polvo he, o que abraça, e mais

D. Amb. broſ. D. Baſil.

o que prende. Judas com os braços fez o final, e o Polvo dos proprios braços faz as cordas. Judas he verdade, que foy traidor, mas com lanternas diante: traçou a traiçaõ ás escuras, mas executou-a muito ás claras. O Polvo escurecendo-se a si, tira a vista aos outros, e a primeira traiçaõ, e roubo, que faz, he á luz, para que naõ distinga as cores. Vê, peixe aleivoso, e vil, qual he a tua maldade, pois Judas em tua comparaçaõ já he menos traidor.

Oh que excésso taõ afrontoso, e taõ indigno de hum elemento taõ puro, taõ claro, e taõ crystallino; como o da Agua, espelho natural, naõ só da terra, se naõ do mesmo Ceo. Lá disse o Profeta por encarecimento, que nas nuvens do ar até a agua he escura: *Tenebrosa aqua in nubibus aeris.* E disse nomeadamente nas nuvens do ar, para attribuir a escuridade a outro elemento, e naõ á agua, a qual em seu proprio elemento sempre he clara, diafana, e transparente, em que nada se póde occultar, encobrir, nem dissimular. E que neste mesmo elemento se crie, se conserve, e se exercite com tanto damno do bem publico, hum monstro taõ dissimulado, taõ fingido, taõ astuto, taõ enganoso, e taõ conhecidamente traidor? Vejo, Peixes, que pelo conhecimento, que tendes das terras, em que batem os vossos mares, me estais respondendo, e convindo, que tambem nellas ha falsidades, enganos, e fingimentos, embustes, siladas, e muito mayores, e mais perniciosas traiçoens. E sobre o mesmo sujeito, que defendeis, tambem podereis applicar aos similhantes outra propriedade muito propria, mas pois vós a callais, eu tambem a callo. Com grande confusaõ porém vos confesso tudo, e muito do que dizeis, pois o naõ posso negar. Mas ponde os olhos em Antonio vosso Prégador, e vereis nelle o mais puro exemplo na candura da sinceridade, e da verdade, onde nunca houve dolo, fingimento,

Ps. 17. 12.

mento, ou engano. E sabey tambem, que para haver tudo isto em cada hum de nós, bastava antigamente ser Portuguez, naõ era necessario ser Santo.

Tenho acabado, Irmãos Peixes, os vossos louvores, e reprehensoens, e satisfeito, como vos prometti, ás duas obrigaçoens de sal, posto que do mar, e naõ da terra: *Vos estis sal terræ.* Só résta fazervos huma advertencia muito necessaria, para os que viveis nestes mares. Como elles saõ taõ esparcelados, e cheyos de baixîos, bem sabeis, que se perdem, e dão á costa muitos navios, com que se enriquece o mar, e a terra se empobrece. Importa pois, que advirtais, que nesta mesma riqueza tendes hum grande perigo, porque todos, os que se aproveitaõ dos bens dos naufragantes, ficaõ excommungados, e malditos. Esta pena de excommunhaõ, que he gravissima, naõ se poz a vós, senaõ aos homens; mas tem mostrado Deos por muitas vezes, que quando os animaes commettem materialmente o que he prohibido por esta Ley, tambem elles encorrem, por seu modo, nas penas della, e no mesmo ponto começaõ a definhar, até que acabaõ miseravelmente. Mandou Christo a Saõ Pedro, que fosse pescar, e que na boca do primeiro peixe, que tomasse, acharia huma moeda, com que pagar certo tributo. Se Pedro havia tomár mais peixe que este, supposto que elle era o primeiro do preço delle, e dos outros podia fazer o dinheiro, com que pagar aquelle tributo, que era de huma só moeda de prata, e de pouco pezo, com que mysterio manda logo o Senhor, que se tire da boca deste peixe, e que seja elle o que morra primeiro, que os demais? Ora estay attentos. Os peixes naõ batem moeda no fundo do mar, nem tem contratos com os homens, donde lhes posta vir dinheiro: logo a moeda, que este peixe tinha engolido, era de algum navio, que fizera naufragio naquelles mares. E quiz mostrar

o Se-

o Senhor, que as penas, que S. Pedro, ou seus successores fulminaõ contra os homens, que tomaõ os bens dos naufragantes, tambem os peixes por seu modo as encorrem, morrendo primeiro, que os outros, e com o mesmo dinheiro, que engoliraõ, atravessado na garganta. Oh que boa doutrina era esta para a terra, se eu naõ prégára no mar! Para os homens naõ ha mais miseravel morte, que morrer com o alheyo atravessado na garganta; porque he peccado, que o mesmo Saõ Pedro, e o mesmo Summo Pontifice naõ póde absolver. E posto que os homens encorrem a morte eterna, de que naõ saõ capazes os peixes, elles com tudo apressaõ a sua temporal, como neste caso, se materialmente, como tenho dito, se naõ abstem dos bens dos naufragantes.

§. VI.

COm esta ultima advertencia vos despido, ou me despido de vós, meus Peixes. E para que vades consolados do Sermaõ, que naõ sey quando ouvireis outro, quero-vos aliviar de huma desconsolaçaõ muy antiga, com que todos ficastes desde tempo, em que se publicou o Levitico. Na Ley Ecclesiastica, ou Ritual do Levitico, escolheo Deos certos animaes, que lhe haviaõ de ser sacrificados: mas todos elles, ou animaes terrestes, ou aves, ficando os peixes totalmente excluidos dos sacrificios. E quem duvida, que esta exclusaõ taõ universal era digna de grande desconsolaçaõ, e sentimento, para todos os habitadores de hum elemento taõ nobre, que mereceo dar a materia ao primeiro Sacramento? O motivo principal de serem excluidos os peixes, foy porque os outros animaes podiaõ ir vivos ao sacrificio, e os peixes geralmente naõ, senaõ mortos; e couza morta naõ quer Deos, que se lhe offereça, nem chegue aos seus Altares. Tambem este ponto era muy importante, e necessario aos homens,

mens, ſe eu lhes prégára a elles. Oh quantas Almas chegaõ áquelle Altar mortas, porque chegaõ, e naõ tem horror de chegar, eſtando em peccado mortal! Peixes, day muitas graças a Deos de vos livrar deſte perigo; porque melhor he naõ chegar ao Sacrificio, que chegar morto. Os outros animaes offereçaõ a Deos o ſer ſacrificados; vós offerecey-lhe o naõ chegar ao ſacrificio: os outros ſacrifiquem a Deos o ſangue, e a vida; vós ſacrificay-lhe o reſpeito, e a reverencia.

Oh peixes, quantas invejas vos tenho a eſſa natural irregularidade! Quanto melhor me fora naõ tomar a Deos nas mãos, que tomalo taõ indignamente! Em tudo, o que vos excedo, peixes vos reconheço muitas vantagens. A voſſa bruteza he melhor, que a minha razaõ, e o voſſo inſtincto melhor, que o meu alvedrio. Eu fallo, mas vós naõ offendeis a Deos com as palavras: eu lembro-me, mas vós naõ offendeis a Deos com a memoria: eu diſcorro, mas vós naõ offendeis a Deos com o entendimento: eu quero, mas vós naõ offendeis a Deos com a vontade. Vós foſtes criados por Deos, para ſervir ao homem, e conſeguis o fim, para que foſtes criados: a mim crioume para o ſervir a elle, e eu naõ conſigo o fim para que me criou. Vós naõ haveis de ver a Deos, e podereis apparecer diante delle muito confiadamente, porque o naõ offendeſtes: eu eſpero, que o hey de ver, mas com que roſto hey de apparecer diante de ſeu Divino acatamento, ſe naõ céſſo de o offender? Ah que quaſi eſtou para dizer, que me fora melhor ſer como vós, pois de hum homem, que tinha as minhas meſmas obrigaçoens, diſſe a ſumma verdade, que melhor lhe fora naõ naſcer, ou naõ naſcer homem: *Si natus non fuiſſet homo ille.* E pois os que naſcemos homens, reſpondemos taõ mal ás obrigaçoens de noſ-

ſo

ſo naſcimento, contentay-vos, Peixes, e day muitas graças a Deos pelo voſſo.

Benedicite cete, & omnia, quæ moventur in aquis, Domino. Louvay, Peixes, a Deos, os grandes, e os pequenos, e repartidos em Dous córos taõ innumeraveis, louvayo todos unifórmemente. Louvay a Deos, porque vos criou em tanto numero. Louvay a Deos, que vos diſtinguio em tantas eſpecies: louvay a Deos, que vos veſtio de tanta variedade, e formoſura: louvay a Deos, que vos habilitou de todos os inſtrumentos neceſſarios para a vida: louvay a Deos, que vos deu hum elemento taõ largo, e taõ puro: louvay a Deos, que vindo a eſte Mundo, viveo entre vós, e chamou para ſi aquelles, que comvoſco, e de vós viviaõ: louvay a Deos, que vos ſuſtenta, louvay a Deos, que vos conſerva, louvay a Deos, que vos multiplica: louay a Deos, em fim, ſervindo, e ſuſtentando ao homem, que he o fim, para que vos criou: e aſſim como no principio vos deu ſua bençaõ, vo la dê tambem agora. Amen. Como naõ ſois capazes de Gloria, nem Graça, naõ acaba o voſſo Sermaõ em Graça, e Gloria.

SERMAM,

QUE PREGOU

OP. ANTONIO VIEIRA,

AO ENTERRO DOS OSSOS

DOS

ENFORCADOS,

NA MISERICORDIA DA CIDADE DA BAHIA,
havendo guerras naquelles Estados.

Reimpresso á custa

D E D. T. A.

F. do S. Officio.

LISBOA,

Com todas as licenças necessarias. Anno 1753.

SERMAM,

QUE PREGOU

O P. ANTONIO

VIEIRA,

NO ENTERRO DOS OSSOS

DOS

INFORCADOS,

NA IGREJA DA CIDADE DA BAHIA,

Havendo grandes tempestades.

Rompendo a cantar

O GALLO.

A de S. Ophcio.

LISBOA.

Com todas as licenças necessarias. Anno 1733.

Misericordia, & veritas obviaverunt sibi, justitia, & pax osculatæ sunt. Psalm. 84.

§. I.

ESTA dobrada uniaõ de virtudes, que David prometteo ao Mundo, quando nelle se vissem tambem unidas a Natureza Divina com a humana, saõ as duas partes, de que religiosamente se compoem todo este apparato funebre, que entre horror, e piedade, temos presente. Despojos da justiça, troféos da misericordia. Vêde com que differentes Procissoens, e com que diversos acompanhamentos, estes mesmos homens vivos, foraõ levados pela justiça ao lugar infame do supplicio, e mortos saõ trazidos pela misericordia, com tanta honra ao da Ecclesiastica sepultura. Alli pagáraõ, o que mereciaõ os delictos, aqui recebem o que se deve á humanidade. Diz pois David, que naquelles tempos ditosos, sahindo a se encontrar a misericordia, e a justiça, a justiça se abraçou com a paz, e a misericordia com a verdadde: *Misericordia, & veritas obviaverunt sibi, justitia, & pax osculatæ sunt.* Psalm. 84. 11.

Abraçáraõ-se a justiça, e a paz, e foy a justiça a primeira, que concorreo para este abraço: *Justitia, & pax.* Porque a justiça naõ he a que depende da paz (como alguns tomaõ por escusa) senaõ a paz da justiça. Faça a justiça aquella justa guerra, de que esses ossos saõ os despojos, e delles, e della nascerá a suspirada paz, cuja falta padecemos ha tantos annos. No Nascimento de Christo annunciáraõ os Anjos paz aos homens: *Et in terra pax hominibus.* E donde lhe havia de vir essa paz aos homens, e á terra? Naõ precisamente do Rey pacifico, que nascia, senaõ da justiça, que em seus dias havia de nascer: *Orietur in diebus ejus justitia, & abundantia pacis.* Nascerá em seus dias a justiça (diz o Profeta,) e entaõ haverá grande colheita de paz: porque a paz saõ os frutos da justiça. Toda a Republica em todo o

Luc. 2. 14.

Ps. 71. 7.

tempo ha miſter paz, e a noſſa no tempo preſente dobrada paz: paz interior contra os inimigos de dentro: paz exterior contra os de fóra; e huma, e outra teremos, ſe a juſtiça a cultivar, como deve. Vêdes aquelles oſſos deſenterrados? Pois aquella he a ſemente, de que naſce a paz. A juſtiça ſemêa-os no ar, e a paz colhe-ſe na terra. Abſalaõ quer dizer: *Pax Patris*: Paz de ſeu Pay; mas naõ foy paz de ſeu Pay eſtando vivo, ſenaõ depois de morto, e enforcado. Vivo fez-lhe cruel guerra; enforcado deu-lhe a paz de todo o Reyno. Se houvera juſtiça, que enforcára Abſaloens, eu vos prometto, que dentro, e fóra naõ houvera tantas guerras. O mayor exemplo de juſtiça, que vio o Mundo, foy o do Diluvio: e que ſe ſeguio depois delle? A paz, que trouxe a Pomba a Noé no ramo da Oliveira. As aguas do Diluvio naõ arrancáraõ, nem ſeccáraõ a Oliveira, antes a regáraõ. Debaixo dellas ſe conſervou inteira, e verde, porque debaixo dos grandes, e exemplares caſtigos, creſce, e reverdece a paz.

2. Reg. 19. 1.

Geneſ. 8. 11.

Para mim o primeiro ſinal della, naõ foy o da Pomba ſenaõ o do Corvo. Sahio o Corvo da Arca, poz-ſe a comer, e cevar nos corpos afogados do Diluvio: e quando ſe dá carne de juſtiçados aos Córvos, ſegura eſtá a paz do Mundo: Se o Corvo trouxera á Arca huma daquellas caveiras, tanto, e mais ſe pudera aſſegurar della Noé, que da Oliveira da Pomba. Nunca Jeruſalem gozou mayor paz, que no tempo d'ElRey Salamaõ, mas eſſa naõ eſtava ſó no Olivete, ſenaõ no Calvario. Aſſim o profetizou ao meſmo Salamaõ ſeu Pay, fallando da felicidade do ſeu Reynado: *Suſcipiant montes pacem populo, & colles juſtitiam.* Os montes traráõ a paz ao povo, e os outeiros a juſtiça. E porque os outeiros a juſtiça, e os montes a paz? Porque em Jeruſalem havia hum monte mais alto cuberto de Oliveiras, que era o Olivete, e outro outeiro, ou monte mais baixo, cuberto de caveiras, que era o Calvario, onde ſe juſti-

Pſ. 71. 3.

justiçavaõ os delinquentes. E quando os outeiros, como o Calvario, com as suas caveiras, mostraõ a justiça; os montes, como o Olivete, com as suas Oliveiras, annunciaõ a paz: *Suscipiant montes pacem, & colles justitiam.* Oh como veriamos esles montes coroados de paz, se se vissem estes outeiros semeados de justiça! Mas nós esquecidos desta regra (que tambem he militar) todos nos occupamos em fortificar, e presidiar outeiros, e montes. Que importa, que estejaõ presidiadas as Fortalezas, se estaõ desguarnecidas as forcas? Aquellas saõ as que nos haõ de defender da Justiça Divina, que só vem do Ceo, quando falta na terra. O Imparador Maximiliano, quando via huma forca, tirava-lhe o chapéo; porque estas (dizia) saõ as que me sustentaõ em paz o meu Imperio. Por isso diz David, como Profeta, e tambem o pudera dizer como Rey, que a justiça, e a paz se abraçáraõ: *Justitia, & pax osculatæ sunt.* *Ibid.*

Tenho declarado huma das partes do Thema, que sendo taõ propria do tempo, tambem naõ foy alheya do lugar, e do acto presente, pois he da misericordia, que suppoem justiça; para discorrer mais largamente sobre a segunda, e principal, he-nos necessario mayor Graça. *Ave Maria.*

§. II.

Misericordia, & veritas obviaverunt sibi.

HUm dos mais prodigiosos casos, com que o Ceo assombrou a terra, e as nossas terras, foy o memoravel terremoto da Ilha Terceira, naõ muitos annos antes deste. Arruinou, subverteo, e arrazou totalmente a Villa, chamada da Praya; mas foy muito mais notavel, pelo que derrubou. Unicamnte ficáraõ inteiras, e sem lezaõ, estas tres partes, ou peças daquelle Povo: a Cadêa publica, a Casa da Misericordia, e o Pulpito da Igreja mayor. Oh Providencia Divina, sempre vigilante, que ainda nos casos, que parecem, e pódem ser da Natu-

reza

reza! Aquellas tres exceiçoens taõ notaveis, naõ foraõ ſem grande myſterio. E todos, os que as viraõ, o notáraõ, e reconheceraõ logo. No Carcere o reconheceraõ a juſtiça, no Hoſpital a Miſericordia, e no Pulpito a verdade. Como ſe nos prégára Deos aos Portuguezes, e mais aos das Cidades, e Praças maritimas (como eſta he, e aquella era) que por falta de Juſtiça, de Miſericordia, e de Verdade, ſe vem taõ deſtruidas, e aſſoladas as noſſas Conquiſtas. E que ſó ſe póde defender, conſervar, e manter em pé ſobre tres columnas: com verdade, e com miſericordia, e com juſtiça: da juſtiça baſta, o que fica dito: da miſericordia, e verdade diremos agora.

Miſericordia, & veritas obviaverunt ſibi. Contèm eſtas palavras, Senhores, hum documento notavel, e muito digno de o notarem, e advertirem todos, os que neſta illuſtriſſima Communidade com o nome, e com as obras profeſſaõ miſericordia. Profetiza, e canta David, como maravilha, e excellencia propria da Ley da Graça, que nos tempos della (que ſaõ eſtes noſſos) a miſericordia, e a verdade ſe concordariaõ, ſe abraçariaõ, e ſe uniriaõ entre ſi. Iſto quer dizer *Obviaverunt ſibi.* E he notavel dizer. As virtudes naõ ſaõ como os vicios. Os vicios, ainda que ſe ajuntem no meſmo ſujeito, e para o meſmo fim, ſempre vaõ atados ao revés, como as rapozas de Sanſaõ, ſempre deſencontrados, e inimigos. Naõ aſſim as virtudes. As virtudes conſervaõ tal irmandade, e harmonia entre ſi, que ſempre eſtaõ unidas, e concordes: e entre todas as virtudes, a nenhuma he mais intrinſeca eſta uniaõ, que á verdade, porque a virtude, que naõ he juntamente verdade, naõ he virtude. Como diz logo David, e como celebra por maravilha, propria da Ley de Chriſto, que a miſericordia ſe ajuntaria com a verdade, e a verdade com a miſericordia: *Miſericordia, & veritas obviaverunt ſibi?* Huma couſa diz David, outra ſuppoem, e ambas certas.

ras. Diz, que a misericordia, e a verdade se haviaõ de encontrar, e unir; porque assim o manda Christo: e suppoem, que a misericordia, e a verdade, podiaõ andar desencontradas, e desunidas; porque assim acontece muitas vezes. Nem tudo o que parece misericordia, he misericordia, e verdade. Ha misericordias, que saõ misericordias, e mentiras. Parecem misericordias, e saõ respeitos: parecem misericordias, e saõ interesses: parecem misericordias, e saõ outros affectos taõ contrarios desta virtude, como de todas.

Quem ouvisse dizer a Judas: *Ut quid perditio hæc? Potuit enim istud venundari multo, & dari pauperibus.* Para que he esperdiçar assim este unguento taõ precioso? Melhor fora vendelo por muito dinheiro, e matar com elle a fome a muitos pobres. Quem ouvisse isto a hum Apostolo, havia de dizer, que era vontade de fazer bem, que era espirito de caridade, que era impulso, e affecto de misericordia. Mas o Evangelista Saõ Joaõ, que lhe conhecia o animo, vêde, que differentemente no lo pintou, e despintou: *Dixit autem hoc, non quia de egenis pertinebat ad eum, sed quia fur erat, & loculos habens.* Naõ dizia isto Judas, porque tratasse dos pobres, senaõ porque tratava de si. As palavras pareciaõ de hum Apostolo, mas os intentos eraõ de hum ladraõ. Era cobiça em habito de piedade, era ladroice com rebuço de misericordia: *Quia fur erat, & loculos habens.* Eu naõ quero applicar, faça-o cada hum comsigo, se achar por onde. Vamos a outro exemplo de gente mais honrada, e de materia mais perigosa. *Matth. 26. 9.*

Sahio Abrahaõ peregrino da sua patria, fez assento em Egypto com toda a sua familia, e naõ se tinhaõ passado muitos dias, depois que chegára, quando já era hum dos mais ricos, e poderosos do lugar: tinha muitos campos, muitos gados, muitos escravos, liberalidades tudo do Rey, e moradores daquella terra. Quando

do iſto li a primeira vez, comecey a murmurar de noſſos tempos, e a dizer comigo: Eſta ſim, que he caridade, eſta ſim, que he miſericordia. Remediar com tanta preſteza hum homem peregrino, ſoccorrer com tanta abundancia huma familia deſterrada, naõ ſe faz aſſim entre nós com os retirados de Pernambuco: li por diante, e tudo, o que ouviſtes, nada era menos, que apparecia. Parecia piedade, eraõ reſpeitos: parecia miſericordia, e eraõ intereſſes. Digamolo mais claro: Parecia caridade, e era amor. Todas eſtas enchentes de bens corriaõ á caſa de Abrahaõ, naõ por amor de Abrahaõ, ſenaõ por amor de Sara; e naõ porque era peregrina Sara, ſenaõ porque a formoſura de Sara era peregrina: *Scio, quod pulchra ſis mulier: Abraham bene uſi ſum propter illam.*

Geneſ. 12. 11. & 16.

De ſorte (como dizia) que nem tudo, o que parece miſericordia, he miſericordia, e verdade, ſenaõ muitas vezes miſericordia, e mentira. Em Judas o zelo dos pobres, parecia miſericordia, e era cobiça: em Faraó o agazalho dos peregrinos, parecia miſericordia, e era laſcivia; e ſe eſtes defeitos ſe achaõ em miſericordias coroadas, ou com a coroa Sacerdotal, como era a de Judas, ou com a coroa Real, como a de Faraó, menos maravilha ſeria, que ſe poſſaõ achar nas miſericordias de outros ſujeitos, onde os da menor condiçaõ, e os da mayor, todos ſaõ inferiores. Com ſer porém aſſim, que em muitas acçoens, e obras de miſericordia, a miſericordia, e a verdade andaõ deſencontradas (de que póde ſer, que neſta meſma Caſa, e dentro deſtas ſantas paredes, aſſim nas eleiçoens dos officios, como no exercicio delles haja menos antigos, e mais palpaveis exemplos) deixados elles á conſidereçaõ, e conſciencia do tribubunal, a quem toca, e vindo ao acto preſente, como proprio deſte dia; digo, Senhores, que entre todas as obras de miſericordia, que ou publica, ou

ou privadamente professa o vosso Instituto; esta he singularmente aquella, em que a misericordia, e a verdade se achaõ juntamente. Nas outras obras de misericordia póde ir a misericordia por hum caminho, e a verdade por outro; nesta naõ he assim. Por mais desencontradas, e mais longe, que andassem huma da outra, aqui se encontraõ, aqui se abraçaõ, aqui se unem: *Misericordia, & veritas obviaverunt sibi.*

E para que conheça a Irmandade da Misericordia quanto digo nisto, que digo, ouçamos ao mesmo David, naõ já fallando da misericordia humana, mas da Divina. O mayor Prégador da misericordia entre todos os Profetas, foy David. E todas as vezes, em que elle (como eu agora) se achava em algum grande auditorio, o que prégava da misericordia de Deos, he, que sempre andou junta com a verdade: *Non abscondi misericordiam tuam, & veritatem tuam à concilio multo.* Como Rey, que tanto devia á misericordia Divina, e como Profeta, que tambem a conhecia, sempre a trazia na boca, mas sempre junta com a verdade. Se fallava com Deos, misericordia, e verdade: *Misericordia, & veritas præcedent faciem tuam: Domine, in Cœlo misericordia tua, & veritas tua usque ad nubes.* Se fallava de Deos, Misericordia, e verdade: *Misericordiam, & veritatem diligit Deus: Universæ viæ Domini misericordia, & veritas.* Se nos exhortava a louvar a Deos, misericordia, e verdade: *Laudate Dominum omnes gentes, confirmata est super nos misericordia ejus, & veritas Domini manet in æternum. Non nobis, Domine, non nobis, sed nomini tuo da gloriam; super misericordia tua, & veritate tua.* Mas porque insistia tanto David nos louvores de Deos, em ajuntar sempre a verdade com a misericordia? Porque he taõ grande prerogativa, taõ alta, e taõ divina a uniaõ da misericordia com verdade, que entre todos seus attributos, de nenhum se preza, nem gloria mais Deos;

Psal. 88 15. Psal. 36 61

Psal. 83. 12. Psal. 24. 10.

Psalm. 116. 1.

Psalm. 113. 1.

que desta uniaõ. O mesmo Deos o revelou assim a David, e o mesmo David a nós: *Super misericordia tua, & veritate tua, quoniam magnificasti super omne nomen sanctum tuum.* Quiz Deos magnificar, e engrandecer o seu nome, quiz tomar para si hum nome, que fosse sobre todo o nome; e o nome, que elegeo entre todos seus attributos, foy misericordia, e verdade. A seu Filho deu Deos hum nome sobre todo o nome: *Et dedit illi nomen super omne nomen*: e para si tomou tambem hum nome sobre todo o nome: *Magnificasti super omne nomen sanctum tuum.* E assim como o de Christo sobre todo o nome, he JESU: *Ut in nomine Jesu omne genu flectatur.* Assim o nome de Deos, sobre todo o nome, he misericordia, e verdade: *In misericordia tua, & veritate tua* Naõ misericordia, e justiça, naõ misericordia, e sabedoria, naõ misericordia, e omnipotencia, naõ misericordia, e immensidade, senaõ misericordia, e verdade: e se a uniaõ da verdade com a misericordia, he taõ sobre-excellente, e taõ sobre divina na Misericordia de Deos; vêde, que será, e qual será na misericordia humana; poisbe, Senhores, o que eu digo desta acçaõ da misericordia, que temos presente: *Misericordia, & veritas obviaverunt sibi.*

Psalm. 117. 2.

Philip. 2. 9.

§. III.

E Se me perguntais o fundamento desta taõ gloriosa, e quasi divina singularidade, respondo, que por duas razoens, ambas tambem presentes, huma geral, outra particular. A primeira, e geral; porque he obra de misericordia, feita a homens mortos. A segunda, e particular, porque he feita a mortos justiçados, e tirados da forca. Começando pela primeira. Entaõ se une a misericordia com a verdade, quando a obra de misericordia he taõ verdadeira, e pura, que naõ tem mistura de outro affecto, que a vicie, nem liga de outro motivo, ou respeito, que a falsifique. E taes saõ as obras de misericordia, que se exercitaõ com os mortos. Quando

Judas

Judas condemnou a unçaõ da Magdalena, acodio o Divino Meſtre a emmendar a cenſura do máo Diſcipulo, dizendo, e enſinando a toda a ſua eſcola, que aquella obra fora boa: *Opus enim bonum operata eſt in me.* Matth. 26. 10.

Em dizer o Senhor abſolutamente, que a obra fora boa, qualificou, e definio, que era livre de todo, e qualquer defeito, que a pudeſſe viciar; porque *bonum ex integra cauſa, malum ex quocumque defectu.* Agora pergunto: e porque foy abſolutamente boa, e pura aquella obra, e naõ ſó livre dos defeitos, que lhe oppunha a calumnia de Judas, ſenaõ de todo o defeito? Eu cuidava, que nas meſmas palavras de Chriſto eſtava a verdadeira razaõ: naõ ſó diſſe o Senhor: *Opus bonum operata eſt*; mas accreſcentou: *in me*: em mim. E como aquella obra fora feita em Chriſto, a Chriſto, e por Chriſto, parece, que naõ havia miſter outra couſa, nem outra prova, para ſer qualificada por boa, e puramente boa: *Opus bonum.* Aſſim o cuidava eu, e creyo, que o cuidaráõ todos; mas naõ foy eſta a razaõ, com que o Senhor provou a bondade, e pureza da obra, ſenaõ outra muito mais ſecreta, que ninguem podia imaginar, verdadeiramente admiravel, e profundiſſima: *Mittens hæc unguentum hoc in corpus meum ad ſepeliendum me fecit.* Os unguentos precioſos, e aromaticos naquelle tempo uſavaõ ſe para ungir os mortos, e tambem os vivos. Os vivos por delicia, os mortos para a ſepultura. Reſponde pois Chriſto a Judas: Vês eſte unguento, que derramou a Magdalena ſobre mim, e de que tu tanto te eſcandalizas? Pois has de ſaber, que ella naõ me ungia por delicia, como vivo, ſenaõ para a ſepultura, como morto. Quando meu corpo eſtiver morto no Sepulchro, hame de querer ungir a Magdalena, e naõ ha de poder: e porque a ſua devoçaõ merece, que eu naõ deixe de receber eſte ultimo officio de piedade, por iſſo com moçaõ, e inſtincto divino

me veyo ungir anticipadamente, para prevenir em meu corpo esta ceremonia de defunto: *Prævenit ungere corpus meum.* De sorte (notay agora) que para Christo haver por provado, que aquella obra era absolutamente boa, e livre de todo o respeito, e defeito humano, naõ bastou referir, que era feita a elle, como todos estavaõ vendo, mas foy-lhe necessario revelar o mysterio, que só o mesmo Senhor, e a Magdalena entendiaõ; e declarar, que o naõ ungio como vivo, senaõ como morto: *Opus bonum operata est, ad sepeliendum me fecit.* Tanto vay nas obras de misericordia serem feitas a mortos, ou a vivos; ainda que o vivo seja o mesmo Christo Se fora obsequio feito a Christo vivo, pudera arguir a especulaçaõ, e suspeitar a malicia, ou murmurar, e calumniar algum defeito apparente; que quando menos o puzesse em duvida; mas como era obra de misericordia, exercitada com hum corpo morto; e para lhe dar sepultura irrefragavelmente ficou demonstrando, que era verdadeira, e pura misericordia, ou fallando nos nossos termos, que era mîsericordia, e verdade, *Misericordia, & veritas.*

Marc. 14. 8.

O fundamento solido, e claro desta Filosofia, he, porque os motivos, que pòdem viciar a pureza, e falsificar a verdade das obras da misericordia, saõ outros respeitos humanos; e na dos mortos naõ ha respeitos. Ponhamos o exemplo nos mais respeitados, e nos mais respeitosos do Mundo, que saõ os Reys, e os que andaõ mais chegados a elles. Morreo ElRey Herodes, aquelle, que logo em seu nascimento quiz tirar a vida a Christo, e o obrigou a fugir ao Egypto; e tanto que morreo, appareceo o Anjo a Saõ Joseph, e disse-lhe que seguramente podia tornar para as terras de Israel: *Defuncti sunt enim, qui quærebant animam pueri.* Porque já eraõ mortos, os que perseguiaõ o Menino. Este porque do Anjo, parece, que foy mais largo, do que ha-

Matth. 2. 20.

via de ser. O Evangelista diz, que só morrera Herodes: *Defuncto Herode.* Pois se o que morreo foy só Herodes, perseguidor de Christo, como diz o Anjo, que morreraõ todos, os que o perseguiaõ? Porque com a morte dos Reys morrem todos os respeitos, que os acompanhaõ na vida. Herodes perseguia a Christo, por respeito da Coroa, os demais perseguiaõ-o por respeito de Herodes, e como morreo Herodes, tambem morreraõ com elle todos esses respeitos.

E diz o Anjo angelicamente, naõ, que morreraõ os respeitos, senaõ que morreraõ os respeitosos, ou respectivos; isto he, os familiares de Herodes, para que se desenganem todos os mortaes, de quam pouco se devem fiar os mortos dos vivos. Em algumas naçoens da India, quando morrem os Reys, mataõ-se juntamente com elles todos os seus criados, e validos. Cá naõ se mataõ, mas tambem morrem. Morrem para elles, e vivem (como sempre viveraõ) só para si. E se isto succede aos Reys, que será dalli abaixo? Desenganemonos pois, que para os mortos naõ ha vivos. Todos morrem com quem morre: *Defuncto Herode: defuncti sunt enim.* Atay as palavras do Evangelista com as do Anjo, e notay muito aquelle *enim.* Morrem os vivos com os mortos, sem outro achaque, nem porque, senaõ porque elles morreraõ. Naõ morreria muito tresvariado, e fóra de si, quem nomeasse por seu testamenteiro hum morto? Pois assim o fazem, os que na morte encõmendaõ os descargos de sua alma aos vivos. Até os que na vida morriaõ por vós, na morte morrem comvosco. Vêde-o nos filhos para com os pays, e nos irmãos para com os irmãos, e o que he mais, que tudo, nos amigos para com os amigos. O par mayor dos amigos, que lemos na Escritura (que os outros saõ fabulosos) foraõ Jonathas, e David. Morreo Jonathas, ficou David vivo, e tudo, o que fez por elle, foy tirar a fazenda a seu

seu filho, e compôr hum Soneto, ou huma Cançaõ á
2. Reg. 1 26 & 27. sua morte: *Deleo super te, frater mi Jonatha, decore nimis, & amabilis super amorem mulierum. Sicut mater unicum amat filium suum, ita ego te diligebam.* Reparay no *diligebam:* amava. Elle meſmo confeſſa, e diz, naõ que ama, ſenaõ que amava, porque com a morte de Jónathas, morreo tambem o amor de David. Fiay-vos lá de amigos, e mais dos mais diſcretos? O que podeis eſperar, quando muito, da ſua memoria, ou do ſeu entendimento, he huma meya folha de papel, com quatorze verſos: melhor foſſa huma Bulla de defuntos.

Mas tornando a Herodes, e á declaraõ dos reſpeitos, porque na ſua morte morreraõ com elle todos os ſeus; he de ſaber, que eſte Herodes, por ſobrenome Aſcalonita, foy o homem, que por todas as artes, e manhas, ſoube melhor ganhar, ſujeitar, e unir a ſi os animos dos homens. Como era intruſo na Coroa, e reynou quarenta e dous annos, ſempre com receyo, de que o privaſſem do Reyno; a huns grangeava com favores, e mercês, como Rey, a outros ſujeitava com rigores, e caſtigos, como tyranno. E por eſte modo dominava de tal ſorte a todos, que naõ havia no ſeu Reyno, mais, que huma ſó vontade, que era a ſua. Bem ſe vio na entrada dos Magos em Jeruſalem, com
Matth. 2. 3. voz de outro Rey: *Turbatus eſt Herodes.* Turbouſe Herodes: *Et omnis Hieroſolyma cum illo.* E todos por elle, e com elle. E aſſim como todos viviaõ com elle, quando vivo, aſſim todos morreraõ com elle, quando morto. Em quanto vivo, huns viviaõ com elle pelo beneficio, outros pelo medo; tanto que morreo morreraõ tambem todos com elle, porque nem huns tinhaõ já que temer, nem outros, que eſperar. Eſta he a mayor miſeria dos mortos, ſerem gente, que naõ póde fazer bem, nem mal. E porque com elles morrem, e ſe acabaõ

baõ todos os respeitos, e dependencias, porque se governaõ os affectos humanos, por isso assim como nelles aquella he a mayor miseria, assim para com elles esta he a mayor misericordia. Misericordia sem respeito, misericordia sem dependencia, misericordia sem motivo algum, que naõ seja pura misericordia, e por isso em fim misericordia, e verdade: *Misericordia, & veritas.*

Naõ sou muito amigo de authoridades, porque raramente se pódem ajustar com quem differ, o que naõ está dito. Ouçamos porém a de Santo Ambrosio, que melhor, e mais altamente, que todos tocou este ponto. Naquelle seu famoso Livro, que intitulou de *Officiis*, fallando da sepultura dos mortos, diz, que entre todos os beneficios, que póde fazer a piedade humana, este he o mais excellente: *Nihil hoc officio præstantius.* Outros diriaõ, que mayor beneficio, e mayor obra de misericordia he sustentar os pobres, e remir os cativos, porque a huns dá-se vida, e a outros liberdade. Com tudo este grande Doutor da Igreja, e Mestre de Santo Agostinho, diz, que dar sepultura aos mortos, ainda da parte de quem recebe o beneficio, he o mais excellente de todos, e dá a razaõ: *Nihil hoc officio præstantius, ei conferre, qui tibi jam non potest reddere.* He (diz) o mais excellente de todos, porque he o beneficio feito a quem naõ póde pagar: eu accrescentára, nem dever. He fazer bem, a quem vos naõ póde fazer bem: eu accrescentára, nem mal. He obra, de que senaõ espera agradecimento: eu accrescentára, nem queixa. He finalmente compadecerme eu, e remediar a quem naõ padece a miseria, nem sente o beneficio, que isto he ser morto. O bem, que se faz aos vivos (como bem sabem os que o fazem, e naõ ignoraõ os que o recebem) póde-o negociar o interesse, póde-o solicitar a dependencia, póde-o violentar o respeito: e nada

disto

diſto ſe póde eſperar de huns oſſos ſeccos, nem temer de humas cinzas frias. Logo a ſepultura dos mortos he o mayor officio de piedade, como diz Ambroſio: logo a ſepultura dos mortos he miſericordia, e verdade, como nós dizemos, porque he miſericordia pura, e limpa de toda a outra attençaõ, e nùa, como a verdade, de todo o reſpeito. Mas concluamos com a Eſcritura, que he ſó a que diz tudo

Conſidera David o eſtado dos mortos, e admirado de que tambem delles tenha providencia Deos, exclama, ou pergunta aſſim: *Nunquid mortuis facies mirabilia?* He poſſivel, Senhor, que com os mortos, que já naõ tem ſer, ha de ſer taõ cuidadoſa a voſſa providencia, que faça por elles maravilhas? Naõ ſe poderá exagerar mais, nem encarecer melhor, quam grande couſa he fazer bem aos mortos, e lembrar delles; pois hum Profeta, que ſabia, e conhecia de Deos mais que todos, chega a chamar a eſta obra, milagre da Divina Bondade, e naõ ſó o venera com tanta admiraçaõ, mas quaſi parece, que o duvida: *Nunquid mortuis facies mirabilia?* Ora ſaibamos, em que topava eſta admiraçaõ, e difficuldade de David, e que mayor, ou menor razaõ achava nos mortos, que nos vivos, para ſer mais maravilhoſa nelles a providencia, e bondade Divina. O meſmo David ſe declarou reſpondendo a huma pergunta com outra pergunta, e amplificando hum *nunquid* com outro *nunquid*: *Nunquid narrabit aliquis in ſepulchro miſericordiam tuam, & veritatem tuam in perditione?* He poſſivel, que ſe haõ de contar exemplos da voſſa miſericordia na ſepultura, e da voſſa verdade na perdiçaõ? Se David fizera de encõmenda eſte verſo, naõ viera mais de molde ao que dizemos. Primeiramente chama á miſericordia verdade, e á ſepultura perdiçaõ: e logo poem a miſericordia na ſepultura: *Miſericordiam in ſepulchro*: e a verdade na perdiçaõ:

Pſ. 87. 11.

Ibid.

diçaõ: *Et veritatem in perditione.* Porque em ser a sepultura perdiçaõ, consiste o ser a misericordia verdade. Ora vêde: Lá disse com alta Filosofia Seneca, que a verdade de bem fazer, naõ consiste em dar o beneficio, e perdello, senaõ em o perder, e dallo: *Beneficium est non dare, & perdere, sed perdere, & dare.* Dar o beneficio, e perdello, he caso, que succede muitas vezes, ou por imprudencia de quem o dá, ou por impossibilidade, ou avareza; ou por ingratidaõ de quem o recebe, e neste caso a boa obra naõ he beneficio, he ignorancia, ou desgraça. Pois quando he verdadairo benficio a obra boa? Quando quem a faz, sabe que a perde, e com tudo a faz. E taes saõ os bens, que se fazem aos mortos. Como os mortos naõ sentem, nem conhecem o beneficio, que se lhes faz, e ainda que o conheceraõ, naõ o pódem agradecer, nem pagar, tudo o que se faz aos mortos, he como se se perdera, e por isso a sepultura se chama perdiçaõ: *In sepulchro, in perditione.* E com tudo, que sendo a sepultura perdiçaõ, haja com tudo misericordia taõ alheya, e taõ limpa de todo o interesse, que naõ só dê sepultura aos mortos; mas sepultura taõ nobre, e taõ honrada, como a que temos presente, com taõ longo, e taõ illustre acompanhamento, com tanta pompa de luzes, com tanta magestade de insignias, com tanto apparato, e riqueza de tumulos, com tanto concerto, e harmonia de ceremonias sagradas, de Ministros, de Suffragios, e Officios Ecclesiasticos; estas saõ as maravilhas da misericordia, de que David, parece, que se duvidava, e se admira: *Nunquid mortuis facies mirabilia?* E esta he aquella pura misericordia, que por naõ ter mistura alguma de outro affecto, ou respeito, se chama em Deos, e nos homens misericordia, e verdade: *Misericordiam tuam in sepulchro, & veritatem tuam in perditione. Misericordia, & veritas obviaverunt sibi.*

§. IV.

ESTá dada a primeira, e geral razaõ, mas naõ baſta, porque tem ſua réplica. Paſſemos á ſegunda, e particular, que a naõ tem, nem póde ter. Baſta abſolutamente ſer a obra de miſericordia, feita a mortos, por ſer miſericordia, e verdade, ſe verdadeiramente ſe faz aos mortos, como a mortos. Mas alguma vez, e muitas, naõ baſta, porque muitas vezes ſaõ ſervidos, e honrados os mortos, naõ por ſi mas por reſpeito dos vivos. E iſto naõ he miſericordia, e verdade, ſenaõ hypocreſia, e mentira, ſem miſericordia. Naõ vêdes nas mortes, e funeraes, principalmente dos grandes, os concurſos, e aſſiſtencias de todos os Eſtados, que ſe fazem áquelles perfumados cadaveres, de cujas almas por ventura ſe naõ tem tanto cuidado? Pois naõ cuideis, que cuidamos, que o fazeis por piedade dos mortos. Todos ſabemos taõ bem como vós, que ſaõ puras ceremonias, e liſonjas, com que incenſais os vivos.

Hia Chriſto chegando ás portas de Naîm, quando vinha ſahindo a enterrar com grande pompa, e acompanhamento de toda a Cidade, hum moço, filho unico de huma mãy viuva, a qual tambem com muitas lagrimas ſeguia a tumba. Deſcreve o Evangeliſta S. Lucas eſte encontro por occaſiaõ de hum famoſo milagre, que o Se-
Luc. 7. 12. nhor alli obrou, e diz deſta maneira: *Ecce defunctus efferebatur, filius unicus matris ſuæ: & hæc vidua erat: & multitudo copioſa plebis cum illa.* Sahia a enterrar hum moço, filho unico de ſua mãy, a qual era viuva, e hia grande multidaõ de povo com ella. Naõ ſey, ſe reparais nos termos. Naõ diz o Evangeliſta, que os que acompanhavaõ o defunto, hiaõ com elle, ſenaõ com ella: *Cum illa.* Parece, que havia de dizer, que o acompanhamento hia com o filho, e naõ com a mãy, porque o filho era o defunto, e a mãy viva; mas por iſſo meſmo diſſe, que hiaõ com ella, e naõ com elle: *Cum illa;* porque ordinariamente, o que

parece,

servado o Reyno, e aos vassallos primeiro tinha dado a vida, depois a fazenda, e ultimamente a liberdade? Aqui vereis quanto vay de mortos a mortos, quando concorre, ou falta o respeito dos vivos. Quando morreo Jacob era vivo Joseph, e porque era vivo o filho, e tal filho, fizeraõ tantas honras ao pay. Pelo contrario, quando morreo Joseph, naõ deixou vivo depois de si a quem os Egypcios respeitassem, ou de quem dependessem; e como naõ havia vivos, para os obsequios, naõ houve exequias para o defunto. Só se podiaõ disculpar os Egypcios com Joseph, dizendo, que lhe faltáraõ com as lagrimas na morte, porque já lhas tinhaõ dado em vida. E assim foy. Nas exequias de Jacob, o chorado naõ era o pay, era o filho; porque naõ choravaõ os Egypcios pelo morto, choravaõ para o vivo. Sahiaõ as lagrimas dos seus olhos, para que as vissem os de Joseph: e naõ as exprimia a dor, ou a saudade, senaõ a dependencia, e lisonja; como lagrimas de figuras pintadas, que assim como se rim sem alegria, tambem choraõ sem tristeza.

De todo este discurso taõ provado com a Escritura, e taõ confirmado com a experiencia, se conclue sem controversia, nem réplica, que este acto de misericordia, que temos presente, he acto puramente de misericordia, e de verdade, porque he misericordia exercitada com mortos, em quem naõ cabe dependencia, nem lisonjas de vivos. Que vivo ha, que queira ser pay, ou filho de hum enforcado? He taõ feyo, taõ infame, e taõ abominavel o supplicio da forca, que de todos estes respeitos priva, e despoja aos miseraveis, que nella acabaõ. O que hoje he a forca, era antigamente a Cruz (como foy até o tempo do Imparador Constantino) e fallando della S. Paulo, diz: *Maledictus omnis, qui pendet in ligno.* Todo o homem, que acaba a vida pendurado em hum páo, he maldito. Allude o Apostolo ao Capitulo vinte e hum do Deuteronomio, onde a Ley Divina pronuncia a mes-

Galat. 3. 13.

ma

ma maldiçaõ com palavras ainda de mayor horror: *Maledictus à Deo eſt, qui pendet à ligno.* O homem, que morre em hum páo, naõ ſó he maldito, ſenaõ maldito de Deos. Sentença verdadeiramente horrenda, e que ſó ſe póde entender por encarecimento da infamia, e abominaçaõ de tal genero de morte. Eraõ condemnados a eſte ſupplicio naõ todos os delictos, ſenaõ os mais graves, e atrozes, como o latrocinio, o homicidio, a rebeliaõ, a blasfemia: e naõ diz a Ley, que ſaõ malditos de Deos os ladroens, os homicidas, os ſedicioſos, os blasfemos; ſenaõ os que morrem pendurados de hum páo: *Maledictus à Deo eſt, qui pendet à ligno.* Como ſe fora mais abominavel a pena, que a culpa, e mais mofinos, e malditos os juſtiçados pela infamia do ſupplicio, que pela atrocidade dos crimes. E como eſta infamia, e maldiçaõ corre pelas vêas, e ſe diffunde, e eſtende aos parentes, qual haverá, que a queira herdar, ou ter parte nella? Eſta he a razaõ, porque os vivos, deſtes mortos naõ pódem ſer adulados, nem liſonjeados nelles, envergonhados, e afrontados ſim. Antes a mayor honra, e graça, que ſe póde uſar com os taes, he diſſimular-lhe o ſangue, e encobrirlhe o parenteſco. Por iſſo conſideraõ alguns, que eſtando Chriſto na Cruz, nem á Mãy chamou Mãy, nem ao primo, primo, naquellas duas verbas do ſeu teſtamento, callando os nomes do parenteſco, por lhe naõ publicar a afronta.

Deut. 21 23.

Mas quem mais altamente ponderou a verdade deſta razaõ, foy o Profeta Iſaías. Aquelle texto: *Generationem ejus quis enarrabit*: a que ſe tem dado tantos ſentidos literaes, ſe bem ſe atar (como deve) com a relaçaõ do que fica atraz, e vay a diante, quer dizer: Quem tomará na boca ſua geraçaõ, ou quem ſe prezará, e jactará de ſer da geraçaõ de Chriſto? E porque? *Quia abſciſſus eſt de terra viventium.* Porque foy tirado da terra dos viventes, porque foy morto violentamente. Pois

Iſai. 53. 8

id.

por

por ser morto violentamente se haviaõ de afrontar de sua geraçaõ? Morto violentamente foy ElRey Josias, morto violentamente Abner, mortos violentamente os famosos Machabeos Judas, e Eleazaro, e nem por isso se desprezava ninguem de ser de sua geraçaõ, antes se honravaõ muito. Como diz logo Isaías, que se haviaõ de afrontar os homens de ser da geraçaõ de Christo, por ser morto violentamente? Naõ diz isto Isaías pela morte, nem pela violencia, senaõ pelo genero, e ignominia della, como já tinha declarado nas palavras antecedentes, isto he, porque havia de morrer violentamente em huma Cruz, que era o mesmo, que em huma forca: e parente, e da geraçaõ de hum enforcado, ninguem ha, que o queira ser. As palavras, em que o declarou o Profeta, saõ aquellas: *Vidimus eum, & non erat aspectus, quasi absconditus vultus ejus.* Como aguda, e eruditamente notou aquelle grande Expositor, a quem Hespanha tem dado modernamente o titulo de Beda, o Veneravel Padre Gaspar Sanches. Assim como cá aos nossos enforcados lhe cobrem o rosto, quando os haõ de lançar da forca, assim antigamente cobriaõ o rosto aos crucificados, naõ quando os pregavaõ na Cruz, senaõ quando os condemnavaõ a ella. Quando ElRey Assuero mandou crucificar a seu valido Aman, diz o Texto, que logo lhe cobriraõ o rosto: *Necdum verbum de ore Regis exierat, & statim operuerunt faciem ejus.* E quando Caifás, e os do seu Conselho condemnáraõ a Christo, logo tambem lhe cubriraõ o rosto: *Condemnaverunt eum esse reum mortis, & cæperunt quidam conspuere eum, & velare faciem ejus.* E isto he o que declarou Isaías, profetizando o genero da morte de Christo, quando disse, que o viraõ com o rosto cuberto, e escondido: *Vidimus eum, non erat aspectus, quasi absconditus vultus ejus.* E porque tinha já dito, que o genero da morte havia de ser taõ ignominioso, e afrontoso, como era o da forca daquelle tempo; por isso accrescentou, que ninguem havia de querer

Isai. 53. 3.

Esth. 7. 8.

Matt. 14. 64.

ser

ser da sua geraçaõ, e naõ por outra cousa, senaõ pela morte, com que havia de ser tirado deste Mundo: *Generationem ejus quis enarrabit, quia abscissus est de terra viventium.*

Assim o disse Isaías, e assim o mostrou a experiencia, nos que eraõ do sangue, e geraçaõ do mesmo Christo, como notou Saõ Paulo: *Prædicamus Christum crucifixum, Judæis quidem scandalum, gentibus autem stultitiam.* Eu prégo a Christo crucificado, assim aos Judeos, como aos Gentios, mas como lhes digo, que foy crucificado, os Judeos escandalizaõ-se, os Gentios zombaõ. Deixemos aos Gentios, vamos aos Judeos. Christo era do Tribu de Judá: *De Tribu Juda.* Era filho de David, e de Abraham: *Filii David, filii Abraham.* E estes mesmos pays, e avós, saõ aquelles, de quem tanto se prezaõ os Judeos: *Nos semen Abrahæ sumus.* Sobre tudo, Christo era filho de Deos, como elle provou aos mesmos Judeos com as palavras do Psalmo: *Dixit Dominus Domino meo, sede à dextris meis.* A que elles naõ tiveraõ, que responder. Pois se por todos os lados lhe estava tambem aos Judeos serem parentes de Christo, porque o naõ querem? porque se afrontaõ delle? Em que reparaõ os seus brios, em que tropeça a sua honra, que isto quer dizer *scandalum?* Todo o escandalo, em que tropeçavaõ, era a Cruz, todo o reparo, e toda a repugnancia era, haver sido Christo crucificado: *Christum crucifixum Judæis scandalum.* De sorte, que posta de huma parte a honra da Divindade, e da outra a afronta da Cruz, afrontavaõ-se do parentesco de Deos, só por naõ ser parentes de hum crucificado. E como os vivos fogem, e abominaõ tanto o ser parentes, dos que taõ afrontosamente morreraõ; por isso a obra de misericordia, que se exercita com estes mortos, he livre de toda a consideraçaõ, e respeito dos vivos, e como tal sem controversia, misericordia, e verdade: *Misericordia, & veritas obviaverunt sibi.*

1. Corint. 1. 23.

Joan. 8. 33. & 39.

Psalm. 109. 1.

O mes-

O mesmo David, que nos deu o fundamento de de tudo o que temos dito, nos dará tambem a ultima clausula, e prova; pois naõ póde haver melhor interprete do Texto, que o mesmo Author delle. Morreo ElRey Saul na fatal batalha dos Montes de Gelboé, e morreraõ juntamente tres filhos seus, o Principe, e dous Infantes. Ao outro dia vieraõ os Filistêos a recolher os despojos, e recolhendo entre os mortos os corpos dos quatro Principes insolentes com a vitoria os enforcáraõ barbaramente; e os deixáraõ pendurados das ameyas nos muros da Cidade de Bethsan. Assim naõ valem Purpuras, nem Coroas contra os castigos, que vem sentenceados pelo Ceo, e naõ ha desgraça, nem miseria taõ indigna, a que naõ estejaõ sujeitos, os que nasceraõ homens; por mais que os tenha levantado a fortuna sobre toda a igualdade da Natureza. Desta maneira estiveraõ expóstos aos olhos do Mundo aquellas quatro grandes figuras desta grande tragedia, até que movidos a piedade os moradores de Jabes Galaad, ajudados do silencio da noite, os desceraõ daquelle infame lugar, e lhe deraõ sepultura. O que agora faz ao nosso ponto, he, que agradecendo David de Jabes esta obra de misericordia, o fez com estas palavras: *Benedicti vos à Domino, quia fecistis misericordiam hanc cum Domino vestro Saul, & sepelistis eum. Et nunc retribuet vobis quidem Dominus misericordiam, & veritatem.* 1. Reg. 2. 5. Muito vos louvo, e agradeço (diz David) a obra de misericordia, que usastes com Saul vosso antigo Senhor, com lhes dares sepultura, e tambem vos prometto, que Deos vos pagará esta misericordia, e verdade. No primeiro lugar, chamou a esta obra, misericordia, e no segundo, chamou-lhe misericordia, e verdade. E porque? Porque enterrar os defuntos, he absolutamente obra de misericordia; mas enterrar defuntos enforcados, como estes eraõ, e sem outro respeito, nem dependencia de vivos (porque tambem estes se tinhaõ acabado com 462.

Saul) naõ ſó he miſericordia de qualquer modo, mas miſericordia, e verdade: *Et nunc retribuet vobis Dominus miſericordiam, & veritatem.* ElRey Saul, ainda que deixou alguns filhos, aſſim elle, como elles eſtavaõ já desherdados por Deos, e ungido para a Coroa de David, como era publico em todo Iſrael: e que naõ havendo vivos, a quem reſpeitar, nem adular, tiveſſem aquelles mortos, e enforcados, quem tirados do lugar infame lhes déſſe honrada ſepultura; naõ ſó foy acto de miſericordia, mas de miſericordia, e verdade; e de miſericordia, e verdade canonizada pelo meſmo Eſpirito, e pelo meſmo Author do noſſo Texto: *Retribuet vobis Dominus miſericordiam, & veritatem: Miſericordia, & veritas obviaverunt ſibi.*

E para que acabemos hum acto de miſericordia taõ deſentereſſada com o mayor intereſſe, que póde eſperar a miſericordia, ſaiba toda eſta ſanta Communidade, que neſte meſmo deſentereſſe ſeu, conſiſte o mayor intereſſe. Naõ o teraõ com os homens, porque eſtes mortos naõ tem vivos, mas telo-haõ com aquelle Senhor, que ſempre vive, e nenhumas obras mais eſtima, e premía, que as que os vivos exercitaõ com os mortos. Deos ſempre premía miſericordia com miſericordia, que he huma das mayores excellencias deſta virtude: *Beati miſericordes, quoniam ipſe miſericordiam conſequentur.* Mas aſſim como eſta obra tem de mais ſer miſericordia, e verdade; aſſim a premía tambem Deos com miſericordia, e verdade: *Et nunc retribuet vobis Dominus miſericordiam, & veritatem.*

Matth. 5. 7.

Muitas obras de miſericordia premía Deos muitas vezes com miſericordia, que naõ he miſericordia, e verdade. A miſericordia, que os Eſmoléres exercitaõ com os pobres, muitas vezes premía Deos com accreſcentar a fazenda, que com elles ſe reparte: *Fœneratur Domino, qui miſeretur pauperi.* A miſericordia, que os filhos exercitaõ

Prov. 19. 17.

citaõ com os pays, promette-lhes Deos em premio larga vida: *Ut sis longævus super terram.* A misericordia, que os Capitães exercitaõ com os inimigos, tambem lhe remunéra Deos com vitorias, e despojos: *Si reddidi retribuentibus mihi mala, decidam merito ab inimicis meis inanis.* Mas todas estas misericordias, com que Deos muitas vezes paga a misericordia, naõ saõ misericordia, e verdade; porque a fazenda, a vida, as vitorias, e todas as felicidades do Mundo, saõ taõ falsas, e vans, como o mesmo Mundo, com o qual todas acabaõ. Qual he logo a misericordia, e verdade, com que Deos paga nesta vida? A misericordia, e verdade, de que falla David, quando diz: *Et nunc retribuet vobis Dominus misericordiam, & veritatem*: he só a graça de Deos. Por isso Christo se chama cheyo de graça, e de verdade: *Plenum gratiæ, & veritatis.* Porque nesta vida só a graça de Deos he verdade, e tudo, o que naõ he graça de Deos he vaidade, e mentira: Mentira, e vaidade as riquezas, mentira, e vaidade as honras, mentira, e vaidade as que taõ falsamente se chamaõ delicias, em fim, tudo, o que este Mundo préza, ama, e busca, mentira, e vaidade: *Ut quid diligitis vanitatem, & quæritis mendacium?* Oh se bem acabassemos hoje de entender esta verdade, que grande misericordia de Deos seria? E como nesta vida só a graça de Deos he verdade, esta he tambem a verdade, e misericordia, com que Deos paga nesta vida a misericordia, que juntamente he verdade; isso quer dizer: *Et nunc*, agora nesta vida *retribuet vobis Dominus misericordiam, & veritatem.*

Exod. 20. 12.

Psalmi 7. 5.

Joann. 1. 14.

Psal. 4. 3.

Mas porque Deos nos naõ fez só para vivermos neste Mundo, que acaba, senaõ tambem no outro, que ha de durar para sempre, sabey por ultima conclusaõ, que assim como Deos paga a misericordia, e verdade nesta vida, com a verdade desta vida, assim a ha de pagar tambem na outra vida, com a verdade da outra. E qual he a verdade da outra vida? He a gloria, que res-

ponde

ponde á graça. Neste Mundo, que he a terra da mentira, a unica verdade he a graça: no outro Mundo, que he a terra da verdade, toda a verdade he a gloria. E assim como Deos nesta vida paga a misericordia, e verdade com a graça, que he a verdade desta vida, assim na outra vida a ha de pagar igualmente com a gloria, que he a verdade da outra. Assim o tem promettido o mesmo Deos, e naõ por outra boca, senaõ pela do mesmo David, que nos ensinou, e exhortou a ajuntar a misericordia, e verdade: *Misericordiam, & veritatem diligit Deus, gratiam, & gloriam dabit Dominus.* Porque Deos ama a misericordia, e verdade, a todos os que ajuntarem a verdade com a misericordia, dará Deos nesta vida a Graça, e na outra a Gloria.

SERMAÕ

QUE NO ANNO DE 1640

PRE'GOU O VENERAVEL PADRE

ANTONIO VIEIRA,

DA COMPANHIA DE JESUS,

NA IGREJA

DEN. SENHORA DA AJUDA

DA CIDADE DA BAHIA;

COM O SANTISSIMO

SACRAMENTO

EXPOSTO,

No ultimo dos quinze dias, em que todas as Igrejas da meſma Cidade tinhaõ feito deprecações a Deos pelo bom ſuccéſſo das Armas de Portugal contra as de Hollanda.

LISBOA,

Com todas as licenças neceſſarias. Anno de 1754.

SERMÃO

QUE NO ANNO DE 1640

PREGOU O VENERAVEL PADRE

ANTONIO VIEIRA,

DA COMPANHIA DE JESUS,

NA IGREJA

DE N. SENHORA

DA AJUDA

DA CIDADE DA BAHIA,

COM O SANTISSIMO

SACRAMENTO

EXPOSTO,

No ultimo dia quinto do mez, em que todos os Ingrezes da mesma Cidade ruinado o seu Governo, e Deos pelo bom successo das armas de Portugal.

LISBOA,

Com todas as licenças necessarias. Anno de 1641.

Exurge, quare obdormis, Domine? Exurge, & ne repellas in finem. Quare faciem tuam avertis, oblivisceris inopiæ noſtræ, & tribulationis noſtræ? Exurge, Domine, adjuva nos & redime nos propter nomen tuum. Pſ. 43.

§. I.

COM eſtas palavras piedoſamente reſolutas, mais proteſtando, que orando, dá fim o Profeta Rey ao Pſalmo quarenta e tres. Pſalmo, que deſde o principio até o fim naõ parece ſe naõ cortado para os tempos, e occaſiaõ preſente. O Doutor Maximo Saõ Jeronymo, e depois delle os outros Expoſitores, dizem que ſe entende a letra de qualquer Reyno, ou Provincia Catholica deſtruida, e aſſolada por inimigos da Fè. Mas entre todos os Reynos do mundo, a nenhum lhe quadra melhor que ao noſſo Reyno de Portugal; e entre todas as Provincias de Portugal, a nenhuma vem mais ao juſto, que á miſeravel Provincia do Braſil. Vamos lendo todo o Pſalmo, e em todas as clauſulas delle veremos retratadas as da noſſa fortuna, o que fomos, e o que ſomos.

Deus auribus noſtris audivimus, Patres noſtri annuntiaverunt nobis, opus, quod operatus es in diebus eorum, & in diebus antiquis. Ouvimos (começa o Profeta) a noſſos pays, lemos nas noſſas hiſtorias, e ainda os mais velhos viraõ, em parte, com ſeus olhos as obras maravilhoſas, as proezas, as vitorias, as conquiſtas, que por meyo dos Portuguezes obrou em tempos paſſados voſſa Omnipotencia, Senhor: *Manus tua gentes diſperdit, & plantaſti eos: afflixiſti populos,* Pſ. 43. Ibid. 2.

los, & expuliſti eos. Voſſa maõ foy a que venceo, e ſogeitou tantas Naçoens Barbaras: belicoſas, e indomitas, e as deſpojou do dominio de ſuas proprias terras, para nellas os plantar, como plantou com taõ bem fundadas raizes; e para nellas os dilatar, como dilatou, e eſtendeo em todas as partes do mun-

Ibid. 3. do, na Africa, na Aſia, na America: *Nec enim in gladio ſuo poſſederunt terram, & brachium eorum non ſalvavit eos, ſed dextera tua, & brachium tuum, & illuminatio vultus tui; quoniam complacuiſti in eis.* Porque naõ foy a força do ſeu braço, nem a da ſua eſpada a que lhes ſogeitou as terras que poſſuiraõ, e as gentes, e Reys, que avaſſallaraõ; ſenaõ a virtude de voſſa dextra omnipotente, e a luz, e o premio ſupremo de voſſo beneplacito, com que nelles vos agradaſtes, e delles vos ſerviſtes. Atéqui a relaçaõ, ou memoria das felicidades paſſadas, com que paſſa o Profeta aos tempos, e deſgraças preſentes.

Ibid. 10. *Nunc autem repuliſti: & confudiſti nos, & non egrediens Deus in virtutibus noſtris.* Porém agora, Senhor, vemos tudo iſto taõ trocado, que já parece que nos deixaſtes de todo, e nos lançaſtes de vós, porque já naõ ides diante das noſſas bandeiras, nem capitaneais como dantes os noſſos exercitos: *Avertiſti*

Ibid. 11. *nos retrorſum poſt inimicos noſtros, & qui oderunt nos, diripiebant ſibi.* Os que taõ coſtumados eramos a vencer, e triunfar naõ por fracos, mas por caſtigados, fazeis que voltemos as coſtas a noſſos inimigos (que como ſaõ açoite de voſſa juſtiça, juſto he que lhe demos as coſtas,) e perdidos os que antigamente foraõ deſpojos do noſſo valor, ſaõ agora roubo da ſua cobiça: *Dediſti nos tanquam oves eſcarum, & in*

Ibid. 12. *gentibus diſperſiſtis nos.* Os velhos, as mulheres, os meninos,

ninos, que naõ tem forças, nem armas com que se defender, morrem como ovelhas innocentes ás mãos da crueldade heretica, e os que pódem escapar á morte, desterrando se a terras estranhas, perdem a casa, e a Patria: *Posuisti nos opprobrium vicinis nostris, subsannationem, & ditisum his, qui sunt in circuitu nostro.* Ibid.14. Naõ fora tanto para sentir; se perdidas fazendas, e vidas, se salvara ao menos a honra; mas tambem esta a passos contados se vay perdendo: e aquelle nome Portuguez taõ celebrado nos Annaes da Fama, já o Herege insolente com as victorias o afronta, e o Gentio, de que estamos cercados, e que tanto o venerava, e temia, já o despreza.

Com tanta propriedade como isto descreve David neste Psalmo nossas desgraças, contrapondo o que somos hoje ao que fomos em quanto Deos queria; para que na experiencia presente cresça á dor por opposiçaõ com a memoria do passado! Occorre aqui ao pensamento o que naõ he licito sahir á lingua; e naõ falta quem discorra tacitamente, que a causa desta differença taõ notavel, foy a mudança da Monarchia. Naõ havia de ser assim (dizem) se vivera hum D. Manoel, hum D. Joaõ o Terceiro, ou a fatalidade de hum Sebastiaõ naõ sepultara com elle os Reys Portuguezes. Mas o mesmo Profeta no mesmo Psalmo nos dá o desengano desta falsa imaginaçaõ: *Tu es ipse Rex meus, & Deus meus, qui mandas salutes Jacob.* Ibid.5. O Reyno de Portugal, como o mesmo Deos nos declarou na sua fundaçaõ, he Reyno seu, e naõ vosso: *Volo enim in te, & in semine tuo Imperium mihi stabilire*: e como Deos he o Rey: *Tu es ipse Rex meus, & Deus meus*, e este Rey he o que manda, e o que governa: *Qui mandas salutes Jacob.*

Elle

Elle que naõ se muda, he o que causa estas differenças, e naõ os Reys que se mudaraõ. A' vista pois desta verdade certa, e sem engano elleve hum pouco suspenso o nosso Profeta na consideraçaõ de tantas calamidades, até que para remedio dellas o mesmo Deos, que o alumiava, lhe inspirou hum conselho altissimo nas palavras, que tomey por thema. *Exurge, quare obdormis, Domine? Exurge, & ne repellas in finem. Quare faciem tuam avertis, obliviscéris inopiæ nostræ, & tribulationis nostræ? Exurge, Domine, adjuva nos, & redime nos propter nomen tuum.* Naõ prega David ao Povo, naõ o exhorta, ou reprehende, naõ faz contra elle invectivas, posto que bem merecidas; mas todo arrebatado de hum novo, e extraordinario espirito, se volta naõ só a Deos, mas piedosamente atrevido, contra elle. Assim como Martha disse a Christo: *Domine non est tibi curæ?* Assim estranha David reverentemente a Deos, e quasi o acusa de descuidado. Queixa-se das delatenções de sua misericordia, e providencia, que isso he considerar a Deos dormindo: *Exurge, quare obdormis Domine?* Repete-lhe que acorde, e que naõ deixe chegar os damnos ao fim, permissaõ indigna de sua piedade: *Exurge, & ne repellas in finem.* Pede-lhe a razaõ porque aparta de nós os olhos, e naõ volta o rosto: *Quare faciem tuam avertis*, e porque se esquece da nossa miseria, e naõ faz caso de nossos trabalhos: *Obliviscéris inopiæ nostræ, & tribulationis nostræ?* E naõ só pede de qualquer modo esta razaõ do que Deos faz, e permite, senaõ que insta a que lha dè, huma, e outra vez: *Quare obdormis? Quare obliviscéris?* Finalmente depois destas perguntas, a que suppoem que naõ tem Deos reposta, e destes argumentos

Luc. 10. 40.

tos com que preſume o tem convencido, proteſta diante do Tribunal de ſua juſtiça, e piedade, que tem obrigaçaõ de nos acudir, de nos ajudar, e de nos libertar logo: *Exurge Domine, adjuva nos, & redime nos.* E para mais obrigar ao meſmo Senhor, naõ proteſta por noſſo bem, e remedio, ſenaõ por parte de ſua honra, e gloria: *Propter nomen tuum.*

Eſta he, (todo poderoſo, e todo miſericordioſo Deos) Eſta he a traça, de que uſou para render voſſa piedade, quem tanto ſe conformava com voſſo coraçaõ. E deſta uſarey eu tambem hoje, pois o eſtado em que nos vemos, mais he o meſmo, que ſimilhante. Naõ hey de prégar hoje ao Povo, naõ hey de fallar com os homens, mais alto haõ de ſubir as minhas palavras, ou as minhas vozes a voſſo peito Divino ſe ha de dirigir todo o Sermaõ. He eſte o ultimo de quinze dias continuos, em que todas as Igrejas deſta Matropoli, a eſſe meſmo trono de voſſa patente Mageſtade tem repreſentado ſuas deprecações, e pois o dia he o ultimo, juſto ſerá, que nelle ſe acuda tambem ao ultimo, e unico remedio. Todos eſtes dias ſe cançaraõ debalde os Oradores Evangelicos em prégar penitencia aos homens, e pois elles ſe naõ converteraõ, quero eu, Senhor, couvertervos a vós. Taõ prelumido venho de voſſa miſericordia, Deos meu, que ainda que nós ſomos os peccadores, vós haveis de ſer o arrependido.

O que venho a pedir, ou proteſtar, Senhor, he que nos ajudeis, e nos liberteis: *Adjuva nos, & redime nos.* Muy conformes ſaõ eſtas petiçoens ambas ao lugar, e ao tempo. Em tempo que taõ opprimidos, e taõ cativos eſtamos, que devemos pedir com mayor neceſſidade, ſenaõ que nos liberteis: *Redime nos?*

mos? E na Caſa da Senhora da Ajuda, que devemos eſperar com mayor confiança, ſenaõ, que nos ajudeis: *Adjuva nos?* Naõ hey de pedir pedindo, ſenaõ proteſtando, e argumentando; pois eſta he a licença, e liberdade que tem, quem naõ pede favor, ſenaõ juſtiça. Se a cauſa fora ſó noſſa, e eu viera a rogar ſó por noſſo remedio; pedira favor, e miſericordia. Mas como a cauſa, Senhor, he mais voſſa, que noſſa, e como venho a requerer por parte de voſſa honra, e gloria; e pelo credito de voſſo nome: *Propter nomen tuum*, razaõ he que peça ſó razaõ, juſto he que peça ſó juſtiça. Sobre eſte preſuppoſto vos hey de arguir, vos hey de argumentar, e confio tanto da voſſa razaõ, e da voſſa benignidade, que tambem vos hey de convencer. Se chegar a me queixar de vós, e a acuſar as dilaçoens de voſſa juſtiça, ou as deſattençoens de voſſa miſericordia: *Quare obdormis, quare obliviſceris*, naõ ſerá eſta vez a primeira, em que ſofreſtes ſimilhantes exceſſos a quem advoga por voſſa cauſa. As cuſtas de toda a demanda tambem vós, Senhor, as haveis de pagar, porque me ha de dar voſſa meſma Graça as razões, com que vos hey de arguir, a efficacia, com que vos hey de apertar, e todas as armas, com que vos hey de render. E ſe para iſto naõ baſtaõ os merecimentos da cauſa, ſupriráõ os da Virgem Santiſſima, em cuja ajuda principalmente confio.

AVE MARIA.

§. II.

§. II.

EXurge, *quare obdormis, Domine?* Querer argumentar com Deos, e convencelo com razoens, naõ ſó difficultoſo aſſumpto parece, mas empreza declaradamente impoſſivel, ſobre arrojada temeridade: *O' Homo, tu quis es, qui reſpondeas Deo? Nunquid dicit figmentum ei, qui ſe finxit: Quid me feciſti ſic?* Homem atrevido, (diz S. Paulo) homem temerario, quem es tú, para que te ponhas a altercar com Deos? Por ventura o barro, que eſtá na roda, e entre as mãos do official, poem-ſe ás razoens com elle, e diz lhe, porque me fazes aſſim? Pois ſe tú es barro, homem mortal, ſe te formaraõ as mãos de Deos da materia vil da terra, como dizes ao meſmo Deos: *Quare, quare*; como te atreves a argumentar com a Sabedoria Divina, como pedes razaõ á ſua Providencia do que te faz, ou deixa de fazer: *Quare obdormis? Quare faciem tuam avertis?* Venera ſuas permiſſoens, reverencea, e adora ſeus occultos juizos, encolhe os hombros com humildade a ſeus decretos ſoberanos, e farás o que te enſina a Fé, e o que deves a creatura. Aſſim o fazemos, aſſim o confeſſamos, aſſim o proteſtamos diante de voſſa Mageſtade infinita, immenſo Deos, incomprehenſivel Bondade: *Juſtus es Domine, & rectum judicium tuum.* Por mais que nós naõ ſaibamos entender voſſas obras, por mais que naõ poſſamos alcançar voſſos conſelhos, ſempre ſois Juſto, ſempre ſois Santo, ſempre ſois infinita Bondade: e ainda nos mayores rigores de voſſa juſtiça, nunca chegais com a ſeveridade do caſtigo aonde noſſas culpas merecem. Rom. 9. 20. Pſ. 118. 136.

Se as razoens, e argumentos da noſſa cauſa nos houveramos de fundar em merecimentos proprios, temeridade fora grande, antes impiedade manifeſta, querervos arguir. Mas nós, Senhor, como protel-

Dan. 9. 18. tava o voſſo Profeta Daniel: *Neque enim in juſtificationibus noſtris proſternimus preces ante faciem tuam, ſed in miſerationibus tuis multis.* Os requerimentos, e razoens delles, que humildemente preſentamos ante voſſo Divino conſpecto, as appellaçoens, ou embargos, que entrepomos á execuçaõ, e continuaçaõ dos caſtigos, que padecemos, de nenhum modo os fundamos na preſumpçaõ de noſſa juſtiça, mas todos na multidaõ de voſſas miſericordias: *In miſerationibus tuis multis.* Argumentamos, ſim; mas de vós para vós appellamos; mas de Deos para Deos, de Deos juſto, para Deos miſericordioſo. E como do peito, Senhor, vos haõ de ſahir todas as ſetas, mal poderáõ offender voſſa Bondade. Mas porque a dor, quando he grande, ſempre arraſta o affecto, e o acerto das palavras he diſcredito da meſma dor, para que o juſto ſentimento dos males preſentes. naõ paſſe os limites ſagrados de quem falla diante de Deos, e com Deos, em tudo o que me atrever a dizer, ſeguirey as pizadas ſolidas dos que em ſimilhantes occaſiões, guiados por voſſo meſmo eſpirito, oraraõ, e exoraraõ voſſa piedade.

Quando o Povo de Iſrael no deſerto commetteo aquelle graviſſimo peccado de idolatria, adorando o ouro das ſuas joyas na imagem bruta de hum bezerro, revellou Deos o caſo a Moyſés, que com elle eſtava, e acreſcentou irado, e reſoluto, que daquella vez havia de acabar para ſempre com huma gente taõ ingrata, e que a todos havia de aſſolar, e

confu-

conſumir, ſem que ficaſſe rasto de tal geraçaõ: *Dimitte me, ut iraſcatur furor meus contra eos, & deleam eos.* Exod. 32. 10. & 11. Naõ lhe ſofreo porém o coraçaõ ao bom Moyſés ouvir fallar em deſtruhiçaõ, e aſſolaçaõ do ſeu Povo: poem-ſe em campo, oppoem-ſe á ira Divina, e começa a arrazoar aſſim: *Cur Domine iraſcitur furor tuus contra Populum tuum?* E bem, Senhor, porque razaõ ſe indigna tanto a voſſa ira contra o voſſo Povo? Porque razaõ Moyſés? E ainda vós quereis mais juſtificada razaõ a Deos? Acaba de vos dizer, que eſtá o Povo idolatrando: que eſtá adorando hum animal bruto: que eſtá negando a Divindade ao meſmo Deos, e dando-a a huma Eſtatua muda, que acabaraõ de fazer ſuas mãos, e atribuindo-lhe a ella a liberdade, e triunfo com que os livrou do cativeiro do Egypto: e ſobre tudo iſto ainda perguntais a Deos, porque razaõ ſe agaſta: *Cur iraſcitur furor tuus?* Sim. E com muito prudente zelo; porque ainda que da parte do Povo havia muito grandes razoens de ſer caſtigado, da párte de Deos era mayor a razaõ, que havia de o naõ caſtigar: *Ne quæſo* (dá a razaõ Moyſés) *ne quæſo dicant Ægyptii: Callidè eduxit eos, ut interficeret in montibus, & delèret è terra.* Ibid. 12. Olhay Senhor, que poraõ macula os Egypcios em voſſo ſer, e quando menos em voſſa verdade, e Bondade. Diraõ, que cauteloſamente, e á falſa fé nos trouxeſtes a eſte deſerto, para aqui nos tirares a vida a todos, e nos ſepultares: e com eſta opiniaõ divulgada, e aſſentada entre elles, qual ſerá o abatimento de voſſo ſanto nome, que taõ reſpeitado, e exaltado deixaſtes no meſmo Egypto, com tantas, e taõ prodigioſas maravilhas do voſſo poder? Convem logo para conſervar o credito, diſſimular o caſ-

tigo, e naõ dar com elle occaſiaõ áquelles Gentios, e aos outros, em cujas terras eſtamos, ao que diraõ: *Ne quæſò dicant.* Deſta maneira arrazoou Moyſés em favor do Povo; e ficou taõ convencido Deos da força deſte argumento, que no meſmo ponto revogou a ſentença, e conforme o Texto Hebreo, naõ ſó ſe arrependeo da execuçaõ, ſenaõ ainda do penſamento: *Et pœnituit Dominum mali, quod cogitaverat facere Populo ſuo.* E arrependeo-ſe o Senhor do penſamento, e da imaginaçaõ, que tivera, de caſtigar o ſeu Povo.

Exod. 32. 14. ex tex. Hebr.

Muita razaõ tenho eu logo, Deos meu, de eſperar que haveis de ſahir deſte Sermaõ arrependido; pois ſõis o meſmo que ereis, e naõ menos amigo agora, que nos tempos paſſados de voſſo nome: *Propter nomen tuum.* Moyſés diſſevos: *Ne quæſo dicant.* Olhay, Senhor, que diraõ: E eu digo, e devo dizer: Olhay, Senhor, que já dizem. Já dizem os Hereges inſolentes com os ſucceſſos proſperos, que vós lhe dais, ou permittis: já dizem, que porque a ſua, que elles chamaõ Religiaõ he a verdadeira, por iſſo Deos os ajuda, e vencem; e porque a noſſa he errada, e falſa, por iſſo nos desfavorece, e ſomos vencidos. Aſſim o dizem, aſſim o prégaõ, e ainda mal, porque naõ faltará quem os crea. Pois he poſſivel, Senhor, que haõ de ſer voſſas permiſſoens argumentos contra voſſa Fé? He poſſivel, que ſe haõ de occaſionar de noſſos caſtigos blasfemias contra voſſo nome? Que diga o Herege, (o que treme de o pronunciar a lingua) que diga o Herege, que Deos eſtá Hollandez? Oh naõ permittaes tal, Deos meu, naõ permittaes tal, por quem ſois. Naõ o digo por nós, que pouco hia, em que nos caſtigaſſeis: naõ o digo

o digo pelo Braſil que pouco hia em que o deſtruiſſeis: por vós o digo, e pela honra de voſſo Santiſſimo nome, que taõ imprudentemente ſe vê blasfemado: *Propter nomen tuum.* Já que o perfido Calviniſta dos ſucceſſos, que ſó lhe merecem noſſos peccados, faz argumento da Religiaõ, e ſe jacta inſolente, e blasfemo de ſer a ſua a verdadeira; veja elle na roda deſſa meſma fortuna, que o deſvanece, de que parte eſtá a verdade. Os ventos, e tempeſtades, que deſcompoem, e derrotaõ as noſſas Armadas, derrotem, e desbaratem as ſuas: as doenças, e péſtes, que diminuem, e enfraquecem os noſſos exercitos, eſcalem as ſuas muralhas, e deſpovoem os ſeus preſidios: os conſelhos que, quando vós quereis caſtigar, ſe corrompem, em nós ſejaõ aluniados, e nelles enfatuados, e confuſos. Mude a vitoria as inſignias; deſafrontem-ſe as Cruzes Catholicas; triunfem as voſſas Chagas nas noſſas Bandeiras: e conheça humilhada, e deſenganada a perfidia, que ſó a Fè Romana, que proteſſamos, he Fé, e ſó ella a verdadeira, e á voſſa.

Mas ainda ha mais quem diga: *Ne quæſo dicant Ægyptii.* Olhay, Senhor, que vivemos entre Gentios, huns que o ſaõ, outros que o foraõ hontem; e eſtes que diraõ? Que dirá o Tapuya barbaro ſem conhecimento de Deos? Que dirá o Indio inconſtante, a quem falta a pia affeiçaõ da noſſa Fé? Que dirá o Ethyope boçal, que apenas foy molhado com a agua do Baptiſmo ſem mais doutrina? Naõ ha dúvida, que todos eſtes, como naõ tem capacidade para ſondar o profundo de voſſos juizos, beberáõ o erro pelos olhos. Diraõ pelos effeitos que vem, que a noſſa Fé he falſa, e a dos Hollandezes a verdadeira,

dadeira, e creráõ que ſaõ mais Chriſtãos, ſendo como elles. A Seita do Herege torpe, e brutal concorda mais com a brutalidade do barbaro: a largueza, e ſoltura da vida, que foy a origem, e he o fomento da Hereſia, caza-ſe mais com os coſtumes depravados, e corrupçaõ do Gentiliſmo, e que paga haverá, que ſe converta á Fé, que lhe prégamos, ou que novo Chriſtaõ já convertido, que ſenaõ preverta, entendendo, e perſuadindo-ſe huns, e outros, que no Herege he premiada a ſua Ley, e no Catholico ſe caſtiga a noſſa? Pois ſe eſtes ſaõ os effeitos; poſto que naõ pertendidos, de voſſo rigor, e caſtigo juſtamente começado em nós, ſe atea, e paſſa com tanto damno aos que naõ ſaõ cumplices nas noſſas culpas: *Cur iraſcitur furor tuus.* Porque continua ſem eſtes reparos o que vós meſmo chamaſtes furor; e porque naõ acabais já de embainhar a eſpada de voſſa ira?

Se taõ gravemente offendido do Povo Hebreo, por hum que diraõ dos Egypcios, lhe perdoaſtes; o que dizem os Hereges, e o que diraõ os Gentios, naõ ſerá baſtante motivo, para que voſſa rigoroſa maõ ſuſpenda o caſtigo, e perdoe tambem os noſſos peccados, pois, ainda que grandes, ſaõ menores? Os Hebreos adoraraõ o Idolo, faltaraõ á Fé, deixaraõ o culto do verdadeiro Deos, chamaraõ Deos, e Deoſes a hum bezerro, e nós por mercé de voſſa bondade infinita, taõ longe eſtamos, e eſtivemos ſempre do menor defeito, ou eſcrupulo neſta parte, que muitos deixaraõ a Patria, a caſa, a fazenda, e ainda a mulher, e os filhos, e paſſaõ em ſumma miſeria deſterrados, ſó por naõ viver, nem communicar com homens, que ſe ſepararaõ da

voſſa

voſſa Igreja. Pois, Senhor meu, e Deos meu, ſe por voſſo amor, e por voſſa Fé ainda ſem perigo de a perder, ou arriſcar, fazem taes finezas os Portuguezes: *Quare obliviſceris inopiæ noſtræ, & tribulationis noſtræ.* Porque vos eſqueceis de taõ religioſas miſerias, de taõ Catholicas tribulaçoens? Como he poſſivel, que ſe ponha voſſa Mageſtade irada contra eſtes fideliſſimos ſervos, e favoreça a parte dos infieis, dos excommungados, dos impios?

Oh como nos podemos queixar neſte paſſo, como ſe queixava laſtimado Job, quando deſpojado dos Sabeos, e Caldeos ſe vio, como nós nos vemos, no extremo da oppreſaõ, e miſeria: *Nunquid bonum tibi videtur, ſi calumnieris me, & opprimas me opus manuum tuarum, & conſilium impiorum adjuves.* Parecevos bem, Senhor, parecevos bem iſto? Que a mim que ſou voſſo ſervo, me opprimais, e afflijais? E aos impios, aos inimigos voſſos os favoreçaes, e ajudeis? Parecevos bem, que ſejaõ elles os proſperados, e aſſiſtidos de voſſa Providencia, e nós os deixados de voſſa maõ; nós os eſquecidos de voſſa memoria, nós o exemplo de voſſos rigores, nós o deſpojo de voſſa ira? Taõ pouco he deſterrarnos por vós, e deixar tudo? Taõ pouco he padecer trabalhos, pobrezas, e os deſprezos, que ellas trazem comſigo, por voſſo amor? Já a Fé naõ tem merecimento? Já a Piedade naõ tem valor? Já a perſeveraça naõ vos agrada? Pois ſe ha tanta differença entre nós, aínda que máos, e aquelles perfidos; porque os ajudais a elles, e nos desfavoreceis a nós: *Nunquid bonum tibi videtur*, a vós, que ſois a meſma bondade, parecevos bem iſto. Job. 10. 3.

§. III.

§ III.

CONſideray, Deos meu, e perdoay-me ſe fallo inconſideradamente. Conſideray a quem tiraes as terras do Braſil, e a quem as daes. Tiraes eſtas terras aos Portuguezes, a quem nos principios as déſtes; e baſtava dizer a quem as déſtes, para perigar o credito de voſſo nome, que naõ pódem dar nome de liberal mercés com arrependimento. Para que nos diſſe S. Paulo, que vós, Senhor, quando daes, naõ vos arrependeis: *Sine pœnitentia enim ſunt dona Dei?* Mas deixado iſto á parte, tiraes eſtas terras áquelles meſmos Portuguezes, a quem eſcolheſtes entre todas as Naçoens do mundo para Conquiſtadores da voſſa Fé, e a quem déſtes por Armas, como Inſignia, e Diviſa ſingular voſſas proprias Chagas. E ſerá bem, Supremo Senhor, e Governador do Univerſo, que ás ſagradas Quinas de Portugal, e ás Armas, e Chagas de Chriſto, ſuccedaõ as hereticas Liſtas de Hollanda, rebeldes a ſeu Rey, e a Deos? Será bem, que eſtas ſe vejaõ tremolar ao vento vitoriofas, e aquellas abatidas, arraſtradas, e ignominioſamente rendidas? *Et quid facies magno nomini tuo?* E que fareis, (como dizia Joſué) ou que ſerá feito de voſſo glorioſo nome em caſos de tanta afronta?

Rom. 11 29.

Joſué 7. 9.

Tirais tambem o Braſil aos Portuguezes, que aſſim eſtas terras vaſtiſſimas, como as remotiſſimas do Oriente, as conquiſtaraõ á cuſta de tantas vidas, e tanto ſangue, mais por dilatar voſſo nome, e voſſa Fé, (que eſſe era o zelo daquelles Chriſtianiſſimos Reys) que por ampliar, e eſtender ſeu Imperio. Aſſim foſtes ſervido, que entraſſemos neſtes novos mundos,

dos, taõ honrada, e taõ glorioſamente, e aſſim permittís, que ſayamos agora (quem tal imaginara de voſſa bondade) com tanta afronta, e ignominia. Oh como receyo, que naõ falte quem diga o que diziaõ os Egypcios: *Callidè eduxit eos, ut interficeret, & deleret è terra.* Que a larga maõ, com que nos déſtes tantos dominios, e Reynos, naõ foraõ mercês de voſſa liberalidade, ſenaõ cautella, e diſſimulaçõ de voſſa ira: para aqui fóra, e longe de noſſa Patria nos matares, nos deſtruires, nos acabares de todo. Se eſta havia de ſer a paga, e o fruto de noſſos trabalhos, para que foy o trabalhar, para que foy o ſervir, para que foy o derramar tanto, e taõ illuſtre ſangue neſtas Conquiſtas? Para que abrimos os mares nunca dantes navegados? Para que deſcobrimos ás Religioens, e os climas naõ conhecidos? Para que contraſtamos os ventos, e as tempeſtades com tanto arrojo, que apenas ha baixío no Oceano, que naõ eſteja infamado com miſerabiliſſimos naufragios de Portuguezes? E depois de tantos perigos, depois de tantas deſgraças, depois de tantas, e taõ laſtimoſas mortes, ou nas prayas deſertas ſem ſepultura, ou ſepultados nas entranhas dos alarves, das féras, dos peixes, que as terras, que aſſim ganhámos, as hajamos de perder aſſim? Oh quanto melhor nos fora nunca conſeguir, nem intentar taes emprezas! *Exod. 32. 12.*

Mais ſanto, que nós, era Joſué, menos apurada tinha a paciencia, e com tudo em occaſiaõ ſimilhante naõ fallou (fallando comvoſco) por differente linguagem. Depois de os filhos de Iſrael paſſarem ás terras u tramarinas do Jordaõ, como nós a eſtas, avançou parte do exercito a dar aſſalto á Cidade de Hay, a qual nos eccos do nome já parece, que tra-

ziaõ o prognoſtico do infelice ſuccéſſo, que os Iſraelitas nella tiveraõ; porque foraõ rotos, e desbaratados, poſto que com menos mortos, e feridos, do que nós por cá coſtumamos. E que faria Joſué á viſta deſta deſgraça? Raſga as veſtiduras Imperiaes, lança-ſe por terra, começa a clamar ao Ceo: *Heu Domine Deus, quid voluiſti traducere populum iſtum Jordanem fluvium, ut tradares nos in manus Amorrhæi?* Deos meu, e Senhor meu, que he iſto? Para que nos mandaſtes paſſar o Jordaõ, e nos meteſtes de poſſe deſtas terras, ſe aqui nos havieis de entregar nas mãos dos Amorheus, e perdernos? *Utinam manſiſſemus trans Jordanem!* Oh nunca nós paſſaramos tal Rio! Aſſim ſe queixava Joſué a Deos; e aſſim nos podemos nós queixar, e com muito mayor razaõ, que elle. Se eſte havia de ſer o fim de noſſas navegaçoens, ſe eſtas fortunas nos eſperavaõ nas terras conquiſtadas: *Utinam manſiſſemus trans Jordanem.* Provera a voſſa Divina Mageſtade, que nunca ſahiramos de Portugal, nem fiaramos noſſas vidas ás ondas, e aos ventos, nem conheceramos, ou puzeramos os pés em terras eſtranhas. Ganhalas para as naõ lograr, deſgraça foy, e naõ ventura: poſſuilas para as perder, caſtigo foy de voſſa ira, Senhor, e naõ mercê, nem favor de voſſa liberalidade. Se determinaveis dar eſtas meſmas terras aos Piratas de Hollanda, porque lhas naõ déſtes em quanto eraõ agreſtes, e incultas, ſenaõ agora? Tantos ſerviços vos tem feito eſta gente prevertida, e apóſtata, que nos mandaſtes primeiro cá por ſeus apoſentadores, para lhe lavrarmos as terras, para lhe edificarmos as Cidades, e depois de cultivadas, e enriquecidas, lhas entregares? Aſſim ſe haõ de lograr os Hereges, e

Joſuè. 7. 7.

Ibid.

inimi-

inimigos da Fé dos trabalhos Portuguezes, e dos ſuores Catholicos: *En queis conſevimus agros.* Eis-aqui *Virgil.* para quem trabalhamos ha tantos annos. Mas pois vós, Senhor, o quereis, e ordenais aſſim, fazey o que fores ſervido. Entregay aos Hollandezes o Braſil, entregay-lhe as Indias, entregay lhe as Eſpanhas, (que naõ ſaõ menos perigoſas as conſequencias do Braſil perdido) entregay lhe quanto temos, e poſſuimos, (como já lhe entregaſte tanta parte) ponde em ſuas mãos o mundo: e a nós, aos Portuguezes, e Eſpanhoes, deixay-nos, repudiay-nos, desfazey-nos, acabay-nos. Mas ſó digo, e lembro a voſſa Mageſtade, Senhor, que eſtes meſmos, que agora desfavoreceis, e lançais de vós, póde ſer, que os queirais algum dia, e que os naõ tenhais.

Naõ me atrevera a fallar aſſim, ſe naõ tirara as palavras da boca de Job, que como taõ laſtimado, naõ he muito entre muitas vezes neſta tragedia. Queixava ſe o exemplo da paciencia a Deos, (que nos quer Deos ſoffridos, mas naõ inſenſiveis) queixava ſe do tezaõ de ſuas penas, demandando, e altercando, porque ſe lhe naõ havia de remittir, e afrouxar hum pouco o rigor dellas: e como a todas as réplicas, e inſtancias o Senhor ſe moſtraſſe inexoravel, quando já naõ teve mais, que dizer, concluio aſſim: *Ecce nunc in pulvere dormiam, & ſi mane me quæſieris, non ſubſiſtam.* Já que naõ quereis, Senhor, deſiſtir, ou moderar o tormento, já que naõ quereis ſe naõ continuar o rigor, e chegar com elle ao cabo; ſeja muito embora; matayme, conſumime, enterrayme: *Ecce nunc in pulvere dormiam.* Mas ſó vos digo, *Job. 7.* e vos lembro huma couſa, que, ſe me buſcares amanhãa, que me naõ haveis de achar: *Et ſi manè me* *20.*

quæſieris, non ſubſiſtam. Tereis aos Sabêos, tereis aos Caldêos, que ſejaõ o roubo, e o açoite de voſſa caſa; mas naõ achareis a hum Job, que a ſirva, naõ achareis a hum Job, que a venere, nõ achareis a hum Job, que ainda com ſuas chagas a naõ deſauthorize. O meſmo digo eu, Senhor, que naõ he muito rompa nos meſmos affectos, quem ſe vê no meſmo eſtado. Abrazay, deſtruí, conſuminos a todos; mas póde ſer, que algum dia queirais Eſpanhoes, e Portuguezes, e que os naõ acheis. Hollanda vos dará os Apoſtolicos Conquiſtadores, que levem pelo mundo os Eſtandartes da Cruz: Hollanda vos dará os Prégadores Evangelicos, que ſemeem nas terras dos barbaros a Doutrina Catholica, e a reguem com o proprio ſangue: Hollanda defenderá a verdade de voſſos Sacramentos, e authoridade da Igreja Romana: Hollanda edificará Templos; Hollanda levantará Altares; Hollanda conſagrará Sacerdotes, e offerecera o Sacrificio de voſſo Santiſſimo Corpo: Hollanda em fim vos ſervirá, e venerará taõ religioſamente como em Amſtardáõ, Meldeburg, e Fliſinga, e em todas as outras Colonias daquelle frio, e alagado Inferno ſe eſtá fazendo todos os dias.

§. IV.

BEm vejo, que me podeis dizer, Senhor, que a propagaçaõ de voſſa Fé, e as obras de voſſa gloria, naõ dependem de nós, nem de ninguem; e que ſois poderoſo, quando faltem homens, para fazer das pedras filhos de Abraham. Mas tambem a voſſa Sabedoria, e a experiencia de todos os ſeculos, nos tem enſinado, que depois de Adaõ naõ criaſtes homens

mens de novo; que vos servís dos que tendes neste mundo; e que nunca admittís os menos bons, senaõ em falta dos melhores. Assim o fizestes na parabola do Banquete. Mandastes chamar os convidados, que tinheis escolhido; e porque elles se excuzaraõ, e naõ quizeraõ vir, entaõ admittistes os cégos, e mancos, e os introduzistes em seu lugar: *Cæcos, & claudos introduc huc.* E se esta he, Deos meu, a regular disposiçaõ de vossa Providencia Divina, como a vemos agora taõ trocada em nós, e taõ differente comnosco? Quaes foraõ estes convidados, e quaes saõ estes cégos, e mancos? Os convidados somos nós, a quem primeiro chamastes para estas terras, e nellas nos puzestes a Mesa taõ franca, e abundante, como de vossa grandeza se podia esperar. Os cégos, e mancos saõ os Lutheranos, e Calvinistas, cégos sem Fé, e mancos sem obras, na reprovaçaõ das quaes consiste o principal erro da sua heresia. Pois se nós, que somos os convidados, naõ nos excuzamos, nem duvidamos de vir, antes rompemos por muitos inconvenientes, em que poderamos duvidar: Se viemos, e nos assentámos á Mesa, como nos excluis agora, e lançais fóra della, e introduzis violentamente os cégos, e mancos, e dais os nossos lugares ao Herege? Quando em tudo o mais foraõ elles taõ bons como nós, ou nós taõ máos como elles; porque nos naõ ha de valer pelo menos o privilegio, e prerogativa da Fé? Em tudo parece, Senhor, que trocais os estylos de vossa Providencia, e mudais as Leys de vossa Justiça comnosco. *Luc. 14. 21.*

Aquellas dez Virgens do vosso Evangelho todas se renderaõ ao sono, todas adormeceraõ, todas foraõ iguaes no mesmo descuido: *Dormitaverunt omnes, & dor-* *Matth. 25. 5.*

& dormierunt. E com tudo a cinco dellas paſſou-lhe o Eſpoſo por eſte defeito, e ſó porque conſervaraõ as lampadas accezas, mereceraõ entrar ás vodas, de que as outras foraõ excluidas. Se aſſim he, Senhor meu, ſe aſſim o julgaſtes entaõ (que vós ſois aquelle Eſpoſo Divino) porque naõ nos val a nós tambem conſervar as lampadas da Fé accezas, que no Herege eſtaõ taõ apagadas, e taõ mortas? He poſſivel, que haveis de abrir as portas a quem traz as lampadas apagadas, e que as haveis de fechar a quem as tem accezas? Reparay, Senhor, que naõ he authoridade do voſſo Divino Tribunal, que ſayaõ delle no meſmo caſo duas ſentenças taõ encontradas. Se ás que deixaraõ apagar as lampadas
Ibid. 12. ſe diſſe: *Neſcio vos*; ſe para ellas ſe fecharaõ as por-
Ibid. 10. tas: *Clauſa eſt janua*, quem merece ouvir da voſſa boca hum *Neſcio vós* tremendo, ſenaõ o Herege, que vos naõ conhece? E a quem deveis dar com a porta nos olhos, ſenaõ ao Herege, que os tem taõ cégos? Mas eu vejo, que nem eſta cegueira, nem eſte deſconhecimento, taõ merecedores de voſſo rigor, lhe retarda o progreſſo de ſuas fortunas, antes a paſſo largo ſe vem chegando a nós ſuas armas vitorioſas, e cèdo nos bateráõ ás portas deſta voſſa Cidade. Deſta voſſa Cidade diſſe; mas naõ ſey ſe o nome do Salvador, com que a honraſtes, a ſalvará, e defenderá, como já outra vez naõ defendeo; nem ſey ſe eſtas noſſas deprecaçoens, poſto que taõ repetidas, e continuadas, acharáõ accéſſo a voſſo conſpecto Divino; pois ha tantos annos, que eſtá brádando ao Ceos a noſſa juſta dôr, ſem voſſa clemencia dar ouvidos a noſſos clamores.

Se acaſo for aſſim (o que vós naõ permittais) e eſtá

e eſtá determinado em voſſo ſecreto juizo, que entrem os Hereges na Bahia; o que ſó vos repreſento humildemente, e muito de véras, he, que antes da execuçaõ da ſentença repareis bem, Senhor, no que vos pode ſucceder deſpois, e que o conſulteis com voſſo coraçaõ, em quanto he tempo; porque melhor ſerá arrepender agora, que quando o mal paſſado naõ tenha remedio. Bem eſtais na intençaõ, e alluzaõ, com que digo iſto, e na razaõ, fundada em vós meſmo, que tenho para o dizer. Tambem antes do Diluvio eſtaveis vós muy colerico, e irado contra os homens, e por mais que Noé orava em todos aquelles cem annos, nunca houve remedio para que ſe applacaſſe voſſa ira. Romperaõ-ſe em fim as cataratas do Ceo, creſceo o mar até os cumes dos montes, alagou-ſe o mundo todo: ja eſtará ſatisfeita voſſa juſtiça. Senaõ quando ao terceiro dia começaraõ a aboyar os corpos mortos, e a ſurgir, e apparecer em multidaõ infinita aquellas figuras pállidas, e entaõ ſe repreſentou ſobre as ondas a mais triſte, e funeſta tragedia, que nunca viraõ os Anjos; que homens, que a viſſem, naõ os havia. Viſtes vós tambem (como ſe o viſſeis de novo) aquelle laſtimoſiſſimo eſpectaculo; e poſto que naõ choraſſes, porque ainda naõ tinheis olhos capazes de lagrymas, enterneceraõ-ſe porém as entranhas de voſſa Divindade, com taõ intrinſeca dor: *Tactus dolore cordis intrinſecus*, que do modo, que em vós cabe arrependimento, vos arrependeſtes do que tinheis feito ao mundo; e foy taõ inteira a voſſa contriçaõ, que naõ ſó tiveſtes pezar do paſſado, ſenaõ propoſito firme de nunca mais o fazer: *Nequaquam ultrà maledicam terræ propter homines.* *Geneſ.* 6. 6 *Geneſ.* 8. 21.

nes. Eſte ſois, Senhor, eſte ſois: e pois ſois eſte, naõ vos tomeis com voſſo coraçaõ. Para que he fazer agora valentias contra elle, ſe o ſeu ſentimento, e o voſſo, as ha de pagar deſpois. Já que as execuçoens de voſſa juſtiça cuſtaõ arrependimentos á voſſa bondade, vede o que fazeis antes que o façais; naõ vos aconteça outra. E para que o vejais com cores humanas, que ja vos naõ ſaõ extranhas, dayme licença, que eu vos repreſente primeiro ao vivo as laſtimas, e miſerias deſte futuro diluvio; e ſe eſta repreſentaçaõ vos naõ enternecer, e tiveres entranhas para o ver ſem grande dor, executayo embora.

Finjamos pois (o que fingido, e imaginado faz horror) finjamos, que vem a Bahia, e o reſto do Braſil, a mãos dos Hollandezes; que he o que ha de ſuceder em tal caſo? Entraráõ por eſta Cidade com furia de vencedores, e de Hereges: naõ perdoaráõ a eſtado, a ſexo, nem a idade; com os fios dos meſmos alfanges mediráõ a todos. Choraráõ as mulheres, vendo, que ſe naõ guarda decóro á ſua modeſtia: choraráõ os velhos, vendo, que ſe não guarda reſpeito a ſuas caãs: choraráõ os nobres, vendo, que ſe não guarda cortezia á ſua qualidade: choraráõ os Religioſos, e Veneraveis Sacerdotes, vendo, que até as coroas ſagradas os não defendem: choraráõ finalmente todos, e entre todos mais laſtimoſamente, os innocentes, porque nem a elles perdoará (como em outras occaſioens não perdoou) a deshumanidade heretica. Sey eu, Senhor, que ſó por amor dos innocentes diſſeſtes vós alguma hora, que naõ era bem caſtigar a Ninive. Mas não ſey, que tempos, nem que deſgraça he eſta noſſa, que até

até a meſma innocencia vos não abranda. Pois tambem a vós, Senhor, vos ha de alcançar parte do caſtigo, (que he o que mais ſente a piedade Chriſtaã) tambem a vós ha de chegar.

Entraráõ os Hereges neſta Igreja, e nas outras, arrebataráõ eſſa Cuſtodia, em que agora eſtais adorado dos Anjos: tomaráõ os Calices, e Vaſos ſagrados, e applicallos-háõ a ſuas nefandas embriaguezas: derrubaráõ dos Altares os vultos, e Eſtatuas dos Santos, deformallas-háõ a cutiladas, e metellas-hão no fogo: e não perdoaráõ as mãos furioſas, e ſacrilegas, nem ás Imagens tremendas de Chriſto Crucificado, nem ás da Virgem Maria. Naõ me admiro tanto, Senhor, de que hajais de conſentir ſimilhantes aggravos, e afrontas nas voſſas Imagens, pois já as permittiſtes em voſſo Sacratiſſimo Corpo; mas nas da Virgem Maria, nas de voſſa Santiſſima Mãy; não ſey como iſto póde eſtar com a piedade, e amor de Filho! No Monte Calvario eſteve eſta Senhora ſempre ao pé da Cruz; e com ſerem aquelles algozes tão deſcortezes, e crueis, nenhum ſe atreveo a lhe tocar, nem a lhe perder o reſpeito. Aſſim foy, e aſſim havia de ſer, porque aſſim o tinheis vós prometido pelo Profeta. *Flagellum non approprinquabit tabernaculo tuo.* Pois, Filho da Virgem Maria, ſe tanto cuidado tiveſtes então do reſpeito, e decóro de voſſa Mãy, como conſentís agora, que ſe lhe fação tantos deſacatos? Nem me digais, Senhor, que lá era a peſſoa, cá a Imagem. Imagem ſómente da meſma Virgem era a Arca do Teſtamento; e ſó porque Oza a quiz tocar, lhe tiraſte a vida. Pois ſe então havia tanto rigor para quem offendia a Imagem de Maria, por- *Pſalm.* 90 10.

que o não ha tambem agora? Bastava então qualquer dos outros desacatos ás cousas sagradas, para huma severissima demostração vossa ainda milagrosa. Se a Jeroboão, porque levantou a mão para hum Profeta, se lhe seccou logo o braço milagrosamente, como aos Hereges depois de se atreverem a afrontar vossos Santos, lhe ficão ainda braços para outros delictos? Se a Balthazar por beber pelos Vasos do Templo, em que não se consagrava vosso Sangue, o privastes da vida, e do Reyno; porque vivem os Hereges, que convertem vossos Calices a usos profanos? Ja não ha tres dedos, que escrevão sentença de morte contra sacrilegos?

Em fim, Senhor, despojados assim os Templos, e derrubados os Altares, acabarse ha no Brasil a Christandade Catholica: acabarse-ha o culto divino: nascerá herva nas Igrejas, como nos campos: não haverá quem entre nellas; passará hum dia de Natal, e não haverá memoria de vosso Nascimento: passará a Quaresma, e a Semana Santa, e não se celebra áõ os mysterios de vossa Paixão. Chorarão as pedras das ruas, como diz Jeremías, que choravão as de Jerusalem destruida: *Viæ Sion lugent, eò quòd non sint, qui veniant ad solemnitatem*: Versehão ermas, e solitarias, e que as não piza a devoção dos Fieis, como costumava em similhantes dias. Não haverá Missas, nem Altares, nem Sacerdotes, que as digão: morrerão os Catholicos sem Confissão, nem Sacramentos: prégarse-hão Heresias nestes mesmos pulpitos, e em lugar de São Jeronymo, e Santo Agostinho, ouvirse-hão, e allegarse hão nelles os infames nomes de Calvino, e Luthéro: beberão a falsa doutrina os innocentes, que ficarem, reli-

Thren. 1. 4

reliquias dos Portuguezes: e chegaremos a eſtado, que ſe perguntarem aos filhos, e netos dos que aqui eſtão: Minino, de que Seyta ſois? Hum reſponderá, eu ſou Calviniſta; outro, eu ſou Lutherano. Pois iſto ſe ha de ſoffrer, Deos meu? Quando quizeſtes entregar voſſas ovelhas a São Pedro, examinaſte lo tres vezes, ſe vos amava: *Diligis me, diligis me, diligis me?* E agora as entregais deſta maneira, não a Paſtores, ſenão aos Lobos? Sois o meſmo, ou ſois outro? Aos Hereges o voſſo rebanho? Aos Hereges as Almas? Como tenho dito, e nomeey Almas, não vos quero dizer mais. Já ſey, Senhor, que vos haveis de enternecer, e arrepender, e que não haveis de ter coração para ver taes laſtimas, e taes eſtragos E ſe aſſim he (que aſſim o eſtão promettendo voſſas entranhas piedoſiſſimas) ſe he, que ha de haver dor, ſe he, que ha de haver arrependimento deſpois; ceſſem as iras, ceſſem as execuçoens agora, que não he juſto vos contente antes o de que vos ha de pezar em algum tempo. *Joan. 21. 15.*

Muito honraſtes, Senhor, ao homem na criação do mundo, formando o com voſſas proprias mãos, informando o, e animando-o com voſſo proprio alento, e imprimindo nelle o caracter de voſſa imagem, e ſimilhança. Mas parece, que logo desde aquelle meſmo dia vos não contentaſtes delle, porque de todas as outras couſas, que criaſtes, diz a Eſcriptura, que vos parecêrão bem: *Vidit Deus, quòd eſſet bonum*: e ſó do homem o não diz. Na admiração deſta myſterioſa reticencia andou desde então ſuſpenſo, e vacilando o juizo humano, não podendo penetrar qual foſſe a cauſa, porque agradando-vos com tão publica demonſtração todas as *Geneſ. 1. 10*

voſſas obras, ſó do homem, que era a mais perfeita de todas, não moſtraſſeis agrado. Finalmente paſſados mais de mil e ſetecentos annos, a meſma Eſcritura, que tinha callado aquelle myſterio, nos declarou, que vós eſtaveis arrependido de ter criado o homem: *Pænituit eum, quòd hominem feciſſet in terra*: e que vós meſmo diſſeſte, que vos peſava: *Pænitet me feciſſe eos;* e entaõ ficou patente, e manifeſto a todos o ſegredo, que tantos tempos tinheis occultado. E vós, Senhor, dizeis, que vos peza, e que eſtais arrependido de ter criado o homem; pois eſſa he a cauſa, porque logo desde o principio de ſua criaçaõ vos naõ agradaſtes delle, nem quizeſtes, que ſe diſſeſſe, que vos parecêra bem, julgando como era razaõ, por couſa muito alheya de voſſa Sabedoria, e Providencia, que em nenhum tempo vos agradaſſe, nem pareceſſe bem aquillo, de que deſpois vos haveis de arrepender, e ter peſar de ter feito: *Pænitet me feciſſe.* Sendo pois eſta a condição verdadeiramente divina, e a altiſſima razaõ de eſtado de voſſa Providencia, não haver já mais agrado do que ha de haver arrependimento: e ſendo tambem certo nas piedoſiſſimas entranhas de voſſa miſericordia, que ſe permittires agora as laſtimas, as miſerias, os eſtragos, que tenho repreſentado, he força, que vos ha de peſar deſpois, e vos haveis de arrepender; arrependey-vos, miſericordioſo Deos, em quanto eſtamos em tempo, ponde em nós os olhos de voſſa piedade, ide á maõ á voſſa irritada juſtiça, quebre voſſo amor as ſetas de voſſa ira, e naõ permittais tantos dâmnos, e tão irreparaveis. Iſto he o que vos pedem tantas vezes proſtradas diante de voſſo divino acatamento eſtas Almas

Geneſ. 6. 6.

Ibid.

mas taõ fielmente Catholicas em nome ſeu, e de todas as deſte Eſtado. E naõ vos fazem eſta humilde deprecaçaõ pelas perdas temporaes, de que cedem, e as podeis executar nelles por outras vias; mas pela perda eſpiritual eterna de tantas Almas, pelas injurias de voſſos Templos, e Altares, pela exterminaçaõ do ſacroſanto Sacrificio de voſſo Corpo, e Sangue, e pela auſencia inſoffrivel, pela auſencia, e ſaudades deſſe Santiſſimo Sacramento, que naõ ſabemos quanto tempo teremos preſente.

§. V.

CHegado a eſte ponto, de que naõ ſey, nem ſe póde paſſar; parece-me, que nos eſtá dizendo voſſa divina, e humana Bondade, Senhor, que o fizereis aſſim facilmente, e vos deixarieis perſuadir, e convencer deſtas noſſas razoens; ſe naõ, que eſtá clamando por outra parte voſſa divina juſtiça: e como ſois igualmente juſto, e miſericordioſo, que naõ podeis deixar de caſtigar, ſendo os peccados do Braſil tantos, e taõ grandes. Confeſſo, Deos meu, que aſſim he, e todos confeſſamos, que ſomos grandes peccadores. Mas taõ longe eſtou de me aquietar com eſta reſpoſta, que antes eſſes meſmos peccados muitos, e grandes, ſaõ hum novo, e poderoſo motivo dado por vós meſmo para mais convencer voſſa bondade.

A mayor força dos meus argumentos naõ conſiſtio em outro fundamento atégora, que no credito, na honra, e na gloria de voſſo Santiſſimo Nome: *Propter nomen tuum.* E que motivo poſſo eu offerecer mais glorioſo ao meſmo nome, que ſerem

muitos, e grandes os noſſos peccados? *Propter nomen tuum, Domine, propitiaberis peccato meo: multum eſt enim.* Por amor de voſſo nome, Senhor, eſtou certo, (dizia David) que me haveis de perdoar meus peccados, porque naõ taõ quaesquer peccados, ſe naõ muitos, e grandes: *Multum eſt enim.* Oh motivo digno ſó do peito de Deos! Oh conſequencia, que ſó na ſumma bondade póde ſer forçoſa? De maneira, que para lhe ſerem perdoados ſeus peccados, allegou hum peccador a Deos, que ſaõ muitos, e grandes. Sim, e naõ por amor do peccador, nem por amor dos peccados, ſe naõ por amor da honra, e gloria do meſmo Deos, a qual, quanto mais, e mayores ſaõ os peccados, que perdoa, tanto mayor he, e mais engrandece, e exalta ſeu Santiſſimo Nome: *Propter nomen tuum, Domine, propitiaberis peccato meo: multum eſt enim.* O meſmo David deſtingue na miſericordia de Deos, grandeza, e multidaõ: a grandeza: *Secùndum magnam miſericordiam tuam*: a multidaõ: *Et ſecùndum multitudinem miſerationum tuarum.* E como a grandeza da miſericordia divina he immenſa, e a multidaõ de ſuas miſericordias infinita: E o immenſo naõ ſe póde medir, nem o infinito contar; para que huma, e outra, de algum modo tenha proporcionada materia de gloria, importa á meſma grandeza da miſericordia, que os peccados ſejaõ grandes, e á meſma multidaõ das miſericordias, que ſejaõ muitos: *Multum eſt enim.* Razaõ tenho eu logo, Senhor, de me naõ render á razaõ de ſerem muitos, e grandes noſſos peccados. E razaõ tenho tambem de inſtar em vos pedir a razaõ, porque naõ deſiſtís de os caſtigar: *Quare obdormis? Quare faciem tuam avertis? Quare obliviſceris*

Pſalm. 24. 11

Pſalm. 50. 3

viſceris inopiæ noſtræ, & tribulationis noſtræ?

Eſta meſma razaõ vos pedio Job, quando diſſe; *Cur non tollis peccatum meum, & quare non aufers iniquitatem meam?* E poſto que naõ faltou hum grande Interprete de voſſas Eſcrituras, que o arguiſſe por voſſa parte, em fim ſe deu por vencido, e confeſſou, que tinha razaõ Job em vo la pedir: *Criminis in loco Deo impingis; quòd ejus, qui deliquit, non miſeretur?* diz Saõ Cyrillo Alexandrino. Baſta, Job, que criminais, e accuſais a Deos de que caſtiga voſſos peccados? Nas meſmas palavras confeſſais, que commetteſtes peccados, maldades, e com as meſmas palavras pedîs razaõ a Deos, porque as caſtiga? Iſto he dar a razaõ, e mais pedilla. Os peccados, e maldades, que naõ occultais, ſaõ a razaõ do caſtigo: pois ſe dais a razaõ, porque a pedîs? Porque ainda, que Deos para caſtigar os peccados, tem a razaõ de ſua juſtiça; para os perdoar, e deſiſtir do caſtigo, tem outra razaõ mayor, que he a da ſua gloria: *Qui enim miſereri conſuevit, & non vulgarem in eo gloriam habet; ob quam cauſam mei non miſeretur?* Pede a razaõ Job a Deos, e tem muita razão de a pedir, (reſponde por elle o meſmo Santo, que o arguio) porque ſe he condição de Deos uſar de miſericordia, e he grande, e não vulgar a gloria, que adquire em perdoar peccados, que razaõ tem, ou póde dar baſtante de os naõ perdoar? O meſmo Job tinha já declarado a força deſte ſeu argumento nas palavras antecedentes, com energia para Deos muito forte: *Peccavi, quid faciam tibi?* Como ſe diſſera: Se eu fiz, Senhor, como homem em peccar, que razaõ tendes vós para naõ fazer como Deos em me perdoar? Ainda diſſe, e quiz

Cyril. Alex.

Job. 7 21.

Job. 7 20.

dizer

dizer mais: *Peccavi, quid faciam tibi?* Pequey, que mais vos poſſo fazer? E que fizeſtes vós, Job, a Deos em peccar? Naõ lhe fiz pouco: porque lhe dey occaſiaõ a me perdoar, e perdoando-me, ganhar muita gloria. Eu deverlhe-hey a elle, como a cauſa, a graça, que me fizer: e elle deverme-há a mim, como a occaſião, a gloria, que alcançar.

E ſe he aſſim, Senhor, ſem licença, nem encarecimento, ſe he aſſim, miſericordioſo Deos, que em perdoar peccados ſe augmenta a voſſa gloria, que he o fim de todas voſſas acçoens; naõ digais, que nos naõ perdoais, porque ſaõ muitos, e grandes os noſſos peccados; que antes, porque ſaõ muitos, e grandes, deveis dar eſſa grande gloria á grandeza, e multidaõ de voſſas miſericordias. Perdoando-nos, e tendo piedade de nós, he que haveis de oſtentar a ſoberanîa de voſſa Mageſtade; e naõ caſtigando nos, em que mais ſe abate voſſo poder, do que ſe accredita. Vedeo neſte ultimo caſtigo. em que contra toda a eſperança do mundo, e de tempo, fizeſtes, que ſe derrotaſſe a noſſa Armada, a mayor que nunca paſſou a Equinoccial. Podeſtes, Senhor, derrotalla; e que grande gloria foy de voſſa Omnipotencia poder o que póde o vento? *Contra foliùm, quod vento rapitur, oſtendis potentiam.* *Joq. 13. 25* Deſplantar huma Naçaõ, como nos ides deſplantando, e plantar outra tambem he poder, que vós *Jerem. 1. 10* commetteſtes a hum homemſinho de Anathoth: *Ecce conſtitui te ſuper Gentes, & ſuper Regna, ut evellas, & deſtruas, & diſperdas, & diſſipes, & ædifices, & plantes.* O em que ſe manifeſta a Mageſtade, a Grandeza, e a Gloria de voſſa infinita Omnipotencia, he perdoar, e uſar de miſericordia: *Qui Omnipotentiam*

tiam tuam, parcendo maximè, & miserando, manifestas. Em castigar, vencey-nos a nós, que somos criaturas fracas, mas em perdoar, vencey-vos a vós mesmo, que sois todo poderoso, e infinito. Só esta victoria he digna de vós, porque só vossa Justiça póde pelejar com armas iguaes contra vossa Misericordia; e sendo infinito o vencido, infinita fica a gloria do vencedor. Perdoay pois, benignissimo Senhor por esta grande gloria vossa: *Propter magnam gloriam tuam.* Perdoay por esta gloria immensa de vosso Santissimo Nome: *Propter nomen tuum.*

E se a caso ainda reclama vossa Divina Justiça; por certo naõ ja misericordioso, senaõ justissimo Deos, que tambem a mesma Justiça se podéra dar por satisfeita com os rigores, e castigo de tantos annos. Naõ sois vós em quanto justo, aquelle justo Juiz, de quem canta o vosso Profeta: *Deus Judex justus, fortis, & patiens, nunquid irascitur per singulos dies?* Pois se a vossa ira ainda como de justo Juiz, naõ he de todos os dias, nem de muitos; porque se naõ dará por satisfeita com rigores de annos, e tantos annos? Sey eu, Legislador Supremo, que nos casos de ira, posto que justificada, nos manda vossa Santissima Ley, que naõ passe de hum dia, e que antes de se pôr o Sol tenhamos perdoado: *Sol non occidat super iracundiam vestram.* Pois se da fraqueza humana, e taõ sensitiva, espera tal moderação nos aggravos vossa mesma Ley, e lhe manda, que perdoe, e se aplaque em termo taõ breve, e taõ preciso; vós, que sois Deos infinito, e tendes hum coração taõ dilatado como vossa mesma immensidade, e em materia de perdaõ vos propondes aos homens por exemplo, como he possivel, que os ri-

Psalm. 7. 12

Ephes. 4. 26

gores de voſſa ira ſe naõ abrandem em tantos annos, e que ſe ponha, e torne a nascer o Sol tantas, e tantas vezes, vendo ſempre deſembainhada, e cor-
Malach. 4. 2. rendo ſangue a eſpada de voſſa vingança? Sol de Juſtiça cuidey eu, que vos chamavaõ as Eſcrituras, porque ainda quando mais fogoſo, e ardente, dentro do breve eſpaço de doze horas paſſava o rigor de voſſos rayos: mas naõ o dirá aſſim eſte Sol material, que nos alumêa, e rodêa, pois ha tantos dias, e tantos annos, que paſſando duas vezes ſobre nós de hum Tropico a outro, ſempre vos vê irado.

Já vos naõ allego, Senhor, com o que dirá a terra, e os homens, mas com o que dirá o Ceo, e o meſmo Sol. Quando Joſué mandou parar o Sol, as palavras da lingoa Hebraica, em que lhe fallou, fôraõ, naõ que paraſſe, ſenaõ que ſe calaſſe: *Sol tace contra Gabaon.* Callar mandou ao Sol
Joſuè 10. 12 o valente Capitaõ, porque aquelles reſplandores amortecidos, com que ſe hia ſepultar no Occaſo, eraõ humas lingoas mudas, com que o meſmo Sol o murmurava de naſiadamente vingativo: eraõ humas vozes altiſſimas, com que desde o Ceo lhe lembrava a Ley de Deos, e lhe prégava, que naõ podia continuar a vingança; pois elle ſe hia meter no Occidente: *Sol non occidat ſuper iracundiam veſtram.* E ſe Deos, como Author da meſma Ley, ordenou, que o Sol paraſſe, e aquelle dia (o mayor que vio o mundo) excedeſſe os termos da natureza por muitas horas, e foſſe o mayor; foy para que concordando a juſta Ley com a juſta vingança, nem por huma parte ſe deixaſſe de executar o rigor do caſtigo, nem por outra ſe diſpenſaſſe no rigor do

preceito. Caſtigue ſe o Gabaonita, pois he juſto caſtigallo; mas eſteja o Sol parado até que ſe acabe o caſtigo: para que a ira, poſto que juſta, do vencedor, naõ paſſe os limites de hum dia. Pois ſe eſte he, Senhor, o termo preſcripto de voſſa Ley; ſe fazeis milagres, e taes milagres, para que ella ſe conſerve inteira; e ſe Joſué manda callar, e emmudecer o Sol, porque ſe naõ queixe, e dê vozes contra a continuaçaõ de ſua ira, que quereis, que diga o meſmo Sol, naõ parado, nem emmudecido? Que quereis, qee diga a Lua, e as Eſtrellas, já cançadas de ver noſſas miſerias? Que quereis, que digaõ todos eſſes Ceos criados, naõ para apregoar voſſas juſtiças, ſe naõ para cantar voſſas glorias: *Cæli enarrant gloriam Dei?* Pſalm. 18. 1

Finalmente, benigniſſimo JESUS, verdadeiro Joſué, e verdadeiro Sol, ſeja o epilogo, e concluſaõ de todas as noſſas razoens o voſſo meſmo nome: *Propter nomen tuum.* Se o Sol extranha a Joſué rigores de mais de hum dia, e Joſué manda callar o Sol, porque lhos naõ extranhe; como pode extranhar voſſa Divina Juſtiça, que uſeis comnoſco de Miſericordia deſpois da execuçaõ de tantos, e taõ rigoroſos caſtigos, continuados, naõ por hum dia, em muitos dias de doze horas, ſenaõ por tantos, e taõ compridos annos, que cèdo ſeráõ doze? Se ſois JESUS, que quer dizer Salvador, ſede JESUS, e ſede Salvador noſſo. Se ſois Sol, e Sol de Juſtiça, antes que ſe ponha o deſte dia, deponde os rigores da voſſa. Deixay ja o Signo rigoroſo de Leaõ, e day hum paſſo ao Signo de Virgem, Signo propicio, e benéfico. Recebey influencias humanas, de quem recebeſtes a Humanidade.

Perdoay-nos, Senhor, pelos mericimentos da Virgem Santiſſima. Perdoay-nos por ſeus rogos, ou perdoay-nos por ſeus imperios: que ſe como criatura vos pede por nós o perdaõ, como Mãy vos pode mandar, e vos manda, que nos perdoeis. Perdoay nos em fim, para que a voſſo exemplo perdoemos: e perdoay nos tambem a exemplo noſſo, que todos desde agora perdoamos a todos por voſſo amor: *Dimitte nobis debita noſtra, ſicut & nos dimittimus debitoribus noſtris. Amen.*

SER-

SERMAÕ

ADMIRAVEL,

QUE PREGOU

OP. ANTONIO VIEIRA,

NO ANNO DE 1645.

EM STA ENGRACIA,

NA FESTA DO DESAGGRAVO

DO SANTISSIMO SACRAMENTO,

EM QUE MOSTRA A VERDADE do Sacroſanto Myſterio da Euchariſtia.

Com razoens apparentes convence os Judeos, Hereges, e Gentios; e fórma argumentos aos Filoſofos, e Politicos; e aos Devotos para mais os confirmar neſte Santo Myſterio da Fe.

LISBOA:

Com todas as licenças neceſſarias. Anno de 1754.

SERMÃO

DE

S. ANTONIO

DE

VIEIRA,

NO ANNO DE 1645.

EM STA. IGREJA,

NA FESTA DO DESAGGRAVO

DO SANTISSIMO

SACRAMENTO,

EM QUE MOSTRA A VERDADE

do Sacrosanto Mysterio da Eucharistia.

LISBOA:

Com todas as licenças necessarias. Anno de 1775.

Caro mea verè eſt cibus, & ſanguis meus verè eſt potus Joan. 6.

§. I.

DUAS palavras de mais, ou huma duas vezes repetida, achava eu com facil reparo na clauſula, que propuz do Evangelho. *Vère cibus: Verè potus.* Todos os Myſterios da Fé, todos os Sacramentos da Igreja ſaõ verdadeiros Myſterios, e verdadeiros Sacramentos: com tudo ſe attentamente lermos todos os Evangeliſtas, ſe attentamente advertimos todas as palavras de Chriſto; acharemos, que em nenhum outro Myſterio, em nenhum outro Sacramento, ſenaõ no da Euchariſtia, ratificou o Senhor aquella palavra: *Verè.* Verdadeiramente. Inſtituio Chriſto o Sacramento da Penitencia, e diſſe: *Quorum remiſeritis peccata, remittuntur eis*: A quem perdoardes os peccados, ſeraõ perdoados, e naõ diſſe, *Verè*, Verdadeiramente perdoados. Inſtituio o Sacramento do Bauſtiſmo, e diſſe: *Qui crediderit, & baptiſatus fuerit, ſalvus erit*: Quem crer, e for bautiſado, ſerá ſalvo: mas naõ diſſe, *Verè*, Verdadeiramente ſalvo. Pois ſe nos outros Myſterios, ſe nos outros Sacramentos naõ expreſſou o Soberano Senhor, nem ratificou a verdade de ſeus effeitos, no Sacramento de ſeu Corpo, e Sangue porque a confirma com taõ particular expreſſaõ? Porque a ratifica huma, e outra vez: *Verè eſt cibus, Verè eſt potus?* Nas mayores alturas ſempre ſaõ mais occaſionados os precipicios; e como o Myſterio da Euchariſtia he o mais alto de todos os Myſterios; como o Sacramento do Corpo, e Sangue de Chriſto, he o mais

Joan. 6. 56. Joan. 20. 23. Marc. 16. 15.

levantado de todos os Sacramentos; previſo o Senhor, que havia de achar nelle a fraqueza, e deſcubrir a malicia mayores occaſioens de o duvidar. Haviaõ-no de duvidar os ſentidos, e haviaõ-no de duvidar as potencias; havia-o de duvidar a ſciencia, e havia-o de duvidar a ignorancia; havia-o de duvidar o eſcrupulo, e havia-o de duvidar a curioſidade; e onde eſtava mais occaſionada a duvida, era bem, que ficaſſe mais expreſſa, e mais ratificada a verdade. Por iſſo ratificou a verdade de ſeu Corpo debaixo das eſpecies da Hoſtia: *Caro mea verè eſt cibus*; por iſſo ratificou a verdade de ſeu Sangue debaixo das eſpecies do Calix: *Et ſanguis meus verè eſt potus.*

Suppoſta eſta intelligencia, que naõ he menos, que do Concilio Tridentino, e ſuppoſta a occaſiaõ deſta ſolemnidade, inſtituida para deſaggravar a verdade deſte Soberano Myſterio, vendome eu hoje neſte verdadeiramente grande theatro da Fé, determino ſuſtentar contra todos os inimigos della a verdade infallivel daquelle *Verè*: *Verè eſt cibus*: *Verè eſt potus.* Eſtas duas concluſoens de Chriſto havemos de defender hoje com ſua graça. E porque os principios da Fé contra aquelles, que a negaõ, ou naõ valem, ou naõ querem, que valhaõ, ainda que infalliveis; pondo de parte o eſcudo da meſma Fé, e ſahindo a campo em tudo com armas iguaes, argumentarey ſómente hoje com as da razaõ. O Myſterio da Euhariſtia, chamaſe Myſterio de Fé por antonomaſia: *Hic eſt Calix ſanguinis mei, novi, & æterni teſtamenti*; *Myſterium Fidei*; mas hoje, com novidade, póde ſer, que nunca ouvida, faremos o Myſterio da Fé, Myſterio da razaõ. Sahiraõ a argumento contra a verdade deſte Myſterio, naõ ſó os inimigos declarados della, mas todos,

os

os que por qualquer via a podem difficultar, e ſeraõ ſete. Hum Judeo, hum Gentio, hum Hereje, hum Filoſofo, hum Politico, hum Devoto, e o meſmo demonio. Todos eſtes poraõ ſuas duvidas, e a todos ſatisfará a razaõ. E para que a vitoria ſeja mais glorioſa, vencendo a cada hum com ſuas proprias armas; ao Judeo reſponderá a razaõ com as Eſcrituras do Teſtamento Velho: ao Gentio com as ſuas fabulas: ao Hereje com o Evangelho: ao Filoſofo com a natureza: ao Politico com a conveniencia, ao Devoto com os ſeus affectos, e ao demonio com as ſuas tentaçoens. Temos a materia. Para que ſeja a gloria de noſſa Santa Fé, e honra do Diviniſſimo Sacramento, peçamos áquella Senhora, que deo a Deos a Carne, e Sangue, de que ſe inſtituio eſte Myſterio, e naõ he menos intereſſada na vitoria de ſeus inimigos, nos alcance a luz, o eſforço, e a graça, que para taõ nova batalha havemos miſter. *Ave Maria.*

§. II.

CAro mea verè eſt cibus, & ſanguis meus verè eſt potus. O primeiro inimigo de Chriſto, que temos em campo contra a verdade daquelle Sacroſanto Myſterio, he o Judeo. Judaica perfidia foy, como ſe crê, a que deu cauſa á dor, e occaſiaõ á gloria deſte grande dia. Mas para convencer o Judeo, e o ſujeitar á Fé do Myſterio da Euchariſtia, naõ ha miſter a razaõ as noſſas eſcrituras, baſtaõ lhe as ſuas meſmas. A primeira, e mayor duvida, que tiveraõ os Judeos contra a verdade deſte Sacramento, foy a poſſibilidade delle. *Quomodo poteſt hic nobis carnem ſuam dare ad manducandum?* Como póde eſte (diziaõ) darnos a comer *Joan. 6. 52.*

mer a sua carne? Naõ he possivel. E Christo, que lhes respondeo? *Nisi Manducaveritis Carnem Filii hominis, & biberitis ejus Sanguinem, non habebitis vitam in vobis:* Senaõ comerdes a minha Carne, e beberdes o meu Sangue, naõ tereis vida. Senhor, com licença de vossa Sabedoria Divina, a questaõ dos Judeos era duvidarem da possibilidade deste Mysterio, e as duvidas postas em presença do mestre, soltaõ-se com a explicaçaõ, e naõ com o castigo Se estes homens duvidaõ da possibilidade do Mysterio, dizeilhes como he possivel, e declaray-lhes o modo, com que póde ser, e ficaráõ satisfeitos. Pois porque seguio Christo neste caso outro caminho taõ differente, e em lugar de lhes dar explicaçaõ, os ameaçou com o castigo? A razaõ foy; porque os que duvidavaõ neste passo, eraõ os Judeos: *Litigabant ergo Judæi;* e para os Judeos conhecerem a possibilidade daquelle Mysterio, naõ he necessaria a Doutrina de Christo, basta-lhes a das suas Escrituras, e a razaõ. Provo do mesmo Texto. *Litigabant ergo Judæi*; diz, que os Judeos litigavaõ huns contra os outros sobre o caso. Se litigavaõ, logo huns diziaõ, que sim, outros, que naõ; os que diziaõ, que sim, davaõ razoens para ser possivel; os que diziaõ, que naõ, davaõ razoens para o naõ ser; e eraõ taõ efficazes as razoens dos que diziaõ, que sim, que naõ teve Christo necessidade de dar as suas: por isso acodio á pertinacia com o castigo, e naõ á duvida com a explicaçaõ. Tres cousas concorriaõ nesta demanda; a duvida do Mysterio; a malicia dos que o negavaõ, e a razaõ dos que o defendiaõ; e quando Christo parece, que havia de acodir á duvida com a explicaçaõ, acodio á malicia com o castigo; porque os argumentos dos que negavaõ

Joan. 6. 52.

gavaõ o Myſterio já eſtavaõ convencidos na razaõ dos que o defendiaõ. De maneira, que para convencer ao Judaiſmo da poſſibilidade do Sacramento da Euchariſtia, naõ he neceſſaria a Fé, nem a Doutrina de Chriſto, baſta a Fé, e a razaõ dos meſmos Judeos.

E ſe naõ deſçamos em particular aos impoſſiveis, que neſte Myſterio reconhece, ou ſe lhe repreſentaõ ao Judeo, *Quomodo poteſt?* Diz o Judeo, que o Myſterio da Euchariſtia na fórma, em que o cremos os Chriſtãos, nem he poſſivel quanto á ſubſtancia, nem quanto ao modo. Naõ he poſſivel quanto á ſubſtancia, porque (como diz Moyſés no Exodo, e Salamaõ no terceiro dos Reys) Deos he Immenſo, e inviſivel, e o immenſo naõ ſe póde limitar a taõ pequena eſféra, nem o inviſivel reduſirſe ao que ſe vê. E naõ he poſſivel quanto ao modo, porque (como diz David nos Pſalmos) o Author dos milagres hé ſó Deos, e o ſujeito dos milagres ſaõ as creaturas: ſendo logo o Sacerdote creatura, como póde fazer milagres em Deos, e converter em Corpo de Deos a ſubſtancia do paõ: *Quomodo poteſt?* Para ſatisfazer a razão ás apparencias deſtes dous impoſſiveis, naõ tem neceſſidade de ir buſcar razoens a outros entendimentos, porque no entendimento dos meſmos Judeos as tem ambas concedidas, e convencidas.

Exod. 33. 20. 3. *Reg.* 8. 27.

Pſal. 71. 18. 135. 4.

Em quanto Moyſés ſe detinha no Monte recebendo a Ley, cançados os Judeos (que agora naõ cançaõ) de eſperar, diſſeraõ aſſim a Araõ: *Fac nobis Eloim, qui nos præcedat*; Araõ, fazeynos hum Deos, que poſſamos ver, e ſeguir, e vá diante de nós neſta viagem. Notay a palavra *Eloim*, que naõ ſó ſignifica Deos, ſenão o Deos verdadeiro, que criou o Ceo, e a terra

Exod. 32. 1.

a terra. Assim o escreveo Moysés nas primeiras palavras, que escreveo: *In principio creavit Elohim Cælum, & terram.* Esta proposta pois dos Judeos, tinha dous grandes reparos, o primeiro, que pediraõ a hum homem, que lhes fizesse Deos; o segundo pediraõ isto a Araõ, e naõ a outro homem. Naõ sabião os Hebrêos, que Deos he Immenso, e que occupa todo o lugar? Pois como lhe pediaõ, que fizesse hum Deos, que pudesse mudar lugar, e ir diante? Não sabiaõ, que Deos he invisivel, e fóra da esféra, e objecto dos ólhos humanos? Pois como pediaõ, que lhes fizesse hum Deos, que pudessem ver, e seguir? Tudo isto quer dizer: *Qui nos præcedat.* E já que pediaõ esta grande óbra, e este grande milagre a hum homem, naõ estavaõ alli outras grandes pessoas, cabeças dos Tribus, e Governadores do Povo, e sobre todos naõ estava Hur nomeado pelo mesmo Moysés por adjunto de Araõ, em quanto durasse a sua ausencia: *Habetis Aaron, & Hur; si quid natum fuerit quæstionis, referetis ad eos?* Pois porque naõ pediraõ a Hur, ou a algum dos outros, que obrasse essa maravilha, senaõ a Araõ, e só a Arão? Aqui vereis quão racionaes saõ, e quaõ conformes ao entendimento humano os Mysterios da Fé Catholica. Ainda quando os Judeos foraõ hereges da sua Fé naõ puderaõ negar a razaõ da nossa. Pediraõ os Judeos a Araõ, que lhes fizesse hum Deos, que pudessem ver, e seguir; porque entendêraõ, que ainda que Deos era Immenso, e invisivel, sem menoscabo de sua grandeza se podia limitar á menor esféra, e sem perigo de sua invisibilidade se podia encobrir debaixo de alguma figura, e final visivel. E escolhêraõ por ministro desta maravilha a Araõ, que era o Sacerdote, e naõ a outrem;

Gen. 1. 1.

Exod. 24. 14.

por-

porque entendèraõ tambem, que acçaõ taõ sobrenatural, e milagrosa, como pôr a Deos debaixo de especies creadas, naõ podia competir a outro, senão ao Sacerdote. Eys-aqui o que os Judeos pedirão então, e eys aqui o que nós adoramos hoje; hum Deos debaixo de especies visiveis, posto nellas milagrosamente por ministerio dos Sacerdotes. Os Judeos foraõ os que traçáraõ o Mysterio, e nós somos os que o gozamos; elles fizerão a petição, e nós recebemos o despacho; elles erráraõ, e nós naõ podemos errar. E em que esteve a differença? Esteve só a differença em que elles crêraõ, que se podia fazer esta maravilha por authoridade humana: *Fac nobis Eloim, qui nos præcedat;* e nós crêmos, que só se faz, e se póde fazer por authoridade Divina: *Hoc facite in meam cõmemorationem* E que crendo o Judeo, que se podia fazer por puder humano, naõ creya, que se posla fazer por Omnipotencia Divina: *Quemodo potest?* Naõ he isto só erro de Fé, he cegueira de razaõ. *Luc. 22. 19.*

E se naõ, ajude se a razaõ da experiencia. Quando os Judeos neste caso adoráraõ o bezerro, no mesmo dia os castigou, matando mais de vinte mil delles. Ah, assim? logo bem se segue, que está Deos na Hostia Consagrada. Provo a consequencia. Se Deos (ponhamos este impossivel) se Deos naõ está naquella Hostia, todos os Christãos somos idolatras, como o foraõ os Judeos, quando adoráraõ o bezerro. He certo: porque em tal caso reconhecemos Divindade, onde a naõ há. Pois se somos idolatras, porque nos naõ castiga Deos, assim como castigou aos Judeos? Aperto a duvida; porque os Judeos adoráraõ o bezerro huma só vez, os Chrstãos adoramos a Hos- *Exod. 32. 28.*

tia Consagrada ha mil, e seis centos annos: os Judeos adoráraõ o bezerro em hum só lugar: os Christãos adoramos o Sacramento em todas as partes do mundo: os Judeos, que adoráraõ o bezerro, erão de huma só naçaõ: e os Christãos, que adoraõ o Sacramento, saõ de todas as naçoens do universo. Ainda falta o mais forçoso argumento. Muitos dos que crem, e adoraõ este Soberano Mysterio, saõ Hebrêos da mesma naçaõ, verdadeiramente convertidos á Fé: o mesmo Author, e Instituidor delle, Christo Redemptor, e Senhor nosso, era Hebrêo; os primeiros, que o adoráraõ, creraõ, e commungárão (que foraõ os Apostolos, e Discipulos) erão tambem Hebrèos; e esles mesmos Hebrèos forão os primeiros Sacerdotes, que o consagráraõ, e os primeiros Prégadores, que o levárao, promulgáraõ, fundárão, e estabeleceraõ por todo o Mundo. Pois se Deos he o mesmo, e os adoradores deste Mysterio os mesmos, porque os naõ castiga Deos a elles, e a nós, como castigou aos antigos Hebrèos? Se adorar aquella Hostia he idolatria, como foy adorar o bezerro, porque soffre Deos mil, e seis centos annos na face de todo o mundo, o que não soffreo hum dia em hum deserto? He porque elles foraõ verdadeiramente idolatras, e nós somos verdadeiros fiéis; he porque elles adorando o bezerro, reconheciaõ Divindade, onde a não havia; e nós adorando aquella Hostia Consagrada reconhecemos Divindade, onde verdadeiramente está Deos. De maneira, Judeo, que com o teu mesmo castigo, com as tuas mesmas escrituras, e com o teu mesmo entendimento te está convencendo a razão a mesma verdade, que negas, e os mesmos impossiveis, ou difficuldades, que finges.

Mas

Mas vamos continuando, e diſcorrendo por todas as difficuldades deſte Myſterio, e veremos como os Judeos as tem já crido todas nas ſuas Eſcrituras. O Sacramento da Euchariſtia por antonomazia he Myſterio do Teſtamento Novo: *Hic Calix Novum Teſtamentum eſt in meo ſanguine.* Mas de tal modo he Myſterio novo do Teſtamento Novo, que todas as ſuas difficuldades ſe crèraõ, e ſe tiráraõ no Velho. Grande difficuldade he deſte Myſterio, que o paõ ſe converta em Corpo de Chriſto, e o vinho em ſeu Sangue; mas ſe o Judeo cre as ſuas Eſcrituras, que a Mulher de Lot ſe converto em Eſtatua; ſe cre, que a Vara de Moyſés ſe converteo em Serpente; ſe cre, que o Rio Nilo ſe converteo em ſangue; que razaõ tem para não crer, que o pão ſe converte em Corpo de Chriſto? Grande difficuldade he deſte Myſterio, que ſe conſervem os accidentes fóra do ſujeito; e que ſubſiſtaõ por ſi ſem o arrimo da ſubſtancia: mas ſe o Judeo cre, que a luz, que he accidente do Sol, foy criada ao primeiro dia, e o Sol, que he a ſubſtancia da luz, foy criado ao quarto; que razaõ tem para naõ crer, que exiſtaõ os accidentes de pão, que vemos, onde naõ tem ſubſtancia de paõ, que os ſuſtente? Grande difficuldade he neſte Myſterio, que receba tanto o que commungou toda a Hoſtia, como o que recebeo huma pequena parte; mas ſe o Judeo cre, que quando ſeus pays hiaõ colher o Manná ao campo, os que colhiaõ muito, e os que colhiaõ pouco, todos ſe achavaõ igualmente com a meſma medida; que razaõ tem para naõ crer, que aſſim os que recebem parte, como os que recebem toda a Hoſtia, commungaõ todo Chriſto? Finalmente he grande difficuldade neſte Myſterio

1. *Ad Corint.* 11. 25.

Geneſ. 19. 26

Exod. 4. 3.

Exod. 7. 17.

Gene. 3. 4.

Ita S. Baſil. Naſi. Theodoret. & alii apud. Suar. de op. ſex. dier.

Exod. 16. 18.

rio, que todas as maravilhas delle se obrem com quatro palavras, è que esteja Deos sujeito, e como obediente ás do Sacerdote; mas se o Judeo cre, que a tres palavras de Josué obedeceo Deos, e parou o Sol, e que por naõ cret Moysés, que bastavaõ palavras para converter a penha em fonte, foy condemnado a naõ entrar na terra de Promissaõ; que razaõ tem para não crer, que bastaõ as palavras do Sacerdote, para que Christo desça, e o paõ se mude? De maneira que para o Judeo confessar a possibilidade no Mysterio da Eucharistia, em que tropeça, naõ lhe he necessaria nova fé, nem a nossa, bastalhe a velha, e a sua, ajudada só da razaõ. O que crêo nas suas Escrituras, he o que aqui lhe manda crer a Fé; só com esta differença, q̃ aqui mandaõ se lhe crer por junto os milagres, que lá crêo repartidos. O seu Profeta o disse: *Memoriam fecit mirabilium suorum, escam dedit timentibus se.* Fez huma memoria Deos das suas maravilhas no paõ, que deo a comer aos que o temem. De sorte que a memoria he nova, mas as maravilhas saõ as antigas; lá estavão divididas, aqui estaõ compendiadas.

Josue 10. 12. *Obedit te Deo voci hominis.* *Num. 20. 8.* *Psal. 110.*

Donde he muito para notar ácerca do *Memoriam fecit*, que quando Christo instituio, e se deixou no Sacramento, naõ pedio mais, que memoria: *In mei memoriam facietis.* E porque naõ pedio entendimento, e vontade? Christo neste Mysterio pertendia amor, e fé; para o amor era necessaria vontade, para a Fé entendimento; pois porque se cança em encommendar a memoria? Porque o lugar, onde Christo instituio este Mysterio, era Jerusalem, e as pessoas, diante de quem o instituio, eraõ os Judeos; e para Jerusalem, e os Judeos crerem, e amarem este Mysterio,

rio, naõ lhes he neceſſario diſcorrerem com o entendimento, nem applicarem nova vontade, baſta, que ſe lembrem com a memoria; lembrem-ſe do que creraõ na ſua Ley, e naõ duvidaráõ de adorar o que nós cremos na noſſa. Nenhuma naçaõ do mundo tem mais facilitada a Fé do Santiſſimo Sacramento, que os Judeos; porque as outras naçoens, para crerem, haõ miſter entendimento, e vontade; o Judeo para crer, baſtalhe a memoria. Lembrem ſe, e creráõ. De ſorte, que a Infidelidade nos Judeos, naõ he tanto infidelidade, quanto eſquecimento, naõ crem, porque ſe naõ lembraõ. E ſe baſta a memoria para crerem, quanto mais baſtará o diſcurſo, e a razaõ? Confeſſem pois convencidos della a verdade infallivel daquelle *Verè: Verè eſt cibus. Verè eſt potus.*

§. III.

AO Gentio tambem lhe parece impoſſivel eſte Myſterio; e a mayor difficuldade, que acha nelle, ſaõ as meſmas palavras de Chriſto: *Caro mea verè eſt cibus: & Sanguis meus verè eſt potus.* Como he poſſivel, diz o Gentio, que ſeja Deos, quem diz, que lhe comaõ a Carne, e lhe bebaõ o Sangue? Quando Atreo deo a comer a Thyeſtes a carne de ſeu filho, diz a Gentilidade, que fez tal horror eſte caſo á meſma natureza, que o Sol contra ſeu curſo tornou a traz, por naõ contaminar a pureza de ſeus rayos, dando luz a taõ abominavel meſa. Como póde logo ſer Deos, quem diz, que lhe comaõ a Carne, e lhe bebaõ o Sangue? E como podem ſer homens, os que comem a Carne, e bebem o Sangue a ſeu proprio Deos? Pareceo taõ forçoſo eſte argu- *Sen. in Thieſt. Act. 4.*

gumento, e taõ deshumana esta acçaõ a Averroes, Commentador de Aristoteles, que só por naõ ser de
Averr. huma ley, em que era obrigado a comer seu Deos, naõ quiz ser Christaõ, e se deixou morrer Gentio.

Aos argumentos dos Gentios promettèo a razaõ, que responderia com as suas fabulas: e porque naõ pareça pouco sólido este novo modo de responder, ouçamos primeiro a Tertullianno. Argumentando
Tertul. Apol. c. contra a Gentilidade Tertulliano no seu Apologeti-
20. & 21. co, disse, que as fabulas dos Gentios faziaõ mais criveis os Mysterios. Parece proposiçaõ difficultosa; que as fabulas dos Gentios saõ mentiras, saõ fingimentos; os Mysterios dos Christaõs saõ verdades infalliveis; como logo póde ser, que a mentira accrescente credito á verdade? O mesmo Tertulliano se explicou com o juizo, que costuma. *Fideliora sunt nostra, magisque credenda, quorum imagines quoque fidem invenerunt.* As fabulas dos Gentios, se bem se consideraõ, saõ huns arremedos, saõ humas similhanças, saõ humas imagens, ou imaginaçoens dos Mysterios dos Christaõs. E se os Gentios déraõ fé ao arremedado sómente dos nossos Mysterios, porque a naõ haõ de dar ao verdadeiro delles? Se creraõ, e adoraraõ os retratos; porque haõ de duvidar a crença, e negar a adoraçaõ aos orginaes? *Fideliora, magisque credenda, quorum imagines quoque fidem invenerunt.* Com a sua mesma idolatria está convencendo a razaõ aos Gentios, para que naõ possaõ negar a Fé: porque nenhuma cousa lhes propoem taõ difficultosa de crer a Fé, que elles a naõ tenhaõ já concedido, e confessado nas sua fabulas. Daqui se entenderá a razaõ, e Providencia Altissima, que Deos teve para permittir a idolatria no Mundo. E qual foy? Para

que

que a mesma idolatria abrisse o caminho á Fé, e facilitasse no entendimento dos homens a crença de taõ altos, e taõ secretos Mysterios, como os que Deos tinha guardado para a Ley da Graça. Assim como Deos neste mundo criou hum homem para pay de todos os homens, que foy Adaõ, assim fez outro homem para Pay de todos os crentes, que foy Abrahaõ. A hum deo o Primado da natureza; a outro a Primazia da Fé. Mas esse mesmo Abrahaõ, se bem lhe examinarmos a vida, acharemos, que antes de crer no verdadeiro Deos, foy idolatra: *Thare pater Abrahæ, & Nachor; serviteruntque Dijs alienis.* Pois idolatra Abrahaõ, que ha de ser pay de todos os crentes? Sim, e por isso mesmo Permittio Deos, que o Pay da Fé fosse filho da idolatria, porque a idolatria he degraõ, e succesaõ para a Fé. A porta da Fé he a credulidade, como dizem os Theologos; porque antes de huma cousa ser crida, ha de julgar o entendimento, que he crivel. E isto he, o que fez a idolatria no mundo, vindo diante da Fé. A idolatria semeou a credibilidade, e a Fé colheo a crença; a idolatria com as fabulas começou a fazer os Gentios credulos; e a Fé com os Mysterios acabou de os fazer crentes. Como a Fé he crença de cousas verdadeiras, e difficultosas, a idolatria facilitou o difficultoso, e logo a Fé introduzio o verdadeiro. As repugnancias, que tem a Fé, he o arduo, o escuro, e o sobrenatural dos Mysterios; crer o que naõ vejo; e confessar, o que naõ entendo; e estas repugnancias já a idolatria as tinha vencido nas fabulas, quando a Fé as convenceo nos Mysterios.

Josue 24. 2.

Masius hic Phil. l. de Abraha. Gene. Chr. & Hebrai.

Supposta esta verdade, ficaõ muy faceis de crer aos Gentios quaesquer difficuldades, que se lhe re-

pre-

preſentem no Sacramento do Altar; porque tudo, o que nós cremos neſte Myſterio, creraõ elles primeiro nas ſuas fabulas. Se os Gentios criaõ, que no paõ comiaõ hum Deos, e no vinho bebiaõ outro: no paõ a Ceres, e no vinho a Baccho; que difficuldade lhes fica para crerem, que debaixo das eſpecies do paõ comemos a Carne, e de baixo das eſpecies do vinho bebemos o Sangue de noſſo Deos? Se comeſſemos a Carne, e Sangue em propria eſpecie, ſeria horror da natureza; mas debaixo de eſpecies alheyas, taõ naturaes como as de paõ, e vinho, nenhum horror faz, nem póde fazer, ainda a quem tenha a viſta taõ mimoſa, e o goſto taõ achacado, como Averroes.

Em todos os outros impoſſiveis, que ſe repreſentaõ ao Gentio neſte Myſterio, corre o meſmo. Parece impoſſivel neſte Myſterio, que a ſubſtancia do paõ paſſe a ſer Corpo de Chriſto; parece impoſſivel, que a quantidade do Corpo, e a quantidade do paõ, occupem hum ſó lugar na meſma Hoſtia: parece impoſſivel, que o meſmo manjar cauſe morte, e cauſe vida; parece impoſſivel, que o meſmo Chriſto eſteja juntamente no Ceo, e mais na terra; parece impoſſivel, que deſça Deos cada dia á terra para ſe unir com o homem, e o levar ao Ceo; e parece finalmente impoſſivel, que o homem comendo ſe transforme, com hum boccado, de homem em Deos. Mas ſe os Gentios criaõ (desfaçamos todos eſtes impoſſiveis) ſe os Gentios criaõ, que Daphne ſe converteo em louro, que Narciſo ſe converteo em flor, que Niobe ſe converteo em marmore, Hipomenes em leaõ, e Arethuſa em fonte; que razaõ lhes fica para duvidar, que o paõ ſe converte em Corpo, e o vinho em Sangue de Chriſto? Se os Gentios criaõ, que no

Ovid 1. Meta. mor 3. Metamor. Stat. in Sylv. Ov. 10. Metam. 4. 4. Faſtor. Virg. Æneid. 8.

no corpo de Geryaõ havia tres corpos, que razaõ tem para duvidar, que a quantidade do Corpo de Christo, e a quantidade do paõ, sendo duas, occupem hum só lugar na mesma Hostia? Se os Gentios criaõ, que a espada de Achylles ferio a Thelepho, quando inimigo; e que a mesma espada o sarou depois, quando reconciliado; que razaõ tem para duvidar, que o mesmo Corpo de Christo, he morte para os obstinados, e vida para os arrependidos? Se os Gentios criaõ, que Hecate estava juntamente no Ceo, na terra, e no Inferno; no Ceo com nome de Lua, na terra com nome de Diana, no Inferno com nome de Proserpina; que razaõ tem para duvidar, que o mesmo Christo está no Ceo, e na terra, e em diversos lugares della juntamente? Se os Gentios criaõ, que Jupiter desceo á terra em chuva de ouro, para render, e obrigar a Danaes, e em figura de Aguia para levar ao Ceo a Ganymedes; que razaõ lhes fica para duvidar, que desça Deos á terra em outros dous disfarces para render, e se unir com os homens nesta vida, e para os levar ao Ceo na outra? Finalmente se os Gentios crem, que Glauco mastigando huma herva mudou a natureza, e se converteo em Deos do mar, que difficuldade tem para crer, que por meyo daquelle Manjar soberano mudem os Christãos a natureza, e de humanos fiquem Divinos? Assim que naõ lhes fica razaõ nenhuma de duvida neste Mysterio aos Gentios, porque tudo, o que se mandar crer no Sacramento, creraõ elles primeiro nas sua fabulas.

Ovid. de Remed. l. 2

Virg. Æneid. 4.

Horat. l. 3. Ode 16.

Virg. Æneida 1.

Ovid. 14. Metamor.

Nem cuide alguem, que he discredito de nossa Religiaõ, parecerem se os seus Mysterios com as fabulas dos Gentios; porque antes esse he o mayor credito da Fé, e o mayor abôno da Omnipotencia. Lou-

Psal. 118. 85. va David os Mysterios da Ley Escrita, e encarece-os por comparaçaõ ás fabulas dos Gentios: *Narraverunt mihi iniqui fabulationes, sed non ut lex tua.* Louva Saõ Pedro os Mysterios da Ley da Graça, e encarece-os por comparaçaõ ás fabulas da mesma Gentilidade. *Non enim doctus fabulas secuti notam facimus vobis virtutem, & præsentiam Jesu Christi.* Notavel comparaçaõ, e notavel conformidade entre as duas mayores columnas da Ley Velha, e Nova? Se David, e Pedro querem encarecer os Mysterios Divinos da Fé por comparaçaõ á Gentilidade, porque os naõ comparaõ com as historias dos Gentios, senaõ com as suas fabulas? A profissaõ da historia he dizer verdade; e as historias dos Gentios tiveraõ feitos heroicos, e casos famosissimos, como se vê nas dos Gregos, e dos Romanos. Pois porque comparaõ David, e Pedro os Mysterios Sagrados naõ ás historias, senaõ ás fabulas? Porque as historias contaõ o que os homens fizeraõ; e as fabulas contaõ o que os homens fingiraõ; e vencer Deos aos homens no que puderaõ fazer, naõ he argumento de sua grandeza; mas vencer Deos aos homens no que souberaõ fingir, esse he o louvor cabal de seu poder. Que chegassem as obras de sua Omnipotencia, aonde chegaraõ os fingimentos de nossa imaginaçaõ! Que chegasse a Omnipotencia Divina obrando, onde chegou a imaginaçaõ humana fingindo! Grande poder! Grande sabedoria! Grande Deos! Isto he o que adoramos, e confessamos naquelle Mysterio. As fabulas dos Gentios foraõ imaginaçoens fingidas das maravilhas daquelle Mysterio; e as maravilhas daquelle Mysterio saõ existencias verdadeiras das suas fabulas: pois se as creraõ na imaginaçaõ, porque as haõ de negar na realidade?

2. Petr. 1. 16. Non enim doctus fabulas secuti notam facimus vobis virtutem, & præsentiam Jesu Christi.

Con-

Conſeſſe logo o Gentio, convencido da razaõ, a verdade manifeſta daquelle *Verè*: e diga: *Verè eſt cibus: Verè eſt potus.*

§. IV.

O Herege, como inimigo domeſtico, argumenta com o Evangelho, e das palavras de Chriſto fórma armas contra o meſmo Chriſto. Cre; e pertende provar, que o que eſtá debaixo das Eſpecies Sacramentaes, he verdadeira ſubſtancia de paõ, e argúe deſta maneira. Chriſto no Evangelho chama muitas vezes paõ a eſte Myſterio: *Hic eſt panis, qui de Cœlo deſcendit. Qui manducat hunc panem, vivet in æternum.* Joan. 6. 59. Chriſto chamalhe paõ? Logo he paõ. Provo a conſequencia, diz o Herege. Porque a razaõ, porque os Catholicos cremos, que na Hoſtia eſtá a ſubſtancia do Corpo de Chriſto, he porque Chriſto diſſe: *Hoc eſt corpus meum:* Eſte he meu Corpo. Pois ſe na Hoſtia eſtá a ſubſtancia do Corpo, porque Chriſto diſſe: *Hoc eſt Corpus meum*; tambem na Hoſtia eſtá a ſubſtancia de paõ, porque Chriſto diſſe: *Hic eſt panis.* Matth. 26. 26.

Reſponde a razaõ facilmente. Chama Chriſto paõ á Hoſtia Conſagrada ſem ſer paõ, porque ainda que naõ he paõ, foy paõ; ainda que naõ he paõ parece paõ; e para ter o nome, naõ he neceſſario ſer, baſta haver ſido: naõ he neceſſario ſer, baſta parecer. Prova a razaõ com o meſmo Evangelho; *Panis, quem ego dabo, caro mea eſt.* O pão, que eu vos hey de dar, diz Chriſto, he meu Corpo. Pois ſe he Corpo, porque lhe chama paõ; e ſe lhe chama paõ, porque lhe chama Corpo? Chamalhe Corpo, pelo que he; e chamalhe paõ, pelo que foy; chamalhe Corpo, pe- Joan. 6. 52.

lo que he; e chamalhe pão pelo que parece. Aquella Hostia naõ he pão; mas foy paõ, e parece pão; e basta o parecer, e o haver sido, para se chamar assim. E porque naõ possa dizer o Herege, que isto he explicaçaõ humana, e nossa; veja elle, e vejaõ todos como esta he a frase, e o modo de fallar de Deos, e de suas Escrituras. Convertida a Vara de Moysés (que tambem se chama de Araõ) em Serpente, convertidas tambem em serpentes as varas dos Magos de Faraó, envestio a serpente de Moysés ás outras, e diz assim o Texto. *Virga Aaron devoravit virgas eorum.* A Vara de Moysés comeo as varas dos Egypcios Parece, que naõ havia de dizer assim. As serpentes dos Egypcios naõ as comeo a Vara de Moysés, senaõ a Serpente de Moysés; porque a vara naõ podia comer, senaõ a serpente. Pois se a Serpente foy a que comeo, porque se diz, que comeo a Vara? Porque a serpente de Moysés tinha sido Vara de Moysés, e para a serpente se chamar vara, basta que tenha sido vara, ainda que seja serpente. O mesmo passa neste Mysterio. A Hostia Consagrada, que agora he Corpo de Christo, tinha sido paõ; e para a Hostia, que he Corpo de Christo, se chamar paõ, basta, que tenha sido paõ, ainda que seja Corpo de Christo. De sorte, que sem ser paõ, se póde chamar paõ; naõ porque o he, senaõ porque o foy. Da mesma maneira se chama paõ; naõ porque o he, senaõ porque o parece. Refere o Texto Sagrado a creaçaõ dos Planetas, e Astros celestes, e diz; que fez Deos duas luzes, ou lumieiras (como lhes chama o Texto) mayores, que todas, que saõ o Sol, e a Lua: *Fecit duo luminaria Magna.* Se consultarmos a Astrologia, havemos de achar, que a mayor de todas as luzes celestes he o Sol, e a menor de todas he a Lua; pois se a Lua he o

Exod. 7. 12.

Gen. 1. 16.

me-

menor de todos os Aſtros, porque ſe chama mayor? Que ſe chame mayor o Sol, he devido eſſe nome á ſua grandeza; mas chamarſe mayor a Lua! Sim. O Sol chamaſe mayor, porque o he: a Lua chamaſe mayor, porque o parece. Todos os Aſtros ſaõ mayores, que a Lua; mas a Lua parece mayor, que todos; e baſta que pareça mayor, ainda que o naõ ſeja, para que ſe chame mayor. Aſſim, nem mais, nem menos, aquella Sagrada Hoſtia: não he paõ, mas parece paõ, porque ficáraõ nella os accidentes de paõ, em que topão os noſſos ſentidos; e baſta, que pareça pão, ainda que o naõ ſeja, para que ſe chame paõ: *Hic eſt panis.*

E ſe a caſo algum Herege ſe naõ deixar convencer deſtes exemplos, por ſerem do Teſtamento Velho (que alguns delles negaraõ, como os Manicheos) no Teſtamento Novo temos o meſmos, e ainda (ſe póde ſer) mais claros. Nas vodas de Caná de Galiléa, quando o Architriclino, ou Regente da meſa, provou o vinho milagroſo, diz o Evangeliſta Saõ Joaõ, que goſtou a agua feita vinho: *Guſtavit Architriclinus aquam vinum factam.* Na manhaã da Reſurreiçaõ, quando as Marias entráraõ no Sepulchro, diz o Evangeliſta S. Marcos, que viraõ hum mancebo reveſtido de branco, aſſentado á parte direita: *Viderunt juvenem ſedentem á dextris coopertum ſtola candida.* E eſte mancebo, diz S. Matheus, que era hum Anjo: *Angelus enim Domini deſcendit de cælo, & revolvit lapidem, & ſedebat ſuper eum.* Neſtes dous caſos tem o Herege ambos os ſeus reparos. O vinho milagroſo, depois da converſaõ, era verdadeiro vinho: o Anjo, que viraõ as Marias veſtido de branco, tambem era verdadeio Anjo. Pois ſe o vinho verdadeiramente, e na ſubſtancia era vinho, como lhe chama

Joan. 2. 6.

Marc. 16. 5.

Matth. 28. 2.

ainda

ainda agua o Evangelista S. Joaõ: *Aquam vinum factam?* E se o Anjo verdadeiramente, e na substancia era Anjo, como lhe chama homem o Evangelista S. Marcos: *Viderunt juvenem sedentem?* Ambos fallaraõ como Evangelistas, e ambos com verdade, e propriedade natural. S. Joaõ chamou agua ao vinho, porque ainda que já naõ era agua, senaõ vinho, tinha sido agua: *Aquam vinum factam.* E S. Marcos chamou ao Anjo homem, porque, ainda que naõ era homem, senaõ Anjo, na figura, e no trajo parecia homem: *Juvenem sedentem coopertum stola candida.* O mesmo acontece na Hostia Consagrada; e por isso fallou della Christo, como os seus Evangelistas fallaraõ do vinho milagroso, e do Anjo disfarçado. Assim como a substancia da agua se tinha convertido em substancia de vinho, e com tudo se chama agua depois da conversaõ, naõ porque fosse ainda agua, senaõ porque o tinha sido: assim o Corpo de Christo no Sacramento se chama paõ, naõ porque seja paõ, senaõ porque o foy. E assim como o Anjo na substancia era verdadeiro Anjo, e com tudo se chama homem, porque vinha disfarçado em trajo de homem, e parecia homem; assim o Corpo de Christo debaixo das Especies Sacramentaes se chama paõ, naõ porque seja paõ, senaõ porque parece paõ: *Hic est panis.*

Sim: mas daqui mesmo insta, e argumenta o Herege; que assim como Christo chamou paõ á Hostia, sem ser paõ, assim lhe podia chamar seu Corpo, sem ser seu Corpo. Naõ podia, diz a razaõ; e dahi mesmo o prova, e convence admiravelmente. A Hostia póde se chamar paõ, sem ser paõ; porque foy paõ, e parece paõ; mas naõ se póde chamar Corpo de Christo sem ser Corpo de Christo; porque nem

o foy

o foy, nem o parece. De hum de tres modos pode chamar a Hoſtia Corpo de Chriſto; ou por que hé, ou porque o foy, ou porque o parece. Porque parece, naõ; porque aquella Hoſtia depois de conſagrada naõ parece Corpo de Chriſto. Porque o foy, naõ; porque aquella Hoſtia antes de conſagrada naõ foy Corpo de Chriſto. Logo ſe ſe chama Corpo de Chriſto, he porque verdadeiramente o he, e porque naõ fica outro verdadeiro ſentido, em que as palavras de Chriſto ſe poſſaõ verificar.

Contra. Replica ainda o Herege obſtinadamente. Chriſto na Eſcritura chama ſe Pedra, chama-ſe Cordeiro, chama-ſe Vide. Chama-ſe Pedra, porque aſſim o diſſe S. Paulo: *Bibebant de conſequente eos petra: petra autem erat Chriſtus.* 1. Ad Cor. 10. 4. Chama-ſe Cordeiro; porque aſſim o diſſe S. Joaõ Bautiſta: *Ecce Agnus Dei, ecce qui tollit peccatum mundi.* Joan. 1. 29. Chama-ſe Vide, porque o meſmo Chriſto o diſſe fallando de ſi: *Ego ſum viti, vos palmites.* Joan. 15. 5. E com tudo, nem Chriſto foy Pedra, nem parece pedra, nem he pedra: nem foy cordeiro, nem parece cordeiro, nem he cordeiro; nem foy vide, nem parece vide, nem he vide: logo ainda que o Sacramento ſe chame paõ, porque foy paõ, e parece paõ, bem ſe póde chamar Corpo de Chriſto, ſem ſer Corpo de Chriſto, aſſim como ſe chama Pedra, Cordeiro, e Vide, ſem ſer vide, cordeiro, nem pedra. Bemdita ſeja, Senhor, a voſſa Sabedoria, e Providencia, que contra toda a pertinacia, e aſtucia de taõ obſtinados inimigos de noſſa Fé, deixaſtes armada voſſa Igreja, defendida a verdade deſſe Soberano Myſterio, com huma ſó palavra: *Verè.* Entre o ſentido verdadeiro, e o metaforico, ha eſta differença, que o ſentido metaforico ſignifica ſómente ſimilhança; o

ver-

o verdadeiro significa realidade. E para toda esta equivocaçaõ, e qualquer outra duvida, o mesmo Instituidor do Sacramento, Christo, declarou, e repetio huma, e outra vez, que o sentido, em que fallava, assim de seu Corpo, como de seu Sangue, naõ era metaforico, senaõ verdadeiro. Verdadeiro na significaçaõ do Corpo; *Caro mea verè est cibus:* e verdadeiro na significaçaõ do Sangue: *Et sanguis meus verè est potus.*

Se eu disera a Luthero, e Calvino, que eraõ homens, claro está, que haviaõ de entender, que fallava em sentido verdadeiro; porque ainda que foraõ dous monstros taõ irracionaes, eraõ compostos de alma, e corpo. Mas se eu lhe disera, que eraõ serpentes venenosas, que eraõ dous lobos do rebanho de Christo, que eraõ duas pestes do mundo, e da Igreja; tambem haviaõ de entender, que fallava em sentido metaforico. Pois a mesma differença vay do Texto de Christo a esses Textos mal interpretados, que elles allegaõ contra a verdade do Sacramento. Chama S. Paulo a Christo Pedra; porque assim como da Pedra do deserto, de que elle fallava, brotou a fonte perenne, de que bebia o Povo de Deos; assim de Christo manàraõ, e manão as fontes da Graça, de que se alimenta o povo Christão. Chama o Bautista a Christo Cordeiro; porque assim como na Ley antiga se sacrificavão cordeiros para applacar a Deos offendido; assim Christo figura delles, se sacrificou na Cruz pelos peccados do mundo. E chama-se finalmente o mesmo Christo Vide; porque assim como a vara cortada, ou separada da vide, naõ póde dar fruto; assim os que se separaõ de Christo, e de sua Igreja, como os Hereges, não pódem fazer óbra boa,

nem

nem meritoria. Deſte modo he Chriſto Pedra, he Cordeiro, he Vide; mas não por realidade, ſenaõ por ſimilhança: e naõ em ſentido verdadeiro, ſenaõ no metaforico. Porém quando o meſmo Senhor falla de ſeu Corpo, e de ſeu Sangue, como o Corpo, e Sangue de ſua Sagrada Humanidade era verdadeiro Corpo, e verdadeiro Sangue, e naõ metaforico; tambem o ſentido, em que falla, naõ póde ſer metaforico, ſenaõ verdadeiro. E ſenaõ, reſpondaõ-me eſtes dous Hereſiarchas, e digaõ me, ſe o Corpo de Chriſto, que foy immolado na Cruz, e o Sangue, que foy derramado no Calvario, era verdadeiro Corpo, e verdadeiro Sangue de Chriſto? Ambos elles confeſſaõ, que, ſim. Pois eſſe meſmo Corpo, que foy immolado na Cruz, he o que nos deo Chriſto a comer na Hoſtia, e por iſſo diſſe: *Hoc eſt corpus meum, quod pro vobis tradetur.* E eſſe meſmo Sangue, que foy derramado no Calvario, he o que nos deo a beber no Caliz; e por iſſo diſſe: *Hic eſt Calix Sanguinis mei, qui pro vobis effundetur.* Emudeça logo o Herege, tape a boca impia, e blasfema, e creya, e confeſſe com as mãos atadas as verdades daquelle *Verè*; *Verè eſt cibus*; *Verè eſt potus.*

§. V.

O Filoſofo (que he gente taõ cega pela preſumpçaõ, como os que atégora vimos pela infidelidade) cuida, que tem fortiſſimos argumentos contra eſſe Myſterio, e diz, que póde ſer verdadeiro por muitos principios. Primeiro, porque as naturezas, e ſubſtancias das couſas ſaõ immudaveis: logo

go o que era ſubſtancia de paõ, naõ ſe póde converter em ſubſtancia de Chriſto. Segundo: porque o todo he mayor, que a parte; e a parte menor, que o todo: logo ſe todo Chriſto eſtá em toda a Hoſtia, todo Chriſto naõ póde eſtar em qualquer parte della. Terceiro; porque o entendimento deve julgar conforme as eſpecies dos ſentidos, que ſaõ as portas de todo o conhecimento humano; os ſentidos cheiraõ, goſtaõ, e apalpaõ paõ: logo paõ he, e naõ Corpo de Chriſto, o que eſtá naquella Hoſtia. Com a natureza argumenta o Filoſofo, e com a meſma natureza o ha de convencer a razaõ, e muito facilmente, e ſem trabalho; porque com a Fé ſer ſobrenatural, a melhor, ou mais facil meſtra da Fé, he a natureza. Os Profetas, que foraõ os que prégáraõ, e enſináraõ os Myſterios da Fé aos homens, naõ os mandou Deos ao mundo no tempo da Ley da natureza, ſenaõ no tempo, que ſe ſeguio depois della, que foy o da Eſcritura. E porque? Douta, e avizadamente Tertulliano. *Præmiſit tibi naturam magiſtram ſubmiſſurus, & prophetiam, quó facilius crederes prophetiæ diſcipulus naturæ.* Deo Deos primeiro aos homens por meſtra á Natureza, havendo-lhes de dar depois a Profecia; porque as obras da Natureza ſaõ rudimentos dos Myſterios da Graça; e muito mais facilmente apprenderiaõ os homens o que ſe lhes enſinaſſe na eſcola da Fé, tendo ſido primeiro diſcipulos da Natureza: *Quò facilius crederes prophetiæ diſcipulus naturæ.* Se queres ſer meſtre na Fé, fazete diſcipulo da Natureza; porque os exemplos da Natureza te deſataraõ as difficuldades da Fé. Ouça pois o Filoſofo diſcipulo da Natureza, por mais graduado, que ſeja

Tertul.

nella

nella, e verá como lhe desfaz a razaõ com os principios de ſua meſma eſcóla todos os argumentos, que tem contra a Fé daquelle Myſterio.

A' primeira difficuldade reſponde a razaõ, que naõ tem a Filoſofia que ſe eſpantar, de lhe dizer a Fé, que a ſubſtancia do paõ ſe converte na ſubſtancia do Corpo, e a ſubſtancia do vinho na ſubſtancia do Sangue de Chriſto; porque eſte milagre vemos ſenſivelmente cada dia na nutriçaõ natural do corpo humano. Na nutriçaõ natural do corpo humano a ſubſtancia do paõ, e do vinho, naõ ſe converte em ſubſtancia de carne, e ſangue? Pois ſe a Natureza he poderoſa para converter paõ, e vinho, em carne, e ſangue, em eſpaço de oito horas, porque naõ ſerá poderoſo Deos a converter paõ, e vinho em ſubſtancia de carne, e ſangue em menos tempo? Para confeſſar eſte milagre, naõ he neceſſario crer, que Deos he mais poderoſo, que a Natureza: baſta conceder, que he mais apreſſado. O que a Natureza faz devagar, porque o naõ fará Deos hum pouco mais depreſſa? Os dous milagres celebres, que Chriſto fez em paõ, e vinho, foraõ os das Vodas de Caná, e o do deſerto: Nas vodas converteo a agua em vinho, no deſèrto com cinco paens deo de comer a cinco mil homens. Hum reparo a ambos os caſos. Para Chriſto dar paõ no deſerto, naõ tinha neceſſidade de ſe aproveitar dos cinco paens: para Chriſto dar vinho nas vodas, naõ tinha neceſſidade de que as jarras ſe encheſſem de agua. Pois porque naõ quiz dar vinho, ſenaõ convertido em agua? Porque naõ quiz dar paõ, ſenaõ multiplicado de paens? A razaõ foy, diz Santo Agoſtinho, porque quiz, que nos exemplos da Natureza ſe facilitaſſe a Fé

Joan. 2. Matth. 14. 19.

Aug. trat. 14. in Joan

das ſuas maravilhas. Na multiplicaçaõ dos paens fez o que faz a terra: na converſaõ do vinho fez, o que fazem as vides. Na multiplicaçaõ dos paens fez o que faz a terra, porque a terra ſemeaõ-lhe pouco paõ, e dá muito; na converſaõ do vinho fez, o que fazem as vides, porque as vides a agua, que chove do Ceo, convertem-na em vinho. Iſto fez Chriſto no deſerto, iſto fez Chriſto nas vodas. No deſerto de pouco paõ fez muito; nas vodas de agua fez vinho. Mas ſe Chriſto fez o que faz a terra; ſe Chriſto fez o que fazem as vides; em que eſteve o milagre? Eſteve o milagre, em que Chriſto fez em hum inſtante o que a terra, e as vides fazem em ſeis mezes. Oh, que boa doutrina eſta, ſe fora hoje o ſeu dia! De maneira, que o que diſtingue as obras de Deos, em quanto Author Sobrenatural, das obras da Natureza, he a preſſa, ou o vagar, com que ſe fazem. Milagres feitos de vagar ſaõ óbras da Narureza, obras da Natureza feitas depreſſa ſaõ milagres. Iſto he, o que paſſa no noſſo Myſterio. Converter paõ, e vinho em carne, e ſangue, aſſim como o fez Chriſto no Sacramento, aſſim o faz a Natureza na nutriçaõ; mas com eſta differença, que a Natureza faz-lo em muitas horas, e Chriſto em hum inſtante. Pois, Filoſofo, o que a Natureza faz devagar, o Author da Natureza, e da Graça, porque o naõ fará depreſſa?

O impoſſivel de eſtar todo em toda, e todo em qualquer parte, tambem o deſcrerá o Filoſofo, e confeſſará facilmente, que he poſſivel, ſe tornar á eſcola da Natureza. Tome o Filoſofo nas mãos hum eſpelho de cryſtal, veja-ſe nelle, e verá huma ſó figura. Quebre logo eſſe eſpelho, e que verá? Verá tantas vezes multiplicada a meſma figura, quantas

ſaõ

ſaõ as partes do cryſtal ; e taõ inteira, e perfeita nas partes grandes, e mayores, como nas pequenas, como nas menores, como nas minimas. Pois aſſim como hum cryſtal inteiro he hum ſó eſpelho, e dividido ſaõ muitos eſpelhos; aſſim aquelle Circulo branco de paõ, inteiro he huma ſó Hoſtia, e partido ſaõ muitas Hoſtias. E aſſim como ſe parte o cryſtal ſem ſe partir a figura, aſſim ſe parte a Hoſtia ſem ſe partir o Corpo de Chriſto. E aſſim como a figura eſtá em todo o cryſtal, e toda em qualquer parte delle, ainda que ſeja muito pequena; aſſim em toda a Hoſtia eſtá todo Chriſto, e todo em qualquer parte della, por menor, e por minima que ſeja. E aſſim finalmente como o roſto, que ſe vê no cryſtal dividido em tantas partes, he ſempre hum ſó, e o meſmo, e ſómente ſe multiplicaõ a imagens delle; aſſim tambem o Corpo de Chriſto, que eſtá na Hoſtia, dividido em tantas partes, he ſempre hum ſó Corpo, e ſómente ſe multiplicaõ as ſuas preſenças. Lá o objecto he hum ſó, e as imagens ſaõ muitas: cá da meſma maneira as preſenças ſaõ muitas, mas o objecto he hum ſó. Pode haver ſimilhança mais viva? Pode haver propriedade mais propria? Parece, que criou Deos o myſterio do cryſtal, ſó para eſpelho do Sacramento. Aſſim o diſſe David, e o entendeo a Igreja. *Mittit cryſtallum ſuam ſicut buccellas.* Deita Deos os ſeus cryſtaes do Ceo á terra, como boccados de paõ. Notavel, como peregrina comparaçaõ! Que ſimilhança tem os boccados de paõ com o cryſtal, ou o cryſtal com os boccados de paõ? Com os boccados do paõ uſual da voſſa meſa, nenhuma: mas com os boccados do Paõ Sacramental da Meſa da Euchariſtia, toda aquella ſimilhan-

Pſal. 147. 17

Eccleſ. in offic. de Sacramento

ça

ça maravilhoſa, que viſtes. Porque tudo, o que no cryſtal ſe vê, como por vidraças, he o que paſſa dentro no Sacramento com as cortinnas corridas. Aſſim como no cryſtal ſe vê por milagre manifeſto da Natureza o todo, ſem occupar mais, què a parte; a diviſaõ ſem deſtruir a inteireza, e a multiplicaçaõ ſem exceder a ſingularidade; aſſim na Hoſtia com occulta, e ſobrenatural maravilha, o meſmo Corpo de Chriſto he hum, e infinitamente multiplicado, dividido, e ſempre inteiro, e taõ todo na parte, como no todo.

E que naõ haja o Filoſofo de crer aos ólhos, ainda que lhe digaõ conteſtamente, que alli eſtá paõ; a meſma Natureza lho enſina com hum notavel exemplo. No Iris, ou Arco celeſte, todos os noſſos ólhos juraráõ, que eſtaõ vendo variedade de côres; e com tudo enſina a verdadeira Filoſofia, que naquelle Arco naõ ha côres, ſenaõ luz, e agua. Pois ſe a Filoſofia enſina, que naõ ha côr, onde os olhos eſtaõ vendo côr; que muito, que enſine a Fé, que naõ ha paõ, onde os olhos parece, que vem paõ? Por iſſo dizia David, fallando de ſeus olhos, huma couſa muito digna de reparar, em que ninguem re-
Pſal. 118.18. para: *Revela oculos meos, & conſiderabo mirabilia de lege tua:* Senhor, revelaime os olhos, e conſiderarey voſſas maravilhas. Parece, que havia de dizer o Profeta: Senhor, revelaime voſſas maravilhas, para que eu as conheça; mas revelay-me os olhos, para que conheça voſſas maravilhas! Sim; porque muitas vezes os olhos contradizem as maravilhas de Deos, como ſe vê no Myſterio da Euchariſtia. E para entender ſimilhantes maravilhas, ſaõ neceſſarias duas revelaçoens; huma revelaçaõ nas maravilhas, para que o en-

entendimento as conheça; outra revelaçaõ nos olhos, para que a vista as naõ contradiga. Mas esta segunda revelaçaõ naõ he necessario, que a faça Deos, basta, que a faça a razaõ. Se a vista se engana nas óbras da Natureza, nas que saõ sobre a Natureza, como se naõ ha de enganar? E se em hum Arco de luz, e nuvem, assim erraõ, e desatinaõ os ólhos: em hum circulo de nuvem sem luz, que credito se lhes ha de dar? Emende logo o Filosofo a vista com o discurso, e confesse ensinado da Natureza, e convencido da razaõ, a verdade indubitavel daquelle *Verè: Verè est cibus: Vere est potus.*

§. VI.

AGgora se seguia o Politico; mas fique para o fim, e entre em seu lugar o diabo; que tal vez naõ seria desacertada esta troca. Tempos houve, em que os demonios fallavaõ, e o mundo os ouvia; mas depois que ouvio os Politicos, ainda he peyor mundo. O diabo como suberbo, e como sciente (que he dobrada suberba, ou dobrada inchaçaõ, como lhe chamou Saõ Paulo: *Sciencia inflat*;) argumenta assim. Se os homens commungáraõ a Christo no Sacramento, foraõ como Deos: os homens naõ podem ser como Deos; logo naõ commungaõ a Christo no Sacramento. A consequencia (diz o diabo) he taõ evidente, como minha: a suppoſiçaõ naõ a podem negar os homens, porque he sua. Se os homens commungáraõ a Christo, foraõ como Deos; o seu mesmo Texto o diz: *In me manet, & ego in illo.* E que os homens naõ possaõ ser como Deos, eu o digo, e eu o padeço, diz o Demonio, que se eu o naõ in-

1. ad Cor. 8. 1.

Joan. 6. 58.

ten-

intentara no Ceo ser como Deos, naõ pagára hoje este impossivel, como o estou pagando. Pois se a mim, se a Lucifer, se á mais nobre de todas as creaturas he impossivel a similhança do Altissimo: *Similis ero Altissimo*; ao homem vil, feito de barro, como ha de ser possivel naõ só a similhança, mas a transformaçaõ, que isso quer dizer: Elle em mim, e eu nelle? Crerem os homens esta loucura, he naõ se conhecerem a si, nem nos conhecerem a nós. Nós, ainda que perseguidos, somos Anjos, que quem nos póde roubar o lugar, naõ nos pode tirar a natureza. E se o Manná, que tanto era menos nobre, se chamou paõ de Anjos, o Corpo do Filho de Deos, que excede ao Manná com infinita nobreza, como ha de ser paõ de homens?

Isai 14. 14. *Psal.* 77. 15.

A' ultima parte deste suberbo argumento do Demonio responde a razaõ com a cauza da mesma cahida, Depois que Deos unio a si a natureza humana, e naõ a Angelica: *Nusquam Angelos apprehendit, sed semen Abrahæ apprehendit*; naõ ha que espantar, que os homens sejaõ em tudo preferidos aos Anjos. Nesta primeira admiraçaõ, e neste primeiro assombro se sumiraõ todos os espantos. E quanto ao impossivel de os homens comendo poderem ser como Deos, naõ argumenta o Diabo contra nós; argumenta contra si. O primeiro inventor (ninguem se espante do que digo.) O primeiro inventor da traça, ou do desenho do Mysterio da Eucharistia, foy o Demonio. Quando o Demonio tentou a Eva, disselhe assim: *In quocumque die comederitis, eritis sicut Dii.* Comey do pomo vedado, porque no dia que comerdes, ficareis como Deos. Eys aqui o Mysterio da Eucharistia, naõ só quanto á substancia, senaõ tambem quanto aos effeitos

Ad. Heb. 2. 16.

Genes. 3. 5.

tos

tos. Quanto á ſubſtancia; porque diz o demonio, que eſtá a Divindade em hum pomo: quanto aos effeitos; porque diz, que comendo o homem, ha de ficar como Deos. Pois vem cá Diabo: *De ore tuo te judico* Se tu dizes, que o homem comendo ficará como Deos, e que no pomo daquella arvore eſtá encuberta a Divindade; como negas, que póde eſtar encuberta a Divindade debaixo das eſpecies de paõ, e que comendo o homem póde ficar como Deos? O que Chriſto nos concedeo neſte Myſterio he, o que o Diabo nos prometteo no Paraiſo. Fez Chriſto verdadeira a mentira do Diabo; para deſta maneira o vencer a elle, e nos desafrontar a nós. Naquelle encontro do Paraiſo ficou o Demonio vencedor, e o homem afrontado: vencedor o Demonio, porque enganou; afrontado o homem, porque ficou enganado, deſpojado, perdido. Pois que remedio para deſafrontar o homem, e o vingar do Demonio? O remedio foy fazer Chriſto da ſua promeſſa dadiva, e da ſua tentaçaõ Sacramento: e aſſim o fez. Da promeſſa do Demonio fez dadiva, porque nos deo a comer a Divindade, que elle nos promettêra comendo; e fez da ſua tentaçaõ Sacramento, porque conſagrou debaixo das eſpecies de paõ, o que elle fingira debaixo das apparencias do pomo. De ſorte, que o Demonio ficou vencido, porque a ſua mentira ficou verdade; e o homem deſafrontado, porque o ſeu engano ficou Fé. O que creraõ noſſos primeiros Pays no Paraiſo, he o que nós cremos no Sacramento: elles erradamente ao Diabo; nós acertadamente a Deos. *Luc.* 19 22.

Daqui ſe ſegue, que neſte Myſterio, nem o Diabo póde ſer tentador; nem o homem tentado. O Dia-

bo naõ póde ser tentador. Porque se o Diabo me quizer tentar na Fé do Mysterio da Eucharistia, respondolhe eu assim. Quando tu, Diabo, fallaste a Eva, ou mentiste, ou disseste verdade? Se mentiste, naõ te devo crer; porque que quem mentio entaõ, tambem mentirá agora. E se fallaste verdade, tambem te naõ devo crer; porque se fallaste verdade, pode Deos pôr Divindade naquelle pomo. Pois se Deos póde pôr Divindade em hum boccado, isso mesmo, que tu concedes, he o que eu creyo. Vayte embora, ou na má hora. Tambem o homem naõ póde ser tentado; porque se o homem (he pensamento de Ruperto) se o homem crêo ao Diabo, quando lhe disse, que comendo, seria como Deos; como ha de deixar de crer a Deos, quando lhe diz o mesmo? Principalmente, que o que o Diabo dizia, naõ cabia na esféra da Omnipotencia, e o que diz Christo sim. A Omnipotencia de Deos, em quanto Author da Natureza, tem menor esféra, que a mesma Omnipotencia de Deos, em quanto Author da Graça: porque a Omnipotencia de Deos, em quanto Author da Natureza, só póde produzir effeitos naturaes; e por virtude natural naõ podia estar a Divindade em hum pomo. A Omnipotencia de Deos, em quanto Author da Graça, póde produzir effeitos sobrenaturaes; e por virtude sobrenatural póde a Divindade estar em hum boccado; pois se os homens foraõ taõ innocentes, que crèraõ hum impossivel ao Diabo, porque haõ de ser taõ irracionaes, que neguem hum possivel a Deos? Desenganese logo o Demonio, que neste Mysterio naõ só nos naõ póde vencer, mas nem ainda nos póde tentar, e confesse obrigado de sua mesma tentaçaõ á verdade daquelle *Verè*: que como pay da mentira

Rupertus.

tira, tem feito negar a tantos. *Verè est cibus: Verè est potus.*

§. VII.

O Devoto (naõ por falta de Fé, mas por excesso de amor, e mais queixoso dos accidentes, que duvidoso da substancia) por parte do seu affecto argúe assim com o mesmo Christo. A minha Fé com os ólhos fechados crè firmemente, Senhor, que estais nesse Sacramento; mas o meu amor com os ólhos abertos naõ póde entender, nem penetrar, como seja possivel esta verdade? Se partindo da terra, quizestes ficar na terra, foy para satisfaçaõ do vosso amor; e para alivio do nosso; para credito de nossas finezas, e para remedio de nossas saudades. Assim disse aquelle grande intreprete dos segredos de vosso coraçaõ neste Mysterio: *De sua contristatis absentiæ solatium singulare reliquit.* Pois se ficastes para nossa consolaçaõ, como vos encubris a nossos ólhos? Se foy amor o ficar, como póde ser amor o ficar desse modo? Ficar, e ficar encuberto, antes he martyrio do desejo, que alivio da saudade. Por certo, que naõ eraõ esses antigamente os estylos de vosso amor, nem da sua paciencia: *En ipse stat post parietem nostrum respiciens per fenestras, prospiciens per cancellos.* Havia sim (entre vós, e a Alma vossa querida) huma parede; mas com a parede ser sua, havia nella huma gelozia vossa, por onde a vieis, e por onde vos via. Para naõ podermos ver vossa Divindade, he nossa a parede deste corpo; mas para naõ vermos vossa Humanidade, vossa he a parede desses accidentes. Pois se os impedimentos, e estorvos da vista saõ vossos, e o vosso amor he Omnipotente; como quereis, que creya

De Thomaz Opusc. 57.

Cant. 2. 9.

o meu amor huma taõ grande implicaçaõ do voſſo; comò he amarme tanto, e naõ vos deixardes ver? A Fé o cre muito a ſeu pezar; mas o amor naõ o ſoffre, nem o alcança, nem o pode deixar de ter por impoſſivel.

Aſſim argúe amoroſamente queixoſa a Devoçaõ; mas tem facil, e muy inteira reſpoſta a ſua piedade. A hum affecto amoroſo da alma reſponde a razaõ com outro affecto mais amoroſo de Chriſto; e diz, que mayor amor he em Chriſto o naõ ſe deixar ver, do que na Devoçaõ o deſejar velo. Ainda que Chriſto ſe naõ deixa ver de nós, he certo, que ſe deixou comnoſco: mas deixou ſe de maneira, que o naõ poſſamos ver; porque ficou mais ſeu amor de noſſos deſejos, que de noſſos ólhos. O fim, para que Chriſto ſe deixou no Sacramento, foy para que os homens o amáſſemos. E ſendo que o mayor conhecimento he cauſa do mayor amor; amaõ os homens mais finamente a Chriſto deſejado por ſaudades, do que gozado por viſta. Se eu me naõ engano, tenho bem imaginada a prova deſta verdade. Saudoſo Saõ Paulo de ſe ver com Chriſto, dizia aſſim: *Deſiderium habens diſſolvi, & eſſe cum Chriſto.* Oh quem me déra, que a minha alma ſe deſatara, e deſunira do corpo, para poder eſtar com Chriſto! Sendo iſto aſſim; ſe perguntarmos aos Theologos, ſe as Almas, que eſtaõ vendo a Chriſto, tem algum deſejo, reſolvem todos, que ſim, e que deſejaõ unirſe com os ſeus corpos. Pois (difficulto agora, e parece, que apertadamete) ſe as Almas, que eſtaõ vendo a Chriſto, deſejaõ unirſe a ſeus corpos, porque diz a Alma de S. Paulo que deſejara deſatarſe de ſeu corpo, para ir ver a Chriſto: *Deſiderium habens diſſolvi, & eſſe cum Chriſto?*

Ad Phil. 1. 23.

Chriſto? A razaõ he, porque Chriſto em reſpeito das Almas dos Bemaventurados he gozado por viſta, e em reſpeito da Alma de S. Paulo era deſejado por ſaudades, e o amor de Chriſto deſejado por ſaudades, he muito; mais efficaz nella parte, ou mais affectuoſo, no mais impaciente, que o meſmo amor de Chriſto, gozado por viſta. Chriſto gozado por viſta, ainda deixa amora huma alma, para deſejar unirſe a ſeu corpo; mas Chriſto deſejado por ſaudades, até a uniaõ de ſeu proprio corpo lhe faz aborrecivel: *Deſiderium habens diſſolvi, & eſſe cum Chriſto.* E como a Chriſto lhe vay melhor com as noſſas ſaudades, que com os noſſos olhos; por iſſo ſe quiz deixar em diſfarce de deſejado, e naõ em trajos de viſto. Deſcuberto para os olhos, naõ; encuberto ſim, para as ſaudades. Conheça logo a noſſa Devoçaõ, que he fineza, e naõ implicaçaõ do amor de Chriſto, o deixarſe inviſivel naquelle Myſterio; e confeſſe naõ ſó a noſſa Fè com os olhos fechados, ſenaõ o noſſo amor com os olhos abertos, a verdade amoroſa daquelle *Verè*: *Verè eſt cibus*: *Verè eſt potus.*

§. VIII.

ULtimamente argumenta o Politico; e do meſmo caſo, que deo occaſiaõ a eſta Solemnidade, infere naõ eſtar a Peſſoa ſoberana de Chriſto naquella Hoſtia. Os Principes de nenhuma couſa ſaõ, nem devem ſer mais zeloſos, que de ſua authoridade. Já arriſcar, e expôr a ſoberania da propria peſſoa a poder vir ás mãos de ſeus inimigos, antes perderá hum Principe a vida, e mil vidas, que conſentir tal afronta. E ſe naõ lembreſe a fé do primeiro Rey de Iſrael.

Per

Perdida a batalha dos montes de Gelboé contra os Filiſteos, achavaſe Saúl taõ mal ferido, que nem ſe podia retirar, nem defender. E que reſoluçaõ tomou neſte caſo? Tirame por eſta eſpada, diſſe ao ſeu pagem da lança, e matame: *Ne forte veniant incircumciſi iſti, & interficiant me illudentes mihi*; porque naõ venhaõ eſtes infiéis, e me tirem a vida, perdendo-me o reſpeito. Pelo reſpeito, e pela authoridade o havia, e naõ pela vida, pois ſe mandava matar. Naõ teve animo o creado para o executar; e lançando-ſe o meſmo Saúl ſobre a ponta da ſua eſpada, cahio morto, por naõ cahir nas mãos de ſeus inimigos. Aſſim eſtimaõ os Principes, e aſſim devem eſtimar mais a authoridade, que a vida. Pois ſe tanto preço tem na eſtimaçaõ dos Monarcas Supremos a authoridade, e ſoberania de ſuas peſſoas; ſe antes quer hum Rey generoſo tirarſe a vida por ſuas mãos, que poder virás de ſeus inimigos; como he poſſivel, nem crivel, que o Principe da Gloria Chriſto, q̃ o Rey dos homens, e dos Anjos, que o Monarca univerſal do Ceo, e da terra, deixaſſe taõ mal guardada ſua authoridade, e taõ pouco defendido ſeu reſpeito, como he força, que o eſteja, cercado ſó de huns accidentes de paõ? Como he poſſivel, nem crivel, que deixaſſe taõ arriſcada, e expoſta a Mageſtade Divina de ſua Peſſoa a cahir nas mãos infieis, e ſacrilegas de ſeus inimigos, como publicaõ as memorias deſtes dias, e a occaſiaõ, e o nome deſtes deſaggravos?

1. Reg. 31. 4.

Aos outros argumentos reſpondi pela razaõ, com o que eſtudey: a eſte reſpondo com o que vejo. Onde ſe conquiſtaõ veneraçoens, naõ ſe perde a authoridade. Eſtes ſaõ os dictames de Deos, eſta foy ſempre ſua razaõ de eſtado. Permittio o que choramos, para con-

ſe-

seguir o que vemos. Que mayor exaltaçaõ da Fé, que mayor confusaõ da herezia, que mayor honra de Christo? Tanto rende a Deos huma offensa, quando he a Christandade a que a sente, e a Nobreza a que a desaggrava. As Magestades, e Altezas do mundo, os Grandes, os Titulos, os Prelados, as Religioens, todos prostrados por terra, todos servindo de joelhos, todos confessando-se por escravos humildes, e adorando como a Supremo Senhor, aquella Soberana Magestade, sempre veneravel, e sempre venerada; mas muito mais, quando offendida. Veja agora o Politico se perde Deos authoridade, ou se conquista honra, e gloria, quando permitte huma indecencia? Dizia esse mesmo Senhor (que sempre he o mesmo, e sempre se parece comsigo) *Si exaltatus fuero à terra, omnia traham ad me ipsum*: Quando eu for levantado da terra em huma Cruz, hey de trazer tudo a mim. A afronta da Cruz foy a mayor, que padeceo, nem podia padecer Christo a mãos da infidelidade, e temeridade humana; mas as consequencias desta mesma afronta, diz o Senhor, que haviaõ de ser as suas mayores glorias, trazendo tudo a si. Assim o mostrou, e vay ainda mostrando o cumprimento desta Profecia pelo discurso dos tempos na Fé universal do mundo, quasi todo já trazido ao conhecimento, obediencia, e veneraçaõ de Christo. Mas se quizermos apertar mais a significaçaõ, e energía daquelle *Si*: *Si exaltatus fuero à terra*; nos obsequios de Joseph, e Nicodemos, se verificou na mesma Cruz o *Omnia traham ad me ipsum*. Joseph, como notou S. Marcos, era Nobre: *Nobilis Decurio*: Nicodemos, como notou S. Joaõ, era Principe *Princeps Judæorum*. E como Christo desde a sua Cruz havia de trazer a si a

Joan. 12. 32.

Marc. 15. 43.

Joan. 3. 1.

No-

Nobreza, e os Principes; por iſſo diz, que havia de trazer a ſi tudo: *Omnia traham ad me ipſum*, porque os Principes, e a Nobreza, he o tudo dos Reynos. Eſcolheo Chriſto aos nobres, e ſenhores, para que o tiraſſem do afrontoſo ſupplicio, fizeſſem as honras a ſeu corpo; porque honrar o Corpo de Chriſto afrontado, he acçaõ, que anda vinculada á Nobreza. E quando aſſim o trouxe a ſi a Nobreza, diz, que havia de trazer a ſi: *Omnia*, e naõ: *Omnes*: Tudo, e naõ, Todos; porque os nobres naõ ſaõ todos, mas ſaõ tudo. Bem ſe cumprio eſta promeſſa entaõ, mas muito melhor cumprida a vemos agora. *Omnia traham ad me ipſum:* Tudo, o que ha em Portugal, aqui o tem Chriſto á ſeus pés.

Que fez eſte dia taõ ſolemne, e eſta Igreja taõ celebre, ſenaõ huma injuria de Chriſto? Quando o Soldado infiel deo a lançada a Chriſto, ſahiraõ do lado ferido todos os Sacramentos. E diſſe judicioſamente Tertulliano: *Ut de injuria lateris ejus tota formaretur Eccleſia*; que de huma injuria do Corpo de Chriſto ſe formou toda a Igreja. O que Tertulliano diſſe da Igreja univerſal, podemos nós dizer deſta material, que ſe fundou eſta nova Igreja de huma injuria do Corpo de Chriſto. Mas ſaõ muito de reparar os termos de Tertulliano, que da injuria do Corpo de Chriſto, naõ diz, que ſe formaraõ ſó os fundamentos, ſenaõ toda a Igreja: *Tota formaretur Eccleſia.* Vemos levantados os fundamentos deſta nova Igreja muito nobres, muito ſumptuoſos, muito magnificos, e muito conformes aos animos generoſos de ſeus Illuſtres Fundadores; mas ſente muito a piedade Chriſtãa, e Portugueza, ver a fabrica parada ha tantos annos. Quando no interrompido, ou ameaçado deſta

Tertul.

óbra

óbra ſe pudera preſumir deſcuido, aſſaz deſculpado ficava com a variedade, e eſtreiteza dos tempos, mas quanto eſta eſtreiteza he mais publica, e conhecida; tanto mayor louvor merece o novo, e preſente zelo, com que ſe trata de levar a fabrica por diante, e naõ parar, até ſe pôr em ſua perfeiçaõ, ſendo primeiro exemplo o de Sua Mageſtade, que Deos nos guarde, cuja Real liberalidade quer ter huma grande parte neſta óbra, como em todas as de piedade.

Os tempos parece, que eſtaõ pedindo, que ſe edifiquem antes muros, e caſtellos, que templos; mas eſſe privilegio tem nomeadamente os Templos do Santiſſimo Sacramento, que ſaõ as melhores fortificaçoens dos Reynos. Edificou a Divina Sabedoria hum Templo: *Sapientia ædificavit ſibi Domum* Dedicou eſte Templo ao Santiſſimo Sacramento *Miſcuit vinum,* Prov. *& propoſuit menſam* E que ſe ſeguio daqui? *Miſit ancil-* 9. 1. *las ſuas, ut vocarent ad arcem, & ad mœnia civitatis.* Os que ſerviaõ naquelle templo, como os que ſervem neſte, era com nome de eſcravos; e a eſſes eſcravos mandou o Senhor, que chamaſſem para a fortaleza, e para os muros da Cidade. Pois como? O que ſe edificou era Templo ao Santiſſimo Sacramento, e o recado, com que ſe convocava a gente para o templo, dizia, que vieſſe para os muros, e para as fortalezas da Cidade: *Ad arcem, & ad mœnia civitatis?* Sim; que os Templos do Santiſſimo Sacramento ſaõ os mais fortes muros, ſaõ as mais inexpugnaveis fortalezas das Cidades, e dos Reynos. Edifiqueſe, leveſe por diante eſta fabrica; que ella ſerá os mais fortes muros de Lisboa; ella ſerá a mais inexpugnavel fortaleza de Portugal. E acabará de conhecer o Politico a razaõ deſtado de Deos, que quando ſe expoem a

cahir nas mãos de seus inimigos, he para mais nos defender dos nossos. E para fundar sobre suas injurias o edificio de suas glorias; aprendendo, e confessando na politica deste altissimo conselho de Christo a verdade secretissima, e sacratissima daquelle *Verè: Verè est cibus: Verè est potus.*

§. IX.

DIvinissimo Sacramento, Real, e verdadeiro Corpo de Christo, Deos encuberto debaixo de substancia de carne, Homem encuberto debaixo de accidentes de paõ: o Filosofo, o Devoto, o Politico, como Christãos, e Catholicos, e com o Filosofo toda a nossa sciencia, e todas as sciencias; com o Devoto toda a nossa piedade, e todos os nossos affectos; com o Politico toda a nossa conveniencia, e todos os nossos interesses; e todos, os que estamos presentes, com tudo, o que sabemos, o que amamos, e o que esperamos, obedientes á Fé, e guiados pela razaõ, ás escuras, com luz, com os olhos fechados, mas abertos; profundamente prostrados ante a Magestade tremenda de vosso Divino, e Humano Acatamento, cremos, confessamos, e adoramos a verdade infallivel de vossa Real Presença debaixo da cortina sem substancia desses accidentes visiveis. E com confiança, Senhor, da clemencia, com que nos soffre o vosso amor, e da benignidade, com que aceita a tibieza de nossos obsequios, nos offerecemos, nos dedicamos, nos entregamos todos a elle em perpetua obrigaçaõ de o servir, como escravos, posto que indignissimos, desse Soberano Sacramento. Augmentay, Senhor, pela grandeza de vossa misericordia esta fa-

mi-

milia vossa; e pois que o Judeo obstinado, o Herege cego, e o Gentio ignorante naõ sabem, nem querem orar por si, nós oramos, e pedimos por elles a vós, Soberano Pastor, que de todos haveis de fazer hum rebanho: Ensinay, Senhor, a ignorancia do Gentio, allumiay a cegueira do Herege, abranday a obstinaçaõ do Judeo. E para que a maldade, e astucia do Demonio tentador os naõ engane, chegue já a execuçaõ de vossa Justiça, e acabe o mundo de ver atada sua rebeldia naquellas cadeyas, e fechada naquelle carcere, que ha tantos annos lhe está ameaçado, e promettido. Para que desta maneira unidas todas as seitas do mundo na concordia de huma só Fé, e Religiaõ, se forme de todas estas leis vozes huma total consonancia, e perpetua harmonia, cantando todas em todas as quatro partes do mundo, até o fim delle, e confessando alternadamente a muitas vozes, e juntas em huma só voz, a Sagrada, e Consagrada Verdade daquelle *Verè. Vere est cibus: Vere est potus.*

Apoc. 20. 2. Apprehendit serpentẽ antiquũ, qui est Diabolus, & Satanas, & misit eum in abyssum, & clausit, ut non seducat amplius gentes Ad Ephes. 4. 13. Donec occurramus omnes in unitatem fidei, & agnitionem Filii Dei in virũ perfectum, &c.

SERMAÕ

DA QUINTA TERÇA FEIRA

DA QUARESMA,

QUE PREGOU

OP. ANTONIO VIEIRA,

EM ROMA, NA LINGOA ITALIANA,

A' SERENISSIMA

RAINHA DE SUECIA

EM OBSEQUIO DE HUM DICTAME

daquelle ſublime Eſpirito,

QUE, DETESTANDO AS BEATARIAS PUBLICAS, ſó reputava por verdadeiras virtudes as que ſe occultaõ aos olhos do Mundo.

LISBOA:

Com todas as licenças neceſſarias. Anno de 1754.

SERMÃO

NA QUINTA TERÇA FEIRA

DA QUARESMA,

QUE PREGOU

O P. ANTONIO

VIEIRA,

EM ROMA, NA LINGOA ITALIANA,

Á SERENISSIMA

RAINHA DE SUECIA

EM OBSEQUIO DE HUM DICTAME

dapoelle sublime Elpinio,

QUE DEFENDENDO AS BRAZEIRAS PUBLICAS,

Se empregou por ornadas virtudes as que já eccas.

Não eraõ elles de Alcmão.

LISBOA:

Com todas as licenças necessarias. Anno de 1754.

Nemo in occulto quid facit. Joan. 7.

§. I.

A MAYOR graça da natureza, e o mayor perigo da graça ſaõ os olhos. Saõ duas luzes do corpo, ſaõ dous laços da alma. Mas como os meſmos olhos ou ſaõ os proprios, com que vemos, ou alheyos, com que ſomos viſtos; queſtaõ póde ſer naõ vulgar, e util curioſidade ſaber, quaes delles ſejaõ o mayor laço, e o mayor perigo. Eu em tanta eſtreiteza de tempo naõ o tenho para diſputar: e aſſim digo reſolutamente, que o mayor perigo, e o mayor laço ſaõ os olhos alheyos. E porque? Porque ſendo taõ natural no homem o deſejo de ver, o appetite de ſer viſto he muito mayor. Conſiderava Job a ſua morte, e vede a eſpinha, que mais lhe picava o coraçaõ: *Nec aſpiciat me viſus hominis.* Morrerey, e naõ me veráõ mais os olhos dos homens. O uſo de ver tem fim com a vida; o appetite de ſer viſto naõ acaba com a morte. Eſta foy a origem das eſtatuas Romanas ſepulchraes. Punha-ſe a eſtatua, e imagem do defunto ſobre o ſepulchro, para que o homem, que dentro delle naõ podia ver, ſobre elle foſſe viſto. Já que me falta a viſta propria, ao menos naõ me falte a viſta alheya. De maneira, que devendo os marmores da ſepultura ſer huns eſpelhos, em que ſe viſſem os vivos; ſaõ huma antecipada reſurreiçaõ da arte, em que ſe vem os defuntos. Taõ immortal he nos mortaes o deſejo de ſer viſtos! E ſe eſta ambiçaõ vive nos mortos, nos vi-

Job. 7. 8

vos, que será? Será o que diz o texto, que propuz, com mayor erro ainda, e indignidade na vida, que a ambiçaõ, e vaidade deſpois da morte. *Nemo in occulto quid facit*: Ninguem faz occultamente couſa digna de louvor; porque occulta naõ póde ſer viſta. Tiray do mundo (diz Seneca) os olhos alheyos, e nada ſe fará, do que o meſmo mundo admira, e préza. *Nemo oculis ſuis lautus eſt: ubi teſtis, ac ſpectator abſceſſit, ſubſidunt omnia, quorum fructus monſtrari, & conſpici.* Eſte era o uſo de Roma no tempo do Eſtoico. Mas porque entaõ, e deſpois, e ainda hoje ſe uſa o meſmo em tempo de Chriſto, que faremos? Para deſterrar de Roma o *Nemo*, e ajuntar nella o *facit* com o *occulto*, iſto he, para que as boas obras ſe façaõ, e juntamente ſe occultem, vos offereçerey brevemente neſte diſcurſo tres documentos: hum Seguro, outro Perfeito, e o terceiro Heroico. O Seguro, naõ obrar para os olhos dos homens: o Perfeito, obrar ſó para os olhos de Deos: e o Heroico, obrar por Deos, como ſe Deos naõ tivera olhos. Eſte he o meu argumento. Bem vejo quanta diſſonancia vos fará aos ouvidos a rudeza de huma voz taõ pouco Romana como a minha, no meyo da harmonía deſtes Córos Reaes, pouco menos, que celeſtes. Mas o meſmo Author do noſſo Evangelho Saõ Joaõ, diz, que no tempo, em que os Anjos no Ceo eſtavaõ cantando os louvores de Deos, ſe fez lá pauſa, e ſilencio por eſpaço de meya hora, para ſe ouvirem as vozes da terra: *Factum eſt ſilentium in Cælo quaſi media hora.* Eu farey por naõ exceder a meya, nem ainda o quaſi.

Senec. epiſt. 95

Apoc. 8. 1

§. II.

§. II.

Nemo in occulto quid facit.

CONtra o abuſo taõ geral como errado deſte Dogma, enſina o noſſo primeiro documento, a que chamey Seguro, que nenhuma couſa ſe deve obrar para os olhos dos homens. E porque razaõ? Naõ ſó para juſtificar as meſmas obras, ſenaõ para as fazer; porque tudo aquillo, que ſe faz para os olhos dos homens, ainda que ſe faça, naõ ſe faz. Parece paradoxo, mas he verdade divina. Enſinava Chriſto Senhor noſſo aos homens do ſeu tempo, que ſe guardaſſem de fazer o que faziaõ os Eſcribas, e Fariſeos: *Secundùm opera eorum nolite facere.* E *Matth. 23.* ſignalando o Divino Meſtre o fundamento deſta ſua doutrina, accreſcenta: *Dicunt enim, & non faciunt.* *ibid.* Porque dizem, e naõ fazem. Senhor meu, day me licença, para que vos repreſente huma réplica a minha ignorancia, que o naõ parece, pois ſe funda nas voſſas meſmas palavras. Vós naõ dizeis, que eſtes meſmos homens naõ ſó jejuaõ, mas andaõ pállidos, e macilentos, e com apparencia mais de cadaveres, que de vivos, de pura abſtinencia? Vós naõ dizeis, que naõ ſó fazem oraçaõ no Templo, mas que nas praças, e nas ruas publicas com as mãos, e os olhos levantados ao Ceo eſtaõ orando? Vós naõ dizeis, que naõ ſó daõ eſmóla, mas que a ſom de trombetas chamaõ aos pobres, para que de perto, e de longe venhaõ todos? Como logo dizeis delles, que naõ fazem, *non faciunt?* Apérto mais a minha admiraçaõ. Eſtas obras ſignaladas por Chriſto,

ſaõ

saõ todas aquellas, a que Saõ Paulo reduz as obrigaçoens de hum verdadeiro Christaõ: *Sobriè, & piè, & justè vivamus in hoc sæculo*: *sobriè* para comnosco: *piè*, para com Deos: *justè*, para com o proximo. Tudo isto faziaõ os Escribas, e Fariseos. *Sobriè*, para comsigo; porque jejuavaõ: *piè*, para com Deos, porque oravaõ: *justè*, para com o proximo, porque davaõ esmóla. Como logo diz Christo: *& non faciunt?* Fazer tudo isto he naõ fazer? Sim. Porque *omnia opera sua faciunt, ut videantur ab hominibus*: Tudo aquillo faziaõ, para que os homens o vissem; e o que se faz para ser visto dos homens, ainda que se faça, naõ se faz: *Faciunt, ut videantur ab hominibus?* Jejuaõ, e naõ fazem jejum; oraõ, e naõ fazem braçaõ; fazem esmólas, e naõ as fazem: *& non faciunt.* Oh quantas cousas se fazem neste mundo, que naõ se fazem! Discorrey vós por ellas, que eu naõ tenho tempo.

Ad Tit. 2. 12.

Matt. 23. 5

Senhores meus, as boas obras saõ a alma da Fé; fazey-as, mas guarday-as dos olhos, que a mesma fé he cega. Faça a virtude por cautéla, o que faz o vicio por vergonha. *Qui male agit, odit lucem*; diz Christo: Quem faz mal, foge da luz, e naõ quer, que o vejaõ, porque faz mal: quem faz bem, fuja tambem da luz, e naõ queira ser visto, porque faz bem. Toda huma noite tinha gastado, ou empregado Jacob, naõ rondando, naõ jugando, naõ em saráos, ou festins, mas abraçado estreitissimamente com Deos. Começáraõ a se pintar os Orizontes com as primeiras cores da manhãa; e basta, diz Deos, porque vem appárecendo a Aurora: *Dimitte me, jam enim ascendit Aurora.* E que importa, que venha a Aurora, o Sol, e o Dia? Se Jacob fizera

Joan. 3. 20

Genes. 32. 26.

zera algum mal, fuja, e esconda-se da luz, para que o naõ vejaõ: mas se está bem occupado, e no mayor bem, a que póde aspirar hum homem, tambem ha de fugir, e ter medo da luz? Sim. Porque a luz he o mayor perigo das boas obras. A virtude he como o segredo: occulto, conserva-se: manifesto, perde-se. Retire-se logo Jacob, naõ o veja a Aurora; e pois tem vencido, e triunfado de Deos, faça a retirada, para que naõ perca a victoria. Por isso os Santos se retiravaõ aos desertos, e se metiaõ nas covas: sepultavaõ a virtude, para que naõ morresse. Estas eraõ aquellas estrellas, de que dizia Deos a Job, que as estrellas da manhãa o louvavaõ: *Cùm me laudarent astra matutina.* E porque louvaõ a Deos mais as da manhãa, que as da noite; ou as da manhãa sim, e as da noite naõ? Porque as estrellas da manhãa escondem-se aos olhos, as da noite manifestaõ-se, e brilhaõ. As que se manifestaõ, saõ louvadas dos homens; as que se escondem, louvaõ a Deos: *Cùm me laudarent astra matutina.* *Job.* 38. 7.

§. III.

ESte foy o documento Seguro. E qual he o Perfeito? Obrar só para os olhos de Deos. E porque? Porque aquillo he o mais perfeito, que mais une ao homem com Deos; e Deos só dá os seus braços a quem busca só os seus olhos. Torne Jacob, já que o nosso theatro nos naõ dá lugar de multiplicar figuras. Verdadeiramente he caso estupendo ver a Deos abraçado com hum homem, e quando Deos naõ era homem! Cresce o pasmo com saber, que Jacob naõ era Hilariaõ, nem Macario. Era

hum

hum leigo, e taõ leigo, que nenhum hoje o póde ser tanto por muitas circunstancias. Elle com boa licença de Rachel, de Lia, e das duas criadas naõ tinha voto de castidade. Elle naõ professava obediencia, porque era senhor independente de copiosa familia, naõ fallando na enveſtidura do Morgado universal. Elle naõ professava pobreza, porque os seus rebanhos de gados mayores, e menores, que eraõ thesouros daquelle tempo, naõ cabiaõ nos campos. Como logo mereceo Jacob huma uniaõ com Deos taõ estreita, taõ forte, e taõ singular, e inaudita? O mesmo texto o diz: *Traductis omnibus, quæ ad se pertinebant, manſit ſolus: & ecce vir luctabatur cùm eo uſque mane.* Jacob naquella occasiaõ, passado da outra parte de hum rio tudo, o que levava comsigo, e todos, os que o acompanhavaõ, elle só em hum deserto, e de noite se deixou ficar orando; onde, e quando, e como só os olhos de Deos o podiaõ ver. Onde, porque era em hum deserto: quando, porque era de noite: e como, porque estava só. De sorte, que naõ huma só vez, nem por hum só modo, senaõ tres vezes, e por tres modos se retirou, e escondeo Jacob dos olhos dos homens, para assim só, e mais só, e ainda mais só, buscar só os olhos de Deos. E se namorou tanto desta acçaõ a Divindade do Verbo, que naõ se podendo conter nem no Ceo, nem em si mesmo, como se anticipasse á Incarnaçaõ, se vestio de homem: *ecce vir:* para se abraçar, e unir fortissimamente com elle: *Luctabatur cum eo.* Em fim, Deos feito homem antes de ser homem, só para se unir a hum homem, que só buscava os olhos de Deos.

Genes. 32. 23 24.

Ibid.

Senhores Cortezãos da cabeça do mundo, isto naõ

naõ he só para os desertos, e para os Anacoretas. Querer, que as vossas obras sejaõ boas, e sejaõ vistas, he contradicçaõ manifesta nos olhos humanos; porque nos olhos humanos as boas obras, ou em quanto vistas naõ pódem ser boas, ou em quanto boas naõ pódem ser vistas. Ouvi hum notavel segredo da razaõ de estado de Deos. *Homo videt ea, quæ parent, Deus autem intuetur cor*: Para os olhos dos homens fez Deos as cores, e para os seus os coraçoens. E porque reservou Deos só para si a vista, e conhecimento do coraçaõ humano? Para que só Deos podesse ver as obras boas. Os homens podem ver as obras; mas a bondade dellas, ainda que a tenhaõ, naõ a pódem ver; porque naõ vem os coraçoens. E como o coraçaõ he a fonte da bondade, onde as obras se bautizaõ, e recebem o caracter de boas, daqui he que reservou Deos só para si a vista dos coraçoens, para que o homem, ainda que quizesse, naõ podesse dirigir as suas obras boas a outros olhos, que aos de Deos. Aos olhos de Deos sim, e só a elles, porque elles só as vem; aos outros naõ, porque as naõ vem. E que doudice verdeiramente sería naõ consagrar as boas obras aos olhos de Deos, que só as vê, e sacrificallas ao idolo dos olhos humanos, que as naõ podem ver? 1 *Reg.* 16.7

A razaõ desta cegueira os mesmos, que se deixaõ levar della, sendo tantos, a naõ sabem, nem eu a sabia; mas a agudeza de Santo Agostinho a descobrio subtilissimamente. Argumentava Agostinho contra os idolatras, e dizia assim: *Simulachra gentium argentum, & aurum; oculos habent, & non videbunt.* O idolo tem olhos, mas naõ vê: o verda-

deiro Deos vê tudo; como offereceis logo os voſſos ſacrificios ao idolo, que os naõ vê, e naõ a Deos, que vê? O meſmo argumento, e a meſma pergunta faço eu aos idolatras da Chriſtandade. He certo, que eſtes idolatras o fim, porque dedicaõ as ſuas boas obras aos olhos dos homens, he para que ellas, em quanto boas, lhe grangeem reputaçaõ, e nome de bons: mas ſe a bondade deſſas meſmas obras ſó a vem os olhos de Deos, e os dos homens naõ, porque a naõ dedicaes aos olhos, que a vem, ſenaõ aos que a naõ podem ver? Só a perſpicacia da meſma Aguia dos Doutores podia penetrar o ſegredo deſta cegueira. *Oculos habent, & non videbunt*: os olhos do idolo (diz Agoſtinho) ainda que naõ vem, vê-os o idolatra; os olhos de Deos, ainda que vem tudo, o idolatra naõ os vê: e he tal a propenſaõ, e inclinaçaõ humana a nos deixarmos levar ſó do que vemos, que antes quer o idolatra dedicar os ſeus ſacrificios aos olhos viſiveis do idolo, porque elle os vê, ainda que elles o naõ vejaõ, do que aos olhos inviſiveis de Deos, ainda que elles o vejaõ, porque elle os naõ vê. E daqui ſe colhe a dobrada perfeiçaõ dos que conſagraõ as ſuas boas obras ſó aos olhos de Deos; porque as conſagraõ viſivelmente aos olhos, que as vem, e inviſivelmente aos que elles naõ pódem ver. E iſto baſta quanto ao documento Perfeito.

§. IV.

SEgue-ſe o Heroico, com que ſomos chegados ao ultimo gráo, e mais ſublime deſta materia. E agora vos peço hum momento de attençaõ. O documento

cumento heroico, como prometti, he obrar por Deos, como se Deos naõ tivera olhos: naõ porque me vê, nem para que me veja, senaõ como se Deos me naõ vira, Notay a differença entre o servo fiel dos homens, e o servo fiel de Deos: o servo fiel dos homens, he o que serve á seu senhor, onde o mesmo senhor o naõ vê, como se o estiveſſe vendo: e o servo fiel de Deos, he o que serve a Deos, que sempre, e necessariamente o está vendo, como se o naõ visse. Mas como póde ser isto, se Deos vê, e naõ pode deixar de ver tudo? Direy. Hum espirito Heroico ha de crer, e amar a Deos, mas naõ o ha de amar como o crê. Ha de crêllo com todos seus attributos, e ha de-o amar, como se lhe faltasse algum. Isto naõ negando mas abstrahindo. Os mayores Mestres da Theologia Ascetica dizem, que se ha de temer a justiça de Deos, como se naõ tivera misericordia, e que se ha esperar na misericordia de Deos, como se naõ tivesse justiça. Mas esta abstracçaõ naõ chega a ser sublimemente heroica. Naõ se ha de ajudar o respeito de hum attributo com a desattençaõ do outro, senaõ com a desattençaõ do mesmo, temer a Deos justo, como se naõ tivesse justiça: obedecer a Deos Omnipotente, como se naõ tivesse Omnipotencia: servir a Deos liberalissimo, como se naõ tivesse liberalidade: e ao nosso intento, temer, obedecer, servir, e amar a Deos, que tudo vê, e sabe, como se naõ soubesse, nem visse. E qual he a razaõ? Divinamente Saõ Paulo: *Non ad oculum ſervientes, quaſi hominibus placentes.* Quem serve aos olhos, serve por agradar; e quem serve a Deos por agradar a Deos, já naõ obra heroicamente; porque no mesmo agra- *Ad Ephel. 6. 6.*

dar buſca o premio do ſervir. *Non ut placeam Deo; ſed quia Deus placet*, diz S. Bernardo. Servir naõ por agradar, mas por ſervir: amar, naõ por agradar, mas por amar; e por iſſo como ſe Deos naõ tiveſſe olhos: *Non ad oculum ſervientes.*

No tempo de David havia alguns impios taõ impios, que negavaõ os olhos a Deos: *Dixerunt: Non videbit Dominus, nec intelliget Deus Jacob.* E porque negavaõ eſtes os olhos a Deos? Para o offenderem com mayor liberdade, diz o Profeta. Do meſmo modo. Aſſim como a malicia conſummada nega os olhos a Deos para o offender com mayor liberdade: aſſim a virtude Heroica não ha de attender aos olhos de Deos, para o amar com mayor fineza. Vede todo o caſo nos peyores homens da terra, e nos melhores Anjos do Ceo. Os peyores homens da terra foraõ os algozes de Chriſto: e eſtes, que fizeraõ? *Velaverunt eum, & percutiebant faciem ejus.* Cobriraõ lhe os olhos, e davaõ-lhe bofetadas. Os melhores Anjos do Ceo ſaõ os Serafins: e que fizeraõ eſtes? *Velabant faciem ejus... & dicebant: Sanctus*: Cobrião os olhos a Deos, e cantavaõ-lhe louvores. Pois como? Os peyores homens da terra cobrem os olhos a Chriſto, e os melhores Anjos do Ceo cobrem os olhos a Deos? Sim. Aquelles para o offender, e afrontar com mayor liberdade: eſtes para o louvar, e amar com mayor fineza. Aquelles crendo, que Chriſto os não via, que era o mayor erro da Fé: eſtes, como ſe Deos os não viſſe, que he o mais heroico do amor. Da Magdalena diſſe Chriſto: *Quoniam dilexit multum*: e amor, que parece muito a Deos, grande amor he. Mas que teve de grande eſte amor? Lagrimas, e de huma mulher?

Pſalm. 93. 7

Luc 22. 64

Iſai. 6. 2.

Luc. 7. 47.

Mui-

Muitas choraõ, e facilmente: quebrar o alabastro? Os marmores se quebrão por si mesmos na morte de Christo: o preço do unguento? Só na avareza de Judas foy grande preço: enxugar os pés do Senhor com os cabellos? Mais faria, se os cortára: onde está logo a grandeza daquelle acto? onde está o muito daquelle *dilexit multum?* S. Pedro Crisologo o observou agudamente em duas palavras do texto: *Stans retro.* Tudo o que a Magdalena fazia, não era aos olhos, senaõ ás espaldas de Christo, *retro*: e neste modo de servir consistio o muito do amar. O ver, e naõ ver em Deos só se póde verificar na Pessoa de Christo. Christo com os olhos da Divindade via a Magdalena, mas com os olhos da Humanidade naõ a via: e como ella chorava, e ungia, servia, e amava, naõ como Deos a via, senaõ como Deos a naõ via; *stans retro*: nella se verificou á letra: Servir a Deos, que nos vê, como se o mesmo Deos nos naõ visse. Por isso o seu amor por boca do mesmo Deos foy canonizado por Heroico, que no conceito de Deos só o Heroico he muito: *Stant retro*: *Dilexit multum.*

Animos grandes, e generosos, naõ vos engane a grandeza de vossas obras, para as julgardes por Heroicas. Por mayores, e mais Heroicas, que vos pareçaõ, se forem feitas, porque Deos as ha de ver, e não feitas como se Deos as naõ visse, he certo, que ficaráõ abaixo deste supremo gráo, e não chegaráõ a merecer tal nome. A façanha, ou fineza, que vio, e celebrou o mundo com nome de mayor entre as mayores, foy o sacrificio de Abraham. Mandou Deos a Abraham, que lhe sacrificasse o seu filho com expressaõ de todos aquelles motivos, que

fazião

faziaõ a novidade de tal acçaõ ardua, difficil, e quaſi impoſſivel a hum coraçaõ humano. He poſſivel, (dizia dentro de ſi o Pay) que hey de ſacrificar o meu filho? o meu primogenito? o meu amado? o meu Iſaac? Eu ſou, e outra, e mil vezes eu, o que lhe hey de meter o ferro pelas entranhas? Eu, o que hey de derramar o ſangue, que me ſahio das vêas? Eu, o que morto com eſtas mãos o hey de pôr na fogueira? Eu, o que com eſtes olhos o hey de ver arder? Mas em quanto o amor paterno eſtava ſuſpenſo, e como irreſoluto neſta terrivel conſideração; vêde o penſamento, com que ſe reſolveo, e lhe deo animo, valor, e corage para executar valentemente o ſacrificio. Quando Deos diſſe a Abraham, que lhe ſacrificaſſe o filho, foy com eſtas palavras: *Vade in terram viſionis, atque ibi offeres eum in holocauſtum ſuper unum montium, quem monſtravero tibi.* Vay á terra da viſta (notay muito o *in terram viſionis*) vay á terra da viſta, e ahi ſacrificarás o teu filho em hum monte, que eu te moſtrarey. Se Deos me ha de moſtrar o monte (diz o Pay) ahi ha de eſtar Deos: ſe o monte ha de ſer na terra da viſta, ahi me ha de ver. E he tão certo, que foy eſte o penſamento de Abraham, que elle deu por nome ao meſmo lugar, *Dominus videt*; e ao meſmo monte; *Dominus videbit: Appellavit nomen loci illius, Dominus videt. Unde uſque hodie dicitur: In monte Dominus videbit.* De fórte, que com certeza tres vezes repetida conheceo Abraham, que naquella terra, naquelle lugar, e naquelle monte o havia de ver Deos: naquella terra, *in terram viſionis*: naquelle lugar, *in loco Dominus videt*: naquelle monte, *in monte Dominus videbit*: e como Abraham conheceo cer-

Geneſ. 22. 2

Ibid. 14.

certamente, que Deos o havia de ver, e os olhos de Deos lhe haviaõ de fazer o theatro naquella grande acçaõ, este foy o pensamento, e o motivo, com que se resolveo a sacrificar o filho. E que se infere daqui; confórme a verdade do nosso documento? Infere-se, que quantas forão as certezas, que Abraham teve de Deos o haver de ver naquella acção, tantos degráos se abateo ella para não subir a ser perfeitamente Heroica. Se fora perfeitamente Heroica, não havia de imaginar, nem attender Abraham a que Deos o via; mas sacrificar o filho, degollallo, e queimallo, como se Deos o não visse.

§. V.

TEnho acabado, e naõ sey se persuadido o que promettî; e para que estes tres Documentos sirvaõ a todos; a todos digo só tres palavras conforme a generosidade de cada hum. Vós espiritos sublimes, que voais ao mais alto, obray como se Deos naõ tivera olhos, que isto he o Heroico. Vós almas, que aspirais á perfeiçaõ, obray só para os olhos de Deos, que isto he o Perfeito. E vós os que vos contentais com menos, guarday-vos de obrar cousa alguma para os olhos dos homens, que isto he o Seguro. Nestes dias, em que entramos, nos quaes se celebra a morte do Redemptor, lembray-vos daquelle grande mysterio, que observou Santo Epifanio. Despois da morte se conhecem os verdadeiros amigos: e Christo despois da morte só se achou com Joseph, e Nicodemus. E porque razaõ, ou mysterio com estes dous, e só com elles? Porque

que naõ ſó ambos eraõ Diſcipulos do Senhor, ſenaõ ambos Diſcipulos occultos, os Diſcipulos manifeſtos todos o deixárão, e fugiraõ, *Omnes, relicto eo, fugerunt.* Só os Diſcipulos occultos, na vida, na morte, e deſpois da morte foraõ fieis. Para que no meſmo ſepulchro de Chriſto ſe ſepultaſſe aquelle indigno epitafio das obras humanas: *Nemo in occulto quid facit.*

Matt. 26. 56.

SER-

SERMAÕ

DE

S. SEBASTIAÕ

QUE PREGOU

O P. ANTONIO VIEIRA,

NA IGREJA DO MESMO SANTO do Accupe, termo da Bahia no anno de 1634.

LISBOA:

Com todas as licenças necessarias. Anno de 1754.

Beati Pauperes: quia veſtrum eſt Regnum Dei. Beati, qui nunc eſurítis: quia ſaturabimini. Beati, qui nunc fletis: quia ridebitis. Beati eritis cùm vos óderint homines. Lucæ 6. 20.

CUIDAM os que peyor conceito fazem do mundo, (e aſſim o cuidava tambem eu) que ſó no Ceo ha Bemaventurados. Mas hoje nos deſengana Chriſto no Evangelho, que tambem ha Bemaventurados na terra. No Ceo naõ ha pobreza; e ſaõ Bemaventurados os pobres: *Beati pauperes.* No Ceo nãõ ha lagrymas; e ſaõ Bemaventurados os que choraõ: *Beati qui lugent.* No Ceo naõ ha fome, nem ſede; e ſaõ Bemaventurados os que a padecem: *Beati qui nunc eſurítis.* No Ceo não ha odios, nem perſeguiçoens, e ſaõ Bemaventurados os perſeguidos, e aborrecidos: *Beati eritis cùm vos óderint homines.* E como a terra ſeja o hoſpital da pobreza, o vale das lagrymas, o deſerto da fome, e a patria do odio, e perſeguiçaõ; bem clara fica a conſequencia, ou demonſtração Evangelica, que tambem ha Bemaventurados na terra. Os corpos dos Bemaventurados do Ceo tem quatro dotes gloriosos: os eſpiritos dos Bemaventurados da terra tem outros quatro dotes; que ainda que o mundo lhes naõ chame de gloria, não ſão menos para gloriar. A pobreza, que nos alivia do pezo, e embaraço das couſas da terra, reſponde ao dote da agilidade: *Beati pauperes.* As lagrymas, que entre as ſombras da triſteza ſão os claros do alivio, e conſolaçaõ, reſpondem ao dote da claridade: *Beati qui lugent.* A fome, e ſede, que atenûa, e adelgaça a quantidade

groſſeira do corpo, reſponde ao dote da ſubtileza, *Beati qui nunc eſurítis.* A paciencia generoſa, com que os odios, e perſeguiçoens ſe fazem menos ſenſiveis, reſponde ao dote da impaſſibilidade: *Beatis eſtis cùm vos óderint homines.* Taõ parecidos ſão como iſto os eſpiritos Bemaventurados da terra com os corpos Bemaventurados do Ceo.

Mas entre eſta ſimilhança taõ grande perguntará com razão alguem: Em que ſe differença eſta Bemaventnrança daquella Bemaventurança; em que ſe diſtinguem eſtes Bemaventurados daquelles Bemaventurados? He taõ grande a diſtancia, e a differença, que vay, e chega do Ceo á terra. A Bemaventurança do Ceo he Bemaventurança deſcuberta, e viſivel, a Bemaventurança da terra he Bemaventurança inviſivel, e encuberta. A do Ceo he viſivel, e deſcuberta entre os reſplendores da gloria; a da terra he inviſivel, e encuberta debaixo dos accidentes da pena: ſegue huma, e outra Bemaventurança as condiçoens, e eſtados do ſeu objecto O objecto da Bemaventurança he Deos; mas Deos no Ceo he deſcuberto á viſta, e Deos na terra he encuberto á Fé. Que muito logo, que huma, e outra Bemaventurança, conformando-ſe com o ſeu objecto, e retratando-ſe nelle; no Ceo ſeja Bemaventurança deſcuberta, e viſivel, e na terra Bemaventurança inviſivel, e encuberta? Encuberta debaixo dos trajes vîs da pobreza: *Beati pauperes*: encuberta debaixo das nuvens triſtes das lagrymas: *Beati qui lugent*; encuberta debaixo dos horrores macilentos da fome: *Beati qui nunc eſuríts*; e encuberta debaixo dos eclipſes eſcuros do odio: *Beati eritis cùm vos óderint?* Aſſim andaõ neſte Mundo encubertos os Bemaventurados;

turados; e aſſim viveo, quando vivia nelle, aquelle grande Bemaventurado, e aquelle famoſo Encuberto, cujas ſaudoſas, e glorioſas memorias hoje celebramos; o Illuſtriſſimo, e Invictiſſimo Confeſſor de Chriſto S. Sebaſtiaõ. Oh Divino Bemaventurado! oh Divino Encuberto! no Ceo vos celebra a Igreja Triunfante deſcubertamente Bemaventurado; na terra vos feſteja a Igreja Militante Bemaventurado, mas Encuberto; aſſim vos chamo, e aſſim vos devo chamar, porque aſſim vos deſcreve, e aſſim vos pinta hoje o Evangelho; encuberto com quatro diſfarces, mas todos quatro de Bemaventurança, e de Bemaventurado; *Beati pauperes: Beati qui lugent: Beati qui nunc eſurítis*; *Beati e itis cùm vos ódeſint homines.* Suppoſto eſte fundamento do Evangelho, reſumindo o meu diſcurſo ſó a duas palavras, todo o aſſumpto delle ſerá eſte: *Sebaſtiaõ o Encuberto.* Para ſahir bem deſte antigo, e tão novo aſſumpto, naõ poderá ſer ſem muita aſſiſtencia da graça.

AVE MARIA.

DE quatro maneiras encubertos nos repreſenta o Evangelho aos Bemaventurados: e em outras quatro conſideraçoens (ſe bem o advertirmos) foy S. Sebaſtiaõ o Encuberto; encuberto na vida, e encuberto na morte: encuberto na fé, e encuberto nas obras: e a eſtas duas combinaçoens de encubrir reduziremos toda a prova do noſſo aſſumpto. Foy S. Sebaſtiaõ encuberto na vida, e encuberto na morte: porque? Porque encubrio a realidade da vida debaixo da opiniaõ da morte; e encubrio a apparencia da morte debaixo da realidade

da

da vida. Foy tambem S. Sebaſtiaõ encuberto na fé, e encuberto nas obras: porque? Porque encubrio a verdade da fé com a politica das obras; e encubrio a politica das obras com a diſſimulaçaõ da fé. Aſſim como a Igreja nos deu aſſumpto no Evangelho, que he a primeira fonte da verdade, aſſim nos ha de dar a prova nas liçoens, que reza do Santo, que he a ſegunda.

Primeiramente foy S. Sebaſtiaõ o Encuberto, porque o encubrio a realidade da vida debaixo da opiniaõ da morte. Saõ palavras formais do Texto Eccleſiaſtico da ſua hiſtoria: *Quem omnium opinione mortuum, noctu ſancta mulier Irene ſepeliendi gratia juſſit auferri: ſed vivum repertum domi ſuæ curavit; & paulò poſt confirmata valetudine.* Oh milagre! oh maravilha da Providencia Divina! Na opiniaõ de todos era Sebaſtiaõ morto: *omnium opinione mortuum*: mas na verdade, e na realidade eſtava Sebaſtiaõ vivo: *vivum repertum*: ferido ſim, e mal ferido; mas deſpois das feridas curado: *Irene domi ſuæ curavit*: deixado ſim por morto de dia na campanha; mas de noite retirado della: *noctu juſſit auferri*: com vozes ſim de ſepultura, e de ſepultado: *ſepeliendi gratiâ*; mas vivo, ſaõ, valente, e taõ forte, como de antes era: *confirmatâ valetudine.* Aſſim ſahio Sebaſtiaõ daquella batalha, e aſſim foy achado deſpois della; na opiniaõ morto, mas na realidade vivo: *opinione mortuum, vivum repertum.* Ataõ a Sebaſtiaõ a hum tronco, (excuzada diligencia para quem eſtava mais atado a Chriſto, mais prezo na ſua Fé, e mais ſeguro na ſua conſtancia) voaõ as ſettas, emprégaõ-ſe os tiros, deſpejaõ-ſe as aljavas, deſapparece o corpo, prégaõ-ſe ja humas ſettas em outras ſettas,

quem

quem naõ crerá, que eſtá morto Sebaſtiaõ? Aſſim o crem os barbaros, que ja ſe retiraõ; aſſim o crê o tyranno, que ja eſtá ſatisfeito, aſſim o choraõ os amigos, aſſim o lamenta a Igreja: aſſim o geme, e ſuſpira a Chriſtandade; mas que importa, que Sebaſtiaõ eſteja morto na opiniaõ, ſe eſtava vivo na realidade? Iſto he ſer Sebaſtiaõ o Encuberto; porque encubrio a realidade da vida debaixo da opiniaõ da morte: *opinione mortuum, vivum repertum.*

Foy levada a Jacob a tunica de ſeu filho Joſeph, envolta falſamente no ſangue ſuppoſto, e que fez Jacob tanto que a vio? Reſolve-ſe ſem mais inquiriçaõ, que Joſeph era morto; aſſenta comſigo, que huma féra o matára; e porque naõ apparece morto, nem vivo, accreſcenta, que tambem a féra o comera, e engulira: *Féra peſſima comedit eúm; beſtia devoravit Joſeph.* A eſta reſoluçaõ ſeguiraõ-ſe os nojos, os lutos, as lagrymas, os ſuſpiros, as lamentaçoens perpetuas, ſem baſtar hum anno, nem muitos annos, para que Jacob admittiſſe alivio á ſua pena, nem conſolaçaõ á ſua dor: *Sciſſiſque veſtibus, indutus eſt cilicio, lugens filium ſuum multo tempore, & noluit conſolationem accipere.* Oh como he certo, que ha homens cegamente credulos contra ſi meſmos! Baſta que aſſim ſe ha de crer, e aſſim ſe ha de accreſcentar, e aſſim ſe ha de aſſentar por certa huma tamanha nova? Vinde cá, Jacob, quem vos trouxe eſſa tunica enſanguentada diſſe-vos, que o ſangue era de Joſeph? Naõ. Ha alguem, que o viſſe matar, ha alguem, que o viſſe comer, ha alguem, que o viſſe engulir? Pois como aſſim aſſentais taõ apreſſada, e precipitadamente, que Joſeph he morto?

Geneſ. 37 n. 33.

Ibid. n. 34

to? Mas naõ quero argumentar contra voſſa piedade como pay, ſenaõ contra voſſa pouca fé como juſto.

Naõ ſabeis vós, que eſtá profetizado a Joſeph, que o ha de adorar o Sol, a Lua, e as Eſtrellas? Naõ ſois vós o meſmo, que interpretaſtes a profecia? Naõ ſois o meſmo, que entendeſtes, e diſſeſtes, que ſeu pay, ſua mãy, e que ſeus irmãos o haviaõ de adorar? Pois ſe ainda naõ eſtá cumprida eſta adoraçaõ, como credes, que he, ou póde ſer morto Joſeph? Naõ he razaõ, que ſe dê mais credito á fé, que á viſta? Naõ he razaõ, que ſe creya mais á profecia, que a tunica? Mas *Vide utrùm* Ibid. 32. *tunica filii tui ſit, an non.* Vede bem ſe he mortalha de defunto, ou ſe póde ſer tunica de vivo; vede bem ſe eſſe ſangue he voſſo, e ſeu; ou ſe póde ſer alheyo; tomay exemplo para vós no ſuccéſſo de voſſo pay.

Mandou Deos a Abraham, que lhe ſacrificaſſe ſeu filho Iſaac, pay de Jacob: levou Iſaac a lenha, Abraham o fogo, e a eſpada, compoz o altar, atou a victima, levantou o golpe: tudo verdade infallivel; mas ſe alguem neſte paſſo, movido de piedade, afaſtaſſe os olhos, e viſſe dahi a hum pouco, que deſpois de arder a victima, ficavaõ ſobre o altar aquellas cinzas, que havia de cuidar? Havia de cuidar, que eraõ as cinzas de Iſaac, e que alli acabára o malogrado moço; e que aquelle meſmo tumulo, que tinha ſido o altar de ſeu ſacrificio, era a ſua ſepultura. Eſta havia de ſer a opiniaõ, mas naõ era eſta a realidade; porque o venturoſo Iſaac no meſmo tempo eſtava livre, vivo, e alegre, e com as eſperanças confirmadas de ſe haverem

verem de cumprir nelle todas as promeſſas de Deos feitas a ſeu pay, e á ſua caſa. Pois ſe aſſim ſe pódem enganar os juizos dos homens; ſe aſſim ſe equivoca a morte com a vida em hum ſó abrir, e fechar de olhos; ſe as cinzas, que pareciaõ de Iſaac, eraõ do cordeiro; ſobre tudo, ſe aſſim acode Deos pela verdade de ſuas promeſſas; porque naõ crerá voſſa fé, Jacob, que póde ter ſuccedido a Joſeph, ainda que tiveſſe algum perigo, o que ſuccedeo a Iſaac? Se as cinzas de hum bruto ſe naõ diſtinguem das de Iſaac, quem vos diſſe a vós, que eſſe ſangue, que cuidaes ſer de Joſeph, naõ ſerá tambem de outro bruto? Todos eſtes motivos taõ fortes, e taõ bem fundados tinha Jacob, para naõ crer, que Joſeph foſſe morto; mas nem razoens, nem conveniencias, nem profecîas, nem exemplos, nem couſa alguma do mundo era baſtante para aliviar hum momento ſua triſteza, nem a perſuadir, ou alentar, a que admittiſſe alguma melhor eſperança. Taõ certo, taõ firme, taõ deſenganado eſtava de que Joſeph era morto: eſta era a opiniaõ; vamos agora á realidade. Oh admiraveis ſaõ os juizos, e traças de Deos em homens fataes, que elle eſcolheo para couſas grandes!

No meſmo tempo, em que iſto paſſava em Canaan, eſtava Joſeph no Egypto naõ ſó vivo, ſaõ, e muito bem diſpoſto; mas com ſucceſſaõ muito copioſa para herdeiros de ſua fortuna; e com huma fortuna taõ notavel, que era abſoluto ſenhor de todo o Egypto: *Abſque tuo imperio non movebit quiſquam manum, aut pedem in omni terra Ægypti:* he verdade, que foy Joſeph prezo, e Geneſ. 41. n. 44.

Genes. 37. n. 24. encarcera lo: *miserunt eum in cisternam veteem*; he verdade, que foy vendido: *vendiderunt eum Ismaelitis*; he verdade, que trataraõ de o matar: *cogitaverum illum occidere*: he verdade, que o despojaraõ da purpura: *nudaveruut eum tunica talari, & polymita*; mas Deos o tinha escolhido, e reservado para restaurador do mundo: *Vocavit eum lingua Ægyptiaca, Salvatorem mundi*; o mesmo Deos o libertou da servidaõ, o mesmo Deos o revestio de outra melhor purpura: *Vestivit eum stola byssina, & collo torquem auream circumposuit*; o mesmo Deos o levantou ao throno de Faraó com Magestade, e poder universal: *Constitui te super omnem terram Ægypti*, para ser adorado, para ser reverenciado, e para ser conhecido, e obedecido por todos: *ut omnes coram eo genuflecterent, & præpositum esse scirent universæ terræ.* Eis-aqui quam differente era a opiniaõ, e quam diversa a realidade a respeito da vida, e morte de Joseph; mas como a Providencia Divina tinha determinado, que elle estivesse tantos annos encuberto, sem saberem delle os de sua casa, nem os de sua naçaõ; occulta-se a realidade da vida, debaixo da opiniaõ da morte; que he o que succedeo ao nosso encuberto hoje.

Ibid. n. 28

Ibid. n. 18

Mais maravilhosamente foy encuberto Sebastiaõ, que Joseph; porque em Joseph estava a opiniaõ em Canaan, e a realidade em Egypto. Em Sebastiaõ naõ assim. A opiniaõ, e a realidade tudo estava na mesma Roma: dentro em Roma encubrio Sebastiaõ a realidade de vivo com a opiniaõ de morto. Na opiniaõ de Irene, e na de Diocleciano estava morto; mas em si mesmo esta-

va

va vivo. Houve aqui ſem Reſurreiçaõ a meſma maravilha da Reſurreiçaõ de Chriſto. No meſmo Horto do ſepulcho fallava Chriſto com a Magdalena: no meſmo caminho de Emmaús fallava Chriſto com os dous Diſcipulos; e baſtava hum diſfarce de Hortelaõ, ou de Peregrino, para que em Chriſto ſe encubriſſe a realidade de vivo, e na Magdalena, e nos Diſcipulos ſe continuaſſe a opiniaõ de morto. Tambem eſtes tinhaõ profecias bem claras; mas eraõ incrédulos. Onde eſtá, ó incrédulos, a memoria dos tres dias de Jonas, que ainda naõ ſaõ paſſados? Quando os marinheiros de Joppe viraõ a Jonas engulido da balêa ſorvida do mar ſem apparecer, déraõ todos a Jonas por morto; mas que importava, que Jonas eſtiveſſe morto no conceito dos homens, ſe elle eſtava vivo (ainda que encuberto) no ventre da balêa? Que couſa era aquella grande balêa no meyo do mar, ſenaõ huma Ilha Enante, em que ninguem podia tomar porto, que ja apparecia, ja deſapparecia? Mas encuberto Jonas neſta Ilha encuberta, por mais, que a opiniaõ o tenha por morto, como paſſarem os dias, e as noites da profecia de Chriſto, elle deſembarcará vivo, e com aſſombro nas prayas de Ninive. Aſſim appareceo Sebaſtiaõ ao Imperador Diocleciano, como diz admiravelmente o noſſo Texto: *Cujus aſpectu tùm ille primùm obſtupuiſſet, quòd mortuum crederet.* Ficou paſmado, e aſſombrado Diocleciano, quando vio diante de ſi vivo a Sebaſtiaõ, a quem elle tinha por morto; mas iſſo meſmo foy ſer Sebaſtiaõ o verdadeiro encuberto; pois nos olhos do Imperador do Mundo,

e nos do meſmo Mundo pôde encubrir a realidade da vida debaixo da opiniaõ da morte : *Opinione mortuum, vivum repertum.*

Aſſim como Saõ Sebaſtiaõ encubrio a realidade da vida debaixo da opiniaõ da morte ; aſſim encubrio tambem a apparencia da morte debaixo da realidade da vida. Mas vejo, que antes de provar eſta propoſiçaõ, me eſtaõ reprovando, e impugnando com o meu Texto : *Rei novitate & acri Sebaſtiani reprehenſione Diocletianus excandeſcens, eum tamdiu virgis cædi imperavit, donec animam Deo redderet.* Aſſombrado Diocleciano com a novidade da primeira maravilha, e enfurecido da conſtancia, zelo, e liberdade, com que Sebaſtiaõ o reprehendia, mandou, que de tal maneira continuaſſem os verdugos em o atormentar, e ferir, naõ já de longe com ſettas, ſenaõ de perto, e aos braços com crueis açoutes, que naõ paraſſem, nem deſiſtiſſem do tormento, até que nelle déſſe a vida ; e aſſim ſe executou. Pois a eſta morte taõ continuada, e taõ repetida ; a eſta morte taõ cruel, a eſta morte taõ tormentoſa, a eſta morte taõ conhecida, e taõ verdadeiramente morte, chamo eu apparencia da morte ; e naõ ſó apparencia da morte, ſenaõ apparencia da morte debaixo da realidade da vida. Iſto he morte na apparencia, e iſto he vida na realidade ? Sim. Eſta he a excellencia da morte de quem morre em Deos, e por Deos, e para Deos. As outras mortes ſaõ deſcubertamente o que parecem : parecem mortes, e ſaõ mortes : a morte do que morre por Deos, e para Deos, naõ he o que parece, he huma apparencia da morte debaixo da realidade da vida. Diz o

Sabio,

Sabio, que os Juſtos quando paſſaõ deſta vida, por mais tormentos que padeçaõ, nenhum para elles he mortal: *Non tanget illos tormentum mortis.* E porque a novidade deſta ſentença parece que tinha contra ſi o teſtimunho de todos os olhos do Mundo, que vem morrer os juſtos nos tormentos; acode a eſta objecçaõ com outra ſentença mais notavel: *Viſi ſunt oculis inſipientium mori.* He verdade, (diz o Sabio) que muitos olhos pódem teſtimunhar que viraõ, e vem morrer os Juſtos; mas eſſes olhos ſaõ os olhos dos neſcios, ainda que ſejaõ teſtimunhas de viſta, naõ valem teſtimunha. Entre os olhos dos neſcios, e os olhos dos ſabios ha grande differença: os olhos dos neſcios, como páraõ na ſuperficie, vem ſó as apparencias: os olhos dos ſabios, como penetraõ o interior das couſas, vem as realidades. E como naquelles que morrem por Deos eſtá encuberta a realidade da vida debaixo da apparencia da morte, por iſſo os neſcios, que ſó vem as apparencias, preſumem nelles a morte: *Viſi ſunt oculis inſipientium mori.* E os ſabios, que penetraõ as realidades, reconhecem nelles ſempre a vida: *Non tanget illos tormentum mortis:* e ſenaõ, ouçamos a hum Sabio: *Mortui eſtis, ſed vita veſtra abſcondita eſt in Chriſto cum Deo.* Eſtais mortos, (diz S. Paulo) mas a voſſa vida eſtá eſcondida em Chriſto com Deos. Glorioſo Apoſtolo, explicay os termos deſta poſtilla, que parecem implicados. A vida ainda que ſeja eſcondida, tambem he vida; poſto que ha poucos viventes que a queiraõ eſconder, e eſconderſe. Logo ſe eſſes com quem fallais tem vida, como lhe chamais mortos: *Mortui eſtis?* E ſe ſaõ mortos, como

nota

como affirmais que tem vida: *Sed vita veſtra abſcondita eſt.* Nas primeiras palavras fallou S. Paulo pela noſſa linguagem, e nas ſegundas pela ſua; e conforme eſtas duas linguagens, eraõ aquelles, com quem S. Paulo fallava, juntamente mortos, e vivos. Para os neſcios, que vem as couſas por fóra, eraõ mortos na apparencia; para os ſabios, que vem as couſas por dentro, eraõ vivos na realidade; mas eſſa vida (diz o grande Apoſtolo) eſtava eſcondida em Chriſto: *Sed vita veſtra abſcondita eſt in Chriſto;* porque os que morrem por Chriſto, e para Chriſto, tem eſcondida, e encuberta a realidade da vida debaixo da apparencia da morte.

Mandou o tyranno Emperador, que atormentaſſem a Sebaſtiaõ, até que morreſſe; enganou-ſe o barbaro; porque para os que daõ a vida por Chriſto, naõ ha tormento que chegue a matar: *Non tanges illos tormentum mortis.* Obedeceraõ os algozes furioſamente, e quando viraõ eſpirar a Sebaſtiaõ, tiveraõ-no por morto; mas tambem ſe enganaraõ os neſcios; porque os que daõ a vida por Chriſto, ſó nos olhos dos neſcios pódem morrer: *Viſi ſunt oculis inſipientium mori.* E aſſim no meſmo theatro, aonde Sebaſtiaõ deſpido, chagado, envolto em ſeu ſangue parecia, que eſtava morto, ahi meſmo perſeverava, ahi meſmo ſe conſervava, e ahi meſmo triunfava vivo. Porque como milagroſo encuberto na vida, e na morte, debaixo da apparencia da morte encubria a realidade da vida: *Donec animam Deo redderet.*

Notavel argumento foy aquelle de Chriſto contra os Sadduceos: *Deus Abraham, Deus Iſaac, &* *Deus*

Matth. 22. 2.

Deus Jacob, non eſt Deus mortuorum, ſed viventium. Deos he, Deos de Abraham, Deos de Iſaac, Deos de Jacob: logo naõ he Deos dos mortos, ſenaõ dos vivos. Antes deſtas premiſſas (Meſtre Divino) parece, que ſe ſegue, e ſe prova o contrario. Abraham naõ morreo? Sim. Iſaac naõ morreo? Sim. Jacob naõ morreo? Sim. Logo ſe Deos o he de Abraham, de Iſaac, e de Jacob, ſegue-ſe, que Deos he Deos de mortos. Naõ ſe ſegue, ſenaõ que Deos he Deos de vivos; porque os Santos como Abraham, Iſaac, e Jacob, que vivem com Deos, e morrem para Deos, ſó paſſaõ pela morte na apparencia, e ſempre conſervaõ a vida na realidade. Na apparencia para os olhos da carne ſaõ mortos; na realidade para os olhos do eſpirito ſaõ vivos: *Non eſt Deus mortuorum, ſed viventium.* Eſta foy a razaõ altiſſima, porque dobrando Deos a Job na ſegunda fortuna tudo o que tinha perdido, lhe naõ dobrou os filhos: pois ſe Deos premea a paciencia, e conſtancia de Job com lhe reſtituir em dobro a fazenda, os gados, os eſcravos, e criados; os filhos que era o que mais eſtimava, porque lhos naõ dá tambem em dobro? Porque Deos naõ dobrou a Job ſenaõ o que tinha perdido, e o que lhe tinhaõ morto os inimigos: e os filhos de Job nem elle os perdeo, nem lhos matáraõ. He verdade, que os menſageiros lhe vieraõ dizer, que todos ficavaõ mortos; mas Deos em lhos naõ reſtituir, quiz darlhe hum ſeguro, de que eſtavaõ vivos. Se morreraõ fóra da graça, e ſerviço de Deos, entaõ era verdade certa, e triſte em todo o ſentido, que eſtavaõ mortos; mas como tinhaõ paſſado da vida

como

como verdadeiros filhos de taõ grande Servo de Deos como Job; ainda que debaixo da ruina da caſa perecéraõ mortos na apparencia, ficáraõ ſempre vivos na realidade. E ſe os que morrem em Deos, e para Deos, naõ paſſaõ mais, que pelas apparencias da morte, conſervando ſempre as realidades da vida, que direy de Sebaſtiaõ, aquelle fideliſſimo, e animoſiſſimo Servo, que naõ ſó acabou a vida em Deos, e para Deos, ſenaõ que á força de tantos, taõ exquiſitos, e taõ repetidos tormentos a deu por Deos? Naõ deixou a vida a Sebaſtiaõ no fim de ſeus annos, como deixou a Abraham, Iſaac, e Jacob; naõ lhe cortou o fio da vida hum caſo inopinado, como aos filhos de Job; mas elle a deu a Deos voluntariamente, quando mais inteira; elle a deixou cortar por Deos, quando mais florida. Por iſſo, meu invictiſſimo Encuberto, por mais que Diocleciano vos mande matar, por mais que os algozes vos deixem por morto, por mais que Irene vos queira ſepultar, por mais que vós meſmo revelcis o lugar de voſſo ſepulcro, e por mais que voſſas reliquias, como deſpojos da morte, eſtejaõ repartidas pelo meſmo; eu com tudo vos reconheço vivo, vos confeſſo vivo, vos reverenceyo vivo, e eſpero de vós favores como de vivo; porque debaixo deſtas apparencias da morte conſervais, e encubris a realidade da vida: *Tandiu virgis cædi imperavit, donec animam Deo redderet.*

Paſſando brevemente á ſegunda combinação do noſſo aſſumpto, foy tambem Sebaſtião encuberto na fé, e encuberto nas obras; porque (como diziamos) encubrio a verdade da fé com a politica das obras,

obras, e encubrio a politica das obras com a diſſimulação da fé: *Chriſtianos, quorum fidem clam colebat, operâ, & facultatibus adjuvabat*; (diz o noſſo Texto) onde ſe devem notar muito aquellas palavras, *quorum fidem clam colebat.* Era Chriſtão, mas Chriſtão encuberto; e como era encuberto, ſendo Chriſtão? Encubrindo a verdade da fé debaixo da politica das obras: tudo he do meſmo Texto: *Diocletiano charus. Dux primæ cohortis, Chriſtianos, quorum fidem clam colebat, operâ, & facultatibus adjuvabat.* Oh que grande Chriſtaõ por dentro, oh que grande politico por fóra! Sebaſtiaõ viſto por fóra, e entendido por dentro: huma couſa era o que era, e outra couſa era o que parecia: parecia hum Corteſaõ do Palacio da terra, e era hum Peregrino da Corte do Ceo: parecia hum Capitaõ, que militava debaixo das Aguias Romanas, e era hum Soldado, que ſervia debaixo da Bandeira da Cruz: parecia hum Grande privado de Diocleciano, e era o mayor confidente de Chriſto. Sua fortuna, ſeu habito, e traje, ſeu nome, tudo era ſuppoſto; o nome era ironía. Debaixo do nome de Sebaſtiaõ, (que ſignificava Auguſto) encubria o Principe, a quem ſervia: debaixo das armas, e do baſtaõ encubria a milicia, que profeſſava: debaixo da privança, e graça do Emperador encubria a graça de Chriſto, de que ſó vivia. Toda a ſua vida era huma diſſimulaçaõ da viſta, toda era hum enigma da opiniaõ, e toda era huma methafora do que naõ era; porque parecendo, que toda ſe empregava em dar a

Ceſar ; o que era de Ceſar ; ſó dava a Deos, o que era de Deos. Aſſim ſervia Sebaſtiaõ encuberto a Chriſto ; porque entendia , (e cuidava bem) que o ſervia mais encuberto , que declarado.

Eſpira Chriſto na Cruz ſem ſummo deſamparo , deixaõ-no morto até os meſmos, que lhe tiráraõ a vida : naõ ha quem o deſça daquelle madeiro , naõ ha donde lhe venha huma mortalha , e até a terra lhe falta para o ſepultar. Eis-que apparecem perſonagens dos mais authorizados de Jeruſalem , com hollandas, com aromas, e o que mais he , com licença de Pilatos para aquelles piedoſos officios. Mas quem eraõ eſtes dous homens ? Eraõ Joſeph , e Nicodemos, dous Diſcipulos nobres da eſcola de Chriſto. Pois naõ tem Chriſto nos ſeus trabalhos , nem acha nos ſeus deſamparos outros Diſcipulos que o ſirvaõ ; e ſoccorraõ , ſenaõ Joſeph , e Nicodemos? Onde eſtaõ os Pedros , onde eſtaõ os Andrés , onde eſtaõ os Jacobos , onde eſtaõ os Filippes , e os Bartholomeos ? Joaõ bem ſabemos que eſtá preſente ; mas ainda que tomou á ſua conta a Mãy , nenhuma diligencia fez para o Filho defunto. Pois ſe eſtes Diſcipulos taõ antigos , taõ obrigados , e taõ frequentes da eſcola de Chriſto , o deixaõ , e deſamparaõ todos ; porque ſó ſe atrevem ao buſcar , ao ſervir , e ao venerar Joſeph , e Nicodemos ? Porque os outros eraõ Diſcipulos declarados , Joſeph, e Nicodemos eraõ Diſcipulos encubertos. Aſſim o notou , e ponderou o Evangeliſta Saõ Joaõ neſte meſmo lugar :

Joſeph ab Arimathæa Diſcipulus Jeſu occultus propter metum Judæorum, & Nicodemus, qui venit ad Jeſum nocte. Joan. 19. n. 38. & 39.

Eraõ Joſeph, e Nicodemos Diſcipulos encubertos de Chriſto, e nos trabalhos de Chriſto, e da Chriſtandade (que he o ſeu Corpo myſtico deſamparado na Cruz) ſaõ-lhe de mayor importancia, e de mayor ſerviço os amigos encubertos, que os amigos declarados; porque os declarados, ainda que deſejem igualmente, porque ſaõ amigos; os encubertos pódem mais, porque naõ ſaõ ſuſpeitoſos. Ninguem era mais amigo, nem ainda mais animoſo, que Joaõ; mas Joaõ naõ ſe atreveo a procurar a licença de Pilatos, como Joſeph; porque em Joaõ a fé, e a amizade declarada, era ſuſpeitoſa; e em Joſeph a fé, e a amizade encuberta era effectiva. Eſta he a razaõ, porque ſendo Saõ Sebaſtiaõ taõ fino, e taõ fiel Chriſtaõ, e taõ amigo de Chriſto, encubria com tudo com Divina politica a ſua fé, para a poder melhor empregar nas obras. Se Sebaſtiaõ ſe declarara profeſſor de Chriſto, publicava a fé, e perdia as obras; e como importava mais á Chriſtandade o ſoccorro de ſuas obras, que a publicidade de ſua fé; por iſſo com mayores quilates de Chriſtaõ encubria a verdade da fé debaixo da politica das obras: *Chriſtianos, quorum fidem clam colebat, operâ, & facultatibus adjuvabat.*

Quem naõ ſabe aquella notavel reſoluçaõ de David, quando ſe rebellou contra elle Abſalaõ? O mayor confidente, e o mais fiel amigo, que entaõ tinha David para o acompanhar, e ſervir

em toda a fortuna, era Chuſay; mas agradecendo-lhe a vontade, e naõ lhe aceitando a companhia, manda-o que ſe vá meter com Abſalaõ, que o ſirva em todos os póſtos que occupar; e que aceite qualquer lugar, que lhe der em ſua caſa, que ſegundo a qualidade de Chuſay, naõ podia ſer ſenaõ muito grande. Pois David fugitivo, e perſeguido Rey, que conſelho he eſte voſſo? Agora que todo Iſrael ſegue a Abſalaõ, agora que todos vos deixaõ, e adoraõ o Sol que naſce; a hum ſó amigo, que ſe acoſta á voſſa fortuna, ao mayor homem, e de mayor valor, e juizo que tendes, tiraylo de vós, e mandaylo meter em caſa, e no ſerviço de voſſo inimigo? Sim. E foy a mais bem entendida acçaõ, que nunca fez David; porque muito mayores ſerviços lhe podia fazer a fé de Chuſay encuberta em caſa de ſeu inimigo, do que a fé do meſmo Chuſay declarada em ſua propria caſa; e aſſim foy; porque naõ obrou menos eſte confidente de David admittido á graça, e ſerviço de Abſalaõ, que tirar a coroa da cabeça a Abſalaõ, e tornalla a pór na cabeça de David.

Quem he David, ſenaõ Chriſto? Quem he Abſalaõ, ſenaõ Diocleciano? Quem he Chuſay, ſenaõ Sebaſtiaõ? Mete Chriſto a Sebaſtiaõ ſeu mayor confidente em caſa de Diocleciano ſeu inimigo, para que alli obre a ſua fé encuberta, muito mais do que pudera fazer fóra dalli declarado. Dalli encuberto ajudava aos Chriſtãos, dalli encuberto os defendia, dalli encuberto os exhortava, e ſuſtentava na confiſſaõ conſtante de Chriſto;

to; ẽ deſta maneira naõ ſendo Chriſtaõ declarado para os Gentios, era Chriſtaõ mais effectivo para os Chriſtãos; porque encubria a verdade da fé debaixo da politica das obras: *Chriſtianos, quorum fidem clam colebat, operâ, & facultatibus adjuvabat.*

Agora reſtava moſtrar, como encubrio o noſſo Encuberto a meſma politica de ſuas obras debaixo da diſſimulaçaõ da ſua fé, ſendo as obras da Fé de Chriſto, que exercitava no ſecreto, contra a fé do Emperador, que profeſſava no publico: concordando as cautellas de politico com a ſinceridade Chriſtãa: ſervindo no meſmo tempo a dous ſenhores encontrados; e ſendo homem de duas fés, ſem ſer infiel a nenhuma dellas. Mas porque nos falta o tempo, (que ſempre he forçoſo faltar, onde o ſujeito he mayor que tudo, o que ſe póde dizer) já que naõ poſſo continuar louvando, quero acabar pedindo.

Divino Sebaſtiaõ Encuberto, Bemaventurado na terra, e deſcuberto Defenſor, que ſempre foſtes deſte Reyno, no Ceo: ponde lá de cima os olhos nelle, e vede o que naõ poderá ver ſem piedade, quem eſtá vendo a Deos; vereis pobrezas, e miſerias, que ſe naõ remedeaõ; vereis lagrimas, e afflicçoens, que ſe naõ conſolaõ; vereis fomes, e cubiças, que ſe naõ fartaõ; vereis odios, e deſunioens, que ſe naõ pacificaõ. Oh como ſeraõ ditoſos, e remediados os pobres, ſe vós lhes acodirdes: *Beati pauperes!* Oh como ſeraõ ditoſos, e aliviados os afflictos, ſe vós os conſolardes: *Beati qui lugent!* Oh como ſeraõ ditoſos, e

ſatis-

satisfeitos os famintos, se vós os enriquecerdes: *Beati qui nunc esuritis!* Oh como serão contentes os odiados, e desunidos, se vós os concordardes: *Beati eritis cùm vos óderint homines.* Desta maneira, Santo Glorioso, por meyo de vosso amparo conseguiremos a Bemaventurança encuberta desta vida, até que por meyo da vossa intercessão alcancemos a Bemaventurança descuberta da outra. *Ad quam nos perducat, &c.*

SERMÃO
DE
N. SENHORA
DO ROSARIO,
QUE PREGOU
O P. ANTONIO
VIEIRA,
COM O
SS. SACRAMENTO
EXPOSTO.

LISBOA:
Com todas as licenças necessarias. Anno de

SERMAÕ
DE
N. SENHORA
DO ROSARIO,
QUE PREGOU
OP. ANTONIO
VIEIRA,
COM O
SS. SACRAMENTO
EXPOSTO,

No Sabbado infra Octavam Corporis Christi, e na hora, em que todas as tardes se reza o Rosario na Igreja do Collegio da Companhia de JESU do Maranhaõ, e nos Sabbados se conta hum exemplo da mesma devoçaõ, anno de 1654.

LISBOA:
Com todas as licenças necessarias. Anno de 1754.

SERMÃO

DE

N. SENHORA DO ROSARIO,

QUE PREGOU

O P. ANTONIO VIEIRA,

COMO

SS. SACRAMENTO EXPOSTO,

LISBOA:

Venter tuus ſicut acervus tritici, vallatus liliis. Cantic. 7.

§. I.

NAquelle Myſterioſo Livro, chamado vulgarmente dos Cantares, deſcreve Salamaõ em alto, e metaforico eſtyllo o Corpo myſtico da Igreja Catholica, e diſcorrendo particularmente por todos os membros, e partes, de que ſe compoem, com louvor da formoſura, e declaraçaõ do officio de cada hum, chegada finalmente áquella officina univerſal, onde ſe recebe o alimento, e convertido em ſangue ſe reparte por todo o córpo, e diz, que o ventre da Igreja he ſimilhante a hum monte de trigo, cercado, ou vallado de roſas: *Venter tuus ſicut acervus tritici, vallatus liliis.* Cantic. 7. 2. Eſte he o proprio, e natural ſentido do Texto, que propuz; no qual poſto que a palavra *liliis*, parece que ſoa, e quer dizer, lirios; entendida porém como ſe deve entender na ſua original ſignificaçaõ, he certo, que ſignifica roſas. Aſſim o pro a larga, e eruditamente em tratado particular deſta materia Tucio Lucenſe: e ſe confirma de outros dous lugares do meſmo Livro. O primeiro no Capitulo quinto, onde a Eſpoſa Santa deſcrevendo as feiçoens do ſeu Eſpoſo, e encarecendo ſua gentileza, diz: *Labia ejus lilia*; e claro eſtá, que lhe naõ havia de louvar o engraçado da boca, por ter os beiços brancos como lirios, ſenaõ encarnados como roſas, em correſpondencia do que o meſmo Eſpoſo tinha louvado nos ſeus: *Sicut vitta coccinea labia tua.* O ſegundo lugar ainda he mais expreſſo no Capitulo

Tucc. Lucenſ.

Cantic. 5. 13.

Cant. 4. 3.

Cant. 2. 2. segundo: *Sicut lilium inter ſpinas*, E a flor, que naſce entre eſpinhos, quem póde duvidar, que he a roſa, e naõ o lirio? Aſſim o commenta no meſmo verſo a Boec. liçaõ, e expoſiçaõ Chaldaica, dizendo: *Comparatus ſum roſæ, quæ inter ſpinas germinat.* Quanto mais, que o noſſo meſmo Texto o ſignifica bem claramente, porque havendo de ſervir eſtas flores de cercado, ou vallado ao trigo: *Vallatus liliis*; mal o podia defender a ſeve dos lirios, que ſaõ flores innocentes, e deſarmadas. As roſas pelo contrario ſim; as quaes como naſceraõ para Rainhas das flores, deſde logo lhes deu a natureza os eſpinhos, como por archeiros, e guarda da mageſtade; por onde diſſe Boecio: *Armat ſpina roſam*; e aſſim como eſta as guarda, e defende, a ellas podia tambem cercar, e defender o trigo.

Suppoſta eſta propriedade, em que ſó podia haver alguma duvida, ninguem duvída, que o trigo no ventre da Igreja he o Diviniſſimo Sacramento do Altar, do qual ella ſobrenaturalmente ſe alimenta, como de paõ, e vida, e por meyo do qual communica os eſpiritos vitaes, e os reparte a todos os membros de ſeu corpo, que ſaõ os Fieis Catholicos; dos Oſea. 14 8. quaes tinha dito muito antes o Profeta Oſéas: *Vivent tritico.* Nem tambem ſe póde duvidar, que as roſas, que cercaõ o trigo, ſejaõ as do Roſario, pois os meſmos Roſarios, que trazemos nas mãos, fazem hum circulo perfeito, e os myſterios de que o Roſario ſe compoem, outro circulo. Aſſim o notou o Profeta David, quando diſſe: *A ſummo Cælo egreſſio* Pſ. 18. 7. *ejus, & occurſus ejus uſque ad ſummum ejus.* Começa o Roſario no Ceo, donde ſahio o Filho de Deos pelo Myſterio da Incarnaçaõ; e dando volta por toda

da sua vida, e morte, torna a acabar no mesmo Ceo pelo Mysterio de sua gloriosa Ascensaõ; fazendo circularmente hum novo, e maravilhoso Zodíaco de melhores Constellaçoens, e mais formosas figuras das que visita, e allumea o Sol na volta, que dá ao mundo. E porque a Virgem Senhora Nossa foy a Authora, e Inventora desse Mysterioso circulo (em cujos mysterios todos teve tanta parte) por isso diz, e se gloría de ser ella a que com seus passos andou, e aperfeiçoou o mesmo circulo: *Gyrum Cæli circumivi sola.* Eccles. 24.8.

Sendo pois o trigo do nosso Texto o Santissimo Sacramento, e as rosas, que o cercaõ, o Santissimo Rosario; muita razaõ terá a devoçaõ de todos; os que com tanta piedade se ajuntaõ aqui nesta hora ao rezar, ou cantar a coros; muita razaõ, digo, terá de querer ouvir, e saber, que conveniencia, ou proporçaõ tem o Rosario com o Sacramento, e que utilidades poderaõ conseguir os que unirem entre si estas duas grandes devoçoens, e de frequentar o Sacramento, e o de rezar o Rosario? Para eu o poder declarar com o proveito de nossas almas, que desejo, e espero, no Divissimo Sacramento temos a fonte da Graça, e na Senhora do Rosario a melhor intercessora,

Ave Maria.

§. II.

Venter tuus sicut acervus tritici, vallatus liliis.

MAravilhosa foy a visaõ, que teve em sonhos Faraó, Rey do Egypto, quando vio aquellas quatorze vaccas, sete das quaes eraõ fortes, corpulentas

tas, e pingues, e as outras sete fracas, seccas, e macilentas. E ó que muito accrescentava a razaõ da maravilha, e ainda do temor, que concebeo o Rey, foy que todas pastavaõ nos mesmos campos, e ribeiras do Rio Nilo, e essas naõ seccas, mas verdes: *Et pascebantur ipsa amnis ripa in locis virentibus.* O Nilo da Igreja Catholica he a graça Divina. Esta graça, como o mesmo Nilo, se divide em sete canaes, que saõ os sete Sacramentos, por meyo dos quaes, como sete boccas, se communica a nossas almas. O Sacramento porém entre os demais, que particularmente as sustenta, he o Santissimo Sacramento do Altar, verdadeiro Corpo, e verdadeiro Sangue de Christo, que temos presente. E que grande admiraçaõ, Fiéis, que grande admiraçaõ, que grande confusaõ, e que grande temor nos deve causar olhar para as almas, que se sustentaõ daquelle pasto Divino, e ver a notavel differença dellas? Naõ fallo das que chegassem á Communhaõ em consciencia de peccado, porque naõ quero suppor taõ horrendo, e atroz sacrilegio: fallo só das almas Christãas (que as outras naõ merecem este nome,) e das que a seu parecer commungaõ Christãmente. Quantos Leigos commungaõ muitas vezes, quantos Sacerdotes celebramos todos os dias? E onde estaõ aquelles effeitos de Christo se transformar em nós, e nós em Christo: *In me manet, & ego in illo?* Grande bem do mundo seria, e grande gloria da Igreja, se de cada quatorze almas, que chegaõ ao Sacramento, fossem sete as que se aproveitassem do pasto, e se luzisse nellas; mas todas pela mayor parte cheyas de imperfeiçoens, e miserias, todas fracas, todas seccas, todas macilentas, e ainda, como diz o Texto, taes, que faz asco o olhar para ellas: *Fœdæ, confectæque macie.*

Genes. 41. 3.

Joan. 6. 57.

Genes. 41. 3.

Ora

Ora eu buscando a causa desta differença taõ notavel, e qual posla ser o defeito, ou impedimento, porque se naõ lograõ, e luzem em nós os effeitos deste Soberano Manjar, acho, que sem consciencia de peccado, a causa naõ póde ser outra, senaõ a falta de digestaõ. Comemos a Christo no Sacramento, mas naõ o digerimos. Christo Senhor Nosso disse, que o seu Santissimo Corpo no Sacramento he verdadeira comida: *Caro mea vere est cibus.* E porque? Naõ só porque foy instituido para alimento de nossas almas, senaõ tambem porque no modo de as alimentar tem as mesmas propriedades do mantimento corporal: e o mantimento corporal, que se come, e naõ se digere, por mais substancial, e exquisito que seja, naõ faz nutriçaõ, nem se converte em substancia. Lá diz o aforismo vulgar da Medicina: *Non quod ingeritur, sed quod digeritur*; que o que alimenta, nutre, augmenta, dá fórças, e vigor ao vivente, naõ he o comer, que elle toma na boca, e recebe dentro em si, senaõ o que digere. No mesmo Corpo Santissimo de Christo Senhor Nosso temos o exemplo. *Joan. 6. 56.*

Depois de resuscitado o Senhor, para prova de que era o mesmo, e que verdadeiramente estava vivo, comeo muitas vezes com seus Discipulos. Comeo com elles no mesmo dia da Resurreiçaõ, como diz S. Lucas: comeo com elles na praya do mar de Tyberiades, como diz S. Jaaõ: comeo com elles outras muitas vezes em Galiléa, de que faz mençaõ S. Pedro; e finalmente comeo com elles no ultimo dia, em que se despedio, e subio ao Céo, como se lê nos Actos dos Apostolos *Et convescens præcepit eis, ab Jerosolymis ne discederent.* Daqui se infere, ou parece se póde inferir, que Christo Senhor nosso tem hoje no *Luc. 24 41. Joan. 21. 9. Act. 1. 4. Act. 1. 4.*

Ceo

Ceo mais Carne, e mais Sangue, do que tinha quando reſuſcitou: por conſequencia, no Santiſſimo Sacramento recebemos tambem mais carne, e mais ſangue daquella, que o Senhor conſagrou na Cea. Aſſim o enſinou Durando, mas falſa, e erroneamente; porque a Humanidade Sagrada de Chriſto nenhuma couſa creſceo, nem diminuio da ſubſtancia, ou quantidade corporal, que tinha antes de morrer, e depois de reſuſcitar; mas ſempre conſervou a meſma inteireza perfeitiſſima da idade natural, a que tinha chegado. Pois ſe Chriſto depois de reſuſcitado comeo, e comeo tantas vezes; e o comer primeiro ſe converte em ſangue, e depois em carne, como naõ creſceo, nem ſe augmentou a Carne, e o Sangue da Sagrada Humanidade, nem a ſubſtancia corporal do meſmo Chriſto recebeo nutrimento, ou accreſcentamento algum? A razaõ he, como enſina a verdadeira Theologia com Santo Thomaz, porque ainda que Chriſto comia depois de reſuſcitado, e glorioſo, naõ digeria o que comia. Para haver nutriçaõ, he neceſſario, que haja digeſtaõ; e para haver digeſtaõ, e nutriçaõ, he neceſſario, que o corpo ſeja alteravel, e paſſivel: e como o Corpo reſuſcitado, e glorioſo de Chriſto era impaſſivel, e inalteravel, por iſſo ainda que comia, naõ digeria o comer, nem ſe nutria com elle.

Dur. in 4. diſt. 44. ex cenſur. Suar.

Suar. diſp. 47. ſect. 5.

Eſta he a razaõ Filoſofica, e Theologica, porque Chriſto naquelle eſtado comia, como ſe naõ comera: e o meſmo ſuccede a noſſas almas. Aſſim como o Corpo de Chriſto reſuſcitado comia os noſſos manjares, e naõ ſe nutria, nem augmentava com elles, porque os naõ digeria; aſſim nós comemos o Corpo do meſmo Chriſto, e naõ ſe lograõ em noſſas almas

mas os effeitos de taõ Soberana comida, porque a naõ digerimos. Naõ ſem myſterio ſe compara o Divino Sacramento no noſſo Texto a trigo em monte; e naõ na eira, ſenaõ no ventre: *Venter tuus ſicut acervus tritici.* Equal he o Myſterio deſta, que parece impropriedade? O Myſterio he proprio; porque muitas vezes depois de entrar aquelle Divino Paõ no interior de noſſas almas, eſtá taõ longe de ſe digerir, como ſe ainda eſtivera em trigo. E por iſſo meſmo eſtá em monte: *Sicut acervus*; porque huma Communhaõ ſobre outra Communhaõ, feitas deſte modo, fazem monte, mas naõ fazem nutriçaõ. A nutriçaõ he aquella, que reparte por todas as veyas, e membros do corpo a ſubſtancia, e virtude do que ſe come; e o meſmo faz aquelle Soberano Manjar (diz Saõ Pedro Damiaõ) quando ſe recebe naõ ſó no peito do corpo, ſenaõ no eſtomago da alma, e nelle ſe digere: *Hæ epulæ & mentis noſtræ ſtomachum ſuaviter replent, & ad præbendas vires per omnium ſe venarum poros effundunt.* Eſte ſoberano Manjar, e nectar do Ceo (diz o Santo) naõ ſó ſe recebe com grande ſuavidade no eſtomago da alma; mas dalli ſe diffunde por todas as veyas, e reparte, e communica a todos os membros do noſſo corpo a virtude, e virtudes do corpo, e membros de Chriſto, que na ſubſtancia, e realidade do que comemos, ſe encerra. Nos ólhos do que aſſim communga, apparece logo a modeſtia dos ólhos de Chriſto: na lingua, o ſilencio, e moderaçaõ das palavras de Chriſto: no coraçaõ, os affectos, e deſejos do coraçaõ de Chriſto: nos pés, a compoſtura, e madureza dos paſſos de Chriſto: nas mãos a innocencia, a manſidaõ, e a caridade das acçoens de Chriſto: e finalmente em todo o homem, que comeo

Petr. Dam. Opuſc. 12. c. 33.

a Chriſto. E qual he a razaõ, Chriſtãos, porque em muitos de nós depois de commungarmos huma, e muitas vezes, ſe naõ vem os meſmos effeitos, ſenaõ outros taõ diverſos, e totalmente contrarios? A razaõ he, como dizia, porque comemos no Sacramento a Chriſto, mas naõ o digerimos: *Ingeritur, ſed non digeritur.*

Suppoſta pois eſta falta de digeſtão, com que a mayor providencia de Chriſto em prover de taõ ſobrenatural mantimento a Republica de ſua Igreja, por culpa, e negligencia noſſa, ſe tem feito inutil, ou quaſi inutil, como o meſmo Senhor ſe queixa por boca de David, quando diſſe: *Quæ utilitas in ſanguine meo, dum deſcendo in corruptionem?* E ſuppoſto, que *Pſalm.* pela meſma falta vem as noſſas almas taõ macilen- 29. 10. tas, e deſmedradas, e ſem aquella nutriçaõ, e augmentos de eſpirito, que lhe prometteo Iſaías quando nos exhortava a comer no Divino Sacramento toda a ſubſtancia do Summo Bem: *Comedite bonum, & delectabitur in craſſitudine anima veſtra;* haverá quem dê algum remedio efficaz á noſſa debilidade, e fraqueza, com que ſuppra eſta falta de digeſtaõ taõ importante? E aſſim como da parte de Chriſto temos *Iſai. 55* ſempre prompto o Manná de ſeu Santiſſimo Corpo 2. para o comer, tenhamos tambem na noſſa parte a força, e vigor neceſſario para o digerir? Bendita ſeja, e para ſempre Bendita a glorioſiſſima Mãy de Deos, que aſſim como deu a ſeu Filho a Carne, e Sangue, de que compoz eſta Soberana iguaria, aſſim tambem, compadecida de noſſa fraqueza, nos provêo de hum remedio taõ facil, como efficaz para a inteira, e perfeita digeſtaõ delle. Eſta he, devotos da Virgem Santiſſima, a devoçaõ, que tantas vezes

vos

vos tenho exhortado neste dia seu; esta a que hoje mais particularmente vos venho inculcar em nome da mesma Senhora, e esta finalmente a proporçaõ, e conveniencia admiravel, que tem entre si o Santissimo Sacramento, e o Santissimo Rosario. Sabeis, que faz a devoçaõ do Rosario junta com a Communhaõ do Sacramento? Faz se digira em huma tudo, o que se come na outra; porque o mesmo Christo, que no Sacramento se come, no Rosario se digere. Isto he o que vos quero provar, e persuadir hoje.

§. III.

DIgo pois primeiramente, que Sacramento he o Rosario indigesto, e o Rosario he Sacramento digerido. O Sacramento he o Rosario indigesto, porque no Sacramento estaõ todos os Mysterios da Redempçaõ reduzidos a hum só Mysterio: e o Rosario he o Sacramento digerido, porque no Rosario está o mesmo Mysterio da Redempçaõ dividido, e extendido em quinze Mysterios. No Sacramento está o Rosario indigesto, porque o Corpo de Christo, que alli está realmente, está vivo, está morto, e está Resuscitado sem distincçaõ: e no Rosario está o Sacramento digerido; porque em quanto Christo vivo está a sua vida distincta em cinco Mysterios, que saõ os gozosos: em quanto morto, esta a sua morte distincta, em outros cinco mysterios, que saõ os dolorosos: e em quanto Resuscitado, está a Resurreiçaõ distincta em outros cinco, que saõ os gloriosos. Esta he a razaõ, porque o mesmo Sacramento, quando se Consagra, e offerece a Deos no Sacrosanto Sacrificio do Altar, humas vezes se

chama Myſterio, e outras Myſterios. Myſterios; porque indigeſto, e ſem diſtincçaõ he hum ſó Myſterio: Myſterio, porque digeſto, ediſtinctamente conſiderado, he, e encerra em ſi muitos Myſterios.

E porque naõ faça duvida, ou eſtranheza dizer, que no Sacramento eſtá Chriſto indigeſto, eſſa he a propriedade, e energia maravilhoſa, com que o noſſo meſmo Texto chamou ao Sacramento acervo: *Sicut acervus tritici.* Acervo propriiſſimamente quer dizer couſa indigeſta. E porque eſta propriedade conſiſte na ſignificaçaõ natural da palavra, ouçamos a hum dos melhores Authores da meſma lingua; o qual com Anthuſiaſmo poetico, naõ ſó parece, que declarou o Myſterio do noſſo Texto, mas ſobre o ſignificado delle fez juntamente hum panegyrico a Maria Santiſſima, em quanto Authora, e Inventora do Roſario. Os verſos ſaõ eſtes.

Virg. Æn.

Non digeſta pati, nec acervo condita rerum.
Sed manifeſta notis certa diſponere ſeae
Singula, Divini eſt animi.

Quer dizer: naõ conſentir, que as couſas grandes eſtejaõ indigeſtas, nem eſcondidas, ou amontoadas na confuſaõ de hum acervo, mas deſcubrillas, e manifeſtallas, com differença, e diſtincçaõ de nomes, e pôr cada huma dellas em ſeu proprio lugar, tal óbra, como eſta, he de animo verdadeiramente Divino. Duas particularidades notaveis contém eſta judicioſa ſentença. A primeira, que as couſas poſtas em acervo eſtaõ indigeſtas: *Non digeſta pati, nec acervo condita rerum.* E por iſſo eu digo, que Chriſto no Sacramento eſtá indigeſto, porque os Myſterios

rios de sua vida, morte, e Resurreiçaõ, que alli se contém, naõ estaõ repartidos, e digestos, senaõ juntos indistinctamente, e accumulados, como diz o Texto, em hum acervo: *Sicut acervus tritici.* A segunda particularidade he, que distinguir, e repartir esse mesmo acervo, e digerir essas cousas indigestas, e pôr cada huma em seu proprio lugar com notas, ou nomes certos, que as demostrem, he óbra de animo Divino: *Sed manifesta notis certa disponere sede singula, Divini est animi.* E isto he o que fez a Virgem Senhora Nossa na maravilhosa arquitectura do seu Rosario, dispondo, e ordenando os Mysterios da mesma vida, morte, e Resurreiçaõ de seu Filho, e distinguindo a differença delles com as notas, e nomes diversos de gozosos, dolorosos, e glorioso, e pondo huns no primeiro, outros no segundo, outros no terceiro lugar, assim como succedêraõ, e se foraõ continuando, e todos em numero, e correspondencia igual, para mayor harmonia de toda a fabrica.

Agora vede como digerir deste modo o indigesto, he óbra verdadeiramente de animo Divino: *Divini est animi.* A primeira óbra da Divindade, ou a primeira óbra Divina, em que Deos mostrou sua Sabedoria, e Omnipotencia, foy a criaçaõ do Universo. E como creou Deos este Mundo? Primeiro o creou todo, mas indigesto, e depois o digerio, e foy distinguindo por partes, até que ficou consummado, e perfeito. Primeiro o creou todo, e indigesto: porque primeiro creou de nada aquella materia universal, de que depois foraõ eduzidas, e geradas entre o Céo, e a terra todas as creaturas corporaes; a qual materia, bem que de algum modo já informada, porque ainda estava confusa, e indistincta, *1ª Aug. l. de Gen. ad lit.*

mais

mais por fama, que por fé chamáraõ os antigos rude, e indigesta: *Rudis, indigesta, que moles.* E depois digerio Deos este mesmo todo, porque dividido em varias partes, e ordenada cada huma dellas com o lugar, e perfeiçaõ, que naturalmente lhe convinha; entaõ ficou o mesmo Universo, naõ só taõ formoso, e admiravel, como o vemos, mas taõ util, e necessario á conservaçaõ do genero humano, como experimentamos, e gozamos. A mesma luz cercada desde seu principio em hum globo informe, e indigesto, tambem a digerio Deos depois, repartida em Sol, Lua, e Estrellas; e a mesma vida, que com nome de espirito se movia escuramente sobre os abysmos, tambem a digerio em tres vidas, vegetativa nas plantas, sensitiva nos animaes, racional no homem. E posto que nesta vida, e nesta luz primeiro indigesta, e depois digerida em tres partes, se nos offerecia huma boa, e duplicada similhança para o que diziamos de Christo no Sacramento, que he o paõ de vida, e a luz dos homens: *In ipso vita erat, & vita erat lux hominum;* para mostrar a Divindade desta óbra, ou o Divino do animo de Maria nella (*Divini est animi*) ainda havemos de subir mais alto.

Ovid. metamorph.

Joan. 1.

Saõ Zeno Veronense fallando de Deos, naõ fóra de si, como creador, mas dentro de si mesmo, como increado, disse huma proposiçaõ singular, e muito notavel; cuja intelligencia tem fatigado variamente os Doutores modernos; e posto que estes lhe tenhaõ dado muitos sentidos, ainda se deseja o proprio, e verdadeiro. A proposiçaõ he esta. *Hic est Deus noster, qui se digessit in Deum.* Este he o nosso Deos, o qual se digerio em Deos. Se Deos se digerio a si mesmo, e digerio em Deos, logo havemos de suppor, e con-

Zen. Veron lib. 5. serm. 3.

Celada Escob. & alii.

e conſiderar a Deos já indigeſto, já digeſto; indigeſto antes de ſe digerir, e digeſto depois que ſe digerio. Mas que digeſtaõ, e indigeſtaõ he, ou póde ſer eſta, que caiba, e ſe ache em Deos, e em Deos naõ fóra de ſua Divindade, ſenaõ dentro, nem em tempo, ſenaõ *Ab æterno*? Eu acho, que o Santo Padre na propoſiçaõ fallou como Theologo, na fraze, como taõ eloquente, e na metafora, como quem nos quiz declarar com ella o que expreſſamente enſina a Fé, e o entendimento naõ alcança, ſenaõ eſcuramente. Naõ cremos todos, que Deos he Trino, e Uno? Sim; pois em quanto Uno eſtá Deos indigeſto, e em quanto Trino, digeſto. Em quanto Uno eſtá indigeſto; porque com ſer Deos huma eſſencia immenſa, e infinita, he hum acto puriſſimo, e ſimpliciſſimo ſem diviſaõ, ou diſtincçaõ alguma; e em quanto Trino, eſtá digeſto; porque eſſe meſmo acto puriſſimo, e ſimpliciſſimo ſem perder nada da ſua Unidade, ſe diſtingue realmente em tres Peſſoas, taõ oppoſtas entre ſi, que nem a primeira he a ſegunda, nem a ſegunda he a terceira, nem a terceira he a primeira, ou a ſegunda. E quando fez Deos de ſi, e em ſi meſmo eſta digeſtaõ, ou como a fez? Quando ab æterno, e ſem principio, nem antecedencia, o Padre gerou o Filho, e o Padre, e o Filho produziraõ o Eſpirito Santo; e multiplicado Deos por eſte modo ineffavel em tres Peſſoas diſtinctas, o meſmo Deos, que eſtava indigeſto, e indiſtincto na Unidade Divina, ficou digeſto, e diſtincto na multiplicaçaõ da Trindade.

Neſta fórma ſe verifica metaforicamente, mas com excellente propriedade, que Deos ſe digerio em Deos: *Deus noſter ſe digeſſit in Deum*: porque *ſe digeſſit in Deum Patrem, ſe digeſſit in Deum Filium, ſe digeſſit*

digeſſit in Deum Spiritum Sanctum. E ſe Deos ſe digerio a ſi meſmo, diſtinguindo a ſua Divindade, e multiplicando a ſua Unidade em tres peſſoas; porque naõ faria a Mãy de Deos outraó bra ſimilhante em Chriſto Sacramentado, digerindo os Myſterios de ſua Humanidade, na ordem, e diviſaõ de outras tres partes diſtinctas? Santo Ambroſio, commentando o noſſo Texto, diz, que o trigo, e as roſas ambos foraõ partos da Virgem Santiſſima: *In Virginis utero ſimul acervus tritici, & lilii floris gratia germinabat, quoniam & granum tritici generabat, & lilium.* Ao trigo deu a Senhora, como May a materia, e ás roſas, tambem como Mãy, a fórma. Ao trigo deu a materia; porque deu a Chriſto a Carne, e Sangue, de que inſtituio o Sacramento; e ás roſas deu a fórma, porque dos Myſterios da vida, morte, e Reſurreiçaõ do meſmo Chriſto formou, e diſtinguio o Roſario; iſſo quer dizer: *Vallatus liliis*; porque os vallos naõ ſó ſe fizeraõ para cercar, ſenaõ tambem para dividir, e diſtinguir. Formou a Senhora hum vallo de roſas entre os Myſterios gozoſos, e doloroſos, formou outro vallo entre os doloroſos, e glorioſos, diſtinctos, e divididos aſſim, ficáraõ de tal modo digeſtos, que nós tambem os podeſſemos digerir neſta Unidade, e Trindade humana, aſſim como ſe experimentou na Divina.

Ambr. de inſt. Virg. c. 4.

Deos naõ ſó ſe digerio ab æterno, ſenaõ tambem em tempo, ſegundo a menor, ou mayor diſtincçaõ, e clareza, com que ſe deu a conhecer aos homens. Na Ley Velha ſó revelou Deos expreſſamente ao Povo de Iſrael a ſua Unidade, ſegundo aquelle Texto do Deuteronomio: *Audi Iſrael; Dominus Deus noſter, Dominus unus eſt.* E digo ao Povo; porque

Deut. 6. 4.

que Abrahaõ, Moysés, David, e outros Patriarcas, e Profetas tambem tiveraõ conhecimento, e fé explicita do Mysterio da Trindade; porque conheceraõ a Incarnaçaõ do Filho de Deos por óbra do Espirito Santo, a qual se naõ podia conhecer sem se conhecerem tambem as tres Divinas Pessoas. Porém na Ley da Graça, e ao Povo Christaõ, de tal maneira lhe revelou Deos o mesmo Mysterio da Trindade, e com tal clareza, e distincçaõ, que esse he o primeiro principio de nossa Fé, taõ commum, e vulgar a todos, que desde o Bautismo, em que começamos a ser Christãos, o confessamos: *Baptizantes eos in nomine Patris, & Filii, & Spiritus Sancti.* Supposta esta diferença, caso he digno de grande admiraçaõ, e reparo, que o Povo de Israel, em quanto durou aquella Ley, nunca jámais se aquietasse, nem estivesse firme na Fé da Unidade de Deos, idolatrando sempre, e crendo em muitos deoses; e que o Povo Christão pelo contrario sem retroceder, nem vacillar esteja firmissimo na Fé da Unidade, e Trindade do mesmo Deos, crendo juntamente, que em Deos ha tres Pessoas, cada huma dellas Deos, e que esse Deos he hum só, e naõ tres Deoses. Conhecer, que Deos he hum só, he cousa taõ clara, que até os Filosofos Gentios o alcançáraõ, e demostráraõ. Pelo contrario, crer, que o mesmo Deos, sendo hum em essencia, seja juntamente Trino em Pessoas, he cousa taõ superior a todo o entendimento creado, que ainda que haja razoens para persuadir, que naõ repugna; nenhuma ha, nem póde haver, que convença, nem demostre, que assim he, nem como he. Pois se o Povo Christão crê taõ prompta, e constantemente o que he taõ sobrenatural, e difficultoso; como o Povo Hebrêo naõ cria, nem se aquie-

Matth. 28. 19.

tava com o que era taõ natural, e taõ facil? A razaõ interior deſta differença, ſendo huns, e outros homens racionaes, e huns, e outros com lume de Fé, ninguem haverá, que a dê cabalmente, porque he reſervada ſó a Deos; mas o que a nós nos enſina, e demoſtra a evidencia experimental, he, que em quanto Deos ſe deu indigeſto, naõ o poderaõ digerir os homens; porém depois que ſe deu digeſto, logo o digeriraõ. Já vimos, que Deos em quanto Uno era indigeſto, e em quanto Trino, digeſto. E em quanto Deos ſe deu aſſim indigeſto áquelle Povo, era taõ difficultoſo de digerir, que mais facilmente digeriaõ páos, e pedras, quaes eraõ os Deoſes, porque deixavaõ ao verdadeiro Deos. Porém depois que ſe deu digeſto nas tres Peſſoas da Santiſſima Trindade, de tal maneira o abraçaõ, e digerem, e convertem na propria ſubſtancia as almas Chriſtãas, que antes perderáõ mil vezes a vida, que duvidar a verdade deſte altiſſimo Myſterio, quanto mais negallo.

Na Fé do Divino Sacramento, por mercê de Deos, nenhum de nós duvída; mas quanto aos effeitos da nutriçaõ eſpiritual, para que foy inſtituido, a meſma differença, que ſe experimentou em Deos, ſe experimenta igualmente em Chriſto, ou indigeſto, ou digerido. Ouvi huma ſentença de S. Jeronymo milagroſa a eſte intento. Naquelle famoſo milagre dos cinco paens fez Chriſto Senhor N. hum como enſayo do que depois havia de fazer na conſagraçaõ de ſeu Corpo: do primeiro diz Saõ Mattheus: *Benedixit, & fregit, & dedit diſcipulis panes*; e do ſegundo o meſmo Saõ Matheus: *Accepit panem, & benedixit, ac fregit; deditque diſcipulis.* Que o Senhor no primeiro caſo partiſſe o paõ, aſſim era neceſſario, porque partido ſe havia de mul-

Matt. 14. 19.
Matth. 26. 26.

multiplicar, e repartir á multidaõ de tanta gente; mas Christo no Sacramento naõ se parte *Non confractus, non divisus, integer accipitur*; pois porque partio aqui o Senhor o que já naõ era paõ, assim como lá partio o paõ? Porque ainda que Christo no Sacramento se naõ parte, para nós o havermos de digerir, e elle nos haver de alimentar, convém, e he necessario, que do modo, que póde ser, o dividamos em partes, e sendo hum só Mysterio, o repartamos em muitos Mysterios. Exquisitamente S. Jeronymo: *In frusta discerpitur, & ejus in medium mysteria proferuntur, ut quod integrum non alebat, divisum in partes alat.* Quando Christo partio o Paõ consagrado, naõ se partio a si mesmo, porque se naõ parte, nem póde partir no Sacramento; mas o que partio, e dividio em varias partes foraõ os Mysterios, que naquelle mysterio estaõ occultos, e encerrados; querendo, que sahissem a luz, e nos fossem manifestos: *In frusta discerpitur, & mysteria in medium proferuntur.* E isto a que fim, ou para que? Aqui está o milagroso do pensamento: *Ut quod integrum non alebat, divisum in partes alat.* Para que o mesmo Christo, que inteiro, e indigesto naõ alimentava, partido, e digesto nos mesmos mysterios, alimente, e faça a nutriçaõ, para que foy instituido. Naõ disera mais, nem melhor o Doutor Maximo se já em seu tempo houvera o Rosario, e fallará delle. E isto foy o que finalmente fez a Virgem Santissima, manifestando o que estava occulto, dividindo o que estava inteiro, e digerindo o que estava indigesto em Christo Sacramentado, e distinguindo com as rosas do seu Rosario o trigo, que estava em monte no Sacramento: *Sicut acervus tritici vallatus liliis.*

D. Hieron. in c. 14. Matth.

§. IV.

TEmos visto em commum como o Sacramento he o Rosario indigesto, e o Rosario o Sacramento digerido; e que assim como por meyo do Sacramento comemos a Christo por meyo do Rosario o digerimos. Resta agora ver como se faz esta Soberana digestaõ, e como nós havemos deajuntar o Rosario ao Sacramento, para que por meyo della recebaõ nossas almas a nutriçaõ, e augmento espiritual, para que o mesmo Sacramento, e o mesmo Rosario foraõ instituidos. Cousa notavel, e naõ assaz ponderada he; que entendendo-se o nosso Texto de Christo Sacramentado (como álem do já allegado S. Ambrosio, S. Ildefonso, Ricardo, Honorio, Guilhelmo, Alano, e outros sentem hoje commummente todos os Expositores modernos) cousa muito notavel he, digo, que o mesmo Sacramento neste lugar se compara a trigo, e naõ a paõ: *Sicut acervus tritici.* Christo Senhor Nosso consagrou seu Corpo debaixo de especies de paõ, e por isso lhe chama paõ em muitos lugares do Evangelho; pois porque razaõ no nosso Texto, em que se nos representa cercado de rosas, se naõ compára tambem a paõ, senaõ a trigo? Porque assim como o trigo antes de chegar á ser paõ, depende de muitas diligencias, que se haõ de obrar, e fazer nelle; porque se hade moer, amassar, e cozer; assim para que as nossas almas recebaõ do Divino Sacramento aquella perfeita nutriçaõ, e augmento de virtudes, que o mesmo Senhor deseja, e de que ellas estão taõ faltas, como vimos, e por isso fracas, e macilentas, naõ basta só que Christo tenha feito para nós este Soberano alimento, mas he necessario tambem, que

Amb. Ilde-ph. Ri-char. Honor. Guil. Alan.

que nós o façamos. Naõ vos admire a proposiçaõ, porque he certa; e della ficareis entendendo hum lugar difficultoso do Evangelho, que póde ser naõ tenhais entendido, nem ouvido.

No Capitulo sexto de S. Joaõ, tratando Christo Senhor N. largamente do novo, e nunca imaginado manjar, que havia de compor de seu Corpo, e Sangue para sustento de nossas almas, exhortando-nos ao caso, que delle haviamos de fazer, diz assim: *Operanimi, non cibum, qui perit, sed qui permanet in vitam æternam, quem Filius hominis dabit vobis.* Todos andais occupados em buscar, e fazer de comer para esta vida, que se acaba: o que vos aconselho, he, que façais o comer, que eu vos hey de dar, o qual permanece por toda a vida eterna. Este comer, que permanece por toda a vida eterna, que Christo ainda naõ tinha dado, mas havia de dar, he o Santissimo Sacramento, de que fallava; e assim o entendem todos os Padres. Pois se este comer era o Santissimo Sacramento, e Christo he o que o faz, como diz que o façamos nós: *Operamini cibum, quem Filius hominis dabit vobis?* A razaõ já está dada, e he a que eu dizia. Porque ainda que Christo he o que fez este novo genero de comer, que he sustento da vida eterna, e da sua parte já está feito; para as nossas almas se nutrirem, e augmentarem com elle, quanto haõ mister, he necessario da nossa parte, que tambem nós o façamos. Da parte de Christo já está feito o que a Theologia chama *ex opere operato*; mas da nossa parte he necessario, que nós tambem façamos o que he, e se chama *ex opere operantis. Operamini cibum, qui non perit, sed permanet in vitam æternam, quem Filius hominis dabit vobis.* Assim como o comer corporal por mais feito, e bem preparado que esteja, naõ basta, que o ho-

Joan. 6. 27.

Chrs. Aug. Cyr. Alex. Anth. Theph. D. Th. Eonav. Rupert.

o homem o coma, ſe as potencias interiores do meſmo homem, que ſaõ os inſtrumentos da nutriçaõ, naõ obrarem; da meſma maneira para as noſſas almas ſe nutrirem, e cobrarem forças, naõ baſta que communguem a Chriſto no Sacramento, ſe os meſmos Myſterios, que o Senhor tem obrado, ellas os naõ tornarem a obrar com todas as ſuas potencias. E iſto he o que ſe faz no Roſario.

Ariſt. Galen. Ariſtoteles, e Galeno deſcrevendo a fabrica da nutriçaõ, para a qual formou a natureza varias officinas, e inſtrumentos, reduzem toda a operaçaõ delles a tres potencias principaes; huma, que recebendo retem, outra que alterando aſſemelha, outra que unindo converte; e tudo iſto óbra o Roſario por meyo das tres potencias de noſſa alma nos Myſterios da vida, morte, e Paixaõ de Chriſto, de que elle ſe compoem; e naõ ſó em todos, ſenaõ em cada hum. Com a potencia da memoria recebe, e retem o Myſterio por meyo da apprehenſaõ: com a potencia do entendimento altera-o, e aſſemelhao a ſi (ou a ſi a elle) por meyo da meditaçaõ; e com a potencia da vontade converte-o, e uneo-o em ſi meſma por meyo da imitaçaõ. Parecervos ha por ventura novo modo eſte de rezar o Roſario; e naõ he novo, nem modo, ſenaõ a verdadeira ſubſtancia delle, e o fim, para que a Virgem Senhora noſſa o ordenou, e inſtituio. Naõ inſtituio a Senhora o Roſario para o rezarmos ſó com a boca, e com tanta preſſa, como ſe paſſaõ as Contas; mas para ter na memoria os Myſterios, para os meditar, e cuidar nelles com grande conſideraçaõ, para os tomar por exemplo, e os applicarmos a noſſas vidas.

Quanto á memoria, eſta foy a primeira, que Chriſto Senhor noſſo nos encõmendou, quando inſtituio o SS.

SS. Sacramento: *Hæc quotiescumque feceritis, in mei memoriam facietis.* Naõ referem estas palavras os Evangelistas, mas recebeo-as a Igreja, que as poem no Canon da Missa por tradiçaõ dos Apostolos, que se achárão presentes: e S. Paulo, que naõ esteve presente, as escreveo depois por revelaçaõ do mesmo Christo: *Hoc facite in meam commemorationem.* E porque fez menção o Senhor sómente da memoria? Por ventura porque excluio as outras duas potencias? Não; mas porque a memoria he aquella, em que se faz a primeira decocçaõ deste Soberano Manjar. Já S. Pedro Damiaõ nos disse, que elle se recebe com grande suavidade no estomago de nossa alma: *Hæ epulæ mentis nostræ stomachum suaviter replent.* E que he o estomago da alma? Santo Agostinho excellente Filosofo da memoria no lo ensinou, e já antes delle o tinha definido Platão: *Memoria est animæ ventriculus.* O estomago da alma he a memoria; porque assim como no estomago do corpo se recebe, e retem o comer corporal, e alli se faz a primeira decocçaõ, assim esta potencia he a primeira, que ha de receber, e recolher dentro em si o Divino Sacramento, lembrando se naõ de passagem, senaõ muito de vagar (como se faz no corpo) e representando á alma quem he o que está presente naquelle Mysterio, e os Mysterios Altissimos, que nelle se encerraõ. E porque os accidentes Sacramentaes nos encobrem, e aufei taõ dos ólhos a presença de Christo; a memoria, cuja propriedade he fazer presentes as cousas ausentes, no lo ha de fazer presente.

2. Cor. 11 24.

Petr. Dam. Supra, Aug. Plat.

Porque cuidais, que disse Christo Senhor Nosso, que elle está em quem o come; e quem o come está nelle: *Qui manducat meam carnem, & bibit meum sanguinem, in me manet, & ego in illo?* Saõ Bernardino com

Joan. 6. 57.

com ſingular penſamento diz, que naõ ſó ſignificou o Senhor neſtas palavras o effeito da graça, que nos communica no Sacramento, ſenaõ o da memoria, que nos pedia nelle; porque o effeito da memoria he levarnos aos auſentes, para que eſtejamos com elles, e trazellos a elles a nós, para que eſtejaõ comnoſco. Lembrai-vos do amigo auſente, que eſtá em Portugal, e no meſmo ponto vós eſtais lá com elle, e elle eſtá cá comvoſco, porque lá vos levou a memoria, e cá o tendes no penſamento. O meſmo faz a memoria no Divino Sacramento, e em todos ſeus Myſterios: *Debemus Chriſtum ſpiritualiter manducare* (diz o Santo) *incarnationem videlicet, converſationem, & ejus ſalutiferam Paſſionem devote ruminando ſicut ipſe nos docuit dicens: Qui manducat meam carnem, in me manet, & ego in illo.* De ſorte que eſtando nós em Chriſto, e Chriſto em nós por memoria, em todos os Myſterios de ſua Incarnaçaõ, Vida, Morte, e Reſurreiçaõ, eſtamos preſentes com elle. Se vos lembrais do Myſterio da Incarnaçaõ, eſtais com Chriſto em Nazareth: ſe do Myſterio da Viſitaçaõ, eſtais com Chriſto nas montanhas de Judéa: ſe do Myſterio do Naſcimento, eſtais com Chriſto no Preſepio de Bethelem; ſe do Myſterio da Apreſentaçaõ, eſtais com Chriſto no Templo de Jeruſalem; ſe do Myſterio do meſmo Senhor Menino perdido, e achado, eſtais com Chriſto outra vez no meſmo Templo. Paſſando dos Myſterios gozoſos aos doloroſos, ſe vos lembrais de Chriſto orando, ſuando Sangue, eſtais com elle no Horto de Gethſemaní: ſe de Chriſto atado a huma columna, e afrontado com açoutes, eſtais com elle no Pretorio de Pilatos: ſe de Chriſto veſtido por eſcarneo de Purpura, e coroa-

Bern. tom. 2. Serm. 55.

roado de espinhos, estais com elle em outra parte do mesmo Pretorio: se de Christo com a Cruz ás costas, estais com elle nas ruas de Jerusalem: se de Christo crucificado, e morto, estais com elle no Calvario. Finalmente chegando aos Mysterios gloriosos, se vos lembrais de sua gloriosa Resurreiçaõ, estais com Christo á porta do Sepulchro, no caminho de Emmaús, e no Cenaculo dos Apostolos: se de sua admiravel Ascensaõ, estais com Christo no Monte Olivete, e sobre as nuvens: se da vinda do Espirito Santo com enchente de dons, e graças, estais com Christo á dextra do Padre: se da Assumpçaõ de sua Santissima Mãy, estais com Christo acompanhando seu triunfo na entrada do Ceo; e se de sua Coroaçaõ, e Exaltaçaõ, que he o ultimo Mysterio, estais com Christo coroando-a Rainha dos Anjos na Gloria, e por Senhora, e advogada nossa neste desterro.

Isto he o que obra a memoria só com a simples apprehensaõ dos Mysterios. E o entendimento que faz? Olha para elles com grande consideraçaõ meditando-os, e por meyo desta vista considerada, e attenta se assemelha ao que vê, que he o effeito da segunda decocçaõ. Assim o diz, e ensina Saõ Dionysio Areopagita: *Aperiet enim, si communionem ejus cupimus, in vitam ejus, quam in carne vixit, intueri, & similitudine sanctitatis ad habitum divinæ virtutis recurrere.* Notay a palavra *intueri*, e a palavra *similitudine*, porque da vista, com que o entendimento na communhaõ medita os Mysterios de Christo, nasce a similhança, com que alterando-se a alma, isto he, mudando-se em outra, os retrata em si, e se assemelha a elles. No Ceo, diz Saõ Joaõ, que havemos de ser similhantes a Deos, *Dion. Areop. c. de cõmun.*

porque o havemos de ver assim como he: *Similes ei erimus, quoniam videbimus eum sicuti est.* De sorte, que
1. Joan. 3. 2. Deos visto no Ceo he como hum espelho ás aves las; porque naõ he elle o que se hade fazer similhante a nós, senaõ nós os que havemos de ser similhantes a elle. E isto, que entaõ ha de ser por meyo da visaõ beatífica, e vista clara de Deos, isso mesmo he o que agora fazemos por meyo da meditaçaõ, e vista escura do Sacramento. Oh se viramos, e consideraramos attentamente o que debaixo daquelle Divino Paõ se encerra, quaõ augmentadas, e bem nutridas haviaõ de andar as nossas almas, que hoje se vem taõ desmedradas, e desfalecidas! Comemos com os ólhos do entendimento, e da consideraçaõ fechados, e por isso se naõ luz, nem logra o que comemos. Ouvi a Salamaõ: *Aperi oculos tuos, & saturare panibus.* Abri os olhos, e comey de tal modo o paõ, que fiqueis abastado, e satisfeito. E que paõ he este, que naõ farta, nem satisfaz, nem se logra, se se naõ come com os
Prov. 20. 13. olhos abertos? Daqui infere S. Jeronymo, que este Paõ he o do Santissimo Sacramento, e naõ o paõ cõmum, de que nos sustentamos: *Neque enim credendum est, quod præcipitur vescentibus, ut ad comedendum hunc panem, quo corpora nutriuntur, oculos aperire debeant.* Mas por esta mesma razaõ parece, que nos havia de mandar Deos, que fechassemos os olhos, e naõ que os abrissemos, porque o Sacramento do Altar he por antonomasia o Mysterio da Fé, e a Fé ha de ser cega, e crer a ólhos fechados. Assim he. Mas por isso mesmo nos manda Deos, que abramos os olhos; porque se naõ hade contentar com o nosso entendimento só com crer o que naõ vê naquelle Mysterio, com os olhos fechados, mas com ver, e considerar muito attentamente

te os Mysterios, que nelle se encerraõ com os olhos abertos: *Oportet nanque* (diz Euthymio) *non simpliciter eo intueri sed aliud quidpiam imaginari, & interioribus oculis ea aspicere tanquam mysteria.* Euth. ibi.

Assim vê com os olhos interiores a alma; e assim contempla, e considera os profundissimos Mysterios da Vida, Morte, e Resurreiçaõ de Christo, que naquelle compendio de maravilhas naõ tanto da Omnipotencia, quanto da Bondade Divina, estaõ pelo Sacramento occultos, e pelo Rosario manifestos. E que alma haverá taõ esquecida de seu aproveitamento espiritual, que vendo naquelle Divino Espelho humas imagens taõ differentes da sua, naõ estranhe, e aborreça a sua fealdade, e se procure assemelhar a ellas: *Vitam, quam in carne vixit, intueri, & similitudine ad habitum Divinæ virtutis recurrere?* Dion. Areop. sup. Que alma haverá taõ enferma, ou queixosa da fragilidade da carne, que á vista do Mysterio da Incarnaçaõ naõ conheça, que, se quizer, a póde fazer Divina? Que alma taõ envelhecida no peccado, que vendo a Christo hir santificar ao Bautista, e livralo antes de nascer, de hum peccado, que naõ leva ao Inferno, se naõ queira emendar dos seus para o resto da vida, que naõ sabe quanto ha de durar? Que alma taõ cubiçosa dos bens deste mundo, que á vista do Creador delle na pobreza de hum Prezepio se naõ contente com a sua fortuna, ainda que lhe pareça escaça? Que alma taõ indevota, e pouco inclinada á Igreja, e Culto Divino, que vendo a Christo Menino de quarenta dias presentado, e offerecido a Deos no Templo, se naõ venha presentar, e offerecer diante de seus Altares muito frequentemente? Que alma taõ negligente em ouvir a palavra de Deos,

que vendo a Sabedoria Eterna, naõ ſó ouvindo aos Doutores, mas perguntando-lhes, como ſe naõ ſoubera, ſenaõ queira achar no lugar da doutrina, onde o meſmo Senhor foy achado? Que direy dos Myſterios doloroſos? Que alma haverá taõ pegada á propria vontade, que vendo ao Filho Unigenito do Padre dizer-lhe huma, e tres vezes entre ſuores de ſangue: Naõ ſe faça a minha vontade, ſenaõ a voſſa; naõ ſacrifique ao meſmo Padre, e ao meſmo Filho a ſua? Que alma taõ eſcrupuloſa nas materias de honra, que vendo ao Supremo Monarca do Univerſo atado a huma columna, e publicamente açoutado, naõ tenha deſejo de tomar na boca o nome de afronta? Que alma taõ vãa, e altiva de penſamentos, que vendo aquella Sacroſanta, e tremenda Cabeça, que governa com hum aceno o Ceo, e a terra, traſpaſſada de eſpinhos, ſe atreva ainda a ſer preſumida? Que alma taõ immortificada, e inimiga de padecer, que vendo a ſeu Redemptor com huma Cruz ás coſtas para a ſalvar, e ajoelhado com o pezo della, recuze fazer alguma penitencia por ſua ſalvaçaõ? Que alma taõ livre em ſuas acçoens, ou taõ diſſoluta em ſuas liberdades, que vendo ao todo Poderoſo com os pés, e mãos pregadas em hum madeiro por ſeu amor, ſe naõ deixe prender do meſmo amor; e ſe ate ao cravo de ſeus pés, para nunca mais ſe ſoltar? E ſe taes effeitos produz a conſideraçaõ dos Myſterios doloroſos, que naturalmente cauſaõ horror, que fará a formoſura, e agrado dos glorioſos? Que alma haverá taõ enganada dos feitiços deſta vida mortal, cheya de tantas miſerias, que á viſta de hum Chriſto reſuſcitado, e glorioſo naõ aſpire á immortal? Que alma taõ pezada, e abraçada com a terra, que

á viſ-

á viſta do meſmo Senhor ſubindo ao Ceo naõ queira tambem voar, e ſubir com elle? Que alma taõ fria no eſpirito, e taõ eſquecida de que he alma, que á viſta do fogo do Eſpirito Santo em chammas vivas ſe naõ accenda em deſejo de ſeus divinos dons, e de creſcer em ſua graça? Que alma emfim taõ puſillanime, e pouco generoſa, que á viſta do triunſo da Mãy de Deos no dia de ſua glorioſiſſima Aſſumpçaõ, e da Suprema coroa, que recebeo á mão direita de ſeu Filho em premio dos trabalhos, com que o ſervio, e acompanhou neſta vida, ſe naõ aliſte na familia da meſma Senhora, ao menos, com o foro de eſcravo, debaixo de huma obrigaçaõ taõ leve como a de rezar o ſeu Roſario, para ſer participante das meſmas glorias.

Deſta maneira ſe aſſemelha a alma no manjar, que come, com a meditaçaõ attenta de ſeus Myſterios; e eſtando já ſimilhante pela operaçaõ do entendimento, entra a terceira, e ultima, que he a vontade, na qual ſe aperfeiçoa, e conſumma a nutriçaõ, unindo-ſe o que communga, e medita, ao meſmo Chriſto comido, e meditado, e incorporando-ſe nelle. Diganos iſto compendioſamente Saõ Bernardino de Sena; porque do q̃ fica declarado na primeira, e ſegunda decocçaõ ſe entende ſem nova repetiçaõ eſta ultima: *Ex tali recogitatione conſurgit incorporatio, dum cogitans amorem Chriſti reficitur, cui ex charitate conjungitur, eique magis, ac magis ſimilatur, & incorporatur.* Naõ podia concluir o Santo, nem com mais propriedade, nem com mayor clareza o que digo. Com a meditaçaõ do entendimento creſce, diz elle, o amor na vontade (conforme o Texto de David: *Concaluit cor meum intra me, & in meditatione mea* Bern. Pſalm. 38. 4.

uea exardeſcet ignis) e com eſte calor ſobrenatural, que he o inſtrumento immediato de todas as tres digeſtoens, ſe une o que communga por caridade a Chriſto; e quanto mais ſe aſſemelha pelo entendimento a elle, tanto mais ſe incorpora pela vontade com elle: *Eique magis, ac magis aſſimilatur, & incorporatur.*

E ſe me diſſerdes, que commungais, e naõ experimentaes eſtes effeitos; eſſa he a ultima confirmaçaõ de tudo, o que tenho dito, e da razaõ, que tive para prègar, mais que nenhuma outra, eſta materia. E porque naõ creais a experiencia das voſſas tibiezas, ouvi a Saõ Bernardo naõ rara, e ſó de alguma vez, ou muitas vezes, ſenaõ de todos os dias: *Quotieſcunque ad hoc Sacramentum accedo, décoquor cum immutor, digeror cùm transformor, unior cùm conformor.* Todas as vezes que chego ao Santiſſimo Sacramento, diz o devotiſſimo Bernardo, alli me mudo, alli me aſſemelho, alli me transformo. E porque modo ſe mudava; porque modo ſe aſſimilhava; porque modo ſe transformava aquella alma pura? Por digeſtaõ, por concocçaõ, e por uniaõ; que ſaõ as tres operaçoens, com que ſe aperfeiçoa a nutriçaõ da alma, como a do corpo: por digeſtaõ: *digeror*: por concocçaõ; *decoquor*: por uniaõ, *unior*. E para que ninguem duvide, que tudo ſe conſegue pela virtude do Roſario, e meditaçaõ delle: tudo iſto diſſe Saõ Bernardo, commentando aquelle lugar dos Cantares, em que ſe diz, que o Senhor Sacramentado ſe apaſcenta entre roſas: *Qui paſcitur inter lilia*; que he o meſmo ſentido do noſſo Texto: *Sicut acervus tritici, vallatus liliis.*

Bern. Serm. 6. in Cant.

Cant. 6. 2.

§. V.

§. V.

TEnhovos mostrado, devotos do Santissimo Rosario, a harmonia, que elle tem com o Santissimo Sacramento, diante de cujo Sacrario, e da Imagem da Senhora o cantais aqui, ou rezais a Córos todos os dias nesta hora. O que por conclusaõ vos peço em nome do mesmo Christo Sacramentado, e da mesma Virgem do Rosario, he que para conseguir os effeitos daquelle Divino Manjar, vos naõ contenteis só com as vozes do que rezais, senaõ com huma meditaçaõ muy attenta de seus Soberanos Mysterios. As rêzes, que Deos escolheo para os antigos Sacrificios, em que se representava o de seu Corpo, e Sangue, eraõ sómente aquellas, que depois de comer tornaõ a ruminar, ou remoer aquillo mesmo, que comeraõ. E que nos quiz Deos significar nesta escolha, e separaçaõ de animaes, excluindo todos os outros? Saõ Cypriano: *De cæna Domini celebrantes Sacramenta commonemur quasi ruminans pecus, revocare ad fauces quæ sumpsimus.* Quiz nos Deos ensinar, e admoestar com esta ceremonia (diz Saõ Cypriano, e o mesmo diz Saõ Gregorio) que todos aquelles, que participaõ da Cea do Senhor, que he o Santissimo Sacramento, haõ de ser como os animaes escolhidos para o Sacrificio; e que assim como estes depois de comer tornaõ a remoer muito devagar o que comeraõ; assim nós depois de commungar havemos de meditar, e considerar com muita attençaõ, de quem he aquelle Corpo, e Sangue, e quaes faõ os Mysterios de nossa Redempçaõ, que com elle, e por elle foraõ obrados. Assim o tinha

Cypr. Lev. 11

tinha profetizado já no tempo dos meſmos ſacrifi-
Oſeæ 8. 14. cios o Profeta Oſéas: *Super triticum, & vinum ruminabunt.* Haõ-ſe de pôr a ruminar ſobre o paõ, e ſobre o vinho; ſobre o paõ, que he o Corpo de Chriſto conſagrado debaixo de eſpecis de paõ; e ſobre o vinho, que he o Sangue do meſmo Chriſto conſagrado debaixo de eſpecies de vinho: e naõ ſó diz, que o haõ de comer, ſenaõ que, ſobre comido, o haõ de ruminar: *Super triticum, & vinum ruminabunt.*

Dirá porém algum Critico, que parece naõ fallou o Profeta com propriedade; porque Chriſto Senhor Noſſo fallando deſte Paõ, e deſte Vinho Sacramentado, diſſe: *Qui manducat meam carnem, & bibit meum ſanguinem:* Quem come a minha carne, e bebe o meu ſangue; e o que ſe rumina he o que ſe come, e naõ o que ſe bebe. Mas neſta meſma, que parece impropriedade, declarou o Profeta admiravelmente qual era o Paõ, de que fallava, que he o Corpo de Chriſto, e qual o Vinho, que he o ſeu precioſiſſimo Sangue derramado por noſſo amor, e por noſſo remedio, e por iſto digniſſimo de ſer ruminado, e conſiderado com profundiſſima attençaõ. Olha quam expreſſamente o diſſe a Alma Santa, ajuntando o meſmo ruminar com o meſmo vinho: *Guttur tuum ſicut vinum optimum, dignum dilecto meo ad potandum, labiiſque, & dentibus illius ad ruminandum.* Para que ſe veja, que o vinho, de que fallava o Profeta, he o vinho, que ſe bebe, e ſe rumina: *Ad potandum, & ruminandum.* E declarando Alberto Magno, que vinho he eſte, que ſe ha de ruminar, e qual he o modo, com que ſe hade de ruminar, diz aſſim: *Quia diu per cordis, & mentis iterationem debet ruminari Sacramentum ſæpe ad mentem revocando, & conſiderando.* De

Cant. 7. 6.

Alberti Mag. in hunc locum.

ſorte

sorte, que o vinho, que se ha de ruminar; he o Sangue de Christo, e o modo, com que se ha de ruminar, he meditando, e considerando naõ de passagem, e de corrida, senaõ muito de vagar, e com grande attençaõ os Mysterios do mesmo Sangue, preço de nossa Redempçaõ, que saõ todos os do Rosario: porque na Incarnaçaõ tomou o Filho de Deos a nossa carne, e sangue; na Paixaõ padeceo na carne, e derramou o sangue; e na Resurreiçaõ tornou a unir o Sangue á Carne, que he tudo, o que contém no Sacramento o Corpo, e Sangue de Christo, e tudo, o que nós no Rosario digesta, e distintamente consideramos.

E se me perguntardes quando se ha de fazer esta meditaçaõ, e qual he o tempo, em que se haõ de ruminar estes Mysterios? (que he ponto muito essencial nesta materia) naõ faltará por ventura quem cuide, que o tempo he sómente quando acabamos de receber a Christo no Sacramento; e assim parece, que o quiz dizer Saõ Cypriano: *Quasi ruminans pecus, revocare ad fauces quæ sumpsimus.* Mas eu digo, que ha-de ser depois de commungar, e antes de commungar, e sempre, e todos os dias. Naõ deixamos dito, e provado, que o mesmo Christo, que se come no Sacramento, se digere no Rosario? Pois assim como o Rosario se reza todos os dias, assim o Sacramento se digere todos os dias, e se ha de ruminar todos os dias. O primeiro, que commungou o Sacramento, foy o mesmo Christo, quando o instituio na Cea: que ruminasse o Senhor seu proprio Corpo Sacramentado, naõ ha duvida: porque aquella Communhaõ foy a mais perfeita, e o exemplar das nossas; mas parece, que o ruminou pouco tempo, porque depois de commungar teve poucas horas de vida.

Assim o imaginava tambem eu; quando Saõ Paulino, contemporaneo do mesmo Saõ Cypriano, me ensinou o que ultimamente vos disse, com estas admiraveis palavras: *Salvator noster simul hanc nobis escam & ruminavit docens, & prompsit impertiens.* Christo Salvador nosso (diz o Santo) deunos o Sacramento na hora, em que o instituio, mas ruminou o mesmo Sacramento, em todo o tempo, que nos ensinou. O tempo, em que Christo nos ensinou, foraõ os ultimos tres annos de sua vida; a hora, em que instituio o Sacramento, foy pouco antes da sua morte; e aquelle mesmo Sacramento, que instituio, e commungou huma só vez, e em huma só hora, esse andou ruminando tres annos inteiros, em que nos ensinou os Mysterios, que nelle estaõ encerrados: *Nobis & ruminavit docens, & prompsit impertiens.* Quantas vezes ensinou Christo o Mysterio de sua Incarnaçaõ, quantas o de sua Paixaõ, quantas o de sua Resurreiçaõ (que saõ os mesmos do Rosario) e tudo isto antes do Sacramento? Depois de instituir o Sacramento, e se commungar a si mesmo nelle, tudo, o que ensinou aos Discipulos, foy huma repetiçaõ dos mesmos Mysterios, os quaes tambem reduzio áquelle breve circulo, em que no principio mostrámos recopilados os do Rosario: *Exivi à Patre, & veni in mundum, iterum relinquo mundum, & vado ad Patrem.* De maneira, que antes do Sacramento, e depois do Sacramento sempre o Senhor o ruminou, para nos ensinar a que tambem o façamos assim, naõ só depois de commungar, senaõ antes, e sempre. Os que commungaõ de oito em oito dias haõ de ruminar aquelles Mysterios todos os dias da semana, e os que commungaõ de mez em mez, todos os dias do mez: e isto sem mudar,

S. Paulin. in quandã epist.

Joan. 16: 28.

ou

ou accrescentar outro exercicio, senaõ meditando, e ruminando attentamente o mesmo Rosario, que rezaõ. Dos que só commungaõ de anno em anno, naõ fallo, porque estes nem saõ devotos do Rosario, nem do Sacramento, e se póde duvidar se saõ Christãos.

Finalmente, para que conste a todos, quanta differença vay dos que meditaõ estes Sagrados Mysterios aos que naõ meditaõ, e dos que ruminaõ, ou naõ ruminaõ o que commungaõ, e comem no Divinissimo Sacramento, vejaõ huns, e outros o differente fôro, em que o mesmo Senhor os recebe quando o recebem. Muito he de reparar, que quando Christo Redemptor nosso entrou neste mundo naõ só entrou como humanado, senaõ como Sacramentado; em fé de que elle era o Paõ vivo, q̃ desceo do Ceo para nos dar vida: *Ego sum panis vivus, qui de Cælo descendi: si quis manducaverit ex hoc pane, vivet in æternum.* Por isso naõ nasceo o Senhor em outra Cidade, senaõ na de Belem, nem em outro lugar de Belém, se naõ em hum Presepio. Em Belém, porque Belem quer dizer, *Domus panis;* Casa de Paõ; e em hum Presepio, ou mangedoura, como trigo, que nasce entre as palhas. Assim que com verdadeira propriedade podemos dizer, que a Lapa de Belém foy a primeira Capella do Santissimo Sacramento, e a mangedoura, ou Presepio o primeiro Sacrario. A hum, e outro lado deste pobre, e riquissimo Sacrario, parece, que haviaõ de assistir dous Querubins, como aos lados da Arca do Testamento; mas já o Profeta Habacuc tinha dito, que naõ haviaõ de ser senaõ dous animaes: *In medio duorum animalium cognosceris.* E se perguntarmos a Isaias, que animaes haviaõ de ser, ou foraõ estes, responde, que hum boy, e hum jumento: *Cognovit bos possessorem.*

Joan. 6. 51. & 52.

Habac. 3. 2. LXX.

Isai. 1. 3

ſeſſorem ſuum, & aſinus Præſepe Domini ſui. Pois ſe Chriſto vinha em fórma, ou repreſentaçaõ de Sacramentado, porque quiz, que os animaes, que o aſſiſtiſſem, naõ foſſem da meſma, ſenaõ de differente eſpecie, e hum delles nomeadamente boy, e outro jumento? Para que neſta meſma differença ſe conheceſſe o differente fôro, que tem na Caſa do Paõ do Ceo, os que de hum modo, e de outro ſe chegaõ a elle. O boy he animal, que rumina; o jumento he animal, que naõ rumina; e da meſma maneira entre os que chegaõ á Meſa do Divino Sacramento ha huns, que ruminaõ, e meditaõ aquelles Sagrados Myſterios; e outros, que os naõ ruminaõ, nem meditaõ. Mas aſſim como o boy, que rumina, ha animal eſtimado de Deos, e eſcolhido para o ſacrificio; e o jumento, que naõ rumina, reprovado, e excluido; aſſim eſtima o meſmo Senhor, e ſe agrada muito dos que meditaõ, e ruminaõ ſeus Myſterios; e pelo contrario, dos que os naõ ruminaõ, nem meditaõ, poſto que os naõ exclua, naõ ſe agrada; porque mais commungaõ como jumenntos, que como homens. Veja agora cada hum ſe quer ficar neſte fôro.

Da Virgem Senhora Noſſa no Preſepio diz o Evangeliſta, que dentro da ſua alma meditava, e conferia o meſmo Myſterio, ponderando todas as circunſtancias delle: *Maria autem conſervabat omnia verba hæc; conferens in corde ſuo.* E porque o meſmo fazia em todos os outros, e quer, que nós tambem o façamos, como Meſtra Divina deſte Soberano exercicio da Meditaçaõ, e Oraçaõ, as ajuntou ambas no ſeu Roſario; para que aſſim como conta por conta himos rezando as Oraçoens, que lhe ofe-

ferecemos em cada hum dos passos da Vida, Morte, e Resurreiçaõ do seu Bemditissimo Filho, assim, e com muito mayor vagar, e attençaõ meditemos parte por parte os Mysterios delles, e os vamos trasladando, e imprimindo no mais interior de nossas almas. Oh ditosas, e bemaventuradas aquellas, que por este modo, verdadeiramente celestial, digerirem o paõ do Ceo, que recebem no Divinissimo Sacramento! Porque assim o converteráõ, ou se converteráõ na sua propria substancia, e lográraõ perfeita saude, e sobrenatural nutriçaõ, que nas tibias, indevotas, e miseraveis se naõ luz, pelo comerem indigesto.

O principal Mysterio dos que se encerraõ no Santissimo Sacramento, he o de sua Morte, e Paixaõ; porque se naõ morrera, naõ importara o ter nascido; e tambem se naõ morrera, naõ Resuscitara, nem nos levara comsigo ao Ceo. Por esta razaõ nos encarrega tanto Saõ Paulo, que quando commungamos, meditemos a morte do Senhor; *Quotiescunque enim manducabitis panem hunc, & calicem bibetis, mortem Domini annuntiabitis.* E esta sacratissima morte de infinito preço, se com a meditaçaõ, e consideraçaõ della a naõ digerirmos, aproveitanos-ha alguma cousa para a emenda da vida? Taõ pouco, como a nossa mesma morte; se a tomamos a vulto, e indigesta, sem considerar o que he, e o que havemos de ser. Ouvi a Saõ Zeno fallando de Adam: *Sacræ arboris pomum malè dulce delibavit, lacrymas reperit, dolores, & gemitus, spinas, & tribulos sibimet comparavit, ultimoque sudore turbatu posteris hæreditatem indigestæ mortis dereliquit.* Comeo Adaõ da Arvore vedada, e digerio o Pomo em la-

1. Cor. 11. 26.

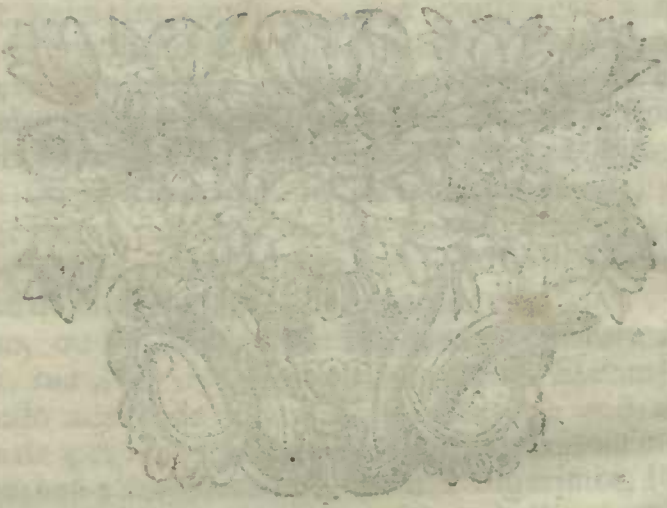
Zeno Veron. serm. de Pas.

lagrimas, em gemidos, em dores, em eſpinhos, e nos ſuores, a que foy condemnado para comer o triſte paõ, de que ſe ſuſtentaſſe; e o peyor de tudo foy, que a nós ſeus deſcendentes nos deixou por herança a morte indigeſta: *Indigeſtæ mortis hæreditatem poſteris dereliquit.* E que quer dizer, que Adam naõ ſó nos deixou por herança a morte, ſenaõ a morte indigeſta? Quer dizer o que elle fez, e o que nós fazemos. Quando Deos notificou a Adam a ſentença de morte no caſo, em que comeſſe, o que elle devia fazer, era conſiderar muito de propoſito, e digerir primeiro comſigo, que couſa era a que Deos chamava morte; ſendo certo, que ſe bem o conſiderara, nunca ſe atreveria a comer; mas elle tragando indigeſtamente a morte, comeo o Pomo crú ſobre o indigeſto; e porque eſta morte aſſim indigeſta foy a que elle nos deixou por herança, por iſſo peccamos taõ ſem temor, como elle peccou. O mais efficaz remedio para naõ peccar, he a conſideraçaõ da morte, por onde havemos de entrar, ou ao Ceo, ou ao Inferno para ſempre: *Memorare Noviſſima tua, & in æternum non peccabis.* E com tudo vendo nós cada dia morrer a tantos, naõ deixamos de peccar. Porque? Porque eſſa meſma morte viſta naõ a conſideramos, nem a digerimos. Pois aſſim como a noſſa morte nos naõ emenda por falta de digeſtaõ, e conſideraçaõ, aſſim tambem a Morte, e Paixaõ do meſmo Chriſto, a quem comemos no Sacramento, nos aproveita pouco, porque de tal modo o comem muitos, como ſenaõ eſtiveſſe alli.

Eccleſ. 7. 40.

Seja pois a concluſaõ de tudo; que unindo a meditaçaõ do Roſario com o Santiſſimo Sacramento, e a Communhaõ do Santiſſimo Sacramento com o Ro-

o Rosario, digiraõ as nossas almas em hum, o que comem no outro; de tal sorte, que aquelle Divino Paõ cresça em nós á grandeza de hum monte: *Sicut acervus tritici.* E das Rosas, com que a Virgem do Rosario o cerca nesta vida: *Vallatus liliis*, nos teça na outra, como faz a seus devotos, huma coroa de Gloria, &c.



SERMAÕ

NA SEGUNDA FEIRA DEPOIS
da ſegunda Dominga

DA QUARESMA

QUE PREGOU

O MUITO REVERENDO PADRE

ANTONIO VIEIRA,

DA COMPANHIA DE JESU,

Em Torres-Vedras andando em Miſſaõ
anno de 1652.

LISBOA:

Com todas as licenças neceſſarias. anno de 1754.

SERMÃO

NA SEGUNDA FEIRA DEPOIS
da Segunda Domingã

DA QUARESMA

QUE PREGOU

O MUITO REVERENDO PADRE

ANTONIO

VIEIRA,

DA COMPANHIA DE JESU,

Em Torres-Vedras andando com Milhão

anno de 1652.

LISBOA:

Com todas as licenças necessarias. Anno de 1754.

Ego vado, & quæretis me, & in peccato veſtro moriemini
Joan. 8.

§. I.

ENntre as famoſas, e eſcuras viſoens do Apocalypſe he notavel a de huma Aguia, a qual diz o Texto:, que voando pelo meyo do Ceo, repetio tres vezes a grandes vozes eſta naõ ſey ſe diga pequena, ſe grande palavra *Væ: Et vidi, & audivi vocem unius Aquilæ volantis per medium Cœli, dicentis voce magna: Væ, væ, væ. Væ* quer dizer ay, e repetir a Aguia tres vezes, *væ vâ: væ*, foy dizer outras tantas vezes, ay, ay, ay. Mas ſe a Aguia voava pelo meyo do Ceo, *volantis per medium Cœli*, e no Ceo naõ póde haver dor, nem triſteza, que ays ſaõ eſtes, que ſe ouvem no Ceo? A meſma Aguia declarou, que a cauſa dos ays naõ eſtava no Ceo, ſenaõ na terra, *Væ, væ, væ habitantibus in terra*: Ay, ay, ay ſobre os habitadores da terra. De ſorte que os males, que davaõ motivo aos ays, ou foſſem males padecidos, ou ameaçados, naõ pertenciaõ aos moradores do Ceo, ſenaõ aos da terra. Eſta declaraçaõ porém naõ tira a duvida; porque os ays ſaõ ſinal de dor, e triſteza, e no Ceo, como ſe diz no meſmo Apocalypſe, naõ póde haver triſteza, nem dor: *Neque luctus, neque clamor, neque dolor erit ultra, quia prima obierunt.* Que ays eraõ logo eſtes, e taõ repetidos no Ceo? Reſponde literalmente Aretas, que os ays naõ eraõ de propria, e verdadeira dor, ou triſteza, de que naõ he capaz a gloria, mas de compaixaõ, e piedade

Apoc. 21. 4.

Condoendo-se os Bemaventurados, quanto lhe he possivel, e lamentando as desgraças, e miserias, a que estamos sujeitos os homens, em quanto vivemos neste mundo. *Tripliciter væ propter cælestium erga nos condolentiam, propter quam etiam potissimùm væ ipsis triplicatur, ad signandam lamentationem maximam, quam nostri gratiâ suscipiunt, tanquam ob suos conservos, adeòque contigit ut illi effluenti tristitia afficiantur.* Atéqui Aretas, que escreveo ha novecentos annos, hum dos mais doutos, e graves Commentadores do Apocalypse, cujas palavras ainda saõ mais apertadas, e encarecidas do que eu refiro no sentido dellas.

E porque o juizo, que os Bemaventurados fazem das que nós chamamos desgraças, e miserias, he muito differente dos nossos; com muita razaõ se me póde perguntar, que desgraça, e miseria humana será principalmente aquella, que os obrigue aos Bemaventurados na segurança do Ceo a se condoer tanto de nós, e lamentar com taõ repetidos ays o perigo dos que vivemos na terra? Confiadamente respondo, que naõ he, nem póde ser outra, senaõ o descuido continuo da salvaçaõ, com que vivem os peccadores, e a impenitencia final, com que acabaõ a vida, e morrem em seu peccado. Provo. He verdade de fé, affirmada por boca do mesmo Christo, que quando hum peccador se converte com verdadeira penitencia de seus peccados, se fazem mayores festas no Ceo, do que lá se festeja, e celebra a innocencia de noventa e nove justos, que naõ tem necessidade de penitencia: *Gaudium erit in Cælo super uno peccatore pœnitentiam agente, quam super nonaginta novem justis, qui non indigent pœnitentia.*

Luc. 15. 7.

tia. Logo, se a penitencia de hum peccador verdadeiramente arrependido se celebra no Ceo com tantas demonstraçoens de festa, e alegria, que outro motivo igual póde haver, que cause lamentaçoens, e taõ repetidos ays no mesmo Ceo, senaõ a vida habitualmente depravada dos peccadores, e a impenitencia ultima, e final, com que morrendo como vivem, se perdem para sempre, e se condemnaõ? Assim se deve crer, e assim o torno a affirmar; nem quero outra mayor, ou melhor confirmaçaõ do que digo, que he a authoridade do mesmo S. Joaõ, nem outras palavras suas, senaõ as que tomey por Thema: *Ego vado, & quæretis me, & in peccato vestro* 21. *moriemini.* *Joan.*

Perguntaõ os Expositores do Apocalypse, quem era, ou significava aquella Aguia, que bradava a grandes vozes, *Væ, væ, væ?* E resolve Lyrano, Aurelio, e outros, que era o mesmo Saõ Joaõ, ao qual entre os quatro Evangelistas representados nos quatro animaes do Carro de Ezequiel, pertence a Aguia. De maneira, que o mesmo Saõ Joaõ era a Aguia, que vio, e Aguia, que foy vista no Apocalypse. E se aquella Aguia disse: *Væ, væ, væ,* segue-se que o mesmo Saõ Joaõ, que a vio, e ouvio, disse tambem o que ella disse. Mas quando? Verdadeiramente que naõ póde haver correspondencia nem mais igual, nem mais propria. S. Joaõ primeiro escreveo o Apocalypse, e depois o Evangelho. E assim como no Capitulo do Apocalypse vio a Aguia, e ouvio o que dizia, assim hoje no Capitulo tambem oitavo do seu Evangelho disse o que ouvio, para que nós o ouçamos, Lá fallou a Aguia com tres ays: *Væ, væ, væ;* & cá explica S. Joaõ aquel-

aquelles tres ays com outros tres, que ſaõ as tres clauſulas do noſſo Thema: *Ego vado*, o primeiro ay; *& quæretis me*, o ſegundo; *& in peccato veſtro moriemini*, o terceiro. As palavras, que diſſe a Aguia do Apocalypſe, naõ foraõ ſuas, ſenaõ de Deos, o qual lhas poz na boca, para que com ſobrenatural inſtincto as dearticulaſſe; e do meſmo modo eſtas palavras, que refere S. Joaõ no Evangelho, naõ ſaõ ſuas, ſenaõ de Chriſto, o qual as tinha denunciado em Jeruſalem antes que elle as eſcreveſſe. Naõ queriaõ aquelles homens obſtinados crer, que era Filho de Deos, e o verdadeiro, e eſperado Redemptor de Iſrael: e como a todos os argumentos de ſua Divindade cerraſſem os ouvidos, e a todas as evidencias de ſua Omnipotencia os olhos, já que aſſim he, conclue o Senhor, eu me irey deſte mundo, e vos deixarey; mas virá tempo, em que me buſqueis, e naõ me acheis, e todos morrereis em voſſo peccado: *Ego vado, & quæretis me, & in peccato veſtro moriemini.*

Eſta ſentença profetica ſe cumprio pontualmente nos Judeos, e ſe vay cumprindo ainda nos que obſtinados, e impenitentes vivem, e morrem na meſma cegueira. Mas porque naõ baſta ſó a fé a impedir a meſma deſgraça a que ſe naõ extenda a muitos Chriſtãos, para que eſtes ouçaõ, conheçaõ, e temaõ a tempo o ſeu perigo, ajuntaremos aos tres ays de S. Joaõ as tres partes da ſentença de Chriſto, que elle refere; e verá cada hum claramente ſe cahem, ou pódem cahir eſtes ays ſobre a ſua vida, e morte. *Væ* Ay de vós aquelles, que ſordes deixados de Deos: *Ego Vado Væ*, Ay de voz aquelles, que o haveis de buſcar debalde, *& quæretis me!*

Væ

Væ! Ay de vós aquelles, que morrerdes no vosso peccado, *& in peccato vestro moriemini!* Da temerosa consideraçaõ destes tres ays se comporáõ os tres pontos do nosso discurso, bastante cada hum delles a fazer temer o mundo, a quebrar as pedras, e derreter os bronzes. Mas porque sem a graça de Deos ainda ha coraçoens mais duros; peçamola ao Espirito Santo por intercessaõ da cheya de graça. *Ave Maria*

§. II.

AO primeiro *Væ* da Aguia, e ao primeiro Ay de S. Joaõ responde a primeira clausula da sentença de Christo, em que diz o mesmo Senhor que ha deixar aquelle ingrato, e obstinado Povo, com quem fallava, e se ha de ir: *Ego vado.* Oh que terrivel ameaço! ó que lastimosa despedida! Agora se cumprio o que o mesmo Christo em quanto Deos por boca de Oséas tinha profetizado ao mesmo Povo, e com o mesmo ay: *Væ eis, cum recessero ab eis:* Ay delles, quando eu me apartar delles! Só quem pudesse comprehender aquelle *Ego*, entenderia bastantemente o que encerra em si este *Væ.* O *væ* he o eu trocado, e assim como o eu significa o summo bem, assim o *væ* he huma summa abbreviada de todos os males. Nem com vosco ha mal, que para mim seja mal, nem sem vós póde haver bem que para mim seja bem, dizia a Deos Santo Agostinho. Se Deos, que me deo o ser, e de quem depende quanto sou, quanto posso quanto tenho, se apartar de mim, que ha de ser de mim? Quem naõ penetrar o fundo desta verdade, nem tem fé, nem entendimento. Vede que bem a entendeo David, e tambem seus inimigos. *Ose. 9. 12.*

Con-

Considerando-se David nos ultimos annos da velhice, compoz o Psalmo setenta, em que fez esta oraçaõ a Deos: *Ne projicias me in tempore senectutis; cum defecerit virtus mea ne derelinquas me. Quia dixerunt inimici mei mihi, & qui custodiebant animam meam, consilium fecerunt in unum, di-*
Psal. 70 9. 10. 11. 12. *centis: Deus dereliquit eum, persequimini, & comprehendite eum, quia non est qui eripiat. Deus, ne elongéris à me.* Peçovos, Senhos, que no tempo da velhice, quando me faltarem as forças, naõ me lanceis de vós, nem me deixeis. Porque meus inimigos se uniraõ, e fizeraõ conselho contra mim, no qual disseraõ: Deos deixou a David, agora he tempo de o perseguirmos, e lhe tirarmos a vida, porque naõ tem quem o livre, nem defenda: pelo que vos peço, Senhor, que naõ vos aparteis de mim. Duas grandes ponderaçoens se encerraõ nestas palavras. A primeira o fundamento, que tomaõ os inimigos de David no seu conselho para o destruirem a seu salvo; a segunda, o soccorro, que David pede a Deos para se defender, e prevalecer contra elles. O fundamento do conselho dos inimigos he que Deos deixou a David: *Deus dereliquit eum,* e o soccorro, que David pede a Deos, he que o naõ deixe, nem se aparte delle, *Ne elongeris à me.* De sorte q̃ em Deos se apartar, ou naõ apartar de David assim no seu juizo, como no de seus inimigos, consistia ou a sua vida, ou a sua morte; ou a sua destruiçaõ, ou a sua felicidade; ou todo seu bem, ou todo seu mal. Bem pudera o conselho dos inimigos de David discorrer, e dizer prudentemente: Agora he a occasiaõ de prevalecermos contra elle; porque aquelle valor, e brio, com que vencia, e matava os Gigantes,

car-

carregado com o pezo dos annos, e cansado com os trabalhos da vida, já está enfraquecido, e frio: agora he a occasiaõ, porque pertendendo por huma parte Adonias, e por outra Salamaõ succeder-lhe na Coroa, naõ só está dividido o Reyno, mas vacillante a fé dos vassallos entre duas parcialidades; agora he occasiaõ, porque estando criminoso Joab pelas duas mortes de Abner, e Amaza, e tendo o governo das armas, antes se quererá defender com ellas, que exporse desarmado ao castigo. Mas nem destas, nem de nenhuma outra consideraçaõ politica fizeraõ caso, e toda a resolouçaõ do seu conselho se fundou em Deos ter deixado a David, como suppunhaõ: *Deus dereliquit eum, & non est qui eripiat*; e do mesmo modo David nem pedio a Deos a fidelidade dos vassallos, nem a concordia das parcialidades, nem o acerto da successaõ, nem a obediencia do General, e sujeiçaõ do exercito, senaõ huma, e outra vez que Deos o naõ deixasse, nem se apartasse delle: *Ne derelinquas me, ne elongeris á me*; porque se Deos o naõ deixasse, nem se apartasse delle, em qualquer estado, e perigo das cousas humanas estava seguro; e pelo contrario, deixado, e apartado de Deos, nem todo o mundo, ainda que o tivesse por si, o poderia defender, nem livrar: *Non est qui eripiat.*

E se queremos ver a verdade deste discurso de David, e seus inimigos reduzida á pratica, e canonizada na experiencia, ponhamos diante dos olhos a famosissima historia de Sansám na primeira, e segunda parte de sua vida, ou em quanto conservou inteiros os seus cabellos, ou depois que os teve cortados. He caso, que parece fabuloso, se

naõ fora da Escritura Sagrada. Em quanto conservou os cabellos, era taõ valente Sanſáõ, que com as mãos nuas metidas dentro nas bocas dos Leoens, lhes partia os queixos, e os lançava mortos aos pés, era taõ valente, que cerrando as portas da Cidade de Gaza os Filiſteos para o prenderem dentro, elle tambem ſem outro inſtrumento que as mãos, quebrou os ferrolhos, e tomando as meſmas portas aos hombros, lhas foy pôr ſobre hum monte á viſta: era taõ valente, que cercado de hum grande exercito dos meſmos Filiſteos, com a queixada, que alli achou de hum jumento, matou naõ menos que mil delles; era taõ valente, que dormindo, e atado com ſete cordas, huna vez de linho nunca uſadas, outra vez de nervos crus, outra cravadas fortemente na terra, ſó com o movimento de eſpertar rompeo taõ facilmente aquellas ataduras, que poderaõ ter maõ em ſete Elefantes, como ſe foraõ têas de aranha. Póde haver mayor maravilha, mayor aſſombro, mayor prodigio de forças? Naõ ſe póde imaginar mayor, nem já mais o houve. Aſſim era aquelle ſó homem o terror, e o medo univerſal das Cidades, e dos exercitos da mais forte, e bellicoſa naçaõ daquelle tempo. Voltemos agora a folha á meſma hiſtoria, e veremos outro aſſombro mayor. Vedes levar prezo, e maniatado hum miſeravel com o roſto derribado para a terra, e com a cabeça eſcalvada, e ſem cabello? Pois aquelle he o meſmo Sanſáõ: porque huma mulher o entregou a ſeus inimigos, e elle o ſeu ſegredo a huma mulher. Lá o levaõ a hum carcere, cujas cadeyas naõ pode quebrar, e cujas portas naõ pode abrir: lá lhe arrancaõ ambos os olhos, com que de novo lhe ataõ

as

as mãos, que á naõ temiaõ; delá ó tiraõ para moer em huma atafona como jumento, ou esquecidos, ou lembrados da queixada do outro; e para mayor escarneo, e afronta do que tantas vezes os afrontou, nos dias de festa publica o mandavaõ bailar nos seus banquetes; e aquelle mesmo Sanſáõ, ao som de cujo nome emudeciaõ as trombetas dos exercitos dos Filisteos, agora baila diante delles ao som das suas gritarias.

Oh mudança estupenda, e inaudita, e mais estupenda ainda pela causa, que pelo effeito! Em Sanſáõ naõ houve outra mudança, que conservar, ou naõ conservar os cabellos. E he possivel, que só porque perdeo os cabellos, perdesse o valor, as forças, e a virtude, com que obrava tantas maravilhas? E que a fama, e gloria, que com ellas tinha ganhado, se convertesse em tal extremo de miseria, e infamia? Sim, e naõ; porque debaixo desta causa exterior, que se via, havia outra principal, e occulta, que era haverse Deos apartado, e deixado a Sanſáõ. O mesmo Texto Sagrado o diz expressamente. Depois que Dálila lhe tinha cortado os cabellos, sem o mesmo Sanſáõ o sentir, porque estava dormindo, ao brado de que os Filisteos vinhaõ sobre elle, espertou sem nenhum temor, cuidando, que se livraria das suas mãos taõ facilmente como as outras vezes; mas naõ sabia, diz o Texto, que Deos se tinha apartado delle: *Nesciens quòd recessisset ab eo Dominus.* Estay agora no caso, e na verdadeira causa daquella taõ notavel mudança. Sanſáõ era de Religiaõ, e profissaõ Nazareno, cujo instituto principalmente consistia em conservar, e nunca cortar os cabellos. Assim o de- *Judic.* 16. 20.

 clarou

clarou elle a Dálila quando lhe descubrio o segredo: *Ferrum nunquam ascendit super caput meum, quia Nazaræus, ideſt, consecratus Deo ſum ab utero matris meæ.* E como naquella ceremonia, e proteſtaçaõ exterior conſiſtia a obſervancia do ſeu inſtituto, em quanto conſervou os cabellos, aſſiſtio-o Deos; tanto que ſe ſujeitou a que lhos cortaſſem, a partouſe delle. De ſorte, que a fortaleza dos braços de Sanſáõ, e as maravilhas, que com ella obrava, naõ era virtude natural, que os ſeus cabellos tiveſſem, mas concurſo, e influxo particular de Deos, com que pela obſervancia da ſua profiſſaõ ſobrenaturalmente lhe aſſiſtia. Aſſiſtido Sanſáõ de Deos, era o terror de ſeus inimigos, a fama, o aſſombro, e o milagre da valentia; e pelo contrario deixado de Deos era o ludibrio, e eſcarneo dos meſmos inimigos, e naõ ſó o exemplo mais raro da mudança, mas o deſpojo mais vil da fraqueza, do deſprezo, e da miſeria. Aſſim levanta Deos a quem aſſiſte, aſſim fica quem elle deixa; e aſſim ficou o ingrato, e infelice Povo, a quem hoje diſſe havia de deixar: *Ego vado.*

Ibid. 17.

§. III.

COm muita razaõ (quando naõ houvera outra) deixou Chriſto aquelles, que ſendo ſeus, como diz Saõ Joaõ, o naõ recebèraõ: *In propria venit, & ſui eum non receperunt.* E ſe perguntarmos quando ſe cumprio a palavra *Ego vado*, e quando teve ſeu effeito eſta partida, e deſpedida do Senhor, deixando naõ as pedras de Jeruſalem, ſenaõ os ſeus habitadores mais duros que ellas? Segundo a hiſtoria de Joſepho, ſe póde reduzir ao tempo do cerco, e deſ-

Joan. 1, 11.

deſtruiçaõ da meſma Cidade por Tito, e Veſpaſiano; porque entaõ ſe ouvio claramente ſahir do Templo huma voz, que dizia: *Migremus hinc*, vamonos daqui; para que conſtaſſe aos de dentro, e aos de fóra, que deixava, e deſamparava aquella caſa, que em todo mundo era conhecida por ſua. Aſſim diſſe fingida, mas racionavelmente o Poeta, que antes de ſe abrazar Troya, a deixáraõ, e ſahiraõ della os Deoſes Tutelares da meſma Cidade: *Exceſſére adytis omnes, ariſque relictis, Dii, quibus imperium hoc ſteterat.*

Más o certo he, que o tempo, em que Deos deixou aquelle ingratiſſimo Povo, foy o meſmo, em que elles o puzeraõ em huma Cruz, e o meſmo Senhor que da ſua carne, e do ſeu ſangue tinha tomado o corpo mortal, deo a vida tambem por elles. Ouvi, e ouç ó os meſmos a clareza, com que o tinha profetizado o ſeu Profeta Jeremias: *Reliqui domum meam; dimiſi hæreditatem meam; dedi dilectam animam meam in manu inimicorum ejus.* Jeruſalem, e Judéa era a que antigamente ſe chamava a Caſa, e a herdade de Deos; e diz agora o meſmo Deos, que naõ só deixou a ſua Caſa, e renunciou, e abrio maõ de ſua herdade, ſenaõ que a ſua propria vida entregou nas mãos de ſeus inimigos, porque tudo ſuccedeo juntamente, e no meſmo dia, em que Deos ſe entregou nas mãos de ſeus inimigos, morréo prégado por elles em huma Cruz, neſſe meſmo dia deixaraõ de ſer Caſa ſua, e herdade ſua, porque neſſe meſmo dia os deixou, e os lançou de ſi. E para que ſe veja o extremo da dor, com que Chriſto na meſma Cruz, e no meſmo dia ſentio ver deixado por Deos, e lançado de ſua protecçaõ hum Povo, a que tan-

Jerem. 12. 7.

tanto amava, e pelo qual tanto tinha padecido, ponderemos humas palavras do meſmo Senhor, ditas naquella occaſiaõ, variamente interpretadas, e no ſentido, que quero dizer, propria, e verdadeiramente entendidas.

A quarta palavra de Chriſto na Cruz foy: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquiſti me?* Deos meu, Deos meu, porque me deixaſtes? E como deixou Deos, ou pode deixar a Chriſto? Quanto á Divindade, naõ; porque a uniaõ da Peſſoa Divina com a natureza humana he indiſſoluvel, e eterna. Quanto á graça, tambem naõ; porque a meſma graça, e gloria, que recebeo na Incarnaçaõ, e tem hoje no Ceo, teve, e conſervou na Cruz. Nem ſe diz coherentemente, que foy Chriſto deixado de Deos, porque o naõ livrou das dores, e affrontas daquelle tormentoſo ſupplicio, porque elle as aceitou, e ſe offereceo a elle voluntariamente; *Oblatus eſt, quia ipſe voluit.* E ſe quizera que o Padre o livrara, e defendera de todo o poder de ſeus inimigos, baſtando para iſſo hum Anjo, lhe daria mais de doze Legioens, como diſſe o meſmo Senhor a Saõ Pedro: *An putas, quia non poſſum rogare Patrem, & exhibebit mihi pluſquam duodecim Legiones Angelorum?* Pois ſe Chriſto naõ foy deixado de Deos nem pela deſuniaõ da Divindade, nem pela ſubtracçaõ da graça, nem pela negaçaõ do auxilio, e ſoccorro exterior, e muito menos pelo interior da virtude da conſtancia, e da paciencia; porque ſe lamenta o animoſiſſimo, e fortiſſimo Redemptor de Deos o ter deixado: *Ut quid dereliquiſti me?* A razaõ foy, porque eſtas palavras diſſe-as Chriſto, quaſi á hora nona, em que expirou, como nota Saõ Mattheus: *Et circa horam no-*

Matth. 24. 46.

Iſai. 53. 7.

Matth. 26. 53.

Matth. 29. 46.

nonam clamavit Jesus voce magna, dicens: Deus meus, ut quid dereliquisti me? E naquella mesma hora deixou Deos, repudiou, e lançou de si a naçaõ Hebréa, e passou a sua fé, seu culto, a sua Igreja do Povo Judaico para o Gentilico. Assim o significou na mesma hora o véo do Templo, que cubria o Sancta Sanctorum, rasgando-se, e assim o ensinaõ Saõ Jeronymo, Santo Ambrosio, Origenes, Theophilato, Euthimio, e o confirma com authoridade Pontificia Saõ Leaõ Papa: *Per veli scissionem repudiatos vos, ô Judæi, debuistis agnoscere, & omne jus Sacerdotii perdidisse. Adeo tunc à lege ad Evangelium, à Synagoga ad Ecclesiam, à multis sacrificiis ad unam hostiam, quæ Deus est, ejusdem est facta translatio.* *Matth. 29. 46.*

E porque Christo era de naçaõ Hebréa, e Deos naquella hora deixava, e lançava de si a mesma naçaõ, por isso na mesma hora se lamentou que Deos o deixava a elle. Quando Sáulo perseguia a Igreja, disse Christo: *Sáule, Sáule, quid me persequeris?* Pois assim como Sáulo perseguia a Christo, porque perseguia o seu corpo mystico, que he a Igreja, assim Deos deixava a Christo, porque deixava aquelle corpo natural, e politico, de que elle tomára a carne, e sangue, que era a naçaõ Hebréa: *Ut Quid dereliquisti me? idest, meum genus, meum populum Judæorum, qui secundum carnem mihi cognati sunt,* disse com singular pensamento Theophilato. E porque esta razaõ, que eu tenho pela mais propria, natural, e genuina do Texto, naõ fique só no testimunho de hum Author, posto que taõ qualificado, eu a confirmo com outros dous, e da mayor authoridade de toda a Igreja. Os Evangelistas, que relatáraõ este caso, foraõ S. Mattheus, e Saõ Marcos, e ambos *Actor. 9. 4.*

bos com outra ſingularidade mayor eſcreveraõ as palavras de Chriſto na lingua, que naquelle tempo era a vulgar dos Hebréos, em que o Senhor as diſſe, *Eli, Eli, lamà ſabatáni.* Leaõ-ſe todos os Evangeliſtas, e todas as ſentenças, que elles referem de Chriſto, e nenhuma ſe achará eſcrita na lingua Hebraica, ſenaõ eſta, em que o Senhor ſe lamentava de Deos o ter deixado. Qual he logo o myſterio, porque ſó eſta ſe eſcreveo naquella lingua, e naõ ſó por hum dos Evangeliſtas, ſenaõ por ambos os que referem o caſo? Sem duvida para que entendeſſemos, que Chriſto ſe queixou, ou manifeſtou aquelle ſeu ſentimento, naõ em quanto repreſentava na Cruz a todo o genero humano, ſenaõ em quanto fazia as partes do Povo Judaico. Chriſto na Cruz como ſegundo Adam, e pagador das ſuas dividas, repreſentava a todo o genero humano, o qual entaõ ſe dividia ſómente em dous Povos o Gentilico, e o Judaico. E como Deos entaõ lançava de ſi o Povo Judaico, e paſſava a ſua Igreja ao Gentilico, por iſſo com taõ ſingular novidade quizeraõ declarar os Evangeliſtas, que quando aſſim ſe queixou o Senhor, naõ fallava em nome de todo o genero humano, ſenaõ do Povo Judaico ſómente, como quem actualmente eſtava vertendo o ſangue, que delle tinha tomado.

Matth. 27. 46. *Matt.* 15. 34.

Oh que admiravelmente concorda com eſta lamentaçaõ de Chriſto em quanto Homem aquelle *væ* do meſmo Chriſto em quanto Deos por boca do Profeta Amós, que no principio referimos: *Væ eis, cum receſſero ab eis!* Onde a noſſa Vulgata diz: Ay delles, quando eu me apartar delles, a verſaõ Hebraica tem: Ay delles, quando eu tomar a carne

del

les: *Væ eis, cum caro mea ex eis!* Assim trasladaõ os Setenta, aos quaes seguem todos os Padres, principalmente Gregos. Pois porque Deos se havia de unir tanto com os Hebrêos, que havia de tomar carne delles, por isso diz: Ay delles, e que se ha de apartar delles: *Væ eis, cum recessero ab eis?* Sim; Assim como foy a mayor felicidade do genero humano fazerse Deos homem, assim foy a mayor desgraça dos Hebrêos fazerse Deos homem da sua naçaõ. Porque antes de Deos se fazer homem, muitas vezes quiz deixar, e lançar de si os Hebrêos pelas grandes occasioens, que para isso lhe déraõ com as suas ingratidoens, mas sempre lhes perdoou. Porém depois que se fez homem da sua naçaõ, e elles foraõ taõ proterva, e obstinadamente impios, que tomando delles o Corpo, e Sangue, o Corpo pregáraõ em huma Cruz, e o Sangue o derramáraõ, entaõ se fizeraõ indignos de todo o perdaõ. Ouvi quam descuberta, e sentidamente lho declarou o mesmo Senhor: *Jerusalem, Jerusalem, quæ occidis Prophetas, & lapidas eos, qui ad te missi sunt.* Ah Jerusalem, Jerusalem, que matas, e apedrejas os Profetas, por meyo dos quaes te chamou Deos, e te quiz unir a si! *Quoties volui congregare filios tuos, quemadmodum gallina congregat pullos suos sub alas, & noluisti?* E quantas vezes quiz eu fazer o mesmo chamando os teus filhos, como a ave mais amorosa chama os seus para os abraçar comsigo, e os meter debaixo das azas, e tu naõ quizeste? Mas, pois tu me naõ quizeste a mim, tambem eu te deixarey a ti: *Ecce relinquetur vobis domus vestra deserta.* Porque depois deste dia me naõ verá mais Jerusalem, senaõ quando eu fizer nella a ultima entrada, que será *Matth.* 23. 37. *Ibid.* 38.

tambem a ultima deſpedida: *Dico enim vobis, non me videbitis amodo, donec dicatis: Benedictus qui venit*
Ibid 39 *in nomine Domini.* Entaõ o viraõ para nunca mais o verem, porque entrou em Jeruſalem para morrer, e morreo para a deixar, e ſe ir: *Ego vado.*

§. IV.

MIſeravel foy Jeruſalem, e ſobre toda a miſeria miſeravel, quando Deos a lançou de ſi, e a deixou. E acabouſe entaõ aquella miſeria? Naõ. Porque na meſma Jeruſalem, que acabou, era ſignificada a alma, que naõ acaba, (á qual tantas vezes na ſagrada Eſcritura ſe dá o meſmo nome de Jeruſalem) e naõ he menor, nem menos laſtimoſa, mas digna de ſer lamentada com mayores ays a miſeria de qualquer alma, quando Deos ſe aparta della, e quando verdadeiramente ſe póde chamar alma deixada de Deos. Que ſuccede ao corpo quando delle ſe aparta a alma? Tem olhos, e naõ vê; tem ouvidos, e naõ ouve: tem lingua, e naõ falla; tem pés, e naõ anda: tem mãos, e naõ obra; tem coraçaõ, e naõ vive; e iſſo meſmo he o que acontece ao homem, de quem ſe aparta Deos, que he a Alma da noſſa Alma. Cego para naõ ver o que lhe convém; ſurdo para naõ ouvir os ditames da verdade; mudo para naõ confeſſar ſeus peccados, ou ſó por ceremonia, e ſem emenda: paralitico, e tolhido de mãos, e pés para naõ fazer acçaõ, nem dar paſſo, que naõ ſeja para ſua perdiçaõ. Perdido nos penſamentos, perdido nas palavras, perdido nas obras, e dentro, e fóra de ſi todo, e em tudo perdido. Conſideraime hum homem ſem uſo de razaõ, e hum

e hum Christão sem lume de Fé; e tal he o que Deos deixou, e lançou de si; cavallo no precipicio sem freyo, navio na tempestade sem léme, enfermo na doença mortal sem Medico. Em quanto a mão de Deos o deteve não cahio: em quanto as suas inspiraçoens o guiáraõ, naõ se afogou; em quanto os seus auxilios o soccorreraõ, naõ morreo; mas logo o vereis precipitado, afogado, e morto sem remedio, porque Deos abrio mão delle, e o deixou.

Oh quantos deixados de Deos enchem hoje o mundo! e quam cegos saõ elles, se naõ se vem, e nós tambem, se os não conhecemos! Quem he aquelle poderoso, que de dia, e de noite não cuida, nem imagina, senaõ como ha de fartar a cubiça, inventando novas traças de adquirir, e roubar o alheyo sem escrupulo, nem pensamento de o restituir? E quem he aquelle prodigo no pedir, insensivel no dever, e insaciavel no gastar, sem conta, sem pezo, sem medida, como se a culpa de naõ pagar devendo, naõ fora estar sempre roubando, e assim vive, porque assim ha de morrer? He hum deixado de Deos. Quem he aquelle soberbo, que por fartar sua ambiçaõ, reconhecendo em si a falta, que tem de merecimento, naõ repara em derrubar por meyos calumniosos, e traidores os que quer fazer degraos para elle subir? E quem he aquelle, que com subornos, com alaçoens, com hypocresias, e enganos, a pezar da natureza, da fortuna, da justiça, e da opiniaõ chega a conseguir, e ser o que ellas lhe negaraõ, e naõ teme, que ha de pagar na outra vida, o que nesta naõ haõ de lograr seus descendentes? He hum deixado de Deos. Quem he aquelle sensual, que por fartar seu appe-

tite, com tanta publicidade nos vicios, como ſe foraõ virtudes, ſem reverencia de Deos, nem reſpeito do mundo, pejo de ſi meſmo, nos annos mais que da mocidade desbaratou a fazenda, a ſaude, a honra, e a vida? E quem he aquelle, que naõ tendo já mais, que os oſſos, que mandar á ſepultura, pelos naõ deſcarnar de todo, ainda á viſta da morte os leva a queimar no meſmo cemeterio, e por dar aquella lenha ſêcca ao fogo, que ſe accende, e apaga em hum momento, naõ faz caſo (como ſe naõ tivera fé) de ir arder para ſempre no do Inferno? He hum deixado de Deos.

Eſtas ſaõ as tres eſtradas geraes, por onde ſaõ deixados de Deos os que elle deixa; mas os modos, porque em cada huma dellas ſaõ deixados, naõ tem conto. Huma das couſas, que muito tenho notado em David, he a grande frequencia, com que pede a Deos, que o naõ deixê, e os muitos, e varios modos, com que repete, e inſta neſta meſma petiçaõ. Pſalmo vinte e hum, e trinta e ſete: *Deus meus, ne diſceſſeris à me*: no Pſalmo vinte e ſeis: *Ne avertas faciem tuam à me, neque deſpicias me, ne declines à ſervo tuo*; no Pſalmo trinta e quatro: *Ne diſcedas à me:* no Pſalmo cincoenta: *Ne projicias me:* no Pſalmo ſetenta: *Ne elongéris à me*: no Pſalmo cento e dezoito: *Ne repellas me*: no Pſalmo vinte e ſeis, trinta e ſete, ſetenta, cento e dezoito, e cento e trinta e nove, cinco vezes pelas meſmas palavras: *Ne derelinquas me, ne derelinquas me, ne derinquas me, non me derelinquas, ne derelinquas me.* Pois, ſe Deos por hum peccado de David huma ſó vez o deixou, e depois o reſtituio á ſua graça com tanta certeza, e firmeza, como pede tantas vezes, e por tantos modos a Deos,

Pſalm. 21. 12. *Pſalm.* 37. 22. *Pſalm.* 26. 9. *Pſalm.* 34. 22. *Pſalm.* 50. 13 *Pſalm.* 30. 12. *Pſalm.* 118. 10. *Pſalm.* 26. 9. *Pſalm* 37. 21. *Pſalm.* 70 9. *Pſalm.* 118. 8. *Pſalm.* 139. 9.

que

que o naõ deixe? He certo que o Profeta naõ multiplicaria tantos modos de pedir, se Deos naõ tivesse muitos modos de deixar. Mas porque razaõ? Taõ propria de sua misericordia, como da nossa miseria. A razaõ he; porque Deos naõ deixa ao homem, senaõ depois de o homem o deixar a elle; e porque nós temos tantos modos de deixar a Deos, tambem Deos tem muitos modos de nos deixar a nós. Assim o escreveo o mesmo Deos por Ley expressa no Capitulo trinta e hum do Deuteromio: *Ibi derelinquet me, & derelinquam eum*: e assim o tirou por consequencia no segundo do Paralipomenon: *Quare dereliquistis Dominum, ut derelinqueret vos?* Porque deixastes a Deos, para que elle vos deixasse? De sorte, que o deixar, e o ser deixado entre Deos, e o homem he condiçaõ reciproca. Se Deos deixa ao homem, o deixado he o homem: se o homem deixa a Deos, o deixado he Deos; mas sempre Deos o primeiro deixado. Se Deos pelo contrario houvera de ser o primeiro, que nos deixasse, nunca nos deixaria; mas porque nós somos os primeiros em deixar, por isso tantas vezes, e por tantos modos somos os deixados de Deos.

Deut. 31. 16. 17.

2. Paralip. 24. 20.

E se me perguntardes entre os modos de ser deixado, qual he o mais temoroso, e lamentavel, e sobre o qual cahe mais em cheyo aquelle ay, *Væ eis*, digo, que he quando deixa a alma, e se aparta della para sempre, assim como hoje deixou, e se apartou de Jerusalem, quando disse: *Ego vado.* Chama-se este modo de deixar em frase do mesmo Texto de David, deixaçaõ final, ou deixaçaõ total: deixaçaõ final: *Ne repellat in finem*, e deixaçaõ total: *Non me derelinquas usquequaque.* Depois.

Psalm. 43. 23.

Psalm. 128. 8. Depois que o Medico receitou, e applicou todos os remedios da arte sem nenhum effeito, ou proveito, antes vê que a enfermidade vay sempre de mal em peyor, posto que deixa o enfermo muito contra sua vontade, deixa-o em fim, porque he incapaz de cura. E isto mesmo he o que faz Deos: *Curavimus Babylonem, & non est sanata: derelinquamus eam*: Curámos a Babylonia; naõ sarou, porque naõ quiz satar, deixemola. Oh que terrivel palavra: *Derelinquamus eam*! Deixemola, e para sempre! Em quantas occasioens, ó Alma, deixando-me tu tantas vezes, mereceste, que eu te deixasse por huma vez? Quantas vezes te quiz trazer a mim, quantas vezes te quiz curar, e tu naõ quizeste *Quoties volui, & noluisti?* Appliqueite primeiro os remedios brandos, e lenitivos; vim por amor de ti á terra; promett.-te o Ceo, ensineite o caminho da vida, e da verdade, e fizme eu mesmo caminho: *Ego sum via, veritas, & vita*: temporalmente deite os que tu chamas bens da fortuna, e saõ meus; espiritualmente enchite dos verdadeiros bens, que saõ os da minha graça, a qual tu perdeste, e eu te torney a restituir muitas vezes; cheguey a te dar minha propria carne, e sangue por alimento, e medicamento, e tu surda aos meus conselhos, rebelde ás minhas inspiraçoens, dura, e ingrata a tanto amor. A tudo resististe, e me voltaste sempre as costas, fugindo, como de inimigo, de quem tanto te amava, e taõ devéras procurava teu bem. Naõ aproveitando os meyos, e remedios brandos, passey aos asperos, e sensitivos. Deite doenças, com que te mortifiquei a saude; deite perdas, com que te diminui a fazenda; dei-te discredito, e desares, com que magoey a hon-

Jerem. 51. 9.

Matth 23. 37.

Joan. 14. 6.

honra; puz-te á vista ainda mayores trabalhos, e desgostos, que outros padeceraõ, e as causas delles, para que com o exemplo das suas chagas curasses, e emendasses as tuas: chegueite huma, e outra vez ás portas da morte com as do Inferno abertas, que tantas vezes me tinhas merecido; cuidey, que com huma eternidade de fogo aquécesse a tua frieza, e a tua dureza se abrandasse; mas porque nada disto bastou a te reduzir, e nem no Ceo, nem no Inferno, nem em mim, nem fóra de mim tenho já que te applicar, posto que meu amor, e a minha misericordia te naõ quizera deixar, he força, (pois assim o quer o teu depravado, e obstinado alvedrio) he força que eu te deixe. Ficate, e ficate para sempre, que eu me vou: *Ego vado.*

Parece-vos, Christãos, que ouvindo esta despedida huma alma, ainda que fosse de pedra, naõ se derreteria em lagrimas de dor, e arrependimento? Pois sabey, que quando Deos assim deixa estas miseraveis Almas, entaõ ficaõ ellas mais contentes, e satisfeitas, porque como não trataõ mais, que do presente, sem memoria do passado, nem temor do futuro, e como Deos, que as pertendia sarar, já nenhum remedio lhes applica, e nenhum appetite lhes veda, deixadas á natureza vivem á sua vontade. Assim o diz o mesmo Deos: *Dimisi eos secundum desideria cordis eorum, ibunt in adinventionibus suis.* Quando me apertey totalmente, e deixey para sempre os que me deixáraõ, deilhes liberdade, e franqueza para que vivessem ao sabor de seus desejos, com que esse pouco caminho, que lhes resta, o andaõ todos, e cada hum segundo as invençoens de sua propria fantasia. Naõ se póde passar em si-

Psalm. 80. 13

len-

lencio o conceito de Hugo Cardeal neſte paſſo: *Ibunt: ire enim motum dicit, & terminum quærit: finis autem motûs, & viæ peccatorum eſt Infernus. Propter hoc bene dicit: Ibunt in Infernum, & hoc in adinventionibus ſuis, quaſi in quibuſdam vehiculis, quibus portabuntur ad inferos.* Diz o Texto, que iraõ, *Ibunt*; & ſe vaõ, para onde vaõ? Para o Inferno Diz mais, que iraõ nas ſuas invençoens, *in adinventionibus ſuis*; & que invençoens ſaõ eſtas? Saõ como as que os homens inventáraõ para andar mais deſcançados: *Quaſi in quibuſdam vehiculis.* Os da Europa andaõ em liteiras, e carroças; os da Aſia em palanquins; os da America em ſerpentinas; e eſtas duas invençoens, ſaõ para ir mais facil, e mais deſcançadamente ao Inferno. Os da Europa vaõ aſſentados, os da Aſia, e da America deitados, e jazendo: os da Europa tirados por animaes, os da Aſia, e da America levados em hombros de homens; e eſtes ſaõ os que carregados dos ſeus cativeiros, e violencias, e oppreſſoens, os levaõ mais facil, e merecidamente ao Inferno, para onde caminhaõ.

Quando tornaõ para a patria, (ſempre mais ricos do que foraõ) todos invejaõ a ſua boa fortuna, e delles recebem os parabens como favorecidos de Deos, mas naõ he por favorecidos, he por deixados. E ſe naõ, vede o que fazem. Caím depois do ſucceſſo de ſeu irmão, conheceo muito bem, que *Geneſ.* 4. 14. era deixado de Deos, e aſſim o confeſſou: *Ecce ejicis me à facie terræ, & á facie tua abſcondar.* E que fez Caím depois que ouvio, que a terra, e o ſangue, que tinha derramado, pediaõ ao Ceo juſtiça contra elle? He caſo verdadeiramente digno de paſmo! Diz o Texto ſagrado, que ſe poz a ediſicar hum

huma Cidade (que foy a primeira do mundo) e lhe deo o nome primogenito Henoch, e se chamou Henochia: *Et ædificavit Civitatem, vocavitque nomen ejus ex nomine filii, Henoch.* Quem esperára de tal homem, e em tal estado taes pensamentos, e taes cuidados! De maneira, que condemnado por Deos, e vivo por particular indulgencia de sua misericordia, em vez de te meteres em huma cova a fazer penitencia do teu peccado, e ver se pódes aplacar a justiça Divina, te poens a fundar jurisdicçoens, e edificar palacios ao teu morgado? Mas isto he o que fazem os deixados de Deos, como Caím, e seus imitadores. Estaõ as terras brádando ao Ceo, está o sangue, ou derramado, ou chupado violentamente, pedindo justiça a Deos; e elles em vez de arrependidos tornarem a repor os cabedaes, que adquiriraõ por força, ou por más artes, e os dispenderem nas devidas restituiçoens, o que fazem, e o que sempre desejáraõ, e pertenderaõ por meyo de tantos perigos da vida, e alma, he empregar o assim adquirido em morgados para os filhos, e em edificios vãos, que levantados haõ de ser a ruina das mesmas casas. Oh ambiçaõ! ó cegueira! ó falta de fé, e de juizo! Mas estas saõ as consciencias, e as consequencias dos deixados: *Dimisi eos secundum desideria cordis eorum: ibunt in adinventionibus suis.* Ay delles! *Ibid. 7.*

§. V.

OUvido o primeiro *Væ* da Aguia, & o primeiro Ay da sentença: *Ego vado*; passemos a ouvir o segundo: *Et quærétis me.* Diz Christo Senhor nosso, que depois de deixar aquelle ingrato, e obstinado Povo, elles o haõ de buscar; e esta segunda clausula da sua sentença parece, que se encontra com a primeira, e com a terceira. Com a primeira, porque he promessa da palavra Divina, que Deos naõ deixa a quem o busca: *Non dereliquisti quærentes te, Domine.* Pois se Deos deixa aos que o buscaõ, como diz que o haõ de buscar aquelles mesmos, que elle deixou: *Ego vado, & quæretis me?* Naõ implica. Porque muy differente cousa he naõ deixar Deos aos que o buscaraõ primeiro, ou buscarem-no depois aquelles, a quem elle primeiro deixou. Os que os buscáraõ primeiro naõ os deixa, porque o achaõ: porém os que o buscáraõ depois, ainda que o busquem, naõ o haõ de achar; e isto he o que declara a terceira, e ultima parte da mesma sentença: *Et quæretis me, & in peccato vestro moriemini.* Buscarme-heis, e morrereis em vosso peccado. De maneira que haverem de buscar a Deos os deixados de Deos, e naõ o haverem de achar, este he o segundo *væ*, e o segundo ay de S Joaõ, ainda mais terrivel, e mais admiravel, que o primeiro. Mais terrivel, porque confirma a deixaçaõ total, e final sem nenhum remedio; e mais admiravel, porque estreita, e reduz a hum ponto toda a immensidade da misericordia Divina, reclamando contra esta estreiteza, e contra este ponto em proprios termos todas

Psalm. 9. 11.

as

as vozes, e exemplos da Escritura sagrada. Ora vede.

Primeiramente já no Testamento Velho tinha Deos promettido, que todos, os que o buscassem, o achariaõ: assim o diz pelo Profeta Jeremias: *Quæretis me, & invenietis.* E para mayor confirmaçaõ, o mesmo, que acabava de dizer pela activa, o torna a repetir pela passiva: *Et inveniar á vobis*: Acharmeheis, e eu serey achado de vós. No Evangelho naõ só nos aconselha, e exhorta Christo a que o busquemos (que de si, e de Deos falla principalmente) mas tambem nos promette, e dá sua palavra, em que naõ póde haver duvida, que o acharemos: *Quærite, & invenietis.* E porque naõ cuidasse alguem, que a esta diligencia de buscar poderia faltar a ventura de achar pela dignidade, ou indignidade da pessoa; confirma o Senhor a mesma promessa com huma proposiçaõ universal, que a ninguem exclue: *Omnis enim, qui quærit, invenit.* Porque todo aquelle, que me busca, me acha, seja quem for. Pois se he certo, que todos, os que buscaõ a Christo, o achaõ, como diz o mesmo Christo, que aquelles, de quem se apartou, o haõ de buscar: *Quæretis me;* porém que nem na vida, nem na morte o haõ de achar *Et in peccato vestro moriemini?*

Jerem. 29. 13. 14.

Luc. 18. 9. 10.

Mais. Ainda que o Senhor naõ affirmara que o haviaõ de buscar, e ainda que totalmente o naõ buscassem, nem dahi se seguia, ou podia inferir, que o naõ achariaõ. Porque naõ só he proprio da misericordia, e bondade de Deos acharem-no os que o buscaõ, senaõ tambem os que o naõ buscaõ. Assim se gloria o mesmo Deos, e com muita razaõ, por Isaias: *Invenerunt qui non quæsierunt me*: Acháraõ-me

Isai. 65 1.

os que me naõ buſcavaõ. A Magdalena buſcou a Chriſto, e achou-o; porém a Samaritana achou-o ſem o buſcar: hia buſcar agua, e achou a Chriſto. Huma, e outra couſa nos enſinou o meſmo Senhor em duas parabolas. Hum homem, diz, indo ſeu caminho, achou hum theſouro no campo, e foy logo vender quanto tinha, e comprou o campo para lograr o theſouro. E hum mercador, que andava buſcando perolas, achou huma muito preciosa, e para a'comprar, deo por ella todo o cabedal, que tinha. De ſorte, que o caminhante achou o theſouro ſem o buſcar, e o mercante achou a perola buſcando-a: e ambos déraõ tudo pelo theſouro, e pela perola; porque na perola, e no theſouro era ſignificado o que ſó val mais, que tudo, que he Chriſto. No mercante foy cuidado, e diligencia achar a perola, porque buſcava perolas; no caminhante foy caſo, e ventura achar o theſouro, porque naõ buſcava theſouros: e em hum, e outro nos enſinou o meſmo Senhor, que naõ ſó o achaõ os que o buſcaõ, ſenaõ tambem os que o naõ buſcaõ. Pois ſe tambem os que naõ buſcaõ a Chriſto, o achaõ, como diz o meſmo Chriſto, e annuncia aos de Jeruſalem, que o naõ haõ de achar, ainda que o buſquem, ſuppondo, e affirmando que o haõ de buſcar, *Quæretis me?*

Mais ainda. Naõ ſó achaõ a Chriſto os que o buſcaõ, e os que o naõ buſcaõ, ſenaõ tambem aquelles, que nem o buſcaõ, nem o pódem buſcar. Havia hum paſtor (diz o Divino Meſtre) o qual tinha cem ovelhas; e como ſe lhe perdeſſe huma, deixou as noventa, e nove no deſerto, e foy buſcar a perdida. Achou-a, e tomando-a aos hombros, a trouxe muito

muito contente para o rebanho. Havia assim mesmo huma mulher, a qual tinha dez dracmas, que eraõ certa moeda daquelle tempo, e como perdesse huma, accendeo a candeya, e varreo a casa para a achar. Achou-a tambem, e convocou as visinhas, para que lhe déssem o parabem de ter achado a sua dracma perdida. Aquelle pastor, e esta mulher significaõ em hum, e outro sexo o amor, e a diligencia, com que Christo busca aos homens, por mais perdidos que sejaõ. A ovelha, e a moeda saõ as almas mercadas ambas, a moeda com a sua Cruz, e a ovelha com o seu sangue. Agora pergunto: A ovelha, ou a moeda podiaõ buscar a Christo? A ovelha naõ, porque naõ tinha entendimento; e a moeda muito menos, porque nem voz tinha para ballar. E com tudo assim a ovelha, como a moeda foraõ buscadas, e achadas: para nos ensinar o mesmo Christo, que he taõ diligente o seu amor, e taõ amorosa a sua diligencia em buscar as almas, por mais perdidas, que estejaõ, que naõ só busca, e acha as que o naõ buscaõ, senaõ tambem as que o naõ pódem buscar. Ajuntemos agora todas estas demonstraçoens, e tiremos, e apertemos a consequencia, que naõ póde ser nem mais admiravel, nem mais temerosa. He possivel, que busca Christo, e acha aos que o buscaõ, e busca, e acha aos que o naõ buscaõ, e busca, e acha até os que o naõ pódem buscar: e ameace, e profetize ao Povo Hebrêo duas cousas taõ encontradas com estas Escrituras, e estes exemplos, a primeira, que o haõ de buscar: *Quæretis me*, e a segunda, que o naõ haõ de achar, nem ser achados delle, mas perecer em sua propria perdiçaõ: *Et in peccato vestro moriemini?*

§. VI.

§. VI.

A Repoſta deſta taõ fundada, e apertada duvida, quanto ao Povo Hebrêo, he taõ expreſſa na Eſcritura, como manifeſta na experiencia. Sabes, Povo ingrato, e cego, porque ha tantos annos que buſcas, e eſperas com tantas ancias o teu verdadeiro Meſſias, e naõ o achas, nem elle a ti? He porque o buſcas indo para diante, ſendo que o havias de buſcar tornando atras. Se hum Piloto para achar a terra, que lhe demóra ao Norte, a buſcaſſe pelo rumo do Sul, e para o meſmo Sul navegaſſe ſempre, claro eſtá, que naõ ſó naõ havia de achar o porto, que buſcava, mas que quanto mais navegaſſe, tanto mais ſe havia de apartar, e eſtar mais longe delle. Iſto meſmo he o que ſuccede aos Judeos com o ſeu Meſſias. Como o Meſſias ha mil e ſeiscentos annos que veyo, e lhes fica ao tempo paſſado, e elles ha outros tantos que o eſperaõ, e buſcaõ ſempre o futuro, dizendo que naõ veyo, ſenaõ que ha de vir; eſta he a razaõ, porque naõ ſó o naõ achaõ, por mais que o buſcaõ, antes quanto mais o buſcaõ indo para diante, tanto mais ſe apartaõ delle, e ſe impoſſibilitaõ de o achar. Donde ſe ſegue, que para os Judeos acharem o Meſſias, he neceſſario, que o buſquem tornando atraz, e que quando aſſim o fizerem, como faraõ quando ſe converterem no fim do mundo, entaõ o acharáõ. Tudo quanto digo he por boca do Profeta Oſeas no mais claro, e expreſſo Texto, que ſe póde deſejar, nem fingir.

Diz aſſim eſte, que foy primeiro entre todos os

os Profetas, no Capitulo terceiro: *Dies multos sedebunt filii Israel sine Rege, & sine Principe, & sine sacrificio, & sine altari, & sine ephodo, & sine theraphim.* Oseæ. 3. 4. Muitos dias estaraõ os filhos de Israel sem Rey, sem Principe, sem sacrificio, sem altar, sem sacerdocio, e o mais que a elle pertence. Oséas profetizou oitocentos, e cincoenta annos antes da vinda de Christo; e depois que os Judeos o crucificáraõ, e lhe tiraraõ a vida, ha mil e seiscentos annos que tudo isto se está cumprindo pontualmente, como vem os olhos de todo o mundo, e os mesmos Judeos naõ pódem negar. Diz que muitos tempos estaráõ sem Rey, como tiveraõ em Saul, e seus succeſſores *sine Rege:* e aonde está este Rey dos Judeos? Diz que do mesmo modo estaraõ sem Principe, como tiveraõ no tempo dos Macabeos, e tambem estaõ sem Principe, *sine Principe.* Diz que estaraõ sem sacrificio, sem altar, sem ornamentos sacerdotaes, o principal dos quaes era o chamado Ephod, e totalmente sem sacerdocio, *sine sacrificio, sine Altari, sine ephod*; e tudo isto se perdeo, e acabou com a perda, e assolaçaõ de Jerusalem, como o mesmo Christo lhes tinha profetizado, e se vè experimentalmente por todo o mundo em todas as synagogas dos Judeos, onde naõ ha mais, que hũm arquivo, ou encerramento de madeira, onde está fechada a Ley Escrita em pergaminhos, e donde a tirão, e mostraõ a seus tempos sem Sacerdote, nem vestes sacerdotaes, nem memoria, ou figura de Altar, ou sacrificio.

E qual he a razaõ, porque estes, que o Profeta chama *dies multos*, sendo já passados mais de mil e seiscentos annos; ainda continuaõ, sem os Judeos acha-

acharem, nem deſcobrirem o Meſſias, que deſde entaõ buſcaõ, e aſpiraõ? A razaõ he, como dizia, porque o buſcaõ indo para diante, ſendo que o haviaõ de buſcar voltando atraz. Admiravelmente o meſmo Profeta Oléas, continuando a ſua Profecia immediatamente: *Et poſt hæc revertentur filii Iſrael, & quærent Dominum Deum ſuum, & David Regem ſuum, & pavebunt ad Dominum, & ad bonum ejus in noviſſimo dierum.* A luz do Sol naõ he taõ clara como a deſte Texto. *Et poſt hæc*, e depois de tudo, o que te-
Ibid. 5. nho dito, iſto he, depois de os filhos de Iſrael eſtarem tantos tempos ſem Rey, nem Principe, ſem ſacerdocio, nem ſacrificio, tornaráõ buſcando o ſeu Deos, e o Rey Meſſias deſcendente de David: *Revertentur filii Iſrael, & quærent Dominum Deum ſuum, & David Regem ſuum*; & quando o acharem, ficaráõ attonitos, e paſmados do bem, que tinhaõ perdido: *Et pavebunt ad Dominum, ad bonum ejus*; mas naõ ſerá ſenaõ no fim dos dias, *in noviſſimo dierum.* Diz que iſto ſerá no fim dos dias, quando os Judeos ſe haõ de converter univerſalmente, como conſta de todas as Eſcrituras (poſto que em particular antes deſſe tempo ſe poſſaõ converter, e convertaõ muitos.) Mas notay que naõ diz o Profeta *convertentur*, ſenaõ *revertentur*: naõ diz, que ſe converteráõ, ſenaõ que tornáraõ a traz. Porque todo o ſeu erro, e engano de naõ acharem o Meſſias, he porque o buſcaõ no futuro, havendo-o de buſcar no paſſado; he porque o buſcaõ indo para diante, havendo-o de buſcar tornando atras; *& revertentur.* A Igreja Catholica naquelles dias, em que a miſericordia Divina banhada no ſangue, que da ſua humanidade lhe derramaraõ os Judeos, em vez de eſtar

mais

mais irada, está mais propicia, exhorta a Jerusalem, chamandoa repetidamente a que se converta: *Jerusalem, Jerusalem, convertere ad Dominum Deum tuum.* E para que vejamos a harmonia, com que fallaõ desta mesma conversáõ as Escrituras, no Capitulo sexto dos Canticos, em que Salamaõ descreve os successos tambem ultimos da Igreja, o que diz á mesma Jerusalem com dobrada repetiçaõ, saõ estas palavras: *Revertere, revertere Sunamitis, revertere, revertere ut intueamur te.* Torna atraz Jerusalem, torna atraz: torna atras, torna atraz, para que te vejamos. Mas se esta exhortaçaõ taõ repetida he para que Jerusalem se converta, porque naõ lhe diz Salamaõ *convertere*, senaõ *revertere*; porque naõ lhe diz, que se converta, senaõ que torne atraz? Porque naõ só lhe persuade a conversáõ, mas juntamente lhe ensina o modo della; que he o que mais ignora, e huma, e outra cousa profetiza, como disse; *Revertere.* Torna atraz, Synagoga cega: *Revertere*, torna atraz, que vás errada: *Revertere*; porque naõ has de achar o Messias, que buscas, em quanto caminhas para diante: *Revertere*; porque só quando tornares atraz, o has de achar: *Et revertentur ad Dominum Deum suum.* Cant. 6. 12.

Agora tornemos nós tambem atraz, e ouçamos a occasiaõ, que teve Oseas para profetizar o que dissemos. He caso singular em toda a Historia sagrada. Mandou Deos a este Profeta, que se casasse com huma mulher adultera, como entendem muitos, e graves Interpretes, e quando menos que a levasse para sua casa, e a sustentasse nella, e a guardasse com tal condiçaõ, que nem havia de ter communicaçaõ com o adultero, nem com o mari-

dõ; e que deſte modo aſſim apartados haviaõ de continuar muito tempo, eſperando ſempre o marido reconcilar-ſe com ella, e eſperando tambem reconciliarſe com o marido. Aſſim o aſſentou o Profeta com a adultera, ou como marido, ou como quem o repreſentava, e como tal lhe diſſe: *Dies multos expectabis me, non fornicaberis, & non eris viro, ſed & ego expectabo te*; muitos dias eſperarás por mim, ſem marido, nem adultero, nem adulterio, e eu tambem eſperarey por ti Eſta foy a Hiſtoria, e o caſo, ſobre que ſe fundou a profecia, que temos declarado, da qual a meſma hiſtoria foy admiravel parabola, e figura. A mulher caſada, e adultera repreſentava a Synagoga, e naçaõ Hebréa, com a qual ſe deſpoſou Deos, e ſempre lhe chamou Eſpoſa, e ella ſempre lhe foy infiel, e adultera, deixando continuamente a Deos pelos Idolos, como conſta de todo o Teſtamento Velho, deſde o livro do Exodo até o dos Macabêos. Porém depois da vinda de Chriſto he muito differente o eſtylo, que obſerva a meſma naçaõ, porque vive apartada do adultero, e apartada tambem do Eſpoſo: do adultero, porque já naõ tem Idolos; e do Eſpoſo, porque naõ guarda a fé a Deos, negandolhe a Divindade, depois que ſe fez homem. Iſſo quer dizer, e diz admiravelmente o Profeta naquellas duas palavras: *Non fornicaberis, & non eris viro: non fornicaberis*, porque eſtá apartada dos Idolos, em que conſiſtia o adulterio; *& non eris viro*, porque eſtá apartada de Deos, que era o verdadeiro Eſpoſo. E que ſe ſegue, ou ſeguio daqui? Hum effeito ſobre toda a admiraçaõ eſtupendo, mas viſto com os olhos. O meſmo Eſpoſo o declarou á que já naõ tinha uſo de

adul-

adultera, nem de eſpoſa, e aſſim o diz o meſmo Deos á naçaõ Hebréa, que hoje nem he idolatra, nem fiel. *Dies multos expectabis me:* muitos tempos eſperarás por mim; *ſed & ego expectabo te*; mas eu no meſmo tempo tambem eſperarey por ti. Naõ he iſto o que todo o mundo eſtá vendo, e ſó o Judaiſmo cego naõ vè? De maneira, que naõ ſaõ ſó os Judeos os que eſperaõ, ſenaõ tambem o Meſſias: os Judeos eſperaõ pelo Meſſias; *expectabis me*: e o Meſſias tambem eſpera por elles; *ſed & ego expectabo te.* E taõ longa he huma eſperança, como a outra; porque aquelle *dies multos* pertence igualmente a ambas: *Dies multos expectabis me*, ha mil e ſeiscentos annos, que os Judeos eſtaõ eſperando pelo Meſſias: *Sed & ego expectabo te*, e em todo eſte tempo eſtá tambem o Meſſias eſperando por elles. Elles eſperando pelo Meſſias, porque cuidaõ que ainda ha de vir; e o Meſſias eſperando por elles, porque ha outros tantos annos, ou outros tantos ſeculos, que já veyo. Mas o ſeu erro, e engano eſtá em que o buſcaõ caminhando para diante, ſendo que ſó o haõ de achar voltando atraz: *Revertentur*; *& quærent Dominum Deum ſuum.*

§. VII.

NAõ ha duvida, que bem digna he a miſeravel Jeruſalem daquelle ſegundo *Væ*, ou ſegundo Ay, pela cegueira culpavel, e obſtinada, com que ha tantos centos de annos que buſca, e eſpera, alongando-ſe cada dia mais do que buſca, e naõ ha de achar, e do que eſpera, e naõ ha de vir. Mas como na meſma Jeruſalem he ſignificada a al-

ma de qualquer Chriſtão, taõ maravilhoſa como tremenda couſa he, que tambem em nós ſe poſſa verificar que buſquemos a Chriſto, em quem cremos com verdadeira, e firme fé, e com tudo o naõ achemos. Chriſtãa era, e fiel aquella Alma, a qual confeſſa de ſi, que buſcou ao meſmo Chriſto, e o naõ achou: *Quæſivi quem diligit anima mea, quæſivi illum, & non inveni.* E o profeta Iſaias; que mais que todos foy Profeta da Ley da Graça, diz que buſquemos a Chriſto em quanto o podemos achar: *Quærite Dominum, dum inveniri poteſt.* Logo ſuppoem, que ha tempo, em que o naõ poderemos achar, ainda que o buſquemos: *quæretis ?*

Cant. 4. 1.

Iſai. 55. 6.

Somos entrados no ponto mais apertado, e terrivel da materia preſente. Se ha, e póde haver tempo, em que naõ poſſamos achar a Deos, ainda que o buſquemos, quando, e que tempo he eſte? O Apoſtolo Saõ Paulo fallando deſte quando, e deſte tempo, diz: *Ecce nunc tempus acceptabile, ecce nunc dies ſalutis.* Agora he o tempo de achar a Deos, e eſte he o dia da ſalvaçaõ. Se he agora: *Ecce nunc*, naõ ſerá depois; e ſe he no dia de hoje: *Ecce nunc dies*, naõ ſerá no de ámanhãa. Até hum Gentio, e de má vida, como era Marcial, o entendeo, e aconſelhou aſſim: *Sera nimis vita eſt craſtina, vive hodie:* Se queres viver bem, começa, e vive hoje, que ámanhãa já he tarde. Todos os homens promettem a Deos o dia de ámanhãa, e quaſi todos daõ ao demonio o dia de hoje. Eſte he o contrato tacito, ou expreſſo, que tem feito com o Inferno: *Cum Inferno fecimus pactum.* E que faz o demonio? Quando chega o dia de ámanhãa, ſe o homem diz: Eſte dia he para Deos, replica o demonio: Naõ he

2. Cor. 6. 2.

Iſai. 28. 15.

ſe-

senaõ para mim: porque este dia de hontem era dia de ámanhãa; porém hoje depois que amanheceo, já naõ he dia de ámanhãa, senaõ de hoje, e assim he meu, e naõ de Deos. Por este modo de manhãa em manhãa, e de dia em dia leva o demonio todos os dias, e tambem leva os que lhos daõ. Elles mesmos confessaõ, que o dia de ámanhãa ha de ser como o de hoje, e ainda peyor: *Et erit sicut hodie, sic & cras, & multo amplius.* Isto diziaõ os que tendo obrigaçaõ de governar espiritual, e temporalmente o Povo de Deos, e lhe dar bom exemplo, só tratavaõ naõ de fazer, senaõ de levar boa vida. Hoje, diziaõ, fartaremos nossos appetites, e ámanhãa muito mais, *& cras amplius.* Por isso, como notou, e muitas vezes repete Santo Agostinho, a palavra *cras*, he voz do corvo, e o corvo huma vez que sahio da Arca, naõ tornou mais a ella. *Isai. 56. 12.*

Esta he em summa a razaõ, porque disse Isaias, que buscassemos a Deos em quanto o podiamos achar. Mas ouçamola da sua propria boca: *Quærite Dominum, dum inveniri potest, invocate eum dum prope est*: Buscay a Deos em quanto se póde achar, e chamay por elle em quanto está perto. Deos estando em toda a parte, está perto de huns, e longe de outros. Vedes dous homens juntos, diz Santo Agostinho, e se perguntardes se saõ amigos, responderá quem os conhece, que estaõ muito longe disso: pela presença ambos juntos, pela amisade muito longe hum do outro. Tal he a similhança, de que usa o Profeta. Cada peccado grave aparta a Deos de nós; e se os peccados saõ muitos, e continuados por muitos dias, a cada dia, e a cada peccado se vay Deos sempre apartando mais, e mais. *Faça* *Isai. 55. 6.*

ago-

agora o cómputo o peccador, que naõ ha dias nem mezes, senaõ annos, e muitos annos, que continúa a estar fóra da graça de Deos, e conte quantos saõ os dias, e quantos os peccados (que ao menos de pensamento sempre saõ muitos mais que os dias) e dalli conjecturará de algum modo quanto longe estará de Deos, e Deos delle. E quando conhecer quam longe está de Deos, entaõ entenderá tambem se poderá ser ouvido quando o invocar de taõ longe. Deos longe, e a salvaçaõ longe, e naõ pelo naõ buscarmos, pois elle diz que o havemos de buscar: *Quæretis me*; mas pelo naõ buscarmos no tempo, em que se póde achar. *Longè à peccatoribus salus*, diz David: A salvaçaõ está muito longe dos peccadores; e porque? *Quia justificationes tuas non exquisierunt*: Porque naõ buscáraõ os meyos de a conseguir. Notay, que naõ diz porque naõ buscaõ, ou porque naõ haõ de buscar, senaõ porque naõ buscáraõ, *quia non exquisierunt.* Para achar a Deos, e a salvaçaõ, naõ basta buscala, ou havela de buscar, he necessario tela buscado, porque o tempo, que já passou, esse era o tempo de a achar: *Dum inveniri potest.*

Psalm. 118. 155.

E se esta desgraça succede aos que buscaõ a Deos na vida, e na saude, que succederá aos que reservaõ esta diligencia para a enfermidade, e para a morte, que he o nosso caso: *Et in peccato vestro moriemini?* Eu naõ quero desconfiar, nem meter em desesperaçaõ a nenhum peccador, por grande que seja, e por mais que se ache cercado de todos os peccados de sua vida, ainda na ultima desconfiança, e perigo della, e já a braços com a mesma morte. O Profeta diz, que busque o pec-

ca-

cador a Deos em quanto o póde achar, *dum invenirî poteſt*, e eu lhe darey o meyo, com que o poſſa achar a qualquer tempo. Diz mais que chame por Deos em quanto eſtá perto, *dum propè eſt*: e eu lhe darey o meyo, com que Deos o ouça, ainda que eſteja muito longe. E que meyo, ou meyos ſaõ eſtes mayores, que toda a eſperança, e que toda a deſeſperaçaõ? He hum ſó, mas muito certo, e infallivel. E qual he? Que buſque a Deos, e o chame com todo o coraçaõ. Se buſcar a Deos com todo o coraçaõ, ainda que ſeja com a candeya na maõ, achalo-ha, *Pſalm.* e naõ o lançará de ſi: *In toto corde exquiſivi te, ne re-* 110. 10. *pellas me.* Se chamar por Deos com todo o coraçaõ, ainda que ſeja com a ultima boqueada, por muito longe que eſteja, Deos o ouvirá: *Clamavi in toto cor-* *Ibid.* 145. *de meo, exaudi me, Domine.* Huma, e outra couſa ſuppoem o Real Profeta nas palavras, que citey; e poſto que baſtava ſer ſua a ſuppoſiçaõ, accreſcentou para mayor firmeza, que he promeſſa infallivel do meſmo Deos, e condiçaõ expreſſa; em que nos promette, que ſem duvida nos ouvirá, e o acharemos, ſe o chamarmos, e buſcarmos, com tanto que ſeja com todo o coraçaõ. No Capitulo quarto do Deuteronomio: *Cum quæſieris Dominum Deum tuum, invenies eum ſi* *Deut. 4.* *tamen toto corde quæſieris*: Quando buſcares a Deos, 29. achaloheis, com condiçaõ porém que o buſqueis com todo o coraçaõ. E no Capitulo vinte e nove de Jeremias comprehendendo ambos os termos de chamar, e buſcar: *Invocabitis me, & ego exaudiam* *Jerem.* 29. 12. *vos: quæretis me, & invenietis, cùm quæſieritis me in to-* 13. *to corde veſtro*: Chamarme-heis, e eu vos ouvirey: buſcarme heis, e vós me achareis, com tanto que me chameis, e me buſqueis com todo voſſo coraçaõ.

çaõ. Assim que todo aquelle, que de todo seu coraçaõ chamar, e buscar a Deos em qualquer dia, em qualquer hora, e em qualquer instante, ainda que seja o ultimo, e mais apertado da vida, sem duvida será ouvido delle, e o achará. Mas que se segue daqui? Este he o ponto, de que depende tudo.

§. VIII.

PArece que se segue daqui, que naõ haverá Christaõ algum taõ perdido, se tambem naõ tem perdido a Fé, e o juizo, que se naõ salve. Porque como póde haver, nem imaginarse creatura racional taõ inimiga de si mesma, que vendose ás portas da morte, e do Inferno, e conhecendo que só em Deos póde ter o remedio, naõ deseje tornarse a elle, e invocar sua misericordia, de todo coraçaõ? Tudo isto assim he. (Porque naõ quero fallar dos casos, em que o subito da morte, ou dos accidentes mortaes se anticipaõ a estes mesmos desejos, e as miseraveis almas, que se guardaraõ para aquella hora se condemnaõ sem remedio.) Mas concedendo outra vez, que todo aquelle, que na mesma hora invocar a Deos de todo o coraçaõ, se salvará, e concedendo tambem que nenhum haverá, que na mesma hora naõ deseje invocar a Deos, e converterse a elle de todo o coraçaõ: digo com tudo, e concluo resolutamente, que raro, ou nenhum destes se salva. Porque? Porque, como fica dito, por taõ repetida condicional, e exceiçaõ do mesmo Deos, nenhum se póde salvar, senaõ convertendo-se a elle de todo o coraçaõ: e he certo, que naquella hora rarissimos saõ os que se convertem, ou pódem con-

ver-

verter a Deos de todo coraçaõ.

Toda a verdade deſta ultima, e temeroſa concluſaõ ſe funda na probabilidade, ou certeza, com que digo, que raro, ou nenhum naquella hora ſe converte a Deos de todo o ſeu coraçaõ. E eſta ſentença, que he commua na doutrina dos Santos Padres, ſe prova por dous principios, hum da parte de Deos, outro da parte do meſmo homem. Começando pelo homem, a razaõ manifeſta he, porque para o homem buſcar a Deos com todo o ſeu coraçaõ, he neceſſario que o coraçaõ do homem ſeja todo ſeu; e naquella hora nem he ſeu, nem he todo. Quando he o coraçaõ todo, e quando he noſſo? He noſſo, quando o naõ domina outro affecto; e he todo, quando o naõ diverte outro cuidado: *Tunc porrò in toto corde clamatur, quando aliunde non cogitatur*, diz Santo Agoſtinho. Conſideray-me agora hum homem nas ultimas anguſtias da enfermidade, e quaſi lutando já com a morte, e vereis naõ ſó com o diſcurſo, mas com os olhos, quaõ dividido tem o coraçaõ, para que naõ poſſa ſer todo, e quaõ divertido, e ſenhoreado de differentes cuidados, para que naõ poſſa ſer ſeu.

Os que ſe guardaõ para aquella hora no principio da enfermidade, ou liſongeados dos medicos, e dos que lhes aſſiſtem; ou enganados do amor da vida, ſó trataõ da ſaude do corpo, e quando eſta ſe deſconfia totalmente, e ſe começa a dizer entre dentes, que morreo o enfermo, entaõ lembra, e ſe acode á alma, e aos remedios da ſalvaçaõ: *Multiplicatæ ſunt infirmitates eorum, poſtea acceleraverunt.* Entaõ ſe chama o Confeſſor á preſſa, entaõ

vem o Notario para o Teſtamento, entaõ creſce a ſebre, e as dores, entaõ ſe applicaõ os medicamentos extremos, e os martyrios mais fortes; e qual eſtará o coraçaõ do miſeravel enfermo neſta anguſtia? Vede qual ferá a confiſſaõ dos peccados de toda a vida? Vede quaes ſeraõ as clauſulas, e declaraçoens do teſtamento em quem ſempre viveo com pouca conta, e com pouco, ou nenhum eſcrupulo? A memoria perdida, o entendimento ſem juizo, a vontade attonita, e paſmada: os ſentidos todos ſó vivos para a dor, e para o mais já quaſi mortos: a alma na garganta, e a reſpiraçaõ agonizante. Oh que tranze taõ apertado! Ajuntay ao interior deſtas afflicçoens as lagrimas da mulher, o amparo, ou deſamparo dos filhos, a ſatisfaçaõ dos criados, a paga das dividas, a inſtancia dos accredores, as reſtituiçoens do mal adquirido, as negociaçoens dos intereſſados na herança do que ſe deixa por força; e ſobre tudo o temor da conta tambem forçado, e naõ por verdadeiro arrependimento, ouvindo-ſe a invocaçaõ do nome de Jeſu na bocca do Religioſo, que aſſiſte á cabeceira, e naõ ſahindo do coraçaõ de quem nunca o amou, e ſó agora o teme, porque mais naõ póde. Oh valhame Deos, quam longe eſtará de ouvir eſtas vozes ſem alma o meſmo Deos, que eſtá taõ longe? E neſta perturbaçaõ, neſta confuſaõ, neſte labyrinto de cuidados, e affectos (taõ implicados os deſte mundo com os do outro) como poderá dar todo o coraçaõ a Deos, nem offerecerlho como ſeu quem por dividido, e alienado totalmente já naõ he ſenhor de ſi, nem poſſue delle a minima parte? Aqui ſe cumpre o que diſſe o Profeta Oſeas: *Diviſum*

Oſeas 10. 2.

sum est cor eorum, nunc interibunt: Ay dos que assim tem dividido o coraçaõ, que neste estado, e neste instante lhes chegou a hora de perecerem!

Eu naõ nego que por algum impulso interior, ou pelas exhortaçoens de fóra chamaráõ com a voz por Deos, e quereráõ chegar-se a elle; mas naquella multidaõ, e confusaõ de cuidados, e naquella bateria de perturbaçoens, e temores he igualmente certo, que o naõ poderáõ conseguir. Texto, e decreto de Deos expresso no Psalmo trinta e hum: *Pro hac orabit ad te omnis Sanctus in tempore opportuno: verumtamen in diluvio aquarum multarum ad eum non approximabunt*: Pela remissaõ dos peccados rogaráõ a Deos no tempo opportuno todos, os que se haõ de salvar; mas no diluvio das muitas aguas, ainda que se queiraõ chegar a Deos, naõ o alcançaráõ. E que diluvio de muitas aguas he este? He a multidaõ de afflicçoens, e angustias, que naquella hora como hum diluvio afogaõ o coraçaõ dos que se guardáraõ para ella. De sorte, que assim como na tempestade do diluvio muitos se quizeraõ valer da Arca, e soçobrados da immensidade das aguas, e do concurso, e contrariedade das ondas humas sobre outras se afogáraõ, e pereceraõ nellas, assim diz David, que naquelle tropel, e tumulto de cuidados, de affectos, de dores, de penas, de temores, de irresoluçoens, de assombros; e naquelle verdadeiramente diluvio de ancias, e angustias mortaes, opprimido, e afogado o homem dentro, e fóra de si mesmo, nenhum haverá, que tenha forças, ou tino para nadar á Arca da salvaçaõ, e nenhum, que se possa chegar a Deos, ainda que quizesse: *In diluvio aquarum multarum ad eum non approximabunt* Psalm. 31. 6.

Eſta he a razaõ natural, e evidente, pela qual o homem reuzido áquelle ultimo conflicto, naõ póde invocar a Deos de todo ſeu coraçaõ, porque já nem he todo, nem ſeu. E ſobre eſta, que tanto devemos temer, ſe accrefcenta da parte de Deos outra muito mais temeroſa, porque naõ he fundada na noſſa fraqueza, ſenaõ na ſua juſtiça. Naquelle eſtado taõ eſtreito, e em qualquer extremo da ultima deſeſperaçaõ, poderoſa he a miſericordia, e graça Divina para livrar, e pôr em ſalvo ao mayor peccador: mas juſtiſſimamente naõ quer uſar com elle da efficacia deſtes ſeus podêres na morte, porque tambem elle ſe naõ quiz converter a Deos em quanto pôde na vida. Ou o peccador naquelle apertadiſſimo tranze ſe quiz converter a Deos, ou naõ chegou a querer; e de qualquer modo o caſtiga com exactiſſima igualdade a divina juſtiça. Porque ſe naõ quiz, juſtamente he condemnado a que naõ poſſa quando quer, porque naõ quiz quando podia: *Impius cum vult, non poteſt, quia cum potuit, noluit*: diz Santo Iſidoro Peluſiota. E ſe naõ chegou a querer, tambem foy juſtamente condemnado a lhe faltar a ſua propria vontade; porque bem merecedor he de que ſe eſqueça de ſi na morte, quem ſe naõ lembrou de Deos na vida, diz Santo Agoſtinho. *Hac enim animadverſione percutitur peccator, ut in morte obliviſcatur ſui qui in vita oblitus eſt.* Iſto meſmo dizem com os outros Padres Gregos Saõ Chryſoſtomo, e com os outros Latinos Santo Ambroſio. Mas porque a materia he taõ occulta aos vivos, que ſó paſſa entre Deos, e as almas dos que morrem; ouçamos da boca do meſmo Deos eſta ſentença, e regra geral do ſeu tremendo, e rectiſſimo juizo.

No

No primeiro Capitulo dos Proverbios falla Deos naõ com hum, senaõ com muitos, porque aquelles, a quem succede esta desgraça, naõ saõ poucos, e diz assim: *Vocavi, & renuistis: extendi manum meam, & non fuit qui aspiceret*: Chameivos com as vozes, e naõ me quizestes ouvir: chameivos com as mãos, e com os braços abertos, e naõ quizestes vir a mim. *Despexistis omne consilium meum, & increpationes meas neglexistis*: Aconselheivos, e desprezastes todos os meus conselhos: reprehendivos, e naõ fizestes caso de minhas reprehensoens. E eu que farey? *Ego quoque in interitu vestro ridebo, & subsannabo, cum vobis id, quod timebatis, advenerit*; e quando vier a morte, e com ella tudo o mais, que vós temieis, ou devieis temer, eu tambem zombarey, e me rirey de vós. Todos os Santos, e Expositores declaraõ este temeroso riso de Deos com as mayores expressoens de castigo, de ira, e de vingança naquella hora. Mas nós continuemos a ouvir a sentença da mesma justiça divina, na qual se reduzem todas por seu proprio nome ás duas do nosso discurso: *Cùm irruerit repentina calamitas, & interitus quasi tempestas ingruerit, quando venerit super vos tribulatio, & angustia:* Quando a ultima calamidade da vida, que he a morte, vier sobre vós como huma tempestade subita, e repentina, (porque a naõ esperaveis) e quando vosvirdes afogados de afflicçoens, e angustias, entaõ recorrereis a mim; mas assim como quando eu chamey por vós, me naõ quizestes ouvir, assim eu vos naõ ouvirey quando me chamardes: *Tunc invocabunt me, & non exaudiam*: e assim como quando vos eu busquey, vos naõ achey, assim vós me buscareis, e naõ me achareis: *Mane consurgent*, Prover. 1. 24. usque ad 31.

gent, & non invenient me. Deixados pois de mim na morte como elles me deixáraõ na vida, (diz Deos) lá iraõ onde comaõ os frutos das ſuas obras, e ſe fartem dos ſeus conſelhos: *Cómedent igitur fructus viæ ſuæ, ſuisque conſiliis ſaturabuntur.* Vede ſe cahirá bem o ſegundo Ay de S. Joaõ ſobre eſta fortuna de penas, que ſerá inſaciavel por toda a eternidade: acabando naquella hora os que ſe guardáraõ para ella, e naõ achando a Deos, poſto que o buſquem, nem ſendo ouvidos delles, poſto que o chamem. Ay de vós infelices almas, e para ſempre infelices!

Grande parte deſte mundo, e naõ a menor dos grandes delle, acaba deſta ſorte. E deixaõ taõ enganados os mortos aos vivos, que naõ ſó tem eſtes, e celebraõ que morrèraõ pia, e chriſtãmente, mas naõ faltaõ eſpiritos illuſos, ou liſongeiros, que com fingidas, ou ſonhadas revelaçoens affirmaõ, que brevemente os viraõ ſahir do Purgatorio, onde foraõ ditoſiſſimos, ſe tiveſſem entrado. A verdadeira revelaçaõ da boa morte he a boa vida. E para que acabem de ſe deſenganar os que debaixo deſta vãa confiança aſſegura o demonio para que vivaõ, e morraõ do meſmo modo, ouçaõ a Santo Agoſtinho. *Siquis poſitus in ultima neceſſitate ægritudinis ſuæ pœnitentiam accepit, & hinc vadit; fateor vobis non illi negamus quod petit, ſed non præſumimus quia bene hinc exit.* Se algum obrigado da ultima neceſſidade da doença nos pede o Sacramento da Penitencia, confeſſovos, diz prégando Santo Agoſtinho, que os Biſpos, e Sacerdotes lhe naõ negamos o que pede, mas nem por iſſo preſumimos que ſahe bem deſta vida. E Santo Ambroſio apertando o meſmo ponto:

Se

Se cuidais que os que deixaõ o arrependimento de seus peccados para a enfermidade da morte, vaõ seguros de sua salvaçaõ, eu vos protesto que naõ affirmo, nem prometto, nem digo tal cousa, porque o naõ presumo assim, nem vos quero enganar. Notay o peso das palavras, com que diz, e repete este desengano o eloquentissimo Doutor: *Non præsumo, non polliceor; non dico, non vos fallo, non vos decipio, non vobis promitto.* E o que Santo Agostinho, e Santo Ambrosio naõ se atrevem a presumir, e protestaõ que vos naõ engane, isso credes vós, e celebrais, porque tambem fazeis conta d vos salvar, ou perder na mesma taboa.

A causa deste engano, e falsa apprehensaõ dos q̃ cá ficaõ, saõ aquelles actos exteriores, com que parece morrem contritos os que viveraõ impenitentes; mas vay muito do medo á contriçaõ, e da penitencia apparente á verdadeira. E para prova solida, e irrefragavel do mesmo caso, ouvi outra revelaçaõ, naõ como as vossas, senaõ Divina, e de fé, escrita no livro dos Macabeos. Antioco Epiphanes, Rey da Grecia, foy o mais capital inimigo da Fé, e Ley de Deos, e da gente Hebréa, em a qual naquelle tempo estava a verdadeira Igreja. Resoluto pois este Tyranno de destruir totalmente, extinguir, e tirar do mundo o nome, e naçaõ dos Judeos, marchava com formidavel exercito contra Jerusalem a grandes jornadas; quando subitamente se achou opprimido de huma gravissima, e mortal enfermidade, a qual obrou nelle aquelles effeitos, que costuma causar nos mais obstinados animos a visinhança da morte, quando se naõ esperava. Foy tal a mudança em tudo, o que se via,

e ou-

e ouvia em Antioco, que naõ parecia o meſmo. Era ſoberbiſſimo, e já naõ ſó conhecia, mas confeſſava publicamente a fraqueza, e miſeria de todo o poder humano: era Gentio, e naõ ſó prometteo de receber a Fé do verdadeiro Deos, mas de a extender, e prégar por todo o mundo: hia determinado a deſtruir, e extinguir os Judeos, e naõ ſó lhes pedio perdaõ dos damnos recebidos, mas lhes offereceo ſatisfaçaõ com vantagens iguaes aos ſeus mais nobres, e eſtimados vaſſallos: levava no penſamento a deſtruiçaõ de Jeruſalem, e do Templo, e ſobre os votos de o enriquecer com theſouros novos, e ornamentos, elle tomou por ſua conta as diſpeſas de todos os ſacrificios, Sacerdotes, e culto Divino. De todas eſtas promeſſas fez Antioco eſcrituras autenticas, firmadas de ſua propria mão, e encarregada a execuçaõ dellas depois de ſua morte a ſeu filho, e ſucceſſor com as mayores demonſtraçoens de benignidade, e encarecido affecto. Em fim morreo daquella enfermidade, e naquelle eſtado Antioco; e pergunto, ſe ſe ſalvaria? Eſte homem, e ſenhor de tantos homens com tantas, e taõ manifeſtas demonſtraçoens de arrependimento ſalvar-ſehia naquella hora? Bem creyo que diraõ, que ſim os que com menos milagres, e muito differentes exemplos beatificaõ, e canonizaõ outras mortes. Mas que diz a revelaçaõ Divina expreſſa na Eſcritura ſagrada? Diz que peſando mais diante do Tribunal Divino os peccados da vida paſſada, que as demonſtraçoens da emenda preſente, por mais que o miſeravel Antioco orou a Deos, naõ foy ouvido delle: *Orabat autem hic ſceleſtus Dominum, á quo non eſſet miſericordiam conſequuturus.*

Oh

Oh quanto vay dos juizos dos homens, que naõ passaõ do exterior, ao juizo, e conhecimento de Deos, que vê, e penetra aos coraçoens! *Pœnitentia ista non fuit vera, quia non fuit propter offensam Dei, propter evasionem temporalis flagelli, & sic non fuit misericordiam consequutus quantum ob remissionem culpæ, & pœnæ:* diz com a voz commua dos Interpretes Lyrano. Todo aquelle apparato de promessas, e arrependimento naõ foy bastante para livrar a Antioco da culpa, nem da pena eterna, porque era nascido de medo, e desejo de escapar do perigo, em que se via, e naõ de pesar de haver offendido a Deos, nem de verdadeira contriçaõ. Pois se adoença era verdadeira, e as dores, que padecia verdadeiras, e o perigo com a morte diante dos olhos verdadeiro o conhecimento de que Deos o castigava por seus peccados, e a confissaõ delles verdadeira; porque naõ foy tambem verdadeira a contriçaõ? Ou porque naõ quiz, ou porque naõ pode: e como o querer, e o poder huma, e outra cousa dependia do auxilio efficaz da graça de Deos, *qui dat velle, & perficere,* no descuido, e obstinaçaõ, com que Antioco se naõ quiz emendar, como podera, na vida já se tinha condemnado a naõ querer, nem poder arrepender na morte. Notay as palavras do Texto: *Orabat Dominum, á quo non esset misericordiam consequuturus.* Naõ diz, que naõ alcançou a misericordia, que pedio a Deos, senaõ que pedio a Deos a misericordia, que naõ havia de alcançar. Nos outros casos o desengano de naõ alcançar he depois de pedir, mas neste caso antes de pedir já estava fulminado o decreto de naõ alcançar: porque entaõ decretou Deos que naõ pudesse alcançar o arrependimento na mor-

te, ainda que quizeſſe, quando ſe naõ quiz arrepender, nem emendar na vida, como podia.

Por certo tenho, que ſe Antiocho eſcapaſſe na doença com vida, e ſe viſſe outra vez inteiramente convalecido, com as meſmas trombetas, que lhe feſtejaſſem a ſaude, havia de mandar marchar o exercito contra Jeruſalem, e pôr em execuçaõ quanto dantes pertendia. E ſe naõ, ponhamos os olhos na experiencia, e em homens de menos má vida, e de mais antiga fé, que a de Antioco. Quantos vimos que, chegados áquelle extremo perigo, abraçados com hum Chriſto, ſe empenharaõ com ſuas chagas de nunca mais o offender, promettendo, e multiplicando votos de emendar a vida, e ſer Santos, ſe eſcapaſſem? Eſcapáraõ por mercê do meſmo Senhor, e que fizeraõ? Depois que ſe puzeraõ em pé, a primeira jornada foy ir dar graças a Deos a Penha de França, e a ſegunda romaria a reconciliarſe com o idolo, a quem dantes adoravaõ. Pois eſtes eraõ os votos? Eſtes os arrependimentos? Eſtas as contriçoens? ou eſtas as traiçoens? Sim. E vi eu algum que de aſſim eſcapar com ſaude do corpo, e recair com a da alma, lhe ſobreveyo ſubitamente hum tal accidente, que logo lhe tirou a falla, e pouco depois a vida; para que no meſmo, que naõ tinha cumprido as ſuas promeſſas, ſe cumpriſſe a de Chriſto: *Et in peccato veſtro moriemini.*

§. X.

SOmos chegados ao terceiro, e ultimo Ay, que ſerá eterno no Inferno, e a mim me falta o tempo para o ponderar dignamente. Abbreviando pois eſta

esta grande materia, saibamos que peccado he este, em que diz Christo, que haõ de morrer os ameaçados: e propriamente se chama peccado seu, *in peccato vestro?* Aquelles, com quem o Senhor immediatamente fallava quando pronunciou esta sentença, era o Povo de Jerusalem, e assim como todas as naçoens tem os seus vicios particulares, a que naturalmente saõ inclinadas, e sujeitas, assim o vicio, e peccado da naçaõ Hebréa, e que propriissimamente merece o nome de seu, he o errar na Fé. Naõ saõ nossos os livros, nem nossos os Authores, que testimunhaõ a huma voz esta verdade, senaõ os mesmos livros, e Escrituras sagradas de todo o Testamento Velho, em que elles, e nós cremos. E de nenhum modo podem negar os Hebrêos, haver sido sempre este o seu vicio, e o seu peccado.

Os doze Tribus de Israel, como filhos nasceraõ em Mesopotamia, e como Povo no Egypto. Na Mesopotamia como filhos: na casa, e familia de Jacob, e no Egypto como Povo: porque alli engrossáraõ, creceraõ, e se multiplicáraõ em grande numero. Mas passando depois de livres a cativos, devendo como filhos conservar a Fé de seus Pays, seguiraõ como escravos a idolatria de seus senhores. Os Egypcios adoravaõ a Osires em figura de touro, e esta foy a origem do Bezerro, que os Hebrêos depois de libertados adoráraõ no deserto, attribuindo-lhe sobre tantos milagres naõ só impia, mas descaradamente a mesma liberdade. Moysés lhe deo a beber o Bezerro desfeito em cinzas, mas elles de tal modo beberaõ nellas o errar na Fé, que pelos erros, que commetteraõ nos quarenta annos do mesmo deserto, mereceraõ da bocca de Deos ser cha-

Psalm. 94. 10. mados os que erraõ sempre: *Quadraginta annis proximus fui generationi huic, & dixi, semper hi errant corde.* Sempre, disse a censura Divina, e foy profecia do que sempre haviaõ de ser, como verdadeiramente tem sido Entrados na terra de Promissaõ, logo deixando a Deos, que os metèra de posse della, adoráraõ os idolos dos Cananêos Baal, e Astaroth. No tempo em que foraõ governados pelos Juizes, nove vezes os castigou Deos com muitos annos de cativeiro debaixo do jugo de differentes naçoens barbaras pelo peccado da idolatria, e sempre sem nenhuma emenda tornáraõ a idolatrar, cada vez mais obstinados na cegueira deste seu vicio hereditario, como nota a Escritura: *Revertebantur,* Jud. 16 19. *& multa faciebant peiora, quam fecerant Patres eorum sequentes Deos alienos, & adorantes illos.* Depois que o governo se passou aos Reys, quam raros foraõ os que naõ fossem idolatras, sendo o primeiro de todos o mais sabio de todos Salamaõ? Porque dividida a Monarquia por este peccado em duas partes, huma que se chamou de Israel, outra Reyno de Judá, em ambas ou se professava publicamente a idolatria, ou se por algum breve tempo cessava o publico dos idolos, nem por isso deixavaõ de ser adorados secretamente. Estes eraõ os brados, estes os clamores, estas as invectivas, e estas as abominaçoens, que com o nome de adulterio contra Deos se tem em todos os Profetas, seguindo-se ao peccado as ameaças, e ás ameaças os castigos.

No Reyno de Israel, que constava de dez Tribus, levantou ElRey Jeroboaõ hum Templo, ou Fano, em que collocou dous Bezerros de ouro, que elles, e todos os Reys seus successores sem excei-

çaõ adoravaõ, e em pena desta devassidaõ sua, e de todos os dez tribus, todos foraõ levados cativos aos Assyrios, donde ha mais de dous mil annos desappareceraõ, e naõ se sabe delles. No Reyno de Judá, cuja Corte era Jerusalem, estava o Templo da verdadeira divindade; mas tem em sua propria casa se defendeo Deos de que della o naõ viesse a lançar com destruiçaõ do mesmo Templo e culto dos falsos deoses, exceptos neste Reyno alguns poucos Reys, todos os outros foraõ idolatras, e idolatras com elles o mesmo Reyno, e Povo; pelo que conquistados, presos, e transmigrados a Babylonia, lá pagáraõ com o cativeiro de setenta annos, e com a vida a obstinaçaõ do seu peccado. Com as reliquias, que escaparaõ daquelle desterro resuscitou Esdras o Templo, e a verdadeira Fé; mas tambem resuscitou com ellas a idolatria como o vicio immortal desta naçaõ. E por mais que o zelo, e valor dos Macabêos trabalhava em restaurar as ruinas da verdadeira Religiaõ, no mesmo tempo chegáraõ os Judeos a mandar Embaxadores aos Reys Gentios, para que lhes fosse licito adorar os seus deoses, abrindo em Jerusalem Escolas publicas dos ritos, com que eraõ venerados, collocada, e adorada no mesmo lugar do Templo, onde se adorava o verdadeiro Deos, a Estatua de Jupiter. Tudo isto, que em summa tenho referido, he o que se lê em todos os livros do Testamento Velho desde o Exodo até o segundo dos Macabêos, que he o ultimo. E porque este vicio, e pertinacia de errar sempre na Fé he o peccado seu, e proprio da naçaõ Hebréa; assim morriaõ, e assim morrem, e haõ de morrer no seu peccado: *Et in peccato vestro moriemini.*

So-

Sobre eſta demonſtraçaõ (que ſó póde negar o Judeo, que negar as ſuas meſmas Eſcrituras) pódem com tudo dizer, que Chriſto quando lhes diſſe, que morreriaõ em ſeu peccado, naõ fallou do tempo paſſado, ſenaõ do futuro; e he certo, que os Judeos deſde o tempo de Chriſto a eſta parte já naõ adoraraõ Idolos, e ſó reconhecem, e confeſſaõ Deos verdadeiro, que creou o Ceo, e a terra, e nós tambem confeſſamos. Logo, ou naõ morrem hoje em peccado, ou o peccado, em que morrem, naõ he o da idolatria? Reſpondo, que tanto ſe enganaõ, e erraõ agora na Fé, como dantes erraraõ, e taõ idolatras ſaõ no tempo preſente, como foraõ no paſſado. E ſe naõ, digaõme elles, e digame todo o mundo, que couſa he Idolo? Idolo naõ he outra couſa ſe naõ hum Deos falſo, ou huma couſa fingida, e vãa, que, naõ ſendo Deos, ſe chama Deos, e ſe adora como Deos. Logo a fé, que hoje profeſſaõ os Judeos he verdadeira, e propria idolatria, porque o Deos que crem, e adoraõ, propriamente he Deos falſo. Provo com a ſua meſma fé, e por dous principios evidentes. Os Judeos confeſſaõ a unidade de Deos, negaõ a Trindade: logo o Deos em que crem, e adoraõ, he Deos falſo: porque Deos, que naõ ſeja hum, e juntamente trino, he falſo, e naõ ha tal Deos. Mais. Os Judeos confeſſaõ em Deos a Divindade, e negaõ-lhe a Humanidade; porque negão que Deos ſe fizeſſe homem: logo eſſe Deos que crem, e adoraõ, he outra vez Deos falſo; porque tendo-ſe o verdadeiro Deos feito homem, qualquer chamado Deos, que juntamente naõ ſeja homem, naõ he Deos. Daqui ſe ſegue com ſegunda, e admiravel demoſtraçaõ por

huma

huma parte de inconstancia, e por outra de pertinacia, quam propria, e natural inclinaçaõ, e quam proprio, e natural vicio he da gente Hebréa o errar sempre na Fé. Notay muito. Quando Deos era totalmente invisivel, queriaõ Deos que pudessem ver com os olhos, e por isso frequentavaõ, e adoravaõ os Idolos, e depois que Deos vestindo se da humanidade, se fez visivel, e foy visto, como diz Baruch: *Post hæc ac in terris visus est, & cum hominibus conversatus est*, logo entaõ mudáraõ de vontade, e de fé naõ quizeraõ senaõ Deos invisivel. Do mesmo modo, em quanto Deos sómente era espirito, queriaõ Deos que tivesse corpo, olhos, orelhas boca, pés, e mãos, como diz David; e por isso fabricavaõ, e adoravaõ as estatuas; porem depois que Deos feito homem teve corpo com esta mesma figura, e esses mesmos sentidos, logo naõ quizeraõ Deos senaõ que fosse todo espirito. Mayor energía, e ainda galantaria tem esta mudança sobre a queixa, que fazia delles: *Novi, recentesque venerunt: Deum, qui tegenuit dereliquisti.* Vieraõ os Deoses novos, que saõ os Idolos, e o meu Povo a quem eu criey, deixoume porque era Deos; mas por mais que Deos quiz remediar a antiguidade da sua velhice, naõ lhe aproveitou; porque depois que o mesmo Deos pela novidade do mysterio da Incarnaçaõ se fez novo: *Novum creavit Dominus super terram, fœmina circundabit virum*, logo se tornáraõ outra vez ao Deos velho, e naõ quizeraõ o novo. De sorte, que he taõ propria condiçaõ, ou natureza da naçaõ Hebréa o errar sempre na Fé, que ella o seja para logo a trocarem, e ainda quando quizeraõ deixar a idolatria, se fizeraõ dobradamente idolatras,

Baruch. 3. 38.

Deut. 32. 17. 18.

Jerem. 31. 22.

E por-

E porque naõ cuidem que esta censura he minha, leyaõ, e entendaõ as Escrituras, e veraõ que he Divina, e definida pelo mesmo Deos. Naõ ha cousa mais repetida, e decantada nos Profetas, que a conversaõ, e restituiçaõ do Povo Hebrêo lá para o fim do Mundo. O que mais largamente escreve, he o Profeta Ezequiel em muitos capitulos, e no trinta e seis da sua profecia, que he desta materia o primeiro depois de protestar Deos, que lhe ha de fazer aquella mercê naõ por merecimento delles, senaõ por méra bondade, diz assim: *Tollam quippe vos de gentibus, & congregabo vos de universis terris, & adducam vos in terram vestram, & effundam super vos aquam mundam, & mundabimini ab omnibus inquinamentis vestris, & ab universis idólis vestris mundabo vos.* Porque eu vos ajuntarey de todas as terras, por onde andais desterrados, & vos trarey á vossa, e derramarey sobre vós huma agua limpa, e pura, com que ficareis purificados de todos vossos peccados, e com que eu vos purificarey de todas vossas idolatrias. Aqui está o ponto: *Et ab universis idólis vestris mundabo vos.* Pois se ha mil e seiscentos annos que os Judeos andaõ desterrados depois da destruiçaõ de Jerusalem pelos Romanos, e em todo este tempo he certo que não adoraõ idolos de ouro, ou prata, nem de páo, ou pedra, como dantes adoravaõ; porque não só diz Deos, que por meyo daquella agua pura, que derramará sobre elles (que he a do Bautismo) os ha de purificar de todos seus peccados, senaõ tambem nomeadamente de todos seus idolos, *& ab universis idólis vestris?* Dem elles a soluçaõ, ou de-a alguem, se a sabe. Sinal he logo evidente, que ainda agora suppoem que os Judeos saõ idolatras, e tem ido-

Ezech. 36. 24. 25.

idolos, e estes idolos naõ saõ, nem pódem ser outros, senaõ os que elles fabricaõ naõ de pedra, ou de metal, senaõ da mesma Divindade do verdadeiro Deos, negando á sua unidade a trindade das pessoas, e á sua natureza Divina a uniáõ, que tem com a humana. E como este he o vicio nacional, e o peccado em que antes de Christo, e depois de Christo sempre cahiraõ, e obstinadamente perseveraõ os Judeos, que o naõ receberaõ, nem conhecèraõ; este he o peccado em que vivem, e este o peccado em que morrem, e este o peccado seu em que Christo lhes profetizou que haviaõ de morrer: *Et in peccato vestro moriemini.*

§. X.

O Que acabo de dizer, he o peccado, e a morte, sobre que cahe na obstinaçaõ final do Judeo o *væ*, ou Ay de Saõ Joaõ taõ justa como lastimosamente. E porque tambem tem lugar, com mayor lastima ainda, na fé morta, e impenitencia do Christão; saibamos finalmente qual he o peccado em que elle morre, ou hade morrer, e se chama com a mesma propriedade peccado seu; *& in peccato vestro.* Naõ tem especie particular este peccado, mas póde ser de qualquer especie. He pois aquelle vicio, a que a inclinaçaõ de cada hum mais o arrastra, e sujeita, o qual começando em acto, passa a ser habito, e continuando em habito, chega a ser natureza, como diz Santo Agostinho; e como a natureza naõ se muda até a morte, tambem elle naõ tem emenda na morte, se a naõ teve na vida.

No Psalmo *Miserere*, em que David pede perdaõ a Deos, e chora o adulterio commettido com

Berſabé, cinco vezes chama ſeu áquelle peccado:
Pſalm. 50. 3. 4. 5. *Dele iniquitatem meam, amplius lava mé ab iniquitate mea: & à peccato meo munda me: quoniam iniquitatem meam ego cognoſco: & peccatum meum contra me eſt ſemper.* E quanto durou David naquelle peccado? Muito, mas naõ chegou a hum anno. E ſe a hum peccado emendado, e chorado, e que naõ chegou a hum anno, lhe chama David tantas vezes ſeu; o peccado de tantos annos, e de toda a vida, o peccado que naſceo, creſceo, envelheceo, e viveo ſempre com voſco, porque naõ ſerá voſſo, *& in peccato veſtro?* Voſſo, porque o compraſtes com a fazenda, com a honra, com a ſaude, e com tantos perigos da vida: voſſo, porque déſtes por elle a conſciencia, a alma, a graça de Deos, e o meſmo Deos: voſſo, porque vos vendeſtes ao demonio para o adquirir, e poſſuir ſem vos poder arrancar deſta continuada, e eſcandaloſa poſſe nem o reſpeito da juſtiça Eccleſiaſtica, nem as ameaças da Divina, nem o amor do Ceo, nem o temor do Inferno: voſſo em fim, porque nem na morte o deixaſtes, nem a morte, que tudo acaba, póde acabar que o naõ levaſſeis com voſco: *Et in peccato veſtro moriemini.*

Ora eu, ſuppoſto que falley em David, naõ do ſeu peccado, mas da ſua penitencia quero arguir, e convencer que haveis de morrer no voſſo. Foy couſa muy notavel em David, e naõ pouco eſtranhada por Deos, que depois da morte de Urias (naõ executada com eſſa tençaõ) trocando adulterio em matrimonio, ſe caſou com a meſma Berſabé: *Introduxit eam in domum ſuam, & facta eſt ei uxor: & diſplicuit verbum hoc, quod fecerat David coram Domino.* Pois ſe David ſe arrependeo, deteſtou, e chorou tanto
2. Reg. 11. 27.

aquelle

aquelle adulterio, porque se casou com a mesma occasião, e causa delle, e não apartou de si a Bersabé até a morte, antes por ser seu filho Salamaõ, o fez herdeiro do Reyno? Porque tal he a força, e vehemencia do affecto humano, quando he grande. Pode deixar o peccado, mas naõ pode deixar o amor. O peccado durou menos de hum anno, o amor perseverou até a morte. Toda a prudencia, e ventura de David esteve em saber, e poder apartar o peccado do amor por meyo do matrimonio; porque se elle não apartára o peccado do amor, assim como morreo com o amor, assim havia de morrer com o peccado. Isto he o que acontece a todos os homens que naõ fazem o mesmo, e em todos os peccados, nos quaes se naõ póde fazer. Naõ ha melhor exemplo, nem mais propria similhança para explicar o inseparavel perigo do morrer em peccado, que o casamento. O casamento he hum contrato, que de sua natureza dura até a morte, nem antes della póde haver separaçaõ dos que o contrahem. Tal he o jugo inseparal a que estaõ sujeitos os que vivem casados com o seu peccado. Ainda que se queiraõ apartar, tanto pelo costume inveterado, que se tem convertido em necessidade, quanto pelo justo juizo, e castigo de Deos, que assim o permitte; nem o peccado habitual se aparta do peccador, nem o peccador do peccado, senaõ mediante a morte, e por isso todos morrem geralmente no seu peccado: *Et in peccato vestro moriemini:*

Væ, Ay de ti miseravel homem, que se apartou Deos de ti, *Ego vado. Væ*, Ay de ti infelice homem, que naõ achaste a Deos, ainda que o buscaste: *Et quæretis me. Væ*, Ay de ti mofino, e maldito homem,

que

que porque naõ trataſte da ſalvaçaõ na vida, a perderás para todas as eternidades na morte: *Et in peccato veſtro moriemini*! Homens, ſe temos uſo de razaõ; Chriſtãos, ſe ainda naõ eſtá apagado de todo em nós o lume da Fé; reparemos bem, e conſideremos neſtas tres clauſulas tremendas da ſentença de Chriſto. E ſe queremos ſegurar a vida, e ſaude eterna, naõ guardemos o arrependimento para a morte, nem a emenda para a enfermidade. Mas ſe huma, e outra couſa fizermos de todo coraçaõ na vida, e na ſaude, a enfermidade, e a morte, como conclue Santo Ambroſio, nos acharáõ ſeguros. *Age pœnitentiam, dum ſanus es: ſi enim agis pœnitentiam dum ſanus es, & invenerit te noviſſimus dies, ſecurus es.*

SERMAÕ
DA DEGOLLAÇAM
DE SAÕ JOAÕ
BAPTISTA.
QUE PREGOU
O MUITO REVERENDO PADRE
ANTONIO
VIEIRA,
DA COMPANHIA DE JESU,
Em Odivelas, no anno de 1653.

LISBOA:
Com todas as licenças necessarias. Anno de 1754.

LISBOA:

SERMÃO
DE SANTO ANTONIO
O MUITO VENERAVEL PADRE
FREI ANTONIO
DA CONCEIÇÃO DE JESUS,
Em Odivellas, no anno de 1757.

Miſit Herodes, ac tenuit Joannem, & vinxit eum in carcere propter Herodiadem uxorem Philippi fratris ſui, quia duxerat eam. . . & decollavit eum in carcere. Marc. 6.

§. I.

USO foy dos antigos Hebrêos, (de quem o tomáraõ os Gentios mais ſábios, Gregos, e Romanos, e ſem perigo da Fé, antes com louvor dos coſtumes o devêraõ imitar os Chriſtãos.) Uſo foy, digo, nos famoſos convites, naõ ſó ſaborearem as meſas com pratos regalados, e exquiſitos, mas tambem com problemas diſcretos, e proveitoſos. Lembraváõ ſe aquelles homens, que eraõ racionaes, e parecia-lhes couſa indigna de huma natureza taõ nobre, que ficaſſem em jejum as potencias da alma, quando tanto ſe eſtudava, e diſpendia em dar paſto, e delicias aos ſentidos do corpo. Entre outros exemplos deſte celebre coſtume (muito antes de Salomaõ compôr para elle as ſuas Parabolas) temos o das vodas de Sanſáõ, o qual com nome de problema propoz na meſa aos convidados o enigma da ſua victoria, dizendo: *Proponam vobis problema.* O meſmo digo eu, e farey hoje. Temos á meſa ElRey Herodes com os grandes da ſua Corte; e aſſim como Herodîas tomou por ſua conta pôr nella o mais exquiſito prato; eu quero, que corra pela minha propôr o mais proveitoſo problema. O prato foy a cabeça do Baptiſta; o problema naõ ſerá indigno de que o meſmo Baptiſta o prégaſſe. *Judic.* 14. 12.

AVE MARIA.

§. II.

NEſta grande tragedia do mayor dos naſci los fazem o primeiro, e ſegundo papel dous homens, que tambem naſcêraõ grandes: hum Herodes, outro Filippe: hum Rey, outro ſeu irmaõ: hum ſem honra, outro ſem conſciencia: hum caſado, mas ſem mulher; outro com mulher, mas naõ caſado. E de toda eſta violencia, de todo eſte eſcandalo, de todo eſte vituperio de hum, e outro, naõ foraõ duas mulheres a cauſa, ſenaõ huma ſó, e a meſma, a infame Herodîas. A tanto ſe atreve hum amor poderoſo, a tanto ſe delibéra huma ambiçaõ impotente! Era Herodîas no meſmo tempo mulher de Filippe propria, e de Herodes alheya; ambos por ella infelices, ambos por ella afrontados, ambos por ella em diverſo modo perdidos. Neſta hiſtoria ſe funda o meu problema, como o de Sanſáõ na ſua, e ſerá eſte: Quaes mulheres ſaõ mais perniciozas aos homens, ſe as proprias, ou as alheyas? Se as proprias, como Herodîas era de Filippe; ou as alheyas, como a meſma Herodîas era, ou naõ era de Herodes? Já ſabeis, que quem diſputa problemas, naõ tem obrigaçaõ de os reſolver. E porque cada hum deve ſeguir a parte, que mais lhe contentar, todos devem attençaõ a ambas.

Mas antes que entremos na diſputa, vejamos brevemente primeiro quam problematica he a materia. Propoz-ſe em outro convite, que refere Eſdras, aquella famoſa queſtáõ, qual era a couſa mais poderoſa do mundo. E huns Filoſofos diſſeraõ, que a mulher, outros que o vinho. Naõ me detenho nas

razoens

nas razoens de cada hum: mas só reparo na discrepancia dos extremos, e na concordia dos votos. Em que simbolizaõ o vinho, e a mulher, para se attribuir a ambos o mayor poder? Simbolizaõ, disseraõ os mesmos Filosophos, em que o vinho, e a mulher, ambos rendem o dominio de tal sorte aos homens, que lhes tiraõ o juizo. Adaõ, o primeiro pay do genero humano, e Noé, o segundo, ambos perdêraõ o juizo: e quem lho tirou? Ao primeiro a mulher, ao segundo o vinho. E assim como o vinho para tirar o juizo a hum homem, naõ importa que seja da sua vinha, ou do outro; assim tambem a mulher, tanto lhe pode tirar o juizo a alheya, como a propria. Demos a Adam outro companheiro. Perdeo Adaõ o juizo, perdeu o mundo: e por quem? Por amor de Eva. Perdeo David o juizo, e perdeo o Reyno: e por quem? Por amor de Bersabé. Bersabé era mulher alheya, Eva era mulher propria. Mas que importou, que huma fosse propria, e outra alheya, se ambas perderaõ a ambos?

O Espirito Santo, que naõ pode errar, diz que as mulheres fazem apostatar da Fé, e idolatrar aos sábios; *Mulieres apostatare faciunt sapientes.* Naõ diz aos homens, senaõ aos sábios, que saõ aquelles homens, que até sobre as Estrellas tem dominio. Dictou este Oraculo o Espirito Santo por boca de Salomaõ, e no mesmo Salomaõ, que foy o mais sábio de todos os homens, se vio provado. As mulheres Gentias lhe depravaraõ o juizo de tal sorte, que o famoso edificador do Templo de Jerusalem, naõ só adorou os seus Idolos, mas tambem lhe edificou templos. E porque chegou a cahir em tal cegueira hum tal homem? Porque antes de adorar os Ido- *Eccles. 19. 2.*

Idolos, adorava as Idolatras. Primeiro foraõ ellas Idolos de Salomaõ, do que Salomaõ adoraſſe os ſeus Idolos. E huma vez que as mulheres ſaõ Idolos, tanto monta, que ſejaõ proprias, como alheyas. Que importa, que o Idolo ſeja, ou naõ ſeja meu, ſe eu o adoro? Rachel, quando ainda era Gentia, furtou os Idolos de ſeu pay Labáõ: e qual dos dous era mais idolatra? Os Idolos, que adorava Labaõ, eraõ ſeus; os que adorava Rachel eraõ roubados: mas taõ idolatra era Rachel adorando os Idolos alheyos, como Labaõ os proprios. Daquelles Idolos diz David, que tinhaõ olhos, e naõ viaõ, ouvidos, e naõ ouviaõ, boca, e naõ fallavaõ. Vede, ſe ſerá o meſmo nos Idolos, que fallaõ, que vem, e que ouvem? Tanto importa, que ſejaõ proprios, ou alheyos, para vos fazerem apoſtatar.

Finalmente o meſmo homem, que nos deu o exemplo com o ſeu problema, ſem o dividir-mos em dous ſujeitos, e ſem o declarar-mos por metaforas, he a mayor prova do noſſo. Teve Sanſáõ duas mulheres, huma propria, outra alheya; porque huma era legitima, e outra naõ. A alheya ſe chamava Dalila, a propria naõ tem nome na Eſcriptura. E que lhe ſuccedeo com ambas? Taõ alheya foy do ſeu amor a alheya, como a propria; e taõ propria para os enganos a propria, como a alheya. Ambas o enganáraõ, ambas lhe foraõ infieis, ambas ingratas, ambas traidoras, ambas crueis, e ambas inimigas. A propria o rendeo com lagrymas, e caricias a que lhe deſcubriſſe o ſegredo do ſeu enigma, e o revelou a ſeus competidores; e tomou por marido a hum delles. A alheya comprada por dinheiro lhe roubou com as meſmas artes as chaves

do

do theſouro de ſeus cabellos, os quaes cortados, e enfraquecido Sanſaõ, o entregou nas mãos dos Filiſtheos. Eſtes forão os favos, que tirou da boca daquelles dous Leoens o ſábio, e valente moço; o qual agora podia trocar o ſeu problema com o noſſo, e perguntar com mayor razaõ, quaes mulheres ſaõ mais perniciosas ao homem, ſe as proprias, ou as alheyas. Mas já he tempo, que entremos na têa da diſputa, e diſcorramos por huma, e outra parte os fundamantos taõ verdadeiros, como fortes, com que ambas ſe combatem, ou ſe defendem.

§. III.

COmeçando pelas mulheres alheyas, qual era Herodîas em reſpeito de Herodes; a razaõ, a experiencia, as leys de todas as Naçoens, ainda barbaras, os eſcandalos particulares, e publicos; a ruina das caſas, a infamia das peſſoas, as mortes violentas na paz, o ſangue correndo a rios nas guerras, a deſtruiçaõ de Cidades, a aſſolaçaõ de Reynos inteiros; em fim a voz, e conſenſo do genero humano, continuado por todas as idades do mundo, tudo iſto he hum teſtimunho univerſal, e de mayor authoridade, que a de todos os Eſcriptores, (tambem concordes na meſma opiniaõ) o qual affirma, defende, e ſem contradicçaõ pronunciа, que as mulheres mais perniciosas aos homens ſaõ as alheyas. As proprias ſaõ companheiras no matrimonio, as alheyas ſaõ cumplices no adulterio: e ſendo o adulterio peccado; e o matrimonio Sacramento, mais parece ſacrilegio, que aggravo, a comparaçaõ por ſi ſó entre humas, e outras; quanto

mais

mais o pôr em queſtiõ, e em duvida, quaes ſejaõ mais damnoſas ao homem. O matrimonio foy inſtituido por Deos no eſtado da innocencia; o adulterio foy machinado pelo demonio deſpois da natureza corrupta: o matrimonio ainda antes de ſer Sacramento ſempre foy licito, honeſto, e ſanto; o adulterio ſempre illicito, ſempre injuſto, ſempre abominavel: e ſendo qualquer peccado o mayor mal de todos os males, e eſte por ſua malicia taõ grave, que Job profeſſor ſómente da Ley da Natureza, lhe chamou a maxima das maldades: *Quæ eſt iniquitas maxima*; quando as mulheres alheyas naõ foraõ occaſiaõ, e cauſa aos homens de outro mal mais, que o peccado; ſó por eſte, que ſempre he inſeparavel do adulterio, ſe lhes devia em gráo ſuperlativo, e ſobre toda a compiraçaõ o nome de perniciolas.

Job. 31. 28.

Para ſerem perniciolas, e cauzadoras de graviſſimos males as mulheres alheyas, naõ baſta ſerem mulheres; (como indiſcretamente dizem muitos ſem o reſpeito, e reverencia devida ao ſexo de que todos naſcemos) mas o que eu digo he, que baſta ſerem alheyas. Alheya era aquella mulher, que David tomou occultamente a Urías, abuſando do poder Real: exemplo em que tem mais imitadores, que no de ſuas virtudes. Mandou Deos ao Profeta Nathan, que lhe foſſe extranhar de ſua parte hum taõ grande, e nelle taõ novo exceſſo: e que fez o Profeta? Para que o Rey em terceira peſſoa reconheceſſe melhor a fealdade do ſeu peccado, repreſentou-lho primeiro na parabola, ou accuſaõ de hum poderoſo, o qual tomára a hum pobre huma ſó ovelha, que tinha, para com ella agazalhar hum peregrino, que ſe viera hoſpedar em ſua caſa. O

poderoso era David; o pobre, Urias; a ovelha, sua mulher Bersabé; e o peregrino, o máo appetite, que casualmente, e fóra do que David costumava, se lhe introduzio no coraçaõ, e elle o recebeo, como naõ devera. Mas se o peccado era de adulterio, porque o representou o Profeta em parabola, e figura de furto? Porque o furto, e adulterio, ambos tem o mesmo objecto, que he o alheyo. He pensamento de Santo Ambrosio em differente caso, mas muito proprio do presente. Chama o Santo Doutor elegantemente á cubiça luxuria de dinheiro, *Æris libido*: e proseguindo na mesma metafora, diz que os furtos saõ adulterios da cubiça: *Æris libido sic igne suo pascit animam, ut hoc solo á luxuria distet, quòd hæc formarum adultera sit, avaritia terrarum.* Assim como o torpe póde ser torpe, sem ser adultero, assim o cubiçoso póde ser cubiçoso, sem ser ladraõ: mas quando chega a ser ladraõ, logo juntamente he adultero: e porque? Porque assim o furto, como o adulterio tem por objecto o alheyo: o adulterio, a mulher alheya; o furto, a fazenda alheya: e assim como o tomar a mulher alheya he adulterio da torpeza; assim o tomar a fazenda alheya, he o adulterio da cubiça. *S. Amb.*

Vede agora se se infere bem, que ainda que a mulher alheya naõ fora mulher, só por ser alheya, seria causa de grandes males ao homem. E para que o mesmo caso, que nos deu a similhança de hum, e outro adulterio, nos dê tambem a prova de hum, e outro effeito, ponhamos em parallelo ao mesmo Rey David com ElRey Achab, e veremos as calamidades, e desventuras, a que ambos se condemnaraõ, hum, porque tomou o alheyo, outro,

tro, porque tomou a alheya. Tomou Achab a vinha de Naboth; e que se seguio desta violencia, (para que naõ percamos o decóro ao nome Real com lhe chamar furto?) Lá disse Saõ Paulo, que hum pequeno fremento corrompe toda a massa: *Modicum fermentum totam massam corrumpit*; e taes saõ os effeitos do alheyo, ainda que a massa com que se ajunta, ou mistura seja huma Monarquia inteira. Que comparaçaõ tinha a vinha de Naboth com o Reyno de Achab? Mas era alheya, posto que taõ pequena. E como se Naboth com as vides da sua vinha lhe puzera o fogo, assim ardeo em hum momento a casa de Achab, a Coroa, o Reyno, a vida sua, e de sua mulher, a honra, a fama, o estado, a successaõ, e até os ossos de ambos. E se isto faz o alheyo em materia de taõ pouco preço; que faria na mais preciosa, na mais prezada, na mais estimada de todas; e que o homem naõ distingue de si mesmo, qual he a mulher? Diga-o Bersabé: (para que voltemos os olhos á outra parte do parallelo) diga-o Bersabé, que foy a Elena de Israel; e chore-o a Casa de David, que foy a Troya daquella Elena.

1. Cor. 5. 6.

De Troya fingiraõ os Poetas, que fora fundada pelos Deoses: *Cœlitum egregius labor.* Mas depois que nella entrou Elena, roubada a seu marido Menelão por Páris filho delRey Príamo, naõ lhe valeo a divindade de seus fundadores, para que naõ ardesse, deixando sepultada em suas cinzas a flor de toda a Asia, e Europa, consumida no sitio de dez annos. Taõ perniciosa he aos homens, e taõ fatal póde ser aos mesmos Reynos huma mulher alheya! A casa de David he certo, que foy fundada pelo

Senec. in Troa.

lo verdadeiro Deos, e com os mais altos, e sólidos fundamentos de quantas houve, nem haverá no mundo, como aquella, de cuja prosapia havia de nascer feito Homem o Filho do mesmo Deos: mas tanto que nella entrou huma mulher tomada a seu marido, posto que não publica, senão occultamente: este fogo occulto foy o que a abrazou, e destruio, como notou Saõ Chrisostomo: *Nisi peccatorum scintillas occultasset, domus non conflagraret.* Que desgraças, que infortunios não succederaõ a David, e áquelle grande Heróe, entre todos os da fama famosissimo, despois deste erro taõ lamentavel, e taõ chorado por elle? Mas nem os rios de lagrymas, que continuamente corriaõ dos mesmos olhos, com que vira a Bersabé, bastáraõ a apagar o incendio, que com ella se ateou á sua casa, sendo a justiça do mesmo Deos, que a fundára, a quem a hum homem taõ amigo, e taõ do seu coraçaõ, castigou taõ severamente. S. Chrisostom.

Quatro eraõ as columnas principaes, sobre que se sustentava a Casa Real de David: Salomaõ, Adonias, Amon, Absalaõ: e excepto o primeiro, (que sómente se conservou na promessa, e juramento de Deos) todos os outros acabárão desastrada, e tragicamente; porque Salomaõ matou a Adonias, Absalaõ matou a Amon, e contra o preceito do mesmo David, Joab matou a Absalaõ. Deixo o primeiro filho, que lhe nasceo de Bersabé morto por sentença Divina antes de ter nome. Nem fallo na desgraça de Thamar viva para perpetua dor do pay, e epitafio immortal da sua deshonra. Afrontou-a seu proprio irmaõ Amon com mayor crueldade, que se a matára: mas naõ paráraõ aqui as mor-

tes violentas, e laſtimoſas na Caſa de David; porque em quanto duraſſe no mundo a ſua deſcendencia, ſempre a eſpada da Divina juſtiça ſe veria tinta no ſeu ſangue em caſtigo, e pena póſthuma daquelle peccado. He couſa, que de nenhum modo ſe pudéra crer, ſe aſſim o naõ diſſera a meſma ſentença: *Quamobrem non recedet gladius de domo tua uſque in ſempiternum.* Ah Rey Profeta, que ſe aſſim como vireis os eſtragos, que com aquella mulher, como nuvem prenhe de rayos, trazieis á voſſa caſa, e ſobre voſſa peſſoa, antes quererieis perder os olhos, que pollos nella!

2. Reg. 12. 10.

Era David Rey ungido por Deos; mas onde eſtá a Coroa? La a leva tyrannicamente uſurpada, e poſta ſobre a cabeça o impio, e rebelde Abſalaõ, acclamado com trombetas, e ſeguido de todo o Reyno. Era o valente de Iſrael, que matava Leões, e Gigantes, e vencia exercitos de Filiſtheos; e agora vay fugindo pelos montes, de hum moço mais conhecido das damas pelos cabellos, que dos ſoldados pela eſpada. Era o venerado, applaudido, e adorado das gentes; e agora apedrejado de Semey, ouve os opprobrios, as injurias, as calumnias, e as maldicçoens de huma lingoa taõ vil, e infame, como o meſmo, que ſe atrevia a dizellas. Era o mais rico Monarcha de quantos dentro, e fora de Paleſtina accumuláraõ theſouros; e agora pobre, deſterrado, faminto vive das migalhas de Berzellay. Sobre tudo era aquelle Santo varáõ, cuja alma por ſuas virtudes era louvada em Deos: *In Domino laudabitur anima mea*; e agora pelo ſeu peccado he Deos blasfemado nelle: *Quoniam blasphemare feciſti inimicos Domini.* Ha ainda mais deſgraças? Ha ainda mais afron-

Pſalm. 33. 3.

2. Reg. 12. 14.

afrontas? Ha ainda mais caſtigos ſobre David? Ainda. E os que na opiniaõ dos homens ſaõ os mais afrontoſos. *Ecce ego ſuſcitabo ſuper te malum de domo tua, & tollam uxores tuas, & dabo proximo tuo, & dormiet cum uxoribus tuis in oculis ſolis hujus: tu enim feciſti abſconditè, ego autem faciam verbum iſtud in conſpectu omnis Iſrael.* Se cuidas David, (diz Deos) que com todos eſtes caſtigos tens purgado a tua culpa, enganas-te. Nem a morte dos filhos, nem a uſurpaçaõ da Coroa, nem a perda do Reyno, nem o deſterro, nem a pobreza, nem a mizeria, nem as injurias, e infamias, com que te vês naõ ſó perſeguido, mas abominado de teus vaſſallos, ſaõ baſtante ſatisfaçaõ ao teu peccado: *Ecce ego ſuſcitabo ſuper te malum:* ainda te reſta por padecer outro mal, mayor, que todos eſſes males, que he a pena de Taliaõ: *Dabo uxores tuas proximo tuo.* Aſſim como tu tomaſte a mulher alheya, aſſim permittirey, que tomem outros as tuas; e naõ com a meſma, ſenaõ com muito mayor afronta: *Tu enim feciſti abſconditè, ego autem faciam in oculis ſolis hujus in conſpectu omnis Iſrael.* Porque tu tomaſte a mulher alheya ſecreta, e eſcondidamente, as tuas ſertehaõ tomadas, e profanadas á viſta de todo o mundo, e nos olhos do meſmo Sol. *Ibidem* 11. 12.

§. IV.

VErdadeiramente, que ſe naõ podéraõ pintar com cores de mayor horror os damnos, e calamidades, de que ſaõ cauſa aos homens, aos Reynos, e ao mundo as mulheres alheyas, ou huma ſó mulher alheya, que he mais. Mas ainda naõ eſtá ponderada a mayor circunſtancia do caſo. Naõ diz o rela-

o relatorio da ſentença de Deos, notificada pelo Profeta, que foy condemnado David a todos eſtes caſtigos; porque tomou a mulher alheya, ſenaõ porque tendo ſido alheya, a fez ſua, caſando-ſe com ella. Aſſim o pronuncía expreſſamente o Texto: *Uxorem illius accepiſti in uxorem tibi*, e aſſim o torna a repetir outra vez com a meſma expreſſáõ: *Et tuleris uxorem Uriæ Hethæi, ut eſſet uxor tua.* E aſſim o tinha já advertido nâ hiſtoria, e narraçaõ do caſo: *Miſit David, & introduxit eam in domum ſuam, & facta eſt ei uxor: & diſplicuit verbum hoc coram Domino.* Onde ſe deve notar, que eſte matrimonio, poſto que nas leys Chriſtãas ſeria illicito, e invalido; nas leys Hebréas porem naõ tinha prohibiçaõ alguma: e por iſſo o meſmo David deſpois de reconciliado com Deos teve ſempre aquella mulher por legitima, e a tratou como tal. Pois ſe Berſabé, quando David a tomou a Urias, ſendo elle vivo, era alheya, e deſpois de ſua morte, quando ſe caſou com ella já era propria; porque ſe fulminaõ todos os caſtigos contra David, naõ tanto pelo adulterio, quanto pelo caſamento? E naõ tanto por tomar a mulher alheya, quanto pela fazer ſua? Theodoreto fundado nos Textos, que allegamos, diz, que delles ſe colhe, que mais ſentio Deos o matrimonio de David com Berſabé, do que o adulterio: *Tacite ſignificat oratio, quòd Deus magis ſuccenſuit ob matrimonium, quàm ob prius commiſſum adulterium.* E do meſmo parecer he Procopio, a Gloſſa, e outros graves Authores; com que mais ſe accreſcenta a duvida, ou admiraçaõ de taõ extraordinarios caſtigos.

2. Reg. 12. 9. Ibidem 10. 2. Reg. 11. 27. Theodoret.

Mas antes que demos a razaõ deſte caſo, ponhamos á viſta delle outro por ventura mais admiravel.

ravel. Entra Abrahaõ no Egypto tendo primeiro concertado com Sára, que se nomee, naõ por mulher, se naõ por irmãa sua. Chega a fama de sua formosura a ElRey Faraó, e a fim de se casar com ella (como era licito, e usado naquelles tempos) manda que lha levem ao Paço, e que a Abrahaõ como irmaõ seu se façaõ grandes mercês. Executou-se assim com aquella diligencia, com que os appetites dos Reys costumaõ ser obedecidos; mas o castigo do Ceo ainda foy mais apressado, porque no mesmo ponto, sem offensa da honestidade de Sára, veyo o açoute de Deos sobre Faraó, e sobre todos seus vassallos: *Flagellavit autem Dominus Pharaonem plagis maximis, & domum ejus propter Sarai uxorem Abraham.* As pragas, ou calamidades, de que constou o açoute, que a Escriptura chama máximas, foraõ estas; cahio de repente o mesmo Faraó mais morto, que enfermo, com acerbissimas dores, que sem poder aquietar, nem de dia, nem de noite, o atormentavaõ mortalmente. Começáraõ a tumultuar, e rebellarselhe os vassallos: ateou-se peste em todo o Reyno; esterilizaraõ-se naõ só os campos, mas com prodigio inaudito, até os animaes, e homens, cessando totalmente em huns, e outros a geraçaõ, e uso della; e tudo isto só porque Faraó teve intento de se casar com huma mulher alheya. Mas se Sara dizia, que era irmãa de Abrahaõ, e Abrahaõ, que era irmaõ de Sára, e Faraó o suppunha assim, ignorando totalmente, que fosse sua mulher; sobre que cahia este açoute do Ceo com tantos, e taõ extraordinarios castigos, e naõ por outra causa, senaõ por ser Sára mulher de Abrahaõ: *Propter Sarai uxorem Abraham?* *Genes.* 12. 17. *Ibid.*

Aqui

Aqui vereis em hum, e outro caſo, naõ ſó quam perniciosas saõ aos homens ſobre toda a imaginaçaõ as mulheres alheyas, mas quam pouco baſta para ſerem criminadas diante de Deos por alheyas, ainda que o naõ pareçaõ. Berſabé, ainda que caſada com David, tinha ſido mulher de Urias: Sára, ainda que reputada por irmãa, era mulher de Abrahaõ: e poſto que David ſe caſára com Berſabé, e Faraó ſe queria caſar com Sára, ambos legitimamente, nem a David o livrou dos caſtigos o matrimonio, nem a Faraó o excuzou a ignorancia; a hum, porque a mulher verdadeiramente era alheya; a outro, ſó porque o tinha ſido. Sára, ainda que foſſe irmãa de Abrahaõ, podia ſer caſada, e mulher de outro: e Faraó foy culpado em naõ fazer naquelle caſo o exame devido. Berſabé, ainda que já era livre pela morte do marido, tinha ſido alheya no tempo do adulterio: e David foy culpado em continuar o amor de quem lhe fora occaſiaõ do peccado. E eſtas circunſtancias, e conſideraçoens, que no juizo dos homens parecem leves, e veniaes; no de Deos ſaõ taõ graves, e taõ pezadas como moſtráraõ os açoutes, com que as caſtigou.

Oh quantos Reys, e quantos Reynos ſe arruinaõ, quantos exercitos, e quantas armadas ſe perdem, quantas fomes, quantas peſtes, e quantos infortunios, e calamidades geraes ſe padecem, naõ pelas cauſas imaginadas, que vaãmente diſcorrem os Politicos, mas pelas injurias, que cõmettem os mayores, ou contra o proprio, ou contra o alheyo matrimonio, naõ ſendo neceſſario que as mulheres ſejaõ de outrem, mas baſtando que naõ ſejaõ proprias! Por amor de Dina ſe perdeo o Principe Sichem, e todo o

do o seu Estado: por amor de Judith se perdeo o General de Nabuchodonosor, e a potencia formidavel dos seus exercitos. E porque? Naõ porque em Dina, ou Judith se violasse a fé devida ao thalamo conjugal; porque Dina era donzella, e Judith viuva; mas bastou que naõ fossem mulheres proprias, para que desarmadas de todo o outro poder fossem ambas a occasiaõ, e cada huma só a causa de tamanhos estragos.

O intento de Nabuchodonosor era sujeitar todo o mundo a seu Imperio; e o poder, que ajuntou, e expedio para esta vastissima empreza, era taõ superior a todas as forças do mesmo mundo, que naõ houve Cidade taõ forte, nem Reyno taõ poderoso, nem Naçaõ taõ bellicosa, que se atrevesse ao resistir, sujeitando-se tudo sem guerra, nem batalha, ou de perto só com a vista, ou de longe só com a fama de taõ insuperavel potencia. Sahe porém Judith de Bethulia, e naõ violentada, ou tomada por força, mas solicitada por amor, e por rogos, ella só, e com a espada do mesmo General Holofernes lhe cortou a cabeça, ella só, e com hum só golpe degollou todo o seu exercito, desarmou todo o seu poder, aniquilou todas as suas victorias, emmudeceo toda a sua fama, e a converteo em desprezo, confuzaõ, e afronta de toda a Monarchia de Nabuchodonosor.

Naõ era taõ poderoso como Nabucho o Principe Sichem, mas de mayor titulo, que Holofernes, com soberania de Estado. Vivia nas suas terras, e á sua sombra como peregrino, e extrangeiro Jacob pay de Dina: pediolha por mulher Sichem, tendolhe feito primeiro hum daquelles aggravos, que costuma

ſtuma deſculpar o amor, e ſarar o matrimonio: offereceolhe por dote quanto pediſſe: veyo em condiçoens taõ aſperas, e difficultoſas, como o mudar de Religiaõ, e circuncidar ſe primeiro, naõ ſó elle, mas todos os ſeus vaſſallos. E que ſe ſeguio daqui? Hum engano verdadeiramente injuſto, mas hum caſtigo, ſe merecido, atroz, e hum exemplo por todas as ſuas circunſtancias temeroſo, e horrendo. No meſmo tempo em que todos voluntariamente ſe tinhaõ ferido, e no dia em que as dores da circunciſaõ ſaõ mais inſupportaveis, como nota o Texto, dous irmãos de Dina, Simeaõ, e Levi, moços, que nenhum delles chegava a vinte e dous annos, entraõ armados pela Cidade, mataõ ao Principe, e a ſeu pay, e a todos os Sichimitas miſeravelmente prezos, e ſem ſe poderem defender por cauſa das feridas, e força das dores, levaõ cativos todas ſuas mulheres, e filhos, aſſolaõ a Cidade, deſpojaõ as caſas, devaſtaõ os campos. Eſte foy o deſeſtrado, e laſtimoſo fim daquelle Principe, e de todo o ſeu Eſtado, e vaſſallos, naõ tanto por ſocegar da ſua paixaõ, quanto por ſe apreſſar na meſma cegueira. Que mais podia deſejar Jacob, que caſar huma filha com o Principe da terra em que vivia? Mas porque Sichem, como poderoſo, naõ quiz eſperar pela bençaõ do matrimonio, incorreo taõ miſeravelmente a maldiçaõ, que leva comſigo toda a mulher, que naõ he propria. Com eſta maldiçaõ quero dar fim á primeira parte do problema, e para que todos acabem de conhecer quam grande maldiçaõ he, e de todos os modos a temaõ, ſobre os dous caſos de hũa ſó mulher, accreſcento outro de muitas.

Deſejou ElRey dos Moabitas Balac amaldiçoar os

os rayaes, e exercitos do Povo de Deos, (os quaes ordinariamente se perdem, e tem infelices succéssos, porque vaõ carregados de maldicçoens) e o meyo, que para isso tomou, foy rogar por seus Embaixadores ao Profeta Baláõ (Profeta, e feiticeiro juntamente) que os quizesse amaldiçoar. As instrucções destes Embaixadores hiaõ acompanhadas de outras de ouro, e prata, que tambem saõ boa parte da maldicçaõ. Mas como Deos huma, outra, e tres vezes provocado com os sacrificios do máo Profeta lhe naõ permittisse amaldiçoar o seu Povo: elle que tinha os olhos postos na propina, se desculpou com o Rey de o naõ poder servir, como desejára; porém que em lugar da maldicçaõ, que lhe pedia, lhe daria hum conselho, taõ effectivo como ella. Tambem naõ he cousa nova haver conselhos, que sejaõ maldicçoens, e taõ vendidos, e comprados, como se foraõ Oraculos de Profetas. Qual foy pois o conselho de Baláõ? Foy que o Rey naõ sahisse em campanha com exercito de homens armados, e ordenados, senaõ com tropas de mulheres mandadas á desfilada; porque tanto que estas chegassem a se avistar com os Capitaens, e soldados do exercito de Israel, logo elles se lhe renderiaõ sem duvida debaixo das condiçoens, que quizessem. E commetido este grave peccado, (diz Baláõ) o mesmo Deos, que agora me naõ consentio, que amaldiçoasse o seu Povo, fará nelle tal estrago, que vós, ó Balac, vos deis por muy satisfeito, e naõ lhe desejeis mayor maldicçaõ. Este foy o conselho do máo Profeta; e se aconselhou como máo, tambem como Profeta adivinhou o succésso. Sahem as Madianitas em demanda dos rayaes de Israel, chegaõ primeiro á vista, e despois á fal-

la, e naõ com outros feitiços, que lhes déſſe Baláõ, ſenaõ com os da ſua preſença, de tal maneira prendêraõ, e ſujeitáraõ os Capitaens, e Soldados Iſraelitas, que ſe Deos naõ acodíra com prompto, e exemplariſſimo caſtigo, o exercito, a jornada, a terra de Promiſſáõ, e tudo ſe perdêra. Foraõ degollados naquelle dia vinte e quatro mil, que a tantos tinha já corrupto a peſte das Moabitas. Fazia horror a immenſa mortandade, e corria o ſangue a rios: naõ ſe guardou reſpeito á dignidade, nem foro á qualidade, nem exceiçaõ a peſſoa: e ſó houve de differença, que os que a Eſcriptura chama Principes, os mandou Deos enforcar em forcas altas com os roſtos voltados ao Sol, para que foſſem mais conhecidos, e a ſua infamia mais publica. Foy boa maldicçaõ eſta! Pois eſta he a que nos particulares arruina as caſas, e no commum as Républicas. Para que os Principes, e os que o naõ ſaõ, ſe acautelem, e temaõ: para que ninguem poſſa duvidar, e fique aſſentado por concluzáõ, que as mulheres mais perniciosas aos homens ſaõ as alheyas.

§. V.

ENtrando na ſegunda parte do noſſo problema á viſta da maldicçaõ com que acabey a primeira, lembra-me que quando ſe promulgou a ley na terra de Promiſſáõ, foy com tal ceremonia, que as maldicçoens, que na meſma ley ſe fulminaõ contra os quebrantadores della, ſe publicáraõ deſde o monte Hebal, o qual por iſſo ſe chamou o monte das maldicçoens: e do meſmo modo as bençoens, e felicidades, que ſe promettem aos que a guardarem, ſe pubicá-

raõ

rão deſde o monte Garizim, ao qual, pelá meſma cauſa, chamárão o monte das bençoens. Suppoſto pois, que ſegundo o mericimento dos autos nenhuma injuria faremos ás mulheres alheyas em lhe chamarmos o monte das maldicçoens; parece que ás proprias, e legitimas lhes he devido o nome de monte das bençoens, pois eſtas acompanhaõ ſempre o Sacramento do matrimonio, e ſabemos, que em ſua primeira inſtituiçaõ, ainda antes de ſer Sacramento, o abendiçoou Deos, lançando ſua bençaõ a Adaõ, e Eva: *Maſculum, & fœminam, creavit eos, benedixitque illis Deus.* Mas porque Eva correſpondeo taõ mal ás obrigaçoens de ſeu eſtado, que em lugar de ajudar o marido á conſervaçaõ do morgado, que ambos recebêraõ em dote, naõ ſó o deſtruio, e perdeo a elle; mas com elle a todos nós, como herdeiros, que haviamos de ſer ſeus, poſto que ainda naõ eramos. Todos os trabalhos, e calamidades, que padecemos na vida; toda a corrupçaõ, e miſerias, a que eſtamos ſujeitos na morte, todos os males, penas, e tormentos, que deſpois da morte nos aguardaõ, ou em tempo, ou em toda a eternidade, tiveraõ ſeu principio, e trazem ſua origem deſde o peccado, por iſſo chamado original. De toda eſta infelicidade foy cauſa huma mulher: e que mulher? Naõ alheya, mas propria; e naõ criada em peccado, mas innocente, e formada pelas mãos do meſmo Deos. Nota Theodoreto, que todas as maldicçoens ameaçadas, e promettidas no monte Hebal, ſe cumpriraõ, e executáraõ no povo, e gente Hebréa; parte na deſtruiçaõ, e excidio de Jeruſalem por Tito, e pelos Romanos; parte pelos Macedonios em tempo de Alexandre Magno; parte por Nabuchodonoſor *Geneſ.* 1. 27.

noſor no cativeiro de Babylonia: e parte multiplicadamente pelos Aſſyrios na invazáõ de Senacherib, na de Salmanazar, e nas dos outros Reys inimigos.

Mas que comparaçaõ, ou ſimilhança tem os trabalhos, e vexaçoens, poſto que tantas, e taõ varias, padecidas pelos Hebrêos na ſua hiſtoria, com as immenſas, e quaſi infinitas, que o genero humano tem padecido, padece, e ha de padecer até o fim do mundo, effeitos tudo daquelle primeiro peccado, e daquella primeira mulher naſcida innocente, e ſem elle? Todas as dores, todas as enfermidades, todos os deſgoſtos, e infortunios particulares, e geraes, todas as fomes, peſtes, e guerras, toda a exaltaçaõ de humas Naçoens, e cativeiro de outras, todas as mudanças, e tranſmigraçoens de gentes inteiras, das quaes ou ſó ficou a memoria nos nomes, ou tambem elles com ellas ſe perderaõ: todas as deſtruiçoens de Cidades, e Reynos, todas as tempeſtades, terremotos, rayos do Ceo, e incendios, e todo o meſmo mundo afogado, e ſumido em hum diluvio; que outro principio, ou cauſa tiveraõ, ſenaõ a intemperança, e caſtigo daquella mulher, naõ tomada, ou roubada a outrem, ſenaõ propria, e dada pelo meſmo Deos ao homem: *Mulier, quam dediſti mihi?* *Geneſ. 3. 12.*

Dirá porém algum entendimento critico, que a cauſadora de tantos males foy aquella mulher fatal, primeira, e univerſal origem do genero humano, e naõ alguma particular, e do tempo preſente, que ſaõ as de que fallamos. Mas ouça quem aſſim o imaginar ao antiquiſſimo, e doutiſſimo Tertulliano Falla ha mais de mil e quatrocentos annos com qualquer das mulheres caſadas do ſeu tempo, e diz aſſim: *Et Evam te eſſe neſcis?* E cuidas tu, que por naſceres taõ *Tertul. de habit. mulieb. cap. 1. lib. 11.*

lon-

longe da primeira mulher, naõ és taõ Eva como ella: *Vivit sententia Dei super sexum istum in hoc sæculo, vivat & reatus necesse est.* Posto que haja tantos seculos, que morreo aquella Eva, vive com tudo em toda a mulher a sentença, com que Deos a condemnou em todo o mesmo sexo; e assim vivirá para sempre; e será immortal nelle, isto he em ti, o castigo da mesma culpa. *Tu es diaboli janua:* Tu es a porta por onde entra o diabo ao homem. *Tu es arboris illius resignatrix:* Tu es a que abriste a porta á morte, que naquella arvore estava encerrada, e occulta. *Tu es divinæ legis prima desertrix:* Tu es a primeira que desprezaste, e quebraste a Ley Divina. *Tu es, quæ eum suasisti, quem diabolus aggredi non valuit:* Tu es, a que te atreveste a persuadir o homem, a quem o demonio naõ foy ouzado a commetter por si mesmo. *Tu, imaginem Dei, hominem tam facile elisisti:* Tu a que taõ facilmente naõ só apagaste, mas deformaste, e afeaste a imagem soberana, que Deos nelle tinha impressa. *Propter tuum meritum, id est, mortem, etiam Filius Dei mori habuit: & adornari tibi in mente est supra pelliteas tuas tunicas?* Finalmente pelo teu merecimento, isto he, pela morte merecida por ti, houve de morrer o Filho de Deos: e tu com este triste, e formidavel espelho diante dos olhos, naõ te pejas, nem envergonhas de buscar, e inventar novas, e preciosas galas, com que ornar indecentissimamente as pelles, ou sambenito da penitencia, de que elle te vestio? Tudo isto, que só na primeira Eva se podia verificar, applica Tertulliano ás de seu tempo, posto que menos vaãs, que as do nosso, naõ duvidando chamar a cada huma, naõ outra, senaõ a mesma antiga Eva; nem resuscitada, senaõ a mesma, que em cada

da huma dellas ainda vive, e neceſſariamente viviá ſempre: *Vivat & reatus neceſſe eſt.*

§. VI.

HUma das mais notaveis couſas da Eſcriptura he a vida da mulher de Job. Tinha Deos concedido ao diabo, que naquella grande caſa pudeſſe fazer, ou desfazer contra elle tudo o que ſeu odio, ſua aſtucia, e maldade julgaſſe conveniente para o vencer, excepto ſómente a vida do meſmo Job, *Verumtamen animam illius ſerva.* Começou pois o demonio matando, e degollando tudo quanto vivia na meſma familia: os boys, que eraõ quinhentas juntas, e jumentos outras tantas, pelos Sabêos; os camelos, que eraõ tres mil, pelos Chaldêos, divididos em tres eſquadras: as ovelhas, que eraõ ſete mil, por rayos cahidos do Ceo: mortos juntamente todos os paſtores, e criados, que guardavaõ eſtes grandes rebanhos, excepto ſómente hum, que levaſſe as triſtes novas, até que chegou o ultimo dizendo, que juntos todos os ſete filhos, e tres filhas do meſmo Job, convidados á meſa do ſeu Primogenito, batidos os quatro cantos da caſa por hum fortiſſimo pé de vento, e cahindo ſobre todos, juntamente ficáraõ mortos, e ſepultados nas ſuas ruinas. Mas o que he mais digno de nota em taõ commum, e univerſal eſtrago, he, que entre tantas mortes ficaſſe com tudo viva a Senhora da caſa, a mãy dos filhos, e a mulher do pay! Que morraõ todos os gados, tantos, e de todo o genero: que morraõ os criados, e guardas deſtas riquezas naturaes, que eraõ os theſouros daquella idade, grande golpe foy da ira, e aſtucia do demonio;

Job. 2. 9.

monio; mas todo contra a grandeza da caſa, e opulencia da numeroſa familia; porém que morrendo todos os filhos, e filhas, até o meſmo Primogenito, que era o que de mais perto, e mais interiormente tocava á peſſoa do meſmo Job, o demonio com tudo lhe reſervaſſe vida á mulher, cuja vida naõ eſtava exceptuada por Deos, naõ podendo ſer para alivio, e conſolaçaõ do marido, qual ſeria a cauſa deſta ſingular indulgencia na impiedade de taõ cruel, e empenhado inimigo? Saõ Baſilio, Saõ Chryſoſtomo, os dous Gregorios, e todos os Santos Padres, commumente dizem por huma parte, que a fortaleza, e conſtancia de Job era huma columna, hum muro, e huma torre de diamante; e que aſſim como o demonio ſe naõ atreveo a acõmetter a Adaõ por ſi meſmo, ſenaõ pela primeira Eva; aſſim agora entendeo, que para derrubar aquella torre, para arrazar aquelle muro, e para dobrar, e torcer aquella columna de diamante, (que ſeria mais, que desfazella em pó) naõ poderia por ſi meſmo: e por eſſa razaõ deixára viva a Job a ſua ſegunda Eva, para que por meyo della perſeguido o quebrantaſſe, ou perſuadido o rendeſſe, que ſaõ os dous modos, hum duro, outro brando, com que o demonio (diz o grande Gregorio) forte, e ſuavemente coſtuma conſeguir o que intenta: *Diabolus duobus modis impugnat, tribulatione, ut frangat; perſuaſione, ut molliat*: e como Job pelo pacto, que tinha feito com ſeus olhos: *Pepigi fœdus cum oculis meis, ut ne cogitarem quidem de virgine*, eſtava já livre, e ſuperior a todos os combates das mulheres alheyas, ou naõ ſuas; ſó lhe ficava eſte da propria, que, como lhe chama Chryſoſtomo, he a lança mais forte do demonio, e o tiro mais certo de todas as ſuas armas. Mas vejamos o que fez, e o que diſſe.

S. Baſil. *S. Chriſoſtom.*

Gregor. lib. 3. c. 6.

Job. 31. 1.

D Eſta-

Eſtava Job cuberto de chagas, ou de huma ſó chaga, que deſde os pés até a cabeça o cobria, e atormentava; naõ em ſua caſa, ou na cama, mas no deſamparo, e miſeria quaſi incrivel, a que o demonio o tinha reduzido, de hum muladar publico, ajudando a correr com huma telha o peſtifero, e ediondo humor, que das feridas manava; quando chega a propria mulher, e em lugar das lagrymas, e das laſtimas, com que ſe devia compadecer de hum homem, e tal homem, quando fora ſeu marido, e Rey, tendo-o conhecido em taõ differente eſtado; quaes foraõ as palavras, que lhe diſſe? *Adhuc tu permanes in ſimplicitate tua? Benedic Deo, & morere.* He primor, ou corteſia ſagrada da lingoa Hebréa, naõ ſe atrevendo a pronunciar maldicçoens de Deos, em lugar da palavra *maledicere*, amaldiçoar, dizer totalmente a contraria, *benedicere.* He poſſivel pois, (diz a infame, e crueliſſima mulher conſervada viva pelo demonio, que dentro nella fallava) he poſſivel, que ainda poſto em tal lugar, que naõ tem nome a lingoa para o pronunciar decentemente, neſſe equuleo de dor, de afronta, de miſeria, de deſamparo, a que nunca reduzio a fortuna o mais vil eſcravo do mundo; he poſſivel que ainda ahi te naõ deſenganas? Eſta he a gratificaçaõ da tua innocencia, eſte o premio das que tu chamavas boas obras? Pois ſe tu com ellas offendeſte a Deos, e elle aſſim tas paga, porque naõ acabas já de as conhecer? Porque naõ acabas de as amaldiçoar, e ao meſmo Deos offendido? E porque naõ acabas de acabar a triſte, e miſeravel vida, entregando o corpo neſſe meſmo ſepulchro ediondo aos bichos, e a alma ſacrilega, e obſtinada ſepultando-a no inferno? Eſte he o ſentido, como diſcor-

Job. 2. 9.

re

re com todos os Padres Olympiodoro, daquellas breves palavras; e eſta a ſegunda Eva, tanto mais injurioſa a ſeu marido, do que a primeira a Adaõ, como dizia Tertulliano. Mas ainda nos Textos ſagrados temos outra comparaçaõ mais horrivel de huma mulher, naõ alheya, mas propria; e de hum homem naõ menos Santo, e grato a Deos, que Job.

§. VII.

OUvindo Tobias, que era cego, a voz de hum animalinho balando, pouco uſada na pobreza, e abſtinencia de ſua caſa, advertio como pio, e juſto, que acaſo naõ foſſe furtado: *Videte ne furtivus ſit.* E eſta ſó palavra exaſperou, e ferio tanto o coraçaõ de Anna ſua mulher, que irada naõ ſó contra Thobias, mais impia, e injurioſa contra o meſmo Deos, reſpondeo deſta ſórte, (diz o Texto) ao marido: *Manifeſtè vana facta eſt ſpes tua, & eleemoſinæ tuæ modò apparuerunt.* Agora ſim, que já apparecêraõ manifeſtamente quaes ſaõ as voſſas eſmolas, e obras de piedade, e o que mais he, a voſſa eſperança em Deos. Oh ira de mulher, quam facilmente concebes o fogo! Oh lingoa de mulher, quam facilmete abrazas a terra, e mais o Ceo! Em duas palavras condemnou Anna todas as virtudes de Thobias, e todos os attributos de Deos. De Thobias as eſmolas, as ſepulturas dos defuntos, e a todas as obras de miſericordia, em que deixando o neceſſario á propria vida, acodia naõ ſó aos proximos vivos, mas tambem aos mortos. Em Deos, arguindo de falſa a eſperança do marido, condemnou a juſtiça, a providencia, e o premio dos Santos. E como Thobias o era, e o

Thob. 2. 21.

Thob. 2. 22.

mayor daquelles tempos, ſentio tanto a injuria, que ſua mulher fazia a Deos, e ficou taõ envergonhado, e corrido de ter huma mulher, que debaixo de verdadeira fé aſſim afrontava as virtudes humanas, e Divinas, que levantando as mãos ao Ceo, porque os olhos naõ podia, pedio a Deos humilde, e inſtantemente lhe tiraſſe a vida: *Et nunc, Domine, ſecundùm voluntatem tuam fac mecum, & præcipe in pace recipi ſpiritum meum, expedit enim mihi magis mori, quam vivere.* Thob. 3. 6.

Eſta foy a reſpoſta de Thobias, da qual dá a razaõ o Texto, naõ menos admiravel. Refere toda a cauſa, que Thobîas teve, para fazer a Deos huma petiçaõ taõ extraordinaria, como a de lhe pedir a morte, e diz que o intento da parte de Deos foy: *Ut poſteris daretur exemplum patientiæ ejus, ſicut & Sancti Job.* Para que os vindouros tiveſſem outro exemplo de paciencia em Thobîas, aſſim como os paſſados o haviaõ tido no Santo Job. Mas Job perdeo a riqueza dos gados de todo o genero, em que era mais rico, e opulento, que todos os Orientaes. Job perdeo os filhos, e filhas mortos, e ſepultados de hum ſó golpe no meſmo dia. Job, ſendo Rey, perdeo a Coroa, a obediencia dos vaſſallos, e o uſo dos proprios membros com taõ exceſſivas dores, ſem familia, ſem caſa, ſem cama, no ultimo deſamparo, na immundicie, nos aſcos, e na ſumma afronta de hum muladar publico. E ſe nenhum deſtes trabalhos padeceo Thobîas, como foy a ſua tentaçaõ, e a ſua paciencia ſimilhante, e de igual exemplo á de Job? Porque o fino da tentaçaõ de ambos, e o que mais vivamente lhes penetrou os coraçoens, foy a crueldade, e impiedade de huma, e outra mulher propria; naõ ſó deshumanas contra ſeus maridos, mas atrevi- Thob. 2. 12.

das,

das, e blasfemias contra o meſmo Deos. Naõ diga logo Tertulliano, nem cuide alguem que diſſe muito em chamar Evas a todas as que deſcendêraõ daquella primeira; porque ainda que foy a cauſa original de tantos trabalhos, e miſerias em ſeus filhos, foy taõ fiel, e demaſiadamente amiga de ſeu marido, que naõ podendo comer hũa maçãa ſem lhe dar metade, ella ſem querer o perdeo, e elle querendo ſe perdeo a ſi meſmo, por naõ entriſtecer, como diz Santo Ambroſio, nem ſe moſtrar menos grato ás ſuas delicias: Ne *delicias ſuas contriſtaret.* S. Amb.

§. VIII.

MAs já he tempo de darmos a razaõ, porque as mulheres proprias ſejaõ, ou poſſaõ ſer mais infauſtas, como diz Seneca, e mais perniciosas ao homem, que as alheyas. Notavel foy a variedade, com que Deos deſde o principio ou deu, ou negou as mulheres aos homens. A Adaõ deu huma ſó mulher: *Maſculum, & fœminam creavit eos.* A Abrahaõ, Iſaac, e Jacob concedeo deſpois, como já tinha permittido a Lamech, que tiveſſem muitas mulheres: Jacob teve quatro, e duas dellas irmãas: David teve mais de vinte: Salomaõ ſeu filho ſó Rainhas, e eſſas com pompa, e Eſtado Real, ſeſſenta: e finalmente a todos os Hebrêos permittio Moyſés o libello de repudio, para que, deixando huma, pudeſſem tomar outra: permiſſaõ que Chriſto emendou, reſtituindo o matrimonio á ſua antiga ſingularidade, e pureza, como fôra inſtituido por Deos em Adaõ, e Eva. Deſte ultimo eſtado, que he hoje o ſómente lilicito na Ley Chriſtãa, inferiraõ os Apoſtolos, que Genes. 1. 27.

ſuppo-

Matth. 19 10. sto elle, melhor era naõ casar: *Si ita est causa hominis cum uxore, non expedit nubere.* Respondeo Christo approvando o sentimento dos Discipulos, que nem todos o entendiaõ assim: *Non omnes capiunt verbum istud, sed quibus datum est.* Palavras que se todos se conformassem com ellas, se acabaria brevemente o mundo; mas naõ he elle tal, que mereça taõ honrado, e santo fim. Sendo o matrimonio antigamente só contrato, o mesmo Christo o fez Sacramento, para lhe aliviar o pezo, e as pensoens com a força, e virtude da sua graça. Mas ainda assim sendo hoje a mulher huma só, e por isso livre o homem dos inconvenientes de muitas: qual he, ou será a razaõ, ou razoens, porque do vinculo do matrimonio forme tantos laços a natureza ao homem, e lhe seja taõ difficultoso no matrimonio o guardar a devîda fé a huma mulher, e propria? A familiaridade doméstica, o trato continuo, o dominio commum de todos os bens, e o serem como duas almas em hum só corpo, como o mesmo Deos lhes disse: *Erunt duo in carne una*; parece hum concurso de causas, que todas conformemente influem uniaõ, paz, e contentamento: mas de todas, e cada huma dellas nasce a mesma difficuldade. O trato doméstico, e commum de todos os dias descobre pouco, e pouco os defeitos, que causaõ o desagrado. O ser a mulher a mesma sem a variedade que remediava o repudio, he a occasiaõ do fastio. Enfastiavaõ-se os Hebrêos do Manná, posto que continha todos os sabores; porque sempre viaõ o mesmo: *Nihil aliud respiciunt oculi* Num. 11. 6. *nostri nisi Maná.* A uniaõ que ao principio do matrimonio eraõ cadeas de ouro, continuadas as faz o tempo de ferro. Com os annos as mesmas cousas deixaõ de ser

de ſer as meſmas: porque a mocidade ſe faz velhice, a formoſura fealdade, a ſaude doenças, e achaques de toda a vida, que na obrigaçaõ de ſe tolerarem, e ſoffrerem até a morte, ſaõ hum cativeiro inſeparavel, que ſó nella tem o fim.

Todas eſtas couſas juntas, e cada huma per ſi em hum coraçaõ humano, que naõ he de bronze, fazem nelle por huma certa força natural, e quaſi ſem querer a vontade, os meſmos effeitos, que no bronze a continuaçaõ do tempo. E naõ há duvida, que de todas eſtas cauſas divididas, ou juntas, ſe compoem aquella fortiſſima, com que a mulher, mais como própria, que como mulher, he taõ perigoſa, e pernicioſa ao homem: mas ſobre todas a principal, e por ſi ſó poderoſa a fazer toda a differença do noſſo problema, he ſer a mulher propria licita, e a alheya vedada. O ſer Herodîas mulher alheya, e vedada por Deos, e por iſſo illicita, era o que o Baptiſta prégava: *Non licet, non licet tibi:* e como ſe em lugar deſtas palavras lhe afearem o adulterio, o confirmaſſem no motivo cego, e impio do appetite, obedecendo em muitas couſas ao que ouvia, e enſinava o Prégador, neſta ſó com a meſma admoeſtaçaõ de que era illicita, ſe endurecia, e obſtinava mais. Entre Eva, e Adaõ em taõ poucos dias, ou horas, quantas ſe conſervaraõ no Paraiſo, nenhuma deſtas cauſas, que dependem da continuaçaõ, e do tempo, teve lugar: mas baſtou a prohibiçaõ do fruto vedado, ſendo hum ſó, e por vedado illicito, para que foſſe mais inſoffrivel a ſatisfaçaõ, e contentamento daquelle feliciſſimo eſtado; que a licita conceſſáõ, e faculdade de comerem de todas as outras arvores, ſendo a multidáõ, e a variedade dos goſtos dellas

Marc. 6. 8.

quaſi

quaſi infinita. Tal he a fome, que naõ pode ſupportar o appetite em hum ſó goſto illicito, e vedado; e tal o faſtio, que naõ pode evitar a variedade, poſto que infinita, de todos os concedidos, e licitos. Iſto he o que na meſa de Herodes deſde hum prato eſtá prégando a grandes brados a cabeça, e lingoa muda do Baptiſta, promettendo a Filippe, poſto que neſte mundo offendido, e afrontado, a felicidade da ſalvaçaõ, com que no venturoſo roubo ſe vio livre da mulher propria; e ſegurando a Herodes, no infeliciſſimo logro da alheya, a certeza que hoje eſtá experimentando dos tormentos eternos, na differença ſómente de ſer a meſma mulher, ou licita por propria, ou illicita por alheya.

SER-

SERMAÕ
DA
EPIPHANIA,
QUE PREGOU
O MUITO REVERENDO PADRE
ANTONIO
VIEIRA,
DA COMPANHIA DE JESU,

A' Rainha Regente na menoridade delRey, em preſença de ambas as Mageſtades: na occaſiaõ, em que o Author, e outros Religioſos da Companhia de JESUS chegáraõ a Lisboa expulſados das Miſſoens do Maranháõ pela furia do Povo, por defenderem os injuſtos captiveiros, e liberdade dos Indios, que tinhaõ a ſeu cargo.

Na Capella Real, no anno de 1662.

LISBOA:
Com todas as licenças neceſſarias. Anno de 1754.

SERMÃO

DA

EPIPHANIA,

QUE PREGOU

O MUITO REVERENDO PADRE

ANTONIO

VIEIRA,

DA COMPANHIA DE JESU.

Na Capella Real, no anno de 1662.

LISBOA:

Cum natus eſſet JESUS in Bethlehem Juda in diebus Herodis Regis, ecce Magi ab Oriente venerunt.
Matth. 2.

§. I.

PAra que Portugal na noſſa idade poſſa ouvir hum Prégador Evangelico, ſerá hoje o Evangelho o Prégador. Eſta he a novidade, que trago do Mundo Novo. O eſtylo era, que o Prégador explicaſſe o Evangelho: hoje o Evangelho ha de ſer a explicaçaõ do Prégador. Naõ ſou eu o que hey de commentar o Texto, o Texto he o que me ha de commentar a mim. Nenhuma palavra direy, que naõ ſeja ſua, porque nenhuma clauſula tem, que naõ ſeja minha. Eu repetirey as ſuas vozes, elle bradará os meus ſilencios. Praza a Deos, que os ouçaõ os homens na terra, para que naõ cheguem a ſer ouvidos no Ceo.

Havendo porém de prégar o Evangelho, e com taõ novas circunſtancias, como as que promette o exordio; nem por iſſo cuide alguem, que o Prégador, e o Sermaõ ha de faltar ao Myſterio. Antes pode bem ſer, que rara vez, ou nunca ſe prégaſſe neſte lugar a materia propria deſte dia, e deſta ſolemnidade, ſenaõ hoje. O Myſterio proprio deſte dia he a vocaçaõ, e converſáõ da Gentilidade á Fé. Atégora celebrou a Igreja o Naſcimento de Chriſto, hoje celebra o naſcimento da Chriſtandade. *Cum natus eſſet JESUS in Bethlehem Juda.* Matth. 2. 1. Eſte foy o Naſcimento de Chriſto, que já paſſou. *Ecce Magi ab Oriente venerunt*: eſte he o Naſcimento da Chriſtandade;

que hoje ſe celebra. Naſceo hoje a Chriſtandade porque os tres Reys, que nêſte dia vieraõ adorar a Chriſto, foraõ os primeiros, que o reconhecêraõ por Senhor, e por iſſo lhe tributáraõ ouro: os primeiros, que o reconhecêraõ por Deos, e por iſſo lhe conſagráraõ incenſo: os primeiros, que o reconhecêraõ por homem em carne mortal, e por iſſo lhe offerecêraõ myrrha. Viéraõ Gentios, e tornáraõ Fieis; viéraõ idólatras, e tornáraõ Chriſtãos: e eſta he a nova gloria da Igreja, que ella hoje celebra, e o Evangelho, noſſo Prégador, refere. Dêmoslhe attençaõ.

§. I.

CUm natus eſſet JESUS in Bethlehem Juda in diebus Herodis Regis, ecce Magi ab Oriente venerunt. Eſtas ſaõ as primeiras palavras do Evangelho, e logo nellas parece, que repugna o meſmo Evangelho a ſer meu interprete; porque a ſua hiſtoria, e o ſeu myſterio he da India Oriental: *Ab Oriente venerunt*: e o meu caſo he das Occidentaes. Se appello para os Reys, e para o ſentido myſtico, tambem eſtá contra mim; porque totalmente exclue a América, que he a parte do mundo, donde eu venho. Santo Agoſtinho, Saõ Leaõ Papa, Saõ Bernardo, Santo Anſelmo, e quaſi todos os Padres repáraõ por diverſos modos, em que os Reys, que viéraõ adorar a Chriſto, foſſem tres: e a limitaçaõ deſte meſmo numero he para mim, ou contra mim o mayor reparo. Os Profétas tinhaõ dito, que todos os Reys, e todas as gentes haviaõ de vir adorar, e reconhecer a Chriſto: *Adorabunt eum omnes Reges terræ, omnes gentes ſervient*

Pſalm. 71. 11.

vient ei: Omnes gentes quascumque fecisti, venient, & adorabunt coram te Domine. Pois se todas as gentes, e todos os Reys do mundo haviaõ de vir adorar a Christo, porque vieraõ sómente tres? Por isso mesmo, respondem o Veneravel Béda, e Ruperto Abbade. Foraõ tres, e nem mais, nem menos que tres, os Reys que viéraõ adorar a Christo; porque nelles se representavaõ todas as partes do mundo, que tambem saõ tres, Asia, Africa, e Europa. *Tres Reges tres partes mundi significant, Asiam, Africam, & Europam*: diz Béda. E Ruperto com a mesma distincçaõ: *Magi tribus partibus orbis, Asiæ, Europæ, atque Africæ, Fidei, atque adorationis exemplar existere meruerunt.* Isto he o que dizem estes grandes Authores como interpretes do Evangelho; mas o mesmo Evangelho para ser meu interprete, ainda ha de dizer mais. Dizem, que os tres Reys significavaõ a Asia, a Africa, e a Europa: e onde lhe ficou a América? A América naõ he tambem parte do mundo, e a mayor parte? Se me disserem, que naõ appareceu no Presepio, porque tardou, e veyo muitos seculos despois; tambem as outras tardáraõ: antes ella tardou menos; porque se convertêo, e adorou a Christo mais depressa, e mais sem repugnancia que todas. Pois se cada huma das outras partes do mundo teve seu Rey, que as presentasse a Christo, porque lhe ha de faltar á pobre América? Ha de ter Rey, que receba, e se enriqueça com os seus tributos, e naõ ha de ter Rey, que com elles, ou sem elles, a leve aos pés de Christo? Sey eu (e naõ o pode negar a minha dor) que se a primeira, e a segunda, e a terceira parte do mundo tiveraõ Reys, tambem o teve a quarta em quanto lhe naõ faltou o Quarto. Mas vamos ao Evangelho, Psalm. 85. 9.

ElRey D. Joaõ o IV. que já era morto.

gelho, e conciliemos com elle eſta expoſiçaõ dos Padres.

Ecce Magi ab Oriente venerunt. Diz o Evangeliſta, que os Reys do Oriente vieraõ a adorar a Chriſto, e neſta meſma limitaçaõ, com que diz que viéraõ nomeadamente os do Oriente, e naõ outros, ſe reforça mais a duvida; porque aſſim no Teſtamento Velho, como no Novo eſtá expreſſo, que naõ ſó haviaõ de vir adorar a Chriſto os Gentios do Oriente, ſenaõ tambem os do Occidente. No Teſtamento Ve-
Iſai. 43. 5. lho Iſaias fallando com a Igreja: *Ab Oriente adducam ſemen tuum, & ab Occidente congregabo te*: e no Teſta-
Matt. 8. 11. mento Novo a profecia, e oraculo de Chriſto: *Dico vobis, quòd multi ab Oriente, & Occidente venient.* Pois ſe naõ ſó haviaõ de ver a Chriſto os Reys, e Generaes do Oriente, ſe naõ tambem os do Occidente, como diz nomeadamente o Evangeliſta, que os que vieraõ, eraõ todos do Oriente; ou como viéraõ ſó os do Oriente, e os do Occidente naõ? A tudo ſatisfez o meſmo Evangeliſta, e na ſimples narraçaõ da hiſtoria concordou admiravelmente o ſeu Texto com o dos Profétas. Que diz o Evangeliſta? *Cum natus eſſet JESUS in diebus Herodis Regis, ecce Magi ab Oriente venerunt.* Diz, que nos dias de Herodes, ſendo naſcido Chriſto, o viéraõ adorar os Reys do Oriente; e neſtas meſmas circunſtancias do tempo, do lugar, e das peſſoas, com que limitou a primeira vocaçaõ da Gentilidade, moſtrou que naõ havia de ſer ſó huma, ſenaõ duas, como eſtava profetizado. A primeira vocaçaõ da Gentilidade foy nos dias de Herodes: *In diebus Herodis Regis*: a ſegunda quaſi em noſſos dias. A primeira foy quando Chriſto naſceo; *Cum natus eſſet JESUS*: a ſegunda quando

já

já ſe contavaõ mil e quinhentos annos do Naſcimento de Chriſto. A primeira foy por meyo dos Reys do Oriente: *Ecce Magi ab Oriente venerunt:* a ſegunda por meyo dos Reys do Occidente, e dos mais Occidentaes de todos, que ſaõ os de Portugal.

Para melhor intelligencia deſtas duas vocaçoens, ou deſtas duas Epiphanías, havemos de ſuppôr, que neſte meſmo mundo em differentes tempos houve dous mundos: o Mundo Velho, que conhecêraõ os Antigos, e o Mundo Novo, que elles, e o meſmo Mundo naõ conhecêo, até que os Portuguezes o deſcobriraõ. O Mundo Velho compunhaſe de tres partes, Aſia, Africa, e Europa; mas de tal maneira, que entrando neſte primeiro compoſto toda a Europa, a Aſia, e a Africa, naõ entravaõ inteiras, ſenaõ partidas, e por hum ſó lado; a Africa com a parte, que abraça o Mar Mediterraneo, e a Aſia com a parte, a que ſe extende o Mar Eritrêo. O Mundo Novo muito mayor, que o Velho, tambem ſe compoem de tres partes, Aſia, Africa, e América; mas de tal maneira tambem, que entrando neſte ſegundo compoſto toda a América, a Aſia, e a Africa, ſó entraõ nelle partidas, e com os outros dous lados tanto mais vaſtos, e tanto mais dilatados, quanto o Mar Oceano, que os rodêa, excede ao Mediterraneo, e Eritrêo. E como os Authores antigos ſó conhecêraõ o Mundo Velho, e naõ tiveraõ, nem podiaõ ter conhecimento do Novo; por iſſo Béda, e Ruperto diſſéraõ com muita propriedade, que os tres Reys do Oriente repreſentavaõ as tres partes do Mundo, Aſia, Africa, e Europa. Com tudo S. Bernardo, que foy contemporaneo de Ruperto, combinando o noſſo Evangelho com as outras Eſcriptu- *Bern. ſer. 3. de Nativit.*

ras, conheceo com seu grande espirito, ou quando menos arguio com seu grande ingenho, que assim como houve tres Reys do Oriente, que levaraõ as Gentilidades a Christo, assim haviaõ de haver outros tres Reys do Occidente, que as trouxessem á mesma Fé. *Vide autem, ne fortè ipsi sint, & tres Magi venientes jam non ab Oriente, sed etiam ab Occidente.* Quem fossem, ou quem houvessem de ser estes tres Reys do Occidente, que Saõ Bernardo antevio, naõ o disse, nem o pôde dizer o mesmo Santo, posto que taõ devoto de Portugal, e taõ familiar amigo do nosso primeiro Rey. Mas o tempo, que he o mais claro interprete dos futuros, nos ensinou dalli a quatrocentos annos, que estes felicissimos Reys foraõ, ElRey Dom Joaõ o II, ElRey Dom Manoel, e ElRey D. Joaõ o III: porque o primeiro começou, o segundo proseguio, e o terceiro aperfeiçoou o descobrimento das nossas conquistas, e todos tres trouxeraõ ao conhecimento de Christo aquellas novas Gentilidades, como os tres Magos as antigas. Os Magos levando a luz da Fé do Oriente para o Occidente; elles do Occidente para o Oriente: os Magos presentando a Christo a Asia, Africa, e Europa: e elles a a Asia, Africa, e Amérca: os Magos extendendo os rayos da sua Estrella por todo o Mundo Velho até as gargantas do Mediterraneo: e elles alumiando com o novo Sol a todo o Mundo Novo até as balizas do Oceano.

Huma das cousas mais notaveis, que Deos revelou, e prometteo antigamente, foy, que ainda havia de crear hum novo Ceo, e huma nova terra. Assim o disse por boca do Profeta Isaias; *Ecce ego creo* Isai. 65. 17. *cælos novos, & terram novam.* He certo, que o Ceo, e a

ê a terra foraõ creados no principio do mundo: *In principio creavit Deus cælum, & terram*: e tambem he certo entre todos os Theologos, e Filoſofos, que deſpois daquella primeira creaçaõ, Deos naõ creou, nem cria ſubſtancia alguma material, e corporea; porque ſómente cria de novo as Almas, que ſaõ eſpirituaes: logo que terra nova, e que Ceos novos ſaõ eſtes, que Deos tanto tempo antes prometteo que havia de crear? Outros o entendem doutra maneira, naõ ſey ſe muito conforme á letra. Eu ſeguindo o que ella ſimplesmente ſôa, e ſignifica, digo que eſta nova terra, e eſtes novos Ceos ſaõ a terra, e os Ceos do Mundo Novo deſcuberto pelos Portuguezes. Naõ he verdade, que quando os noſſos Argonautas começáraõ, e proſeguiraõ as ſuas primeiras navegaçoens, hiaõ juntamente deſcobrindo novas terras, novos mares, novos climas, novos Ceos, novas Eſtrellas? Pois eſſa he a terra nova, e eſſes ſaõ os Ceos novos, que Deos tinha promettido, que havia de crear: naõ porque naõ eſtiveſſem já creados deſde o principio do mundo; mas porque era eſte Mundo Novo taõ occulto, e ignorado dentro no meſmo Mundo, que quando de repente ſe deſcobrio, e apparecêo, foy como ſe entaõ começára a ſer, e Deos o creára de novo. E porque o fim deſte deſcobrimento, ou deſta nova creaçaõ era a Igreja tambem nova, que Deos pertendia fundar no meſmo Mundo Novo, accreſcentou logo (pelo meſmo Profêta, e pelos meſmos termos) que tambem havia de crear huma nova Jeruſalem, iſto he huma nova Igreja, na qual muito ſe agradaſſe: *Quia ecce creo Iſai. Jeruſalem exultationem, & populum ejus gaudium.* 65. 18.

Naõ tenho menos Author deſte penſamento,

que o Evangelista dos segredos de Deos, Saõ Joaõ no seu Apocalypse. *Et vidi cælum novum, & terram novam: primum enim cælum, & prima terra abiit, & mare jam non est. Et vidi civitatem Jerusalem novam descendentem de cælo.* Primeiramente diz Saõ Joaõ, que vio hum Ceo novo, e huma terra nova: *Vidi cælum novum, & terram novam*: esta he a terra nova, e o Ceo novo, que Deos tinha promettido por Isaias. Logo accrescenta o mesmo Evangelista, como Commentador do Profeta, que á vista deste Ceo novo, e desta terra nova, o Ceo, e a terra antiga desapparecêraõ, e que o mar ja naõ era: *Primum enim Cælum, & prima terra abiit, & mare jam non est*: e assim aconteceo no descobrimento do Mundo Novo. Desappareceo a terra antiga; porque a terra dalli por diante já naõ era a que tinha sido, senaõ outra muito mayor, muito mais extendida, e dilatada em novas Costas, em novos Cabos, em novas Ilhas, em novas Regioens, em novas Gentes, em novos animaes, em novas plantas. Da mesma maneira o Ceo tambem começou a ser outro. Outros astros, outras figuras celestes, outras alturas, outras declinaçoens, outros aspectos, outras influencias, outras luzes, outras sombras, e tantas outras cousas todas outras. Sobre tudo, o mar que fora, ja naõ he; *Et mare jam non est*; porque até entaõ o que se conhecia com nome de mar, e nas mesmas Escripturas se chamava *Mare magnum*, era o Mediterraneo; mas despois que se descobrio o Mundo Novo, logo se conheceo tambem, que naõ era aquelle o Mar, senaõ hum braço delle, e o mesmo nome, que injustamente tinha usurpado, se passou sem controversia ao Oceano, que he só o que por sua immensa grandeza absolutamente, e sem

Apoc. 21. 1.

eſem outro ſobre-nome ſe chama mar. E porque toda eſta novidade do novo Ceo, da nova terra, e do novo mar ſe ordenava á fundaçaõ de outra nova Igreja; eſta foy a que logo vio o meſmo Evangeliſta com nome tambem de nova: *Et vidi civitatem Jeruſalem novam deſcendentem de cælo.* Finalmente para que ninguem duvidaſſe de toda eſta explicaçaõ, conclue, que a meſma Igreja nova, que vira, ſe havia de compor de Naçoens, e Reys Gentios, que nella receberiaõ a luz da Fé, ſujeitariaõ ſuas Coroas ao Imperio de Chriſto: *Et ambulabunt gentes in lumine* Apoc. *ejus, & Reges terræ offerent gloriam ſuam, & honorem* 21. 24. *in illam.* Que he tudo o que temos viſto no deſcobrimento do Mundo Novo, ou neſta nova creaçaõ delle: *Ecce creo cælos novos, & terram novam.*

Houve porém neſta ſegunda, e nova creaçaõ do mundo huma grande differença da primeira, e de nova, e ſingular gloria para a noſſa Naçaõ. Porque havendo Deos creado o mundo na primeira creaçaõ por ſi ſó, e ſem ajuda, ou concurſo de cauſas ſegundas; neſta ſegunda creaçaõ tomou por inſtrumento della os Portuguezes quaſi pela meſma ordem, e com as meſmas circunſtamcias, com que no principio tinha creado o mundo. Quando Deos creou o mundo, diz o Sagrado Texto, que a terra naõ ſe via, porque eſtava eſcondida debaixo do elemento da agoa, e tudo eſcuro, e cuberto de trévas: *Terra au-* Geneſ. *tem erat inviſibilis* (como lêm os Setenta) *& tenebræ* 1. 2. *erant ſuper faciem abyſſi.* Entaõ dividio Deos as agoas, e appareceo a terra; creou a luz, e ceſſáraõ as trévas: *Diviſit aquas: facta eſt lux: appareat arida.* Eſte Ibidem foy o modo da primeira creaçaõ do mundo. E quem 7. 3. 9. naõ vê, que o meſmo obſervou Deos na ſegunda por

meyo dos Portuguezes? Eſtava todo o Novo Mundo em trévas, e ás eſcuras, porque naõ era conhecido. Tudo o que alli havia, ſendo tanto, era como ſe naõ foſſe nada, porque aſſim ſe cuidava, e tinha por fabula: *Terra autem erat vanitas, & nihil*, como diz o Texto Hebrêo. O que encobria a terra, era o elemento da agoa; porque a immenſidade do Oceano, que eſtava em meyo, ſe julgava por inſuperavel, como a julgáraõ todos os antigos, e entre elles Santo Agoſtinho. Atreveo ſe finalmente a ouzadia, e zelo dos Portuguezes a desfazer eſte encanto, e vencer eſte impoſſivel. Começáraõ a dividir as agoas nunca dantes cortadas com as venturoſas prôas dos ſeus primeiros Lenhos; foraõ apparecendo, e ſurgindo de huma, e outra parte, e como naſcendo de novo as terras, as gentes, o mundo, que as meſmas agoas encobriaõ; e naõ ſe acabáraõ entaõ no mundo antigo as trévas deſta ignorancia; mas muito mais no novo, e deſcuberto as trévas da infidelidade; porque amanheceo nellas a luz do Evangelho, e o conhecimento de Chriſto, o qual era o que guiava, e levava os Portuguezes, e nelles, e com elles navegava. Tudo eſtava vendo o meſmo Profêta Iſaias deſte deſcobrimento, quando fallando com aquella nova Igreja pelos meſmos termos da primeira creaçaõ do mundo lhes diſſe: *Quia ecce tenebræ operient terram, & caligo populos, ſuper te autem orietur Dominus, & gloria ejus in te videbitur, & ambulabunt gentes in lumine tuo, & Reges in ſplendore ortus tui.*

Iſai. 60. 2. 3.

§. III.

§. III.

ISto he o que fizeraõ os primeiros Argonautas de Portugal nas ſuas taõ bem afortunadas Conquiſtas do Novo Mundo, e por iſſo bem afortunados. Eſte he o fim, para que Deos entre todas as Naçoens eſcolhêo a noſſa com o illuſtre nome de pura na Fé, e amada pela piedade: eſtas ſaõ as gentes extranhas, e remotas, aonde nos promettêo, que haviamos de levar ſeu Santiſſimo Nome: eſte he o Imperio ſeu, que por nós quiz amplificar, e em nós eſtabelecer: e eſta he, foy, e ſerá ſempre a mayor, e melhor gloria do valor, do zelo, da Religiaõ, e Chriſtandade Portugueza. Mas quem diſſéra, ou imaginára, que os tempos, e os coſtumes ſe haviaõ de trocar, e fazer tal mudança, que eſta meſma gloria noſſa ſe viſſe entre nós eclypſada, e por nós eſcurecida? Naõ quizera paſſar a materia taõ triſte, e taõ indigna (que por iſſo a fuy dilatando tanto, como quem rodêa, e retarda os paſſos, por naõ chegar aonde muito repugna.) Mas nem a força da preſente occaſiaõ mo permitte, nem a verdade de hum diſcurſo, que prometteo ſer Evangelico, o conſente. Quem imaginára, torno a dizer, que aquella gloria taõ heroicamente adquirida nas tres partes do mundo, e taõ celebrada, e eſclarecida em todas as quatro, ſe havia de eſcurecer, e profanar em hum Rincaõ, ou Arrebalde da América!

Levantou o demonio eſte fumo, ou aſſoprou eſte incendio entre as palhas de quatro choupanas, que com nome de Cidade de Bethlem podéraõ ſer patria do Anti-Chriſto. E verdadeiramente, que ſe

as

as Escripturas nos naõ ensináraõ, que este monstro ha de sahir doutra terra, e doutra Naçaõ, já poderamos cuidar que era nascido. Treme, e tem horror a lingoa de pronunciar o que viraõ os olhos, mas sendo o caso taõ feyo, taõ horrendo, taõ atrós, e taõ sacrilego, que se naõ póde dizer he taõ publico, e taõ notorio, que se naõ deve callar. Ouçaõ pois os excéssos de taõ nova, e taõ extranha maldade, os que só lhe pódem pôr o remedio: e se elles (o que se naõ crê) faltarem á sua obrigaçaõ, naõ he justo, nem Deos o permittirá, que eu falte á minha. O officio, que tive naquelle lugar, e o que tenho neste (posto que indigno de ambos) saõ os que com dobrado vinculo da consciencia me obrigaõ a romper o silencio atégora observado, ou supprimido, esperando que a mesma causa, por ser de Christo, fallasse, e peroraſſe por si, e naõ eu por ella. Assim o fizeraõ em similhantes, e ainda menores casos, os Athanasios, os Basilios, os Nazianzenos, os Chrysostomos, os Hilarios, e todos aquelles grandes Padres, e Mestres da Igreja, cujas acçoens, como inspiradas, e approvadas por Deos, naõ só devemos venerar, e imitar como exemplos, mas obedecer, e seguir como preceitos. Fallarey pois com a clareza, e publicidade, com que elles fallaraõ, e provarey, e farey certo o que disser, como elles o fizeraõ; porque sendo perseguidos, e desterrados, elles mesmos eraõ o corpo do delicto, que accusavaõ, e elles mesmos a prova. Assim permittio a Divina Providencia, que eu em tal fórma, e as pessoas reverendas de meus Companheiros viessemos remettidos aos olhos desta Corte, para que ella visse, e naõ duvidasse de crer o que doutro modo parecia incrivel.

Quem

Quem havia de crer, que em huma Colonia, chamada de Portuguezes, se visse a Igreja sem obediencia, as Censuras sem temor, o Sacerdocio sem respeito, e as pessoas, e lugares sagrados sem immunidade? Quem havia de crer, que houvessem de arrancar violentamente de seus claustros aos Religiosos, e levallos prezos entre Beleguins, e espadas nuas pelas ruas publicas, e tellos aferrolhados, e com guardas até os desterrarem? Quem havia de crer, que com a mesma violencia, e afronta lançassem de suas Christandades aos Prégadores do Evangelho, com escandalo nunca imaginado dos antigos Christãos, sem pejo dos novamente convertidos, e á vista dos gentios attonitos, e pasmados? Quem havia de crer, que até aos mesmos Parochos naõ perdoassem, e que chegassem aos despojar de suas Igrejas, com interdicto total do culto divino, e uso de seus ministerios: as Igrejas ermas, os Baptisterios fechados, os Sacrarios sem Sacramento; em fim o mesmo Christo privado de seus altares, e Deos de seus sacrificios? Isto he o que lá se vio entaõ: e que será hoje o que se vê, e o que se naõ vê? Naõ fallo dos authores, e executores destes sacrilegios, tantas vezes, e por tantos titulos excommungados; porque lá lhe ficaõ Papas, que os absolvaõ. Mas que será dos pobres, e miseraveis Indios, que saõ a preza, e os despojos de toda esta guerra? Que será dos Christãos? Que será dos Catecumenos? Que será dos Gentios? Que será dos pays, das mulheres, dos filhos, e de todo o sexo, e idade? Os vivos, e saõs sem doutrina, os enfermos sem Sacramentos, os mortos sem sufragios, nem sepultura, e tanto genero de Almas em extrema necessidade sem nenhum remedio?

dio? Os Paſtores, parte prezos, e deſterrados, parte metidos pelas brenhas; os rebanhos deſpedaçados, as ovelhas ou roubadas, ou perdidas: os lobos famintos fartos agora de ſangue, ſem reſiſtencia: a liberdade por mil modos trocada em ſervidáõ, e cativeiro: e ſó a cubiça, a tyrannia, e ſenſualidade, e o inferno contentes. E que a tudo iſto ſe atreveſſem, e atrevaõ homens com nome de Portuguezes, e em tempo de Rey Portuguez!

Grandes deſconcertos ſe lêm no meſmo capitulo do noſſo Evangelho, mas de todos acho eu a excuza nas primeiras palavras delle: *In diebus Herodis Regis.* Se ſuccedêraõ ſimilhantes eſcandalos nos dias delRey Herodes, o tempo os deſculpava, ou culpava menos: mas nos dias daquelle Monarcha, que com o nome, e com a coroa herdou o zelo, a Fé, a Religiaõ, e piedade do grande Affonſo I? Oh que parallélo taõ indigno do nome Portuguez ſe podéra formar na comparaçaõ de tempo a tempo! Naquelle tempo andavaõ os Portuguezes ſempre com as armas ás coſtas contra os inimigos da Fé; hoje tomaõ as armas contra os Prégadores da Fé; entaõ conquiſtavaõ, e eſcalavaõ Cidades para Deos, hoje conquiſtaõ, e eſcalaõ as caſas de Deos; entaõ lançavaõ os Cacizes fóra das Meſquitas, hoje lançaõ os Sacerdotes fóra das Igrejas: entaõ conſagravaõ os lugares profanos em caſas de Oraçaõ, hoje fazem das caſas de Oraçaõ lugares profanos: entaõ finalmente eraõ Defenſores, e Prégadores do nome Chriſtaõ, hoje ſaõ perſeguidores, e deſtruidores, e opprobio, e infamia do meſmo nome.

E para que até a Corte, e aſſento dos Reys, que lhe ſuccedêraõ, naõ ficaſſe fora deſte parallélo:

entaõ

entaõ ſahiaõ pela Barra de Lisboa as noſſas Náos carregadas de Prégadores, que voluntariamente ſe deſterravaõ da Patria para prégar nas Conquiſtas a Ley de Chriſto; hoje entraõ pela meſma Barra, trazendo deſterrados violentamente os meſmos Prégadores, ſó porque defendem nas Conquiſtas a Ley de Chriſto. Naõ ſe envergonhe já a Barra de Argel de que entrem por ella os Sacerdotes de Chriſto cativos, e prezos, pois o meſmo ſe vio em noſſos dias na Barra de Lisboa. Oh que bem empregado prodigio fora neſte caſo, ſe fugindo daquella Barra o mar, e voltando atraz o Tejo, lhe podeſſemos dizer como ao rio, e ao mar da terra, que entaõ começava a ſer ſanta: *Quid eſt tibi mare, quod fugiſti, & tu Jordanis, quia converſus es retrorſum?* Gloriava-ſe o Tejo quando nas ſuas ribeiras ſe fabricavaõ, e pelas ſuas correntes ſahiaõ as Armadas conquiſtadoras do Imperio de Chriſto: gloriava ſe, digo, de ſer elle aquelle famoſo rio, de quem cantavaõ os verſos de David: *Dominabitur à mari uſque ad mare, & à flumine uſque ad terminos orbis terrarum*; mas hoje envergonhado de taõ afrontoſa mudança, devêra tornar atrás, e hir-ſe eſconder nas grutas do ſeu naſcimento, ſenaõ he que de corrido corre ao mar, para ſe afogar, e ſepultar no mais profundo delle. Deſengane-ſe porém Lisboa, que o meſmo mar lhe eſtá lançando em roſto o ſoffrimento de tamanho eſcandalo, e que as ondas, com que eſpumando de ira bate as ſuas prayas, ſaõ brados, com que lhe eſtá dizendo as meſmas injurias, que antigamente a Sydonia: *Erubeſce Sydon, ait mare.* Pſalm. 113. 5. Pſalm. 71. 8.

E naõ cuide alguem que eſtas vozes de taõ juſto ſentimento naſcem de extranhar eu, ou me admirar

mirar de que os Prégadores de Chriſto, e o meſmo Chriſto ſeja perſeguido; porque eſta he a eſtrella, em que o meſmo Senhor naſcêo, *Cum natus eſſet JESUS in Bethlehem Juda in diebus Herodis Regis.* Ainda Chriſto naõ tinha quinze dias de naſcido, quando já Herodes tinha poucos menos de perſeguidor ſeu; para que a perſeguiçaõ, e o perſeguido naſceſſem juntos. E naõ ſó naſceo Chriſto com eſtrella de perſeguido em Bethlem, ſe naõ em todas as partes do mundo, porque em todas teve logo ſeu Herodes, que o perſeguiſſe. Vou ſuppondo, como verdadeiramente he, que Chriſto naõ ſó naſcêo em Bethlem, mas que naſcêo, e naſce em outras muitas partes, como ha de naſcer em todas. Por iſſo o Profeta Malachias muito diſcretamente comparou o Naſcimento de Chriſto ao Naſcimento do Sol: *Orietur vobis Sol juſtitiæ.* O Sol vay naſcendo ſucceſſivamente a todo o mundo, e ainda que a humas terras naſce mais cedo, a outras mais tarde; para cada terra tem ſeu naſcimento. Aſſim tambem Chriſto verdadeiro Sol. A primeira vez naſceo em Bethlem, deſpois foy naſcendo ſucceſſivamente por todo o mundo, confórme o foraõ prégando os Apoſtolos, e ſeus ſucceſſores; a humas terras naſceo mais depreſſa, a outras mais devagar, a humas muito antes, a outras muito deſpois, mas para todas teve ſeu naſcimento. He a energia, com que fallou o Anjo aos Paſtores: *Natus eſt vobis hodie Salvator*: naſceo hoje para vós o Salvador. Como ſe diſſéra: hoje naſceo para vós, os outros tambem teráõ ſeu dia, em que ha de naſcer para elles. Aſſim havia de ſer, e aſſim foy, e aſſim tem naſcido Chriſto em differentes tempos em taõ diverſas partes do mundo; mas em nenhum tempo, e em nenhuma

Malac. 4. 2.

Luc. 2. 11.

ma parte naſcêo, onde logo naõ tiveſſe hum Herodes, que o perſeguiſſe.

Vio Saõ Joaõ no Apocalypſe aquella mulher celeſtial veſtida de Sol, a qual eſtava em veſperas do parto, e diz que logo appareceo diante della hum dragaõ feroz, e armado, o qual eſtava aguardando que ſahiſſe á luz o filho, para o tragar, e comer: *Et draco ſtetit ante mulierem, quæ erat paritura, ut cum peperiſſet, filium ejus devoraret.* Que mulher, que filho, e que dragáõ he eſte? A mulher foy a Virgem Maria, e he a Igreja. O Filho foy, e he Chriſto; que aſſim como a primeira vez naſceo da Virgem Santiſſima, aſſim naſcêo, e naſce muitas vezes da Igreja por meyo da Fé, e prégaçaõ de ſeus Miniſtros em diverſas partes do mundo. E o dragáõ, que apparecêo com a boca aberta para o tragar, tanto que naſceſſe, he cada hum dos tyrannos, que logo o meſmo Chriſto tem armados contra ſi, tanto que naſce, e onde quer que naſce. De maneira que naõ ha naſcimento de Chriſto ſem o ſeu perſeguidor, ou o ſeu Herodes. Naſcêo Chriſto em Roma pela prégaçaõ de Saõ Pedro, e logo ſe levantou hum Herodes, que foy o Imperador Néro, o qual crucificou ao meſmo Saõ Pedro. Naſcêo Chriſto em Heſpanha pela prégaçaõ de Santiago, e logo ſe levantou outro Herodes, que foy ElRey Agrippa, o qual degollou ao meſmo Santiago. Naſcêo Chriſto em Ethiopia pela prégaçaõ de Saõ Mattheus, e logo ſe levantou outro Herodes, que foy ElRey Hirtaco, o qual tirou tambem a vida ao meſmo Saõ Mattheus, e eſtando ſacrificando o Corpo de Chriſto, o fez victima de Chriſto. E para que dos exemplos do Mundo Velho paſſemos aos do Novo: naſceo Chriſto no Japáõ pela prégaçaõ, *Apoc. 12. 4.*

çaõ, e milagres de Saõ Francisco Xavier, e logo se levantáraõ, naõ hum, senaõ muitos Herodes, que foraõ os Nabunangas, e Taicozamas, os quaes tanto sangue derramáraõ, e ainda derramaõ dos filhos, e succeſſores do meſmo Xavier. Finalmente naſcêo Chriſto na Conquiſta do Maranháõ, que foy a ultima de todas as noſſas; e para que lhe naõ faltaſſem naquelle Bethlem, e fóra delle os ſeus Herodes, ſe levantáraõ agora, e declaráraõ contra Chriſto em ſi meſmo, e em ſeus Prégadores, os que taõ impia, e barbaramente, naõ ſendo barbaros, o perſeguem. Aſſim que naõ he couſa nova, nem materia digna de admiraçaõ, que Chriſto, e os Prégadores de ſua Fé ſejaõ perſeguidos.

O que porém excede todo o eſpanto, e ſe naõ póde ouvir ſem horror, e aſſombro, he; que os perſeguidores de Chriſto, e ſeus Prégadores neſte caſo naõ ſejaõ os Infieis, e Gentios, ſenaõ os Chriſtãos. Se os Gentios indomitos, ſe os Tapuyas barbaros, e feros daquellas brenhas ſe armáraõ medonhamente contra os que lhe vaõ prégar a Fé; ſe os cobriraõ de ſettas, ſe os fizeraõ pedaços, ſe lhes arrancáraõ as entranhas palpitantes, e as lançáraõ no fogo, e as comêraõ; iſſo he o que elles já tem feito outras vezes, e o que lá vaõ buſcar os que pelos ſalvar deixaõ tudo; mas que a eſtes homens com o caracter de Miniſtros de Chriſto os perſigaõ gentilicamente os Chriſtãos, quando eſſas meſmas féras ſe lhe humanaõ, quando eſſes meſmos barbaros ſe lhe rendem, quando eſſes meſmos Gentios os reverencêaõ, e adoraõ! eſte he o mayor extremo de perſeguiçaõ, e a perſeguiçaõ mais feya, e afrontoſa, que nunca padeceo a Igreja. Nas perſeguiçoens dos Néros, e Dioclecianos

clecianos, os Gentios perſeguiaõ os Martyres, e os Chriſtãos os adoravaõ; mas neſta perſeguiçaõ nova, e inaudita, os Chriſtãos ſaõ os que perſeguem aos Prégadores, e os Gentios os que os adoraõ. Só na perſeguiçaõ de Herodes, e na paciencia de Chriſto ſe achaõ juntos eſtes extremos. No Evangelho temos a Chriſto hoje perſeguido, e hoje adorado: mas de quem adorado, e de quem perſeguido? Adorado dos Gentios, e perſeguido dos Chriſtãos: adorado dos Magos, que eraõ Gentios, e perſeguido de Herodes, e de toda Jeruſalem, que eraõ os Chriſtãos daquelle tempo.

Ninguem repare em eu lhe chamar Chriſtãos; porque ha Chriſtãos de Fé, e Chriſtãos de Eſperança. Os filhos da Igreja ſomos Chriſtãos de Fé, porque crêmos, que Chriſto já veyo: os filhos da Synagoga eraõ Chriſtãos de Eſperança, porque criaõ, e eſperavaõ, que Chriſto havia de vir. E que homens, que criaõ em Chriſto, e eſperavaõ por Chriſto, e eraõ da meſma Naçaõ, e do meſmo Sangue de Chriſto, perſigaõ taõ barbaramente a Chriſto, e que no meſmo tempo, para mayor eſcandalo da Fé, e da natureza os Magos o buſquem, os Gentios o crêaõ, os idolatras o adorem! Bemdito ſejaes, Senhor, que tal contradicçaõ quizeſtes padecer, e bemdito mil vezes pela parte que vos dignaſtes communicar della aos que taõ indignamente vos ſervem? Naõ de balde nos honraſtes com o nome de Companhia de JESUS, obrigando nos a vos fazer companhia no que padeceſtes naſcido debaixo do meſmo nome: *Cum natus eſſet JESUS in Bethlehem Juda.* Vós em Bethlem de Juda, para que os voſſos perſeguidores foſſem da voſſa meſma naçaõ; nós em Bethlem, naõ de Juda,

para

para que os noſſos foſſem tambem da noſſa: vós na meſma terra, e no meſmo tempo perſeguido de Herodes, e adorado dos Magos: e nós tambem, por mercê voſſa, no meſmo tempo, e na meſma terra perſeguidos dos Chriſtãos, e pouco menos que adorados dos Gentios. Aſſim o experimentaõ hoje os que por eſcapar á perſeguiçaõ andaõ fugitivos por aquellas brenhas, ſe bem fugitivos naõ por medo dos homens, ſenaõ por amor de Chriſto, e por ſeguir ſeu exemplo. Daqui a poucos dias veremos fugir a Chriſto: mas de quem, e para quem? De donde, e para onde? Naõ ſe podéra crer, ſe o naõ mandára Deos, e o diſſéra hum Anjo: *Fuge in Ægyptum*, fugî para o Egypto. Pois de Iſrael para Egypto, da terra dos Fieis para a terra dos Gentios: e para a terra daquelles meſmos Gentios, donde antigamente fugiraõ os filhos de Iſrael? Sim. Que taõ mudados eſtáõ os tempos, e os homens, e a tanto chega a força da perſeguiçaõ. *Futurum eſt enim, ut Herodes quærat Puerum ad perdendum eum.* Foge Chriſto, e fogem os Prégadores de Chriſto, dos Fieis para os Infieis, e dos Chriſtãos para os Gentios; porque os Chriſtãos os deſterraõ, e os Gentios o amparaõ; porque os Chriſtãos os maltrataõ, e os Gentios os defendem: porque os Chriſtãos os perſeguem, e os Gentios os adoraõ.

Matt. 2. 13. *Ibidem*

Naõ foy grande maravilha, que Joſeph prezo, e vendido de ſeus proprios Irmãos, os Egypcios o veneraſſem, e eſtimaſſem tanto; e abaixo do ſeu Rey o adoraſſem? Pois muito mayor he a differença, que hoje experimentaõ entre aquelles Gentios os venturoſos homiziados da Fé, que eſcapando das prizoens dos Chriſtãos ſe retiráraõ para elles. Os

Egyp-

Egypcios; ainda que Gentios, eraõ homens: aquelles Gentios, que hoje começaõ a ſer homens, hontem eraõ féras. Eraõ aquelles meſmos barbaros, ou brutos, que ſem uſo de razaõ, nem ſentido de humanidade, ſe fartavaõ de carne humana. que das caveiras faziaõ taças para lhe beber o ſangue, e das canas dos oſſos frautas, para feſtejar os convites. E eſtas ſaõ hoje as féras, que em vez de nos tirar a vida nos acolhem entre ſi, e nos veneraõ como os Leões a Daniel: eſtas as aves de rapina, que em vez de nos comerem, nos ſuſtentaõ como os corvos a Elias: eſtes os monſtros (pela mayor parte marinhos) que em vez de nos tragar, e digerir, nos metem dentro nas entranhas, e nellas nos conſervaõ vivos, como a Balêa a Jonas. E ſe aſſim nos trataõ os Gentios, e taes Gentios, quando aſſim nos trataõ os Chriſtãos, e Chriſtãos da noſſa Naçaõ, e do noſſo ſangue; quem ſe naõ aſſombra de huma taõ grande differença?

§. IV.

VEjo que eſtáõ dizendo dentro de ſi todos os que me ouvem; e tanto mais, quanto mais admirados deſta meſma differença; que taõ grandes effeitos naõ podem naſcer ſenaõ de grandes cauſas. Se os Chriſtãos perſeguem os Prégadores da Fé, alguma grande cauſa tem para os perſeguir. E ſe os Gentios tanto os amaõ, e veneraõ, alguma cauſa tem, tambem grande, para os venerar, e amar. Que cauſas ſeráõ eſtas? Iſto he o que agora ſe ſegue dizer. E ſe alguma vez me déſtes attençaõ, ſeja para eſtes dous pontos.

Começando pelo amor, e veneraçaõ dos Gentios,

tios. Aquella Eſtrella, que trouxe os Magos a Chriſto, era huma figura celeſtial, e mu to illuſtre dos Prégadores da Fé. Aſſim o diz Saõ Gregorio, e os outros Padres commumente, mas a meſma Eſtrella o diſſe ainda melhor. Que officio foy o daquella Eſtrella? Alumiar, guiar, e trazer homens a adorar a Chriſto, e naõ outros homens, ſenaõ homens infieis, e idolatras, naſcidos, e criados nas trévas da Gentilidade. Pois eſſe meſmo he o officio, e exercicio naõ de quaesquer Prégadores, ſenaõ daquelles Prégadores, de que fallamos, e por iſſo propriamente Eſtrellas de Chriſto. Repara muito Saõ Maximo em que eſta Eſtrella, que guiou os Magos, ſe chame particularmente Eſtrella de Chriſto, *Stella ejus*: e argûe aſſim. Todas as outras Eſtrellas naõ ſaõ tambem Eſtrellas de Chriſto, que como Deos as criou? Sim ſaõ. Pois porque razaõ eſta Eſtrella mais que as outras ſe chama eſpecialmente Eſtrella ſua, *Stella ejus?* Porque as outras Eſtrellas foraõ geralmente criadas para tochas do Ceo, e do mundo; eſta foy criada eſpecialmente para Prégadora de Chriſto: *Quia quamvis omnes ab eo creatæ ſtellæ ipſius ſint, hæc tamen propria Chriſti erat, quia ſpecialiter Chriſti nuntiabat adventum.* Muitas outras Eſtrellas ha naquelle Emisferio, muito claras nos reſplandores, e muito uteis nas influencias, como as do Firmamento; mas eſtas, de que fallamos, ſaõ propria, e eſpecialmente de Chriſto, não ſó pelo nome de JESU, com que ſe profeſſaõ por ſuas, mas porque o fim, o inſtituto, e o officio, para que foraõ criadas, he o meſmo, que o da Eſtrella dos Magos, para trazer Infieis, e Gentios á Fé de Chriſto. Ora ſe eſtas Eſtrellas foſſem taõ diligentes, taõ ſolicitas, e taõ

pon-

pontuaes em acompanhar, e guiar, e ſervir aos Gentios, como a que acompanhou, guiou, e ſervio aos Magos; naõ teriaõ os meſmos Gentios muita razaõ de as quererem, e eſtimarem, de ſentirem muito ſua falta, e de ſe alegrarem, e conſolarem muito com ſua preſença? Aſſim o fizeraõ os Magos, e aſſim o diz o Evangeliſta, naõ acabando de encarecer eſte contentamento: *Videntes autem ſtellam gaviſi ſunt gaudio magno valde.* Pois vamos agora ſeguindo os paſſos daquella Eſtrella desde o Oriente até o Preſepio, e veremos como as que hoje vemos taõ mal viſtas, e taõ perſeguidas, naõ ſó imitaõ, e igualaõ em tudo a Eſtrella dos Magos; mas em tudo a excedem com grandes vantagens. *Matth. 2. 10.*

Primeiramente dizem os Magos, que onde viraõ a Eſtrella ſoy no Oriente: *Vidimus ſtellam ejus in Oriente.* De maneira que podendo a Eſtrella ſer viſta de muito longe, como ſe vem as outras Eſtrellas, ella os foy buſcar á ſua terra. Neſta diligencia, e neſte caminho ſe avantajou muito a Eſtrella dos Magos aos Anjos, que apparecêraõ aos Paſtores. Os Anjos tambem alumiáraõ aos Paſtores: *Claritas circumfulſit illos:* e tambem lhes annunciáraõ o Naſcimento de Chriſto: *Evangelizo vobis gaudium magnum, quia natus eſt vobis hodie Salvator:* mas eſſa luz, e eſſe Evangelho aonde o leváraõ os Anjos? Naõ ás terras do Oriente, ou a outras remotas, como a Eſtrella; mas a quatro paſſos da Cidade de Bethlem, e nos meſmos arrebaldes della, hum tranſito muito breve: *Tranſeamus uſque ad Bethlehem.* E quanto vay de Bethlem ao Oriente, tanto vay de hum evangelizar a outro. Iſto he comparando a Eſtrella com os Anjos; e muito mais ſe a comparar-mos com os meſmos Paſtores. *Ibid. 2.* *Luc. 2. 9.* *Ibidem 10. 11.* *Ibid. 15.*

ſtores. Eſtes Paſtores de Bethlem ſaõ os mais celebrados da Igreja, e os que ella allega por exemplo, e propoem por exemplar aos Paſtores das Almas. Mas que fizéraõ, ou que faziaõ eſtes bons Paſtores? Ibidem 8. *Paſtores erant in regione eâdem cuſtodientes vigilias noctis ſuper gregem ſuum.* Eraõ taõ vigilantes, e cuidadoſos do ſeu gado, que com ſer á meya noite, naõ dormiaõ, ſenaõ que o eſtavaõ guardando, e velando ſobre elle. Muito bem. Mas naõ ſey ſe advertîs o que nota o Evangeliſta ácerca do lugar, e ácerca do gado. Acerca do lugar, diz que eſtavaõ na meſma regiaõ: *Et paſtores erant in regione eâdem*: e acerca do gado, diz que as ovelhas eraõ ſuas: *Super gregem ſuum.* E em ambas eſtas couſas conſiſte a vantagem, que lhes fez a Eſtrella. Os Paſtores eſtavaõ na ſua regiaõ, e a Eſtrella foy a regioens extranhas: elles guardavaõ as ovelhas ſuas, e ella foy buſcar ovelnas para Chriſto. E guardar as ſuas ovelhas na ſua regiaõ, ou ir buſcar ovelhas para Chriſto a regioens extranhas; bem ſe vê quanto vay a dizer.

Mas ainda que tudo iſto fez a Eſtrella dos Magos, faltou-lhe muito para ſe igualar com as noſſas Eſtrellas. Ella foy buſcar Gentios a huma regiaõ remota, mas diſtante ſómente treze dias de caminho: as noſſas vaõ buſcar em diſtancias de mais de mil legoas de mar, e por rios, que ſó o das Amazonas, ſem ſe lhe ſaber naſcimento, tem quatro mil de corrente. A Eſtrella dos Magos nunca ſahio do ſeu elemento: as noſſas ja no da terra, ja no da agoa, ja no do ar, e dos ventos ſupportaõ os perigos, e rigores de todos. A dos Magos caminhou da Arabia á Meſopotamia ſempre dentro dos meſmos orizontes: as noſſas vaõ do ultimo Cabo da Europa ao

mais

mais interior da América, dando volta a meyo mundo, e paſſando deſte emisfério aos Antipodas. Finalmente (para que ajuntemos á diſtancia a differença das terras) a Eſtrella dos Magos hia com elles para a terra de Promiſſáõ, a mais amena, e delicioſa, que creou a natureza: as noſſas deſtérraõſe para toda a vida em companhia de degradados, naõ como elles, para as Colonias maritimas, onde os ares ſaõ benignos; mas para os certoens habitados de féras, e minados de bichos venenoſos, nos climas mais nocivos da Zona Tórrida. Naõ he porém eſte o mayor trabalho.

Vidimus ſtellam ejus. Perguntaõ aqui os Interpretes, porque mandou Chriſto aos Magos huma Eſtrella, e naõ hum Anjo, ou hum Proféta? Os Profétas ſaõ os Embaixadores ordinarios de Deos, os Anjos os extraordinarios, e tal era eſta embaixada. Porque naõ mandou logo Chriſto aos Magos hum Anjo, ou hum Proféta, ſenaõ huma Eſtrella? A razaõ foy (dizem todos) porque era conveniente, que aos Magos ſe enviaſſe hum Embaixador, que lhe fallaſſe na ſua propria lingoa. Os Magos eraõ Aſtrologos: a lingoa, por onde os Aſtrologos entendem o que diz o Ceo, ſaõ as Eſtrellas: e tal era eſta meſma Eſtrella, á qual chama Santo Agoſtinho, *Lingua cæli:* lingoa do Ceo: pois vá huma Eſtrella aos Magos, para que ella lhe falle na lingoa, que elles entendem. Se eu naõ entendo a lingoa do Gentio, nem o Gentio entende a minha; como o hey de converter, e trazer a Chriſto? Por iſſo temos por regra, e inſtituto aprender todos a lingoa, ou lingoas da terra, onde imos prégar; e eſta he a mayor difficuldade, e o mayor trabalho daquella eſpiritual

conquista, e em que as nossas Estrellas excedem muito a dos Magos. Notay. Os Magos entendiaõ a lingoa da Estrella, e o que ella lhes dizia; mas porque a entendêraõ? Porque como Astrologos, que eraõ, pelos livros dos Caldêos sabiaõ, que aquella Estrella era nova, e nunca vista: e como discipulos que tambem eraõ de Baláõ, sabiaõ pelos livros da Escriptura que huma Estrella nova, que havia de apparecer, era signal da vinda, e nascimento do Messias descendente de Jacob: *Orietur stella ex Jacob*; e por esta sciencia aquirida com dobrado estudo poderaõ alcançar, e entender o que a Estrella significava, e lhes dizia Cá naõ he assim, senaõ ás avessas. Lá para entender a Estrella, estudavaõ os Magos; cá para entender o Gentio, haõ de estudar as Estrellas. Nós, que os himos buscar, somos os que lhe havemos de estudar, e saber a lingoa. E quanta difficuldade, e trabalho seja haver de aprender hum Européo, naõ com mestres, e com livros, como os Magos, mas sem livro, sem mestre, sem principio, e sem documento algum, naõ huma, senaõ muitas lingoas barbaras, incultas, e horridas; só quem o padece, e Deos, por quem se padece, o sabe.

Num. 24. 17.

Quando Deos confundio as linguas na Torre de Babél, ponderou Philo Hebrêo, que todos ficáraõ mudos, e surdos, porque ainda que todos fallavaõ, e todos ouviaõ, nenhum entendia o outro. Na antiga Babél ouve setenta e duas lingoas: na Babél do Rio das Amazonas já se conhecem mais de cento e cincoenta, taõ diversas entre si como a nossa, e a Grega; e assim quando lá chegamos, todos nós somos mudos, e todos elles surdos. Vede agora quanto estudo, e quanto trabalho será necessario, para

que

que eſtes mudos fallem, e eſtes ſurdos ouçaõ. Nas terras dos Tyrios, e Sydonios, que tambem eraõ Gentios, trouxéraõ a Chriſto hum mudo, e ſurdo para que o curaſſe; e diz Saõ Marcos, que o Senhor ſe retirou com elle a hum lugar apartado, que lhe meteo os dedos nos ouvidos, que lhe tocou a lingoa com ſaliva tirada da ſua, que levantou os olhos ao Ceo, e deu grandes gemidos, e entaõ fallou o mudo, e ouvio o ſurdo: *Apprehendens eum de turba ſeorſum, miſit digitos ſuos in auriculas ejus, & expuens tetigit linguam ejus, & ſuſpiciens in cælum ingemuit, & ait illi: Epheta, quod eſt adaperire.* Marc. 7. 33. 34. Pois ſe Chriſto fazia os outros milagres taõ facilmente, eſte de dar falla ao mudo, e ouvidos ao ſurdo, como lhe cuſta tanto trabalho, e tantas diligencias? Porque todas eſtas ſaõ neceſſarias a quem ha de dar lingoa a eſtes mudos, e ouvidos a eſtes ſurdos. He neceſſario tomar o barbaro á parte, e eſtar, e inſtar com elle muito ſó por ſó, e muitas horas, e muitos dias: he neceſſario trabalhar com os dedos, eſcrevendo, apontando, e interpretando por acenos o que ſe naõ póde alcançar das palavras: he neceſſario trabalhar com a lingoa, dobrando a, e torcendo-a, e dando-lhe mil voltas, para que chegue a pronunciar os aſſentos taõ duros, e taõ extranhos: he neceſſario levantar os olhos ao Ceo, huma, e muitas vezes com a oraçaõ, e outras quaſi com deſeſperaçaõ: he neceſſario finalmente gemer, e gemer com toda a Alma: gemer com o entendimento; porque em tanta eſcuridade naõ vê ſaida: gemer com a memoria, porque em tanta variedade naõ acha firmeza; e gemer até com a vontade, por conſtante que ſeja, porque no aperto de tantas difficuldades deſfallece, e quaſi

deſ-

deſmaya. Em fim com a pertinacia da induſtria ajudada da Graça Divina fallaõ os mudos, e ouvem os ſurdos; mas nem por iſſo ceſſaõ as razoens de gemer; porque com o trabalho deſte milagre ſer taõ ſimilhante ao de Chriſto, tem muy differente ventura, e muy outro galardaõ do que elle teve. Vendo os circunſtantes aquelle milagre começáraõ a applaudir, e dizer: *Bene omnia fecit, & ſurdos fecit audire, & mutos loqui*: naõ ha duvida que eſte Profeta tudo faz bem, porque faz ouvir os ſurdos, e fallar os mudos. De maneira, que a Chriſto baſtou-lhe fazer fallar hum mudo, e ouvir hum ſurdo, para dizerem, que tudo fazia bem feito; e a nós naõ nos baſta fazer o meſmo milagre em tantos mudos, e tantos ſurdos, para que nos naõ tenhaõ por malfeitores. Mas vamos ſeguindo a Eſtrella.

Marc. 7. 37.

Quando os Magos chegáraõ á viſta de Jeruſalem, eſconde-ſe a Eſtrella: e eſta foy a mais bizarra acçaõ, e a mais luzida, que eu della conſidero. Baſta, Luzeiro celeſtial, que ſois Eſtrella de Reys, e eſcondeis-vos, e fugîs da Corte? Ainda naõ entraſtes nella, e já a conheceis? Mas bem moſtrais quanto tendes de Deos, e quanto o quereis ſervir, e louvar todas as Eſtrellas, como diz David, louvaõ a Deos: *Laudate eum omnes ſtellæ, & lumen*; mas o meſmo Deos diſſe a Job, que os louvores das Eſtrellas da manhaã eraõ os que mais lhe agradavaõ: *Cum me laudarent aſtra matutina.* E porque agradaõ mais a Deos os louvores das Eſtrellas da manhãa, que os das Eſtrellas da noite? Porque as Eſtrellas da noite louvaõ a Deos luzindo, as Eſtrellas da manhãa louvaõ a Deos eſcondendo-ſe: as Eſtrellas da noite communicaõ as influencias, mas conſervaõ a luz: as Eſtrellas

Pſalm. 148. 3.

Job. 38 7.

trellas da manhãa perdem a luz para melhor lograr as influencias: Em fim as Eſtrellas da noite luzem, porque eſtaõ mais longe do Sol; as Eſtrellas da manhaã eſcondem-ſe, porque eſtaõ mais perto. Iſto he o que fez a Eſtrella dos Magos, mas por poucas horas: as noſſas por toda a vida. A Eſtrella dos Magos quando ſe eſcondêo, naõ luzio, mas naõ alumiou: as noſſas eſcondem-ſe onde alumiaõ, e naõ luzem: a dos Magos alumiava, onde a viaõ os Reys: *Vidimus ſtellam ejus*: as noſſas alumiaõ onde naõ ſaõ viſtas, nem o pódem ſer; no lugar mais desluzido, e no canto mais eſcuro de todo o mundo. E iſto he verdadeiramente eſconderſe, porque naõ ſó he deſterrar-ſe para ſempre, mas enterrar-ſe.

Aſſim eſteve eſcondida a Eſtrella em quanto os Magos ſe detivéraõ em Jeruſalem; mas tanto que ſahiraõ para continuar ſeu caminho, logo tornou a ſe deſcobrir, e apparecer; *Et ecce ſtella, quam viderant in Oriente, antecedebat eos.* Reparay no *antecedebat.* Hia a Eſtrella diante, mas de tal maneira diante, que ſempre ſe accommodava, e em tudo, aos paſſos dos que guiava. *Ambulante Mago ſtella ambulat, ſedente ſtat, dormiente excubat*: diz Saõ Pedro Chryſologo. Quando os Magos andavaõ, andava a Eſtrella; quando ſe aſſentavaõ, parava; quando dormiaõ, velava; mas naõ dava hum paſſo mais que elles. Poderá a Eſtrella fazer todo aquelle caminho do Oriente ao Occidente em dous momentos: *Sicut fulgur exit ab Oriente, & parat uſque ab Occidentem.* E que ella contra a ſua velocidade natural, já movendo ſe vagaroſa, e tardamente; já parando, e ficando immovel, ſe foſſe accommodando, e medindo em tudo com a condiçaõ, e fraqueza daquelles, a quem guiava,

Matt. 2. 9.

Matt. 24. 27.

va,

va, quanto, quando, e como elles podiaõ, grande violencia? E mais se levantasse os olhos ao Firmamento, e visse, que as outros do seu nome davaõ volta ao mundo em vinte e quatro horas, e ella quasi parada, Mas assim faz, e deve fazer quem tem por officio levar Almas a Christo. Aquelles quatro animaes do Carro de Ezechiel, que olhavaõ para as quatro partes do mundo, e significavaõ os quatro Evangelistas, todos tinhaõ azas de Aguia: mas nota o Texto, que os pés, com que andavaõ eraõ de Boy: *Et planta pedis eorum, quasi planta pedis vituli.* E que se haja de mover a passo de Boy quem tem azas, e azas de Aguia? Sim: que isso he ser Evangelista, isso he ter officio de levar o Evangelho a gentes extranhas, e isso he o que fez a Estrella: *Antecedebat eos.*

Ezech. 1. 7.

Mas estes (*eos*) quem eraõ? Aqui está a differença daquella Estrella ás nossas. A Estrella dos Magos accommodava-se aos Gentios, que guiava: mas esses Gentios eraõ os Magos do Oriente; os homens mais sabios da Caldêa, e os mais doutos do mundo; porém as nossas Estrellas despois de deixarem as cadeiras das mais illustres Universidades de Europa (como muitos delles deixáraõ) accommodaõ se á gente mais sem entendimento, e sem discurso, de quantos criou, ou abortou a natureza, e homens, de quem se duvidou se eraõ homens, e foy necessario, que os Pontifices definissem que eraõ racionaes, e naõ brutos. A Estrella dos Magos parava, sim: mas nunca tornou atraz: as nossas Estrellas tornaõ huma, e mil vezes a desandar o já andado, e ensinar o já ensinado, e a repetir o já aprendido, porque o barbaro buçal, e rude, o Tapuya cerrado, e bruto, como naõ faz inteiro entendimento,

naõ

naõ imprime; nem retêm na memoria. Finalmente para o dizer em huma palavra; a Eſtrella dos Magos guiava a homens, que caminhavaõ nos Dromedarios de Madian, como antevio Iſaias: *Dromedarij Madian, & Epha: omnes de Sabbá venient, aurum, & thus deferentes:* e accommodar-ſe ao paſſo dos Dromedarios de Madian, ou ao ſono das Preguiças do Braſil, bem ſe vê a differença. Iſai. 60. 6.

Ainda a palavra (*eos*) nos inſinûa outra, que ſe naõ deve paſſar em ſilencio. A Eſtrella, guia, e prégadora dos Magos, convertêo, e trouxe a Chriſto Almas de Gentios; mas de que Gentios, e que Almas? Almas illuſtres, Almas coroadas, Almas de Gentios Reys: as noſſas Eſtrellas tambem trazem a Chriſto, e convertem Almas; mas Almas de gente, onde nunca ſe vio Sceptro, nem Coroa, nem ſe ouvio o nome de Rey. A lingoa geral de toda aquella Coſta carece de tres letras. F L R. De F porque naõ tem Fé, de L porque naõ tem Ley, de R porque naõ tem Rey: e eſta he a policia da gente, com que tratamos. A Eſtrella dos Magos fez a ſua miſſãõ entre purpuras, e brocados, entre pérolas, e diamantes, entre ambares, e calambúcos; em fim entre os theſouros, e delicias do Oriente: as noſſas Eſtrellas fazem as ſuas miſſoens entre as pobrezas, e deſamparos, entre os aſcos, e as miſerias da gente mais inculta, da gente mais pobre, da gente menos gente de quantos naſcêraõ no mundo. Huma gente, com quem metêo taõ pouco cabedal a natureza, com quem ſe empenhou taõ pouco a arte, e a fortuna; que huma arvore lhe dá o veſtido, e o ſuſtento, e as armas, e a caſa, e a embarcaçaõ. Com as folhas ſe cobrem, com o fruto ſe ſuſtentaõ, com os ramos ſe

armaõ, com o tronco de abrigaõ, e sobre a casca navegaõ. Estas saõ todas as alfayas daquella pobrissima gente; e quem busca as Almas destes corpos, busca só Almas. Mas porque o mundo naõ sabe avaliar esta acçaõ, como ella merece, ouça o mesmo mundo o preço, em que a estimou quem só a pode pagar.

Quando o Baptista mandou seus discipulos que fossem perguntar a Christo, se era elle o Messias, a resposta do Senhor foy esta: *Euntes, renuntiate Joanni, quæ audistis, & vidistis*, ide, dizey a Joaõ o que vistes, e ouvistes. E que he o que tinhaõ visto, e ouvido? O que tinhaõ visto era que os cegos viaõ, os mancos andavaõ, os leprosos saravaõ, os mortos resuscitavaõ: *Cæci vident, claudi ambulant, leprosi mundantur, mortui resurgunt.* E naõ bastavaõ todos estes milagres vistos para prova de ser Christo o Messias? Sim bastavaõ: mas quiz o Senhor accrescentar ao que tinhaõ visto, o que tinhaõ ouvido, porque ainda era mayor prova, e mais certa. O que tinhaõ ouvido os discipulos do Baptista, era que o Evangelho de Christo se prégava aos pobres: *Pauperes evangelizantur*: e esta foy a ultima prova, com que o Redemptor do mundo qualificou a verdade de ser elle o Messias; porque prégar o Evangelho aos pobres, aos miseraveis, aos que naõ tem nada no mundo, he acçaõ taõ propria do Espirito de Christo, que despois do testimunho de seus milagres a poz o Filho de Deos por sêllo de todos elles. O fazer milagres, póde-o attribuir a malicia a outro espirito; e o evangelizar aos pobres, nenhuma malicia póde negar, que he espirito de Christo.

Matth. 11. 4.

Ibid. 5.

Ibidem.

Finalmente acabou a Estrella o seu curso: parou;

rou; mas onde foy parar? *Usque dum veniens staret super ubi erat Puer.* Foy parar em hum Preſepio, onde eſtava Chriſto ſobre palhas, e entre brutos, e alli o deo a conhecer. Oh que Eſtrella taõ ſanta, e taõ diſcreta! Eſtrella, que naõ quer apparecer em Jeruſalem, e ſe vay parar no Preſepio! Eſtrella, que antes quer eſtar em huma choupana com Chriſto, que em huma Corte ſem elle! Diſcreta, e ſanta Eſtrella, outra vez! Mas mais diſcretas, e mais ſantas as noſſas. A razaõ he clara. Chriſto naquelle tempo eſtava no Preſepio, mas naõ eſtava na Corte de Jeruſalem: de ſorte, que ſe a Eſtrella quizeſſe ficar na Corte, havia de ficar ſem Chriſto. Nas Cortes da Chriſtandade naõ he aſſim. Em todas as Cortes eſtá Chriſto, e em todas ſe póde eſtar com Chriſto. Agora vay a differença, e a vantagem. Trocar Jeruſalem pelo Preſepio, e querer antes eſtar em huma choupana com Chriſto, que em huma Corte ſem elle, naõ he fineza, he obrigaçaõ; e iſſo fez a Eſtrella dos Magos. Mas querer antes eſtar no Preſepio com Chriſto, que em Jeruſalem com Chriſto: querer antes eſtar na choupana com Chriſto entre brutos, que na Corte com Chriſto entre Principes: iſto he naõ ſó deixar a Corte pelo Preſepio, ſenaõ deixar a Chriſto por Chriſto, e o ſeu mayor ſerviço pelo menor. Deixar a Chriſto, onde eſtá acompanhado, para o acompanhar onde eſtá ſó: deixar a Chriſto onde eſtá ſervido, para o ſervir onde eſtá deſamparado, deixar a Chriſto onde eſtá conhecido, para o dar a conhecer onde o naõ conhecem. *Matth. 2. 9.*

A Eſtrella dos Magos tambem deo a conhecer a Chriſto; mas a quantos homens, e em quanto tempo? A tres homens, e em dous annos. Eſſa

foy a razaõ porque Herodes mandou matar todos os Innocẽtes de dous annos para baixo, confórme o tempo em que a Eſtrella tinha apparecido aos Magos: *Secundum tempus, quod exquiſierat à Magis.* Vêde agora quanto vay daquella Eſtrella ás noſſas Eſtrellas, e da ſua miſſáõ ás noſſas. Deixadas as mais antigas, fizeraõ ſe ultimamente duas; huma pelo rio dos Tocantins, outra pelo das Amazonas: e com que effeito? A primeira reduzio, e trouxe a Chriſto a Naçaõ dos Topinambâz, e a dos Pochiguâras; a ſegunda pacificou, e trouxe á meſma Fé a naçaõ dos Nheengaíbas, e a dos Mamayanâzes, e tudo iſto em eſpaço de ſeis mezes. De maneira, que a Eſtrella dos Magos em dous annos trouxe a Chriſto tres homens, e as noſſas em meyo anno quatro Naçoens. E como eſtes Prégadores da Fé por officio, por inſtituto, por obrigaçaõ, e por caridade, e pelo conhecimento, e fama geral, que tem entre aquelles barbaros, os vaõ buſcar taõ longe, com tanto zelo, e lhes fallaõ em ſuas proprias lingoas com tanto trabalho, e ſe accommodaõ á ſua capacidade com tanto amor, e fazem por elles tantas outras finezas, que até nos brutos animaes coſtumaõ achar agradecimento; naõ he muito, que elles os amem, que elles os eſtimem, que elles os defendaõ, e que antes, ou depois de conhecerem, e adorarem a Chriſto, quaſi os adorem.

Matth. 2. 16.

§. V. Ago-

§. V.

AGora ſe ſegue em contrapoſiçaõ admiravel, ou eſtupenda (e por iſſo mais digna de attençaõ) ver as cauſas, porque os Chriſtãos perſeguem, aborrecem, e lançaõ de ſi eſtes meſmos homens. Perſeguirem os Chriſtãos a quem defendem os Gentios, aborrecerem os do proprio ſangue a quem amaõ os extranhos, lançarem de ſi os que tem uſo de razaõ a quem recolhem, abraçaõ, e querem comſigo os barbaros; couſa era incrivel, ſe naõ eſtivera taõ experimentada, e taõ viſta. E ſuppoſto que he aſſim, qual pode ſer a cauſa? Com ſerem taõ notaveis os effeitos, ainda a cauſa he mais notavel. Toda a cauſa de nos perſeguirem aquelles chamados Chriſtãos, he porque fazemos pelos Gentios o que Chriſto fez pelos Magos. *Procidentes adoraverunt eum: & reſponſo accepto, ne redirent ad Herodem, per aliam viam reverſi ſunt in Regionem ſuam.* Toda a Providencia Divina para com os Magos conſiſtio em duas acçoens: primeira, em os trazer aos pés de Chriſto por hum caminho: ſegunda, em os livrar das mãos de Herodes por outro. Naõ fora grande ſem razaõ, naõ fora grande injuſtiça, naõ fora grande impiedade, trazer os Magos a Chriſto, e deſpois entregallos a Herodes? Pois eſtas ſaõ as culpas daquelles Prégadores de Chriſto, e eſta a unica cauſa, porque ſe vem, e os vedes taõ perſeguidos. Querem que tragamos os Gentios á Fé, e que os entreguemos ao cutello: querem que tragamos os Magos a Chriſto, e que os entreguemos a Herodes. E porque encontramos eſta ſem-razaõ, nós ſomos os deſarrazoados: porque reſiſtimos a eſta inju- Matt. 2. 11. 12.

injuſtiça, nós ſomos os injuſtos: porque contradizemos eſta impiedade, nós ſomos os impios.

Acabe de entender Portugal, que naõ póde haver Chriſtandade, nem Chriſtandades nas Conquiſtas, ſem os Miniſtros do Evangelho terem abertos, e livres eſtes dous caminhos, que hoje lhes moſtrou Chriſto. Hum caminho para trazerem os Magos á adoraçaõ, e outro para os livrarem da perſeguiçaõ: hum caminho para trazerem os Gentios á Fé, outro para os livrarem da tyrannia: hum caminho para lhes ſalvarem as Almas, outro para lhes libertarem os corpos. Neſte ſegundo caminho eſtá toda a duvida, porque nelle conſiſte toda a tentaçaõ. Querem que aos Miniſtros do Evangelho pertença ſó a cura das Almas, e que a ſervidaõ, e captiveiro dos corpos ſeja dos Miniſtros do Eſtado. Iſto he o que Herodes queria. Se o caminho, por onde ſe ſalváraõ os Magos, eſtivera á conta de Herodes, muito boa conta daria delles: a que deu dos Innocentes. Naõ he eſſe o governo de Chriſto. A meſma Providencia, que teve cuidado de trazer os Magos a Chriſto por hum caminho, eſſa meſma teve o cuidado de os livrar, e pôr em ſalvo por outro: e querer dividir eſtes caminhos, e eſtes cuidados, he querer, que naõ haja cuidado, nem haja caminho. Ainda que hum deſtes caminhos pareça ſó eſpiritual, e o outro temporal, ambos pertencem á Igreja, e ás Chaves de Saõ Pedro; porque por hum abrem-ſe as portas do Ceo, e por outro as do Inferno. As Igrejas novas haõ ſe de fundar, e eſtabelecer como Chriſto fundou, e eſtabeleceo a Igreja univerſal, quanto tambem era nova. Que diſſe Chriſto a Saõ Pedro?

Matt. 16 18. *Super hanc petram ædificabo Eccleſiam meam: Tibi dabo*

19. *claz*

claves Regni cælorum: & portæ inferi non prævalebunt adversus eam. Que importa, que Pedro tenha as chaves das portas do Ceo, ſe prevalecerem contra elle, e contra a Igreja as portas do Inferno? Iſto naõ he fundar nova Igreja, he deſtruilla em ſeus proprios fundamentos.

Naõ ſey ſe reparais em que deo Chriſto a Saõ Pedro naõ ſó chave, ſe naõ chaves: *Tibi dabo claves.* Para abrir as portas do Ceo, baſtava huma ſó chave: pois porque lhe dá Chriſto duas? Porque aſſim como ha caminhos contra caminhos, aſſim ha portas contra portas; *Portæ inferi non prævalebunt adverſus eam.* Ha caminhos contra caminhos; porque hum caminho leva a Chriſto, e outro póde levar a Herodes: e ha portas contra portas; porque humas ſaõ as portas do Ceo, e outras as portas do Inferno, que o encontraõ. Por iſſo he neceſſario, que as chaves ſejaõ duas, e que ambas eſtejaõ na meſma maõ. Huma, com que Pedro poſſa abrir as portas do Ceo; e outra, com que poſſa aferrolhar as portas do Inferno: huma, com que poſſa levar os Gentios a Chriſto, e outra, com que os poſſa defender do demonio, e ſeus miniſtros E toda a teima do meſmo demonio, e do meſmo Inferno, he que eſtas chaves, e eſtes poderes ſe dividaõ e que eſtejaõ em differentes maõs.

Naõ o entendêraõ aſſim os Senhores Reys, que fundáraõ aquellas Chriſtandades, e todas as das noſſas Conquiſtas, os quaes ſempre uniraõ hum, e outro poder, e o fiáraõ ſómente dos Miniſtros do Evangelho; e a razaõ Chriſtaã, e politica, que para iſſo tiveraõ, foy por terem conhecido, e experimentado, que ſó quem converte os Gentios, os zela, e os defende: e que aſſim como dividir as Almas dos cor-

corpos, he matar, aſſim dividir eſtes dous cuidados, he deſtruir. Por iſſo eſtáõ deſtruidas, e deshabitadas todas aquellas terras em taõ poucos annos; e de tantas, e taõ numeroſas Povoaçoens, de que ſó ficáraõ os nomes, naõ ſe vêm hoje mais que ruinas, e cemeterios. Neceſſario he logo naõ ſó para o eſpiritual, ſenaõ tambem para o temporal das Conquiſtas, que os meſmos, que edificaõ aquellas novas Igrejas, aſſim como tem o zelo, e a arte para as edificar, tenhaõ o poder para as defender. Quando os Iſraelitas reedificavaõ o Templo, e Cidade de Jeruſalem: diz a Eſcriptura ſagrada, que cada hum dos officiaes com huma maõ fazia a obra, e na outra tinha a eſpada: *Una manu faciebat opus, & altera tenebat gladium.* Pois naõ era melhor trabalhar com ambas as mãos, e fariaõ muito mais? Melhor era; mas naõ podia ſer: porque naquella meſma terra moravaõ os Samaritanos, os quaes, ainda que diziaõ que criaõ em Deos, reſiſtiaõ, e faziaõ cruel guerra á edificaçaõ do Templo; e como aos Iſraelitas lhe impediaõ a obra, era força fazella com huma maõ, e defendêlla com a outra, ſob pena de naõ hir a fabrica por diante. O meſmo lhes aconteçe aos edificadores daquellas novas Igrejas. Muito mais ſe obraria nellas, ſe naõ foſſe entre inimigos, e entre homens de meya fé, quaes eraõ os Samaritanos. Mas como eſtes com todas as forças do ſeu poder (ou do poder, que naõ he, nem póde ſer ſeu) impedem o edificio; he neceſſario trabalhar, e juntamente defender. E ſe os meſmos trabalhadores naõ tiverem eſpada, com que defendaõ o que trabalhaõ, não ſó parará, como eſtá parada, a obra; mas perderſe-há, como ſe vay perdendo, quanto com tanto trabalho ſe tem obrado.

2 Eſdr. 4. 17.

Sim,

Sim. Mas a eſpada he inſtrumento profano, e leigo, e naõ diz bem em mãos ſagradas. Primeiramente quem poz a eſpada na maõ dos que edificavaõ o Templo, foy Nehemias, o mais ſabio, o mais ſanto Principe, e o mais zelador da honra de Deos, que entaõ havia no mundo. E ſe alguem tem os olhos taõ delicados, que os offenda eſta apparencia (que naõ he razaõ, ſenaõ pretexto) aparte-os hum pouco de nós, e ponha-os em Saõ Paulo. Naõ vedes a Saõ Paulo com a eſpada em huma maõ, e o livro na outra? Eſtes ſaõ os inſtrumentos, e as inſignias, com que nos pinta, e repreſenta a Igreja aquelle grande homem, por antonomaſia chamado o Apoſtolo. E porque? Porque traz Paulo em huma maõ o livro, e noutra a eſpada? Porque Paulo entre todos os outros Apoſtolos foy o vaſo de eleiçaõ eſcolhido particularmente por Chriſto para Prégador dos Gentios: *Vas electionis eſt mihi iſte, ut portet nomen meum coram gentibus*: e quem tem por officio a prégaçaõ, e converſáõ dos Gentios, ha de ter o livro em huma maõ, e a eſpada na outra: o livro para os doutrinar, a eſpada para os defender. E ſe eſta eſpada ſe tirar da maõ de Paulo, e ſe meter na maõ de Herodes, que ſuccederá? Nadará todo Bethlem em ſangue innocente: e iſſo he o que vemos. *Act. 9. 15.*

Mas porque naõ faça duvida o nome de eſpada, troquemos a eſpada em cajado, que he inſtrumento proprio dos Paſtores (como alli ſomos.) E reſpondey-me. Quem tem obrigaçaõ de apaſcentar as ovelhas? O Paſtor. E quem tem obrigaçaõ de defender as meſmas ovelhas dos lobos? O Paſtor tambem. Logo o meſmo Paſtor, que tem o cuidado de as apaſcentar, ha de ter tambem o poder de as de-

fender. Esse he o officio do Pastor, e esse o exercicio do cajado. Lançar o cajado á ovelha para a encaminhar, e traçallo contra o lobo para a defender. E vós quereis, que este poder esteja em huns, e aquelle cuidado em outros. Naõ seja isso conselho dos lobos! Quando David andava no campo apascentando as suas ovelhas, e vinha o ursso, ou o leaõ para lhas comer, que fazia? Hia a Jerusalem buscar hum Ministro delRey Saul, para que lhas viesse defender? Naõ seria David, nem Pastor, se assim o fizesse. Elle era o que as apascentava, e elle o que as defendia. E defendia-as de tal sorte, que das gargantas, e das entranhas das mesmas féras as arrancava: porque se o lobo, ou o leaõ lhe tinha engolido o cordeiro pela cabeça, tirava-lho pelos pés, e se lho engolia pelos pés, tirava-lho pelas orelhas. Assim diz o Profeta Amós (como quem tinha exercitado o mesmo officio) que faz, e deve fazer quem he Pastor: *Quomodo liberuat Pastor de ore leonis duo crura, aut extremum auriculæ.* Amos. 3. 12.

E porque algum Politico máo Grammatico, e peyor Christaõ, naõ cuide, que a obrigaçaõ do Pastor he sómente apascentar, como parece o que significa a derivaçaõ do nome; saiba, que só quem apascenta, e defende, hè Pastor, e quem naõ defende, ainda que apascente, naõ. Faz Christo comparaçaõ entre o Pastor, e o Mercenario, e diz assim: *Bonus Pastor animam suam dat pro ovibus suis*: o bom Pastor defende as suas ovelhas, e dá por ellas a vida, se he necessario. *Mercenarius autem, & qui non est Pastor*: porém o Mercenario, e o que naõ he Pastor, que faz? *Videt lupum venientem, & fugit, & lupus rapit, & dispergit oves:* Quando vê vir o lobo Joan. 10. 11. 12.

para

para o rebanho, foge, e deixa-o roubar, e comer as ovelhas. O meu reparo agora, e grande reparo, he dizer Chriſto, que o Mercenario naõ he Paſtor: *Mercenarius autem, & qui non eſt Paſtor.* O Mercenario, como diz o meſmo nome, he aquelle, que por ſeu jornal apaſcenta as ovelhas. Pois ſe o Mercenario tambem apaſcenta as ovelhas, porque diz Chriſto, que naõ he Paſtor? Porque ainda que as apaſcenta, naõ as defende: vê vir o lobo, e foge. E he taõ eſſencial do Paſtor o defender as ovelhas, que ſe as defende, he Paſtor; ſe as naõ defende, naõ he Paſtor: *Non eſt Paſtor.* Como Chriſto tinha fallado em bom Paſtor, cuidava eu que havia de fazer a comparaçaõ entre bom Paſtor, e mao Paſtor; e dizer que o bom Paſtor he aquelle, que defende as ovelhas; e o máo Paſtor aquelle, que as naõ defende. Mas o Senhor naõ fez a comparaçaõ entre ſer bom, ou ſer máo, ſe naõ entre ſer, ou naõ ſer. Diz, que o que defende as ovelhas, he bom Paſtor, e naõ diz, que o que as naõ defende, he máo Paſtor. Porque? Porque o que naõ defende as ovelhas, naõ he Paſtor bom, nem máo. Hum lobo naõ ſe póde dizer, que he bom homem, nem que he máo homem, porque naõ he homem. Da meſma maneira o que naõ defende as ovelhas, naõ ſe póde dizer que he bom Paſtor, nem máo Paſtor; porque naõ he Paſtor: *Non eſt Paſtor.* E ſendo aſſim, que a eſſencia do Paſtor conſiſte em defender as ovelhas; naõ ſeria couſa muito para rir, ou muito para chorar, que os lobos pozeſſem pleito aos Paſtores, porque lhe defendem as ovelhas. Lá dizem as Fabulas, que os Lobos ſe quizéraõ concertar com os Rafeiros; mas que citaſſem aos Paſtores, ſe lhe quizeſſem armar demanda, porque lhe defen-

diaõ o rebanho. Iſto naõ o diſſéraõ as Fábulas, dilo-haõ as noſſas Hiſtorias.

Mas quando diſſérem iſto dos Lobos, tambem diráõ dos Paſtores, que muitos déraõ as vidas pelas ovelhas: huns afogados das ondas, outros comidos dos barbaros, outros mortos nos certoens de puro trabalho, e deſamparo. Diráõ, que todos expuzéraõ, e ſacrificáraõ as vidas pelos boſques, e pelos deſertos entre as ſerpentes; pelos lagos, e pelos rios entre os Crocodilos; pelo mar, e por toda aquella Coſta, entre parceis, e baxîos os mais arriſcados; e cegos de todo o Oceano. Finalmente diráõ, que foraõ perſeguidos, que foraõ prezos, que foraõ deſterrados; mas naõ diráõ, nem poderáõ dizer, que faltaſſem á obrigaçaõ de Paſtores, e que fugiſſem dos Lobos como Mercenarios: *Mercenarius autem fugit.* E eſta he a razaõ, e obrigaçaõ, porque eu fallo aqui, e falla taõ claramente Saõ Gregorio Magno commentando eſtas meſmas palavras: *Mercenarius autem fugit*: diz aſſim: *Fugit, quia injuſtitiam vidit, & tacuit: fugit, quia ſe ſub ſilencio abſcondit.* Sabeis, diz o ſupremo Paſtor da Igreja, quando foge o que naõ he verdadeiro Paſtor? foge quando vê as injuſtiças, e em vez de bradar contra ellas, as calla: foge, quando devendo ſahir a publico em defenſa da verdade, ſe eſconde, e eſconde a meſma verdade debaixo do ſilencio. Bem creyo, que alguns dos que me ouvem, teriaõ por mais modeſtia, e mais decencia, que eſtas verdades, e eſtas injuſtiças ſe callaſſem: e eu o faria facilmente como Religioſo, ſem pedir grandes ſoccorros á paciencia; mas que ſeria, ſe eu aſſim o fizeſſe? Seria ſer Mercenario, e naõ Paſtor: *Fugit, quia mercenarius eſt*: ſeria ſer conſenti-

dor

dor das meſmas injuſtiças que vi, e eſtando taõ longe, naõ pude atalhar: *Fugit, quia injuſtitiam vidit, & tacuit*: ſeria ſer proditor das meſmas ovelhas, que Chriſto me entregou, e de que lhe hey de dar conta naõ as defendendo, e eſcondendo-me onde ſó as poſſo defender: *Fugit, quia ſe ſub ſilentio abſcondit.*

§. VI.

E Porque na appellaçaõ deſte pleito, em que a injuſtiça, e violencia dos lobos ficou vencedora, he juſto, que tambem elles ſejaõ ouvidos; aſſim como ouviſtes balar as ovelhas no que eu tenho dito, ouvi tambem uyvar os meſmos lobos no que elles dizem.

Dizem, que o chamado zelo, com que defendemos os Indios, he intereſſeiro, e injuſto: intereſſeiro, porque o defendemos, para que nos ſirvaõ a nós: e injuſto, porque defendemos que ſirvaõ ao Povo. Provaõ o primeiro, e cuidaõ que com evidencia; porque vem, que nas Aldêas edificamos as Igrejas com os Indios: vem, que pelos rios navegamos em canôas eſquipadas de Indios: vem, que nas Miſſoens por agoa, e por terra nos acompanhaõ, e conduzem os Indios: logo defendemos, e queremos os Indios, para que nos ſirvaõ a nós. Eſta he a ſua primeira conſequencia muito como ſua: da qual porém nos defende muito facilmente o Evangelho. Os Magos, que tambem eraõ Indios, de tal maneira ſeguiaõ, e acompanhavaõ a Eſtrella, que ella naõ ſe movia, nem dava paſſo ſem elles. Mas em todos eſtes paſſos, e em todos eſtes caminhos, quem ſervia, e a quem? Servia a Eſtrella aos Magos, ou os

Magos

Magos á Eſtrella? Claro eſtá, que a Eſtrella os ſervia a elles, e naõ elles a ella. Ella os foy buſcar taõ longe, ella os trouxe ao Preſepio, ella os alumiava, ella os guiava; mas naõ para que elles a ſerviſſem a ella, ſenaõ para que ſerviſſem a Chriſto, por quem ella os ſervia. Eſte he o modo, com que nós ſervimos aos Indios, e naõcom que dizem, que elles nos ſervem.

Se edificamos com elles as ſuas Igrejas, cujas paredes ſaõ de barro, as columnas de páo toſco, e as abobodas de folhas de Palma, ſendo nós os meſtres, e os obreiros daquella architectura com o cordel, com o prumo, com a enxada, e com a ſerra, e os outros inſtrumentos (que tambem nós lhe damos) na maõ; elles ſervem a Deos, e aſi, nós ſervimos a Deos, e a elles: mas naõ elles a nós. Se nos vem buſcar em huma canôa, como tem por ordem nos lugares, onde naõ reſidimos, ſendo iſto, como he, para os hir doutrinar por ſeu turno, ou para ir ſacramentar os enfermos a qualquer hora do dia, ou da noite, em diſtancia de trinta, de quarenta, e de ſeſſenta legoas, naõ nos vem elles ſervir a nós, nós ſomos os que os himos ſervir a elles. Se himos em Miſſoens mais largas a reduzir, e deſcer os Gentios a pé, e muitas vezes deſcalços, ou embarcados em grandes tropas á ida, e muito mayores á vinda, elles, e nós himos em ſerviço da Fé, e da Républica para que tenha mais ſubditos a Igreja, e mais vaſſallos a Coroa; e nem os que levamos, nem os que trazemos, nos ſervem a nós, ſenaõ nós a huns, e a outros, e ao Rey, e a Chriſto. E porque deſte modo, ou nas Aldêas, ou fóra dellas nos vem ſempre com os Indios, e os Indios comnoſco, interpretaõ

eſta

eſta meſma aſſiſtencia tanto ás aveças, que em vez de dizerem que nós os ſervimos, dizem que elles nos ſervem.

Veyo o Filho de Deos do Ceo á terra a ſalvar o mundo; e ſempre andava acompanhado, e ſeguido dos meſmos homens, a quem veyo ſalvar. Seguiaõno os Apoſtolos, que eraõ doze: ſeguiaõ-no os Diſcipulos, que eraõ ſetenta e dous, ſeguiaõ-no as Turbas, que eraõ muitos milhares: e quem era aqui o que ſervia, ou era ſervido? O meſmo Senhor o diſſe: *Non veni miniſtrari, ſed miniſtrare:* Eu naõ vim á ſer ſervido, ſenaõ a ſervir. E todos eſtes, que me ſeguem, e me aſſiſtem, todos eſtes, que eu vim buſcar, e me buſcaõ, eu ſou o que os ſirvo a elles, e naõ elles a mim. E a Chriſto Meſtre, era Medico, era Paſtor, cómo elle diſſe muitas vezes. E eſſes meſmos ſaõ os officios, em que ſervem aos Gentios, e Chriſtãos aquelles Miniſtros do Evangelho. Saõ Meſtres, porque cathequizaõ, e enſinaõ a grandes, e pequenos, e naõ huma, ſenaõ duas vezes no dia: e quando o Meſtre eſtá na Aula, ou na Eſcola, naõ ſaõ Diſcipulos os que ſervem ao Meſtre, ſenaõ o Meſtre aos Diſcipulos. Saõ Medicos, porque naõ ſó lhe curaõ as Almas, ſenaõ tambem os corpos, fazendo-lhe o comer, e os medicamentos, e applicando-lhos por ſuas proprias mãos, ás chagas, ou ás doenças, por aſqueroſas que ſejaõ: e quando o Medico cura aos enfermos, ou cura delles, naõ ſaõ os enfermos os que ſervem o Medico, ſenaõ o Medico aos enfermos. Saõ Paſtores, porque tem cuidado de dar o paſto ás ovelhas, e a criaçaõ aos cordeiros, vigiando ſobre todo o rebanho de dia, e de noite: e quando o Paſtor aſſim o faz, e niſſo ſe deſvélla, naõ ſaõ as ovelhas as

Matth. 20. 28.

que

que ſervem ao Paſtor, ſenaõ o Paſtor ás ovelhas. Mas porque iſto naõ ſerve aos lobos, por iſſo dizem que os Paſtores ſe ſervem.

Quanto aos intereſſes naõ tenho eu que dizer; porque todos os noſſos haveres elles os tem em ſeu poder. Aſſim como nos prendêraõ, e deſterráraõ, aſſim ſe apoderáraõ tambem das noſſas choupanas, e de quanto nellas havia. Digaõ agora o que acháraõ. Acháraõ ouro, e prata; mas ſó a dos Calices, e Cuſtodias. Nos altares acháraõ Sacrarios, Imagens, e Reliquias: nas Sacriſtias ornamentos, naõ ricos, mas decentes, e limpos: nas célas de taypas pardas, e telha vaã alguns Livros, Catheciſmos, diſciplinas, cilicios, e huma tabúa, ou rede em lugar de camas, porque as que levámos de cá ſe dedicáraõ a hum Hoſpital, que naõ havia: e ſe nas noſſas guarda-roupas ſe acháraõ alguns mantéos, e ſotanas remendadas, eraõ de Algodaõ groſſeiro tinto na lama, como o calçado de pelles de veado, e porco montez, que ſaõ as meſmas galas, com que aqui apparecemos. Finalmente he certo, que os Magos achariaõ no Preſepio mais pobreza, mas mais provado deſintereſſe naõ. Diz o Evangeliſta, que os Magos abrindo os ſeus theſouros, offerecêraõ a Chriſto ouro, incenſo, e myrrha: *Apertis theſauris ſuis obtulerunt ei munera, aurum, thus, & myrrham.* Mas naõ ſey ſe reparais, que dizendo-ſe que os theſouros foraõ offerecidos, naõ ſe diz ſe foraõ aceitados, ou naõ. A opiniaõ commum dos Doutores he que ſim: com tudo outros duvidaõ, e com fundamento; porque dahi a poucos dias hindo a Virgem Mãy preſentar o ſeu primogenito no Templo conforme a Ley, e diſpondo a meſma Ley, que os pobres offereceſſem

Matth. 2. 11.

ſem duas rolas, ou dous pombinhos, e os que tiveſſem mais poſſes, hum cordeiro: a Senhora naõ offerecêo cordeiro, ſenaõ, como diz o Texto: *Par turturum, aut duos pullos columbarum.* Donde parece ſe colhe, que a ſanta familia do Preſepio naõ aceitou os theſouros dos Magos; porque ſe tivera ouro, offerecêra cordeiro. De maneira, que he certo, e de Fé, que os theſouros ſe offerecêraõ, mas ficou em opiniaõ, e em duvida, ſe ſe aceitáraõ ou naõ. Por iſſo eu digo, que ſendo taõ grande a pobreza do Preſepio, a noſſa naquellas terras eſtá mais provada. Na pobreza do Preſepio he certo, que houve theſouros, e he duvidoſo ſe foraõ aceitados: na noſſa, nem ha eſta certeza, nem póde haver eſta duvida; porque os Magos, que trazemos a Chriſto, e a gente, a quem ſervimos, he taõ pobre, e taõ miſeravel, que nem elles tem que offerecer, nem nós temos que aceitar. Luc. 2. 24.

Reſta a ſegunda parte da queixa, em que dizem, que defendemos os Indios, porque naõ queremos, que ſirvaõ ao Povo. A tanto ſe atreve a calumnia, e tanto cuida, que póde deſmentir a verdade. Conſta autenticamente neſta meſma Corte, que no anno de 1655 vim eu a ella, ſó a buſcar o remedio deſta queixa, e a eſtabelecer (como levey eſtabelecido por Proviſoens Reaes) que todos os Indios ſem exceiçaõ ſerviſſem ao meſmo Povo, e o ſerviſſem ſempre: e o modo, a repartiçaõ, e a igualdade, com que o haviaõ de ſervir, para que foſſe bem ſervido. Vêde ſe podia dezejar mais a cubiça, ſe com ella podeſſe andar junta a conſciencia. Naõ poſſo porém negar, que todos neſta parte, e eu em primeiro lugar, ſomos muito culpados. E porque? Porque devendo defender os Gentios, que trazemos a Chriſto,

ſto, como Chriſto defendêo os Magos; nós accommodando nos á fraqueza do noſſo poder, e á força do alheyo, cedemos da ſua juſtiça, e faltamos á ſua defenſa. Como defendêo Chriſto os Magos? Defendeu-os de tal maneira, que naõ conſentio, que perdeſſem a patria, nem a ſoberanía, nem a liberdade: e nós, naõ ſó conſentimos, que os pobres Gentios, que convertemos, percaõ tudo iſto, ſenaõ que os perſuadimos a que o percaõ, e o capitulamos com elles, ſó para ver ſe ſe pode contentar a tyrannia dos Chriſtãos; mas nada baſta. Chriſto naõ conſentio, que os Magos perdeſſem a patria, porque *reverſi ſunt in regionem ſuam:* e nós naõ ſó conſentimos, que percaõ a ſua patria aquelles Gentios, mas ſomos os que á força de perſuaſoens, e promeſſas (que ſe lhe naõ guardaõ) os arrancamos das ſuas terras, trazendo as Povoaçoens inteiras a viver, ou a morrer junto das noſſas. Chriſto naõ conſentio, que os Magos perdeſſem a ſoberanía, porque Reys viéraõ, e Reys tornáraõ: e nós naõ ſó conſentimos, que aquelles Gentios percaõ a ſoberanía natural, com que naſcêraõ, e vivem izentos de toda a ſujeiçaõ; mas ſomos os que ſujeitando-os ao jugo eſpiritual da Igreja, os obrigamos tambem ao temporal da Coroa, fazendo-os jurar vaſſallagem. Finalmente Chriſto naõ conſentio que os Magos perdeſſem a liberdade; porque os livrou do poder, e tyrannia de Herodes: e nós naõ ſó naõ lhe defendemos a liberdade; mas pacteamos com elles, e por elles, como ſeus curadores, que ſejaõ meyos captivos, obrigando-ſe a ſervir alternadamente metade do anno. Mas nada diſto baſta para moderar a cubiça, e tyrannia dos noſſos calumniadores, porque dizem, que ſaõ negros, e haõ de ſer eſcravos.

Matth. 2. 12.

Já

Já conſiderey algumas vezes, porque permittio a Divina Providencia, ou ordenou a Divina Juſtiça, que aquellas terras, e outras viſinhas foſſem dominadas dos Hereges do Norte. E a razaõ me parece que he, porque nós ſomos taõ pretos em reſpeito delles, como os Indios em reſpeito de nós; e era juſto, que pois fizemos taes Leys, por ellas ſe executaſſe em nós o caſtigo. Como ſe diſſéra Deos: já que vós fazeis captivos a eſtes, porque ſois mais brancos que elles, eu vos farey captivos de outros, que ſejaõ tambem mais brancos que vós. A grande ſem-razaõ deſta injuſtiça declarou Salomaõ em nome alheyo com huma demonſtraçaõ muito natural. Introduz a Ethiopiza mulher de Moyſés, que era preta, fallando com as Senhoras de Jeruſalem, que eraõ brancas, e por iſſo a deſprezavaõ, e diz aſſim: *Filiæ Jeruſalem, nolite conſiderare quod fuſca ſim, quia decoloravit me Sol*: ſe me deſeſtimaes, porque ſois brancas, e eu preta, naõ conſidereis a côr, conſideray a cauſa: conſideray que a cauſa deſta côr he o Sol, e logo vereis quam inconſideradamente julgais. As Naçoens, humas ſaõ mais brancas, outras mais pretas, porque humas ſaõ mais viſinhas, outras mais remotas do Sol. E pode haver mayor inconſideraçaõ do entendimento, nem mayor erro de juizo entre homens, e homens, que cuidar eu, que hey de ſer voſſo Senhor, porque naſcî mais longe do Sol, e que vós haveis de ſer meu eſcravo, porque naſceſtes mais perto? *Cant. 1. 5.*

Dos Magos, que hoje viéraõ ao Preſepio, dous eraõ brancos; e hum preto, como diz a tradiçaõ: e ſeria juſto, que mandaſſe Chriſto, que Gaſpar, e Balthaſar, porque eraõ brancos, tornaſ-

ſem livres para o Oriente, e Melchior, porque era pretinho, ficaſſe em Bethlem por eſcravo, ainda que foſſe de S. Joſeph? Bem o podéra fazer Chriſto, que he Senhor dos Senhores: mas quiz-nos enſinar, que os homens de qualquer côr todos ſaõ iguaes por natureza, e mais iguaes ainda por Fé, ſe crêm, e adoraõ a Chriſto, como os Magos. Notavel couſa he que ſendo os Magos Reys, e de differentes cores, nem huma, nem outra couſa diſſeſſe o Evangeliſta! Se todos eraõ Reys, porque naõ diz que o terceiro era preto? Porque todos viéraõ adorar a Chriſto, e todos ſe fizéraõ Chriſtãos. E entre Chriſtaõ, e Chriſtaõ naõ ha differença de nobreza, nem differença de côr. Naõ ha differença de nobreza, porque todos ſaõ filhos de Deos; nem ha differença de côr, porque todos ſaõ brancos. Eſſa he a virtude da agoa do Baptiſmo. Hum Ethiope ſe ſe lava nas agoas do Zayre, fica limpo; mas naõ fica branco: porém na agoa do Baptiſmo ſim, huma couſa, e outra. *Aſperges me hyſſopo, & mundabor*: eylo ahi limpo: *Lavabis me, & ſuper nivem dealbabor*, eylo ahi branco. Mas he taõ pouca a razaõ, e taõ pouca a Fé daquelles inimigos dos Indios, que deſpois de nós os fazermos brancos pelo Baptiſmo, elles os querem fazer eſcravos por negros.

Pſalm. 50. 9.

Naõ he minha tençaõ, que naõ haja eſcravos: antes procurey neſta Corte, como he notorio, e ſe pode ver da minha propoſta, que ſe fizeſſe, como ſe fez, huma junta dos mayores Letrados ſobre eſte ponto, e ſe declaraſſem, como ſe declaráraõ por Ley (que la eſtá regiſtrada) as cauſas do captiveiro licito. Mas porque nós queremos ſó os licitos, e defendemos os illicitos; por iſſo nos naõ querem naquella

quella terra, e nos lançaõ della. O meſmo ſuccedêo a Saõ Paulo, ſe bem a terra naõ era de Chriſtãos. Em Philippos, Cidade de Macedonia havia huma eſcrava poſſuida do demonio, o qual fallava nella, e dava oraculos, e adivinhava muitas couſas, e por eſta habilidade ganhava muito a eſcrava a ſeus Senhores. Compadeceoſe della Saõ Paulo, que alli ſe achava em Miſſáõ com ſeu companheiro Sila: lançou fóra o demonio daquelle corpo duas vezes captivo. E que premio, ou agradecimento teve elle, e ſeu companheiro deſte beneficio? Amotinouſe contra elles todo o Povo; prenderaõ-nos, maltrataraõ-nos, e lançaraõ-nos da Cidade. Pois porque os Apoſtolos lançaõ o demonio fora da eſcrava, por iſſo os lançaõ a elles fóra da terra? Por ventura Paulo, e Sila tiráraõ a eſcrava a ſeus Senhores, ou diſſéraõ, que naõ era eſcrava, e que os naõ ſerviſſe? Nem por penſamento. Pois porque os maltrataõ, porque os prendem, porque o deſterraõ? Porque os Senhores da eſcrava naõ ſó queriaõ a eſcrava, ſenaõ a eſcrava, e mais o demonio. Aqui bate o ponto de toda a controverſia, e por iſſo naõ concordamos. Nós queremos, que tenhaõ eſcravos, mas ſem demonio; elles naõ querem eſcravos ſenaõ com o demonio: e porque? O meſmo Texto dá a razaõ, que em huns, e outros he a meſma: *Quia exivit ſpes quæſtûs eorum*: Porque tendo a eſcrava ſem o demonio, perdiaõ toda a eſperança dos ſeus intereſſes. Os eſcravos licitos, e ſem demonio ſaõ muito poucos, os illicitos, e com o demonio, ſaõ quantos elles querem captivar, e quantos captivaõ: e como o ſeu intereſſe (poſto que intereſſe infernal) conſiſte em terem eſcravos com o demonio; por iſſo querem antes o demo-

Act. 16. 19.

nio;

nio, que os Apoſtolos, e por iſſo os lançaõ de ſi: *Quia exivit ſpes quæſtûs eorum, perdúxerunt Paulum, & Silam.*

Convencidos, e confundidos deſta evidencia ainda fallaõ, ainda replicaõ; e que dizem? O que ſe naõ atrevêo a dizer Herodes, poſto que o fez. Dizem, que ſe naõ podem ſuſtentar, nem o Eſtado ſe póde conſervar doutro modo. Vêde, que razaõ eſta para ſe ouvir com ouvidos Catholicos, e para ſe articular, e preſentar diante de hum Tribunal, ou Rey Chriſtaõ. Naõ nos podemos ſuſtentar doutra ſorte, ſenaõ com a carne, e ſangue dos miſeraveis Indios. Entaõ elles ſaõ os que comem gente? Nòs, nòs ſomos os que os himos comer a elles. Eſta era a fome inſaciavel dos máos criados de Job: *Quis det de carnibus ejus, ut ſaturemur*: e eſta era a injuſtiça, e crueldade, de que Deos mais ſe ſentia em ſeus máos Miniſtros; *Qui devorant plebem meam ſicut eſcam panis.* E porque os Prégadores do Evangelho, que ſaõ os que vaõ buſcar eſtas innocentes victimas, e as naõ querem entregar ao açougue, e matadeiro; fóra, fóra das noſſas terras. Quando Chriſto chamou aos Apoſtolos, diſſelhes, que os havia de fazer peſcadores de homens: *Faciam vos fieri piſcatores hominum.* Aſſim nos fez, e aſſim o fazemos nós, e niſſo ſe occupaõ as noſſas rêdes, e ſe cançaõ os noſſos braços. Mas para que entendaõ, e ſe deſenganem todos, lá, e cá, que eſſes homens naõ os havemos nós de peſcar, para que elles os comaõ; advirtaõ, e nótem bem, que ſe Chriſto chamou aos Apoſtolos peſcadores, tambem lhes chamou ſal: *Vos eſtis ſal terræ.* Pois os peſcadores haõ de ſer ſal, e os Apoſtolos ſal, e juntamente peſcadores? Sim. O peſcador

Job. 31. 31.

Pſalm. 13. 4.

Matth. 4. 19.

Matth. 5. 13.

dor peſca, o ſal conſerva. E eſta he a differença, que ha entre os peſcadores de homens, e os peſcadores de peixes: os peſcadores de peixes peſcaõ os peixes, para que ſe comaõ; os peſcadores de homens haõ de peſcar os homens, para que ſe conſervem. Veja-ſe em todo o reſto daquella América ſe houve alguns Indios, que ſe conſervaſſem, ſenaõ os da noſſa doutrina. Por iſſo nos naõ querem a nós, por iſſo querem os que lhos ajudaõ a comer: e eſtas ſaõ as noſſas culpas.

O juſto caſtigo, que os homens nos daõ por ellas, bem ſe vê: o que Deos lhes ha de dar a elles, e o premio, com que nos ha de pagar a nós o meſmo caſtigo, tambem o tem promettido. Antevia Chriſto, como Sabedoria infinita, que os ſeus Apoſtolos, a quem mandava prégar pelo mundo, haviaõ de encontrar com homens taõ inimigos da verdade, e da juſtiça, que os naõ conſentiriaõ comſigo, e os lançariaõ das ſuas terras; (bem aſſim como os Gerazenos lançáraõ das ſuas ao meſmo Chriſto) e para que eſtiveſſem, e foſſem prevenidos, primeiramente deu-lhes a inſtrucçaõ do modo, com que ſe haviaõ de haver em ſimilhantes caſos: *Quicumque non recepe-* *Matt.*
rint vos, neque audierint ſermones veſtros, exeuntes fo- 10. 14.
ras de domo, vel civitate, excutite pulverem de pedibus *Luc.* 9. 5.
veſtris, in teſtimonium illis: quando os homens, quaeſ- *Marc.* 6. 11.
quer que ſejaõ, naõ recebêrem voſſa doutrina, e vos lançarem de ſuas caſas, e Cidades, o que haveis de fazer authenticamente diante de todos, he ſacudir o pó dos ſapatos, para que eſſe pó ſeja teſtimunha de que puzéſtes os pés naquella terra, e ella vos lançou de ſi. Aſſim o fizéraõ Saõ Paulo, e Saõ Bernabé, quando foraõ lançados de Pizidia; e aſſim o fiz eu tam-

tambem: e que mais diz Chriſto, para que os meſmos Apoſtolos ſe naõ deſconſolaſſem, antes ſe gloriaſſem muito deſtes deſterros, e da cauſa delles? Sabey, lhe diz o meſmo Senhor, que quando os homens aſſim vos aborrecerem, e vos apartarem, e lançarem de ſi, entaõ ſereis bemaventurados, porque entaõ ſereis meus verdadeiros Discipulos, e deſpois o ſereis tambem, porque no Ceo tereis o galardáõ, que vos naõ ſabe, nem pode dar a terra:

Luc. 6. 12. *Beati eritis cum vos oderint homines, & cum ſeparaverint vos, & exprobraverint, & ejecerint nomen veſtrum tamquam malum propter Filium hominis: gaudete, & exultate: ecce enim merces veſtra multa eſt in cælo.*

Eſte he o premio, com que Chriſto (bemdito elle ſeja) nos ha de pagar, e paga já de contado a paciencia deſtas injurias, remunerando de antemaõ no ſeguro de ſua palavra eſtes trabalhos com aquelle deſcanſo, eſtes deſterros com aquella Patria, e eſtas afrontas com aquella Gloria: para que ninguem nos tenha laſtima, quando o Ceo nos tem inveja. Mas porque os Authores de tamanhos eſcandalos naõ cuidem, que elles, e ſuas terras haõ de ficar ſem o devido caſtigo, conclue finalmente o juſto Juiz com

Matt. 10. 15. eſta temeroſa ſentença. *Amen dico vobis tolerabilius erit terræ Sodomorum, & Gomorrhæorum, quam illi civitati*: de verdade vos digo, que o caſtigo das Cidades de Sodôma, e Gomórra, ſobre as quaes chovêraõ rayos, ainda foy mais moderado, e mais toleravel, do que ſerá o que eſtá apparelhado naõ ſó para as peſſoas, ſenaõ para as meſmas terras, donde os meus Prégadores forem lançados. Tal he a ſentença, que tem decretado a Divina Juſtiça contra aquella mal aconſelhada gente, por cujo bem, e remedio eu tenho

nho paſſado tantos mares, e tantos perigos. Praza á Divina Miſericordia, perdoar-lhes, pois naõ ſabem o que fazem. E para que lhes naõ falte o perdaõ da parte; aſſim como meus Companheiros, e eu lho temos dado muito de coraçaõ, aſſim agora lho torno a ratificar aqui publicamente *coram Deo, & hominibus* em nome de todos.

§. VII.

SUppoſto pois que naõ peço, nem pertendo caſtigo, e o que ſó dezejo, he o remedio; quero acabar eſte largo, mas forçoſo Diſcurſo, apontando brevemente os que enſina o Evangelho. O primeiro, e fundamental de todos era, que aquellas terras foſſem povoadas com gente de melhores coſtumes, e verdadeiramente Chriſtaã. Por iſſo no Regimento dos Governadores a primeira couſa, que muito ſe lhes encarrega, he que a vida, e procedimento dos Portuguezes ſeja tal, que com o ſeu exemplo, e imitaçaõ ſe convêrtaõ os Gentios. Aſſim eſtá diſpoſto ſantiſſimamente; porque, como diz Saõ Joaõ Chryſoſtomo, ſe os Chriſtãos vivêraõ conforme a Ley de Chriſto, toda a Gentilidade eſtivéra já convertida: *Nemo profectò gentilis eſſet, ſi ipſi, ut oportet, Chriſtiani eſſe curaremus.* Mas he couſa muito digna, naõ ſey ſe de admiraçaõ, ſe de rizo, que no meſmo tempo, em que ſe dá eſte Regimento aos Governadores, e nos meſmos navios, em que elles vaõ embarcados, os povoadores, que ſe mandaõ para as meſmas terras, ſaõ os criminoſos, e malfeitores, tirados do fundo das Enxovias,

e levados a embarcar em grilhoens, a quem ja naõ póde fazer bons o temor de tantas juſtiças. E eſtes degradados por ſuas virtudes, e tal vez marcados por ellas; ſaõ os ſantinhos, que lá ſe mandaõ, para que com o ſeu exemplo ſe convêrtaõ os Gentios, e ſe accreſcente a Chriſtandade. Aquelles Samaritanos, que acima diſſémos impediaõ a edificaçaõ do Templo, eraõ degradados por ElRey Salmanazar de Aſſyria, e Babilonia, para povoadores de Samaria, que elle tinha conquiſtado: e diz a Hiſtoria ſagrada, que o que lá fizeraõ, foy ajuntar os coſtumes, que levavaõ da ſua terra, com os que acháraõ em Samaria; e aſſim eraõ meyos fieis, e meyos Gentios: *Et cum Dominum colerent, Diis quoque ſuis ſerviebant juxta conſuetudinem gentium, de quibus translati fuerant Samariam.* Iſto meſmo ſe experimenta, e he força, que ſucceda nas noſſas Conquiſtas com ſimilhantes povoadores. Mas como eſte erro fundamental já naõ pode ter remedio, vamos aos que de preſente, e para o futuro nos enſina o Evangelho.

4. Reg. 17. 33.

O primeiro he a boa eleiçaõ dos ſujeitos, a quem ſe commette o governo. E para que a eleiçaõ ſeja boa, que partes haõ de ter os eleitos? Eu me contento com huma ſó. E qual? Que ſeja ao longe, o que promettem ao perto. Herodes encommendou muito aos Magos, que fizeſſem diligencia pelo Rey naſcido, que buſcavaõ, e que tanto que o achaſſem, lhe fizeſſem logo aviſo, para que tambem elle o foſſe adorar: *Ut & ego veniens adorem eum.* Ah hypocrita! Ah traidor! E para tu adorares a Chriſto, he neceſſario, que vás onde elle eſtiver: *Ut & ego*

Matth. 2. 8.

ego veniens? Tanto podia Herodes adorar a Chriſto desde Jeruſalem, onde elle eſtava, como em Bethlem, ou em qualquer outra parte, onde o Senhor eſtiveſſe: mas eſtes ſaõ, e eſtes coſtumaõ ſer os Herodes. Em Bethlem, e ao perto adoraõ; desde Jeruſalem, e ao longe, naõ adoraõ. Antes de ir, e quando vem, adoraõ. *Ut & ego veniens*; mas em quanto eſtáõ lá taõ longe, nem adoraõ, nem tem penſamento de adorar, como Herodes: e ſe naõ machinaõ contra o Rey em ſua Peſſoa, machinaõ contra elle, e ſuas Leys á cuſta da vida, e ſangue dos innocentes. Bom Daniel, e fiel Miniſtro de ſeu Senhor. Eſtava Daniel em Babilonia, e diz o Texto ſagrado, que todos os dias tres vezes abria as janellas, que ficavaõ para a parte de Jeruſalem, e proſtrado de joelhos adorava: *Apertis feneſtris in cænaculo ſuo contra Jeruſalem tribus temporibus in die flectebat genua ſua, & adorabat.* Dan. 6. 10. De Babilonia naõ ſe podia ver Jeruſalem diſtante tantos centos de legoas, quantas ha desde o Monte Sion ao Rio Eufrátes: pois porque adorava Daniel para a parte de Jeruſalem? Porque Jeruſalem naquelle tempo era Corte de Deos, o Templo o ſeu Palacio, e o Propiciatorio ſobre azas de Cherubins o ſeu Throno: e eſſa era a obrigaçaõ de fiel Miniſtro: adorar a ſeu Senhor, e adorallo ſempre, e adorallo de toda a parte, ainda que foſſe taõ diſtante como Babilonia. Em Jeruſalem adorava Daniel de perto, em Babilonia adorava de longe; iſto he o que nota, e encarece a Eſcriptura naõ que adoraſſe de perto, que iſſo fazem todos; mas que adoraſſe de longe, e de taõ longe. E porque ao longe ha poucos Danieis, e muitos

Herodes; por isso convém, que os que haõ de governar em terras taõ remotas, sejaõ aquelles, que façaõ ao longe o que promettem ao perto.

Mas costuma isto ser tanto pelo contrario, que só o verem-se taõ longe lhes tira todo o temor de Rey, e toda a reverencia do seu nome. Entraõ os Magos por Jerusalem perguntando: *Ubi est qui natus est Rex Judæorum?* E que effeitos causou em Herodes esta voz do nome Real? *Audiens autem Herodes Rex turbatus est*: tanto que ouvio nomear Rey, turbou-se, perdêo as cores, e ficou fora de si de medo. Assim havia de ser o nome de Rey, ou pronunciado, ou escrito em qualquer parte da sua Monarchia, por distante que seja. Havia de ser hum trovaõ prenhe de rayos, que fizesse tremer as Cidades, as Fortalezas, os Portos, os Mares, os Montes, quanto mais os Homens. Mas os que se vem além da Linha, ou debaixo della, fazem taõ pouco caso destas trovoadas, que em vez de tomarem do coraçaõ de Herodes, o *Turbabus est*, tomaõ da boca dos Magos o *Ubi est*. Onde está ElRey? Em Portugal? Pois se elle lá está, nós estamos cá. *Ille se jactet in aula.* Mande elle de lá o que mandar, nós faremos cá o que nos bem estiver. Saõ como aquelles Hereges, que construindo a seu sabôr o verso de David, diziaõ: *Cælum cæli Domino, terram autem dedit filiis hominum.* Esteja-se Deos no seu Ceo, que nós estamos cá na nossa terra. E que ha de fazer a pobre terra com taes Governadores? O que elles quizerem, ainda que seja muito contra si, e muito a seu pezar. Naõ temos o Texto longe.

Matth. 2. 2.

Ibid 3.

Psalm. 113. 16

Turbatus est Herodes, & omnis Jerosolyma cum illo:

Matth. 2. 3

illo: perturbou-se Herodes, e toda Jerusalem com elle. Perturbarse Herodes Rey intruso, e tyranno, temendo que o legitimo Senhor o privasse da Coroa, que naõ era sua, razaõ tinha: mas que se perturbe juntamente Jerusalem, quando era a melhor, e mais alegre nova, que podia ouvir? Naõ suspirava Jerusalem, e toda Judéa pela vinda do Messias? Naõ gemia debaixo da violencia de Herodes? Naõ desejava sacudir o jugo, e libertarse de sua tyrannia? Pois porque se perturba, ou mostra perturbada, quando Herodes se perturba? Porque taõ despotica, como isto, he a sujeiçaõ dos tristes Povos debaixo do dominio de quem os governa, e mais quando saõ tyrannos. Haõ de fazer o que elles querem, e haõ de querer o que elles fazem, ainda que lhe pese. Dizem, que os que governaõ, saõ espelho da Républica: naõ he assim, senaõ ao contrario. A Républica he o espelho dos que a governaõ. Porque assim como o espelho naõ tem acçaõ propria, e naõ he mais, que huma indifferença de vidro, que está sempre exposta a retratar em si os movimentos de quem tem diante, assim o Povo, ou Républica sujeita, se se move, ou naõ se move, he pelo movimento, ou socego de quem a governa. Se Herodes senaõ perturbára, naõ se havia de perturbar Jerusalem: perturbou se, porque elle se perturbou, *Turbatus est Herodes, & omnis Jerosolyma cum illo.* O perturbado foy hum, e as perturbaçoens foraõ duas: huma em Herodes, e outra em Jerusalem: em Herodes foy acçaõ, em Jerusalem reflexo, como em espelho. Por isso o Evangelista exprimio só a primeira: *Turbatus est*: e debaixo della entendeo ambas. Assim que todas

das as vezes que Jeruſalem ſe inquiéta, Herodes tem a culpa: e ſe acaſo a naõ tem toda, tem a primeira. *Et omnis Jeroſolyma cum illo*; ou com elle, porque elle faz a inquietaçaõ; ou com elle, porque a manda, ou com elle, porque a conſente; ou com elle porque a diſſimúla; ou com elle, quando menos, porque devendo, e podendo, a naõ impede; mas ſempre, e de qualquer modo com elle: *Cum illo.* De maneira em fim, que na eleiçaõ deſtes *Elles* conſiſte a paz, o ſocego, e o bom governo das Conquiſtas. E eſte he o primeiro remedio do Evangelho, ou primeiro Evangelho do remedio.

O ſegundo remedio he, que as Congregações Eccleſiaſticas daquelle Eſtado ſejaõ compoſtas de taes ſujeitos, que ſaibaõ dizer a verdade, e que a queiraõ dizer. Para Herodes reſponder á propoſta, e pergunta dos Magos, que fez? *Congregans omnes* Matt. 2. 4. *Principes Sacerdotum, & Scribas Populi ſciſcitabatur ab eis ubi Chriſtus naſceretur.* A propoſta, e pergunta era, em que lugar havia de naſcer o Meſſias; e para iſſo fez huma Congregaçaõ, ou Junta, em que entráraõ as peſſoas Eccleſiaſticas de mayor authoridade, e letras, que havia em Jeruſalem. Era Herodes tyranno, e com tudo moſtrou eſtas duas grandes partes de Principe, que perguntava, e perguntava a quem havia de perguntar: as materias Eccleſiaſticas aos Eccleſiaſticos, e as das letras aos Letrados, e deſtes aos mayores. Por iſſo compoz a Congregaçaõ dos Sacerdotes, e profeſſores de letras; mas naõ de quaesquer Sacerdotes, nem de quaesquer Letrados, ſenaõ dos que na Sacerdocia, e na ſciencia, na Synagoga, e no Povo tinhaõ os primeiros lugares:

Congregans omnes Principes Sacerdotum, & Scribas Populi. E que ſe ſeguio deſta eleiçaõ de peſſoas taõ acertada? Tudo o que ſe pertendia.

O primeiro effeito, e muito notavel, foy que ſendo tantos, todos concordáraõ. Raramente ſe vê huma Junta, em que naõ haja diverſidade de pareceres, ainda contra a razaõ, e verdade manifeſta, principalmente quando ſe conhece a inclinaçaõ do Rey, como aqui eſtava conhecida a de Herodes na ſua perturbaçaõ; e comtudo todos os deſta grande Junta concordáraõ na meſma reſpoſta, todos allegáraõ o meſmo Texto, e todos o entendêraõ no meſmo ſentido: *At illi dixerunt ei in Bethlehem Juda: ſic* Ibid. 5. *enim ſcriptum eſt per Prophetam: Et tu Bethlehem terra Juda: &c.* E porque todos concordáraõ ſem diſcrepancia: deſte primeiro effeito ſe ſeguio o ſegundo, e principalmente pertendido, que era encaminhar os Magos com certeza ao lugar do Naſcimento de Chriſto, para que infallivelmente o achaſſem, e adoraſſem, como acháraõ, e adoráraõ. Tanto importa, que ſimilhantes Congregaçoens ſejaõ compoſtas de homens, que tenhaõ letras! Cuida-ſe cá, que para aquellas partes baſtaõ Eccleſiaſticos, que ſaibaõ a fórma do Baptiſmo, e a Doutrina Chriſtãa; e naõ ſe repára, que elles ſaõ os que nos pulpitos prégaõ de publico: elles os que abſolvem de ſecreto nos Confiſſionarios, (onde he mayor o perigo) e que elles por diſpoſiçaõ das Leys Reaes ſaõ os interpretes das meſmas Leys, de que dependem as liberdades de huns, as conſciencias de outros, e a ſalvaçaõ de todos. E ſe eſtes (como ſuccede, ou póde ſuceder) naõ tivérem mais letras, que as do A B C,

que

que conſelhos, que reſoluçoens, que ſentenças haõ de ſer as ſuas? Pergunto. Se os Sacerdotes, e Letrados de Jeruſalem ſe dividiſſem ém opinioens: ſe huns diſſeſſem, que o Meſſias havia de naſcer em Bethlem, outros em Nazareth, outros em Jericó: ſe huns votaſſem para Galiléa, outros para Judéa, outros para Samaria, que haviaõ de fazer os Magos? He certo, que neſte caſo, ou deſeſperados ſe haviaõ de tornar para as ſuas terras, como muitos ſe tornaõ, ou que perſeverando em buſcar a Chriſto, no meyo de tanta confuſáõ o naõ achariaõ. Huma das principaes cauſas, porque eſtá Chriſto taõ pouco achado, ou porque eſtá perdido naquellas Conquiſtas, he pela inſufficiencia dos ſujeitos Eccleſiaſticos, que lá ſe mandaõ. Chriſto huma vez que ſe perdêo, achouſe entre os Doutores: E onde eſtes faltaõ, que lhe ha de ſucceder? Entre Doutores achou-ſe deſpois de perdido: onde elles faltaõ, perderſe-ha deſpois de achado. E iſto he o que vemos. Por iſſo Herodes deſpois que fez aquella Congregaçaõ de homens taõ doutos, logo ſuppôs que os Magos ſem duvida haviaõ de achar a Chriſto: *Et cum inveneritis, renuntiate mihi.*

Eſte he, como dizia, o ſegundo remedio, que nos deſcobre o Evangelho. E ſe acaſo nos deſcontenta, por ſer praticado de taõ ruim Author como Herodes (ſem advertir que muitas vezes os máos governaõ taõ bem como os bons, e melhor que os muito bons) imitemos ao menos o exemplo do noſſo grande Conquiſtador ElRey Dom Manoel de felicíſſima memoria, taõ amplificador do ſeu Imperio, como do de Chriſto, de quem lêmos, que o pri-

primeiro Sacerdote, que enviou ás Conquiſtas, foy o ſeu proprio Confeſſor. Naõ fiou a ſalvaçaõ daquellas Almas, ſenaõ de quem fiava a propria conſciencia; porque ſabia, que eſtava igualmente obrigado em conſciencia a tratar dellas, e dos meyos proporcionados á ſua ſalvaçaõ. Mas para que he recorrer a exemplos méramente humanos, onde temos preſente o do meſmo Rey, e Salvador do Univerſo? No tempo do Naſcimento de Chriſto dividio-ſe o mundo em duas Naçoens, em que ſe comprehendiaõ todas, a Judaica, e a Gentilica: e para o Senhor fundar em ambas a nova Igreja Chriſtãa, que vinha edificar, e propagar, bem ſabemos quaes foraõ os ſujeitos, que eſcolhêo. Aos Paſtores, que eraõ Judêos, mandou hum Anjo: aos Magos, que eraõ Gentios, mandou huma Eſtrella. E porque Eſtrellas, e Anjos entre todas as criaturas? Porque as Eſtrellas ſaõ luz, e os Anjos ſaõ eſpiritos. Quem naõ tem luz, naõ póde guiar: quem naõ tem eſpirito, naõ póde convertêr. E nós queremos convertêr o mundo ſem Anjos, e com trévas. Notou muito bem a Gloſſa, que aſſim o Anjo, como a Eſtrella foraõ Miſſionarios trazidos do Ceo: e de lá era bem, que vieſſem todos: mas já que os naõ podèmos trazer do Ceo, como Chriſto, porque naõ mandaremos os melhores, ou menos máos da terra?

O terceiro, e ultimo remedio, e que, ſendo hum, abraça muitos, he que todos, os que forem neceſſarios para a boa adminiſtraçaõ, e cultura daquellas Almas, ſe lhe devem naõ ſó concedêr, mas applicar effectivamente, ſem os meſmos Gentios, ou novamente Chriſtãos (nem outrem por elles) o

pedirem, ou procurarem. Diz com advertencia; e myſterio particular o noſſo Texto: que eſtando os Magos dormindo, ſe lhe deu a reſpoſta do que haviaõ de fazer, para ſe livrarem das mãos de Herodes: *Et reſponſo accepto in ſomnis, ne redirent ad Herodem.* Na palavra *reſponſo accepto* repáro muito. Os Magos em Bethlem perguntáraõ alguma couſa? Pediraõ alguma couſa? Fal áraõ alguma couſa? Ao menos no ponto particular de Herodes, ſobre que fóraõ reſpondidos, he certo que nem huma ſó palavra diſſéraõ. Pois ſe naõ fallaraõ, ſenaõ pediraõ, ſe naõ propuzéraõ, ou perguntáraõ; como ſe diz, que foraõ reſpondidos: *Reſponſo accepto?* Eſſe he o myſterio, e o documento admiravel de Chriſto a todos os Reys, que trazem Gentios á Fé. Os Magos eraõ Gentios; ou Chriſtãos novamente convertidos onde ha Fé, razaõ, e juſtiça, haõ de ſer reſpondidos, ſem elles fallarem, haõ de ſer deſpachados, ſem elles requererem, haõ de ſer remediados, ſem elles pedirem. Naõ ha de haver petiçaõ, e ha de haver deſpacho; naõ ha de haver requerimento, e ha de haver remedio; naõ ha de haver propoſta, e ha de haver reſpoſta: *Reſponſo accepto.*

Matth. 4. 12.

Sim: Mas ſe elles naõ requerem, quem ha de requerer por elles? Muito bom procurador: quem requerêo neſte caſo. Saõ Jeronymo diz, que o Author da reſpoſta foy o meſmo Chriſto por ſua propria Peſſoa: Santo Agoſtinho diz, que foy por mediaçaõ, e miniſterio de Anjos: e tudo foy. Foy Chriſto como verdadeiro Rey, e foraõ Anjos como verdadeiros Miniſtros. Nos outros caſos, e com os outros vaſſallos, os Reys, e os Miniſtros ſaõ os requeridos;

ridos: neſte caſo, e com eſta gente os Reys, e os Miniſtros haõ de ſer os requerentes. Elles ſaõ os que lhe haõ de requerer a Fé, elles os que lhe haõ de requerer a liberdade, elles os que lhe haõ de requerer a juſtiça, elles finalmente os que lhe haõ de requerer, negociar, e fazer effectivo tudo quanto importar á ſua converſáõ, quietaçaõ, e ſegurança, ſem que aos meſmos Gentios, ou antes, ou depois de convertidos, lhes cuſte o menor cuidado. Que cuidavaõ, ou que faziaõ os Magos, quando foraõ reſpondidos? He circunſtancia muito digna de que a conſiderem os que tem a ſeu cargo eſte encargo. *Et reſponſo accepto in ſomnis.* Os Magos eſtavaõ dormindo, bem ignorantes do ſeu perigo, e bem deſcuidados do ſeu remedio; e no meſmo tempo o bom Rey, e os bons Miniſtros eſtavaõ traçando, e diſpondo os meyos, naõ ſó da ſalvaçaõ de ſuas Almas, ſenaõ da conſervaçaõ, deſcanço, e ſegurança de ſuas vidas.

E ſe alguem me perguntar a razaõ deſta differença, e da mayor obrigaçaõ deſte cuidado á cerca dos Gentios, e novos Chriſtãos das Conquiſtas, em reſpeito ainda dos meſmos vaſſallos Portuguezes, e naturaes; muito me eſpanto, que haja quem a ignore. A razaõ he: porque o Reyno de Portugal, em quanto Reyno, e em quanto Monarchia, eſtá obrigado, naõ ſó de caridade, mas de juſtiça, a procurar effectivamente a converſáõ, e ſalvaçaõ dos Gentios, á qual muitos delles por ſua incapacidade, e ignorancia invencivel naõ eſtáõ obrigados. Tem eſta obrigaçaõ Portugal, em quanto Reyno; porque eſte foy o fim particular, para que Chriſto

o fundou, e instituio, como consta da mesma instituiçaõ. E tem esta obrigaçaõ em quanto Monarchia, porque este foy o intento, e contrato, com que os Summos Pontifices lhe concedêraõ o direito das conquistas, como consta de tantas Bullas Apostolicas. E como o fundamento, e baze do Reyno de Portugal por ambos os titulos he a propagaçaõ da Fé, e conversáõ das Almas dos Gentios, naõ só perderáõ infallivelmente as suas todos aquelles, sobre que carrega esta obrigaçaõ, se se descuidarem, ou naõ cuidarem muito della; mas o mesmo Reyno, e Monarchia tirada, e perdida a baze, sobre que foy fundado, fará naquella Conquista a ruina, que em tantas outras partes tem experimentado; e no-lo tirará o mesmo Senhor, que no lo deu, como a máos colonos: *Auferetur à vobis Regnum Dei; & dabitur genti* Matt. 21. 43. *facienti fructus ejus.*

Mas para que he fallar, nem trázer á memoria Reyno, quando se trata do remedio de tantos milhares de Almas, cada huma das quaes peza mais, que todo o Reyno? Tomemos o exemplo naquelle Rey, que hoje chamou os Reys, e naquelle Pastor, que hontem chamou os Pastores. Fallando Isaias de Christo como Rey, diz que trazia o seu Imperio ao hombro: *Cujus Imperium super humerum ejus*: e fallando Isai. 9. 6. Saõ Lucas do mesmo Christo como Pastor, diz que foy buscar a ovelha perdida sobre os hombros: *Im-* Luc. 15. 5. *ponit in humeros suos gaudens.* Pois hum Imperio sobre hum hombro, e huma ovelha sobre ambos os hombros! Sim. Porque ha de mister mais hombros huma ovelha, que hum Imperio. Naõ peza tanto hum Imperio como huma ovelha. Para o Imperio basta meyo

yo Rey: para huma ovelha he neceſſario todo. E que pezando tanto huma ſó ovelha, que pezando tanto huma ſó Alma, haja conſciencias Eclceſiaſticas, e ſeculares, que tomem ſobre ſeus hombros o pezo da perdiçaõ de tantas mil! Venturoſo Herodes, ou menos deſventurado, que já de hoje em diante naõ ſerás tu o exemplo dos crueis? Que importa, que tiraſſe a vida Herodes a tantos innocentes, ſe lhes ſalvou as Almas? Os crueis, e tyrannos ſaõ aquelles, por cuja culpa ſe eſtáõ indo ao Inferno tantas outras: e ſe hum momento ſe dilatar o remedio das demais, lá iráõ todas. No Ceo vio Saõ Joaõ, que eſtavaõ as Almas dos innocentes pedindo a Deos vingança do ſeu ſangue: *Uſquequò Domine, non vindicas ſanguinem noſtrum?* E ſe Almas, que eſtáõ no Ceo vendo, e gozando a Deos, pedem vingança; tantas Almas, que eſtáõ ardendo no Inferno, e arderáõ por toda a Eternidade, que brados daráõ a Deos? As Almas tambem tem ſangue, que he o que Chriſto derramou por ellas; e que brados dará á Juſtiça Divina eſte Divino Sangue, quando taõ ouvidos foraõ os do ſangue de Abél? *Apoc. 6. 10.*

§. VIII.

NOs eccos deſtes meſmos brados queria eu ficaſſe ſuſpenſa a minha Oraçaõ; mas naõ he bem que ella acabe em brados, e clamores, quando o Evangelho nos moſtra o Ceo taõ propicio, que ſe ouvem na terra os ſilencios. Aſſim lhe acontecêo aos Magos, e aſſim eſpero, que me ſuccêda a mim, poſſou taõ venturoſo como elles foraõ, que no fim d

ſu

ſua viagem acháraõ muito mais do que eſperavaõ. Matth. 2. 11. Buſcavaõ o Rey naſcido: *Ubi eſt qui natus eſt Rex*: e acháraõ o Rey naſcido, e a Rainha Mãy: *Invenerunt Puerum cum Maria Matre ejus.* E como a Soberana Mãy era a voz do Rey na ſua minoridade, e a volta, que os Magos fizéraõ para as ſuas terras, corrêo por conta da meſma Senhora; foy eſta Miſſáõ, que tomou por ſua, taõ bem inſtruida, taõ bem fundada, e taõ glorioſa em tudo, que della, e das que della ſe foraõ propagando, diſſe Salomaõ nos ſeus Cant. 4. 13. Canticos: *Emiſſiones tuæ Paradiſus.* Atégora, Senhora, porque as Miſſoens ſe naõ fizéraõ em nome, e debaixo da Real protecçaõ de voſſa Mageſtade, os tormentos de pena, e damno, que aquellas Almas padecêraõ, ſe podiaõ chamar Miſſoens do Inferno; agora as meſmas Miſſoens, por ſerem de voſſa Mageſtade, ſeráõ Paraiſo: *Emiſſiones tuæ Paradiſus.* Aſſim o ficaõ eſperando da Real piedade, juſtiça, e grandeza de Voſſa Mageſtade, aquellas taõ perſeguidas, e deſamparadas Almas, e aſſim o confiaõ, e tem por certo os que tendo-ſe deſterrado da patria por amor dellas, padecem hoje na patria taõ indigno deſterro. E para acabar como comecey com a ultima clauſula do Evangelho; o que elle finalmente diz, he, que os Magos tornáraõ para a ſua terra Matt. 2. 12. por outro caminho: *Per aliam viam reverſi ſunt in regionem ſuam.* A terra foy a meſma, mas o caminho diverſo: e iſto he o que ſó dezejaõ, os que naõ tem por ſua outra terra mais, que as daquella Gentilidade, a cuja converſáõ, e doutrina por meyo de tantos trabalhos, tem ſacrificado a vida. Voltar para as meſmas terras, ſim, que o contrario ſeria inconſtancia;

cia; mas em forma, que o caminho ſeja taõ diverſo, que triunfe, e ſeja ſervido Chriſto, e naõ Herodes. Se os Magos voltaſſem pelo meſmo caminho, triunfaria o tyranno, perigaria Chriſto, e os Magos quando eſcapaſſem; naõ fariaõ o fructo, que fizéraõ nas meſmas terras, convertendo-as, como as convertêraõ todas á Fé, e obediencia do Rey, que viéraõ adorar, e de cujos pés naõ leváraõ, nem quizéraõ outro deſpacho. Tudo iſto ſe conſeguio entaõ felizmente, e ſe conſeguirá tambem agora com a meſma felicidade, ſe o Oraculo fôr o meſmo. Mande o ſoberano Oraculo, que tornem para a meſma Regiáõ: e mande efficazmente, que ſeja outro o caminho. *Per aliam viam reverſi ſunt in regionem ſuam.*

SER

SERMAÕ

DA TERCEIRA QUARTA FEIRA

DA

QUARESMA,

QUE PREGOU

O MUITO REVERENDO PADRE

ANTONIO VIEIRA,

DA COMPANHIA DE JESU,

Na Capella Real, no anno de 1670.

LISBOA:

Com todas as licenças necessarias. Anno de 1754.

SERMAO

DA

GOLA RESGATADA,

O MILAGRE VENCENDO PADUA

POR

ANTONIO

DE

LISBOA.

Non eſt meum dare vobis, ſed quibus paratum eſt à Patre meo. Matth. 20.

§. I.

ESTamos em Sermaõ de pertendentes: e ſegundo a experiencia, e queixa commum, ou ſeja com razaõ, ou ſem ella, acho eu, que os pertendentes da Corte em ſeus requerimentos ſaõ como os noſſos Argonautas, e primeiros deſcubridores da India: ſenaõ que navegaõ ao revez, e fazem a viagem ás aveças. Os noſſos deſcubridores primeiro paſſáraõ o cabo de Naõ, e depois o cabo de Boa Eſperança: os pertendentes pelo contrario: começaõ pelo Cabo de Boa Eſperança, e acabaõ pelo Cabo de Naõ. Aſſim ſuccedêo hoje aos filhos de Zebedêo, que tambem eraõ navegantes. Começáraõ pelo Cabo de Boa Eſperança, e com taõ boa monçaõ, que o paſſáraõ em huma ſangradura; porque o vento era Galerno, e o mar bonança. Fundavaõ a eſperança na graça de Chriſto; na eleiçaõ, que delles tinha feito, e na promptidáõ, com que tinhaõ deixado, naõ ſó a barca, e as rêdes, como Pedro, e André, ſenaõ tambem o proprio pay; fundavaõ a eſperança no valimento de Joaõ conhecidamente o mais aceito a Chriſto, e deſcubertamente o amado entre todos os Diſcipulos: fundavaõ a eſperança na propinquidade do ſangue, por ſerem primos do meſmo Senhor, naõ reparando, que os Principes naõ tem parentes, e muito menos ao perto: fundavaõ finalmente a eſperança na interceſſáõ de ſua mãy, que por mulher era digna de todo o reſ-

peito, e por viuva, de toda a piedade. Mas ainda que paſſáraõ taõ felizmente o Cabo de Boa Eſperança, e ſe promettiaõ prompto, e inteiro deſpacho, aſſim acabáraõ com os demais pelo Cabo de Naõ: *Non eſt meum dare vobis.*

Terrivel palavra he hum *Non.* Naõ tem direito, nem aveço: por qualquer lado que o tomeis, ſempre ſôa, e diz o meſmo. Lede-o do principio para o fim, ou do fim para o principio, ſempre he *Non.* Quando a vara de Moyſés ſe convertêo naquella ſerpente taõ feroz, que fugia della: porque o naõ mordeſſe, diſſe-lhe Deos, que a tomaſſe ao revés; e logo perdeo a figura, a ferocidade, e a peçonha. O *Non* naõ he aſſim: por qualquer parte que o tomeis, ſempre he ſerpente, ſempre morde, ſempre fére, ſempre leva o veneno conſigo. Mata a eſperança, que he o ultimo remedio, que deixou a natureza a todos os males. Naõ ha correctivo, que o modére, nem arte, que o abrande, nem liſonja, que o adóce. Por mais que confeiteis hum Naõ, ſempre amarga, por mais que o enfeiteis, ſempre he feyo; por mais que o doureis, ſempre he de ferro. Em nenhuma folfa o podeis pôr, que naõ ſeja mal ſoante, aſpero, e duro. Quereis ſaber qual he a dureza de hum Naõ? A mais dura couſa, que tem a vida, he chegar a pedir, e deſpois de chegar a pedir, ouvir hum Naõ: Vêde o que ſerá? A lingoa Hebraica, que he a que fallou Adaõ, e a que mais naturalmente ſignifica, e declara a eſſencia das couſas, chama ao negar o que ſe péde, envergonhar a face. Aſſim diſſe Berſabé a Salomaõ: *Petitionem unam precor à te: ne confundas faciem meam*: trago-vos, Senhor, huma petiçaõ, naõ me envergonheis a face.

3. Reg. 2. 16.

E por-

E porque se chama envergonhar a face negar o que se pede? Porque dizer Naõ a quem pede, he dar-lhe huma bofetada com a lingoa. Taõ dura, taõ aspera, taõ injuriosa palavra he hum Naõ! para a necessidade dura, para a honra afrontosa, e para o mericimento insoffrivel.

E se hum Naõ he taõ duro para quem o ouve, creyo eu que naõ he menor a sua dureza para quem o diz; e tanto mais, quanto mais generoso for o coraçaõ, e mais soberano o animo, que o houver de pronunciar. Dos tres Anjos, que apparecêraõ a Abrahaõ no valle de Mambré, os dous, que representavaõ Ministros, partiraõ a executar o castigo nas Cidades infames, e o terceiro, ou primeiro, que representava a Deos, ficou com Abrahaõ. E porque o estar só por só com Deos, he o melhor tempo, e modo de negociar com elle; animou-se entaõ o Santo Patriarcha a pedir a revogaçaõ da sentença. Eraõ as Cidades cinco, e disse assim: Senhor, se naquellas cinco Cidades houver cincoenta Justos, naõ lhe perdoará Vossa Magestade? Sim perdoarey, respondêo Deos, ou o Anjo em seu nome. E se naõ chegarem a cincoenta, e forem sómente quarenta e cinco? Tambem perdoarey. Alentado com esta partida, continuou Abraham a outras menores. E se forem só quarenta? Perdoarey por quarenta. E se trinta, Senhor? Tambem por trinta. E se vinte? Por vinte. E se dez sómente? Tambem perdoarey por dez. E dizendo isto, desapparecêo o Anjo: *Abiitque Dominus.* No tavel despedida? Naõ aguardou o Anjo a que Abrahaõ instasse mais, e offerecesse, ou rogasse com menos partido. A submissáõ, o comedimento, e a santa cortezanîa, com que Abrahaõ instava, e passa-

Genes. 18. 33.

va-

va de huma petiçaõ a outra, he admiravel, e digniſſima de que todos a lêaõ, e de que o Anjo ſó pelo ouvir ſe detiveſſe. Pois ſe tinha aguardado naõ ſó com paciencia, mas com taõ particular agrado, deſde a primeira inſtancia até a ſexta; porque naõ eſperou a ſeptima? Porque ſe retirou, e eſcondêo taõ ſubita, e improviſamente? Por naõ chegar a dizer hum Naõ. A comiſſáõ, que trazia o Anjo, eraõ dous decretos, hum condicional, outro abſoluto. O condicional, que ſe nas cinco Cidades houveſſe até dez juſtos, ſuſpendeſſe o caſtigo: o abſoluto, que ſe foſſem menos de dez, executaſſe, e ardeſſem. E como o Anjo, que a ſeis petiçoens de Abrahaõ taõ benevolamente tinha ſempre dito ſim, ſe elle continuaſſe, e inſtaſſe com a ſeptima, era forçado a dizer Naõ; por ſe naõ atrever a pronunciar eſta duriſſima palavra, deſapparecêo, e eſcondeo-ſe. Naquellas cinco Cidades naõ ha mais que quatro juſtos, de que conſta a familia de Loth ſobrinho de Abrahaõ; ſe Abrahaõ, como he certo, deſcêr a eſte numero, eu, diz o Anjo, naõ lhe poſſo concedêr o partido, e he força reſponder-lhe de Naõ: pois para que nem eu tenha o diſſabôr de dizer tal palavra, nem elle o deſgoſto, e pena de a ouvir; fugir, e deſapparecêr he o melhor meyo: *Abiitque Dominus.*

Os Reys, e Principes ſoberanos repreſentaõ, e tem as vezes de Deos na terra, como tinha eſſe Anjo. Tambem, como o meſmo Anjo neſte caſo, naõ podem deixar de ouvir petiçoens, e ſer importunados de requerimentos, a que naõ devem deferir. E porque dizer Naõ aos pertendentes he couſa taõ dura para elles, como para o meſmo Principe, ſerá materia muy propria deſte lugar, e deſte Evangelho, pôr

pôr hoje em queſtáõ, e averiguar duas couſas. Primeira: ſe he conveniente, e decente a hum Rey dizer Naõ? Segunda: qual he o modo, com que o deve dizer, no caſo que convenha? Huma, e outra reſoluçaõ nos daráõ as palavras do thema: *Non eſt meum dare vobis, ſed quibus paratum eſt à patre meo.*

§. II.

DOs Imperadores, que precedêraõ ao Imperio de Trajano, diz o ſeu Panegyriſta Plinio, que deſejavaõ muito ſer rogados, e que todos lhe pediſſem, ſó pelo goſto, que tinhaõ, de dizer Naõ: *Priores Principes a ſingulis rogari geſtiebant, non tam præſtandi animo, quam negandi.* Mas como eſtes, que elle chama Principes, verdadeiramente eraõ Tyrannos, e mais monſtros da natureza humana, que homens; excluido ſem controverſia eſte eſcandalo da razaõ, e da humanidade, e começando a noſſa queſtáõ pelas razoens provaveis de duvidar; parece que naõ he conveniente, nem decente á Mageſtade, e authoridade de hum Rey, que pronuncie de palavra, ou firme com a pena hum Naõ. Ou o Rey diz Naõ, porque naõ quer, ou porque naõ póde: ſe porque naõ quer, offende o amor: ſe porque naõ póde: deſaccredita a grandeza. E ſe as petiçoens, e requerimentos ſaõ taes, que ſe naõ devem concedêr: entendaõ os pertendentes o Naõ, mas naõ o ouçaõ; ſeja diſcurſo ſeu, e naõ reſpoſta, ou reſoluçaõ Real. Mais decente negativa he para o governo, e menos deſcuberta deſconſolaçaõ, para os que requerem, que elles tomem por ſi o deſengano. Deſengane-os a dilaçaõ, deſengane os o tempo: e ſe de dia naõ cui-

daõ

daõ, nem de noite ſonhaõ mais que no ſeu deſpacho, os meſmos dias, e noites lhe digaõ o que ſe lhe naõ diz, e por ellas ſaibaõ o que naõ querem entender. Suſtentem-ſe na ſua eſperança, poſto que falſa, e fique ſempre inteiro ao Principe o pundonor de que naõ negou. Se por eſte modo ſe extendem os requerimentos, e ſe entretem, e multiplicaõ os que vem requerer, iſſo meſmo he hum certo genero de grandeza, e authoridade haver muitos pertendentes. O que elles gaſtaõ, e diſpendem, ſuſtenta a Mageſtade da Corte, e tambem as Cortes dos que naõ ſaõ Mageſtade. Já que pertendem ſem merecimento, paguem as cuſtas da ſua ambiçaõ, e ſirva-lhes a elles de caſtigo, e aos mais de exemplo.

Contra o ſofiſtico deſtas razoens (que verdadeiramente tem muito de vaidade) parece que ſaõ mais ſólidas as do dictame contrario. Taõ vil he na mentira o Sim, como honrado na verdade o Naõ. A verdade (que por iſſo ſe pinta deſpida) naõ ſabe encobrir, nem fingir, nem enfeitar, nem córar, e muito menos enganar: e a primeira virtude do Trono, ou ſeja da juſtiça, ou da graça, he a verdade. Todo o artificio he couſa mecanica, e naõ nobre, quanto mais real. O Sol abranda a cêra, e endurece o barro, porque obra confórme a diſpoſiçaõ dos ſujeitos; mas em todos, e com todos deſcubertamente: por iſſo o calor he inſeparavel da luz. Importa diſtinguir o Biſtiõ do Sceptro. Os eſtratagemas naõ ſaõ para o deſpacho: ſejaõ embora para a campanha, mas naõ para a Corte; para os inimigos, e naõ para os vaſſallos. Saibaõ os pertendentes ſe podem eſperar, ou naõ, para que no fim naõ deſeſperem. Quem diz que he arte de naõ deſgoſtar, naõ diz,

nem

nem cuida bem. Melhor he dar hum desgosto, que muitos. Queixem-se de que os naõ satisfizéraõ, mas naõ posſaõ dizer juſtamente que os enganáraõ. Se he dura palavra hum Naõ, mais duras saõ as boas palavras, que ſuſpendem, e encobrem o meſmo Naõ, até que o deſcobre o effeito. Quem fez o Naõ taõ breve, naõ quiz que ſe dilataſſe.

Pedio Filippe Rey de Macedonia á Républica de Athenas o deixaſſe paſſar com exercito pelas ſuas terras; o que o Senado lhe naõ quiz conceder: e porque o eſtylo dos Athenienſes (que ainda hoje ſe chama eſtylo Laconico) era rezumir tudo, o que ſe havia de dizer, ás palavras mais breves; tomáraõ hum grande pergaminho (que era o papel daquelle tempo) e eſcrevêraõ nelle hum Naõ com tamanhas letras, que o enchia todo, e cerrado, e ſellado, eſta foy a reſpoſta, que déraõ aos Embaixadores de Filippe. He muy celebre nas hiſtorias Gregas eſte breve, e grandiſſimo Naõ; mas na noſſa Athenas ainda os ha mayores. Tantas petiçoens, tantas proviſoens, tantas patentes, tantas certidoens, tantas juſtificaçoens, tantas folhas corridas, tantas viſtas, tantas informaçoens, pedidas muitas vezes á Aſia, e á América, tantas conſultas, tantas interlocutorias, tantas réplicas, e tantas outras ceremonias, e myſterios por eſcripto, a que naõ ſe ſabe o numero, nem o nome; e ao cabo de quatro, de ſeis, e de dez annos, ou o deſpacho, ou o que ſignifica o deſpacho em meya reſma de papel, he hum Naõ. Naõ fôra melhor eſte deſengano ao principio? E as diſpezas deſte injuſto intertenimento, que ſe devem reſtituir neſta vida, ou ſe haõ de pagar na outra, por cuja conta correm? Já que naõ haveis de fazer ao per-

tendente a mercê, que pede, porque naõ lha fareis ao menos, do que ha de gaſtar innutilmente na pertençaõ? Ao outro, que prezentava o ſeu memorial, diſſe ElRey D. Joaõ II. na primeira audiencia, que naõ tinha lugar no que pedia; e elle beijou-lhe a maõ. Entendeſte-me? Replicou ElRey. Senhor, ſim. Porque me beijais logo a maõ? Porque me fez V. Alteza mercê do dinheiro, que trazia para gaſtar na Corte; e agora o torno a levar para minha caſa. Eſtas ſaõ as mercês do deſengano, e os deſpachos do Naõ, dito a ſeu tempo. Naõ o dizer ſerá mayor politica, mayor authoridade, e decencia; mas dizello em muitos caſos he obrigaçaõ, e conſciencia.

§. III.

DIſputado aſſim problematicamente a noſſa queſtáõ, de humas, e outras razoens de duvidar ſe conclue com certeza, que o Naõ ſem ſer couſa alguma, he como as outras couſas deſte Mundo, que todas tem ſeus bens, e ſeus males, ſuas utilidades, e ſeus inconvenientes. Para naõ cahir, ou tropeçar neſtes, que a cada paſſo ſe offerecem, ou atravéſſaõ em tanta multidáõ de requerimentos, o primeiro cuidado, ou cautélla do prudente Principe déve ſer evitar, quanto fôr poſſivel, as occaſioens de dizer Naõ. Mas como ſe podem evitar, ou atalhar eſtas occaſioens, ſendo os pertendentes, e as pertençoens, os requerentes, e os requerimentos tantos? Digo que fazendo com deſtreza, e conſtancia, que ſejaõ menos, e muito menos: e uſando para iſſo dos meyos, que agora apontarey, e nos enſina o noſſo Evangelho.

O pri-

O primeiro meyo he, que os valídos, ou privados por mais juntos que estejaõ á Pessoa Real, e por mais dentro que estejaõ na graça, sejaõ os primeiros, a que se naõ conceda o que pertenderem. A razaõ, ou consequencia he manifesta. Porque se os que estáõ de fóra virem que os que estáõ de dentro, e taõ de dentro, naõ alcançaõ o que pertendem, como se atreveráõ elles a pertender, nem pedir? Tinha Deos determinado castigar o Povo de Israel com quatro pragas, ou açoutes, de fome, de guerra, de peste, e de bestas féras; e para que entendessem que por nenhuns rogos, ou intercessões se suspenderia a execuçaõ destes castigos, accrescenta, que ainda que lho pedisse Noé, Job, e Daniel, naõ lho havia de conceder. O modo desta commiaçaõ pelo Profeta Ezechiel he muito singular, porque diz assim: Se mandar fome, ainda que interceda Noé, Job, e Daniel, haõ-se de seccar os campos, e as searas: se mandar guerra, ainda que interceda Noé, Job, e Daniel, tudo ha de levar á espada: se mandar peste, ainda que interceda Noé, Job, e Daniel, tudo ha de consumir a morte: se mandar bestas féras, ainda que interceda Noé, Job, e Daniel, tudo haõ de destruir, e devastar as féras. Com razaõ chamey a este modo de comminaçaõ singular, porque se naõ lê outro similhante em toda a Escriptura. Pois porque o faz Ezequiel, e o manda fazer Deos com taõ expréssa, e taõ multiplicada repetiçaõ, de que naõ haõ de valer ao Povo as Oraçoens de Noé, de Job, e de Daniel? Porque estes tres em differentes seculos foraõ os mayores valídos de Deos: e para persuadir, e desenganar a todos, de que se lhe naõ hade conceder o que pedirem, o me-

yo, e exemplo mais efficaz he negar, e naõ conceder aos valídos as ſuas petiçoens. Se a Noé, ſe a Job, ſe a Daniel ſe nega o que pedirem, como ſe me ha de conceder a mim? Naõ quero pedir. No noſſo texto o temos.

Os Apoſtolos, antes de deſcer ſobre elles o Eſpirito Santo, eraõ muito tocados da ambiçaõ, e appetite de ſer, como homens alfim levantados do pó da terra, ou das arêas da praya. Daqui naſcêo aquella contenda taõ indigna do Sagrado Collegio: Luc. 22. 24. *Facta eſt contentio inter eos: quis eorum videretur eſſe major.* Deſcubertamente diſputáraõ, e altercáraõ entre ſi ſobre a preferencia, cuidando, e defendendo cada hum, que elle era o mayor. E taõ afferrados eſtavaõ todos á propria opiniaõ, que ainda conſultando a ſeu Divino Meſtre ſobre a materia, naõ ſe ſujeitáraõ a que elle abſolutamente a definiſſe: circunſtancia digna de grande ponderaçaõ: Matt. 18. 1. *Quis putas major eſt in Regno Cœlorum?* Naõ diſſéraõ quem de nós he o mayor? Senaõ: *Quis putas*: quem vos parece que o he? Para que ainda depois da reſpoſta ficaſſe a mayoría em opiniaõ, e cada hum ſeguiſſe a ſua, e ſenaõ deſceſſe della. Pois ſe eſta ambiçaõ era de todos, e naõ ſó de Joaõ, e Diogo, como ſoraõ ſó eſtes dous os que pertendêraõ, e pediraõ as primeiras cadeiras, e nenhum dos outros, que tanto como elles o deſejavaõ, intentou tal couſa? Por iſſo meſmo. Joaõ, e Diogo eraõ conhecidamente os mayores valídos de Chriſto, e os mais entrados na ſua graça; e os que a tinhaõ mais bem fundada, ainda naquella razaõ natural, que corre pelas veyas: e como os outros Apoſtolos viraõ, que os lugares, que todos appeteciaõ, ſe negáraõ aos valídos, todos amainaráõ

náraõ as véllas, e recolhêraõ os remos da sua ambiçaõ, e nenhum teve confiança, nem atrevimento para pertender, nem pedir, quando a elles se tinha negado. Vêde a virtude de hum Naõ para evitar muitos. Com o Senhor dizer huma vez Nao: *Non est meum dare vobis*: se livrou de o dizer oitenta e duas vezes. Se Christo concedêra, ou condescendêra com esta petiçaõ dos dous Apostolos, logo os outros dez haviaõ de vir com as suas, e apoz os dez Apostolos os setenta e dous Discipulos, que todos se haviaõ de querer aproveitar de taõ boa maré; mas com hum Naõ, que disse aos valídos, se livrou o Senhor de dizer dez Nãos, e setenta Nãos.

Porque os Reys naõ imitaõ este exemplo do Rey dos Reys, por isso se vem taõ perseguidos de petiçoens, e taõ atribulados de requerimentos, de que se naõ podem desembaraçar, mais constrangidos da consequencia, que obrigados da razaõ: devendo, e querendo negar a muitos, e naõ o podendo fazer, pelo que tem concedido a poucos. Diga-se hum Naõ a Joaõ, e a Diogo, ainda que sejaõ valídos, e logo naõ só se poderá dizer com liberdade aos mais, mas cessaráõ as occasioens de ser necessario dizer-se. Diráõ porém os mesmos valídos, ou alguem por elles, que naõ parece, nem he justiça, nem ainda bom exemplo, e credito do mesmo Rey, que aos que servem, e trabalhaõ junto á sua Pessoa, e sustentaõ o pezo da Monarquia, devendo ser os primeiros, e mais remunerados, fiquem sem mercê, e sem premio. E he pouca mercê, e pouco premio o ser valídos? He pouca mercê, e pouco prêmio estar sempre junto á Pessoa Real? O premio, que Christo promettêo a seus Ministros, foy que estariaõ on-

Joan. 12. 26. de elle eſtá: *Ubi ego ſum, illic & miniſter meus erit.* Nem o Rey póde dar mayor premio, nem o Miniſtro dezejar mais avantajada mercê. He verdade, que iſto meſmo ſe concedêo a hum Ladraõ venturoſo; *Hodie mecum eris:* o que tambem póde ter ſua propriedade, e ſua applicaçaõ. Mas ouçamos o que ſuccedéo a Saõ Paulo, e como Chriſto o tratou em huma ſua petiçaõ, que lhe fez, ſendo o Miniſtro, que mais trabalhou que todos em ſeu ſerviço.

Luc. 23. 43.

Pedio Saõ Paulo a Chriſto, que o izentaſſe de certa penſáõ, que pagava por conta de huma pouca de terra, que herdara de ſeus Pays, e noſſos, cujo exactor o apertava, e moleſtava muito: *Propter quod ter Dominum rogavi*: nem á primeira, nem á ſegunda, nem á terceira ſe ſervio o Senhor de lhe deferir: ſempre ſahio excuzado. Pois a Paulo, que ſe naõ era o primeiro valído, naõ era o ſegundo, porque dos dous primeiros Miniſtros da Caſa, e Reyno de Chriſto elle era hum? A Paulo, que ſó para o meter em ſeu ſerviço, deſceo o meſmo Chriſto ſegunda vez do Ceo á terra, e o levou em vida ao Ceo, para lhe communicar ſeus ſegredos? A eſte Miniſtro, a eſte valído, a eſte, que tanto privava com o ſeu Principe, nega o Senhor huma pertençaõ taõ juſta, e taõ facil, e naõ huma ſó vez na petiçaõ, ſe naõ outra vez na nova inſtancia, e terceira na réplica? Sim: para que nem os valídos extranhem as negativas, nem os Principes ſe encolhaõ, e deſanimem, ou cuidem, que os aggravaõ, e faltaõ á ſua obrigaçaõ em lhes negar o que pedirem. Naõ era Paulo Miniſtro, que ſerviſſe em Palacio á ſombra de tectos dourados ſem molhar o pé no mar, nem o meter na campanha; mas era hum Miniſtro, que em ſerviço, e hon-

2. Corinth. 12. 8.

ra

ra de seu Principe, peregrinava, e corria o Mundo em róda viva desde Levante até Poente, sempre com o montante na maõ em perpetuas batalhas, e conquistas, por mar, e por terra, e supportando no mar taes tempestades, e naufragios, que tal vez passou hum dia, e huma noite debaixo das ondas: *Die, ac nocte in profundo maris fui.* E com que rosto (para que o digamos assim) ou com que palavras se atrevêo Christo a negar a hum tal Ministro o que lhe pedia? O mesmo Saõ Paulo as referio, e saõ dignissimas de quem as disse: *Et dixit mihi: sufficit tibi gratia mea:* nego-te, Paulo, o que me pedes; porque te basta a minha graça. Aos valídos, e que lograõ a graça do mesmo Principe, basta-lhes a mercê da mesma graça: e todas as outras se lhes podem negar confiadamente. Confiadamente, digo, e podéra dizer, que com resabios de desconfiança, porque o ministro, que se naõ contenta com a graça, e além da graça quer outra mercê, naõ só he indigno da mercê, senaõ tambem da graça. Mas ha muitos, que naõ conhecem o preço della, e por injuria da mesma graça, e do Principe, fazem da graça degráo para outros interesses, que he o mesmo que pizalla. 2. Corinth. 12. 9.

Mas ouçamos o que diz Saõ Paulo da sua graça, que póde ser tenha alguma excuza: *Gratia Dei sum id, quod sum:* todo o ser, que tenho, o devo á graça de meu Senhor. Assim o devem dizer, e confessar, ainda os que por mericimentos seus, e naõ por nossos peccados estiverem na graça; porque o contrario seria muita soberba, e mayor ingratidáõ. Por diante. *Et gratia ejus* continúa Paulo *in me vacua non fuit*: e a sua graça naõ foy em mim vazia. Aqui 1. Corinth. 15. 10.

pare-

parece que entra a excuza. Logo ſe a graça naõ ha de ſer vazia, ha de ſe encher? Por iſſo vemos os cheyos da graça taõ cheyos: para ſe encher ſe aproveitaõ da graça. Mas Paulo naõ diz, que ſe enchêo a ſi com a graça, ſenaõ que a graça ſe enchêo nelle: *Gratia ejus in me vacua non fuit.* E como ſe enchêo nelle a graça? Muito havia miſter para ſe enchêr, porque o vazo era muito grande: *Vas electionis eſt mihi iſte*: e aſſim o fez o famoſo Paulo. *Gratia ejus in me vacua non fuit, ſed abundantius omnibus laboravi.* O modo, com que a graça ſe encheo em mim, foy trabalhando, e ſervindo naõ ſó muito, ſenaõ mais que todos. Porque eſſa he a differença, que haõ de fazer aos demais os que eſtáõ na graça. Naõ ſe haõ de encher com a graça, nem haõ de encher a graça com mercês, ſenaõ com novos, e mayores ſerviços. E ſegundo eſta obrigaçaõ bem lhes póde o Principe negar o que pedirem, e elles prezarem-ſe muito deſſas negaçoens.

1. Corinth. 15. 10.

Os Filoſofos diſtinguem dous generos de negaçoens, humas que ſe chamaõ puras negaçoens, e outras, a que déraõ nome de privaçoens. A pura negaçaõ nega o acto, e mais a aptidáõ: a privaçaõ ſuppoem a aptidáõ, e nega o acto. O ſilencio he negaçaõ de fallar, mas com grande differença no homem, e na eſtatua: na eſtatua he pura negaçaõ, porque a eſtatua naõ falla, nem he apta para fallar, ſenaõ inapta; porém no homem he privaçaõ; porque ainda que o homem naõ falle, he apto, e capaz de fallar. Daqui ſe ſegue, que aſſim como o ſilencio na eſtatua he incapacidade, e no homem virtude; aſſim o que ſe nega ao indigno, he pura negaçaõ, a qual o afronta; e o que ſe nega ao digno, he privaçaõ,

que

que o honra, e accredita, e tanto mais, quanto ſôr mais digno. Taes ſaõ as negaçoens, que os Principes fizerem, e devem fazer aos ſeus validos. Saõ privaçoens, com que naõ ſó ſe accredita a ſi, ſenaõ tambem a elles; porque o mayor credito do valido he que a ſua privança ſeja privaçaõ. Por iſſo os validos com mais nobre, e heroica ethymologia ſe chamaõ privados. E quando elles folgarem de o ſer, ou o Principe fizer que o ſejaõ, ainda que naõ folguem, as privaçoens dos privados faráõ mais toleraveis as negaçoens dos que o naõ ſaõ. E deſenganados os demais com eſte exemplo, nem elles ſe atreveráõ a pedir o que ſe lhes déve negar, nem o Principe ſerá forçado a negar o que lhe pedirem; ficando livre por eſte meyo de muitas, e moléſtas occaſioens, em que contra o decóro, e agrado da Mageſtade ſeja obrigado a dizer Naõ.

§. IV.

O Segundo meyo, ou induſtria de prevenir, e atalhar o Naõ, e as occaſioens de o dizer, he que o Principe em todos ſeus deſpachos, e reſoluçoens ſeja inteiro, juſto, e recto, e conhecido por tal. Deſta juſtiça, e inteireza (que por outra parte he a ſua primeira obrigaçaõ) ſe ſeguiráõ dous effeitos notaveis. O primeiro, que ninguem ſe atreverá a pedir ſenaõ o que fôr juſto: o ſegundo, que pedindo todos ſómente o juſto, a todos concederá o Principe o que pedirem, e nunca dirá Naõ.

O mais juſto, recto, inteiro, e conſtante homem, que houve entre os Romanos, foy Marco Por-

cio Catáõ; e que conſeguio com eſta inteireza, e conſtancia de ſua juſtiça inflexivel? Conſeguio, como refere Plinio, que ninguem no ſeu Conſulado ſe atreveo a lhe pedir couſa, que naõ foſſe juſta. Aſſim lho diſſe com admiraçaõ a eloquencia de Tullio: *O' te felicem, Marce Porci, à quo rem improbam petere nemo audet!* Tal ſerá a reverencia do governo, e tal a felicidade do Rey, que em todas ſuas reſoluçoens, e deſpachos obſervar conſtantemente a juſtiça. A Juſtiça, como a definem os Theologos, e Juriſtas, naõ he outra couſa, que huma perpetua, e conſtante vontade de dar a cada hum o que merece. Se eſta vontade (que ordinariamente he taõ mudavel nos affectos humanos) for conſtante, e perpetua no Principe, todos ſe deſenganaráõ que naõ haõ de alcançar delle, ſenaõ o que for devido a ſeus ſerviços, e proporcionado a ſeus mericimentos. E por meyo deſte deſengano conſeguirá a felicidade de que ninguem ſe atreva a lhe pedir, ſenaõ o que for juſto: *O' te felicem, à quo rem improbam petere nemo audet!* Felice, porque naõ ſe atrevendo ninguem a pedir ſenaõ o juſto, ſeráõ muito menos as petiçoens, e requerimentos: felice, porque naõ pedindo ninguem ſenaõ o que lhe he devido, haverá com que ſatisfazer a todos: felice, porque ſendo as petiçoens, e requerimentos juſtificados, ſempre o Principe concederá o que ſe lhe pedir, e nunca dirá Naõ. Naõ he melhor, mais decente, mais breve, e mais util, que o Naõ o digaõ a ſi meſmos aquelles, que haviaõ de pedir, do que dizer-lho a elles o Principe deſpois de pedirem? Pois iſſo he o que ſuccederá, ſe ninguem ſe atrever a pedir, ſenaõ o que merecer.

Diſ-

Disse Isaías a ElRey Acáb, que em prova do que lhe tinha annunciado, desde o Ceo até o Inferno pedisse livremente o signal, que quizesse: *Pete tibi signum à Domino in profundum inferni, sive in excelsum supra.* E que responderia Acab? *Non petam*; naõ pedirey tal cousa. Assim o disse resolutamente, e assim o cumprio. Mas porque? Se o Profeta o assegurava, e exhortava a que pedisse aquelle signal, e com tanta largueza de eleiçaõ, quanta vay do Ceo ao centro da terra; porque naõ quer pedir Acáb? Elle mesmo deu a razaõ: *Non petam, & non tentabo Dominum.* Naõ pedirey tal cousa, porque naõ quero tentar a Deos. Tentar a Deos, he querer que Deos faça o que naõ deve, assim como o demonio nos tenta para que façamos o que naõ devemos. E fez este discurso Acáb: Deos he justo, e justissimo, antes a mesma justiça; eu naõ lhe tenho feito nenhuns serviços (porque sirvo a outros Deoses) para que me faça tamanhas mercês; pois como terey eu atrevimento para lhe pedir o que me promette Isaías? Isto será tentar a Deos, e querer que o justo, e justissimo faça o que naõ deve: e assim me resolvo a naõ pedir: *Non petam.* Seja o Principe justo, e taõ constantemente justo, que por nenhum outro modo, nem respeito dê a ninguem senaõ o que merecer, e lhe for devido; e logo os vassallos se naõ atreveráõ a pertender as sem-razoens, e exorbitancias, que vemos; e se benzeráõ de pedir como de tentaçaõ: *Non petam, & non tentabo Dominum.* *Isai. 7. 11.*

Oh se os Reys tantas vezes, e taõ injuriosamente tentados, ao menos naõ consentissem na tentaçaõ! Naõ digo que castiguem severamente al-

gumas petiçoens, poſto que imitariaõ niſſo a Salomaõ, o qual por huma petiçaõſinha (que aſſim lhe chamou a interceſſora, *Petitionem parvulam*) mandou cortar a cabeça a Adonías. E verdadeiramente ha petiçoens, que bem interpretadas, ſaõ libellos infamatorios dos meſmos Principes, em cujas mãos ſe metem. Porque ſe ſaõ doloſas, como era eſta de Adonías, ſuppoem que ſaõ neſcios: ſe ſaõ exorbitantes, ſuppoem que ſaõ prodigos: ſe ſaõ contra os Canones Apoſtolicos, (como ſaõ muitas) ſuppoem que naõ ſaõ Catholicos: e de qualquer modo que peçaõ o que naõ he juſto, ſuppoem que ſaõ injuſtos. Mas ſe antes de fazerem as petiçoens ſuppozerem, e ſe deſenganarem que nenhuma couſa haõ de conſeguir, ſenaõ o que dictar a inteira, e recta juſtiça, elles ſe comporáõ com a ſua ambiçaõ, e tomaráõ por partido o naõ pedir: *Non petam.* Notay onde eſtá o *Non:* e vede quanto mais conveniente he para o vaſſallo, e mais expediente para o governo, e mais decente para o Rey o Naõ antes do *petam*, que deſpois da petiçaõ. He mais conveniente para o vaſſallo, porque melhor lhe eſtá que deſenganado tome por ſi meſmo o Naõ, e o ponha antes das ſuas petiçoens, que ouvillo deſpois dellas. He mais expediente para o governo, porque ceſſando o tumulto, e inundaçaõ dos requerimentos, que verdadeiramente o afogaõ, teraõ mais facil expediçaõ os negocios. E finalmente he mais decente, e decoroſo para o Rey, porque nenhum que vier buſcar o premio, ou o remedio aos pés da Mageſtade, ſe apartará delle deſcontente. Viráõ a ſer por eſſa via todas as petiçoens da noſſa Corte, como as que ſe deſpachaõ na

Reg. 10.

do

do Ceo. David dizia a Deos: *Intret poſtulatio mea in conſpectu tuo:* Entre, Senhor, a minha petiçaõ ao voſſo conſpecto. Nas Cortes da terra deſeja o pertendente que ſaya a ſua petiçaõ; na do Ceo deſeja que entre; porque huma vez que a petiçaõ foy tal, que podéſſe entrar, infallivelmente ſahe deſpachada. Aſſim ſerá cá tambem, ſe ninguem pedir ſenaõ o que for juſto; porque o Rey juſto á petiçaõ juſta nunca póde dizer Naõ. Pſalm. 118. 170.

Mas que fará o Rey para adquirir eſte credito, e reputaçaõ univerſal de juſto, e por meyo della evitar as petiçoens, e requerimentos injuſtos, ſem os quaes fique livre dos inconvenientes, e diſſabores do Naõ? Digo que ſó o poderá conſeguir applicando o Naõ tambem a ſi, e primeiro a ſi que aos Subditos. He hum grande documento do noſſo texto, e digno de ſe reparar muito nelle: *Non eſt meum dare vobis:* diz o Senhor, que o dar naõ he ſeu: e o Naõ primeiro cahe ſobre elle, que ſobre os dous, a quem negou o que pertendiaõ: primeiro ſobre o *meum*, e deſpois ſobre o *vobis*. Aſſim ha de fazer o Rey, que quer ſer juſto, e ter opiniaõ de tal. Cuidaõ os Reys, que o dar he ſeu: e o Rey dos Reys diz que naõ he ſeu o dar: *Non eſt meum dare.* Pois Chriſto em quanto Deos, e em quanto homem naõ he Senhor de tudo? Sim he. Logo pode-o dar a quem quizer, e como quizer? Diſtingo. Com juſtiça ſim, ſem juſtiça naõ. Santo Ambroſio: *Non eſt meum, qui juſtitiam ſervo, non gratiam*: Eu dou por juſtiça, e naõ por graça: por juſtiça he meu o dar; por graça, como vós quereis, naõ he meu: *Non eſt meum dare vobis.* A razaõ diſto he; porque Chriſto fundou, e ordenou

denou o seu Reyno em tal forma, que nenhuma cousa se désse nelle de graça, e por graça, senaõ por mericimento, e por justiça. Por isso Saõ Paulo chamou á coroa, que o esperava, coroa de justiça; e que lha havia de dar o Senhor, naõ como Senhor, mas como justo Juiz: *Reposita est mihi corona justitiæ, quam reddet mihi Dominus justus Judex.* Os lugares da maõ direita, e esquerda, que pertendiaõ os dous Irmãos, eraõ do Reyno de Christo: *Ad dexteram, & sinistram in Regno tuo.* O modo porque o pediaõ, naõ era por mericimento, e por justiça, senaõ por graça, e por parentesco: *Dic, ut sedeant hi duo filii mei*; e por isso respondêo o Senhor que naõ era seu o dar, porque o dar por justiça he seu, o dar por graça naõ he seu: *Non est meum dare: qui justitiam servo, non gratiam.*

2. Timoth. 4 8.

Matth. 20. 21.

Nenhuma couza anda mais mal entendida, e peyor praticada nas Cortes, que a distincçaõ entre a justiça, e a graça. Donde se segue que apenas ha mercê das que se chamaõ graça, que naõ seja injustiça, e contenha muitas injustiças. Naõ nego que os Reys podem fazer graças, e que o fazellas he muito proprio da benificencia, e magnificencia Real; mas isso ha de ser despois de satisfeitas as obrigaçoens da justiça. Zaquêo disse que daria metade da sua fazenda aos pobres, e que da outra metade pagaria as suas dividas, e os damnos dellas: *Ecce dimidium bonorum meorum dó pauperibus, & siquid aliquem defraudavi, reddo quádruplum.* Disse bem, mas prevertêo, e trocou a ordem, porque em primeiro lugar estava o pagar as dividas, que he obrigaçaõ da justiça, e despois o dar as esmolas, que he acto de li-

Luc. 19. 8.

liberalidade. E que desordem seria, se se tomasse aos pobres, e naõ se pagasse aos accredores? Que desordem seria (por lhe naõ dar outro nome) se a huns se tomasse violentamente o necessario, para se dar a outros prodigamente o superfluo? Como o pagar he especie de sujeiçaõ, e o dar he soberania, e grandeza; gostaõ mais os Principes de dar, que de pagar. Dem, mas dem do seu, se o tiverem; que dar, e naõ pagar, he dar do alheyo. E se os Zebedêos (que saõ os que lévaõ as graças) os importunarem que dem, respondaõ com Christo: *Non est meum dare.* O que pérde naõ só o governo, mas as consciencias, e Almas dos Principes, he cuidarem que pódem tudo, porque pódem tudo. Se assim lho dizem, he lisonja; e se o crêm, he engano. O Rey pode tudo o que he justo: para o que for injusto, nenhum poder tem. Esta he a verdadeira, e mayor lisonja, que se pode dizer aos Reys, porque he fazellos poderosos como Deos. Deos he omnipotente: e poderá Deos fazer huma injustiça? De nenhum modo. Pois assim devem entender os Reys, que saõ poderosos. E se os Subditos se persuadirem que o Rey assim o entende, e assim o observa; nem elles desenganados pediráõ, senaõ o que for justo; nem o Rey importunado terá occasioens de dizer Naõ.

§. V.

O terceiro meyo de se cortarem as occasioens de dizer Naõ, he a observancia inviolavel das Leys. Se as Leys se conservarem em todo seu vigor sem dispensaçaõ, sem privilegio, sem excepçaõ de pes-

peſſoa, o Naõ dilo-há a Ley, e naõ o Rey. As Leys de Deos prohibitivas todas começaõ por Naõ: *Non occídes: non mœcáberis: non furáberis, non falſum teſtimonium dices.* Houve algum homem até hoje, por atrevido, e inſolente que ſeja, que fizeſſe petiçaõ a Deos para matar, para adulterar, para furtar, para levantar falſo teſtimunho? Nenhum: porque eſtas Leys ſaõ inviolaveis, e indiſpenſaveis. Pois o meſmo ſuccederá ao Principe, ſe conſervar, e mantiver as ſuas inviolavel, e indiſpenſavelmente. E por eſte modo taõ decoroſo, e taõ facil ſe livrará de muitas occaſioens de dizer Naõ, porque já o tem dito a Ley.

Pronunciou Deos deſpois do primeito peccado a Ley univerſal da morte, á qual quiz que ficaſſe ſujeito Adaõ, e todo o genero humano: e no meſmo ponto, em que fez a Ley, fez tambem que foſſe inviolavel. A Ley da morte parece inviolavel de ſua meſma natureza, mas naquelle tempo podia-ſe violar facilmente; porque comendo Adaõ, e qualquer outro homem, do fructo da arvore da vi-
Geneſ. 3. 21. da, ficava izento de morrer. E que fez Deos? *Ne forte ſumat etiam de ligno vitæ, & comedat, & vivat in æternum*: Porque naõ aconteça, que Adaõ aſſim como quebrou a primeira Ley, comendo da arvore da ſciencia, québre tambem a ſegunda, comendo da arvo-
Geneſ. 3. 24. re da vida, e fique immortal: *Collocavit ante Paradiſum Cherubím, & flammeum gladium ad cuſtodiendam viam ligni vitæ:* poz á porta do Paraiſo hum Querubim com huma eſpada de fogo, para que ſem excepçaõ defendêſſe a entrada a todos; e ſe algum intentaſſe eximirſe da Ley de morrer, morreſſe primeiro

ro. Esta foy a ordem cerrada do Querubim, e este o rigor indispensavel da Ley; da qual naõ quiz Deos que fosse privilegiado nem seu proprio Filho. O privilegio chama-se em direito *vulnus legis*, ferida da Ley; e o poder, e espada do Legislador naõ ha de ser para ferir as Leys, senaõ parà ferir, matar, e queimar a quem intentar quebrallas; que por isso a espada do Querubim era espada, e de fogo. Bem podéra Deos cortar, ou seccar a arvore da vida, com que se excuzavaõ todos aquelles apparatos de horror: quiz porém que a arvore ficasse em pé, e a Ley se guardasse com tudo inviolavelmente; para que entendessem os Legisladores que ainda que elles possaõ dispensar nas Leys, e o modo da dispensaçaõ seja facil; nem por isso o haõ de permittir. Mas, Senhor, a arvore da vida está carregada de fructos, huns nascem, outros cahem, e todos se perdem, podendo se aproveitar com tanta utilidade. Oh malditas utilidades! Este he o engano, que perde aos Principes. Dispensaõ-se as Leys por utilidades (que ordinariamente saõ dos particulares, e naõ suas) e abre-se a porta á ruina universal, que só se póde evitar com a observancia inviolavel das Leys. Pércaõ-se os fructos da arvore da vida; que saõ a mais preciosa cousa, que Deos creou: pércaõ-se as mesmas vidas, e naõ se recupére a immortalidade: morra, e sepulte-se o mundo todo; mas a Ley naõ se québre, nem se dispense.

E que se seguio deste rigor indispensavel da Ley? Seguio-se aquelle desengano universal, que prégou David: *Quis est homo qui vivet, & non videbit mortem?* Que homem ha, que viva, e naõ haja *Psalm. 88. 4.*

de morrer? E deſenganados huma vez os homens de que a Ley era inviolavel, ſendo a morte a couſa mais aborrecida, e a vida a mais amada, ninguem houve já mais, que ſe atreveſſe, nem lhe viéſſe ao penſamento intentar ſer diſpenſado, para naõ morrer. Guardem-ſe as Leys taõ ſevéra, e inviolavelmente, que ſe deſenganem todos que ſe naõ haõ de diſpenſar; e com o Naõ, que ellas dizem, ſe livraráõ os Principes de o dizer. Mas porque alguns Principes ſaõ de taõ bom coraçaõ, ou de taõ pouco, que nem á mãy dos Zebedêos, nem a ſeus filhos ſe atrevem a dizer: *Neſcitis quid petatis:* elles tomaõ confiança para pedir, as petiçoens ſahem deſpachadas, e o Naõ das Leys cahe ſobre ellas, e naõ ſobre o que prohibem. Tanto que o prohibido ſe diſpenſa, logo a Ley naõ he Ley, naõ ſó porque o que ſe concede a hum, naõ ſe pode negar aos outros; ſenaõ tambem, e muito mais, porque o que ſe concede a hum, que o péde, tambem ſe ha de conceder aos outros, ainda que o naõ peçaõ.

Matt. 20. 22.

Pedio o filho prodigo a ſeu pay, que lhe déſſe em vida a parte da herança, que lhe pertencia: *Pater, dá mihi portionem ſubſtantiæ, quæ me contingit.* Bem moſtrou na petiçaõ o que havia de ſer, ou o que já era. Vem cá, moço louco, e atrevido, naõ ſabes que os filhos naõ hérdaõ a ſeus pays ſenaõ depois da morte? pois como te atreves a pedir a teu pay, que te dê a tua herança eſtando vivo, e como ſe te mete em cabeça, que elle te ha de conceder huma couſa taõ alheya de toda a razaõ, e de toda a Ley? Fiou-ſe no grande amor, que o pay lhe tinha; e o amor aſſim como he cego para conceder, aſſim

Luc. 15. 12.

assim he fraco para negar. Em fim o bom velho dispensou na Ley commum, e deo-lhe a parte da herança, que lhe pertencia, mas com huma circunstancia notavel, porque os filhos eraõ dous, e quando dêo a sua parte a este, dêo tambem a sua ao outro: *Divisit illis substantiam.* Repára muito no caso S. Pedro Chrysologo, e admira-se com razaõ, de que sendo hum só filho o que pedio esta dispensaçaõ, o pay a concedêo logo a ambos: *Uno petente, ambobus totam substantiam mox divisit.* Que o pay em sua vida dê a parte da herança a hum filho, porque lha péde, muito tinha que duvidar; mas passe: porém a outro filho, que naõ teve tal desejo, nem pedio tal cousa; porque lhe dá tambem logo a sua parte, e naõ o deixa esperar pelo fim de seus dias? He certo que o pay naõ obrou prudentemente no que concedêo áquelle filho, e mais quando o devia conhecer; mas huma vez que lhe deo a elle a sua parte, procedeo coherentemente em dar tambem aõ outro a sua, porque a dispensaçaõ, que se concede a hum, porque a pede, naõ se póde negar a outro, ainda que a naõ peça: *Uno petente, ambobus mox divisit.* He o caso do nosso Evangelho, mas decidido mais altamente por Christo. Os Apostolos eraõ doze; dous pediraõ, dez naõ pediraõ: e se o Senhor concedesse aos dous o que pediaõ, porque pediraõ, tambem o havia de conceder aos dez, posto que naõ pedissem. Pois assim como o pay do prodigo obrou coherentemente em conceder ao filho, que naõ pedio, o que tinha concedido ao que pedira; assim o Senhor com mais alta coherencia negou aos dous, que pediraõ o que se naõ devia conceder nem a elles, nem *Luc.* 15. 12.

aos dez, que naõ tinhaõ pedido. O pay pela petiçaõ de hum deſpachou a ambos; e Chriſto pelo deſpacho dos dous reſpondeo a todos: mas o Pay imprudentemente, porque relaxou a Ley, concedendo; e o Senhor divinamente, porque a eſtabeleceo negando.

Eu naõ nego, que em materia de conceder, e negar póde haver mayor razaõ em huns, que em outros; mas a conſequencia de concederes a outro, logo naõ me haveis de negar a mim, he argumento, que ſe naõ fólta com mayor razaõ. Vendo-ſe Rachel eſterîl, e que ſua irmãa Lia tinha muitos filhos, pedio a Jacob que admittiſſe ao thalamo huma eſcrava ſua, por nome Bala, para que os filhos, que della houveſſe, por ſerem da ſua eſcrava, foſſem de algum módo ſeus. Já o caſamento de Rachél lhe tinha cuſtado a Jacob o caſamento aborrecido de Lia, e agora lhe havia de cuſtar o indecente de Bala; mas a tudo ſe ſujeita quem ama. Naſcêraõ filhos a Bala, e naõ contente Lia com quatro legitimos, que já tinha, pedio tambem a Jacob, que admittiſſe outra eſcrava ſua chamada Zélfa. Ha tal perſeguiçaõ de mulheres! Que vos parece, que faria Jacob neſte caſo? Para conceder aquella conſolaçaõ a Rachél, além das obrigaçoens do amor, alguma razaõ tinha; mas a Lia naõ amada, e cercada de filhos? Com tudo condeſcendeo Jacob com eſta ſegunda petiçaõ, e adimttio a Zélfa. Pois ſe Lia nenhuma razaõ tinha para o que pedia, e pedia ſó por emulaçaõ, e appetite; hum homem taõ raſcional, e taõ juſto como Jacob, porque lhe concede o que péde? Porque já o tinha concedido a Rachél. Se Jacob negára

Geneſ. 30. 4. 5. e 9.

a Lia

a Lia esta petiçaõ, havia-o de reconvir com a de sua irmãa, e naõ havia de soffrer que se lhe negasse a ella o que a Rachél se tinha concedido. E posto que a disparidade era taõ manifésta como ser Rachél estéril, e Lia fecunda, Lia ter tantos filhos, e Rachél nenhum, nenhuma destas consideraçoens havia de bastar, para que Lia se socegasse, porque contra o argumento de negar a hum o que se concéde a outro; e contra a força (ou forçosa, ou forçada) desta consequencia naõ valem soluçoens de mayor razaõ.

Persuade-se o Principe que o que se concéde a hum, porque o péde, tambem se ha de conceder aos outros, ainda que o naõ péçaõ. Entenda, que as dispensaçoens, e privilegios naõ só saõ feridas da Ley, mas feridas mortaes, e que a Ley morta naõ póde dar vida á República: considére que as Leys saõ os muros della, e que se hoje se abrio huma brecha, por onde possa entrar hum só homem, á manhãa será taõ larga, que entre hum exercito inteiro. Olhe para as Leys politicas; para as ordenanças militares, e para tantas pragmaticas economicas, que sendo instituidas para remedio, viéraõ por esta causa a ser discredito. E seja a ultima, e unica resoluçaõ do Principe justo, tratar as suas Leys como suas, sustentando-as, e mantendo-as em seu vigor inviolavel, e indispensavelmente: porque o que a Ley néga a todos sem injuria, despois que se concéde a hum (ainda que seja com razaõ) naõ se póde negar a outro sem aggravo. E he melhor, mais fácil, e mais decente, que as mesmas Leys digaõ o Naõ conservando se, do que quebrallas o Principe pelo naõ dizer.

§. VI. O

§. VI.

O Quarto, e ultimo meyo, ou induſtria de evitar o Naõ, he anticipar os provimentos, e naõ ter lugares vagos, porque tanto que o lugar eſtá provîdo, céſſão as pertençoens. Admiravel he a diligencia, e cuidado, que a natureza poem em impedir o vacuo, e que em todo o univérſo naõ haja lugar vazio. A eſte fim vemos ſobir a agoa, deſcer o ar, mover-ſe a terra, romper-ſe os marmores, eſtalarem os bronzes, e correrem todas as criaturas com impeto contra ſuas proprias inclinaçoens. Daqui naſcem os frequentes terremotos, e os extraordinarios, e horrendos, que naõ poucas vezes derribáraõ, e deſtruiraõ Cidades inteiras. O meſmo que faz a natureza por impedir o vacuo, faz a ambiçaõ pelo occupar. Em havendo lugares vagos, de todas as partes concorrem tumultuariamente a elles os pertendentes, naõ por impedir (que ſó ſe impedem huns a outros) mas por occupar o vacuo, e tanto com mayor, e mais violento impeto, quanto a natureza acóde ao bem commum do univerſo, e a ambiçaõ ao particular de cada hum. E quaes ſejaõ os terremotos, e perturbaçoens da Républica, que daqui ſe levantaõ, baſta que o digaõ as batalhas interiores de Roma no concurſo dos Conſulados. No governo Monarchico he muito fácil atalhar todos eſtes inconvenientes, anticipando o vacuo de tudo aquillo, que ſe póde pretender, ou pedir, com previnir vigilantemente que naõ haja lugares vagos. E aſſim o déve fazer todo o prudente Principe.

Par-

Partindo-se Christo para o Ceo, mandou a seus Apostolos, e Discipulos que se recolhessem a Jerusalém, e que alli esperassem a vinda do Espirito Santo, que naõ tardaria muitos dias. Fizéraõ-no assim recolhidos ao Cenaculo. E Saõ Pedro, que já tinha recebido a investidura de Principe da Igreja, sem esperar que o Espirito Santo viésse, a primeira, e unica cousa, que logo fez, foy provêr, como provêo em Saõ Matthias o lugar, que estava vago pela morte de Judas. Ninguem haverá, que se naõ admire desta notavel resoluçaõ, e acçaõ de Saõ Pedro em tal lugar, e tal tempo. O tempo, em que os Apostolos se haviaõ de repartir pelo mundo, naõ era chegado, nem havia de ser, como naõ foy, senaõ dahi a alguns annos despois de compostos, e bem assentados os fundamentos de hum taõ grande edificio, como era o da nova, e universal Igreja. Pois porque naõ dilata Saõ Pedro este provimento, ao menos por alguns dias, e porque naõ espera que desça o Espirito Santo sobre elle, para fazer com mais infallivel acerto a eleiçaõ daquelle lugar? Porque tanto importa, e tanto entendeo Saõ Pedro que importava, que os lugares naõ estejaõ vagos, nem por hum momento. *Oportet*, foy a primeira palavra, com que começou a sua proposta o grande Principe do Apostolado, e as ultimas, com que concluio a sua oraçaõ: *Accipere locum ministerii hujus, & Apostola-* Act. 1. *tus, de quo prævaricatus est Judas, ut abiret in locum* 25. *suum.* Os que alli se achavaõ, como nota o Evangelista, eraõ cento e vinte homens: (que bastava serem homens para se temer algum inconveniente) *Erat au-* Act. 1. *tem turba hominum simul fere centum viginti.* Os que se 15.

con-

convertêraõ; e ſe lhe aggregáraõ no meſmo dia, em
Act. 2. 41. que deſcêo o Eſpirito Santo, foraõ tres mil: *Et appoſitæ ſunt in die illa animæ circiter tria millia*: o numero, que deſpois accreſcêo, foy muito mayor: e em tanta multidáõ de gente, toda capaz de aſpirar, e pertender aquelle lugar, ſe eſtivéſſe vago; bem ſe vê quam perigoſa occaſiaõ podia ſer de perturbar a paz, e esfriar a uniáõ dos que convinha que foſſem co-
Act. 4. 32. mo verdadeiramente diz o Evangeliſta que eraõ: *Cor unum, & anima una*: pois para previnir eſte perigo, e os inconvenientes, que delle humanamente ſe podiaõ temer, provejaſe logo o lugar, (diz Saõ Pedro) e naõ eſteja hum momento vago; donde ſe ſeguirá que vendo-o os preſentes, e achando-o os que viérem, provido, a todos ſe tirá a occaſiaõ de o pertender, ou pedir. Nem ſe podia duvidar, que provimento, que parecia anticipado, e a eleiçaõ delle, ſeria acertado; porque como Saõ Pedro por razaõ do ſeu officio tinha ſegura a aſſiſtencia do Eſpirito Santo (poſto que o meſmo Eſpirito deſcêo ſobre todos viſivelmente ao decimo dia) naquelle meſmo dia deſcêo inviſivelmente ſobre Saõ Pedro, como já tinha deſcido, quando efficazmente lhe inſpirou que naõ dilataſſe o provimento.

Se aſſim o fizerem os Principes ſeculares, a quem tambem por ſeu modo naõ falta a aſſiſtencia do Eſpirito Santo, eſta ſerá huma diſcreta politica, com que livrem aos pertendentes do trabalho, ou tentaçaõ de pedir, e a ſi meſmos das occaſioens de negar. A mayor, e mais difficultoſa occaſiaõ, que tem havido neſte genero, foy o provimento da ſucceſſáõ de David. Queria David, e ſabia que era conveniente

veniente ao bem do Reyno que o seu succeſſor foſſe Salomaõ, e que aſſim o tinha Deos decretado. Contra iſto eſtava ſer Salomaõ illegitimo, e menor, e Adonías ſeu competidor naõ ſó legitimo, mas de todos os filhos de David, que entaõ viviaõ, o primogenito, e como tal aſſiſtido do ſéquito commum do Eccleſiaſtico, e popular, e de grande parte da milicia. Era chegado o negocio a termos, que em hum banquete, que naquelle dia tinha dado Adonías a todos os Principes, e Senhores da ſua parcialidade, já ſe lhe faziaõ os brindes á ſaude delRey. Teve noticia diſto naquella meſma hora David, e que reſoluçaõ tomaria? Séle-ſe, diz, a minha mula (que eraõ os cavallos, de que entaõ uſavaõ os Reys) monte nella Salomaõ, e ungido pelo Profeta Natán, ſaya por Jeruſalém com trombetas, e atabales diante, e digaõ todos: Viva ElRey. Aſſim ſe executou no meſmo ponto: ouvio-ſe no banquete com aſſombro o ſom das trombetas; ſoube-ſe o que paſſava; retiraraõ-ſe cheyos de medo os convidados, e todos no meſmo dia beijáraõ a maõ a Salomaõ. Mas que razaõ deo de ſi David, e do que tinha mandado? Como reſpondeo ao direito, e pertençaõ de Adonías? E como enfeitou, ou adoçou o Naõ de o naõ ter nomeado a elle? Nenhuma couſa lhe diſſe, nem teve neceſſidade de lha dizer: porque vendo Adonías o lugar provido, compoz-ſe com a ſua fortuna, foy beijar a maõ a Salomaõ, e nem a elle, nem a ſeu pay replicou hũa ſó palavra. Tanto importa o prompto provimento dos lugares, para pôr ſilencio á ambiçaõ dos pertendentes, e tambem ao Naõ dos Principes.

A praxe deſta politica exercitou glorioſamente no noſſo Reyno ElRey Dom Joaõ o Segundo, digno de ſer chamado Dom Joaõ o do bom memorial; aſſim como Dom Joaõ o Primeiro ſe chamou o de boa memoria. Tinha eſte prudentiſſimo Rey hum memorial ſecréto, no qual trazia apontados todos os que ſe avantajavaõ em ſeu ſerviço, ou foſſem Miniſtros do Eſtado, ou da Juſtiça, ou da Fazenda, ou da Guerra: e ſegundo o mericimento de cada hum lhe tinha deſtinado os lugares, e os premios, aſſim como foſſem vagando. Era proverbio dos Hebrêos, de que tambem uſou Chriſto: *Ubicumque fuerit corpus, illic congregabuntur & Aquilæ.* Onde houver corpo morto, logo alli correraõ as Aguias. Falla das Aguias Vulturinas, que ſaõ aves de rapina, as quaes tem agudiſſima viſta, e ſubtiliſſimo olfato, que em vendo, ou cheirando corpo morto, logo correm a empolgar, e cevar-ſe nelle. Aſſim ſuccede com a ambiçaõ dos pertendentes a todos aquelles, por cuja morte vaga Officio, Commenda, Vara, Cadeira, Mitra, Governo, ou outro emolumento util, e pingue, em que empregar (naõ digo as unhas) as mãos. Mas que fazia neſtes caſos quotidianos o Rey do bom memorial? Como nelle tinha já deſtinadas as poſſoas, a quem havia de fazer o provimento, reſpondia, que ja o Lugar, Officio, ou Beneficio eſtava provido, e as Aguias, que corriaõ famintas aos deſpojos do morto, encolhiaõ as azas, embainhavaõ as unhas, e ainda que queriaõ graſnar, tapavaõ o bico.

Luc. 17. 37.

He o que acontecêo hoje aos noſſos dous pertendentes. A razaõ, com que Chriſto lhes tapou a

boca

boca, foy com dizer, que aquelles lugares já estavaõ destinados, e dados a outrem: *Non vobis, sed quibus paratum est à Patre meo.* Se vós soubereis, que para se proverem os lugares do meu Reyno, naõ se espéra que concorraõ os pertendentes a pedillos, senaõ que muito antes disso estáõ já destinados, he certo que os naõ pertendereis, nem pedireis; mas porque naõ sabeis este estylo do meu Governo, por isso pedís, e naõ sabeis o que pedís: *Nescitis quid petatis.* No mesmo caminho, em que se fez esta petiçaõ, acabava Christo de dizer que hia a Jerusalém a morrer. Joaõ era a Aguia, e Diogo seu irmaõ; e como lhe cheirou a corpo morto, tambem quizéraõ empolgar, e aproveitar-se da occasiaõ: mas ainda que os lugares, que pediaõ, tivéssem sido do morto, e elle fora como os outros mortos, que morrem, e naõ resuscitaõ, nem por isso sabiaõ o que pediaõ; porque o segredo altissimo de destinar os lugares antes que vaguem, faz que, ainda que morraõ as pessoas, os Officios sempre ficaõ, e estáõ vivos. Imitem pois os Principes aquella regra universal da natureza: *Corruptio unius est generatio alterius:* E assim como ella naõ permitte que a materia esteja sem forma nem por hum instante, assim elles tirem do mundo a vacancia dos lugares, e naõ consintaõ, que vaguem, ou estejaõ vagos hum só momento, se naõ sempre providos, e vivos.

Pódem replicar a isto os nossos pertendentes; que os lugares, que pediaõ, naõ eraõ vacantes, senaõ criados, ou que se haviaõ de criar de novo. Mas tambem esta instancia se desfaz com o *quibus paratum*

eſt; e com a prevenção, ou predeſtinação dos providos. Deos quando cria Officios de novo, primeiro cria os Officiaes que os Officios: e aſſim já nascem providos ſem terem inſtante de vagos. No principio do mundo criou tres preſidencias, duas no Ceo, e huma na terra: mas primeiro criou os preſidentes que as preſidencias. A primeira preſidencia do Ceo foy a do Sol, para que preſidiſſe ao dia; e a ſegunda a da Lua, para que preſidiſſe á noite; mas antes que criaſſe eſtas preſidencias, já tinha criado
Geneſ. 1. 16. hum, e outro preſidente: *Fecit duo luminaria magna, luminare majus, ut præeſſet diei, luminare minus, ut præeſſet nocti.* A preſidencia da terra foy a do homem ſobre todos os animaes do mar, do ar, e da meſma terra, mas tambem eſtava já criado o Preſidente, antes que ſe criaſſe a preſidencia:
Geneſ. 1. 26. *Faciamus hominem ad imaginem, & ſimilitudinem noſtram, ut præſit piſcibus maris, & volatilibus Cæli, & beſtiis, univerſæque terræ.* O meſmo eſtylo obſervou Deos em todos os Officios, que criou de novo. Houve de criar de novo o Reyno de Iſrael, e primeiro criou o Rey, e mandou ungir a Saúl por Samuél, do que criaſſe, e lhe déſſe o Reyno. Houve de criar de novo o Officio de reſtaurador do mundo, e primeiro, e cem annos primeiro nomeou a Noé, e lhe mandou fabricar a Arca, do que lhe déſſe, e exercitaſſe o Officio. Não poſſo deixar de me lembrar neſte paſſo de quantas vezes ſe tem viſto as náos da India de vergas de alto, ſem ſe ſaber, nem eſtar nomeado quem as ha de governar. Nós começamos as noſſas náos pela quilha, Deos começou a ſua pelo Piloto. Aſſim o fez tambem Chriſto. Muito antes de morrer

rer nomeou a Saõ Pedro, e depois de resuscitar lhe entregou a barca. Imitem esta politica do Ceo os Principes da terra: dos Officios, que se criarem, façaõ primeiro os Officiaes, que os Officios: e nos ordinarios, e de succesláõ tenhaõ-lhe prevenidos os succesores, para que, vagando, naõ estejaõ vagos: e desta sótte activa, e passivamente cessará em grande parte o desagrado do Naõ.

§. VII.

TEmos apontado os meyos, com que anticipadamente se podem atalhar, ou diminuir as occasioens de se dizer, nem ouvir este taõ duro adverbio. Mas porque se pódem offerecer com tudo algumas, em que seja forçoso negar, vejamos agora o modo, ou modos, com que em taes casos, com menos sentimento dos vassallos, e menor mortificaçaõ do Principe, se ha de dizer o Naõ. ElRey, que está no Ceo, disse a hum seu confidente, que tinha vinte e quatro modos de negar: teve esta noticia hum Embaixador, que havia tempos requeria certo despacho; e com a confiança de criado antigo, que tinha sido de Sua Magestade, começou huma nova instancia com estas palavras: Cá ouço, que Vossa Magestade tem vinte e quatro modos de negar: Senhor, se Vossa Magestade tem vinte e quatro modos de negar, eu tenho vinte e cinco de pedir. Quaes fossem estes vinte e quatro modos de negar, eu o naõ sey, nem me occorrem, mas como saõ, e podem ser mais os modos de pedir, necessario será contra a importunidade dos pertentes

dentes repulſallos tal vez com hum Naõ mais, ou menos deſenganado, ſegundo o que pedir a materia.

Primeiramente me parece, que ſaõ merecedores de hum Naõ muito claro, e muito ſecco, certo genero de alvitreiros, que inventando, e offerecendo novos arbitrios, e induſtrias de accreſcentar o Erario, ou fazenda Real, juntamente dizem, (e aqui bate o ponto) que elles haõ de ſer tambem os executores, e para iſſo pedem meyos. e jurisdiçoens. Naſcêo ſizania, diz Chriſto, entre a ſeara de hum pay de familias; o que vendo os criados, viéraõ logo muy zeloſos encarecendo aquella perda da fazenda de ſeu amo, e offerecendo-ſe a ir mondar á ſeara, e arrancar a ſizania: *Vis, imus, & colligimus eam?* Quereis, Senhor, que a vamos colher? Colher, diſſéraõ, e naõ arrancar, porque eſtes zelos, e offericimentos ſempre ſe encaminhaõ á colheita. Reſpondêo o pay de familias ſem lhes agradecer o cuidado: E que reſpondêo? *Ait illis: Non.* Diſſe-lhes: Naõ. Aſſim ſe ha de reſponder com hum Naõ muito ſecco, e muito reſoluto a ſimilhantes propoſtas. O Pay de familias entendia melhor de lavoura, que os criados: os criados repreſentavaõ a utilidade, e o amo reconhecia os inconvenientes: elles diziaõ que queriaõ mondar a ſeara: e elle reconhecêo, que haviaõ de arrancar o trigo: *Ne colligentes zizaniam, eradicetis ſimul & triticum.* Nem ſe ha de fazer o que quereis, nem o haveis de fazer vós: farſe-há a ſeu tempo, e fallo haõ os ſegadores, que he ſeu officio, e o entendem: *In tempore meſſis dicam meſſoribus.* Quando os que naõ entendem

Matt. 13. 28.

Matth. 13. 29.

Matt. 13. 29.

Matth. 13. 30.

tendem ás couſas, nem tem experiencia dellas, offerecem alvitres, e ſe offerecem para os executar, ſendo as utilidades ſó apparentes, as occaſioens intempeſtivas, e os damnos certos (como ordinariamente acontece) deſpeça-os o Pay de familias a elles, e ás ſuas propoſtas, e diga-lhes hum Naõ muito rezumido, e muito claro: *Ait illis: Non.*

Em outras occaſioens de negar ſe coſtuma negar hum Naõ com outro; e porque he modo muito ordinario, e uzado, naõ he bem que paſſe ſem exame, e ſem cenſura. Negou Labáõ a Jacob o premio de ſete annos de ſerviço, em que ſe concertáraõ, e em lugar de Rachel, (que foy peyor que negar) como quem paga com moeda falſa, lhe introduzia a Lia. Deſcubrio a luz do dia o engano: queixou-ſe Jacob a Labáõ de lhe naõ ter dado a Rachel: *Nonne pro Rachel ſervivi tibi?* E que ſatisfaçaõ lhe daria Labáõ, que quer dizer o Candido? Deſculpou hum Naõ com outro Naõ, dizendo que naõ era coſtume da ſua terra caſarem em primeiro lugar as filhas ſegundas: *Non eſt in loco noſtro conſuetudinis, ut minores ante tradamus ad nuptias.* E he coſtume da voſſa terra naõ cumprir o promettido? He coſtume da voſſa terra enganar? He coſtume da voſſa terra mentir? He coſtume da voſſa terra faltar á juſtiça, e á razaõ, e dar por eſcuza, que naõ he coſtume? Paſſemos da terra de Labaõ á noſſa. Em toda a terra, como demoſtra Ariſtoteles, he Ley natural que os Sabios governem, e mandem, e os que menos ſabem, obedeçaõ, e ſirvaõ. Em toda a terra he Ley natural, confirmada com as Civís, que os que forem mais eminentes em cada genero, ſubaõ aos ma-

Geneſ. 29. 25.

Geneſ. 29. 26.

yores

yores lugares, e tenhaõ os primeiros premios. Mas tire-ſe por excepçaõ a noſſa terra, na qual para alcançar eſtes premios, e para ſubir a eſtes lugares, naõ baſta a eminencia dos talentos, nem dos merecimentos, ſe falta certo gráo de qualidade; baſtando ſó eſſa qualidade ſem outro merecimento; nem talento, para pertender, e alcançar, ou alcançar ſem pertender os meſmos lugares. E ſe os Extrangeiros ſe admiraõ, e paſmaõ de ver que os homens, que elles, e o mundo venéra, naõ occupem aquelles poſtos; reſponde ſe a eſte Naõ com outro Naõ: *Non eſt in loco noſtro conſuetudinis.* Se hum dos noſſos pertendentes do Evangelho (e ſeja Santiago, que veyo a Portugal) viéra hoje, e em lugar da cadeira, que pedio, pertendêra a de qualquer Biſpado do Reyno, haviaõ-lhe de reſponder, que no Reyno
124. naõ; porque era filho de hum peſcador: que o mayor favor, que ſe lhe podia fazer, era dar lhe hum Biſpado Ultramarino: e logo lhe nomeariaõ fabricamente o de Meliapôr. Se Joſué conquiſtador de trinta e tres Reynos, e de quem ſe prezou o Sol ſer Soldado, quizeſſe ſer Capitaõ General, tambem lhe haviaõ de oppor, que tinha ſido criado de Moyſés: e Joſeph, o qual teve mayor induſtria, que todos os homens, para adquirir fazenda a ſeu Rey, e mayor fidelidade para a conſervar; ſe quizeſſe ſer Veador da Fazenda, vede ſe lho conſentiriaõ as ovelhas, que tinha guardado ſeu pay? Naõ fallo em Bártholo, ſe lhe vieſſe ao penſamento a regencia da juſtiça, ou a Navarro a da conſciencia; porque o ſegundo tendo enſinado em Portugal, com aſſombro de todas as Univerſidades, o que aprendeo na

na de Coimbra, foy a tomar por si o Naõ, e ir morrer nas terras extranhas, porque se lhe naõ dissesse na nossa: *Non est in loco nostro consuetudinis.* A censura deste, que se chama costume, he que naõ he costume, senaõ abuso contrario á natureza, á razaõ, á virtude, e prejudicial á República: e que os Principes, que se escuzaõ com este modo de Naõ, elle naõ só os naõ escuza, mas accuza, e condemna mais, fazendo os odiosos aos vassallos, ao mundo, e ao mesmo Deos, o qual por isso fez a todos os homens filhos do mesmo Pay, e da mesma Mãy.

Excluido pois este abuso particular da nossa terra, o modo, que em todas, e todos approvaõ, e os melhores politicos ensinaõ como mais decente, he, que nas occasioens de negar, para abrandar a dureza do Naõ, despois de mandar consultar as materias, se escuze o sabio Principe com os seus Conselhos. He necessario porém advertir neste meyo; que deve ser applicado com tal moderaçaõ, e cautéla, que por enfeitar o Naõ, naõ se affêe a authoridade do Rey, nem o credito dos Conselhos, nem as mesmas razoens da escuza. Negou ElRey Achiz a David a licença, que lhe pedia para o servir em certa guerra como aventureiro entre suas mesmas Tropas, e escuzou o Naõ com os seus Conselheiros: *Non places Sátrapis.* Porém antes de chegar a pronunciar este Naõ, e despois delle, fez com juramento hum protésto mais honrado para quem o ouvia, que para quem o jurava: *Vivit Dominus, quia rectus es tu, & bonus in conspectu meo, sed non places Sátrapis: scio quia bonus es tu in oculis* 1. Reg. 29. 6.

lis meis ficut Angelus Domini. Juro-vos, David, que no meu conceito ſois réćto, e bom, e me pareceis taõ bom, e taõ réćto como hum Anjo de Deos; mas naõ contentais aos do meu Conſelho. Quantas couſas ſe négaõ aos grandes ſujeitos como David, naõ porque naõ ſejaõ dignos, e digniſſimos dellas, mas porque naõ contentaõ aos do Conſelho dos Reys? Se diſſéra que lhes naõ contentavaõ os offericimentos de David, motivos podiaõ ter para iſſo, mas que lhe naõ contentava a peſſoa: *Non places?* E ſe o conceito do Rey era taõ diverſo, que o tem por homem juſto, e bom, e que mais lhe parece Anjo que homem; porque ſe naõ conforma o Rey antes com o ſeu parecer, e com o ſeu juizo, que com o contentamento dos Conſelheiros? E já que ſe conforma com elles na reſoluçaõ; porque a intíma a David floreada de tantos louvores, que os meſmos louvores confutaõ, e condemnaõ a negativa? Tudo iſto diſſe Achiz para enfeitar o Naõ, com que negava a David o que lhe pedia; mas com eſtes meſmos effeitos affeou primeiramente a authoridade, e ſoberania de Rey, porque ſeguindo o voto dos Conſelheiros contra o juizo, e experiencia propria, moſtrou que era ſubdito dos ſeus Conſelhos, e naõ Superior, e Senhor: affeou tambem o credito dos meſmos Conſelhos; porque dizendo que David lhe naõ contentava, moſtrou que ſe governavaõ mais pelo affecto das peſſoas, que pelo mericimento das cauſas: e affeou finalmente a meſma razaõ, com que ſe eſcuzava; porque ſendo os procedimentos de David taõ réćtos, como elle reconhecia, juraya, e tinha experimentado,

perimentado, elles meſmos desfaziaõ toda a chamada razaõ da eſcuſa, e convenciaõ ſer pretexto, Havendo pois o Principe de ſe eſcuzar, ou eſcudar com os ſeus Conſelhos; diga que mandou conſiderar a materia, e que ſe conformou com elles, e naõ diga mais.

§. VIII.

ISto he, Senhor, o que prudentemente enſina a politica humana; confirmada mais altamente com os documentos da ſagrada, que tenho referido: o meyo porém, que ſobre todos repreſento, e offereço a Voſſa Alteza, para a felice adminiſtraçaõ do Sceptro, que com taõ particular providencia poz nas Reaes mãos de Voſſa Alteza a divina, he o exemplo do Filho de Deos nas palavras, que tomey por Thema, taõ proprias do tempo, circunſtancias, e occaſiaõ preſente, que parecem ditadas, e eſcriptas ſó para ella. Negou Chriſto aos dous irmãos os lugares, que pediaõ; e o meyo, com que lhes adoçou a elles o Naõ, e com que o fez decoroſo, e decentiſſimo para ſi, foy com allegar os decretos; e diſpoſiçoens de ſeu pay: *Non eſt meum dare vobis, ſed quibus paratum eſt à Patre meo.* Naõ he meu, diz o Senhor, concedervos o que pedís, porque eſſes lugares já meu Pay os decretou para outros: e aſſim como delle herdey o poder, aſſim delle hey de ſeguir, e confirmar os decretos. Iſto he o que devem imitar os Principes herdeiros, e tanto mais glorioſamente, quanto filhos de pays mais glorioſos. He conſequencia natural, que com o

Sol, que ſe poem, ſe eſcureçaõ huns lugares, e com o que naſce, ſe alumiem outros; e eſta he a Alva, ou o alvo das pertençoens no Oriente dos Reys, que começaõ, e Occaſo dos que acabaõ. Mas o Principe, que teve a fortuna de ſucceder a hum Pay taõ digno das ſaudades dos vaſſallos, como da imitaçaõ dos filhos, com ſe referir ás eleiçoens de ſeu Pay, ſe livra de innovar outras. Se Joaõ, e Diogo ou por ſi, ou por outrem fizerem inſtancias, reſponda com o formulario do Rey dos Reys: *Non vobis, ſed quibus paratum eſt à Patre meo.* E ſerlhe-há taõ facil o Naõ, como decoroſo, e reverente.

Haverá, naõ duvido (como ſempre ha nos novos Reynados) ambiçoens dezejoſas de ſe introduzir, que aconſelhem, e perſuadaõ o contrario. Mas quaes ſejaõ os effeitos deſtas novidades que taõ decentemente ſe ouvem, e taõ facilmente ſe abraçaõ, bem o podem ver os Conſelheiros, e os aconſelhados, e eſcramentar (ſe quizerem) no novo, e infauſto Reynado de Roboam, filho delRey Salomaõ, por cuja morte o juráraõ todos os doze Tribus de Iſrael nas Cortes de Sichém. Aſſentáraõ tambem nas meſmas Cortes pedir ao novo Rey os aliviaſſe dos tributos, que pagavaõ no tempo de ſeu Pay, os quaes por occaſiaõ das fabricas aſſim do Templo, como dos Palacios Reaes, e muito mais pela exceſſiva diſpeza, com que Salomaõ ſuſtentava tanto numero de Rainhas, chegáraõ a ſer inſupportaveis. Feita eſta petiçaõ, diz o Texto Sagrado, que chamou Roboaõ a conſelho os velhos do tempo de ſeu Pay, e que todos lhe aconſelháraõ concedeſſe benignamente aos Povos o que taõ

juſta-

juſtamente pediaõ, porque aſſim lhe ganharia as vontades, e ſe conſervaria no Reyno. Naõ ſe aquietando porém Roboaõ com eſte conſelho, diz o meſmo Texto que conſultou o negocio com os moços, com quem ſe tinha criado, e o aſſiſtiaõ, e que aconſelhado por elles, reſpondêo ao Povo, que o ſeu dedo meminho era mais groſſo, que ſeu Pay pela cintura, e que conforme eſta differença da ſua grandeza naõ ſó lhes naõ havia de moderar o açoute dos tributos, mas que ſe as corrêas no tempo de ſeu Pay eraõ de couro, no ſeu haviaõ de ſer de ferro: *Pater meus cæcidit vos flagellis, ego autem cædam vos* 3. *Regi* *ſcorpionibus.* Eſte foy o conſelho, e eſta a reſpoſta, 12. 24. e o ſucceſſo em ſumma, qual ſe podia eſperar de tal reſpoſta, e de tal conſelho. Porque das dozé Tribus, que juráraõ a Roboaõ por Rey, as dez lhe negáraõ logo a obediencia, e a déraõ a Jeroboaõ, criado que tinha ſido de ſeu Pay: querendo antes ſer vaſſallos de hum criado de Salomaõ, que de hum tal filho de Salomaõ.

E ſe buſcarmos a origem de taõ infelice, e deſeſtrado ſucceſſo, em que hum Rey ſem batalha perdéo as dez partes do ſeu Reyno para ſi, e para todos ſeus deſcendentes, em huma hora; acharemos que foy por naõ querer conſervar os Miniſtros antigos, que aſſiſtiaõ ao lado de ſeu Pay, e tomar outros. Aſſim o diz, e pondéra a Eſcriptura: *Reliquit conſilium ſenum, qui aſſiſtebant coram Sa-* 3. *Reg.* *lomone Patre ejus, cum adhuc viveret; & adhibuit ado-* 12. 8. *leſcentes, qui nutriti fuerant cum eo, & aſſiſtebant illi.* Notay eſte, e aquelle *aſſiſtebant.* A cauſa proxima da ruina de Roboaõ foy deixar o maduro conſelho dos

dos velhos experimentados, e tomar o dos moços orgulhoſos, e ſem experiencia. Mas a origem deſſa meſma cauſa eſteve hum paſſo mais atraz, que foy mudar os Miniſtros, que aſſiſtiaõ ao lado de ſeu Pay: *Qui aſſiſtebant coram Salomone Patre ejus:* e criar de novo aquelles, com que ſe tinha criado, para que o aſſiſtiſſem a elle: *Qui nutriti fuerant cum eo, & aſſiſtebant illi.* A ultima decocçaõ dos negocios fazſe entre os Miniſtros, que eſtaõ ao lado dos Reys, como ſe vio neſte meſmo caſo: e ſe os meſmos, que aſſiſtiaõ a Salomaõ, aſſiſtiſſem a ſeu filho; o voto deſtes havia de ſer o que prevaleſceſſe, e os Povos ficariaõ contentes, o Reyno inteiro, o Rey obedecido, e amado, e Roboaõ, que dizia que era mayor que ſeu Pay, taõ grande como elle.

Nem dève paſſar ſem advertencia a repetiçaõ enfatica, com que o Texto Sagrado deſpois de dizer: *Aſſiſtebant coram Salomone:* accreſcenta, *Patre ejus.* Parece deſneceſſaria eſta nova expreſſaõ, pois de toda a narraçaõ da hiſtoria conſtava ſer Salomaõ Pay de Roboaõ. Mas foy nota, e ponderaçaõ digniſſima de ſe naõ diſſimular, como de huma mayor circunſtancia, que notavelmente aggrava o caſo. Porque ainda que os Miniſtros, de quem Salomaõ em ſua vida ſe tinha ſervido junto á ſua Peſſoa, por ſerem Miniſtros do Rey mais ſabio que teve o mundo, mereciaõ ſer eſtimados, honrados, e conſervados no lugar, que com elle tinhaõ, ſó por ſerem Miniſtros de ſeu Pay (ainda que eſſe Pay naõ fora Salomaõ) ſe devia Roboaõ ſervir delles, e tellos ſempre junto a ſi, e fazer mayor confiança da ſua fidelidade, da ſua verdade, do ſeu zelo, e do ſeu

amor

amor, que do de todos os outros: *Amicum tuum, & amicum patris tui ne dimiseris:* diz o Espirito Santo por boca do mesmo Salomaõ: O amigo, que foy amigo de teu pay, naõ o apartes de ti. E que mais tem os amigos, que foraõ amigos dos pays, do que os amigos novos, e particulares dos filhos? Tem de mais aquella differença, que ha entre o certo, e o duvidoso. Os amigos novos, que os filhos elegem, poderá ser que sejaõ bons, e fieis amigos: mas os que foraõ amigos dos pays, já he certo que o saõ, porque estes já estáõ experimentados, e provados, aquelles ainda naõ. Até em Deos tem sua força esta consequencia. Quando Deos apparecêo a Moysés na Çarça, naõ sabendo elle quem era, disse-lhe: *Ego sum Deus Patris tui*: Eu sou o Deos de teu Pay: hirás libertar o Povo, e dirlhe-hás, para que te dem credito, que o Deos de seus Pays te manda: *Deus Patrum vestrorum misit me ad vos.* Queria-os libertar do captiveiro de Faraó, e para os assegurar deste grande beneficio, naõ só disse, que era Deos, que o podia fazer, mas que era Deos de seus Pays, para que estivessem certos, que o faria. Por isso disse sabiamente Isocrates, que os mais seguros amigos saõ os que se herdáraõ. A amizade dos que se fazem de novo, he duvidosa; a dos que se herdáraõ, e vem de pays a filhos, certa. E daqui conclue este famosissimo Filosofo: *Liberos hæredes esse non modo facultatum, sed amicitiarum paternarum*: Que os filhos naõ só saõ, e devem ser herdeiros da fazenda dos pays, senaõ tambem dos amigos. Se Roboaõ assim como herdou a Coroa, herdára tambem os amigos de seu pay, elle naõ perderia

Prov. 27. 10.

Exod. 3. 6.

Exod. 3. 33.

ria o Reyno; mas porque herdando o Reyno, quiz fazer novos amigos, elles o perdêraõ.

Quando eſtes ſe quizéraõ introduzir á aſſiſtencia da Peſſoa, e lugares do lado de Roboaõ, facilmente, e ſem os eſcandalizar lhe poderá elle dizer, que eſtavaõ diante os que tinhaõ ſervido a ſeu Pay, e de quem elle tinha feito eleiçaõ: *Non vobis, ſed quibus paratum eſt à Patre meo*: mas o erro de Roboaõ eſteve em que os que ſe tinhaõ criado com elle a primeira couſa, que lhe perſuadiraõ, foy que as ſuas eleiçoens haviaõ de ſer melhores. Porque ſe poderaõ tanto com as ſuas liſonjas, e ſe cegou tanto com ellas o pobre moço, que ſe perſuadio, e ſe atreveo a dizer que o ſeu annel tinha mayor roda, que o cinto de ſeu Pay, como lhe naõ meteriaõ tambem em cabeça, que ſendo ſeu Pay Salomaõ, ſabia mais que elle? Eſta he a cegueira, em que ordinariameete cahem os filhos dos Reys, e por iſſo em ſuccedendo no governo. mudaõ criados, e officios, e quanto ſeus Pays tinhaõ ordenado; naõ advertindo, que em materia de provêr lugares ſabem mais os Pays com os olhos fechados, que os filhos, por mais ſábios que ſejaõ, com elles abertos. Eſtava Jacob já cego com a velhice, quando ſeu filho Joſeph lhe prezentou os dous netos Manaſſés, e Efraím, para que lhes lançaſſe a bençaõ. Era Manaſſés o mayor, e por iſſo lho poz Joſeph á maõ direita, como a Efraím, porque era o menor, á eſquerda: porém Jacob recuzou, e trocou as mãos, e poz a direita ſobre a cabeça de Efraím, e a eſquerda ſobre a de Manaſſés. Naõ Senhor, replicou Joſeph, que eſte, ſobre que pon-

des

des à maõ direita, he o menor; e ò mayor fica á esquerda. E que responderia Jacob? Que responderia o Pay cego? *Scio, fili mi, scio:* bem sey fi- *Genes.* lho meu, qual he o mayor, e o menor, e bem 48. 19. sey tambem o que faço. Sey qual he o mayor, e o menor, porque sey o que vós vedes: e sey tambem o que faço, porque sey o que naõ vedes. Vós vedes só as idades desses dous meninos, eu vêjolhes as idades, e mais as fortunas. E porque a fortuna de Efraím ha de ser muito mayor, que a de Manassés, por isso ponho a maõ direita sobre o que vós tendes por menor, e a esquerda sobre o outro. Joseph era taõ sábio, como todos sabem, e como experimentou, e admirou o Egypto, onde succedêo este caso. E com tudo Jacob estando cego, via duas vezes mais que Joseph, e sabia duas vezes mais que elle *Scio, fili mi, scio*: porque mais sabe (como dizia) hum pay com os olhos fechados, que o mais sábio filho com elles abertos. Cuidem os filhos, e naõ desconfiem de que se cuide, que seus pays sabem mais que elles.

Huma vez perguntáraõ os Discipulos a Christo, quando havia de restituir o Reyno de Israel, e outra vez, quando havia de ser o dia do juizo; e de ambas as vezes se escuzou o Senhor com responder, que estes segredos só os sabia seu Pay. Pois, Mestre Divino, em quem o mesmo Pay tem depositado os thesouros de sua sabedoria, naõ sabeis vós tambem estes dous segredos? Sim sey, mas sey-os para os guardar, naõ os sey para os dizer. Excellente soluçaõ: e

eſta he a verdadeira deſtes dous textos. Será bem, com tudo, Senhor, que cuidem os voſſos Diſcipulos, que naõ ſabeis tudo? Como a comparaçaõ naõ he mais que entre meu Pay, e mim, cuidem embora. Nenhum filho deve deſconfiar de que ſe cuide que ſeu pay ſabe mais que elle. E aſſim o ha de entender, e ſuppor, como tambem Chriſto o ſuppunha, em quanto homem. E ſe al-
132. guem me replicar, que eſte, ou ſeja conhecimento, ou modeſtia, naõ he taõ decente, nem taõ decoroſa nos outros filhos, como em Chriſto, porque ſeu Pay he Deos; digo, que os outros Pays, em reſpeito de ſeus filhos, tambem ſaõ Deoſes: ou quando menos, que os filhos os devem eſtimar, e venerar como taes, para ſeguir ſeus dictames: *Filij probi parentes ſuos tanquam Deos quoſdam viſibiles colunt, & obſervant:* diz Philo, os bons filhos veneraõ a ſeus Pays como Deoſes viſiveis, e como de taes obſervaõ ſeus exemplos. Eſta ſentença tomou o Plataõ dos Hebrêos do Plataõ dos Gregos, o qual chamou aos Pays: *Domeſtica Numina*, Deoſes domeſticos: e accreſcenta que os dictames dos Pays, como de Deoſes, haõ de ſer recebidos, e obſervados dos filhos, naõ como conſelhos ou preceitos, ſenaõ como oraculos: *Parentum dogmata à filiis velut oracula excipienda ſunt.* Finalmente porque naõ faça duvida eſta doutrina, que Plataõ dictou ſem fé de Deos, e Philo ſem fé de Chriſto, e para que della poſſamos colher, e gozar os abundantes, e feliciſſimos fructos, que noſſas eſperanças nos promettem, fechemos eſte taõ importante

te discurso, com o oraculo irrefragavel do Espirito Santo, o qual mandou prégar pelo filho de Syrach a todos os filhos: *Judicium patris audite filii, & sic facite, ut salui sitis.* Filhos, ouvi o juizo de vosso pay, e fazeyo assim, para que vos conserveis nesta vida, e vos salveis na outra. Eccles. 3. 2.

FINIS,
LAUS DEO.

Res
2729

~~aqui~~ atempos tres Lidei hum

Lidea capoto mais seis booo

6000 para uestido tudo isto

hesorto uos ponha

6400 Lobro nesacazo

Lideu i gongeando esta parte direi

que por nao ter q fazer de grande bre

cejer alegre saber o q escrevia

Jero alemes uos. Em te mijo

Era denuite nao q(ue)ria pem tas no

trem clabia o q Laria de fazer

Lerommi los não ver em simillante Caso

Vai Saindo Com aplazo p.a a L.a geração

ter

I 77 · 94219 · Senhor ...

Campo de Lo...

Cen... me...